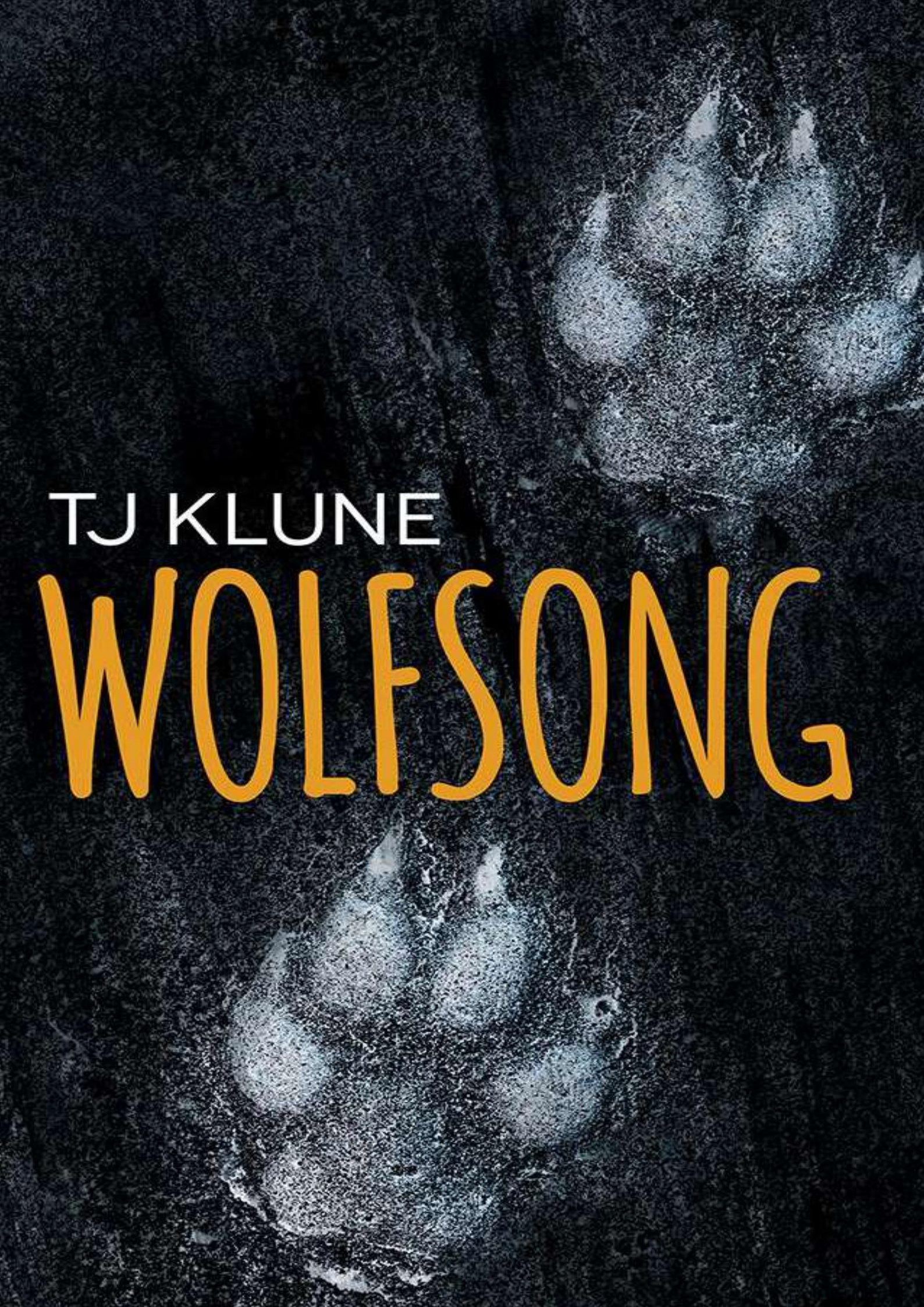


The background is a dark, almost black, textured surface. Two large, light-colored wolf paw prints are visible. One is in the upper right corner, and the other is in the lower left corner. The prints are somewhat faded and have a grainy, chalk-like appearance.

TJ KLUNE

WOLFSONG







Tradução e Revisão

Arte



Blake



Aki



Por TJ Klune

Ox tinha doze anos quando o pai lhe ensinou uma lição muito valiosa. Ele disse que Ox não valia nada e as pessoas nunca o entenderiam. Então ele saiu.

Ox tinha dezesseis anos quando conheceu um menino na estrada, o menino falava, falava e falava. Ox descobriu mais tarde que o menino não havia falado em quase dois anos antes daquele dia, e que o menino pertencia a uma família que se mudara para a casa no final da rua.

Ox tinha dezessete anos quando descobriu o segredo do menino, e pintou o mundo ao seu redor com as cores vermelho e laranja e violeta, de Alfa e Beta e Ômega.

Ox tinha vinte e três anos quando o assassinato chegou à cidade e abriu um buraco em sua cabeça e coração. O menino perseguiu o monstro com vingança em seus olhos sangrentos, deixando Ox para trás para juntar os pedaços.

Já se passaram três anos desde aquele dia fatídico - e o garoto está de volta. Exceto que agora ele é um homem, e Ox não pode mais ignorar a *canção* que vibra entre eles.

Partículas de poeira / frio e metal

EU TINHA doze anos quando meu pai colocou uma mala na porta.

— O que é isso?— Eu perguntei na cozinha.

Ele suspirou, de forma baixa e áspera. Levou um momento para se virar. — Quando você chegou a casa?

— Um tempo atrás. — Minha pele coçou. Não me parecia bem.

Ele olhou para um relógio antigo na parede. O plástico que o cobria estava rachado. — Mais tarde do que pensei. Olha Ox... —Ele balançou a cabeça. Ele parecia confuso. *Confuso*. Meu pai era muitas coisas. Bêbado. Rápido para se irritar com as palavras e os punhos. Um diabo doce com uma risada que ronronava como aquela antiga Harley-Davidson modelo WLA que reconstruímos no verão anterior. Mas ele nunca foi perturbado. Ele nunca foi confuso. Não como ele estava agora.

Eu sentia algo horrível.

—Eu sei que você não é o garoto mais inteligente — ele disse e olhou para a mala.

E isso era verdade. Eu não fui abençoado com um cérebro super abundante. Minha mãe disse que eu ficaria bem. Meu pai achou que eu era muito devagar. Minha mãe disse que a vida não era

uma corrida. Ele estava mergulhado em seu uísque naquele momento e começou a gritar e quebrar as coisas. Ele não bateu nela. Não aquela noite, de qualquer maneira. Mamãe chorou muito, mas ele não bateu nela. Eu me assegurei disso. Quando ele finalmente começou a roncar em sua antiga cadeira, eu voltei para o meu quarto e me escondi debaixo das cobertas.

— Sim, senhor— eu disse a ele.

Ele olhou para mim e eu juro que até o dia em que morrer que vi algum tipo de amor em seus olhos. — És um tolo como um Ox¹ — ele disse. Não parecia significar nada vindo dele. Apenas isso.

Dei de ombros. Não foi a primeira vez que ele disse isso para mim, apesar de mamãe ter pedido que ele parasse. Estava tudo bem. Ele era meu pai. Ele sabia melhor que ninguém.

—Você vai receber merda— ele disse. — A maior parte de sua vida.

—Eu sou maior que a maioria— eu disse isso por que significava alguma coisa. E eu era maior. As pessoas tinham medo de mim, embora eu não quisesse que elas ficassem. Eu era grande. Como o meu pai. Ele era um homem grande com uma barriga inclinada e preenchida pela bebida.

—As pessoas não vão entender você— disse ele.

—Oh

—Eles não vão te aceitar.

¹ Ox, significa boi.



Kardia Mou | Wolfson

—Eu não preciso delas. — Eu as queria muito, mas eu podia ver porque elas não iriam me querer.

—Eu tenho que ir.

—Onde?

—Longe daqui. Veja...

—Mamãe sabe?

Ele riu, mas não o fez achar nada engraçado. — Certo. Talvez. Ela sabia o que ia acontecer. Provavelmente por um tempo.

Eu andei em direção a ele. — Quando você vai voltar?

—Ox. As pessoas vão ser más. Simplesmente os ignore. Mantenha sua cabeça baixa.

—As pessoas não são nada. Nem sempre. —Eu não conhecia muitas pessoas. Realmente não tinha amigos. Mas as pessoas que eu *queria* conhecer não sabiam como falar comigo. Às vezes. Elas simplesmente não sabiam o que fazer comigo. A maioria delas. Mas tudo bem. Eu não sabia o que fazer comigo também.

E então ele disse: — Você não vai me ver por um tempo. Talvez um longo tempo.

—E a loja?— Eu o perguntei. Ele trabalhava com o Gordo. Ele cheirava a graxa e óleo e metal quando chegava a casa. Seus dedos eram enegrecidos. Ele tinha camisas com o nome bordado nelas. A palavra ‘Curtis’ era costurada em vermelho e branco e azul. Eu sempre achei que era a coisa mais incrível. Ter o seu nome gravado em sua camisa era uma marca para um grande homem. Ele me

deixava ir com ele às vezes. Ele me mostrou como trocar o óleo quando eu tinha três anos. Como trocar um pneu quando eu tinha quatro anos. Como reconstruir um motor para um Chevy Bel Air Coupe 1957 quando eu tinha nove anos. Naquela época eu chegava a casa cheirando a graxa, óleo e metal e sonhava tarde da noite em ter uma camisa com o meu nome bordado nela. *Oxnard*, diria a marca. Ou talvez apenas *Ox*.

— Gordo não se importa — foi o que meu pai disse.

O que me pareceu uma mentira. Gordo se importava muito. Ele era rude, mas me disse uma vez que, quando eu tivesse idade, poderia falar com ele sobre um trabalho. — Caras como nós têm que ficar juntos —, ele disse. Eu não sabia o que ele queria dizer com isso, mas o fato de ele pensar em mim como algo era bom o suficiente para mim.

— Oh — e isso foi tudo o que eu poderia dizer ao meu pai.

— Eu não me arrependo de você—, disse ele. — Mas eu me arrependo de tudo.

Eu não entendi. — Isso é sobre...? — Eu não sabia do que se tratava.

—Eu me arrependo de estar aqui — ele disse. — Eu não aguento.

—Bem, tudo bem, — eu disse. — Nós podemos consertar isso. — Nós poderíamos ir a outro lugar.

— Não há conserto, *Ox*.

—Você está levando o carregador do seu telefone?— Eu perguntei a ele porque ele nunca se lembrava. — Não se esqueça de carregar seu telefone para que eu possa ligar para você. Eu tenho questões de matemática que eu não entendo. O Sr. Howse disse que eu poderia pedir ajuda. — Mesmo sabendo que meu pai não saberia os problemas de matemática mais do que eu. *Pré-álgebra* era como era chamada a matéria. Ela já me assustava assim, e era difícil com um *pré* na frente. O que aconteceria quando fosse apenas álgebra sem o *pré* envolvido?

Eu conhecia aquela expressão que ele fez. Era seu rosto zangado. Ele estava chateado. — Você não entende? — Ele retrucou.

Eu tentei não recuar. — Não, eu disse. — Porque eu não entendia.

— Ox, — meu pai disse. — Não vai haver matemática. Nenhum telefonema. Não me faça me arrepender de você também.

— Oh, — eu disse.

—Você tem que ser um homem agora. É por isso que estou tentando te ensinar essas coisas. Merda vai ser jogada em você. Você limpa a merda e continua. — Seus punhos estavam cerrados ao lado dele. Eu não sabia por quê.

—Eu posso ser um homem, — eu assegurei a ele, porque talvez isso o fizesse se sentir melhor.

—Eu sei, — ele disse.

Eu sorri para ele, mas ele desviou o olhar.

—Eu tenho que ir, — ele finalmente disse.

—Quando você vai voltar? — Eu perguntei a ele.

Ele cambaleou um passo em direção à porta. Tomou uma respiração que sacudiu seu peito. Pegou a mala dele e saiu. Eu ouvi sua velha picape ligar do lado de fora. Ela gaguejou um pouco quando ligou. Parecia que ela precisava de uma nova correia dentada. Eu teria que lembrá-lo mais tarde.



MAMÃE chegou a casa tarde da noite, depois de trabalhar seu turno no restaurante. Ela me encontrou na cozinha, em pé no mesmo lugar em que eu estava quando meu pai saiu pela porta. As coisas eram diferentes agora.

— Ox, — ela perguntou. — O que está acontecendo? — Ela parecia muito cansada.

—Ele, mamãe, — eu disse.

—Porque você está chorando?—

—Eu não estou. — E eu não estava, porque eu era um homem agora.

Ela tocou meu rosto. Suas mãos cheiravam a sal e batatas fritas e café. Seus polegares roçaram minhas bochechas molhadas. — O que aconteceu?—

Eu olhei para ela, porque ela sempre foi pequena e em algum momento no ano passado, eu tinha ficado maior que ela. Eu queria

poder lembrar o dia em que aconteceu. Parecia monumental. — Eu vou cuidar de você, — eu prometi a ela. — Você não precisa se preocupar. —

Seus olhos se suavizaram. Eu poderia ver as linhas ao redor dos olhos dela. O conjunto cansado de sua mandíbula. — Você sempre se preocupa. Mas isso é... — Ela parou. Tomou um fôlego. — Ele saiu? — Ela perguntou, e ela soou tão *pequena*.

—Eu acho que sim. — Eu girei o cabelo dela contra o meu dedo. Escuro, como o meu próprio. Como o do meu pai. Nós éramos todos tão morenos.

— O que ele disse?— Ela perguntou.

— Que eu sou um homem agora, — eu disse a ela. Isso é tudo que ela precisava ouvir.

Ela riu até que ela quebrou bem ao meio.



ELE não pegou o dinheiro quando saiu. Não tudo. Não que houvesse muita coisa para começar.

Ele não levou nenhuma foto também. Apenas algumas roupas. Sua navalha. Sua picape. Algumas ferramentas.

Se eu não soubesse melhor, eu teria pensado que ele nunca existiu.



EU liguei para o telefone dele quatro dias depois. Era no meio da noite.

Tocou algumas vezes antes de uma mensagem dizer que o telefone não estava mais em serviço.

Eu tive que me desculpar com a mamãe na manhã seguinte. Eu segurei o aparelho com tanta força que tinha rachado. Ela disse que estava tudo bem, e nós não falamos sobre isso novamente.



EU tinha seis anos quando o meu pai comprou pra mim o meu próprio conjunto de ferramentas. Não era uma coisa de criança. Não tinha cores brilhantes e nem era de plástico. Era fria de metal e muito real.

Ele disse: — *Mantenha-as limpas. E Deus te ajude se eu as encontrar espalhadas. Elas enferrujam e eu vou esfolar sua pele. Essa merda não é para brincar. Você entendeu?*

Eu as toquei reverentemente porque era um presente. — Ok, — eu disse incapaz de encontrar as palavras para dizer o quão cheio meu coração estava.



EU estava no quarto dele (*dela*) uma manhã, algumas semanas depois que ele nos deixou. Mamãe estava no restaurante novamente, pegando outro turno. Seus tornozelos estariam doendo quando ela chegasse a casa.

A luz do sol atravessava uma janela na parede oposta. Pequenos pedaços de poeira cintilavam na luz.

Cheirava como ele no quarto. Como ela. Como os dois. Uma mistura. Levaria um longo tempo antes de parar. Mas passaria. Eventualmente.

Eu abri a porta do armário. Um lado estava quase vazio. As coisas foram deixadas, no entanto. Pequenos pedaços de uma vida que não mais vivia aqui.

Como a camisa de trabalho dele. Quatro delas, penduradas em cabides. Estava escrito *Gordo* na estampa.

Mas o bordado dizia: *Curtis*, em todas elas. *Curtis, Curtis, Curtis*.

Eu toquei cada uma delas com as pontas dos meus dedos.

Eu tirei a última do cabide, e a deslizei sobre os meus ombros. Era pesada e cheirava a *homem* e *suor* e *trabalho*. Eu disse: — Ok, Ox. Você pode fazer isso.

Então comecei a abotoar a camisa de trabalho. Meus dedos eram grandes, muito grandes e os botões eram pequenos. Eu sou desajeitado e tolo. Todos os meus dedos, braços e pernas, são desproporcionais. Eu era grande demais para mim mesmo.

O último botão finalmente passou e eu fechei meus olhos. Eu respirei fundo. Lembrei-me de como mamãe parecia esta manhã. As linhas roxas sob os olhos dela. A queda de seus ombros. Ela disse: — Seja bom hoje, Ox. Tente ficar longe de problemas, como se o problema fosse a única coisa que eu soubesse. Como se eu estivesse nele constantemente.

Eu abri meus olhos e olhei no espelho que estava pendurado na porta do armário.

Ou a camisa era muito grande, ou eu era muito pequeno. Eu não sabia qual. Eu parecia uma criança brincando de se vestir. Como se estivesse fingindo.

Eu fiz uma careta para o meu reflexo. Abaixei minha voz e disse: — Eu sou um homem.

Eu não acreditei em mim.

— Eu sou um homem. —

Eu estremeci.

—Eu sou um homem. —

Por fim, tirei a camisa de trabalho do meu pai e pendurei-a de volta no armário. Fechei as portas atrás de mim, e as partículas de poeira ainda flutuavam no sol que se desvanecia.

Catalisador / sonhando acordado

— GORDO.

— Hey, Gordo.

Um rosnado. — Sim? Quem é? — Como se ele não soubesse.

— Ox. —

— Oxnard Matheson! Eu estava pensando em você.

—Mesmo? —

—Não! Que porra você quer?

Eu sorri porque eu o conhecia. O sorriso pareceu estranho no meu rosto. — É bom ouvir você também. —

—Sim! Sim. Não vi você, garoto. — Ele estava chateado com a minha ausência.

—Eu sei. Eu tive que... — Eu não sabia o que tinha que dizer.

— Há quanto tempo o doador de esperma fodido está fora? —

— Um par de meses, eu acho. — Cinquenta e sete dias. Dez horas. Quarenta e dois minutos.

— Ele é um fodido. Você sabe disso, certo?

Eu sabia, mas ele ainda era meu pai. Então talvez eu não devesse saber. — Claro, — eu disse.

— Sua mãe está bem?

— Sim. — Não. Eu acho que ela não estava bem.

— Ox.

— Não. Eu não sei.

Ele inalou profundamente e suspirou.

— Está fumando charuto? — Eu perguntei a ele, e doeu, porque isso era familiar. Eu quase podia sentir o cheiro da fumaça. Queimava meus pulmões. Eu podia vê-lo se eu pensasse o suficiente, sentando atrás da mesa dela. Fumando e carrancudo. Pernas longas esticadas, tornozelo cruzado. Óleo sob as unhas. Aquelas tatuagens brilhantes e coloridas cobrindo seus braços. Corvos e flores e formas que tinham um significado que eu nunca conseguiria descobrir.

— Sim. E isso é morte certa garoto.

— Você poderia parar.

— Eu não paro Ox.

— Cães velhos aprendem novos truques.

Ele bufou. — Eu tenho vinte e quatro.

— Velho.

— Ox. — Ele sabia.

Então eu disse a ele. — Não estamos bem.

— Banco? — ele perguntou.

— Ela acha que eu não vejo. As contas.

— Quão altas são as dívidas?

— Eu não sei. — Eu estava envergonhado. Eu não deveria ter ligado. — Eu tenho que ir.

— Ox, — ele retrucou. Nítido e claro. — Quão altas?

— Sete meses de atraso.

— Aquele filho da puta, — disse ele. Ele estava com raiva.

— Ele não fez-

— Não, Ox. Apenas... Não faça isso.

— Eu estava pensando.

— Oh garoto.

— Eu poderia...? — Minha língua estava pesada.

— Desembucha.

— Eu poderia ter um emprego? — Eu disse com pressa. — É só que precisamos do dinheiro e não posso deixá-la perder a casa. É tudo o que nos resta. Eu trabalho bem, Gordo. Eu faria um bom trabalho e trabalharia para você para sempre. Isso ia acontecer de qualquer maneira e podemos apenas fazer isso agora? Eu sinto muito. Eu só preciso fazer isso agora porque tenho que ser o homem da casa. — Minha garganta doeu. Eu gostaria de ter algo para beber, mas eu não conseguia mexer minhas pernas.

Gordo não disse nada a princípio. Então, — eu acho que isso pode ser o máximo que eu já ouvi você falar de uma vez.

— Eu não falo muito. — Obviamente.

— Isso mesmo. — Ele parecia divertido. — Aqui está o que vamos fazer.



ELE deu a minha mãe o dinheiro para pagar a hipoteca. Disse que sairia do pagamento que ele me daria por debaixo da mesa até que eu pudesse trabalhar legalmente para ele.

Mamãe chorou. Ela disse que não, mas depois percebeu que não podia dizer não. Então ela chorou e disse que sim e Gordo fez com que ela promettesse lhe dizer se ficasse ruim novamente. Eu acho que ela pensou que ele pendurou a lua e ela poderia ter tentado sorrir um pouco mais para ele. Poderia ter rido mais levemente. Ela poderia ter balançado um pouco os quadris.

Elas não sabia que eu o tinha visto uma vez com outro homem quando tinha seis anos, segurando seu cotovelo levemente enquanto eles entravam no cinema. Gordo estava rindo profundamente e tinha estrelas em seus olhos. Eu achava que ele não estaria interessado em minha mãe. Nunca mais vi aquele homem com o Gordo. E eu nunca vi Gordo com ninguém mais. Eu queria perguntar a ele, mas havia um aperto em torno de seus olhos que não costumava estar lá antes e então eu nunca perguntei. As pessoas não gostam de ser lembradas de coisas tristes.

As cartas ameaçadoras e os telefonemas pararam de vir do banco.

Levou apenas seis meses para devolver tudo para Gordo. Ou foi o que ele disse. Eu não entendia como o dinheiro funcionava muito bem, mas parecia que deveria ter demorado mais do que isso. Gordo falou que era besteira e foi isso.

Eu nunca vi muito do dinheiro depois disso. Gordo disse-me que ele abriu uma conta para mim no banco onde acumularia juros. Eu não sabia o que significava esses *juros*, mas confiava em Gordo. — Para um dia chuvoso, — ele disse.

Eu não gostava quando chovia.



KM EU tive um amigo uma vez. Seu nome era Jeremy e ele usava óculos e sorria nervosamente para muitas coisas. Nós tínhamos nove anos de idade. Ele gostava de histórias em quadrinhos e desenho, e um dia, ele me deu um desenho onde ele fez de mim um super-herói. Tinha uma capa e tudo mais. Eu pensei que era a coisa mais legal que eu já vi. Então Jeremy se mudou para a Flórida, e quando minha mãe e eu olhamos para a Flórida no mapa, era do outro lado do país de onde morávamos no Oregon.

— As pessoas não ficam em Green Creek, — ela me disse quando meus dedos tocaram as estradas no mapa. — Não há nada aqui.

— Temos nós, — eu disse.

Ela desviou o olhar.



ELA estava errada. As pessoas *ficavam*. Não muitos, mas eles ficavam. Ela ficou. Eu fiquei. Gordo ficou. Pessoas com quem eu fui para a escola, embora elas possam sair eventualmente. Green Creek estava morrendo, mas não estava morta. Nós tínhamos uma mercearia. O restaurante onde ela trabalhava. Um McDonald's. Uma sala de cinema onde mostrava filmes que saíram nos anos setenta. Uma loja de bebidas com barras nas janelas. Uma loja de perucas com cabeças de manequim nas janelas, cobertas por um cabelo vermelho, preto e amarelo. *Gordo's*. Um posto de combustível. Dois semáforos. Uma escola para todas as séries. Tudo no meio da floresta no meio das Montanhas Cascade.

Eu não entendia porque as pessoas queriam sair. Para mim, isso tudo era casa.

Nós morávamos perto das árvores próximo do fim de uma estrada de terra. A casa era azul. A cerca era branca. A tinta já tinha descascado, mas isso não importava. No verão, cheirava a grama e lilases, tomilho e pinha. No outono, as folhas rangiam sob meus pés. No inverno, a fumaça subia da chaminé, e se misturava à neve. Na primavera, os pássaros gritavam nas árvores e, à noite, uma coruja perguntava *quem, quem, quem* durante toda a madrugada.

Havia uma casa no final da estrada que eu podia ver através das árvores. Minha mãe disse que estava vazia, mas às vezes havia um carro ou uma picape estacionada na frente e luzes acesas por dentro à noite. Era uma casa grande com muitas janelas. Eu tentei

olhar para dentro, mas elas estavam sempre cobertas. Às vezes, passava meses para ver outro carro lá fora.

— Quem morava lá? — Perguntei ao meu pai quando eu tinha dez anos.

Ele grunhiu e abriu outra cerveja.

— Quem morava lá? — Perguntei à minha mãe quando ela chegou à casa do trabalho.

— Eu não sei, — ela disse tocando meu ouvido. — Estava vazia quando chegamos aqui.

Eu nunca perguntei a mais ninguém. Eu disse a mim mesmo que era porque o mistério era melhor que a realidade.



Eu nunca perguntei por que nos mudamos para Green Creek quando eu tinha três anos. Eu nunca perguntei se eu tinha avós ou primos. Sempre éramos apenas os três até que nós éramos apenas nós dois.

—Você acha que ele vai voltar? — Perguntei a Gordo quando eu tinha quatorze anos.

— Malditos computadores, — Gordo murmurou baixinho, apertando outro botão no Nexiq que estava ligado ao carro. — Tudo tem que ser feito com computadores. — Ele apertou outro botão e a máquina bipou com raiva para ele. — Não posso apenas entrar e

descobrir sozinho. Não! Tem que usar *códigos de diagnóstico* porque tudo é automatizado. O vovô podia apenas *ouvir* o barulho do carro e dizer o que estava errado.

Peguei o Nexiq de suas mãos e bati na tela da direita. Eu peguei o código e entreguei de volta para ele. — Conversor catalítico.

— Eu sabia disso, — ele disse com uma carranca.

— Isso vai custar muito.

— Eu sei.

— Sr. Fordham não pode pagar por isso.

— Eu sei.

— Você não vai cobrar o preço total dele. — Porque esse era o tipo de pessoa que Gordo era. Ele cuidava dos outros, mesmo que não quisesse que ninguém soubesse.

Ele disse: — Não, Ox. E ele não vai voltar. Coloque o carro no elevador, ok?



MAMÃE estava sentada à mesa da cozinha, com um monte de papéis espalhados ao redor dela. Ela parecia triste.

Eu estava nervoso. — Mais coisas bancárias? — Perguntei.

Ela balançou a cabeça. — Não.

— Bem?

— Ox. É... — Ela pegou sua caneta e começou a assinar seu nome. Ela parou antes de terminar a primeira carta. Colocou a caneta de volta. Ela olhou para mim. — Eu vou fazer bem por você.

— Eu sei. — Porque eu sabia que sim.

Ela pegou a caneta e assinou seu nome. E então novamente. E de novo. E de novo.

Ela rubricou algumas vezes também.

Quando ela terminou, ela disse: — E é isso. — Ela riu e se levantou e pegou minha mão e nós dançamos na cozinha com uma música que nenhum de nós podia ouvir. Ela saiu depois de um tempo.

Estava escuro quando olhei para os papéis sobre a mesa.

Eram papéis de divórcio.



Ela passou de volta para seu nome de solteira. *Callaway*.

Ela perguntou se eu queria mudar o meu também.

Eu disse a ela que não. Eu faria Matheson ser um bom nome.

Ela achou que eu não vi suas lágrimas quando eu disse isso. Mas eu vi.



Eu estava sentado na cafeteria. Estava barulhento. Eu não conseguia me concentrar. Minha cabeça doía.

Um cara chamado Clint passou pela minha mesa com seus amigos.

Eu estava sozinho.

Ele disse: — retardado do caralho.

Seus amigos riram.

Levantei-me e vi o olhar de medo em seus olhos. Eu era maior que ele.

Eu me virei e saí, porque minha mãe disse que eu não poderia mais brigar.

Clint disse algo atrás de mim e seus amigos riram novamente.

Eu disse a mim mesmo que quando eu tivesse amigos, nós não seríamos maus como eles eram.

Ninguém me incomodou quando eu sentei lá fora. Foi quase legal. Meu sanduíche estava muito bom.



ÀS VEZES eu andava pela floresta. As coisas ficavam mais claras lá.

As árvores balançavam na brisa. Os pássaros me contavam suas histórias.

Eles não me julgavam.



Kardia Mou | Wolfsong

Um dia, peguei uma vara e fingi que era uma espada.

Eu pulei em um riacho, mas era muito largo e meus pés ficaram molhados.

Deitei-me de barriga para cima e olhei para o céu através das árvores enquanto esperava minhas meias secarem.

Eu enterrei meus dedos na terra.

Uma libélula pousou em uma rocha perto da minha cabeça. Era verde e azul. Suas asas tinham veias azuis. Seus olhos eram brilhantes e negros. Ele voou para longe e eu me perguntei por quanto tempo ela viveria.

Algo se moveu na minha direita. Eu olhei e ouvi um grunhido. Eu pensei que deveria correr, mas não conseguia fazer meus pés funcionarem. Ou minhas mãos. Eu não queria deixar minhas meias para trás.

Então, em vez disso, eu disse: — Olá.

Não houve resposta, mas eu sabia que algo estava lá.

— Eu sou o Ox. Está tudo bem.

Um bufo de ar. Como um suspiro.

Eu disse que gostava da floresta.

Houve um lampejo de preto, mas depois desapareceu.

Quando cheguei a casa, tinha folhas no cabelo e havia um carro estacionado em frente daquela casa no final da rua.

O carro foi embora no dia seguinte.



Naquele inverno, saí da escola e fui para o restaurante. Estávamos próximos do Natal. Três semanas de nada além do trabalho pela frente e eu estava feliz.

Começou a nevar novamente quando abri a porta para entrar no Oasis. O sino tocou no alto. Uma palmeira inflável estava perto da porta. Uma pintura do sol enfeitava o teto. Quatro pessoas estavam sentadas no balcão tomando café. Cheirava a gordura. Eu amava o lugar.

Uma garçonete chamada Jenny estourou o chiclete e sorriu para mim. Ela estava duas classes acima da minha. Às vezes ela sorria para mim na escola também. — Ei, Ox, — ela disse.

— Oi.

— Está com frio?

Dei de ombros.

— Seu nariz está vermelho, — ela disse.

— Oh —

Ela riu. — Você está com fome?

— Sim.

— Sente-se. Vou pegar um café e dizer que você está aqui.

Eu sentei no meu banquinho perto da cozinha. Não era *realmente* o meu banquinho, mas todo mundo sabia que era.

— Maggie! — Disse Jenny de volta para a cozinha. — O Ox está aqui. — Ela piscou para mim enquanto pegava um prato de ovos levando para o Sr. Marsh, que flertava com um sorriso malicioso, embora ele tivesse oitenta e quatro anos. Jenny riu para ele e ele comeu seus ovos. Ele colocou ketchup neles. Eu pensei que isso era estranho.

— Ei, — disse mamãe, colocando café na minha frente.

— Oi.

Ela passou os dedos pelo meu cabelo, limpando as manchas de neve. Ela derreteu em meus ombros. — Os testes foram bem?

—Acho que sim.

— Nós estudamos o suficiente?

— Talvez. Esqueci quem era Stonewall Jackson.

Ela suspirou. — Ox.

— Está tudo bem, — eu disse a ela. — Eu fui bem no resto.

— Você promete?

— Sim.

E ela acreditou em mim porque eu não mentia. — Com fome?

—Sim. Posso ter-

O sino tocou. E um homem entrou. Ele parecia vagamente familiar, mas eu não conseguia pensar em onde o tinha visto antes. Ele era da idade de Gordo e forte. E grande. Ele tinha uma barba cheia e clara. Ele passou a mão sobre a cabeça raspada. Ele fechou os olhos e respirou fundo. Ele soltou o ar devagar. Ele abriu

os olhos e eu juro que eles brilharam. Mas tudo o que vi foi o azul novamente.

— Dê-me um segundo, Ox, — disse mamãe. Ela foi falar com o homem e eu fiz o meu melhor para desviar o olhar. Ele era um estranho, sim, mas havia alguma coisa. Eu pensei nisso enquanto tomava um gole do meu café.

Ele sentou na banquetta ao lado da minha. Nós nos enfrentamos. Ele sorriu brevemente para mim. Era um sorriso bonito, brilhante e cheio de dentes. Mamãe entregou-lhe um cardápio e disse que ela voltaria. Eu já podia ver Jenny espiando da cozinha, observando o homem. Ela empurrou os seios para cima, passou os dedos pelos cabelos e pegou a cafeteira. — Eu vou atendê-lo, — ela murmurou. Mamãe revirou os olhos.

Ela era encantadora. O homem sorriu para ela educadamente. Ela tocou a mão dele, apenas um leve arranhão de suas unhas. Ele pediu sopa. Ela riu. Ele pediu creme e açúcar para o café. Ela disse que seu nome era Jenny. Ele disse que gostaria de outro guardanapo. Ela saiu da mesa parecendo um pouco desapontada.

—Refeição e um show, — eu murmurei. O homem sorriu para mim como se tivesse ouvido.

— Já sabe o quer, filho? — Mamãe perguntou quando ela voltou para a mesa.

— Bife.

—Vou trazer baby.

Eu sorri porque eu a adorava.

O homem olhou para minha mãe enquanto ela se afastava. Suas narinas se alargaram. Ele olhou de volta para mim. Abaixou a cabeça. Narinas chamejaram novamente. Ele estava... Cheirando?

Eu o copiei e cheirei o ar. Cheirava o mesmo para mim. Como sempre fez.

O homem riu e sacudiu a cabeça. — Não é nada ruim, — ele disse. Sua voz era profunda e gentil. Aqueles dentes brilharam novamente.

— Isso é bom, — eu disse.

— Eu sou Mark.

— Ox.

Uma sobrancelha subiu. — Mesmo?

— Oxnard. — Dei de ombros. — Todo mundo me chama de Ox.

— Ox, — ele disse. — Nome forte.

— Forte como um boi? — Sugeri.

Ele riu. — Ouvi muito isso?

— Eu acho que sim.

Ele olhou pela janela. — Eu gosto daqui. — Muito mais foi dito naquelas palavras, mas eu não conseguia nem chegar perto de entender o que poderia ser.

— Eu também. Mamãe disse que as pessoas não ficam aqui.

Ele disse: — Você está aqui, — e pareceu profundo.

— Eu estou.

— Sua mãe? — Ele acenou com a cabeça em direção à cozinha.

— Sim.

— Ela está aqui, então. Talvez *eles* nem sempre fiquem aqui, mas alguns ficam. — Ele olhou para as mãos. — E talvez eles *possam* voltar.

— Como ir para casa? — Eu perguntei.

O sorriso voltou. — Sim, Ox. Como ir para casa. Isso é... Cheira assim aqui. Como casa.

— Eu sinto cheiro de bacon, — eu disse timidamente.

Mark riu. — Eu sei que você sente. Tem uma casa na floresta. A casa dos McCarthy. Está vazia agora.

— Eu conheço essa casa! Eu moro bem perto dela.

Ele assentiu. — Eu achei que você poderia. Isso explica por que você cheira-

Jenny voltou. Trouxe-lhe a sopa. Ele foi educado novamente, nada mais. Não como ele estava sendo comigo.

Eu abri minha boca para perguntar a ele algo (*qualquer coisa*) quando minha mãe voltou. — Deixe-o comer, — ela me repreendeu quando colocou o prato na minha frente. — Não é bom interromper o jantar de alguém.

— Mas eu-

— Está tudo bem, — disse Mark. — Eu fui o único sendo intrusivo.

Mamãe parecia cautelosa. — Se você diz.

Mark assentiu e comeu sua sopa.

— Me espera até eu sair, — mamãe me disse. — Eu não quero que você vá para casa agora sozinho. Eu vou sair às seis. Talvez possamos assistir a um filme quando chegarmos a casa?

— OK. — Eu prometi a Gordo que estaria na loja amanhã cedo.

— Não há descanso para nós, hein? — Ela beijou minha testa e me deixou.

Eu queria fazer mais perguntas a Mark, mas me lembrei das minhas boas maneiras. Eu comi meu bife em vez disso. Estava um pouco queimado, do jeito que eu gostava.

— Gordo? — Perguntou Mark. Era quase uma pergunta, mas também como se ele estivesse experimentando o nome em sua língua. Seu sorriso estava triste agora.

— Meu chefe. Ele é dono da oficina.

— Isso mesmo, — disse Mark. — Quem teria imaginado?

— Imaginado o que?

— Certifique-se de esperá-la, — disse Mark, em vez de responder. — Sua mãe.

Eu olhei para ele. Ele parecia triste. — Somos apenas nós dois, — eu disse a ele em voz baixa, como se fosse um grande segredo.

— Ainda mais razão para esperá-la. As coisas vão mudar, no entanto. Eu acho. Para você e para ela. Para todos nós. — Ele limpou a boca e tirou a carteira, puxando uma nota dobrada e deixando-a

sobre a mesa. Ele se levantou e puxou o casaco, colocando-o. Antes de sair, ele olhou para mim. — Nos veremos em breve, Ox.

— Quem?

— Minha família.

— A da casa?

Ele assentiu. — Eu acho que é quase hora de voltar para casa.

— Podemos... — Eu parei porque eu era apenas uma criança.

— O que, Ox? — Ele parecia curioso.

— Podemos ser amigos quando você voltar para casa? Eu não tenho muitos amigos. — Eu não tinha nenhum exceto Gordo e minha mãe, mas eu não queria assustá-lo.

Sua mão se fechou em um punho ao seu lado. — Não tem muitos amigos? — Ele perguntou.

— Eu falo muito devagar, — eu disse, olhando para as minhas mãos. — Ou eu não falo nada. As pessoas não gostam disso. — Ou eu, mas eu já tinha falado demais.

— Não há nada de errado com a maneira como você fala.

— Talvez. — Se muitas pessoas diziam isso, tinha que ser *parcialmente* verdade.

—Ox, eu vou lhe contar um segredo. OK?

— Claro. — Eu estava excitado porque os amigos compartilhavam segredos, então talvez isso significasse que éramos amigos.

— São sempre os mais calmos que costumam ter as melhores coisas para dizer. E sim, acho que seremos amigos.

Ele saiu então.

Não voltei a ver meu amigo por dezessete meses.



NAQUELA noite, enquanto eu estava deitado na cama, esperando pelo sono, ouvi um uivo do fundo da floresta. Ele subiu como se fosse uma música até que eu tinha certeza de que era tudo que eu poderia querer cantar. Ele continuou e tudo que eu conseguia pensar era *em casa, em casa, em casa*. Eventualmente, o som diminuiu e eu também.

Eu disse a mim mesmo mais tarde que era apenas um sonho.



— AQUI, — Gordo disse no meu décimo quinto aniversário. Ele empurrou um pacote mal embrulhado em minhas mãos. O papel do embrulho era de bonecos de neve. Outros caras da oficina estavam lá. Rico. Tanner. Chris. Todos jovens, de olhos arregalados e vibrantes. Amigos de Gordo que cresceram com ele em Green Creek. Todos estavam sorrindo para mim, esperando. Como se eles soubessem de algum grande segredo que eu não sabia.

— É maio, — eu disse.

Gordo revirou os olhos. — Abra a maldita coisa. — Ele se inclinou para trás em sua cadeira e deu uma tragada no cigarro. Suas

tatuagens pareciam mais brilhantes do que normalmente eram. Eu me perguntei se ele tinha conseguido retocá-las recentemente.

Eu rasguei o papel. O som foi alto. Eu queria saborear o momento porque não recebia muitos presentes, mas não podia esperar. Levou apenas alguns segundos, mas pareceu uma eternidade.

— Isso, — eu disse quando vi o que era. — Isto é...

Foi com reverência. Com graça. E com beleza. Eu me perguntei se isso significava que eu poderia finalmente respirar. Como se eu tivesse encontrado o meu lugar neste mundo, que eu não entendia.

Bordado. Vermelho. Branco. Azul. Duas letras, costuradas perfeitamente.

Era o que a camisa de trabalho dizia: **Ox**

Como se eu importasse. Como se eu pudesse dizer alguma coisa. Como se eu fosse importante.

Homens não choram. Meu pai me ensinou isso. Os homens não choram porque não têm tempo para chorar.

Eu acho que eu ainda não sou um homem porque eu chorei. Eu baixei a cabeça e chorei.

Rico tocou o meu ombro.

Tanner passou a mão pela minha cabeça.

Chris tocou sua bota de trabalho na minha.

Eles ficaram em volta de mim. Sobre mim. Escondendo-me para ninguém ver as minhas lágrimas.

E Gordo colocou a testa na minha e disse: — Você nos pertence agora.

Algo floresceu dentro de mim e eu estava quente. Era como se o sol tivesse estourado no meu peito e eu me sentisse mais vivo do que havia em muito tempo.

Mais tarde, eles me ajudaram a colocar a camisa. Ela se encaixa perfeitamente.



EU tomei uma pausa para fumar com Gordo naquele inverno. — Posso pegar um?

Ele encolheu os ombros. — Não conte a sua mãe. — Ele abriu a caixa e puxou um cigarro para mim. Ele ergueu o isqueiro e cobriu a chama contra o vento. Coloquei o cigarro entre meus lábios e coloquei na direção do fogo. Eu inalei. Queimou. Eu tossi. Meus olhos lacrimejaram e fumaça cinza saiu do meu nariz e boca.

O segundo arrastar foi mais fácil.

Os caras riram. Eu pensei que talvez fossemos amigos.



ÀS VEZES eu pensava que estava sonhando, mas depois percebi que estava realmente acordado.

Estava ficando mais difícil acordar.



GORDO me fez parar de fumar quatro meses depois. Ele me disse que era para o meu próprio bem.

Eu disse a ele que era porque ele não queria mais que eu roubasse seus cigarros.

Ele segurou a minha nuca e me disse para começar a trabalhar.

Eu não fumei depois disso.

Nós ainda éramos amigos.



EU perguntei a ele uma vez sobre suas tatuagens.

As formas. Os padrões. Como se houvesse um design. Todas as cores eram brilhantes e os símbolos estranhos que achava que deviam ser familiares. Como se estivesse na ponta da minha língua. Eu sabia que as imagens subiam pelos braços dele. Eu não sabia até onde elas iam, além disso.

Ele disse: — Todo mundo tem um passado, Ox.

— Elas são do seu passado?

Ele desviou o olhar. — Algo parecido.

Eu me perguntava se algum dia eu gravaria o meu passado no meu corpo em redemoinhos, cores e formas.



DUAS coisas aconteceram no meu décimo sexto aniversário.

Eu fui contratado oficialmente por Gordo. Recebi um cartão de visita e tudo mais. Preenchi os formulários de impostos que Gordo me ajudou porque eu não os entendia. Eu não chorei dessa vez. Os caras me deram tapinhas nas costas e brincaram sobre como eles não trabalhavam mais em uma loja com *mão-de-obra infantil*. Gordo me deu um conjunto de chaves para a oficina e ele espalhou um pouco de graxa no meu rosto. Eu apenas sorri para ele. Eu não achei que o tivesse visto tão feliz.

Eu não estava em casa naquela tarde e disse a mim mesmo que agora era um homem.

Então a segunda coisa aconteceu.

A casa vazia no final da pista não estava mais vazia e havia um menino na estrada de terra na floresta.



Tornado/Bolhas de sabão

EU andava pela estrada em direção à minha casa.

Estava quente, então tirei minha camisa de trabalho. Deixei apenas a regata branca. Uma brisa refrescava minha pele.

As chaves da oficina estavam pesadas no meu bolso. Eu as tirei e olhei para elas. Eu nunca tive tantas chaves antes. Eu me sentia responsável por alguma coisa.

Eu as coloquei de volta no meu bolso. Eu não queria ter a chance de perdê-las.

E então ele disse: — Ei! Olá! Você! Oi Cara!

Eu olhei para cima.

Havia um menino parado na beira da estrada de terra, me observando. Seu nariz estava se contraindo e seus olhos estavam arregalados. Eles eram azuis e brilhantes. Cabelo loiro curto. Pele bronzeada, quase tanto quanto a minha. Ele era jovem e pequeno e eu me perguntava se estava sonhando de novo.

— Olá, — eu disse.

— Quem é você? — Ele perguntou.

— Eu sou o Ox.

— Ox? Ox! Você cheira assim?

Eu cheirei o ar. Eu não cheirava a nada além do bosque. — Eu cheiro árvores, — eu disse.

Ele balançou sua cabeça. — Não não não. É algo *maior*.

Ele caminhou em minha direção, seus olhos se alargando. Então ele começou a correr.

Ele não era grande. Ele não poderia ter mais de nove ou dez anos. Ele colidiu contra as minhas pernas e eu quase dei um passo para trás. Ele começou a me escalar, enganchando as pernas em volta das minhas coxas e puxando-se até que seus braços estivessem em volta do meu pescoço e ficássemos cara a cara. — É você!

Eu não sabia o que estava acontecendo. — O que eu sou?

Ele estava em meus braços agora. Eu não queria que ele caísse. Ele pegou meu rosto em suas mãos e apertou minhas bochechas. — Por que você cheira assim? — Ele exigiu. — De onde você veio? Você mora na floresta? O que você é? Nós acabamos de chegar aqui. *Finalmente!* Onde está a sua casa? — Ele encostou a testa na minha e inalou profundamente. — Eu não entendo! — Ele exclamou. — O que é isso? — E então ele estava rastejando para cima e sobre os meus ombros, os pés pressionados contra o meu peito e pescoço até que ele subiu em minhas costas, braços em volta do meu pescoço, queixo preso no meu ombro. — Temos que ir ver minha mãe e meu pai, — ele disse. — Eles saberão o que é isso. Eles sabem *tudo*.

Ele era um tornado de dedos e pés e palavras. Eu fui pego na tempestade.

Suas mãos estavam no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás enquanto ele me mostrava a casa no final da rua, a mesma que eles acabaram de chegar hoje. Que ele se mudou, vindo de longe. Ele estava triste por deixar seus amigos para trás. Ele tinha dez anos. Ele esperava ser grande como eu quando crescesse. Eu gostava de gibis? Eu gostava de purê de batatas? Quem era Gordo? Eu trabalhava com Ferraris? Eu já explodi algum carro? Ele queria ser um astronauta. Ou um arqueólogo. Mas ele não poderia ser essas coisas porque um dia ele teria que ser um líder. Ele parou de falar por um tempo depois que ele disse isso.

Seus joelhos estavam no meu peito em ambos os lados. Suas mãos envolviam meu pescoço. O peso dele era quase demais para eu segurar.

Nós passamos em minha casa. Ele me fez parar para que ele pudesse olhar para ela. Ele não desceu das minhas costas. Em vez disso, eu o levantei ainda mais para que ele pudesse ver.

— Você tem seu próprio quarto? — Ele perguntou.

— Sim. É apenas eu e minha mãe agora.

Ele ficou quieto. Então, — me desculpe.

Nós acabamos de nos conhecer. Ele não tinha nada para se desculpar. — Por quê?

— Para o que acabou de deixá-lo triste. — Como ele sabia o que eu estava pensando. Como ele sabia como eu me sentia. Como ele estava aqui e era real?

— Eu sonho, — eu disse. — Às vezes parece que estou acordado. E então eu não estou.

E ele disse: — Você está acordado agora. Ox, Ox, Ox. Você não vê?

— Vejo o que?

Ele sussurrou como se dizê-lo mais alto fosse falso: — *Vivemos tão perto uns dos outros.*

Nós nos viramos para a casa no final da rua.

A tarde estava diminuindo. As sombras estavam se alongando. Andamos entre as árvores e, à frente, havia luzes. Luzes brilhantes. Parecia um farol chamando alguém.

Três carros. Um SUV e duas picapes. Todos tinham menos de um ano de idade. Todos tinham placas do Maine. E mais dois homens movendo a mudança.

E as pessoas. Todas em pé. Observando. Esperando. Como eles sabiam que estávamos chegando. Como se tivessem nos ouvido de longe.

Dois eram jovens. Um cara tinha a minha idade. O outro cara talvez um pouco mais jovem. Eles eram loiros e menores que eu, mas não muito. Olhos azuis e expressões curiosas. Eles pareciam como o tornado nas minhas costas.

Havia uma mulher. Mais velha. A mesma cor dos olhos dos outros. Ela se mantinha em pé regamente, e me perguntei se alguma vez vi alguém mais bonita. Seus olhos eram gentis, mas

cautelosos. Ela estava tensa, como se estivesse pronta para se mover a qualquer momento.

Um homem estava ao lado dela. Ele era mais moreno que os demais, mais que eu do que os outros. Ele parecia feroz e agourento e tudo que eu conseguia pensar era *respeito, respeito, respeito*, embora eu nunca o tivesse visto antes. Sua mão estava nas costas da mulher.

E ao lado deles estava... Oh.

— Mark? — Eu disse. Ele parecia exatamente o mesmo.

Mark sorriu. — Ox. Que bom te ver de novo. Eu vejo que você fez um novo amigo. — Ele parecia satisfeito.

O menino nas minhas costas se contorceu. Eu deixei as pernas dele e ele caiu atrás de mim. Ele pegou minha mão e começou a me puxar para as pessoas bonitas como se eu tivesse o direito de estar lá.

Ele começou a girar sua tempestade novamente, a voz subindo e descendo, palavras pontuadas com força e sem um padrão.

— Mamãe! Mãe. Você tem que *sentir o cheiro* dele! É como... *Como...* Eu nem sei como é! Eu estava andando na floresta para descobrir o nosso território para que eu pudesse ser como o papai e então era como... *Whoa!* E então ele estava todo parado lá e ele não me viu a princípio porque eu estou ficando *muito* bom em caçar. Eu era todo *rawr* e *grr!* Mas, então eu *cheirei* novamente e era *ele* e era todo o *kaboom!* Eu nem sei! Eu nem sei! Você tem

que *sentir* o *cheiro* dele e depois me diga por que parece como todos os bastões de doces e pinhas e coisas épicas e *incríveis*!

Todos olhavam para ele como se tivessem se deparado com algo inesperado. Mark tinha um sorriso secreto no rosto, escondido pela mão.

— É isso mesmo? — A mulher finalmente disse. Sua voz vacilou como se fosse uma coisa frágil. — *Rawr* e *grr* e *kaboom*?

— E os *cheiros*! — Ele gritou.

— Não podemos esquecer isso, — o homem ao lado dela disse fracamente. — Bastões de doces e pinhas e coisas épicas e *incríveis*.

— Eu não te contei? — Mark disse para eles. — O Ox é... Diferente.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Mas isso não era novidade. Eu me perguntei se tinha feito algo errado. Eu me sentia mal.

Eu tentei tirar minha mão, mas o garoto não soltou. — Ei, — eu disse a ele.

Ele olhou de volta para mim, com seus olhos azuis arregalados. — Ox, — ele disse. — Ox, eu *tenho* que te mostrar muitas coisas!

— Que coisas?

— Como... Eu não... — Ele estava cuspindo. — Como *tudo*.

— Você acabou de chegar aqui, — eu disse. Eu me sentia fora do lugar. — Você não precisa...? — Eu não sabia o que eu estava

tentando dizer. Minhas palavras estavam falhando. É por isso que eu não falava. Era mais fácil.

— Joe, — disse o homem. — Dê a Ox um momento, ok?

— Mas *papai*-

— Joseph. — Quase soou como um grunhido.

O menino (*Joe*, eu pensei, *Joseph*) suspirou e soltou minha mão. Eu dei um passo para trás. — Sinto muito, — eu disse. — Ele estava *lá* e eu não quis dizer nada.

— Está tudo bem, Ox, — disse Mark, dando um passo para baixo da varanda. — Essas coisas podem ser um pouco... Muito.

— Que coisas? — Perguntei.

Ele encolheu os ombros. — A vida.

— Você disse que poderíamos ser amigos.

— Eu disse. Demoramos um pouco mais para voltar do que eu pensava inicialmente. — Atrás dele, a mulher inclinou a cabeça e o homem desviou o olhar. A mão de Joe lentamente deslizou de volta para a minha, e foi então que eu perdi algo, embora não soubesse o que era. Ou até como eu sabia.

— Esse é Joe, — disse Mark, apresentando. — Mas eu acho que você já sabe disso.

— Talvez, — eu disse. — Não sei o nome dele. Ele estava falando demais.

Todo mundo olhou para mim novamente.

— Eu não estava falando muito, — resmungou Joe. — *Você* fala demais. Com o seu rosto. — Mas ele não saiu do meu

lado. Ele chutou a sujeira com seus tênis. Um de seus sapatos estava prestes a se desatar. Havia uma joaninha em um dente-de-leão, vermelho, preto e amarelo. Uma brisa passou e ela voou para longe.

— Joe, — eu disse, experimentando o nome.

Ele sorriu quando olhou para mim. — Oi, Ox. Ox! Há algo que eu... — Ele se cortou, olhando para o pai antes de suspirar novamente. — Tudo bem, — ele disse, e eu não sabia com quem ele estava falando.

— Aqueles são seus irmãos, — disse Mark. — Carter. — Da minha idade. Ele sorriu para mim e acenou. — Kelly. — O mais jovem dos dois. Em algum lugar entre Carter e Joe. Ele acenou para mim, parecendo um pouco entediado.

E sobrou os outros dois. Eles não me assustavam, mas parecia que deveriam. Eu esperei por Mark, mas ele ficou quieto. Eventualmente, a mulher disse: — Você é um estranho, Ox.

— Sim, senhora, — eu disse, porque minha mãe me ensinou ser respeitoso.

Ela riu. Eu achei lindo. — Eu sou Elizabeth Bennett. Este é meu marido, Thomas. Você já conhece o irmão dele, Mark. Parece que somos vizinhos.

— Prazer em conhecê-los, — eu disse, porque minha mãe me ensinou boas maneiras.

— E quanto a *me conhecer*? — Joe me perguntou, puxando minha mão.

Eu olhei para ele. — Também foi um prazer.

O sorriso retornou.

— Você gostaria de ficar para o jantar? — Thomas perguntou, me observando atentamente.

Eu pensei *sim* e *não* ao mesmo tempo. Isso fez minha cabeça doer. — Mamãe vai voltar para casa em breve. Vamos jantar juntos hoje à noite porque é meu aniversário. — Eu estremeci. Eu não queria dizer isso.

Joe engasgou. — *O que?* Por que você não me contou? Mamãe! É o *aniversário* dele!

Ela parecia divertida quando disse: — Estou bem aqui, Joe. Eu ouvi. Feliz aniversário, Ox. Quantos anos você tem?

— Dezesseis. — Eles estavam todos ainda olhando para mim. Havia suor na parte de trás do meu pescoço. O ar estava quente.

— Legal, — disse Carter. — Eu também.

Joe olhou para ele, mostrando os dentes. — Eu o encontrei primeiro. — Ele ficou na minha frente, como se bloqueasse Carter de mim.

— Isso é o suficiente, — disse seu pai, sua voz um pouco mais profunda.

— Mas... *Mas-*

— Ei, — eu disse a Joe.

Ele olhou para mim com os olhos frustrados.

— Está tudo bem, — eu disse. — Escute seu pai.

Ele suspirou e assentiu, apertando minha mão novamente. Seu cadarço ficou desamarrado quando ele chutou o dente-de-leão.

— Eu tenho dez anos, — ele murmurou finalmente. — E eu sei que você é mais velho, mas eu te encontrei primeiro então você tem que ser meu amigo primeiro. Desculpa pai.

E então ele disse: — Eu só queria lhe dar um presente, — então eu disse: — Você já fez, — e eu não acho que eu já vi um sorriso tão brilhante quanto o dele naquele momento.

Eu me despedi então e soube que eles me observavam enquanto eu me afastava.



— AS PESSOAS se mudaram? — Mamãe me perguntou quando cheguei a casa.

— Sim. O Bennetts.

—Você os conheceu? — Ela parecia surpresa. Ela sabia que eu não falava com as pessoas se eu pudesse me safar.

— Sim.

Ela esperou. — Bem?

Eu olhei para cima do meu livro de história. As finais eram na semana que vem e eu teria testes para os quais não estava preparado. — Bem?

Ela revirou os olhos. — Eles são *legais*?

— Eu acho que sim. Eles têm... — Eu pensei no que eles tinham.

— O que?

— Crianças. Têm a minha idade Os outros são da sua idade.

— Para *quem* é esse sorriso?

—Um tornado, — eu disse sem querer.

Ela beijou meu cabelo. — E aqui eu pensando que você ficando mais velho significaria que você faria mais sentido. Feliz aniversário, Ox.

Nós jantamos naquela noite. Rolo de carne. Meu favorito, só para mim. Nós rimos muito. Era algo que não fazíamos há algum tempo.

Ela me deu um presente embrulhado em quadrinhos do jornal de domingo. Um manual de um Buick de 1940, antigo e desgastado. A capa estava alaranjada. Estava mofado e era maravilhoso. Ela disse que viu na Goodwill e pensou em mim.

Havia algumas calças novas para o trabalho. As minhas estavam começando a desmoronar.

Havia um cartão também. Um lobo na frente uivando para a lua. Dentro, uma piada. *Como você chama um lobo perdido? Um lobisomem!* Por baixo, ela escreveu sete palavras: *Este ano será melhor. Com amor, mamãe.* Ela desenhou corações em torno da palavra *amor*, pequenas coisas delicadas que eu achava que poderiam me fazer flutuar, mas apenas travou a minha respiração.

Kardia Mou | Wolfsong

Lavamos os pratos enquanto o rádio antigo tocava da janela aberta acima da pia. Ela cantarolava calmamente enquanto enchia a pia de água, e eu me perguntei por que eu cheirava como bastões doces e pinhas. Como coisas épicas e impressionantes.

Havia uma bolha de sabão no nariz dela.

Ela disse que eu tinha uma no meu ouvido.

Eu a peguei pela mão e a girei em um círculo enquanto a música tocava. Seus olhos estavam brilhantes e ela disse: — Você vai fazer alguém muito feliz um dia. E mal posso esperar para ver isso acontecer.

Fui para a cama e vi as luzes acesas na casa no final da rua da minha janela. Eu me perguntei sobre eles. Os Bennetts.

Alguém, minha mãe dissera. Farei alguém muito feliz.

Não seria *ela*. Mas *alguém*.

Fechei meus olhos e dormi. Eu sonhei com tornados.



Lobo de pedra / Costa dinah

RICO disse: — Parecendo bem, papi, — quando cheguei ao trabalho no dia seguinte. — Por que você tem esse ar de primavera em seu passo?

Era domingo, o Dia do Senhor como me ensinaram, mas imaginei que o Senhor estava bem comigo vindo à oficina de adoração, em vez de uma dele. Eu aprendi a minha fé no Gordo.

— Deve ser uma garota bonita, — Tanner falou de onde ele estava inclinado sobre algum SUV ridículo que poderia ser ligado pelo som da sua voz. — Ele é um homem de verdade agora. Você teve algum encontro estranho com alguém de dezesseis anos na noite passada?

Eu estava acostumado com o bruto. Não significava mal nenhum, mas não me impediu de corar furiosamente. — Não, eu disse. — Não, não é bem assim.

— Oh, — disse Rico, deslizando para mim, com os quadris rolando obscenamente. — Olhe esse *rubor*. — Ele passou a mão pelo meu cabelo, o polegar contra o meu ouvido. — Ela é bonita, papi?

— Não há nenhuma menina.

— Oh? Um menino então? Nós não discriminamos aqui na Oficina do Gordo.

Eu o empurrei e ele riu e riu.

— Chris? — Eu perguntei.

— Vendo a mãe, — disse Tanner. — Novamente o estômago.

— Ela está bem?

Rico falou. — Talvez. Não sei ainda.

— Ox! — Gordo gritou do escritório. — Traga sua bunda aqui!

— *Oye*, — Rico disse com um pequeno sorriso. — Cuidado aí, papi. Alguém está de *bom* humor hoje.

E ele parecia gostar. Voz tensa e dura. Eu me preocupei. Não por mim. Por ele.

— Ele está apenas chateado porque Ox precisa da próxima semana de folga para a escola, — Tanner murmurou. — Você sabe como ele fica quando Ox não está aqui.

Eu me sentia horrível. — Talvez eu pudesse...

— Cala essa sua boca, — disse Rico, pressionando os dedos contra os meus lábios. Eu não podia adicionar mais óleo. — Você precisa se concentrar na escola e Gordo pode lidar com isso. A educação é mais importante do que suas festas de pijamas. Estamos entendidos?

Eu balancei a cabeça e ele baixou os dedos.

— Nós vamos ficar bem, — disse Tanner. — Basta fazer seus testes e nós teremos todo o verão, ok?

— Ox!

Rico murmurou algo em espanhol que soava como se ele estivesse chamando Gordo de um ditador idiota. Eu aprendi que eu era adepto de pegar maldições em espanhol.

Eu andei até a parte de trás da oficina, onde Gordo estava sentado em seu escritório. Sua sobrancelha estava alinhada enquanto ele digitava um botão por vez. Tanner chamou o movimento de pica-pau. Gordo não achou engraçado.

— Feche a porta, — ele disse sem olhar para mim.

Eu fiz e sentei no assento vazio no outro lado de sua mesa.

Ele não disse nada, então achei que era minha responsabilidade começar. Gordo era assim às vezes. — Você está bem?

Ele fez uma careta para a tela do computador. — Estou bem.

— Muito emburrado para estar bem.

— Você não é engraçado, Ox.

Dei de ombros. Tudo bem. Eu sabia disso sobre mim mesmo.

Ele suspirou e passou a mão pelo rosto. — Desculpe, — ele murmurou.

— OK.

Ele finalmente olhou para mim. — Eu não quero você aqui na próxima semana.

Eu tentei manter a dor do meu rosto afastada, mas acho que não me saí muito bem. — OK.

Ele parecia ferido. — Ai Jesus. Ox, não desse jeito. Você tem as suas finais na próxima semana.

— Eu sei.

— E você sabe que parte do acordo com sua mãe é que suas notas não sofrem ou então você não pode trabalhar aqui.

— Eu sei. — Eu estava irritado e mostrei.

— Eu não quero... Apenas... — Ele gemeu e sentou-se na cadeira. — Eu sou péssimo nisso.

— O que?

Ele fez um sinal entre nós dois. — Essa *coisa* toda.

— Você está indo bem, — eu disse baixinho. Essa *coisa*. Meu irmão ou pai. Nós não dissemos isso. Nós não precisávamos. Nós dois sabíamos o que era. Era simplesmente mais fácil ser desajeitado sobre isso. Afinal, nós éramos homens.

Ele estreitou os olhos. — Sim?

— Sim.

— Como estão as notas?

— Um B-. Um C. —

— História?

— Sim. Maldito Stonewall Jackson.

Ele riu, e foi um som longo e alto. Gordo sempre ria muito, por mais raro que fosse. — Não deixe sua mãe ouvir você dizer isso.

— Nunca em minha vida.

— Tempo integral neste verão?

Eu sorri para ele. Eu não podia esperar pelos longos dias. — Sim. Claro, Gordo.

— Eu vou trabalhar o seu rabo, Ox. — As linhas em sua testa se suavizaram.

— Eu posso... Posso ainda passar aqui na próxima semana? — Eu perguntei. — Eu não vou... Eu só... — *Palavras*. As palavras eram o meu inimigo. Como dizer que aqui era onde eu me sentia mais seguro. Aqui era onde eu me sentia mais em casa. Aqui era onde eu não seria julgado. Aqui eu não era um maldito retardado. Eu não era um desperdício de espaço ou tempo. Eu queria dizer muito, mas *muito* mesmo, mas e descobri que eu não conseguia dizer nada em tudo.

Mas era Gordo, então não precisei. Ele parecia aliviado, embora mantivesse a voz severa para manter as aparências. — Nada de trabalhar na oficina. Você vem aqui e estuda. Nada de ficar de bobeira com os caras. Eu quero dizer isso, Ox. Chris ou Tanner podem te ajudar com a porra do Stonewall Jackson. Eles sabem essa merda melhor do que eu. Não pergunte nada a Rico. Você não vai conseguir nada ali.

A tensão se soltou no meu peito. — Obrigado, Gordo.

Ele revirou os olhos. — Saia daqui. Você tem trabalho a fazer.

Eu o saudei, o que eu sabia que ele odiava.

E como eu estava de bom humor, fingi não ouvi-lo quando ele murmurou: — Estou orgulhoso de você, garoto.

Mais tarde, lembro que me esqueci de contar a ele sobre os Bennetts.



EU fui andando para casa. A luz do sol filtrava através das árvores, pequenas sombras de folhas na minha pele. Eu me perguntei por quantos anos esta floresta estava aqui. Eu achava que era antiga.

Joe estava me esperando na estrada de terra onde estivera no dia anterior. Seus olhos estavam arregalados enquanto ele se mexia. Suas mãos estavam escondidas atrás das costas. — Eu sabia que era você! — Ele disse. Sua voz estava alta e triunfante. — Estou ficando melhor em... — Ele se cortou com uma tosse. — Uh. Em. Fazendo coisas. Como... Sabendo... Que você está... aí.

— Isso é bom, — eu disse a ele. — Melhorar é sempre bom.

Seu sorriso era deslumbrante. — Estou sempre melhorando. Eu serei o líder, um dia.

— Líder de que?

Seus olhos se arregalaram novamente. — Oh droga.

— O que?

— Uh. Presente!

Eu fiz uma careta. — Presente?

— Bem, *um* presente.

— Para quê?

— Você? — Ele olhou para mim. — Você. — Ele corou ferozmente. Estava corando e subiu até a linha do cabelo. Ele olhou para o chão. — Para o seu aniversário, — ele murmurou.

Os caras me deram presentes. Minha mãe também. Ninguém mais realmente me deu. Era algo que amigos faziam. Ou família. — Oh, — eu disse. — Uau.

— Sim. Uau.

— É isso o que você está escondendo?

Ele corou mais e não olhou para mim. Ele assentiu uma vez.

Eu podia ouvir pássaros acima de nós. Eles chilrearam de forma longa e bem alta.

Eu dei a ele o tempo que ele precisava. Não demorou muito. Eu podia ver a resolução o inundando, endurecendo seus ombros. Mantendo a cabeça erguida. Marchando para frente. Eu não sabia que tipo de líder ele seria um dia, mas ele seria bom. Eu esperava que ele se lembrasse de ser gentil.

Ele estendeu a mão. Ele tinha uma caixa preta com uma pequena fita azul em volta dela.

Eu estava nervoso por algum motivo. — Eu não tenho nada para você, — eu disse baixinho.

Ele encolheu os ombros. — Não é meu aniversário.

— Quando é?

— Agosto. O que você esperando - *caramba*. Pegue a caixa!

Eu peguei. Era mais pesada do que eu pensava que seria. Coloquei minha camisa de trabalho por cima do ombro e ele se aproximou. Ele respirou fundo e fechou os olhos.

Desatei a fita e lembrei-me de um vestido que minha mãe usara uma vez em um piquenique no verão, quando fiz nove anos. Ele tinha pequenas fitas amarradas em arcos ao longo das bordas e ela riu quando me entregou um sanduíche e uma salada de batata. Depois, nos deitamos de costas e eu apontei as formas nas nuvens e ela disse: — Dias como este são os meus favoritos, — e eu disse: — Os meus também. — Ela nunca usou o vestido novamente. Eu perguntei a ela sobre ele um dia. Ela disse que ele rasgou acidentalmente. — *Ele não quis dizer aquilo*, — ela disse. Eu senti uma grande e terrível raiva, mas eu não sabia o que fazer. Eventualmente, o assunto foi embora.

E agora esta fita. Eu a segurei na minha mão. Estava morna.

— Às vezes as pessoas ficam tristes, — disse Joe, inclinando a testa novamente no meu braço. Um gemido soou como se viesse de trás de sua garganta. — E eu não sei como fazer isso ir embora. É tudo que eu sempre quis. Fazer isso ir embora.

Eu abri a caixa. Havia um pano de feltro preto cuidadosamente dobrado. Parecia um grande segredo e estava escondido embaixo e eu queria saber mais do que qualquer outra coisa na minha vida.

Desdobrei o pano e dentro havia um lobo feito de pedra.

O detalhe parecia um milagre em algo tão pequeno e pesado. A cauda espessa se enrolava ao redor do lobo que estava sentado em suas ancas. As orelhas triangulares que eu achava que deveriam estar se contraindo. As patas tinham unhas afiadas e almofadas pretas. A leve inclinação da cabeça, expondo o pescoço. Olhos fechados, focinho apontado para cima enquanto o lobo uivava uma canção que eu podia ouvir na minha cabeça. A pedra era escura e eu brevemente imaginei qual seria a cor dele na vida real. Se tinha manchas brancas nas patas. Se suas orelhas eram pretas.

Os pássaros pararam de cantar e me perguntei se era possível o mundo prender a respiração. Eu me perguntei qual seria o peso das expectativas.

Eu me perguntava muitas coisas.

Eu peguei o lobo. Ele se encaixou perfeitamente na minha mão.

— Joe. — Eu soava rouco.

— Sim?

— Você... Isso é para mim?

— Sim? — Como se fosse uma pergunta. Então, mais certo, — sim.

Eu ia dizer a ele que era demais. Que ele precisava pegar de volta. Que não havia nada que eu pudesse dar a ele que seria tão bonito porque as únicas coisas que eu possuía que eram bonitas não

eram minhas para dar de presente. Minha mãe. Gordo. Rico, Tanner e Chris. Eles eram as únicas coisas que eu tinha.

Mas ele estava esperando por isso. Eu pude ver isso. Ele estava esperando que eu dissesse não. Que eu devolvesse, e que eu fosse dizer a ele que não podia aceitar. Suas mãos estavam se contraindo e seus joelhos tremiam. Ele estava pálido e ele mordida o lábio. Eu não sabia mais o que dizer, então eu disse: — É provavelmente a melhor coisa que alguém já me deu. Obrigado.

— Sério? — Ele resmungou.

— Sério.

E então ele riu. Sua cabeça balançou para trás e ele riu e os pássaros voltaram a cantar e riram junto com ele.

Aquele dia foi a primeira vez que entrei na casa no final da rua. Joe me pegou pela mão e conversou e falou e andou e andou. Ele nem parou quando chegamos à minha casa. Nós passamos por ela sem uma única hesitação em nossos passos.

Não havia mais as picapes na frente da casa. A porta da frente estava aberta e eu ouvia música vindo de dentro.

Eu parei quando Joe tentou me puxar para a varanda.

— O que você está fazendo? — Joe exigiu em seu tom que eu já reconhecia.

Eu não sabia bem. Seria feio simplesmente entrar na casa de alguém. Eu conhecia minhas maneiras. Mas até o fundo dos meus

pés estava coçando para dar um passo e outro e outro. Eu estava muitas vezes em guerra comigo mesmo sobre as pequenas coisas. O que era certo e errado. O que era aceitável e o que não era. Qual era o meu lugar e se eu pertencia.

Eu me sentia pequeno. Eles eram ricos. Os carros. A casa grande. Mesmo através das janelas eu podia ver coisas agradáveis como sofás de couro escuro e móveis de madeira que não tinham arranhões ou rachaduras. Tudo era bonito e limpo e tão maravilhoso de se ver. Eu era Oxnard Matheson. Minhas unhas eram curtas e tinha linhas de sujeira em baixo das unhas. Minhas roupas estavam manchadas de sujeira. Minhas botas estavam gastas. Eu não tinha muito bom senso, de acordo com o que meu pai acreditava, e eu não tinha muito a ver com nada disso. Minha cabeça não sabia sair do meu coração e eu era muito pobre. Nós não éramos os mais pobres na cidade, mas chegava perto. Eu não podia suportar o pensamento de que isso era caridade.

E eu não os conhecia. Os Bennetts. Mark era meu amigo e talvez Joe também, mas eu não os conhecia.

Mas então Joe disse: — Esta tudo bem Ox, — e eu disse: — Como você sabia?

Ele disse: — Porque eu não teria dado o meu lobo para qualquer um. — Ele corou novamente e desviou o olhar.

E senti que sentia havia algo maior que suas palavras.



ELIZABETH estava cantando junto com uma antiga música de Dinah Shore que girava em uma vitrola antiga. Estava arranhado e a música pulava e pulava, mas ela sabia exatamente o que era e pegava a música exatamente onde começava de novo. — *Eu não me importo de estar sozinha*, — ela cantou em uma voz ofegante, — *quando meu coração me diz que você está sozinho também*.

Meu deus, eu sofria.

Ela se movia pela cozinha, seu vestido de verão girando em torno de sua luz e do ambiente arejado.

A cozinha era linda. Toda de pedra e madeira escura. Ela foi recentemente limpa e tudo brilhava como se fosse novo.

Eu podia ouvir os outros se movendo no quintal. Eles riam e me senti quase à vontade.

Dinah Shore deixou de ser solitária e Elizabeth olhou para nós. — Você gosta dessa música? — Ela me perguntou.

Eu assenti. — Dói, mas de um jeito bom.

— É sobre ficar para trás, — ela disse. — Quando os outros vão para a guerra.

— Ficar para trás ou deixar alguém para trás? — Perguntei, pensando em meu pai. Elizabeth e Joe pararam, suas cabeças inclinadas para mim quase da mesma maneira.

— Oh, Ox, — ela disse e Joe pegou a minha mão de volta na sua. — Há uma diferença.

— Às vezes.

— Você vai ficar para o jantar de domingo, — ela disse. — É tradição.

Eu não tenho muitas tradições. — Eu não gostaria de incomodar ninguém.

Ela disse: — Eu vejo que você abriu o seu presente, — como se eu não tivesse nem falado.

Joe sorriu para ela. — Ele *adorou*!

— Eu te disse que ele iria. — Ela olhou para mim. — Ele estava tão preocupado. — Dinah Shore tocou novamente ao fundo enquanto Elizabeth começou a cortar um pepino em fatias finas.

Joe corou. — Não, eu não estava.

Carter entrou pela porta dos fundos. — Sim, você estava. — Sua voz era alta e palpitante. — E se ele *odiar*? E se não for *legal* o suficiente? E se ele achar que eu sou um *perdedor*?

Joe fez uma careta para ele e eu pensei ter ouvido um estrondo vindo de dentro dele. — Cale a boca, Carter!

— Meninos, — advertiu Elizabeth.

Carter revirou os olhos. — Ei, Ox. Você tem um Xbox?

Joe riu. — Ha! Rimas Ox e Xbox. — Ele soltou minha mão e começou a puxar os talheres de uma gaveta perto do fogão.

Eu esfreguei a mão contra a parte de trás da minha cabeça. — Uh. Não? Eu acho que tenho uma Sega.

— Cara. Esse é bem retro.

Dei de ombros. — Não tenho muito tempo para isso.

— Nós vamos arrumar um tempo, — ele disse, e tirou copos plásticos de um armário. — Eu preciso te perguntar sobre a escola, de qualquer maneira. Kelly e eu estaremos começando com você no próximo ano.

— Eu gostaria de poder ir, — Joe resmungou sombriamente.

— Você conhece a regra, — disse Elizabeth. — Estudar em casa até que você tenha doze anos. É só mais um ano, baby.

Isso não fez nada para aliviar sua mente. Mas eu nunca tinha estudado em casa antes, e não sabia se era uma coisa boa ou ruim.

— Ox, convide sua mãe, você faria? — Elizabeth perguntou quando ela girou para trás e para frente entre as bancadas. Indo e vindo.

— Ela está no trabalho, — eu disse, sem saber o que deveria estar fazendo. Todos eles se moviam como se tivessem vivido aqui para sempre. Eu era o elefante na sala. Ou o boi. Eu não tinha certeza de qual.

— Da próxima vez, então, — ela disse como se fosse uma possibilidade certa.

— Porque é a tradição?

Ela sorriu para mim e eu vi Joe nela. — Exatamente. Você pega rápido.

De repente eu estava muito consciente da minha aparência. — Eu não estou exatamente vestida para isso. — Eu passei a mão pelo meu cabelo e lembrei que meus dedos estavam sujos.

Ela acenou com a mão para mim. — Não somos formais, Ox.

— Estou sujo.

— Bem gasto é mais parecido. Deixe isso de lado, sim? Thomas e Mark ficarão felizes em vê-lo. — Ela me entregou uma tigela de frutas e eu a segurei junto com a caixa que carregava o lobo de pedra. Joe tentou me seguir, mas ela o impediu. — Você fica aqui comigo por agora. Eu preciso de ajuda. Ox, você pode levar isso com você.

— Mas, *mãe* -

Eu andei pela porta dos fundos. Uma grande mesa havia sido colocada na grama. Estava coberta por uma toalha de mesa vermelha, presa por velhos livros colocados nos cantos. Kelly estava desdobrando cadeiras ao redor da mesa. — Tudo bem, então? — Ele me perguntou enquanto eu colocava a cesta de frutas na mesa.

— As coisas acontecem... Rápido aqui, — eu disse.

Ele riu. — Você não sabe a metade disso. — E como se estivesse provando o meu ponto, — Papai quer falar com você.

— Oh. Sobre o que? — Eu tentei pensar de novo se já tinha feito algo errado. Eu não conseguia me lembrar de tudo que eu disse ontem. Não foi muito. Talvez esse fosse o problema.

— Está tudo bem, Ox. Ele não é tão assustador quanto parece.

— Mentira-

— Bem, *sim*. Mas é bom você já saber disso. Isso vai facilitar as coisas. — De repente, ele riu como se tivesse ouvido algo engraçado. — Sim, sim, sim, — ele disse, acenando com a mão para mim.

Eles estavam grelhando, Mark e Thomas. Eu queria desesperadamente ficar ao lado deles. Falar alguma merda. Conversar como se eu pertencesse. Eu juntei minha coragem.

Apenas para que Mark se virasse e andasse na minha direção. — Nós conversaremos mais tarde, — disse Mark, apertando meu ombro antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Ele me deixou com Thomas. Thomas tinha pelo menos uns três centímetros a mais que eu, e talvez vinte quilos a mais também, braços e pernas fortes. Eu era maior que a maioria, mesmo aos dezesseis anos. Mas Thomas ainda era maior.

Ele olhou a caixa na minha mão. — Joe amarrou essa fita sozinho, — ele disse. — Ele não deixou ninguém ajudar.

Honestidade, talvez. — Eu quase disse a ele que não podia aceitar.

Uma sobrancelha se levantou. — Por quê?

— Parece... Precioso.

— E é.

— Então por quê?

— Porque o que?

— Por que ele daria para mim?

Loucamente ele disse, — E por que não daria?

— Eu não tenho coisas preciosas.

— Eu entendo que você mora com sua mãe.

— Sim. — E então eu sabia o que ele queria dizer. — Oh.

— Todos nós estamos autorizados a ter certas coisas que são apenas nossas. — Ele fez sinal para Kelly vir para a grelha. — Ande comigo, Ox.

Eu o segui. Ele me afastou da casa. Fomos em direção das árvores. Um homem que eu conheci apenas no dia anterior. E ainda assim não senti hesitação. Eu disse a mim mesmo que era porque eu estava faminto pela atenção e nada mais.

— Nós morávamos aqui, — ele disse. — Perto de você. Carter tinha apenas dois anos quando saímos. Não era para ser assim. Isso é o que é tão engraçado sobre a vida. E tão assustadora às vezes. O tempo entra no seu caminho e, um dia, você abre os olhos e uma década se passou. Ainda mais. — Ele estendeu a mão e passou as mãos pelas marcas no tronco de uma árvore. Seus dedos quase se encaixavam perfeitamente e me perguntei o que poderia ter causado tais arranhões. Pareciam marcas de garras.

— Por que você saiu? — Eu perguntei, embora não fosse o meu direito.

— O dever me chamou. Tenho responsabilidades que não poderiam ser ignoradas, não importa o quanto tentássemos. Minha família vive nesses bosques há muito tempo.

— Deve ser bom estar em casa.

— É, — ele disse. — Mark ficava de olho de vez em quando, mas não era o mesmo que tocar as árvores eu mesmo. Ele está muito satisfeito com você, você sabe.

—Mark?

— Certo. Ele também. Você acha que se esconde Ox, mas você se expressa muito. As expressões no seu rosto, as respirações que você dá. Seu batimento cardíaco.

— Eu tento não demonstrar.

— Eu sei, mas não consigo descobrir o *motivo*. Por que você esconde?

Porque era mais fácil. Porque eu fazia isso desde que conseguia me lembrar. Porque era mais seguro do que estar ao sol e deixar as pessoas entrarem. Era melhor se esconder e se preservar do que revelar e saber a verdade.

Eu poderia ter dito isso. Acho que eu tinha a capacidade e poderia ter encontrado as palavras. Eles teriam saído em uma gagueira. Parada e sufocada e amarga. Mas eu poderia tê-las forçado a sair.

Em vez disso, eu não disse nada.

Thomas sorriu silenciosamente para mim. Ele fechou os olhos e virou o rosto para o sol. — É diferente aqui do que em qualquer outro lugar, — ele disse inalando profundamente.

— Mark disse isso quando nos conhecemos. Sobre os cheiros de casa.

— Ele fez? No restaurante.

— Ele disse a você?

Thomas sorriu. Foi bom, mas mostrou muitos dentes. — Ele disse. Ele pensou que você era um espírito afim. E então o que você fez com Joe.

Eu fiquei alarmado. Eu dei um passo para trás. — O que eu fiz? Ele está bem? Eu sinto muito. Eu não...

— Ox. — Sua voz era profunda. Mais profunda do que antes, e quando suas mãos desceram sobre meus ombros, pareceu um comando, e eu relaxei mesmo antes de saber o que estava acontecendo. A tensão me deixou como se nunca tivesse estado lá e eu inclinei a cabeça ligeiramente para trás, como se estivesse expondo meu pescoço. Até Thomas pareceu surpreso. — Qual é o seu sobrenome? — Ele perguntou.

— Matheson. — Havia uma corrente de pânico, mas sua voz ainda era profunda e sua mão ainda estava em meus ombros e o pânico não borbulhava em direção à superfície.

Ele abriu a boca para falar, mas depois a fechou de novo. Então cada palavra saiu deliberada e cuidadosa. — Ontem, quando Joe te encontrou. Quem falou primeiro?

— Ele. Ele perguntou se eu cheirava alguma coisa. — Eu queria tirar o lobo de pedra da caixa e olhar para ele novamente.

Thomas recuou, deixando cair às mãos. Ele balançou sua cabeça. Havia um pequeno sorriso no rosto dele que parecia quase maravilhado. — Mark disse que você era diferente. De um jeito bom.

— Eu não sou ninguém, — eu disse.

— Ox, antes de ontem, não tínhamos ouvido Joe falar em quinze meses.

As árvores, os pássaros e o sol caíram e eu estava com frio. — Por quê?

Thomas sorriu tristemente. — Por causa da vida e todos os seus horrores. O mundo pode ser um lugar terrível.



O MUNDO pode ser terrível e caótico e maravilhoso.

As pessoas podem ser cruéis.

Eu ouvia quando as pessoas me chamavam de nomes pelas minhas costas.

Eu ouvia quando elas diziam as mesmas coisas na minha cara.

Eu ouvia no som que eu fazia ou quando meu pai foi embora.

Eu ouvia no com da voz da minha mãe.

Thomas não me contou porque Joe parou de falar. Eu não perguntei. Não era o meu lugar.

As pessoas podem ser cruéis.

Elas podem ser bonitas, mas também podem ser cruéis.

É como se algo pudesse tão adorável que não poderia *ser* simplesmente adorável. Também tem que ser duro e corroído. É uma complexidade que não eu entendia.

Eu não vi a crueldade quando me sentei à mesa deles pela primeira vez. Mark sentou à minha esquerda, Joe à minha direita. A comida estava servida, mas ninguém levantou um garfo ou colher, então eu não fiz também. Todos os olhos estavam voltados para

Thomas, que estava sentado à cabeceira da mesa. A brisa estava quente. Ele sorriu para cada um de nós e deu uma mordida.

O resto de nós seguiu.

Eu mantive a caixa com o lobo de pedra no meu colo.

E Joe, Joe apenas dizia coisas como: *Eu gosto quando as coisas explodem em filmes como boom e outras coisas! — E o que você acha que acontece quando você peida na lua? E uma vez, eu comi quatorze tacos porque Carter me desafiou e não pude me mexer por dois dias inteiros.*

Ele disse:

Maine era o Maine. Sinto falta dos meus amigos, mas eu tenho você agora.

Isso nem é engraçado! Eu não estou rindo!

Você pode me passar à mostarda antes de Kelly usar tudo como um idiota?

Ele disse:

Uma vez, fomos para as montanhas e fomos de trenó.

Eu sou péssimo em videogames, mas Carter disse que vou melhorar.

Aposto que posso correr mais rápido que você.

Ele disse:

Posso te contar um segredo?

Às vezes tenho pesadelos e não consigo me lembrar deles.

Às vezes me lembro de todos eles.

A mesa ficou quieta, mas Joe só tinha olhos para mim.



Kardia Mou | Wolfsong

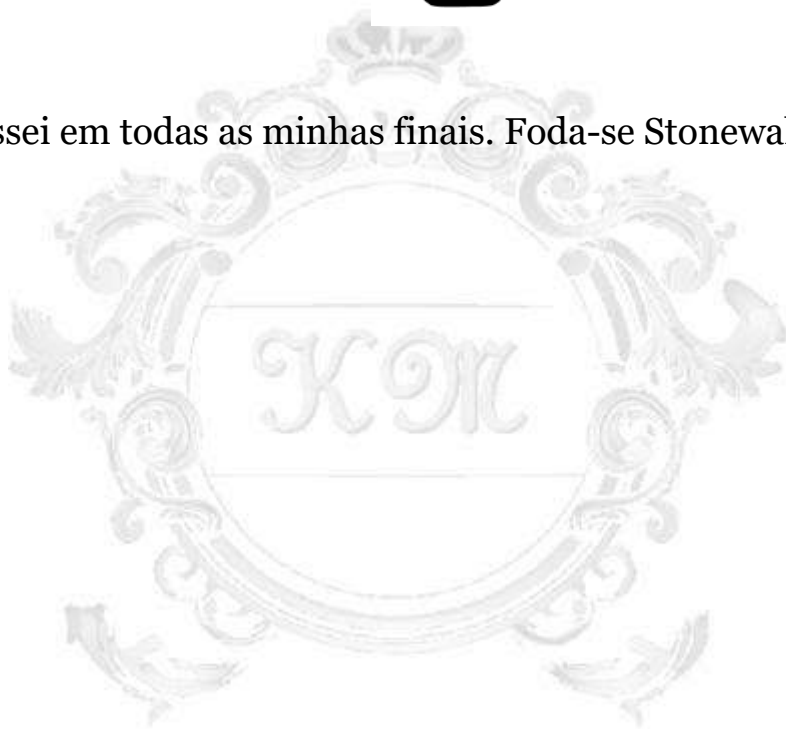
Eu disse: — Eu também tenho sonhos ruins. Mas então eu lembro que estou acordado e que os pesadelos não podem me seguir quando estou acordado. E então me sinto melhor.

— Tudo bem, — ele disse. — OK.



Passei em todas as minhas finais. Foda-se Stonewall Jackson.

KM



Menino bonito / foda-se

MINHA mãe conheceu os Bennetts na metade do verão em um dos jantares de domingo. Ela estava nervosa, como eu tinha estado. Ela passou as mãos pelo vestido, alisando-o. Ela enrolou o dedo no cabelo. Ela disse: — Eles parecem tão chiques, — e eu ri porque eles eram e não eram.

Minha mãe sorriu ansiosamente quando Elizabeth a abraçou. Mais tarde, elas estavam na cozinha bebendo vinho e mamãe riu, com o rosto corado de bebida e felicidade.



THOMAS trabalhava de casa. Eu nunca entendia o que ele fazia exatamente, mas ele estava sempre ao telefone em seu escritório à noite, ligando para pessoas no Japão ou na Austrália, e sempre de manhã cedo com Nova York e Chicago.

— Finanças, — Carter me disse com um encolher de ombros. — Dinheiro, algo blá blá e chato. Você não pode morrer nesse nível, Ox. É muito fácil passar.



ELIZABETH era uma pintora. Ela disse que estava em uma fase de tom verde para o verão. Então, tudo estava verde. Ela colocou um disco no velho Crosley e dizia coisas como — *Hoje, hoje, hoje* — Às vezes, eu perguntava algo, — e então ela começava a pintar novamente. Era sempre um caos controlado dia sim, dia não, e ela sempre aparecia com as sobrancelhas de tinta e um sorriso no rosto.

— Aparentemente ela é boa, — Kelly me disse. — Tem merda pendurada em alguns museus. Não diga a ela que eu disse isso, mas para mim, tudo parece igual. Quero dizer, eu também posso jogar tinta em uma tela. Onde está meu dinheiro e fama?



EU andava pela estrada de terra depois do trabalho e Joe estava sempre esperando por mim. — Ei, Ox, — ele disse e ele sorria muito.



ÀS VEZES, eles tinham dias em que eu não tinha permissão para ir até lá. Dois ou três ou quatro dias seguidos. — É hora da família, Ox, — dizia Elizabeth. Ou: — Estamos mantendo as crianças nesta noite, Ox, — dizia Thomas. — Volte na terça-feira, ok?

Eu entendia, porque eu não fazia parte da família deles. Eu não sabia o que eu era para eles, mas forcei a dor a ficar no peito. Eu não precisava disso. Eu tinha muita coisa para adicionar mais no topo. Eles não quiseram dizer isso de uma maneira ruim, eu achava que não. Eu encontraria Joe esperando por mim na estrada alguns dias depois e ele me abraçaria e diria — Senti sua falta, — e eu o seguiria para casa e Elizabeth sempre me dizia: — Chegou o nosso Ox, — e Thomas sempre dizia: — Você está bem? — Então seria como se nada tivesse acontecido.

Eu ficava deitado na cama naquelas noites, perdido em meus pensamentos, ouvindo sons distantes que teria jurado que eram lobos uivando. A lua estava gorda e cheia e iluminava o quarto como se fosse o sol.



ELES nunca entraram na minha casa. Eu nunca perguntei e nem eles. Eu nunca pensei muito nisso.



— VAI SAIR cedo hoje? — Gordo me perguntou em um dia úmido no final de agosto.

Eu olhei para cima do reparo do alternador que estava fazendo. — Sim. Para fazer a inscrição. Eu trouxe uma muda de roupa para não ficar fedendo a metal e óleo.

— Sua mãe está trabalhando?

— Sim.

— Você quer que eu vá com contigo?

Eu balancei a cabeça. — Eu dou conta.

— Primeiro ano. É duro.

Eu revirei meus olhos. — Cale a boca, Gordo.

— Você vai levar aquele menino bonito com você, papi? — Rico gritou do outro lado da oficina.

Eu corei, mesmo que não fosse nada.

Os olhos de Gordo se estreitaram. — Que menino bonito?

— Nosso menino grande conseguiu um bom menino, — disse Rico. — Tanner os viu algumas noites atrás.

Eu gemi. — Aquele era apenas o Carter.

— *Carter*, — Tanner gemeu com sua voz toda ofegante.

— Carter? — Perguntou Gordo. — Quem é ele? Eu quero conhecê-lo. Quero no meu escritório, então eu posso assustar a merda dele. Maldito Ox. É melhor você estar usando fodidas camisinhas.

— Sim, — disse Chris. — Certifique-se de usar os preservativos do caralho ao invés daqueles normais. Eles são melhores. Para a porra.

— *Ba-zing!*— Rico chiou.

— Eu odeio todos vocês, — eu murmurei.

— É uma mentira essa aí, — disse Tanner. — Você nos ama. Nós lhe trazemos alegria e felicidade.

— Então você está transando com ele, então? — Gordo disse com uma carranca.

— Jesus, Gordo. Não. Nós estávamos levando pizzas para levar para seus irmãozinhos. Nós somos amigos. Eles acabaram de se mudar para cá. Eu não sou assim com ele. — Embora eu não achasse que seria tão difícil de ser. Eu tinha olhos, afinal de contas.

— Como você o conheceu?

Bastardo intrometido. — Eles se mudaram para aquela casa grande ao lado da nossa. Ou de volta para a casa. Eu não sei bem qual ainda. Os Bennetts. Ouviu falar deles?

E então uma coisa engraçada aconteceu. Eu tinha visto Gordo chateado. Eu já o vi rir tanto que ele se irritou um pouco. Eu o vi chateado. Eu o vi triste.

Eu nunca o tinha visto assustado. De qualquer coisa.

Gordo não se assustava. Nunca, em nenhuma vez desde que o conheci quando meu pai me levou para a oficina um dia e Gordo disse: — Ei, cara, eu já ouvi muito sobre você, o que significa que você e eu vamos cuidar dessa máquina. — Nenhuma vez. Se

perguntado, eu teria dito que Gordo nunca ficou com medo, mesmo que eu soubesse o quão ridículo isso soava.

Mas Gordo estava com medo agora. Seus olhos estavam arregalados, sangue saindo de seu rosto. Durou dez segundos. Talvez quinze ou vinte. E então sumiu como se nunca tivesse estado lá.

Mas eu vi.

— Gordo-

Ele se virou e entrou em seu escritório, batendo a porta atrás dele.

— Que porra foi essa? — Rico perguntou sucintamente.

— Prostituta ciumenta. — resmungou Tanner.

— Cala a boca, Tanner, — alertou Chris, olhando para mim.

Eu apenas olhei para a porta fechada.



— EU sinto muito, — eu disse a Gordo mais tarde. — Por tudo o que eu fiz.

Ele suspirou. — Não é com você, garoto. Eu preciso... Você pode encontrar amigos diferentes? Por que não somos o suficiente?

— Ele parecia infeliz.

— Não é o mesmo.

— Você precisa ser cuidadoso.

— Por quê?

Esqueça Ox. Apenas observe você mesmo.



— RECEBI uma ligação estranha de Gordo, — disse mamãe uma noite.

— O que?

— Ele queria que eu te mantivesse longe da casa ao lado.

— *O quê?*

Ela parecia confusa. — Disse que eram más notícias.

— Mamãe-

— Eu disse a ele para deixar isso em paz.

— Algo rastejou em sua bunda, — eu disse.

Ela franziu a testa. — Meça suas palavras. Você não está na oficina.



EU bati na porta do escritório. — Que diabo é o seu problema?

— Você vai me agradecer um dia, — ele disse. Ele não desviou o olhar do computador. Como se ele não tivesse a maldita hora do dia.

— É uma pena que ela não dê a mínima para o que você pensa. Ela disse que tenho idade suficiente para fazer minhas próprias escolhas.

Isso chamou sua atenção. Ele estava chateado.

Eu saí em disparada.



ELE QUERIA me levar para casa todos os dias depois do trabalho. Eu ri e disse para ele se foder.



— OX! OLHE quantas batatas fritas eu consigo colocar na minha boca! — Joe, em seguida, começou a empurrar pelo menos trinta batatas na boca escancarada dele, fazendo pequenos sons enquanto engolia.

— Nojento, — Carter gemeu. — É por isso que você não sai em público.

Kelly bufou. — Você está apenas tentando impressionar a garota de vestido.

Carter deu um soco no ombro dele. — Ela é *gostosa*. Ela vai para a nossa escola, Ox?

— Acho que assim. Sênior.

— Eu vou me dar bem esse ano.

— Ah, as alegrias do amor jovem, — suspirou Mark. — Joe, não coloque batatas fritas no seu nariz.

— *Se dar bem?* — Kelly perguntou incrédulo. — Cara. Que rude.

— Oh, me desculpe se ofendi suas delicadas sensibilidades. Eu quis dizer *fazer amor*.

— Por favor, não diga nada a Thomas ou Elizabeth sobre isso, — Mark me implorou. — Eu sou um bom tio, eu juro.

— Ox, ei, Ox! Eu sou um destruidor de as batatas fritas. Veja! Veja-

Todos eles se acalmaram ao mesmo tempo. As mãos de Mark se fecharam em punhos na mesa. — Fiquem aqui, — ele rosnou. Ele levantou e saiu pela porta antes que eu pudesse falar.

— Que diabos? — Perguntei.

Kelly tentou segui-lo, mas Carter o segurou de volta no lugar. — Deixe-me ir, Carter!

— Não, — disse Carter. — Nós ficamos aqui. Ox e Joe. Você *sabe* disso.

Kelly assentiu e ficou ao lado da mesa, de braços cruzados, como se ele estivesse protegendo alguém de vir.

Eu olhei pela janela do restaurante.

Mark estava do outro lado da rua. Com o Gordo. Eles não estavam felizes de ver um ao outro.

— Filho da puta, — eu murmurei.

Eu levantei para fora da cabine. Kelly agarrou meu braço e disse: — *Não*, Ox, você não pode simplesmente- — mas eu rosnei para ele de forma feroz e seus olhos se arregalaram e ele recuou.

— Joe, você fica com ele, — eu bati no ombro dele.

Os olhos de Joe se estreitaram e ele abriu a boca para retrucar, mas eu o interrompi, dizendo a Kelly para observá-lo. Carter levantou e me seguiu pela porta sem uma palavra.

Eu só peguei pedaços da conversa enquanto os abordava. Não havia contexto, não havia como eu entender. Eu vi o olhar de fúria no rosto de Gordo. O conjunto duro da mandíbula de Mark.

— Gordo, *não é* o mesmo-

— Você *saiu*. Eu mantive esta cidade segura e você *deixou a porra* -

— Nós tivemos que ir, nós não poderíamos-

— Eu colocarei *alas* para ele. Eu já fortaleci as que estão ao redor de sua casa. Você nunca-

— É a escolha *dele* Gordo. Ele tem idade suficiente para...

— O deixe fora disso. Ele *não faz* parte disso.

— Você sabe o que aconteceu com Joe. Ele está ajudando o Joe, Gordo. Ele está *consertando* ele.

Gordo deu um passo a mais. — Seu maldito bastardo. Você não pode *usar*...

—Gordo!—

Ele olhou para mim com os olhos arregalados. — Ox, traga sua bunda aqui. Agora.

— Que porra é o seu problema, cara? — Eu perguntei a ele. Eu passei por Mark e fiquei na frente de Gordo, a poucos centímetros dele. Eu nunca usei meu tamanho para intimidar alguém antes.

Mas tudo bem, porque Gordo não ficou intimidado, mesmo quando nós dois percebemos, ao mesmo tempo, que eu fiquei mais alto do que ele nos últimos meses atrás. Ele tinha que olhar para mim de baixo agora. — Você precisa ficar atrás de mim, Ox. Deixe-me lidar com isso.

— Com o que? Você não me disse que você os conhecia. O que está acontecendo?

Ele deu um passo para trás. Suas mãos estavam em punhos ao lado do corpo. Suas tatuagens pareciam mais brilhantes que o normal. — Velho drama familiar, — ele disse com os dentes cerrados. — Longa história.

— Eu entendo isso, ok? — Eu disse, apontando entre nós dois. — Eu entendo isso. Mas você não pode me dizer o que fazer. Não sobre isso. Eu não estou fazendo nada de errado.

— Não é *sobre* você-

— Claro como o inferno parece.

Ele fechou os olhos. Respirou fundo, e deixou sair devagar. — Ox. Eu preciso que você esteja em segurança.

— Por que eu não estaria? — Eu não entendia.

— Merda, — Mark murmurou. — Ele é a sua âncora. — Ele riu sombriamente. — Oh, a porra da ironia.

Os olhos de Gordo se abriram. Ele tentou se aproximar de mim, mas eu não deixei. — Calma cara, — eu disse a ele suavemente. — Refresque-se.

Ele rosnou para mim, mas se virou e foi embora.

Eu me virei para Mark. — Que raio foi isso?

Ele estava observando Gordo ir embora. — Velho drama familiar.

— O que?

— Não importa Ox, — ele disse. — História antiga.



EU pedi ao Gordo para explicar. Perguntei como ele conhecia Mark e os outros. Por que ele mentiu para mim e agiu como se não os conhecesse.

Ele apenas franziu a testa até que eu fui embora.



EU perguntei como ele conheceu Gordo. Mark parecia triste, e eu não pude lidar com isso, então eu disse a ele que estava arrependido e nunca mais perguntaria.



ERA o jantar do último domingo antes do início das aulas. Joe e eu nos sentamos na varanda observando as árvores.

— Eu gostaria de poder ir com você, — ele murmurou.

— Ano que vem, sim?

Ele encolheu os ombros. — Eu acho. Não é o mesmo. Você não vai estar por perto tanto assim.

Eu coloquei meu braço por cima do ombro dele. — Eu não estou indo a lugar nenhum.

— Eu estou assustado.

— Com o que?

— As coisas estão mudando, — ele sussurrou.

Eu também estava mais do que ele poderia saber. — As coisas mudam. Elas têm que mudar. Mas você e eu? Eu prometo que nunca vai mudar.

— OK.

— Feliz aniversário, Joe.

Ele deitou a cabeça no meu ombro e seu nariz roçou meu pescoço. Ele me respirou enquanto observávamos o pôr do sol. Era rosa, laranja e vermelho e eu não conseguia pensar em um único lugar que eu preferisse estar.



— RETARDADO FODIDO, — Clint zombou de mim no segundo dia de aula. Porque essa era a coisa dele.

Eu o ignorei, como sempre fazia, jogando livros no meu armário. Era mais fácil.

Aparentemente não para Carter. Ele agarrou Clint pela parte de trás da cabeça dele e jogou-o contra a parede de armários, pressionando o rosto dele contra o metal frio. — Nunca fale assim com ele de novo e eu vou arrancar seu maldito coração, — ele sussurrou. — Diga a todos que Ox está sob a proteção dos Bennetts e se alguém o *olhar* apenas de forma engraçada, eu vou quebrar seus braços. Não foda com o Ox.

— Você não tem que fazer isso, — eu disse baixinho enquanto Carter e Kelly me puxavam para longe. Carter tinha o braço em volta dos meus ombros e Kelly segurou meu cotovelo. — Eles vão embora eventualmente.

— Foda-se isso, — Carter rosnou.

— Eles não tocam em você, — Kelly gritou. — Nunca.



ELES entraram na escola com suas roupas extravagantes e seus rostos perfeitos e seus segredos, e todos falavam sobre eles. Os garotos Bennett.

A escola secundária é a mesma onde quer que você vá.

Muitos rumores, clichês e insinuações.



Kardia Mou | Wolfson

Eles são uma gangue, as pessoas sussurravam.

Eles são traficantes de drogas.

Eles tiveram que deixar a outra escola porque mataram um professor.

Eles se revezam fodendo o Ox.

O Ox fode os dois.

Eu ria e ria.

Nós nos sentávamos no refeitório e eu tinha amigos. Às vezes eu queria conversar. Algumas vezes, eu não tinha nada a dizer e apenas abria meu livro. Eles sempre ficavam.

Eles sempre se sentavam do mesmo lado da mesa que eu, se aproximando, mantendo contato.

Eles eram físicos. Toda a família.

Uma mão no meu cabelo.

Um abraço.

O beijo de Elizabeth na minha bochecha.

Joe na estrada de terra enquanto eu caminhava ao sol. Sua mão ia para a minha e ele se inclinava contra mim enquanto nos dirigíamos para casa.

Kelly batia nos meus ombros quando nos cruzamos no corredor.

O peso do braço de Carter em meus ombros enquanto caminhávamos para a aula.

A mão de Thomas apertando a minha, o aperto forte e calejado.

Kardia Mou | Wolfsong

O polegar de Mark contra o meu ouvido.

No começo era só eu.

Mas quando o inverno se aproximou, eles começaram a incluir minha mãe.



KM

GORDO me disse sobre Joe. Parte do que aconteceu, de qualquer forma.

E eu o odiei por isso.

—Você tem que ter cuidado com ele, — ele disse. Nós estávamos em uma pausa para fumar, mesmo que eu não fumasse mais.

— Eu sei, — eu disse.

— Você não sabe. Você não sabe de nada. — Ele tocou o corvo em seu braço. Fumaça enrolava em torno de seus dedos.

— Gordo-

— Ele foi levado, Ox.

Eu parei.

— Eles o levaram. No meio da noite. Para atacar o pai dele. A família dele. Eles o machucaram por semanas. Ele voltou, mas voltou quebrado. Ele nem sabia o *nome* dele...



Kardia Mou | Wolfsong

— Cale a boca, — eu disse com a voz rouca. — Cala a porra da sua boca.

Ele deve ter percebido que foi longe demais. Ele fechou os olhos. — Merda.

— Eu te amo, — eu disse a ele. — Mas eu te odeio agora. Eu nunca te odiei antes, Gordo. Mas eu te odeio tanto e não sei como fazer parar.

Nós não dissemos nada por muito tempo.



E então tudo mudou.

Ou nunca / oito semanas

A MÃE de Chris morreu e foi ruim.

Ele chorou no meio da oficina, e eu coloquei minha cabeça em seu ombro. Rico tocou seu pescoço. Tanner colocou a cabeça nas costas de Chris. Gordo passou os dedos pelo cabelo raspado dele.

Ele foi embora por um tempo.

Ele voltou com Jessie. Sua irmãzinha. Ela tinha acabado de fazer dezessete anos e ia morar em Green Creek com ele.

Ela parecia com o irmão dela. Cabelo castanho e belos olhos verdes. Pele clara com pequenas sardas no nariz e nas bochechas e uma na orelha que me fascinava. Ele a trouxe para a oficina e ela sorriu baixinho enquanto ele a apresentava.

— Este é o Ox, — ele disse e eu coleí contra uma parede.

Todos os caras olharam para mim.

— Ele acabou de...? — Perguntou Gordo.

— Isso é incrível, — disse Tanner.

— Oi, — eu disse. Minha voz estava muito mais profunda do que antes. — Eu sou o Ox. Oxnard. Me chame de Ox. — Eu tentei

chegar até um Chevy Tahoe 2007, mas eu escorreguei e esfoliei meu cotovelo. Eu levantei rápido. — Ou Oxnard. Tanto faz.

— Oh garoto, — disse Rico. — Isso é tão embaraçoso de se testemunhar. Nós deveríamos salvá-lo. Ou irmos embora.

Ninguém me salvou. Ou saiu.

— Oi, Ox, — disse Jessie. — É bom conhecê-lo. — Ela sorriu e foi um sorriso malicioso com uma sugestão de dentes. Minha boca ficou seca porque seus lábios eram bonitos e seus olhos também, e pensei: *Bem, tudo bem.*

— Você... Ah. Você também?

—Talvez o Ox possa te mostrar a escola semana que vem quando você começar, — disse Chris.

Eu deixei uma chave de soquete cair no meu pé.



JESSIE COMEÇOU na escola em uma terça-feira na primavera. Eu era desajeitado e inseguro, mesmo quando ela ria depois que eu contava uma piada que não pretendia contar. Ela falava baixo e era meio rouca e eu pensei que era um dos sons mais legais que eu já ouvi.

Carter e Kelly pareciam gostar dela o suficiente, mas eles se recusaram a sair do meu lado entre as aulas e me encheram mais do que o habitual no almoço. Eu suponho que deve ter parecido estranho para qualquer outra pessoa, vendo três caras grandes em

um banco pequeno enquanto uma garota estava sentada na frente deles com todo o banco de refeitório disponível. Ela levantou a sobrancelha para nós, mas Carter e Kelly se recusaram a se mexer e eu expliquei para ela mais tarde que era exatamente como eles eram.

— Protetores, — ela perguntou, olhando para os dois.

— Você poderia dizer isso. Pessoal, vamos lá.

Eles me encararam antes de olhar para ela.

Ela riu deles.

Mais tarde, ela foi comigo até a oficina depois da escola e eu fiquei vermelho quando seu braço roçou o meu. Eu segurei a porta aberta para ela, e ela me chamou de cavalheiro. Eu tropecei em meus pés e quase a derrubei no chão. Rico disse em voz muito alta que deve ser amor.



O SOL estava se pondo quando eu voltava para casa, pensamentos de garotas bonitas e cabelos castanhos girando em volta da minha cabeça.

Joe estava me esperando, com um sorriso no rosto. O sorriso desapareceu quando cheguei mais perto.

— O que é isso? — Ele perguntou quando cheguei a ele.

— O que?

— Esse cheiro.

Eu cheirei o ar ao meu redor. Cheirava o mesmo. A floresta e folhas e grama e flores desabrochando, tudo leve e inebriante. Eu disse isso a ele.

Ele balançou sua cabeça. — Não importa. — O sorriso voltou e ele pegou minha mão e nós caminhamos para casa. Ele me contou sobre tudo o que ele aprendeu, e como ele não podia esperar até que ele fosse para a escola comigo e Carter e Kelly, e aquela árvore não parecia uma dama dançando? Você viu aquela pedra com a faixa de cristal caindo ao seu lado? Você viu o comercial daquele novo filme de super-herói que nós *teremos* que ver nesse verão? Eu queria ficar para o jantar? Eu queria ler gibis hoje à noite?

— Sim, Joe, — eu disse.

Sim para tudo.



FOI em uma quinta-feira que finalmente consegui coragem.

— Ela vai olhar para mim estranho e eu não vou lembrar como respirar! — Eu gemi para Carter e Kelly.

— Você não precisa fazer nada que não queira, — disse Kelly.

— Mas eu *quero*.

— Tem certeza? — Carter perguntou, parecendo duvidoso. — Você não está agindo muito bem. Talvez possa pensar nisso mais alguns dias?

— Ou semanas, — disse Kelly.

— Ou anos, — disse Carter.

— Ou nunca, — disse Kelly.

— Ela está vindo! — Eu disse. Eu poderia ter guinchado.

— Ei, pessoal. — Jessie deu um sorriso quando se sentou à mesa do almoço.

— Jessie. — Carter parecia entediado e fora de sua mente.

— Que bom vê-la novamente. — Kelly não souou como se ele quisesse dizer isso.

Eles se colocaram mais em mim. Eu mal conseguia respirar.

— Oi, — eu disse. — Você parece... Muito bem.

Kelly bufou.

— Obrigado, — disse Jessie.

— Então...

Todos eles olhavam para mim.

— Tem... Coisas. Acontecendo Este fim de semana.

— Há? — Carter perguntou como um idiota. — Que *tipo* de coisa está acontecendo neste fim de semana, Ox?

— Coisas. — Eu o chutei debaixo da mesa. Ele nem sequer recuou.

— Coisas? — Jessie perguntou. — Emocionante.

— Talvez...

— Talvez o quê?

— Talvez você queira... Fazer? Coisas? Comigo.

Kelly gemeu.

Jessie corou. — Oxnard Matheson! Seu diabo. Eu não posso sábado porque Chris e eu temos que fazer algum trabalho na propriedade da minha mãe. Que tal domingo à tarde?

— Ele não pode, — disse Carter.

— Eu não posso? — Perguntei.

— Jantar de domingo, — Kelly me lembrou.

— Oh. Bem. Talvez eu possa não participar? Só desta vez? Não é como se eu não pudesse ir no próximo domingo.

Carter e Kelly me encararam.

— Parece bom, — disse Jessie. Ela estava corando e eu pensei, *Uau*.

— Você tem que ser o único a dizer a Joe, — disse Carter.

— Sério, — Kelly concordou. — Eu não quero nem estar no mesmo ambiente.

— Joe? — Jessie perguntou.

— Irmãozinho, — disse Carter, como se devesse ter sido óbvio.

— O melhor amigo de Ox, — disse Kelly, como se fosse um desafio.

— Ele é incrível, — eu concordei, e senti os primeiros sinais de culpa e não sabia por quê.

— Onde ele está? — Ela perguntou.

— Ele estuda em casa, — eu disse. — Ele vai estar aqui no próximo ano. — E eu não podia esperar.

— Quantos anos ele tem? — Ela perguntou. Ela parecia confusa.

— Onze.

— Seu melhor amigo tem onze anos de idade?

Carter e Kelly ficaram tensos em ambos os meus lados, enrolados como uma armadilha de mola.

— Isso é tão doce, — disse Jessie. Ela sorriu para nós três.

— Seja como for, — resmungou Carter.

— Não se esqueça de dizer a Joe, — disse Kelly.



EU me esqueci de dizer a Joe.

Eu não sabia por quê. Talvez tenha sido trabalho. Ou a escola. E o fato de que eu estava indo no meu primeiro encontro com uma garota bonita. Talvez fosse porque eu estava distraído com as brincadeiras nervosas e alegres que os caras me deram na loja quando descobriram — *Certifique-se de embrulhar, papi*, — disse Rico. — *Chris virá atrás de você com uma espingarda!* Chris parecia horrorizado e depois me ameaçou com danos físicos se eu sequer *pensasse* em sexo de *qualquer* maneira, físico e mental. Tanner e Gordo apenas riram. Gordo parecia especialmente satisfeito com tudo isso.

(Chris chegou à oficina no sábado com uma caixa de preservativos e me disse para nunca mais falar sobre isso. Eu os

joguei na lixeira atrás da oficina para que minha mãe não as encontrasse em casa. Eu estava mortificado.)

Mas eu me esqueci de contar a ele.

Jessie sorria para mim quando eu bati na porta do apartamento dela. Chris fez o seu melhor para franzir a testa para mim, mas eu o conhecia muito bem. Ele revirou os olhos e bagunçou meu cabelo e nos disse para sermos bons.

E nós fomos bons.

Ela me contou histórias sobre uma lasanha que ficou muito seca, de quando ela tinha sete anos e ela estava montou um cavalo que se assustou com uma cobra. O cavalo pulou de um lado a outro e não parou por quase uma hora. Ela não montava mais em cavalos, mas ela não tinha problemas com cobras.

Ela tomou um copo de água que estava em um copo de vinho, como se fossemos adultos. Como se fosse vinho e nós éramos adultos e fazíamos coisas adultas. Eu pensei que seu pé tocou o meu.

Ela disse: — Sabíamos que ela estava morrendo. Nós sabíamos disso há muito tempo. Mas quando ela deu seu último suspiro, ainda foi uma surpresa tão grande que eu pensei que iria surtar. Ficou mais fácil, no entanto. Muito mais rápido do que pensei que fosse.

Eu abri minha boca para contar uma tragédia por uma tragédia, para contar a ela sobre o meu pai saindo em um dia aleatório, mas eu não conseguia encontrar as palavras. Não porque elas não estivessem *lá*, mas porque eu não conseguia encontrar uma

razão para dar a ela. Ela era aberta e gentil e eu não sabia o que fazer com isso.

Nós tomamos sorvete quando o sol se pôs.

Nós andamos ao redor do parque, os caminhos iluminados com luzes brancas.

Ela estendeu a mão e segurou minha mão e eu gaguejei com as minhas palavras e tropecei nos meus pés.

Foi perfeito. Foi tão perfeito.

E então ela disse: — Como está Joe?

E eu disse: — Oh merda.

Eu a levei de volta para casa. Pedi desculpas porque interrompi o nosso primeiro encontro. Ela estava confusa, mas ficou bem sobre isso. Ela disse que eu poderia fazer as pazes com ela da próxima vez e meu rosto estava quente. Ela riu de novo e antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ela se inclinou na ponta dos pés e me beijou suavemente. Foi doce e gentil e eu esperava que Joe estivesse bem.

— Vejo você amanhã? — Ela perguntou quando se afastou.

— Sim, — eu de alguma forma consegui dizer.

Ela sorriu para mim e entrou.

Toquei meus lábios porque eles formigaram e depois me lembrei de mim mesmo.

O meu lar ficava a uns três quilômetros de distância. Eu não tinha celular. Nós não poderíamos pagar um.

Eu corri o caminho todo para casa.

As luzes estavam acesas na casa no final da rua.

A porta se abriu antes mesmo de eu chegar ao alpendre.

Thomas estava na porta. Carter estava ao seu lado. Ambos pareciam prontos para atacar. Thomas deu um passo para a varanda. Suas narinas chamejaram e, por um instante, eu achei que seus olhos brilharam de uma maneira impossível, mas disse a mim mesmo que tinha que ser a luz. Nada mais.

Carter estava em mim em um segundo, esfregando as mãos sobre minha cabeça e pescoço. — Você está bem? — Ele disse em uma voz profunda. — Porque você está tão assustado? O que aconteceu?

Foi então que percebi que *estava com* medo. Porque eu decepcionei meu amigo.

— Ninguém o seguiu, — disse Thomas, ao lado de seu filho. Eu podia sentir o calor de ambos.

— Ele não está ferido, — disse Carter. Ele colocou as mãos nos meus ombros e me olhou nos olhos. — Alguém te machucou?

Eu balancei a cabeça. — Joe, — eu disse. — Joe. Eu esqueci. Ele-

— Ah, — disse Thomas. — Isso explica isso.

Carter baixou as mãos e deu um passo para trás. Agora ele só parecia irritado. — Você é um idiota, Ox.

— Carter, — seu pai estalou quando eu recuei. — É o bastante.

— Mas ele é-

— *Chega.*

Com essa palavra, tudo que eu queria fazer era melhorar tudo. Fazer o que Thomas me disse para fazer. E eu não conseguia descobrir a razão.

Carter suspirou. — Desculpe Ox. É apenas... Joe, cara. Ele é o Joe.

Eu abaixei minha cabeça.

— Papai, — disse Carter calmamente. — Você não acha que ele deveria saber? Ele é da matilha.

— Dentro, — disse Thomas.

Carter não disse outra palavra. Ele estava de volta na varanda, fechando a porta da casa dos Bennett.

— Ele está bem? — Eu perguntei a Thomas, incapaz de olhar para ele.

— Ele vai ficar, — disse Thomas.

— Eu não quis dizer...

— Eu sei Ox.

Eu olhei para Thomas. Ele não estava zangado. Ele estava apenas triste. — Eu vou te levar para casa.

Eu pensei em discutir, e dizer a ele que eu só queria ver Joe por um minuto, e dizer que lamentava. Mas não houve espaço para argumentação, então apenas assenti e segui-o, arrastando os pés no chão.

— Ela é legal? — Perguntou Thomas.

— Quem?

— A garota.

Dei de ombros. — Ela é legal. Ela parece ser uma boa pessoa.

— E você não teve muitas pessoas legais, — Thomas falou. Não era uma pergunta.

— Eu tenho agora, — eu disse honestamente. Porque eu tinha.

— Você tem, — ele disse. — Às vezes eu esqueço que você tem apenas dezesseis anos. Você tem uma alma velha, Oxnard.

Eu não sabia se isso era bom ou ruim, então eu não disse nada.

— Você gosta dela?

— Eu acho.

— Ox.

— Sim, eu gosto.

— Bom, — ele disse. — Isso é bom. Elizabeth e eu nos conhecemos quando eu tinha dezessete anos. Ela tinha quinze anos. Nunca houve outra para mim.

— Mas... Joe. Ele está...

— Joe... — Ele suspirou. — Joe estava chateado. Não estou dizendo isso para fazer você se sentir mal, Ox, então, por favor, não interprete minha intenção. Joe é... *Diferente*. Depois de tudo o que aconteceu com ele, ele não pode ser qualquer coisa, *apenas* diferente.

— Gordo disse... — Eu parei, mas o estrago estava feito.

Thomas inclinou a cabeça para mim. — E o *que* Gordo disse?
— Ele perguntou, soando mais perigoso do que eu já o ouvi.

— Que alguém o machucou, — eu sussurrei, olhando para as minhas mãos. — Eu não o deixei-me dizer mais nada.

— Por quê?

— Por que... Não era direito dele me dizer. Não é meu direito ser informado de qualquer coisa. E honestamente? Eu não sei se me importo. E não porque eu não me importo com ele. Mas porque eu quero ser seu amigo, não importa o quanto ele precise de mim. — Eu baguncei a terra um pouco com a ponta da minha bota. — E eu serei amigo dele desde que ele me deixe.

—Ox, olhe para mim.

Eu fiz. Eu não conseguiria me impedir nem mesmo se quisesse.

Seus olhos escuros estavam maiores do que eu já vi.

E ele falou, sua voz era suave e leve. Palavras que tomavam conta de mim como um rio e eu não conseguia detê-lo, não importava o quanto eu quisesse. Não importava o quanto eu desejasse que ele calasse a boca.

Joe foi levado por um homem que queria ferir Thomas e sua família. O homem o manteve por muitas semanas. Ele o machucou. Fisicamente. Mentalmente. Quebrou seus dedinhos. *Seus dedinhos*. O braço dele. Suas costelas. O fez chorar e sangrar e gritar. Ele ligava para eles algumas vezes. O homem mau. Ele ligava para eles e eles ouviam Joe no fundo dizendo que ele queria voltar para casa. Tudo o que ele queria fazer era voltar para casa.

Oito semanas. Levaram oito semanas para encontrar Joe.

E eles o encontraram. Mas ele não voltou a falar.

Ele os reconhece, como sendo a família dele. Na maioria das vezes. Ele chorava silenciosamente, seus braços e ombros tremendo.

Mas ele não falava.

Mesmo quando seus pesadelos estavam no seu pior e ele acordava gritando na noite, se debatendo em sua cama, tentando escapar do homem mau, ele ainda não falava.

Eles tentaram terapia. Não deu certo. Nada o fazia falar.

— Não até você, — disse Thomas.

Eu não devo ser um homem ainda, porque sob toda aquela raiva, uma lágrima saiu e rolou pela minha bochecha. — Quem? — Perguntei, e aquela palavra parecia um terremoto.

— Um homem que queria algo que ele não poderia ter, — disse Thomas.

— Você o matou?

Seus olhos ficaram mais escuros. — Por quê?

— Porque eu vou, se você não fez. Eu vou quebrá-lo e fazê-lo sofrer.

— Você poderia?

— Por Joe? Sim.

— Você é muito mais complexo do que parece, — disse Thomas. — Essas camadas que você tem. Apenas quando penso que cheguei ao fundo, ele cai e vai ainda mais fundo.

— Posso vê-lo?

— Dê-lhe um par de dias, Ox. — Thomas tocou o meu ombro, apertando-o suavemente. — Ele vai te ver quando ele estiver pronto. E você cuida da sua garota. Ela merece isso.

Eu corei. — Ela não é minha garota, — eu murmurei.

— Ela poderia ser.

— Talvez. Eu sou parte da sua matilha?

Pela primeira vez desde que o conheci, surpreendi Thomas Bennett. Seus olhos se arregalaram e ele deu um passo para trás e disse: — O quê?

— Sua matilha. Ou o que Carter disse.

Ele não disse nada e me perguntei se havia cruzado uma linha que eu não sabia que existia.

— Eu não quis dizer... — Eu parei, sem saber como terminar.

Ele disse: — O que você acha que a matilha significa?

— Família, — eu disse prontamente.

Thomas sorriu. — Sim, Ox. Você faz parte da minha matilha.



CARTER E Kelly não foram para na escola no dia seguinte. Eu me preocupei. Normalmente, eu andava com eles. Mas eles não estavam lá de manhã e eu estava quase atrasado depois que mamãe conversou comigo.

— Eu tenho certeza que está tudo bem, — disse Jessie, apertando minha mão enquanto nos sentamos no almoço. Eu fiz o

meu melhor para sorrir para ela enquanto ela falava. Sobre como ela gostava de Green Creek mais do que ela pensava. Sobre como ela não podia esperar pelo verão. Sobre como ela sentia falta da mãe. Ela perguntou por quanto tempo ainda iria doer e eu disse a ela que não sabia, mesmo que eu quisesse dizer que provavelmente doeria para sempre.

Ela me beijou na bochecha antes de eu ir trabalhar.

Os caras me deram merda na loja. Chris disse que Jessie tinha chegado a casa na noite anterior e estava toda desmazelada.

— O Ox é tão *sonhador*, — ele respirou alto em um falsete. — Seus *olhos* e seu *sorriso* e sua *risada*. OMG!

Corei furiosamente e tentei me concentrar em uma troca de óleo.

— Olhe para ele! — Rico disse alegremente. — Ele parece um tomate!

— Nosso precioso bebê menino está crescendo, — suspirou Tanner.

Eu disse: — Onde está o Gordo? — Seu escritório estava escuro.

— Dia de folga, — disse Rico. — Tinha alguns negócios para cuidar.

— Que negócio? — Eu não me lembro dele dizendo nada. Ele nunca tirou segundas-feiras de folga.

— Não se preocupe com sua linda cabecinha, — disse Tanner. — Você só deve se preocupar em tentar impressionar sua namorada.

— Ela não é minha namorada!

— Sim, — disse Chris. — Tente dizer isso a *ela*.



KM JOE não estava me esperando na estrada de terra. A casa no final da rua estava escura, como se ninguém estivesse em casa. Pensei em bater na porta, mas fui para casa. No meu quarto, o lobo de pedra estava em uma prateleira. Eu o segurei e percebi que Thomas nunca tinha me respondido sobre o homem mau que machucou Joe. Se ele ainda estivesse vivo.



UMA buzina tocou do lado de fora da casa na manhã seguinte. Carter e Kelly esperavam no carro. Eu estava nervoso.

— Ei, Ox, — eles disseram quando entrei no banco da frente. Kelly sentou atrás de mim.

— Ei, — eu disse de volta. Eu torci minhas mãos.

— Ele está bem, — disse Carter dirigindo na estrada de terra.

Eu soltei um suspiro. — Tem certeza?

—Ele estará.

Kelly disse: — Nós vamos ter certeza disso.

E eu disse: — Seu pai diz que eu sou parte da sua matilha, — porque eu queria ter certeza de que eles pensassem assim também.

Carter pisou no freio de repente. O cinto de segurança encostou-se ao meu peito. Os braços de Kelly vieram ao redor da minha frente, apertando com força. Carter se inclinou e esfregou a testa no meu ombro. — Claro que você é, — ele disse e Kelly cantarolou seu acordo, apertando os braços no meu peito.

Nós não falamos muito depois disso e tudo bem.



CARTER riu com alguma coisa que Jessie disse. Até Kelly sorriu. Eu estava em transe.



GORDO ESTAVA na oficina. No momento em que entrei pela porta, ele estava na minha frente.

Havia bolsas sob seus olhos e ele parecia pálido. Mesmo as tatuagens em seus braços pareciam desbotadas.

— Você está bem? — Eu perguntei a ele.

Ele assentiu. — Sim. E você? — Ele parecia aflito.

— Você não esteve aqui ontem.

— Eu sei.

— Talvez você deva ir para casa, cara. Você não parece bem.

— Estou me sentindo melhor agora, — ele disse e então me abraçou.

Nós não fizemos isso muitas vezes, então fiquei surpreso. Mas eu o abracei de qualquer maneira porque ele era Gordo. Eu coloquei tudo o que pude nisso porque eu precisava.

— Não consegui avisar você, — ele murmurou. — Estou chateado que você não tenha um celular. Assim não posso ligar, então eu vou comprar um para você.

— Ei não. Você não precisa...

— Cale a boca, Ox.

E assim eu calei.



JOE não estava me esperando na estrada de terra. As luzes estavam acesas na casa no final da rua. Eu estava sem saber o que fazer agora, então eu fui para casa.



EU dormi com o lobo de pedra na minha mão.



CARTER E Kelly sorriram para mim quando entrei no carro na manhã seguinte. Eu queria perguntar a eles sobre as oito semanas que Joe esteve desaparecido, mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Ambos encontravam sempre alguma maneira de me tocar. Uma batida nas costas. Um tapinha no meu peito.

Deveria ter sido óbvio. Eu deveria perceber o que eles eram, mas então eu não estava procurando pelo incrível ao lado do comum.



— COMO ESTÁ JOE? — Jessie perguntou no almoço, e Carter e Kelly congelaram.

— Não o vi, — eu murmurei.

Ela parecia confusa. — Por que não?

— Ele tem estado doente, — disse Carter antes que eu pudesse falar, e Kelly apertou minha perna debaixo da mesa. Eles ainda se aglomeravam em ambos os meus lados enquanto comíamos.

— Oh, — ela disse. — Sinto muito por ouvir isso. Eu espero que ele melhore.

— Ele vai, — eu disse. Eu devo ter colocado muita ênfase nas palavras porque ela me olhou de maneira engraçada.

Carter e Kelly se empurraram contra mim e eu sabia o que eles estavam tentando dizer.



GORDO me entregou um celular. Não era extravagante. Era funcional. E era incrível. Ele havia programado o número dele, da oficina, o restaurante e o resto do pessoal.

— Você mantém isso com você, ok? Mas não se atreva a usá-lo na aula, a menos que seja uma emergência.

Eu acenei, tocando a tela levemente. — Eu tenho meu próprio número de telefone? — Eu perguntei com admiração.

E ele sorriu para mim. Aquele sorrisinho que eu conhecia que era só para mim. — Sim cara. Você tem seu próprio número.

Eu disse: — Obrigado, Gordo, — e eu o abracei novamente.

Ele riu no meu ouvido e eu esqueci que o odiava por um tempo.



ERA quarta-feira e Joe não estava lá.



CARTER E Kelly me fizeram colocar seus números no meu novo telefone. Eles me deram os números dos pais deles. E do Joe, porque aparentemente ele também tinha um, apesar de ter apenas onze anos. Eu não sabia por que as crianças precisavam de telefones, mas assim que eu tive o número dele, eu olhei para ele. Eu não consegui descobrir como enviar uma mensagem de texto, então não fiz nada.



CHRIS me disse que Jessie estava insinuando que eu deveria convidá-la para sair novamente. Revirei os olhos quando eles riram e assobiaram.



EU andava pela estrada de terra. Sujeira floresceu em pequenas nuvens enquanto eu arrastava meus pés. O céu estava cinzento e as nuvens ameaçavam trazer a chuva.

E lá estava ele. Ali parado. Olhos largos e brilhantes.

Eu o conhecia por quase um ano. Ele cresceu durante esse tempo. Seus irmãos ainda o chamavam de nanico, mas eu não achava que seria verdade por muito mais tempo. Ele seria grande como o resto deles. Ele era um Bennett, afinal de contas.

Seus olhos nunca me deixaram enquanto eu andava para frente lentamente, inseguro do meu lugar. Ele não alcançou minha mão quando cheguei perto. Parte de mim queria estar com raiva, dizer: *Foi apenas um fodido jantar, foi apenas um dia que eu perdi, não é justo, não é justo, você não pode ser assim.* Era uma pequena parte, mas estava lá e eu me odiava por isso.

E então ele disse: — Ei, Ox, — em uma voz pequena e tão diferente dele que tudo acabou indo embora.

Então eu disse: — Oi, Joe, — e eu soei meio áspero.

Ele parecia que queria estender a mão e tocar minha mão, mas se conteve. Eu esperei, não querendo empurrar.

Ele disse: — Eu queria ver você. — Ele olhou para os pés e chutou uma folha seca. Em algum lugar, um pássaro cantou uma canção doida.

Eu disse a única coisa que me veio à mente. — Eu tenho um celular. Eu tenho o seu número. Eu não sei como mandar um texto. Você pode me ensinar? Porque quero te mandar uma mensagem e não sei como.

Ele olhou para mim com aqueles grandes olhos e seu lábio inferior estava tremendo. — Sim. Sim. Eu posso te ensinar. Não é difícil. Você a ama?

Eu disse que não. Eu não a conheço bem assim.

E ele pulou em meus braços, envolvendo-se em mim e começou a chorar no meu pescoço. Eu o segurei com força e acho que ainda não era homem porque meus olhos também vazaram. Eu

disse a ele que lamentava não estar lá para o jantar de domingo e que nunca mais aconteceria porque ele era Joe e eu era o Ox e era assim que as coisas aconteciam.

Ele balançou e soluçou e meu pescoço ficou pegajoso, mas eventualmente, ele se acalmou e se enrolou contra o meu peito. Uma vez resolvido, ele respirou fundo, como se estivesse inalando cada parte de mim. Eu o levei para casa.



TODOS estavam esperando por nós quando chegamos a casa no final da rua. Joe estava dormindo e seu rosto estava na curva do meu pescoço, seus braços balançando ao lado do corpo.

— Ele estava cansado, — eu disse a título de explicação e pensei *matilha*.

— Ele sentiu sua falta, — disse Elizabeth com a voz quente. — Nós também sentimos.

— Sinto muito, — eu disse.

— Você não tem nada para se desculpar, — disse Mark.

Eu fiz uma careta. — Isso não é verdade. Eu-

— Ox?

Eu olhei de volta para Elizabeth. — Você tem dezesseis anos, — ela disse. — Você está autorizado a ir em frente. Apenas, talvez dê a Joe uma atenção?

Eu assenti.

— Você está com fome? — Ela perguntou.

Eu balancei a cabeça novamente, mesmo que eu realmente não estivesse. Eu só queria entrar com todos eles.

— Por que você não o leva para cima e eu esquento algumas sobras. Então você pode nos contar sobre essa sua linda garota.

Eu os segui para dentro.



KM EU fiquei com Joe. Por um pouco. Só para ter certeza de que ele não tivesse sonhos ruins.



NO dia seguinte, ele me ensinou a digitar. Ele foi o meu primeiro texto.

Oi Joe seu Ox digitando para você obrigado por me ajudar

Levei cinco minutos para digitar, porque meus dedos eram muito grandes. Eu não queria deixar que ele lesse enquanto eu escrevia tudo.

Quando terminei, seu telefone tocou quase imediatamente e fiquei maravilhado com a rapidez com que as palavras podiam ser enviadas. Foi um pensamento assustador.

Ele leu a mensagem e riu tanto que caiu, com lágrimas nos olhos.

Kardia Mou | Wolfsong



MAIS tarde naquela noite, recebi meu primeiro texto:

Você também me ajuda



KM

Garras e dentes / rir alto

EU fiz dezessete anos e disse adeus ao meu primeiro ano. Três meses inteiros de trabalho e matilha e Jessie se estendeu diante de mim. Eu não acreditava muito que as coisas estavam acontecendo do jeito que estavam. Parecia bom demais. Muito parecido com um sonho.

As coisas foram normais por um tempo.

Gordo disse: — Vai ser bom ter você de volta aqui o dia todo novamente.

Mamãe disse: — Será que deveríamos falar sobre arranjar algumas rodas? Tenho certeza de que Gordo poderia nos ajudar.

— Feliz aniversário! — Todos disseram.

Carter disse: — Eu realmente preciso transar.

Kelly disse: — Isso é algo que eu nunca quis ouvir.

Tanner disse: — Você pode ligar para a senhora Epstein e avisá-la que o jipe está pronto? Eu fodi minha junta e está sangrando toda.

Elizabeth disse: — Eu saí da minha fase verde. Estava na hora. Estou pensando em Picasso e em azul. O que você acha Ox?

Rico disse: — Fico feliz que você esteja de volta em tempo integral, papi. Gordo é muito melhor quando você está aqui.

Thomas disse: — Você conhece Platão e a alegoria da caverna? Não? Tudo bem. Apenas não acredite que as sombras são tudo o que é real.

Chris disse: — Ela gosta de você, Ox. Ela gosta muito de você. Não a quebre ou terei que te quebrar. Ou se ela te quebrar, me diga e eu vou chutar a bunda dela. Você não fode com a família.

Mark disse: — Todos os dias, você está tornando-o um pouco melhor. Estou tão feliz Ox por termos encontrado você.

Joe disse: — Ox! Ei! Você *tem* que vir comigo *neste exato segundo*. Eu encontrei essas... Como... Essas *árvores* e elas são *loucas* e eu acho que elas poderiam ser um forte ou algo assim. Eu nem sei! Você só tem que vir *vê*-las.

Jessie disse: — Acho que devemos fazer sexo.



Eu olhei para ela. — O que?

— Nós devemos fazer sexo.

Eu disse a primeira coisa que me veio à mente. — Seu irmão vai me *matar*.

Ela revirou os olhos e colocou os pés na minha cama. Ela tinha dedos esguios. Eu não sei por que eles poderiam me matar. Estavam pintados de vermelho. Algum tom de vermelho que eu achava sexy.

— Temos idade suficiente para cometer nossos próprios erros,
— ela disse.

— Uh. Nós temos dezessete. E não sei se a melhor maneira de me seduzir é chamar isso de erro.

Ela riu e deu um soco no meu braço. — Seduzir. Ai Jesus.

— Então, — eu disse.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Talvez? — Minhas mãos estavam suadas e minha garganta estava seca. — Mas talvez não.

— Isso é... Claro. Sim.

— Eu não sou bom. Nas coisas.

Ela disse: — Isso não é verdade em tudo.

E eu fui seduzido.



DEPOIS, eu estava na minha cama suado e saciado. Minha boca tinha feito coisas para ela e sua boca tinha feito coisas para mim, mas nós não tínhamos camisinhas, então não fomos mais longe. Não importava porque minha mente estava em êxtase e em branco. Isso me lembrou de uma velha TV que meu pai tinha deixado na garagem. Mostrava apenas estática. Ruído branco. Eu era uma televisão esquecida e quebrada enterrada sob anos de memórias. Eu ri disso, e quando ela me perguntou o que era tão engraçado, eu apenas disse: — Nada.

— O que foi? — Ela perguntou.

Eu não conseguia ver onde ela estava apontando. — O que?

— Essa coisa de cachorro. — Ela se empurrou de mim.

— Hmm? — Eu disse, e meus canais ainda estavam tentando entrar em sintonia. Eu precisava enrolar papel de alumínio em volta das minhas orelhas.

— É pesado, — ela disse baixinho.

E tudo estava bem afiado. Sentei-me rapidamente e peguei-o de suas mãos.

— Ox, — ela disse. Ela parecia confusa.

— É... Eu não... — Eu não queria que ela tocasse. Eu nunca quis que ninguém mais tocasse. Eu simplesmente não conseguia encontrar as palavras (razões) para dizer isso.

— Parece antigo, — ela disse finalmente.

— Joe me deu. No meu aniversário.

— Joe, — ela suspirou. — Quando eu vou conhecê-lo?

— Talvez.

— Talvez? Ele é seu melhor amigo, Ox. Sou sua namorada. Eu te apresentei aos meus amigos. — E ela tinha apresentado. Algumas garotas da escola que ela conheceu na aula. Cassie e Felicia e mais alguém. Eu não me dava bem com pessoas novas. Elas pareciam legais, mas eu podia ver seus olhos indo e voltando entre Jessie e eu e pensando *realmente*?

— Você conhece Carter e Kelly.

— Ox.

— Ele é... Joe.

— Eu sei.

— Ele não está em um bom lugar o tempo todo.

— Eu também sei disso. *Aquela* coisa que ninguém vai me dizer.

Eu engoli para manter minha raiva sob controle. Por ela. —
Você não precisa saber.

Ela estremeceu. — Eu fingirei que você não sou como um idiota nesse momento. Por que ele nunca vem aqui? Por que nenhum deles vem a sua casa?

— É mais fácil ir até lá.

— Isso é estranho, Ox.

Eu abaixei o meu lobo de pedra e suspirei.



— ELA quer conhecer você.

Joe disse: — Oh.

— Ela sabe o quanto você significa para mim.

Joe disse: — Realmente?

— Eu não vou deixar ninguém te machucar.

Joe disse: — Eu sei.

— Você pode dizer não.

Ele olhou para mim. A luz do sol bateu em seu rosto através das árvores enquanto descíamos a estrada de terra. Sua mão estava quente na minha. — Você se importa com ela?

— Sim.

— Você se importa comigo?

— *Sim.*

— Ok. — ele disse.

— OK? —

Ele encolheu os ombros. — OK.



CHEGOU o jantar de domingo no início de julho. Ela estava nervosa. Eu disse a ela que ela não precisava estar. Ela parecia bonita em seu vestido de verão. Era amarelo e ela era dourada. Eu toquei o cabelo dela. Ela parecia tão pequena ao lado da minha mão.

— Mas eles são sua *família*, — ela disse enquanto caminhávamos em direção a casa no final da rua, e isso me encheu com tanto calor que eu mal conseguia respirar.

— Você conheceu a minha mãe, — eu consegui dizer.

— Isso é diferente e você sabe disso.

A porta da frente da casa dos Bennett se abriu antes mesmo de chegarmos ao alpendre, como sempre acontecia, como sempre sabiam que eu estava chegando.

Joe correu porta afora. Seu sorriso era brilhante quando ele me viu. Ele olhou para Jessie e algo muito mais complexo passou em seu rosto que eu não conseguia nem começar a entender. A mão esquerda dele se enrolou em um punho e então relaxou.

— Ei, Ox, — ele disse.

— Oi Joe.

Ele não me abraçou como normalmente fazia. Ele ficou na varanda. Ele parecia inseguro.

Larguei a mão de Jessie e dei um passo para frente.

Ele pulou dos degraus e se jogou em mim, com o nariz no meu pescoço.

Eu ri e o segurei firme. — Ok? — Eu sussurrei.

Ele encolheu os ombros. Então assentiu. Esfregou a testa no meu ombro.

Jessie começou a dar um passo à frente, mas eu balancei a cabeça e ela parou.

Eventualmente, Joe deslizou para baixo. Ele segurou minha mão e ficou rigidamente ao meu lado.

— Oi, — ele murmurou para Jessie. Ele olhou para o rosto dela, depois para longe. Então abaixou a cabeça.

— Oi, Joe, — disse Jessie. — Eu já ouvi muito sobre você. Estou feliz em finalmente conhecê-lo.

— Eu também, — ele disse e então fez uma careta, porque ele não souou como se ele quisesse dizer isso. — Desculpa.

— Está tudo bem, — ela disse. — Nada para se desculpar.

Ele me puxou para dentro da casa e Jessie seguiu atrás.

Eu podia ver que Jessie não entendia os Bennetts. Não como eu entendia. Eles me tocavam. Todos eles. Abraços e mãos no meu pescoço e cabelo e braços e costas. Eu estava acostumado com isso. Ela não estava.

Thomas e Elizabeth sorriram calorosamente para ela, mas não a tocavam. Nenhuma mão foi oferecida. Nenhum beijo na bochecha.

Não foram rudes. Ou indelicados. Eles riram com ela durante o jantar. Eles a encorajaram a contar histórias. Eles a trouxeram para a conversa, e se certificaram de que nenhuma piada interna da família fosse muito longe para que ela não se perdesse.

Mas eles não a tocaram.

Eu tomei meu lugar habitual ao lado de Joe. Jessie sentou no meu outro lado, o lugar normalmente reservado para minha mãe.

Às vezes Joe falava. Às vezes ele parecia distante. Eu pensei tê-lo ouvido rosnar uma vez, mas ele desviou o olhar. Suas mãos estavam em punhos ao seu lado. Então suas mãos relaxavam. Seus ombros estavam curvados e ele fez uma careta como se estivesse com dor.

— O que há de errado? — Eu perguntei com uma careta.

— Apenas duro, — ele murmurou. Sua voz soou baixa e áspera.

— Você está doente?

Ele balançou sua cabeça.

Mark, Elizabeth e Thomas estavam nos observando quando eu olhei para cima. Carter e Kelly estavam conversando com Jessie. Os três adultos me deram respostas com seus olhos vibrantes que eu não entendia.

Joe respirou fundo e soltou o ar lentamente.

E então ele sorriu. Ele tinha muitos dentes.



—ELES são... Estranhos, — disse Jessie antes de entrar em seu carro.

Eu fiz uma careta. — Não, eles não são.

— Ox, eles meio que são.

— Seja legal.

— Eu não estou sendo malvada. Eu sei que você é protetor em relação a eles, mas eles emitem essa *vibe*. Não sei mais como explicar isso.

— Eles são minha matilha.

Sua testa franziu. — Matilha?

— Eu quis dizer família.

Ela me beijou nos lábios. — Joe é muito bom, — ela disse baixinho.

— Eu sei.

— Ele não gosta muito de mim, no entanto.

Eu fiz uma careta. — Ele gostou de você. Ele acabou de passar por muita coisa.

— Você não pode ver, pode? — Ela parecia divertida.

— Ver o que?

— Ele é muito protetor de você

— Ele é meu amigo.

— Ah, — ela disse. Ela sorriu suavemente. E então ela foi embora.



Eu sei como mandar textos agora.

Quarta-feira:

oi eu estou no trabalho

*Oi, Ox! Quanto tempo você demorou para digitar isso lol **

o que é lol

Rindo em voz alta

oh eu não sou bom nisso lol

Você está indo bem. Eu prometo

Sexta-feira:

Quer assistir a um filme esta noite conosco?

não posso jessie quer sair

Oh. OK!



KM

you come too

Do you want me to go with you?

yes

I will ask mom!! = D

what is it

Smiling face

very much

Thursday:

*Mom wanted me to remember the time with family. We
will be here for a few days*

It's good

I wanted you to come with us

too

One day. I promise <3

what happens

Leave it there. I talk to you later.

Sunday:

We're back!

you're safe

Yes. I'm not a child Ox

you are a little boy

Tanto faz. Você vem para o jantar?

é domingo é claro que eu vou

Você vai levar a Jessie?

não, ela tem coisas para fazer

Terça:

O que você quer para o seu aniversário

Ainda falta mais de um mês!

Então o que quer

homem das cavernas

Joe me diga o que você quer

Tudo!

ok eu posso fazer isso <3

o que

Ox.

Ox!

Eram duas da manhã quando meu telefone tocou.

— Huh? — Eu disse para ele.

— Ox. — Mark soou estressado.

O sono se foi instantaneamente. — O que aconteceu?

— É o Joe.

Eu estava de pé e já procurando pelos shorts que deixei no chão. — Ele está bem?

— Não. Ele teve um pesadelo. Não podemos acalmá-lo. Eu acho que ele precisa de você.

— OK. Estou a caminho.

Carter me encontrou na porta. Ele nem sequer teve a chance de abrir a boca antes de eu ouvir um grito vindo de dentro da casa. Passei por ele, dizendo: — Joe, — chamando — *Joe*.

Eu estava na escada quando o ouvi novamente. — Não! Não deixe o homem levá-lo. *Por favor*, mamãe! Por favor, não deixe que ele leve o Ox embora. — A voz de Joe estava quebrada e molhada, e meu coração rachou no meu peito.

Mark estava na porta com Kelly. Ambos me encararam com olhos grandes e vermelhos. Eu os ignorei porque tinha que chegar até ele. Eu tinha que vê-lo.

Ele estava em sua cama. Thomas e Elizabeth estavam enrolados em ambos os lados dele. O rosto dele estava no pescoço da mãe e ele estava *tremendo*, e era tão *violento*, e suas mãos estavam segurando-a com força enquanto ele gritava de novo, e eu disse: — Oh, Joe.

Eu não pensei muito quando desci entre os dois e o levantei. Eles não me atacaram por lidar com ele dessa maneira. Eles não tentaram me impedir. O rosto de Thomas estava apertado de preocupação. Elizabeth estava chorando, grandes lágrimas que rasgaram meu peito.

Por um momento, Joe ficou tenso em meus braços, e então ele me segurou como se sua vida dependesse disso, as pernas se prendendo ao redor da minha cintura, as mãos puxando a parte de trás da minha cabeça.

Thomas e Elizabeth se levantaram da cama. Eles tocaram meu braço e Thomas sussurrou que eles diriam a minha mãe onde eu estava. Eles fecharam a porta atrás deles.

Mudei-nos para o lado da cama e sentei-me no chão, de costas para o colchão. Eu movi Joe ao redor até que ele estava descansando contra o meu peito.

Eventualmente, ele disse: — Eu tive um sonho ruim.

Eu disse: — Eu sei.

Ele disse: — É sempre o mesmo. A maior parte do tempo. Ele vem para mim e me leva embora e faz... Coisas.

Eu queria gritar o meu horror, mas mantive-o trancado e disse: — Estou aqui.

Joe disse: — Às vezes, ele leva minha mãe. Ou meu pai.

Eu coloquei minha mão em seu cabelo.

Joe disse: — Desta vez, ele levou você, e se ele pode encontrá-lo em meus sonhos, ele pode encontrá-lo na vida real.

Eu disse: — Eu vou te proteger, — e eu nunca disse uma coisa tão verdadeira na minha vida.

Ele adormeceu quando o sol começou a subir.

Eu não dormi por muito tempo.



Depois disso, sempre que ele tinha um pesadelo, ele perguntava (chorava, *gritava*) por mim e eu sempre fui até ele.

Ele tremia e soluçava, e seus olhos meio enlouquecidos com as armadilhas de seu pesadelo. Mas então minhas mãos tocavam suas costas, esfregando círculos calmantes, e ele se aquietava até que não houvesse nada além de respirações trêmulas e um rosto molhado.



TRÊS SEMANAS depois, descobri o segredo deles.

Lua

— OX.

— Saia.

— Ox, acorde porra!

Eu abri meus olhos. Ainda era noite, a única luz vinha da lua cheia no céu.

Havia mais alguém no quarto, me sacudindo.

— Porra, — eu disse.

— Se vista.

— Gordo? O que diabos está...

Ele recuou com os olhos estreitos. — Você precisa vir comigo.

Meu coração estava na minha garganta. — Minha mãe-

— Ela está *bem*, Ox. Ela está dormindo. Ela não vai ouvir nada. Ela está segura.

Eu peguei uma camisa e uma bermuda no chão. Gordo esperou por mim na porta do meu quarto. Eu o segui pelo corredor em direção às escadas. A porta da minha mãe estava parcialmente aberta e eu podia vê-la dormindo. Gordo puxou meu braço.

Estávamos do lado de fora antes de ele falar. O ar da noite estava quente contra a minha pele. Tudo parecia muito alto.



Kardia Mou | Wolfsong

— Há coisas, — disse ele, e através da neblina de meu sono, e tropecei em suas mãos e não pude impedir. — Coisas que você vai ver hoje à noite. Coisas que você nunca viu antes. Eu preciso que você confie em mim. Eu não vou deixar nada te machucar. Eu não vou deixar nada acontecer com você. Você está *seguro*, Ox. Eu preciso que você se lembre disso.

— Gordo o que está acontecendo?

Sua voz falhou quando ele disse: — Eu não queria que você descobrisse dessa maneira. Eu pensei que teríamos mais tempo. Se você alguma vez tivesse que descobrir.

— O que!

Um uivo surgiu das profundezas da floresta e senti frio até os ossos. Era uma música que eu ouvira antes, mas parecia angustiada.

— Foda-se, — Gordo murmurou. — Temos que nos apressar.

A casa no final da rua estava escura.

A lua estava cheia e branca no alto.

Havia estrelas. Tantas estrelas. Muitas. Eu nunca me senti tão pequeno na minha vida.

Entramos na floresta a um ritmo rápido.

Eu estava ouvindo metade do que Gordo falava, tentando evitar tropeçar nas raízes de árvores e tocos. Ele estava balbuciando suas palavras, falsos começos e sílabas que morreram antes que pudessem combinar em algo mais. Ele estava nervoso, aterrorizado, e isso afetava suas palavras.

E então não estava mais tão escuro. Mesmo com a lua.

— É como. Entende. Existem *coisas*.

— Gordo? — Eu interrompi.

— O que?

— Suas tatuagens estão brilhando.

Porque elas estavam. O Corvo. As linhas. Os redemoinhos e os espirais. Em todos os braços dele, e elas brilhavam e se moviam como se estivessem vivas.

Ele disse: — Sim. Essa é uma dessas *coisas*.

Eu disse: — Ok.

Ele disse: — Eu sou um bruxo.

E eu disse: — Você é um bruxo, Harry, — porque eu achei que havia uma chance muito real de ser pego em um sonho.

Ele riu, mas soou como se estivesse engasgando.

Eu estava distraído e minha perna chutou algo sólido. A dor era brilhante e vítrea, e atravessou o nevoeiro. Foi só então que percebi que nunca senti dor em um sonho antes e que eu tinha lido em algum lugar que era impossível realmente sentir dor em um sonho.

— Porra, — eu disse. — Você é um o *quê*?

— Um bruxo.

— Por quanto tempo?

— Minha vida inteira.

— O *quê*?

Outro uivo. Mais perto agora. Nós conseguimos andar menos meio quilômetro para dentro da floresta. Talvez mais longe. Não havia nada além de floresta que se estendia por milhares de acres à nossa frente. Eu me perdi muitas vezes aqui. — O que é que foi esse som?

— Sua matilha, — ele disse e suas palavras eram tão amargas que eu podia prová-las.

— Minhas... Eu não- — Sonhando, sonhando, sonhando. Tinha que ser, mesmo com a dor. Minha perna estava doendo, mas talvez eu tivesse *desejado* isso e era assim mesmo.

— Eu tentei mantê-los longe de você, — ele disse. — Eu realmente tentei. Eu não queria essa vida para você. Eu não queria que você fizesse parte disso. Eu queria te manter afastado. Para manter você inteiro. Porque você é a única coisa na minha vida que vale a pena.

— Gordo.

Ele disse: — Ouça-me, Ox. Monstros são reais. Magia é real. O mundo é um lugar sombrio e assustador e é *tudo real*.

— Como?

Ele balançou sua cabeça. — Não tenha medo.

Uma nuvem deslizou sobre a lua e a única luz era o caleidoscópio em movimento que enrolava seus braços. Prismas de cores, azuis e verdes e rosas e vermelhos.

— Dói? — Perguntei.

— O que?

— As cores.

— Não. Ela entra e eu empurro e ela rasteja ao longo da minha pele, mas não dói. Não mais.

— Onde estamos indo?

— Para a clareira deles, — e o uivo recomeçou, mas agora havia mais de um. Havia muitos, e eles se misturavam e o som se elevava juntos, a música escondida dentro de um som meio passo acima e abaixo, fora de tom até que não estivesse. E era então *lindo*.

KM

— Que? — Eu perguntei enquanto eu me coçava porque eu sentia *alguma coisa*.

Em vez disso, ele disse: — Eu tentei parar com isso, — e ele estava *desesperado e implorando*, mas eles estavam *cantando* acima dele e-

— *venha*, — a música dizia. — *Apresse-se agora. Aqui. por favor.* — *Corra depressa...* — *Depressa porque você é nós e nós somos você.*

Ele disse: — Eu tentei dizer a eles para ficarem longe. Para deixar você fora disso.

Ox! É o Ox! É ele! E ele está aqui e ele é nosso! Cheiro Ox, e provo Ox! É ele, e ele é nosso e nós precisamos dele porque ele ouve nossa música.

— Mas quando descobri que você sabia quem eles eram, e que eles estavam em Green Creek, já era tarde demais.

— Eles estão me chamando, — eu disse, e minha voz soou leve e arejada.

— Eu sei, — disse Gordo com os dentes cerrados. — Ox, você não pode confiar neles. Eles-

— Eu posso, — eu disse apesar de não saber de quem ele queria dizer. — Você não ouve?

Ox Ox Ox Ox. Traga-lhe comida, coelhos, veados. Mostre a ele que podemos fornecer comida porque ele é da Matilha.

— Sim, — disse Gordo. — Mas não como você pode, porque eu não sou matilha. Não mais.

Matilha.

Oh Deus. Matilha.

Eu comecei a correr.

— Ox! — Ele rugiu atrás de mim.

Eu o ignorei. Eu tinha que me aproximar porque meu peito estava quente como se estivesse queimando, minha pele coçando tanto, que eu até pensei que isso me deixaria louco. O vento rugia em meus ouvidos e a nuvem deixou a lua aparecer, e ela brilhava como o dia, e eles *uivavam*. Eles *cantavam*. A música estava *viva* e era tão *vibrante*, e era tudo que eu podia fazer para evitar inclinar minha cabeça para trás e gritar melodias cheias de alma — *Eu ouço você, Eu sei que vocês estão me ouvindo, Eu te amo* — queria cantar para a floresta e a lua, queria cantar para ser ouvido. Meu coração era um

tambor e a batida batia forte no meu peito. Eu pensei que poderia quebrar e as peças caíam entre as árvores e tudo o que restaria seriam pequenos fractais de luz da lua, refletindo os fragmentos que tinham sido o meu todo.

OX OX OX OX OX OX OX

Galhos de árvores batiam no meu rosto. Meus braços. Pequenos lampejos de dor breve antes de a música assumir.

AQUI AQUI AQUI AQUI

Pensei em meu pai dizendo: — *Você vai se dar mal, a maior parte da sua vida.*

NOSSO NOSSO NOSSO NOSSO NOSSO

Pensei em minha mãe rindo: — *Há uma bolha de sabão no seu ouvido.*

CASA CASA CASA

Pensei em Gordo sussurrando: — Você pertence a nós agora, — Eu? Eu realmente?

SIM SIM SIM SIM SIM

Eu pensei em Joe, e era uma *música*, um *concerto* com todos os uivos que estavam *além da linha das árvores* e eu só tinha mais *alguns passos* e eu precisava estar lá, eu precisava ver o que havia para ver-

Eu entrei na clareira.

Eu parei.

Eu caí de joelhos.

Fechei meus olhos.

Cai de novo nos calcanhares dos meus pés.

Virou meu rosto para a lua.

Eles *cantavam*.

E então ecoou.

Eu respirei fundo.

Abri meus olhos.

Na minha frente estava o impossível.

Um lobo branco. Com pintas pretas em seu peito. Pernas e costas.

Seus olhos eram vermelhos brilhantes ao luar.

Era do tamanho de um cavalo, com duas patas do tamanho das minhas mãos. Seu focinho era tão comprido quanto meu braço. Havia uma sugestão de dentes que pareciam espinhos.

Houve movimento por trás, mas eu não conseguia desviar o olhar.

O lobo caminhou em minha direção e eu não conseguia me mexer.

— Isso é um sonho, — eu sussurrei. — Ah deus. Isto é um sonho.

Ele já estava na minha frente. Abaixou a cabeça. Farejou ao longo do meu pescoço, respirações lentas e deliberadas que eram quentes contra a minha pele. Eu pensei que deveria estar com medo, mas não conseguia encontrar uma razão para estar.

O lobo exalou uma longa fungada na minha garganta. Meu cabelo. Minha orelha.

Na minha cabeça, ouvi sussurros de OxMatilhaOxSalvoOxOxOx.

Eu conhecia essa voz. Essas vozes. Eu conhecia todos eles.

Eu estendi a mão. Minhas mãos deslizaram no pêlo macio ao longo do corpo dele.

E então, um respingo frio de algo como realidade. — Ox! — Gritou uma voz atrás de mim.

O lobo rosnou por cima do meu ombro. Um aviso.

— Oh, foda-se Thomas, — disse Gordo. Eu podia ouvi-lo chegando atrás de mim. — Você não sabe de nada. As *alas* estão segurando.

Thomas. Thomas. Thomas. — Thomas? — Eu soei quebrado.

O lobo olhou para mim, os olhos vermelhos. Ele (*ele*) pressionou seu (*seu*) focinho contra a minha testa e *bufou*. — Meu, — eu sufoquei. — Que olhos grandes...

Ele bateu o focinho contra a minha cabeça e eu tomei isso pelo que era.

O lobo (*Thomas Thomas Thomas*) deu alguns passos para trás e sentou-se em suas coxas. Ele se elevava sobre mim, esperando. Por que eu realmente não sabia.

Fiquei parado o olhando e me perguntei se ele iria me comer. Eu esperava que fosse rápido.

O lobo (*THOMAS THOMAS THOMAS*) inclinou a cabeça para mim.

E eu disse: — Então, isso é uma coisa.

Gordo bufou atrás de mim.

— Eu não acho que esteja sonhando, — eu disse.

— Você não está, — disse Gordo.

— OK. Você tem braços brilhantes porque é um mago. — Eu não desviei o olhar do lobo, que bufou de novo, como se eu tivesse dito algo engraçado.

— Bruxo, — disse Gordo. — E eu não tenho *braços brilhantes*.

— Isso é uma mentira, — eu murmurei. — Você brilha como uma lanterna.

— É nisso que você está se concentrando? Você descobre que os Bennetts são lobisomens e você pensa em meus *braços brilhantes*?

— Lobisomens, — eu respirei. — Isso é... Whoa.

O lobo balançou a cabeça, quase como se estivesse se divertindo.

— Jesus Cristo Thomas, — Gordo murmurou. — traga o resto de seus vira-latas até aqui para fazer a sua coisa de farejar a bunda. Vou me certificar de que tudo ainda esteja em espera e segurança.

Thomas rosnou baixo em sua garganta. Seus olhos ficaram vermelhos novamente.

— Sim Sim. Sua merda alfa não funciona em mim. Eu poderia fritar o cabelo da sua bunda em um piscar de olhos. Seu cão pau.

Ele passou por nós e suas tatuagens brilhavam nos braços dele.

Eu olhei de volta para Thomas. — Eu... — não sabia o que dizer.

Ele olhou por cima do ombro e retumbou profundamente em seu peito. Houve um latido alto e depois dois lobos menores, um ligeiramente maior que o outro. Eles esfregaram-se em cima de mim, suas cabeças batendo contra o meu peito e cabeça. O maior era cinza escuro com pequenas manchas pretas e brancas nas patas traseiras. O menor tinha coloração semelhante, mas suas manchas brancas e pretas começaram a aparecer em seu rosto e voltaram para os ombros.

Seus olhos brilhavam em laranja brilhante enquanto a língua deles se arrastava pela minha pele.

— Nojento, — eu disse suavemente.

Eles riram. Não em voz alta, mas eles riram e a familiaridade me fez doer.

— Carter, — eu disse. — Kelly. — Eu soei apenas *estúpido* com franca admiração.

Eles riram de mim novamente e saltaram em minha volta, pulando como se fossem filhotes. Eles morderam minhas roupas e meus dedos e *eu não estava sonhando*.

Toquei suas costas e o luar filtrou em meus dedos em seu pêlo. Eles estavam felizes. De alguma forma, eu sabia que eles estavam felizes. Eu podia sentir na minha cabeça e no meu peito e era tão *brilhante*.

Olhei de volta para Thomas e vi um grande lobo marrom sentado ao seu lado direito, me observando de perto. Ele não estava nem perto do tamanho de Thomas, mas seus olhos continuavam brilhando como o Halloween, todos ardentes e quentes. Ele bufou para mim e vi a curva de um sorriso secreto.

Eu disse: — Mark.

Ele se inclinou e retumbou no fundo de sua garganta, seu nariz deslizando ao longo do meu rosto, a língua arrastando.

— Então, lambar é algo que vocês fazem, — eu disse a eles. — Vocês vão ficar envergonhados depois, e eu não vou lambar vocês agora. — Eu parei, considerando. — Ou provavelmente em tudo.

Nenhum deles parecia se importar. Eu não sabia se eles me entendiam. Eu nem sabia se isso era real.

Gordo voltou e suas tatuagens se acalmaram. Elas ainda estavam iluminadas, mas não parecia tão iluminadas quanto antes. Ele estava pálido e seus olhos pareciam afundados em suas órbitas.

Ele olhou para Thomas e disse: — Não vai demorar. Ele não pode se ligar a nenhum de vocês. Sua amarra não vai afixar. — Então sua voz ficou dura. Acusando. — E eu acho que você já sabia disso.

Um som veio então. Era úmido e estalava e parecia horrível, e houve um gemido de músculo e pele, e pêlos brancos ondularam e recuaram. Levou apenas alguns segundos, mas onde antes havia um lobo, agora estava Thomas. Ele ainda era um animal, ou pelo menos parcialmente, preso entre o homem e o lobo. Seus dedos terminavam em garras negras e seu rosto estava ligeiramente alongado. Havia dentes afiados e os olhos vermelhos.

E ele estava nu, o que só tornou tudo mais surreal.

— Nós sabíamos que isso era uma possibilidade, — ele disse a Gordo, sua voz um estrondo profundo, as palavras ligeiramente ríspidas por causa das presas. *As presas.*

— Como isso é justo para o Ox? — Gordo perguntou amargamente. — Você não deu a ele uma escolha.

— E você fez?

As tatuagens queimaram nos braços de Gordo. — Não é o mesmo e você sabe disso.

— Você não é um garoto estúpido, — Thomas estalou. — Não aja como se fosse. Essas coisas se escolhem. Seu pai, independentemente do motivo, ele se transformou, e te ensinou melhor do que isso.

— Não se *atreva* a trazê-lo para isso. Ox não é...

— Eu estou bem aqui, — eu de alguma forma consegui dizer.

Eles olharam para mim, com surpresa estampada em seus rostos, como se tivessem esquecido que eu estava lá.

E isso me atingiu.

— Joe, — eu disse. — Onde está o Joe?

Carter e Kelly choramingaram ao meu lado, roçando-se contra mim.

Thomas suspirou. — É a primeira mudança dele. Ele não está... Lidando muito bem com isso.

O medo me percorreu. — Onde ele está? — Eu exigi.

Gordo deu um passo à frente. — Ox, você precisa entender. Você *sempre* tem uma escolha. Isso não é definitivo.

— Eu não me importo. Eu não me importo com o que esteja acontecendo. Eu não me importo se estou sonhando ou se estou acordado, ou se eu não pedi por isso. Se existem lobos e bruxos fodidos eu não me importo. *Onde diabos está o Joe?* — Minhas mãos estavam em punhos ao meu lado. Carter e Kelly colocaram as orelhas novamente na cabeça e se abaixaram, tentando se fazer menores.

Thomas disse: — Ele precisa da sua ajuda.

E Gordo disse: — Foda-se isso. Você não pode colocar isso nele.

Mas então Thomas o segurou pela garganta e ele era mais lobo do que homem, embora ainda estivesse em pé. O cabelo branco voltou e as garras se estenderam. Seus dentes eram maiores, como unhas gordas, e o barulho que se derramava dele causou arrepios nos meus braços e pescoço.

— Você está aqui, — Thomas rosnou para ele, — porque eu respeitava o seu pai e o pacto. Ou pelo menos o que ele já foi. Não confunda isso com mais nada. Você não faz as regras por sua própria escolha.

— E ainda assim você me chama para isso? — Gordo retrucou, lutando com o aperto de Thomas. — E eu *vim*. Não sou obrigado por *merda nenhuma e ainda vim*.

— Ele é o meu *filho*. E o próximo alfa. Você mostrará *respeito*.

— Foda-se, — ele ofegou.

E eu disse: — *Pare*.

E eles pararam.

Gordo caiu no chão, sugando o ar.

Thomas respirou pesadamente, olhos vermelhos, rosnando baixo.

E então eu vi. Atrás deles. Na clareira. No luar.

Uma forma escura, enrolada no chão. Um lampejo de luz o envolvia. Verde, talvez. Verde profundo, mas foi embora antes que eu pudesse ter certeza.

Eu passei por Gordo e Thomas. Eu não tinha tempo para eles.

Carter e Kelly estavam ao meu lado, com a língua pendendo de suas bocas. Mark estava atrás de mim, seu nariz pressionando contra minhas costas.

Outro lobo estava deitado no chão, quase tão grande quanto Mark; e eu pensei em *Elizabeth*. Ela era colorida como seus filhos,

cinza e negro e branco. Ela levantou a cabeça para a minha avaliação e seus olhos eram os mesmos, tão bonitos e azuis, e eu me lembrei dela me dizendo como ela tinha terminado sua fase verde. Ela riu e me girou em um círculo, manchas de tinta em suas mãos.

Eles os mesmos olhos agora, mas eu podia ver a tristeza neles.

— Eu não... — Eu balancei a cabeça.

— Ela não pode ouvi-lo, — disse Gordo calmamente atrás de mim. — Há uma *ala* de cura ao redor deles infusa de prata. Bloqueia todos os sons e cheiros. — Houve outro clarão de verde e, à luz da lua, eu pude ver cortes na terra formando um círculo em volta de Elizabeth.

— Eles estão presos? — Fiquei horrorizado.

— Por escolha, — disse Gordo. — É mais seguro para Joe como ele está agora. Bloqueia tudo, exceto a mãe.

Eu dei um passo em direção a Elizabeth, mas Gordo agarrou meu braço, me segurando.

— Você tem que ouvir, — ele disse. — Antes.

— Antes?

Elizabeth não tirava os olhos de mim. Eles brilhavam laranja. Eu não podia ver Joe e minha cabeça doía.

— Nós temos... Nós precisamos de algo. Qualquer coisa. Uma *coisa* que nos mantenha agarrados à nossa humanidade. — O aperto de Gordo se afrouxou no meu braço, mas



Kardia Mou | Wolfsong

ele não me deixou ir completamente. Havia uma qualidade quase elétrica ao toque dele e me perguntei se eram as tatuagens. Ou ele. Ou o que seja que fosse isso. — A magia tira muito de você. Pode te puxar para lugares que você nunca conseguiu entrar. Cantos escuros que são melhores deixados sozinhos.

— E lobos?

— Os lobos precisam disso para lembrá-los de que eles são parte humana também. Especialmente os nascidos lobos. É mais fácil para eles se perderem no animal. E eles se perdem, sem algo para ligá-los ao mundo racional.

Eu disse: — Nada sobre isso é racional, — e minha voz era áspera. Eu senti como se estivesse me inclinando para algo que eu não poderia voltar.

Gordo cortou o pânico. — Joe ficará feroz, Ox. Ele vai ficar feroz se ele não tiver uma *corda*. Geralmente é a matilha ou a família ou uma emoção como o amor e uma sensação de lar. Pode ser raiva e ódio, mas pelo menos é *alguma coisa*. Ele não tem isso agora. Isso não vai acontecer hoje. Ou amanhã ou talvez daqui a um ano. Mas se ele não puder ser amarrado à sua humanidade, então um dia ele se tornará selvagem e nunca mudará de volta. E um lobo sem corda é perigoso. Uma... Decisão teria que ser tomada.

Um flash no escuro, uma lembrança de antes. Sobre amarras. — Mark disse...

Gordo sabia. Ele suspirou. — Sim. Ele sabe. Você é a minha corrente, Ox.

— Quando?

— Quando você completou quinze anos. Quando te dei as camisas.

— Eu não me senti diferente.

Você pertence a nós agora.

— Sim, você se sentiu.

— Foda-se, — eu sussurrei.

— Aconteceu, — ele implorou. — Eu nunca quis...

— Posso ser os dois?

— Ambos?

— Para você e para ele.

— Eu não... Talvez. Se alguém pudesse, seria você.

— Por que eu? Eu não sou nada. Eu não sou ninguém.

Ele apertou meu braço. — Você é maior que qualquer um de nós, Ox. Eu sei que você não vê isso. Eu sei o que você pensa. Mas você é *mais*.

Eu era um homem agora, então afastei a queimadura em meus olhos. — O que eu preciso fazer?

— Tem certeza? — Thomas disse atrás de mim.

Eu só tinha olhos para Elizabeth. Eu podia sentir os lobos ao meu redor, mas não tirei os olhos dela.

— Sim, — Porque era Joe.

— Vai ser rápido, — disse Gordo. — A ala vai cair. Você vai ouvi-lo. Ele está diferente. Não deixe isso assustar você. Ele vai pegar seu perfume. Fale com ele. Deixe-o ouvir sua voz. Ele não se parece com ele agora. OK? Mas ele ainda é o Joe.

— Ok. — Meu coração trovejou no meu peito.

Isso não era um sonho.

— Eu não vou deixar nada acontecer com você, — disse Gordo em voz baixa.

— OK.

— Ox. Você tem uma escolha.

Finalmente, olhei para ele. — E quero fazer isso.

Ele segurou meu olhar, com seus olhos procurando algo. Não sei se ele encontrou o que queria, mas acabou acenando com a cabeça. Ele levantou o braço esquerdo com a palma na direção do céu. Todas as tatuagens em seus braços tinham desaparecido, exceto por uma que era um verde profundo e tom de terra. Apareceram duas linhas acenando em sincronia umas com as outras. Ele esfregou dois dedos sobre elas e murmurou sob sua respiração. O ar ficou estático e meus ouvidos estalaram. Os lobos ao meu redor resmungaram e olhei para Elizabeth.

O círculo se abriu brevemente e depois ficou preto. Maçante e sem vida.

E então eu ouvi.

Rosnados. Rosnados. Pequeno e zangado.

Eu dei um passo em direção a Elizabeth. Eu estendi minha mão.

Ela apertou o focinho contra a palma da minha mão e respirou para dentro e para fora.

E então silêncio.

Mãos esticadas sobre Elizabeth do outro lado. Garras negras.

— Joe, — eu disse baixinho.

E ele se lançou para mim. Antes que eu pudesse me mexer. Antes que eu pudesse pensar. Houve um surto de aviso, rugidos duros. Eu fui derrubado dos meus pés, um peso pesado em cima de mim. Garras cavaram em meus ombros, pequenas picadas que queimavam. Eu vi flashes de dentes, olhos que piscavam laranja e vermelho e azul e verde. Um nariz estava no meu pescoço. Minha bochecha. Inalando-me. Respirando-me

Ele disse: — Ox — e estava baixo, escuro e com raiva.

Ele estava preso entre menino e lobo, como Thomas tinha estado. Thomas estava no controle dele.

Joe não.

Cabelos brancos cresciam e recuavam ao longo de seus braços e rosto. Presas perfuravam suas gengivas, então recuavam. Havia um menino. Então um meio lobo. Então um menino de novo. Ele gemeu e disse: — Ox, dói, dói... — e o resto foi perdido quando seu lobo se aproximou e as palavras se dissolveram em resmungos cuspidos. Seus olhos subiram para as pálpebras e por um momento,

as cores combinaram em algo como *violeta e violência* e as garras no meu peito pressionaram mais forte. Eu estremeci com a dor e ouvi os outros ao meu redor e parecia que eles estavam prestes a afastá-lo de mim e eu não podia deixar isso acontecer. Eu não podia deixar que eles o levassem embora.

Eu disse: — Meu pai foi embora quando eu tinha doze anos.

Todos ficaram quietos.

As garras se afastaram de leve.

— Ele bebeu demais. Eu disse a mim mesmo que nada estava errado, mas estava. Eu acho que ele costumava bater na minha mãe, mas eu não sei se eu vou ter coragem de perguntar a ela. Ela usou um vestido para um piquenique uma vez e acho que ele o rasgou, e se eu descobrir que ele fez, se ele a machucou e eu não soube, então eu o faria sofrer.

Joe choramingou, parecendo aflito.

— Ele colocou a mala na porta e saiu. Ele disse que eu era burro e estúpido e que as pessoas iam me dar merda. Ele me disse que não queria se arrepender de mim e teve que sair. A coisa é, acho que ele já se arrependia. Eu acho que ele se arrependia de cada parte de sua vida. Mas ele estava certo sobre algumas coisas. Eu era burro e fui idiota porque achei que ele voltaria. Pensei que ele voltaria um dia cheirando como sempre, como óleo de motor e graxa e suor, porque esse é o cheiro do meu *pai*.

E foi. Sempre foi assim.

— Mas ele não voltou. E ele não vai voltar. Eu sei. Mas não é porque eu fiz alguma coisa errada. Ele foi o único que estava errado. Ele saiu e nós ficamos e ele estava *errado*. Mas estou bem com isso agora. Eu estou bem ficando para trás porque eu tenho minha mãe. Eu tenho o Gordo e os caras. E eu tenho você. Joe, se eu não tivesse sido deixado para trás, eu não teria você, então você precisa se concentrar, ok? Porque eu não posso ver nada acontecendo com você. Preciso de você aqui comigo, Joe, e não me importa que se você seja um menino ou um lobo. Coisas assim não importam para mim. Você é meu amigo e não posso perder isso. Eu nunca vou me arrepender de você. Nunca.

Foi o máximo que eu já falei de uma só vez. Minha boca estava seca, minha língua grossa. Eu sofria de tudo, de tudo. Ouvi a voz do meu pai na minha cabeça e ele ria de mim. Ele disse que eu não funcionaria. — *Você vai receber merda*, — ele disse.

Eu não sabia quando Gordo se *amarrou* a mim. Não de uma maneira que possa ser definida.

Mas eu sabia o que era agora.

E eu senti. Esse calor no meu peito, através do meu pescoço e braços. Meu rosto e pernas. Como pequenas vibrações de sol através das folhas de uma árvore.

Os lobos ao meu redor começaram a uivar. Sua música rolou sobre mim, e eu pensei que isso iria me separar, mas eu gritei junto com eles, fundindo minha voz com a deles. Tenho certeza de que não

era nada comparado com a canção de um lobo, o grito desprezível de um humano. Mas eu dei tudo o que tinha porque era tudo que eu podia dar.

Os uivos morreram.

O peso levantou do meu peito.

Eu abri meus olhos.

Acima de mim estava um lobo. Ele era menor que os outros. Esguio. E ele era branco puro, nem uma única mancha em todo o corpo. Seus ouvidos se contraíram. Suas narinas se alargaram.

Ele olhou para mim. Seus olhos eram alaranjados, brilhantes e bonitos. Eles se abriram brevemente antes de voltarem ao seu normal azul, e eu sabia que ele estava lá. Eu sabia que ainda era o garotinho que achava que eu cheirava a pinhas e bastões doces. De coisas épicas e incríveis. Tentei não pensar em quantas coisas faziam mais sentido agora, porque ameaçava me sobrecarregar.

Então, em vez disso, eu disse: — Ei, Joe.

E ele inclinou a cabeça para trás e *cantou*.



Eles passaram pela clareira. Nas árvores. E voltavam novamente. Perseguindo um ao outro. Beliscando os calcanhares uns dos outros.

Joe foi desengonçado no começo. Não tenho certeza. Ele tropeçou em seus próprios pés. Caindo de cara no chão. Pegando no ar visões e sons e cheiros.

Ele correu para mim a toda velocidade. Fintou para a esquerda quando me preparei. Saltou alto quando ele voou para mim. Voltou. Esfregou minhas pernas como um gato. Focinho na minha mão.

E então ele foi embora novamente.

Thomas e Elizabeth ficaram perto dele. Eles rosnavam para ele suavemente se ele começasse a ficar super excitado.

Mark sentou ao meu lado, quase tão alto quanto eu. Ele murmurou baixinho para si mesmo enquanto observava Joe.

Carter e Kelly se separaram na floresta. Eu podia ouvi-los atravessando as árvores e os arbustos. Predadores furtivos, aqueles.

E então tudo me atingiu. Tudo caiu sobre meus ombros.

A realidade mudou porque precisava.

Eu inalei bruscamente.

Mark choramingou suavemente ao meu lado.

Gordo disse: — Você está bem? — E eu disse: — *Putá merda!*

Gordo não riu. Eu não esperava isso.

— Eles são fodidos *lobisomens!*

— Sim, Ox.

— E você é um maldito *magô*.

— Eu sou um bruxo, — ele disse com uma carranca.

— *Por que diabos você manteve tudo isso de mim!* — Eu rugi.

Não foi feito para sair assim.

Era para ser razoável. Com calma.

Mas eu estava com medo e irritado e confuso e a realidade estava mudando. As coisas faziam sentido, muito mais sentido agora, mas não faziam. Em absoluto. O mundo não deveria estar cheio de monstros e magia. Era para ser mundano e estragado com pequenos pedaços do tipo *retardado* e *você vai pegar merda, Ox*.

E não era apenas Gordo. Não.

Eram todos eles.

Os lobos. O bruxo. A porra das amarras.

Não me faça me arrepender de você também, meu pai tinha dito, e por alguma razão, tudo o que eu pude pensar era nas partículas de pó em seu quarto, dançando a luz do sol, enquanto eu tocava o bordado *Curtis, Curtis, Curtis*.

Mas isso já foi e eu tinha isso agora.

Porque eu *não* tinha mais doze anos.

Eu era (*não era*) um homem.

Eu *estava* amarrado. Eu *estava*. Eu *estava*. Eu *estava* amarrado, eu tinha duas *amarras*. Santo Deus, as *amarras*, eu podia senti-las *puxando* e...

Gordo estava na minha frente.

De repente, fui *cercado* por lobos. Todos eles.

Eles rosnaram em uníssono quando Gordo agarrou meus braços. Ele os ignorou.

— Ox, — ele disse. — Você precisa respirar. — Ele soou rouco.

— Estou *tentando*. — E saiu estridente e quebrado. E eu não conseguia. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Estava preso em algum lugar entre minha garganta e pulmões. Pequenos lampejos de luz dançavam através da minha visão e meus dedos pareciam entorpecidos.

Um dos lobos choramingou ao meu lado. Eu pensei que era o Joe, e isso não era algo? Que eu já poderia reconhecê-lo como um lobo, mesmo que uma hora atrás eu não soubesse que essas coisas existiam?

Coisas pequenas. A lua.

Matilha e os toques e os cheiros e os uivos profundos na floresta. As noites em família, onde eu não podia seguir, sempre vinham quando a lua era branca e redonda. O lobo de pedra na minha mão. A maneira como eles se moviam. A maneira como eles falavam. O homem mau. O homem mau que levou Joe. Tinha que ser por causa de-

Joe sussurrou: *vou ser um líder um dia*, e não senti orgulho feroz quando ele disse isso pela primeira vez? Eu não *brinquei* com ele, mesmo que eu não tivesse ideia do que significava?

Havia fatos de que eu estava ciente.

Verdades simples.

Meu nome era Oxnard Matheson.

Minha mãe era Maggie Callaway.

Nós morávamos em Green Creek, Oregon.

Meu pai foi embora quando eu tinha doze anos.

Eu não era esperto. Eu era burro como um boi (Ox).

As pessoas me davam merda.

Eu só queria ter um amigo.

Gordo era meu pai-irmão amigo.

Minha mãe gostava de dançar.

KM

Tanner, Chris e Rico eram meus amigos. Nós nos pertencíamos um ao outro.

Os Bennetts eram meus amigos (matilha matilha matilha matilha) e tínhamos o jantar de domingo porque era tradição.

Jessie era minha namorada.

Joe era meu - oh, Joe era *meu* -

Essas eram minhas verdades simples.

E a realidade mudou. A realidade dobrou. A realidade quebrou.

E aqui eu estava no meio de um campo iluminado pela lua, meu pai-irmão-amigo com suas tatuagens que mudavam de cores do que eu pensava existir diante de mim, me sacudindo, gritando, gritando: — *Ox, Ox, Ox, está tudo bem Ox, tudo bem, não tenha medo, eu tenho você.*

E aqui eu fiquei no meio de um campo iluminado pela lua, cercado por lobos (MATILHA MATILHA MARILHA MATILHA) e eles se pressionavam contra mim, e no meu coração secreto, através desses pequenos laços que eu não sabia que estavam lá, eu podia ouvir sussurros de músicas e eles estavam *cantando* para mim.

Elizabeth disse, *em silêncio, Criança Filho Filhote, em silêncio. Não há nada a temer.*

Thomas disse: *Ox, Ox, Ox. Eu sou seu Alfa e você é uma parte do que nos torna completos.*

KM

Carter disse, *não fique triste, Amigo Matilha Irmão, porque não vamos deixar você.*

Kelly disse, *eu não vou deixar nada acontecer com você. Eu estarei ao seu lado.*

Mark disse, *não há mais razão para ficar sozinho. Você nunca estará sozinho.*

E Joe... A canção de Joe foi a mais alta de todas.

Ele disse: *você pertence a mim.*

Quilômetros e quilômetros / sol entre nós

Thomas disse: — Você quer se tornar um lobo?

KM Era o domingo depois da lua cheia. Thomas e eu andávamos pela floresta antes do jantar. Joe tentou nos seguir, mas Thomas mandou que ele voltasse para casa, com os olhos vermelhos, e me perguntei por que nunca tinha visto isso antes. Como eu poderia ter perdido o que deveria ter sido tão óbvio para mim? Joe voltou para a casa, um último olhar rápido para mim.

Ele esperou para perguntar até que estivéssemos longe o suficiente da casa para que os outros não pudessem nos ouvir. Eu aprendi muito sobre os lobos nos últimos dias. Aumento do olfato. Da audição. Eles poderiam se curar. Eles poderiam mudar. Meia transformação/transformação completa. Alfas e Betas e ôegas. Ôegas eram coisas obscuras. Coisas assustadoras. Ferozes e sem suas amarras.

Eu aprendi mais do que jamais pensei ser possível.

E nós andávamos pela floresta novamente. Apenas ele e eu. Ele tocava as árvores de vez em quando, como sempre fazia. Ele respirava profundamente. Eu me perguntava por que.

— Este é o meu território, — ele disse. — Ele me pertence. Está na minha família há muito tempo.

— Sua matilha.

Ele assentiu. — Sim, Ox. Minha matilha. Nossa matilha.

E isso não me aqueceu?

Isso aconteceu.

— Essas árvores, — ele disse. — Estão cheias de magia antiga. Está no meu sangue e ele ressoa e se contorce dentro de mim.

— Mas você foi embora, — eu disse.

Ele suspirou. — Às vezes, há responsabilidades maiores do que em casa. Às vezes, temos que fazer o que for necessário antes de podermos fazer o que desejamos. Mas todo dia que eu estava fora, eu sentia esse lugar. Ele cantava para mim e doía e queimava. Mark voltava para verificar porque eu não podia. Para garantir que o lugar ainda estivesse em pé.

— Por quê?

Ele sorriu para mim. — Porque eu sou o alfa. Não sei se teria sido capaz de sair de novo.

— Até onde vai? Seu território.

— Quilômetros e quilômetros e mais quilômetros. E eu corro toda essa distância, o chão sob meus pés e o ar em meus pulmões. É incrível Ox.

Toquei a árvore mais próxima e tentei sentir o que ele sentia. Meu dedo raspou contra a casca e fechei os olhos. Eu ri de mim mesmo em silêncio. Eu era ridículo. Eu não era nada parecido com eles.

E ele disse: — Você quer se tornar um lobo?

Abri os olhos, porque *havia* algo lá. Havia esses pequenos laços, como cordas, que puxavam minha cabeça e meu coração de forma secreta. Eu não conseguia dar um nome ainda, porque era tão novo, mas estava perto.

Eu poderia chamar de Joe, no entanto. Era fácil.

Eu disse: — Você quer que eu seja um lobo?

Thomas sorriu para mim, cheio e brilhante. — Tantas camadas, — ele murmurou enquanto andávamos através das árvores.

Eu não seria como eles, não completamente. Isso já havia sido explicado para mim. Um humano transformado nunca era. Havia uma diferença entre ser mordido e nascido. Instintos. Eles tiveram suas vidas inteiras. Eu estaria tropeçando como uma criança.

— Haveria diferenças, — eu disse em voz alta.

— Haveria, — ele disse.

— Mas eu seria um Beta.

— Sim. Um dos meus. Eventualmente, um dos de Joe.

— Por que Carter ou Kelly não serão o próximo Alfa?

Ele ajuda: — Eles não nasceram para ser. Joe sim. Ele será um Alfa.

Eu não queria ofendê-lo, mas não conseguia parar as palavras. — Eu teria algo que você não teria. Se eu transformasse.

— Oh? E o que seria?

Eu toquei a árvore novamente. — Eu me lembraria de como era ser humano.

Não havia raiva nele. Ele colocou um braço em volta dos meus ombros e tocou sua bochecha no meu cabelo, esfregando uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez. Eles faziam isso. Eu entendia o motivo agora. Eu era parte deles e eles precisavam colocar o cheiro deles em mim. Era esquisito. E reconfortante. Ele se afastou. — Você lembraria, — ele disse calmamente. — E você seria um bom lobo.

— Minha mãe, — eu disse, desculpando-me, tentando ganhar tempo enquanto tudo girava em torno de mim.

— Cabe a você, — ele disse.

— Ela é matilha?

— Sim, do seu próprio jeito.

— Ela teria que saber.

— Eu confio em você, Ox, — disse ele, e eu fechei meus olhos. O peso de suas palavras não se perdeu em mim. Não com a história de sua família.

— Eu me perderia? —, Perguntei a ele. — A parte de mim que torna *quem sou*?

— Não. Eu não deixaria isso acontecer. Você ainda seria você. Somente...

— Mais? — Eu perguntei amargamente.

— Diferente, — disse ele. — Ox. Ox. Você nunca precisará ser *mais*. De qualquer coisa. Você é perfeito do jeito que é. Humanos

são... *Especiais*. Os membros da matilha que são humanos são reverenciados. Você sempre será protegido. Você sempre será amado.

Uma abelha voou pelas minhas pernas e eu a segui com meus olhos até que ela desapareceu. — Então, por que perguntar?

— Porque você sempre terá uma escolha. Somos definidos pelas escolhas que fazemos. Quando você fizer dezoito anos, se quiser a mordida, eu a darei a você.

Eu olhei para ele. Ele estava me observando de perto. — Eu poderia correr com você, — eu disse timidamente. — Na lua cheia.

Ele riu. — Você vai fazer isso de qualquer maneira. Você pode não ser tão rápido, mas não vamos deixar você ficar para trás.

— Por que você não me contou?

Seu sorriso desapareceu. — Para proteger você.

— De que?

Ele disse: — Há coisas muito maiores lá fora do que você ou eu, Ox. Bom e ruim. O mundo é maior do que você poderia imaginar. Estamos a salvo aqui. Por agora. Mas isso nem sempre pode ser o caso. Este é um lugar de poder. E lugares como esse sempre atraem atenção.

— O que mudou?

— Joe.

Eu desviei o olhar. — Você teria me dito se ele...?

— Sim. Um dia.

E eu deixei assim. — Provavelmente já é hora do jantar, — eu disse. — É tradição.

E seu sorriso voltou.



EU me perguntei se Thomas tinha notado que eu não respondi suas perguntas. Sobre me tornar um lobo. Eu pensei que ele já sabia. Eu achava que ele sabia de tudo.



— EU MANTENHO você ancorado, — eu disse a Gordo não muito tempo depois. Nós estávamos sozinhos na oficina, nos preparando para fechar o dia. Já estava quase na hora de voltar para a escola e esses momentos de tranquilidade que tínhamos ficariam poucos e distantes entre si.

Ele não respondeu de imediato. Eu estava bem com isso.

Eu tranquei as portas da frente e o segui para fora, onde ele fumaria e eu fingiria fumar um também e nós iríamos falar merda por mais dez minutos, como sempre fazíamos antes de irmos para casa.

Ele estava sentado em sua cadeira de jardim, girando o isqueiro nas mãos, cigarro atrás da orelha. Ele estava assistindo um bando de pássaros voando no céu.

— Meu pai, — ele disse.

Eu esperei.

Ele limpou a garganta. — Meu pai, — ele tentou novamente. — Ele... Não um homem muito bom.

Eu queria dizer a ele que tínhamos outra coisa em comum, mas as palavras morreram na minha língua.

KM

— Você não conhece esse mundo, Ox. Ainda não. Se você conhecesse, você saberia o nome do meu pai. Ele era muito poderoso. Ele era forte e corajoso e as pessoas adoravam o chão em que ele caminhava. Inferno, eu também. Mas ele não era um bom homem.

Meu pai tinha sido um grande homem. Eu o achava forte e corajoso, e adorava o chão que ele caminhava. Mas ele nunca foi muito legal.

Mudo como um boi.

Porque eu ia *receber merda*.

— Matilhas como os Bennetts - matilhas antigas com longas histórias - têm sempre um bruxo por perto. É um acordo feito para criar paz e equilíbrio e aumentar o poder do Alfa. Meu pai... Ele era o bruxo de Abel Bennett. O pai de Thomas. A matilha de Bennett era maior então. Mais fortes. Reverenciados e temidos.

— O que aconteceu? — Eu perguntei baixinho.

— Ele perdeu sua ancora, — disse Gordo. Ele riu amargamente.

— Sua mãe?

— Não. Outra mulher. Ela... Isso não importa. Ela morreu. Foi um lobisomem. Meu pai matou muitas pessoas depois disso.

Eu me senti entorpecido.

— Eu tomei o seu lugar, — disse Gordo. — Eu tinha doze anos.

— Gordo-

— Eu não estava pronto, era muita responsabilidade. Eu cometi erros. Meu pai desapareceu. Porra, nem sei se ele ainda está vivo. Mas eu tinha uma casa. Um lugar.

— Gordo?

— O que?

— Eu sou sua ancora.

— Sim.

— Quem era sua corrente antes de mim?

— Não importa. — Ele desviou o olhar.

Mas é claro que sim. — Quanto tempo?

— Jesus Cristo.

— Quanto tempo você ficou sem uma amarra, sem uma ancora?

Eu não achei que ele responderia. Mas então ele disse: — Anos.

— Seu idiota, — eu disse com voz rouca. — Por que você não me perguntou?

— Eu não pensei...

— Nenhuma merda você não pensou. Você poderia ter se machucado.

Ele acendeu o cigarro. Inalou profundamente. Expeliu a fumaça. — Eu tinha isso sob controle.

— Foda-se você e seu controle.

Seus olhos se voltaram para os meus. — Só porque você está nisso agora não significa que você sabe merda alguma, Ox. Não esqueça, eu tive uma *vida — inteira* disso tudo. Você é uma *criança* fodida.

Eu fiquei de pé, a minha altura total. — Uma criança que faz parte da matilha dos Bennett e está ligada a você e Joe.

Ele me observou com uma expressão estranha no rosto. — Merda, — ele falou. — Ox.

— Não. Nunca mais faça isso. Me escutou? Não esconda nada de mim. Nunca mais.

— Ox-

— *Gordo*.

— Jesus, garoto. Você é fodidamente assustador às vezes. Você sabe disso, certo? Tem um pouco de Alfa em você.

Eu não disse nada. Apenas olhei para ele.

Ele suspirou. — Tudo bem.

— Quem era?

A fumaça enrolou em torno de seu rosto e ele disse: — Mark. OK? Era o Mark. Eu o amava. Eu o amava e ele saiu e eu fiquei, e até que eu encontrei você, eu estava perdido no escuro. Você me trouxe de volta, Ox. Você me trouxe de volta e não posso te perder. Eu não posso.



OS outros não sabiam. Tanner. Rico. Chris.

Gordo disse que era melhor assim.

Às vezes eu não achava que Gordo acreditasse em suas próprias mentiras.



A ESCOLA começou. Meu último ano.

A buzina soou do lado de fora.

Eu abri a porta.

O sorriso de Joe era brilhante e ofuscante quando ele acenou para mim do banco de trás.

Ele disse: — Ei, Ox. Agora eu posso ficar como vocês. Hora da escola, sim?



DE VOLTA à floresta, depois de perguntar se eu queria ser um lobo, Thomas disse: — As ancoras são importantes, Ox. Especialmente quando são pessoas. Se fosse uma emoção, teria que ser muito abrangente. E isso geralmente só acontece com a raiva e o ódio, e gira e gira até que a corda que o ancora esteja preta e queimada. Quando a ancora é uma matilha, ela se espalha entre todos os membros, e todo mundo carrega o peso do fardo.

— E se for apenas uma pessoa? — Eu perguntei. Uma brisa soprou meu cabelo e eu fechei meus olhos.

— Se for uma pessoa, — disse Thomas calmamente, — então essa pessoa é tratada como algo precioso. Mas poderá se tornar possessivo. É do jeito que é. É uma das coisas mais importantes que existe para um lobo.

— Qual é a sua força? — Perguntei. Assim que as palavras saíram da minha boca, eu queria pegá-las de volta. Parecia uma questão profundamente pessoal que eu não tinha o direito de perguntar.

Mas ele disse: — Matilha. É sempre a minha matilha. Não os indivíduos, por si só, mas a *ideia* por trás do que significa matilha.

— Família, — eu disse.

— Sim. E muito mais. Pode ser mais difícil quando são indivíduos.

— E se eu estiver amarrado e ancorado a duas pessoas?

Ele franziu a testa. — Vamos ver, não vamos?



HÁ um terceiro irmão Bennet, as pessoas no corredor sussurravam.

Ele parece com os outros.

Por que eles ainda estão com o Ox?



PRECISÁVAMOS de uma mesa de almoço maior.

Ou talvez apenas um banco maior.

Eu estava cercado por Bennetts. Kelly à minha esquerda. Joe à minha direita. Carter do outro lado dele. Eles me levaram para um lado da mesa, e se pressionaram o mais perto que podiam, e Joe falando sobre isso e aquilo e tudo o que ele poderia pensar.

Jessie parecia divertida, sentada à nossa frente. Eu pensei que havia algo mais enterrado naquele sorriso também, mas eu não conseguia descobrir o que era.

Tenho certeza de que qualquer outra pessoa na lanchonete poderia achar uma situação estranha. Nós quatro e ela.

Eu não me importava.

Joe falava e falava e falava. Para mim. Para Carter. Para Kelly.

Nunca para Jessie.

Ele me deu uma fatia de maçã.

Eu dei a ele algumas batatas fritas.

Ele disse baixinho: — Estou feliz por estar aqui. Contigo.

Eu disse: — Eu também.



—VOCÊ o amava? — Perguntei a Mark numa tarde de outono.

— Quem?

— Gordo.

Ele disse: — Não, — e foi embora.

Eu não segui.



Fiz Gordo deixar cair às proteções ao redor da casa e os Bennetts vieram para jantar em nossa casa num domingo.

No começo, ele recusou. — Não é seguro.

Eu disse: — Eu pertencço a uma matilha de lobisomens super protetores que moram na casa ao lado. Tenho certeza de que não poderia estar mais seguro.

— Cristo, — ele murmurou. — Lembra quando você não falava muito? Esses eram os bons e velhos tempos.

Isso dói. Mais do que pensei que seria. Eu não devo ter sido capaz de esconder isso do meu rosto porque ele suspirou e disse: — Ox.

— Sim? — Eu olhei para os meus sapatos. Eu não sabia dizer as melhores coisas ou as coisas mais inteligentes, mas achei que estava melhorando. Eu estava tentando.

Sua mão enrolou na parte de trás do meu pescoço e houve um pulso de *algo* entre nós. Não era tão forte como era com Joe ou a matilha, mas estava lá e era *quente e gentil* e parecia como *casa*. — Sinto muito, — ele disse baixinho.

— Eu sei, — eu disse, tentando ignorá-lo. — Está tudo bem.

Seus dedos se apertaram. — Não, — ele disse. — Não está tudo bem. Ninguém deve fazer você se sentir uma merda. Eu especialmente. É inaceitável.

— Eu sei.

— Eu vou melhorar ok? Eu não sou o melhor, eu sei, mas eu farei o certo por você. Eu juro.

— Eu sei.

Ele apertou meu pescoço e soltou sua mão. — Eu não vou abaixar as proteções, — ele disse. — Não completamente. Eu vou modificá-las, no entanto. Para Joe. Carter e Kelly.

— E o resto da matilha, — eu disse.

Ele desviou o olhar. — Sim, Ox. Os demais também.



NÓS teríamos o jantar de domingo pela primeira vez na minha casa.

Mamãe estava muito nervosa. Ela voava pela cozinha como um passarinho.

Eu perguntei por que, e ela disse: — Eles são tão *extravagantes*. Nós não somos pessoas *extravagantes* Ox.

— Eles não se importam com coisas assim.

— Eu sei.

— Você está bonita, — eu disse. E ela estava. Ela sempre estava. Mesmo quando ela estava cansada. Mesmo quando ela estava triste.

Ela riu e falou: — Silêncio, você. — Ela me deu um pano de prato e me disse para fazer a salada enquanto ela verificava a lasanha.

Joe foi o primeiro a passar pela porta. Seus olhos dispararam ao redor, absorvendo tudo o mais rápido que podia. Seu peito arfava, respirando o mais que podia. Seus olhos estavam arregalados, em êxtase.

— Joe, — disse Thomas, chegando por trás dele. — Calma. Lembre de respirar. — Eu podia ouvir o comando em sua voz, que enviou arrepios ao longo da minha pele. Agora era mais fácil ouvi-lo pelo que era. O Alfa. Eu não era um lobo, mas eu ainda queria mostrar meu pescoço para ele.

— É muito, — Joe disse baixinho, tentando diminuir a respiração. — Tudo de uma vez.

Eu não entendi, mas achei que não deveria.

Elizabeth entrou, seguida por Carter, Kelly e Mark. Mamãe tagarelava, seus nervos aparecendo na cadência de cima para baixo de sua voz. Ou ela não percebeu ou escolheu não questionar quando os Bennetts tocaram quase tudo à vista, arrastando as mãos ao longo do sofá. A mesa da sala de jantar. As cadeiras. As cortinas. Carter e Kelly se espreguiçaram ao lado das cadeiras, espalhando-se o quanto possível.

Eu sabia o que eles estavam fazendo. Eles estavam fazendo este lugar cheirar como eles. Como matilha.

Aromas eram importantes. Eles não queriam que fosse apenas eu e mamãe. Eles precisavam ser misturados também.

Eu abracei cada um deles por sua vez. Carter e Kelly esfregaram os narizes no meu pescoço.

Joe pegou minha mão. — Seu quarto, — disse ele. — Eu quero ver o seu quarto.

Ele me puxou pelas escadas sem esperar por uma resposta. Eu não precisava dizer a ele para onde ir. Ele esticou a outra mão e deixou os dedos deslizarem pelas paredes, a cabeça correndo de um lado para o outro. Ele rosnou baixo por um breve momento e sua mão apertou na minha. Eu não perguntei o que era. Eu não sabia se queria saber.

Mas então nós estávamos no meu quarto e ele estava acabado. Ele não ficava em um lugar por mais de um segundo, e ele tocava tudo o que ele poderia colocar suas mãos.

Ele murmurou para si mesmo, dizendo: — É forte aqui, tão forte, forte, forte — e — eu posso encobrir tudo, eu posso fazer isso ir embora — e — *meu, meu, meu*.

Eu p deixei. Eu o deixei fazer o que ele precisava fazer.

E então ele parou na frente da minha mesa. Com uma respiração afiada.

— Joe? — Eu perguntei, dando um passo da porta.

— Você manteve?

— O que?

Ele não se virou. Eu fiquei atrás dele. Ele estava ficando mais alto. O topo de sua cabeça alcançou o meio do meu peito. Eu senti uma pontada de algo agriçoce. Eu não sabia por quê.

E então eu vi o que ele estava olhando.

O pequeno lobo feito de pedra.

Eu estava confuso. — Sim. Por que eu não faria?

— Ox, — ele disse em uma voz embargada. Eu olhei para baixo. Suas mãos estavam se enrolando na mesa, deixando pequenas marcas de garras, marcando a madeira. Seus olhos brilhavam laranja e eu disse: — Ei. — Eu coloquei minha mão em seu ombro e estava lá de novo, o calor, como tinha sido com Gordo. Mas com Gordo parecia como um fogo quente, então a pulsação, o *puxão* com Joe parecia o sol.

Ele suspirou e as garras se afastaram e retraíram.

— Eu gosto do seu quarto, — ele disse baixinho. — É como eu pensei que seria. Desordenado e limpo.

— Pinhas e bastões doces? — Eu perguntei a ele.

Ele sorriu. — E coisas épicas e incríveis.

Ele tocou o lobo de pedra uma vez. Apenas a pontinha do dedo na cabeça dolobo, e aquele sol entre nós queimou muito, de forma muito brilhante.

Uma coisa de lobo / estamos sozinhos

Eles treinavam. Os lobisomens. A matilha.

Eles entravam e saiam das árvores de forma rápida e silenciosa.

Eles me seguiam pela floresta enquanto eu tentava jogá-los para fora da minha trilha.

Thomas dizia: — Ataquem, — e suas garras saiam e eles corriam para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo.

Eu perguntei a ele uma vez porque nós treinamos.

— Temos que estar prontos, — ele disse.

— Para quê?

Ele colocou a mão no meu ombro. — Para proteger o que é nosso.

— De que?

— De qualquer coisa que poderia machucar nossa matilha ou atacar o nosso território. — Seus olhos brilharam vermelhos.

Um calafrio desceu pela minha espinha.

Eu treinei mais forte.



— FELIZ natal, Ox. — Joe sorriu quando eu o abracei, meu queixo no topo de sua cabeça.



— VOCÊ está diferente, — disse Gordo, dando uma tragada no cigarro.

— Oh?

— Você se move de forma diferente, — ele esclareceu.

— Talvez eu esteja apenas crescendo.

— É mais... Como confiança. Você se mantém mais ereto.

— É uma coisa de lobo.

— Você não é um lobo.

— Bem perto de ser um.

Seus olhos se estreitaram. — Ele fez isso, não foi?

— O que?

— Thomas. Ele te ofereceu a mordida.

Eu ouvi Rico gargalhar alto dentro da oficina. Tanner e Chris gritaram algo em troca. — Sim, — eu disse.

— Ox, — ele avisou.

— Minha decisão, — eu disse. — Ele não fará isso até eu completar dezoito anos, mas ainda é a minha decisão.

— Apenas... Foda-se. — Gordo estava chateado. — Pense nas consequências. Você será caçado. Para o resto de sua vida. Existem coisas por aí. Monstros e pessoas que querem nada mais do que a sua cabeça em uma lança.

— Porque eu seria um lobo? — Perguntei. — Ou porque eu já faço parte de uma matilha.

— Merda, — ele murmurou.

— Ou talvez porque eu estou ancorado a um bruxo.

— Eu disse a você-

— Eu não sou mais uma criança, Gordo.

Sua voz falhou quando ele disse: — Mas você é tudo que eu tenho.

— Bom, — eu disse. — Então, você sabe que eu nunca vou deixar você. A partir disso.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Você recusou, — eu disse, soltando um palpite. — A mordida. Você disse que não.

Seus olhos se abriram devagar. — Foi à decisão mais fácil que eu já tive que fazer.

Nós dois sabíamos que isso era mentira.

Eu não disse a ele que decidi permanecer humano.

Por agora.



MAMÃE disse: — Jessie veio no restaurante hoje.

Eu olhei de volta para o meu dever de matemática. Eu achava que estava fazendo errado.

— Ela disse que ela realmente não tinha visto você por alguns dias.

— Estive ocupado, — eu murmurei. — Dever de casa. Trabalho. — *Lua cheia com lobisomens.*

— As prioridades, Ox são coisas boas de ter, mas não se esqueça das coisas boas.

Correr com os lobos era a melhor coisa.



SENTI um raio negro no sol entre Joe e eu.

Eu levantei minha cabeça da mesa na aula de história.

Eu estava de pé e fora da porta da sala de aula antes mesmo de saber que estava me movendo.

Eu pensei, *JoeSeguroJoeEncontrarJoe.*

Dois outros, breves raios de luz.

Carter e Kelly e eu pensamos, *matilha.*

Havia raiva no sol. Estava contido, mas ia quebrar.

Eu sabia, embora não soubesse como.

Uma sala fechada. Entrada.

Eu abri a porta.

Joe, pressionado contra a parede. Sua bolsa a seus pés, rasgada e aberta. Lápis e papéis pelo chão.

Três caras ao redor dele. Um o segurava contra a parede, o antebraço pressionado contra o pescoço. Eu os reconheci vagamente através da neblina vermelha. Estudantes do segundo ano. Idiotas.

Joe não estava com medo. Pelo menos não completamente. Jurava que podia ouvir a batida rápida, mas constante de seu coração.

Mas ele não estava lutando de volta, porque ele sabia que estava prestes a desmaiar.

Então ele me viu.

Seus olhos se arregalaram.

E o sol explodiu.

Eu peguei primeiro aquele que o segurava contra a parede. O agarrei pela nuca e o puxei para longe. Ele disse: — O que- — e então ele não conseguiu falar porque ele estava no chão, com o joelho no peito, as mãos ao redor da garganta. Seus olhos se arregalaram quando eu rosnei e mostrei meus dentes em sua direção.

Os outros dois agarraram-me pelos ombros e braços para tentar me puxar, mas me lembrei do meu treino e Thomas dizendo: *mantenha a calma e mantenha o controle.*

Eu deixei eles me puxarem. Eu usei o impulso e trouxe meu joelho para o estômago do cara à minha direita e dei uma cotovelada

no cara à minha esquerda. Um se inclinou, lutando para respirar. O outro gritou, e vi um clarão de carmesim entre os dedos. Eu recuei, empurrando Joe atrás de mim. Suas mãos seguraram minha camisa e ele pressionou sua testa nas minhas costas.

Carter e Kelly irromperam na sala, os olhos brilhando. Eles inspecionaram o ambiente. Algo se instalou em mim quando eles pareciam satisfeitos com o que encontraram. Não estavam surpresos. Satisfeitos, como se soubessem que eu poderia lidar com isso.

— Então, — disse Carter. — Seus nomes.

— Foda-se, — disse o cara com o nariz sangrando.

— Resposta errada, — eu disse enquanto Kelly se aproximava dele.

— Nomes! — Carter estalou.

Nariz de sangue disse: — Henry.

O cara com as mãos no estômago disse: — Tyler.

O cara ainda no chão disse: — Vá para o inferno.

Carter pegou-o pela garganta e segurou-o. Seus pés deixaram o chão enquanto ele chutava.

Carter estava perto, mas ele ainda estava no controle. — Seu. Nome.

— Dex, — o cara sufocou.

— Você conseguiu? — Carter perguntou a Kelly.

Kelly assentiu enquanto ele respirava. — Tyler e Dex. Eu os peguei.

— Se você *alguma vez* chegar perto de meu irmão de novo, eu vou te matar, — disse Carter. — Cada um de vocês. E se eu não puder, Kelly vai. E se *ele* não puder, Deus te ajude quando o Ox colocar as mãos em você. — Ele jogou Dex no chão. Dex gritou quando ele caiu de lado. Carter e Kelly passaram por ele. Os outros dois se afastaram deles. Eles vieram e ficaram ao meu lado, bloqueando Joe. Kelly colocou a mão no meu braço. O ombro de Carter pressionou contra o meu.

Henry foi o primeiro a correr. Então Tyler. Dex zombou, mas foi um desprezo covarde gaguejado e quebrado. Ele correu também.

Eu queimava como o sol.



O DIRETOR olhava para nós. Eu. Minha mãe. Todos os Bennetts. — Cinco dias de suspensão, — ele disse.

Carter, Kelly e eu não dissemos nada, como havíamos sido instruídos.

— Cinco dias? — Disse minha mãe. — E os três que começaram isso?

— Eles estão sendo tratados, — disse o Diretor. Eu podia ver a fina camada de suor em sua testa.

— Eles estão? — Disse Elizabeth. — Eu deveria esperar que sim. Depois que prenderam meu filho de doze anos na parede.

— E o Ox quebrou o nariz de um garoto! — Disse o diretor. — Ele tem sorte que nenhuma acusação está sendo feita contra ele.

— Sim, — disse Elizabeth. — Muita sorte. Embora se não *tivesse* acontecido isso, tenho certeza de que ele não precisaria ter *essa sorte*.

O Diretor enxugou a testa.

— Mark? — Thomas disse em um tom claro.

— Sim?

— Quanto dinheiro nós devemos doar para o distrito escolar de Green Creek este ano?

— Vinte e cinco mil dólares.

— Ah. Obrigado Mark.

—Essa doação é muito bem-vinda. Agora, senhor Bennett, — disse o Diretor. — Tenho certeza que podemos—

— Eu terminei de falar com você, — disse Thomas. — Sua presença me incomoda. Vamos sair. É hora de partir.



THOMAS E Elizabeth me levaram para longe dos outros.

— Você protegeu um dos seus, — disse Thomas, os olhos vermelhos. — Eu estou tão orgulhoso de você.

Ele era o meu Alfa e minha pele vibrava com suas palavras. Inclinei a cabeça para trás, mostrando minha garganta para ele. Ele estendeu a mão e tocou meu pescoço suavemente.

Elizabeth me segurou bem perto.



A SUSPENSÃO foi interrompida de repente e sem aviso prévio.

— Eu poderia me controlar, — resmungou Joe enquanto descíamos a estrada de terra.

— Eu sei, — eu disse.

— Eu poderia ter levado todos para baixo.

— Eu sei.

— Eu não sou uma criança pequena.

Eu disse: — Eu sei.

Ele franziu o cenho. — Diga outra coisa.

— Estou feliz que eu consegui protegê-lo, — eu disse honestamente. — E eu sempre irei.

Ele olhou para mim com aqueles grandes olhos azuis. Então ele corou. Começou em sua garganta e subiu por seu rosto. Ele

desviou o olhar. Chutou a sujeira. Eu esperei até que ele pudesse se decidir.

Eventualmente, ele agarrou minha mão e continuamos na estrada.



— OUTRO argumento.

— Eles são minha *família*, — eu rebati.

O rosto de Jessie estava vermelho, os olhos brilhantes. — Eu entendo, — disse ela. Sua voz era dura. — Mesmo que eu não entenda completamente o estranho fascínio deles por você.

— Não é estranho.

— Ox, — ela disse. — É meio estranho. Tipo, eles são algum tipo de culto ou o quê?

— Pare com isso, Jessie. Você não pode falar sobre eles assim. Eles nunca tiveram uma única coisa ruim a dizer sobre você, então não fale sobre eles desse jeito.

— Exceto Joe, — ela murmurou.

— O que?

Ela saiu do seu lugar na minha cama. — Eu disse, exceto por Joe. *Ele* não gosta de mim.

Eu ri. — Isso não é verdade.

— Ox. É verdade. Por que você não consegue ver? Por que você é tão cego quando se trata dele?

— O deixe fora disso, — eu disse, e minha voz começou a subir.

Ela ficou frustrada. — Só estou pedindo para fazer parte da sua vida, Ox. Você me deixa louca. Você mantém as coisas de mim. Eu sei que algo está acontecendo. Por que você não pode confiar em mim?

Eu disse: — Eu confio, — embora quase parecesse uma mentira.

Ela sorriu, mas não chegou aos olhos dela.



APÓS o Dia de Ação de Graças, mamãe me mandou uma mensagem, pedindo que eu fosse direto para casa depois do trabalho.

A casa parecia diferente quando entrei. E fui atingido no peito. Havia raiva. Tristeza. Mas alívio. Tanto alívio. Tinha que ser uma coisa de matilha. Eu nunca senti as emoções na casa antes. Eu não era um lobo, mas também não era *apenas* humano. Eu era algo mais.

Quase senti vontade de ver cores.

A raiva era violeta, pesada e enjoativa.

A tristeza era de um azul cintilante. Ela vibrava ao longo das bordas de tom violeta.

O alívio era verde, e me perguntei se era isso que Elizabeth sentia em sua fase verde. *Alívio*.

Mamãe estava na mesa. Seu rosto estava seco, mas seus olhos estavam vermelhos. Ela chorou, mas tinha passado e eu sabia que não era mais normal quando eu de alguma forma sabia exatamente o que ela ia dizer antes que ela dissesse.

Mas eu permiti que ela dissesse isso de qualquer maneira.

Eu devia isso a ela.

— Ox, — ela disse, — eu preciso que você escute ok? — E então eu disse: — Sim, claro, — e coloquei minha mão sobre a dela. Isso diminuiu a dela completamente, e eu amava essa pequena mulher.

— Nós temos um ao outro, — disse ela.

— Eu sei.

— Somos fortes.

— Nós somos. — Eu sorri.

— Seu pai morreu, — disse ela. — Ele estava bêbado, e ao volante. Bateu em uma árvore.

Então eu disse: — Ok, — mesmo quando meu peito apertou.

— Estou aqui, — disse ela. — Eu sempre vou estar aqui.

Nós dois escolhemos ignorar a mentira porque ninguém poderia prometer isso.

— Onde foi? — Perguntei.

— Nevada.

— Ele não foi muito longe.

— Não, — ela disse. — Eu não acho que ele iria.

— Você está bem? — Eu perguntei, estendendo a mão para escovar meu polegar sobre sua bochecha.

Ela assentiu. Então encolheu os ombros. Seu rosto gaguejou um pouco e ela desviou o olhar.

Eu esperei até que ela pudesse continuar.

— Eu o amava, — ela disse finalmente. — Por muito tempo.

— Eu também. — Eu ainda amava. Ela pode não amá-lo mais, mas eu ainda amava.

— Ele foi gentil. Por um tempo. Um bom homem.

— Sim.

— Ele amava você.

— Sim.

— Apenas nós agora.

E eu disse: — Não, não é.

Ela olhou de volta para mim. — O que você quer dizer? — Uma lágrima caiu em sua bochecha.

— Há mais, — eu disse, e eu estava tremendo.

Ela estava preocupada. — Ox, o que há de errado?

— Nós não estamos sozinhos. Nós temos os Bennetts. Gordo. Eles são...

— Ox?

Eu respirei fundo e deixei sair devagar. Eu não podia deixá-la pensar que estávamos sozinhos. Não mais. Não quando não precisávamos estar. — Eu vou te mostrar uma coisa. Você tem que confiar em mim. Eu nunca vou deixar nada te machucar. Eu sempre vou te proteger. Eu vou manter você segura.

Ela estava chorando agora. — Ox-

— Você confia em mim? — Perguntei.

— Sim. Sim. Sim. Claro. — Foi quebrado com pequenos suspiros.

— Nós nunca precisamos dele. Nós sobrevivemos.

— Nós sobrevivemos? *Nós conseguimos?*

Tomei-a pela mão e puxei-a para cima. Envolvi meus braços ao redor de seus ombros. Levei-a para a porta da frente. Estava frio lá fora, então me mantive perto. Eu estava mais quente do que ela.

— Não tenha medo, — eu disse a ela. — Nunca tenha medo.

Ela olhou para mim, tantas perguntas em seus olhos.

Então eu olhei para o céu noturno, minha cabeça inclinada para trás.

E eu cantei.

Não foi tão bom quanto os lobos. Nunca seria, porque independentemente do que eu era, eu estava mais perto do lado humano do que qualquer outra coisa. Thomas tinha me contado tanto quando me ensinava na floresta. Mas foi forte, aquele uivo,

mesmo quando minha voz falhou. Eu coloquei tudo que pude nisso. Minha raiva violeta. Minha tristeza azul. Meu alívio verde, meu alívio verde por ele ter ido embora, ido embora, e eu nunca tive que me perguntar sobre ele novamente. Não haveria mais: *E se*. Não haveria mais *indiferença*. Não haveria mais sofrimento porque não estávamos sozinhos. Meu pai tinha dito que eu ia receber merda, mas foda-se ele. Maldito seja ele. Eu o amava tanto.

Eu coloquei tudo nessa música.

E mesmo antes do eco ter morrido através das árvores, veio um uivo de resposta da casa no final da rua.

Joe

E depois outro. Carter.

E kelly. E Mark. E Elizabeth

Thomas foi o mais alto de todos. O chamado do Alfa.

Eles ouviram minha música e cantaram em retorno.

— Oh meu deus, — minha mãe sussurrou e se apertou ainda mais em mim.

Houve um acidente de carro longe. O bater de patas e garras nas folhas cobertas de gelo.

Violeta era raiva.

Azul era tristeza.

Verde era alívio.

E através das árvores vieram os tons cinza e laranja. O piscar de vermelho. As cores da familiaridade e da família e do lar.

Eu podia ouvi-los em mim e eles diziam, *estamos aqui IrmãoFilhoAmigoAmor. Estamos aqui e somos matilha e somos seus e nada vai mudar isso.*

Minha mãe choramingou ao meu lado, me abraçando com força. Ela estava tremendo.

Eu disse: — Eles nunca machucariam você.

Ela disse: — Como você sabe? — Ela parecia bastante ofegante.

— Porque somos matilha. — Eu me afastei dela, calando-a gentilmente enquanto ela tentava me segurar. — Está tudo bem, — eu disse. — Está tudo bem.

Eu não afastava o olhar dela. Eu andei de volta pelos degraus da varanda, devagar para não escorregar no gelo. Minha respiração se espalhou ao meu redor em baforadas de branco. Estava frio, mas no momento em que pisei no chão congelado, eu estava cercado pelo calor. Os lobos roçaram contra mim, uivando animadamente, beliscando meus dedos, mãos e braços. Joe pulou em suas patas traseiras, patas nos meus ombros. Ele lambeu meu rosto e eu ri e ri.

Thomas ficou sentado, esperando. Eventualmente, ele deu um grunhido baixo. Os outros pararam de se mover ao meu redor e se afastaram. Quando ele se levantou, ouvi minha mãe arfar.

Seus passos eram lentos e deliberados. Ele veio ao meu lado e colocou a cabeça no meu ombro, envolvendo seu pescoço ao redor do meu, seu nariz correndo ao longo da minha pele e cabelo. Um

estrondo veio de seu peito, quieto e satisfeito. Foi a primeira vez que os chamei sozinho. Ele estava orgulhoso de mim.

Eu estava a sete meses de completar dezoito anos, mas ainda não devia ser um homem porque tive que piscar com as lágrimas. — Meu pai morreu, — eu sussurrei para ele. Joe choramingou, mas não se aproximou. — Ela acha que estamos sozinhos.

O estrondo em seu peito cresceu mais alto, e através dos laços que se estendiam entre todos nós, eu ouvi *silêncio, nunca, nunca sozinho, aqui estamos, não chore Filho Matilha, não chore, nunca sozinho*.

Eu coloquei minhas mãos em seu pelo e segurei firme. Ele me permitiu os momentos de luto, porque ele sabia que tudo que eu precisava eram esses momentos.

E passou, como costuma acontecer essas coisas.

Ele lambeu as lágrimas do meu rosto e eu ri baixinho.

Ele colocou a testa contra a minha e eu disse: — Tudo bem. Eu estou bem agora. Obrigado.

Thomas se virou para minha mãe. Ela soltou um pequeno ruído sufocado e deu um passo para trás, tremendo.

Eu disse: — Tudo bem.

Ela disse: — Isso é um sonho.

E eu disse: — não.

— Ox, — ela chorou. — O que é isso!



Kardia Mou | Wolfson

Thomas ficou na frente dela, inclinou a cabeça. Ele pressionou o nariz contra sua testa, e ela disse: — *Oh.* —

KM



Lutar por mim / família é tudo

MINHA mãe disse: — Que mundo estranho esse em que vivemos. — E então ela riu.

E então ela chorou.

A matilha se amontoou ao redor dela até o sol nascer na manhã seguinte.

Os dias seguiram em frente.



— A MÃE sabe, — eu disse.

Gordo fechou os olhos. Eu podia sentir o vínculo entre nós enquanto ele lutava para controlar sua raiva. Violeta com reflexos de azul. Misturado com ouro, e eu empurrei até que percebi que era ciúme. As cores agudas desbotaram quando ele soltou a respiração.

— É a sua matilha, — ele disse com o rosto branco e a voz indiferente.

Minha própria cor violeta pulsava. — Papai morreu.

Azul, azul, azul. — Ox. Eu sinto muito.

E então seus braços estavam em mim e eu era sua corrente, e pensei que ele poderia ser parte da minha.



POUCO antes do meu aniversário, Jessie me beijou no meu quarto. Ela se apertou contra mim até que eu dei um passo para trás, minhas pernas batendo na minha cama.

Eu me sentei.

Ela montou meu colo.

Eu hesitei silenciosamente e pensei na lua cheia naquela noite. Mamãe ia conosco pela primeira vez, só para ver.

Jessie disse: — Acho que devemos nos separar.

Eu disse: — Ok.

Silêncio.

Ela se afastou de mim e se levantou. — Ox. — Seus olhos se estreitaram.

— O que é?

— É isso? É tudo o que você tem a dizer?

Eu estava confuso. — Você disse isso!

Ela revirou os olhos. — Você deveria *lutar* por mim.

— Oh-

— Ox.

— O que?

— Você quer lutar por mim?

— Jessie, — eu disse. — Por que você está fazendo isso? —
Estendi a mão para o nosso vínculo, para ver quais eram suas cores,
mas depois me lembrei que não havia qualquer vínculo, e me senti
um pouco triste.

Ela andou na minha frente. — Você nunca mais está aqui.

— Aqui? Eu estou sempre aqui. Esta é minha casa. Meu
quarto.

— Não. *Aqui*. Como você e eu! *Aqui*. *Eu* venho te ver. *Se* você
se lembra de me ligar de volta. *Se* você se lembra de me mandar uma
mensagem. *Se, se, se*, porque você está sempre *distraído*. Você
nunca está *presente*. É como se você não se importasse muito e eu
não mereço isso. Ox, não sei.

Ela estava certa. Ela não pertencia. Eu disse isso a ela.

— Então *conserte*, — ela disse.

E eu disse: — Eu não posso. — Ela ouviu o que eu quis dizer.

Eu não vou.

Ela deu um passo para trás e me perguntei o que ela viu
quando olhou para mim. Se eu mudei. Se eu me tornei algo
diferente. Alguns dias eu ainda me sentia como o mesmo Ox. Outros
dias eu me senti como se estivesse uivando uma música para agitar
as árvores.

— Por quê? — Ela perguntou.

— Olha Jessie, — eu disse. Minha voz era uniforme, mas sentia meu coração quebrar apenas uma lasca. — Eu tenho... Coisas para fazer. — Eu nunca fui bom com as palavras, e elas estavam me falhando agora. Eu lutei e me apeguei à primeira coisa que me veio à mente. — Prioridades. Eu tenho prioridades.

— E eu não sou uma delas, — ela disse.

— Não, — eu disse, porque isso não estava certo. — Você é. — Mas não estava certo também. Era horrível. — Merda, — eu murmurei.

KM — Eu te amo, Ox — disse Jessie. — Você não consegue ver isso?

Eu poderia. E eu também a amava. À minha maneira. — Você está indo embora, — eu disse em seu lugar. — Em apenas alguns meses. Vai atravessar o país para a faculdade.

— Sim. Eu sou. E nós íamos *tentar*.

— Talvez não devêssemos.

Ela balançou a cabeça. — Por quê?

— Porque eu não posso te dar o que você precisa. E não é justo.

— É por causa de Joe, não é? É por causa daquela pequena merda...

Eu fiquei de pé. Rapidamente. Eu disse: — *Não!*

Seus olhos se arregalaram. Seu lábio tremeu. E ela disse: — Sinto muito. Isso não é... Eu não sei por que eu disse isso.

— Isso é entre nós, — eu disse. — O deixe fora disso.
Eventualmente, ela foi embora.



— EU posso sentir o cheiro, — Joe disse baixinho. Nós nos
sentamos na varanda e observamos o sol. — Você está triste.

Eu disse: — Sim, — porque eu estava.

— Você quer falar sobre isso?

Eu balancei a cabeça. — Ainda não.

Ele deitou a cabeça no meu ombro e disse: — Ok.

Mais tarde, depois que o sol se pôs e as estrelas surgiram no
céu, ele disse: — Eu nunca vou deixar você.



CHRIS disse: — Seu bastardo. Jessie está com o coração
partido. Foda-se, Ox.

Gordo chamou-o de idiota.

Tanner disse que o amor era difícil.

Rico disse que eu era um destruidor de corações.

Chris não falou comigo por três dias.

No quarto dia, ele veio até mim, parecendo nervoso.

Eu não suportava isso, então eu o abracei.

Ele me abraçou de volta. Ele disse: — Eu senti sua falta. Eu sou um idiota Você me perdoa?

Eu disse: — Claro, — e ele sorriu e me comprou um sanduíche na lanchonete.

Ele não disse nada sobre Jessie. Mas nem eu também



EU fiz dezoito anos. Thomas não perguntou se eu queria a mordida. Eu não pedi a ele para me dar.



GREEN CREEK era pequena. Nossa turma de formandos tinha apenas trinta e quatro pessoas.

Mas você teria pensado que era uma multidão aos milhares pela maneira como todos nós gritamos quando Carter atravessou o palco.

Ele sorriu e piscou quando aceitou seu diploma.

Mais tarde, eles disseram: — Oxnard Matheson, — e o rugido que se seguiu tirou o fôlego do meu peito. Os Bennetts. Minha

mãe. Gordo e os caras. Eles gritaram e uivaram. Você teria pensado que eu realizei a maior coisa conhecida pela humanidade.

Eu serei honesto. Eu não estava esperando por isso. Doeu, mas de um jeito bom.

Às vezes, a dor pode ser boa.



CARTER disse: — Eu não vou longe. Eugene fica a apenas algumas horas de distância.

— Não vai ser ruim, — disse Kelly.

— Vamos nos ver o tempo todo, — disse Joe.

Eu disse: — Essa porra é uma merda.

— Sim, — eles suspiraram.

Nós nos deitamos na grama observando as estrelas acima de nós. Nós éramos todos ângulos e paralelos, estendidos e nos tocando de alguma forma. Joe estava com a cabeça no meu peito, e as pernas afastadas de mim. As pernas pesadas de Carter estavam sobre as minhas. Kelly estava com a cabeça no meu ombro.

Eu me sentia quente. E seguro. E triste.

— Vai ficar tudo bem, — disse Carter. — Eu prometo.

— E se você não voltar? — Joe perguntou com uma voz miúda. Eu esfreguei minhas mãos pelos cabelos dele.

— Eu vou, — disse Carter. — Você vai ser meu Alfa. Claro que vou voltar para você. E para Kelly e Ox. Somos uma matilha. Um dia você nos guiará.

— Mas eu não sei como, — disse Joe. — Eu acho que não vou ser muito bom nisso.

— Você será o melhor, — eu disse a ele. — O melhor Alfa que já viveu.

Ele e Carter e Kelly riram.

Eles pensavam que eu estava brincando. Ox bobo.

Mas eu acreditava nisso com todo o meu coração.



THOMAS levava Joe para a floresta às vezes. Eles ficavam longe por horas. Eu nunca perguntei sobre o que eles conversavam ou o que eles faziam porque eu percebi que era entre os dois. Não era da minha conta.

Até que Thomas dissesse o contrário.

Ele me mandou ao encontro no meio do verão. Carter apareceu na oficina, olhos brilhantes com algo que eu não conseguia localizar. Parecia com fios vivos sinuosos debaixo de sua pele. Se eu não soubesse melhor, teria pensado que ele estava perdendo o controle.

— Papi, — gritou Rico. — O menino amante está aqui. Dê um tempo. Dez minutos devem ser suficientes.

Chris e Tanner assobiaram e gritaram para mim enquanto eu revirava os olhos.

Gordo estava na porta do escritório com os braços cruzados, e os olhos me seguindo enquanto eu andava pela oficina. Isso era diferente, e ele também sabia disso. Ele não era da matilha, mas ele podia sentir. E os lobos nunca vinham aqui. As proteções os mantinham afastados. Gordo era um idiota, mas eu não conhecia a história dele. Não completamente. Eu tentei não culpá-lo.

E lá estava Carter, nervoso, com os olhos cor de laranja.

Eu perguntei: — Está tudo bem?

E ele disse: — O Alfa quer você esta noite, — com uma voz cheia de cascalho, como se seu lobo estivesse explodindo em sua garganta.

Eu queria perguntar *por que* e questionar tudo, mas eu sabia melhor. Essa era uma *mensagem*.

Eu passei meus braços ao redor de Carter e ele choramingou na parte de trás de sua garganta, seu nariz na curva do meu pescoço.

Eventualmente, ele parou de tremer.

— Ok? — Eu sussurrei em seu ouvido.

Ele assentiu e se afastou. — Eu vou ficar por aqui, — ele disse em sua voz normal. — Vou dar-lhe uma carona para casa.

Voltei para a oficina. — O que foi? — Perguntou Gordo.

Eu disse: — Cuide dos seus negócios — e voltei a trabalhar.

Carter não falou muito no caminho de volta para casa. Apenas pequenas coisas sobre a faculdade e as meninas, e então eu disse algo que eu estava pensando há muito tempo: — Tem esse cara que aparece no trabalho. Eu pensei que ele era atraente. Eu dou uma olhada nos caras às vezes. — E saiu rápido porque essa foi a primeira vez que eu disse isso em voz alta. Parecia um alívio. E terror.

Carter não disse nada por um minuto. E então ele disse: — Oh. OK. Você lambeu as bolas dele?

Eu ri tanto que achei que ia morrer. Carter estava rindo junto comigo.

Ele disse: — Você sabe que eu não dou à mínima, certo? Tipo, de todas as coisas do mundo para surtar, essa não é uma das menores?

Eu disse: — Sim, Carter. Eu sei. — Meu coração estava batendo forte.

— Ei. Acalme-se, Ox.

Lobisomens idiotas. — Eu vou.

— Eu sou o primeiro que você contou?

— Sim.

Ele sorriu. — Eu estalei sua cereja gay! — Ele franziu a testa. — Espere.

— Meu Deus.

— Isso não foi o que eu quis dizer.

— Meu Deus.

— Eu estalei sua cereja de sair do armário. — Ele fez uma careta quando parou na luz vermelha. — Isso não soou melhor.

— Meu Deus.

— Você já beijou um cara?

Eu corei. — Não.

Antes que eu pudesse reagir, ele se inclinou e deu um beijo duro em meus lábios, afastando-se com um baque alto. — Não, você já.

— Meu Deus.

— Você parece muito com Joe.

— Isso foi como beijar meu irmão, — eu disse.

— Foda-se, Oxnard, — ele disse com um sorriso fácil. — Você tem sorte de eu ser hetero, ou eu teria o pegado há muito tempo. — Ele cheirou o ar e teve a audácia de parecer ofendido. — Sério isso? Você não está excitado? Em *tudo*?

— Minha vida, — eu gemi.

— Eu devo estar fazendo errado.

— Deve ser isso.

— Você ainda gosta de garotas?

Dei de ombros. — Acho que sim.

Ele me deu um soco no braço. — Pegador.

Eu ri.

— Isso vai facilitar as coisas, — ele disse e eu pensei o *que*?

— Que coisas?

Ele encolheu os ombros. — O futuro. E tudo o que vem com isso.

E era tudo o que ele dizia até chegarmos a casa no final da rua. Thomas e Joe estavam esperando por nós. — Vai ficar tudo bem, Ox, — disse Carter antes de entrar.

— Ox, — Thomas disse calorosamente. — Obrigado por ter vindo.

Eu sorri de volta um pouco nervoso. Eu sabia que ele podia sentir o cheiro em mim. Os lobisomens eram assim. Então ele disse: — Não há nada para se preocupar, — e eu disse: — Ok.

Joe pegou minha mão e colocou a testa no meu ombro. Ele estava ficando alto. Quase treze anos de idade e ele estava crescendo como uma erva daninha. Eu disse a ele isso e ele sorriu para mim de forma ofuscante.

Thomas entrou na floresta sem outra palavra.

Joe puxou minha mão e o seguimos.

Eu segui o exemplo deles e não falei.

Finalmente, chegamos à clareira na floresta.

Joe soltou minha mão e foi ficar ao lado de seu pai. Sem uma palavra, sentaram-se na grama, cruzando as pernas, encarando um ao outro.

Thomas disse: — Joe, o que significa ser um Alfa?

— Significa proteger os outros a todo custo.

— Mesmo à custa da sua vida?

— Sim. A matilha é mais importante que qualquer outra coisa.

E cara, eu queria entrar e dizer alguma coisa, mas mantive minha boca fechada. Thomas olhou para mim brevemente, um olhar de advertência em seu rosto, mas ele sorriu em voz baixa para me deixar saber que ele entendia.

— E por que a matilha é mais importante?

— Porque matilha é família, — disse Joe. — E a família é tudo.

— Ox, — disse Thomas. — Sente-se conosco.

KM E eu fiz. Eu não tinha certeza do meu lugar aqui. Não sei por que eu fui convidado. Não tinha certeza do que dizer. Então eu fiz o que fazia de melhor e não disse nada.

E nem Thomas nem Joe. Eles se sentaram lá, observando as folhas nas árvores, as mãos arrastando pela grama abaixo, e sempre era *verde*. Verde como as asas da libélula que vi no dia em que Joe e eu nos conhecemos. Verde como a fase de Elizabeth quando nos conhecemos. Verde como a magia da terra de Gordo, afiada e pungente. Verde como *alívio*... *Alívio* que eu estava ao sentir tudo isso.

Eu estava. Porque eu estava sentado ao lado de um lobisomem Alfa e um futuro lobisomem Alfa e *eu pertencia* a eles. Era deles. E eles pertenciam a mim também.

Os laços estavam lá. Entre nós. O vínculo com o *meu* alfa. O vínculo com o *meu* Joe.

Ficamos lá por horas e não dissemos uma palavra.



A PARTIR desse ponto, fui com eles mais frequentemente do que não. Às vezes nos sentamos. Às vezes eu assistia enquanto Thomas e Joe treinavam cara a cara, garras a mostra, presas a mostra.

Eu perguntei a Thomas novamente: — Para que serve tudo isso?

— O que?

— A luta. As garras. Os dentes. Treinamento. Tudo isso.

Ele disse: — Então, quando chegar a hora, poderemos proteger nosso território.

— De quem?

Ele encolheu os ombros. — Todos.

— Thomas, — eu comecei. Mas então parei porque não tinha certeza do que queria.

Ele esperou como sempre fazia.

Eu quero a mordida.

Eu pensei em dizer isso. Eu realmente pensei. Eu abri minha boca para dizer exatamente isso, mas não consegui pronunciar as palavras. Eu não poderia fazer isso.

Ele sabia. Claro que ele sabia. — Eu estarei aqui, — ele disse. — Se e quando você estiver pronto. Se não eu, então Joe.

— Ele vai ser ótimo, você sabe, — eu disse baixinho. — Por causa do que você ensinou a ele.

Thomas sorriu. Foi uma coisa rara, e me fez sentir bem em ver isso. — Um Alfa é tão forte quanto à matilha dele.



Perguntei-lhe um dia quando Joe se tornaria o Alfa.

Ele disse que seria quando fosse a hora certa.

Perguntei a ele o que aconteceria com ele então.

Ele disse que serviria como o Beta do seu filho.

Perguntei a ele como seria desistir de tudo que vinha com ser um Alfa.

Ele disse que se sentiria *verde*.

Eu não perguntei como ele sabia.



ÀS VEZES, Thomas mandava apenas eu e Joe para a clareira.

Às vezes nós conversávamos.



Kardia Mou | Wolfsong

Às vezes nós não dizíamos nada.

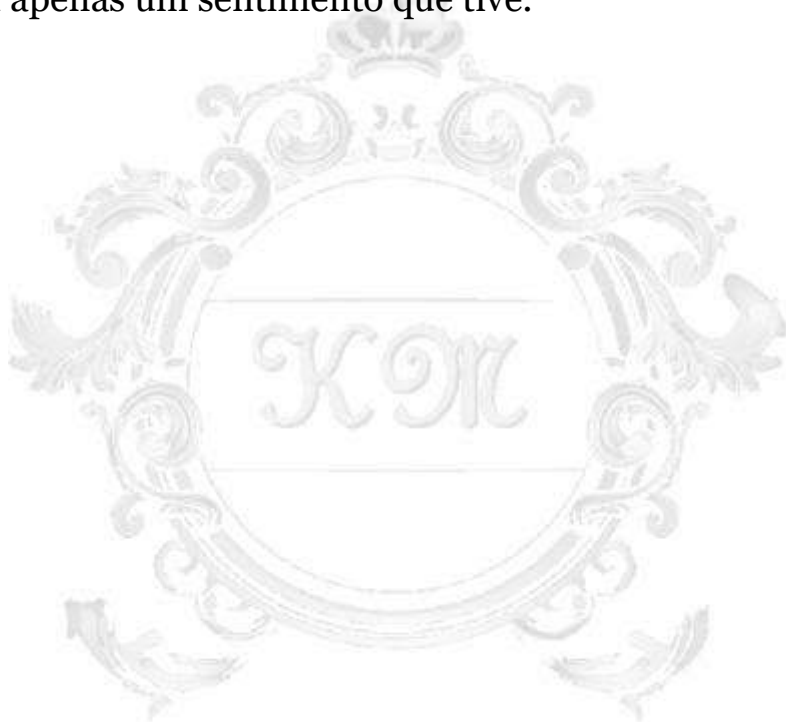
Ele disse que era pelo vínculo entre nós.



ÀS VEZES, eu pensava que eles estavam guardando as coisas de mim.

Foi apenas um sentimento que tive.

KM



Chão em que você anda / o rei caído

ELA estava na cozinha cantando junto com seu rádio quando eu disse: — Mãe, eu posso falar com você?

KM

Ela olhou por cima do ombro enquanto mexia uma panela no fogão. Ela sorriu e disse: — Oi, baby, — e quase me virei e corri para fora da cozinha. Eu tinha dezoito anos e estava com medo da minha mãe.

Ela deve ter visto alguma coisa no meu rosto porque ela desligou o fogo no fogão e se virou. Ela estendeu a mão e tocou meu braço. — OK?

Meu coração balançou. — Uh. Talvez? Eu acho que sim. Possivelmente.

Ela esperou.

Eu a amava. E ela me amava. Então eu disse: — Tenho certeza que gosto de garotas.

Ela disse: — Ok.

E então eu disse: — E garotos. — Minhas mãos estavam suadas.

— OK.

— Como... Você sabe.

Seus olhos se arregalaram levemente. — *Oh*. Isso é... — Ela Olhou para mim. — Igualmente?

— O que?

— Você gosta de garotas e garotos. Igualmente? Ou um mais que o outro?

Dei de ombros. — Talvez o mesmo? Eu não posso dizer com certeza porque eu nunca fiz nada com um cara. — Eu estremei. — Eu realmente gostaria de não ter dito isso.

Ele corou. — Bem. Você tem dezoito anos. Você pode... Você sabe. Sair com um cara. Como adulto.

— Oh deus, — eu gemi.

— Não, não. Tudo bem! — Ela parecia nervosa. — Eu só... Você sempre ouve que os pais já *sabem* dessas coisas sobre seus filhos. Eu... não sabia. — Ela franziu a testa. — Será que isso me torna uma mãe ruim?

— Não! Er. Não. Não. Você é ótima. Na coisa de mamãe.

Ela suspirou. — Ox.

— Sim?

— Eu não me importo com coisas assim.

— Que coisas?

— Se você é gay ou algo assim.

— Bissexual, — eu disse como se isso melhorasse.

— Bissexual, — ela disse. — OK.

— Isto é estranho.

— É?

— Não é?

— Você parece assustado, — disse ela.

Eu olhei para o chão. — Eu não queria te deixar louca, — eu consegui dizer.

E então seus braços estavam ao redor da minha cintura e sua cabeça estava contra o meu peito. Eu coloquei minha testa em seu ombro e a abracei de volta.

— Eu nunca poderia ficar com raiva de você por ser quem você é, — ela disse baixinho. — E me desculpe se eu já fiz você pensar isso.

— Não. Nunca. Isso é esquisito? Ou não?

Ela riu. — Ox. Você é parte de uma matilha de lobisomens e está me perguntando se algo assim é estranho?

— Você também tem a matilha, — eu disse rapidamente.

E ela era. Até certo ponto. Desde aquele momento em que Thomas tocou a cabeça dela e ela se conscientizou do quão estranho o mundo poderia ser, ela era da matilha. Levara semanas para aceitar o que tinha visto e talvez um pouco mais para acreditar totalmente. Kelly me disse que por um longo tempo, ela ainda tinha medo quando entrava em contato com os Bennetts. Eu disse a ele

para não levar para o lado pessoal, e ele apenas riu, colocou o braço em volta dos meus ombros e disse que é claro que não.

Ela não vinha com a gente nas luas cheias na maioria das vezes, mas Thomas insistiu que ela treinasse como o resto de nós quando pudesse. No começo, ela ficava quieta e desajeitada. No começo, ela fez pouco.

Eu não sei o que mudou. Talvez tenha sido quando Thomas a levou em uma caminhada pela floresta e falou com ela sobre coisas que nunca perguntei depois. Talvez tenha sido quando Elizabeth a levou para almoçar e elas beberam vinho de pêssego e riram como garotinhas. Talvez fosse eu e como ela viu que eu precisava disso. Precisava deles.

Eu não sabia o que causou a mudança. Mas um dia, ela veio com os olhos alertas, o cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo apertado, e ela conseguiu varrer minhas pernas para fora de mim. Eu estava atordoado, e olhei para as nuvens através das árvores e ela apenas *riu*.

Deus, eu amo essa mulher. Mais do que tudo.

É por isso que eu estava com tanto medo de desapontá-la. Com algo tão idiota como sexo.

— Existe... Você sabe. — Ela olhou para mim. — Alguém especial?

Eu balancei a cabeça. — Não desde Jessie.

— Não há muitas colheitas por aqui.

— Uh

— Você vai conhecer alguém, — disse ela, de repente feroz. — Você verá. Uma menina ou um menino e eles vão adorar o chão que você anda porque você merece ser estimado. E eu estarei lá para dizer que te avisei porque você mereceu. Se alguém neste mundo deve ganhar isso, é você.



KM

CARTER foi para a faculdade. Eu encontrei um raro fim de semana para visitá-lo. Kelly e Joe queriam ir, mas eles tinham lição de casa e Elizabeth não autorizou.

Carter estava bem com isso.

Ele tinha um dormitório para si mesmo.

Ele me apresentou a algumas pessoas, mas eu esqueci seus nomes quase que imediatamente, porque fazia semanas que eu tinha visto meu amigo. Ele deve ter sentido o mesmo porque fez as pessoas saírem e nós nos deitamos no chão, com a cabeça nas minhas pernas, e ele disse: — Você cheira a casa.

Ficamos lá até o sol se pôr.

Ele me levou para algum clube, e conseguimos entrar. Eu não sabia como. Ele disse que provavelmente era porque éramos maiores que todos os outros.

A música era alta. As luzes estavam piscando. Eu não sabia como ele poderia aguentar, dado que todos os seus sentidos eram intensificados. Eu podia sentir o cheiro de bebida e suor e o perfume pegajoso de uma mulher que veio do nada e se esfregou em mim antes de desaparecer de novo na multidão.

Carter apenas riu.

Ele disse: — Aqui, — e me entregou um copo de *alguma coisa*.

Eu bebi. Era frutado e queimava.

Ele também bebeu, mas o álcool não fazia nada para os lobos, a menos que bebessem o suficiente para matar um humano normal. Ele me disse uma vez que ele apenas gostava do sabor. Ele se perguntou como seria estar bêbado. Eu me perguntava como seria sentir a força da lua.

Eu vi o brilho laranja em seus olhos.

Estava quente no clube. Pegajoso e úmido.

Um momento eu estava rindo quando duas mulheres vieram e o colocaram na pista de dança, e no outro lado havia lindos olhos verdes na minha frente. Pele pálida. Um sorriso perverso com um toque de dentes.

Ele disse: — Qual é o seu nome?

E eu disse: — Ox.

— Ox. Isso é único.

Sorri porque me senti bem. — Eu acho. E quem é você? — Meus membros estavam soltos. O som grave se arrastava pela minha pele.

Ele disse: — Eric, você quer dançar?

— Não sou muito bom nisso. Eu sou muito grande.

Aquele sorriso perverso se curvou ainda mais. — Sério?

Ele me puxou pela mão e me levou através da multidão. Carter chamou minha atenção e fez uma pergunta que só eu podia ouvir e dei de ombros e me afastei.

KM

Eric pressionou-se contra mim, uma longa linha quente de suor e carne. Houve um movimento de seus quadris contra os meus e eu disse: — *Uau*. — Ele riu.

A música mudou e eu senti os lábios contra o meu pescoço, um rápido movimento de uma língua.

Mais tarde, eu estava em uma bancada no banheiro. Eric estava de joelhos. Meu pau estava em sua boca, minha cabeça contra a cerâmica quente que tremia com a batida da música. Meus dedos estavam em seus cabelos e tudo estava quente e úmido. Eu grunhi um aviso e ele se afastou, e eu gozei no chão sujo. Ele se levantou e me beijou enquanto ele se afastava. Ele suspirou na minha boca. Ele tinha gosto de cerveja velha e hortelã. Ele gozou em sua mão. Eu me senti cru.

— Obrigado, — disse ele, fechando as calças. — Isso foi ótimo.

— Claro, — eu disse, porque eu não tinha certeza do que mais poderia dizer. — Você também.

E então ele foi embora.

Fiquei no banheiro por um tempo, mas cheirava a mijó e minha cabeça doía.

Não consegui encontrar Carter e procurei encontrar aquele fio, aquela coisa lá dentro que dizia *Ligação Matilha Irmão*, mas fiquei impressionado com tudo e então disse — Carter, Carter, Carter — e por um momento nada aconteceu. E então ele estava na minha frente, os olhos apertados, as mãos nos meus braços, olhando para cima e para baixo, tentando descobrir onde eu estava machucado.

Suas narinas se alargaram e ele disse: — Foi consensual? — Corei e desviei o olhar.

Levou um momento, mas eu assenti.

Seu braço foi ao redor do meu ombro e ele riu perto da minha orelha, sua testa pressionada contra o meu cabelo. — Seu cachorro, — disse ele.

— Diz o lobisomem.

Ele rosnou perto do meu ouvido. — Foi bom?

— Cale-se.

— Foi *incrível*?

— Cale a boca, Carter.

— Você *desmaiou*?

— Oh, pelo amor de Deus.

— Olhe para você, — ele disse. — Fazendo boquetes em público. Meu pequeno Ox está todo crescido.

— Maior que você, — eu murmurei, e ele apenas riu e riu.

Ele me puxou para longe. Não foi até sairmos para a rua que vi o batom manchado em seus lábios. No seu pescoço. Eu disse a ele que ele era uma prostituta. Ele rosnou e eu corri. Ele me perseguiu, olhos laranja piscando alegremente. Ele fingiu me deixar ganhar.

Dormimos na mesma cama, enrolados um no outro porque éramos matilha e eu sabia que ele sentia falta de casa.

Tomei banho por um longo tempo antes de sair na manhã seguinte.

Quando voltei, Joe escorregou: — Divertiu-se?

E eu disse: — Claro, Joe, — mas parecia uma mentira.



NICK aconteceu um ano depois. Ele entrou na oficina do Gordo, todo empoeirado da estrada. A embreagem de sua moto tinha explodido alguns quilômetros fora de Green Creek. Ele ficou por uma semana. Eu o saí com ele nos últimos três dias que ele esteve na cidade. Ele saiu e eu nunca mais o vi.

Joe tinha quatorze anos e não falou comigo por três semanas depois disso. Disse que ele estava ocupado. As finais estavam chegando e ele tinha que estudar.

— Claro, — eu disse, tentando não me preocupar com a tensão na sua voz. — Você está bem?

— Sim, Ox. — Ele suspirou no telefone. — Estou bem.

Eu quase acreditei nele.



EU tinha acabado de completar vinte e dois quando os monstros vieram para a cidade.

Depois de todos os avisos de Gordo sobre o quão grande e assustador o mundo poderia ser, apesar de todas as noções de Thomas sobre um território protegido, nada havia acontecido até então. Ninguém veio. Ninguém atacou. Eu nunca fiz perguntas sobre outras matilhas ou o que mais existia se os lobisomens fossem reais. Eu vivia em uma bolha em uma pequena cidade no meio das montanhas e eu pensei que era aqui que eu sempre estaria.

Tudo estava bom. Tudo estava bem.

Carter acabara de se formar e voltou para trabalhar com o pai.

Kelly estava fazendo cursos online, então ele não teve que deixar a matilha.

Joe tinha dezesseis anos e ainda esperava por mim na estrada de terra quase todos os dias.

Gordo estava pensando em abrir outra loja na próxima cidade.

Mamãe sorria quando corria com os lobos à noite.

Jessie voltou para Green Creek e era a professora na escola.

Tanner, Rico e Chris me levaram para tomar uma cerveja, e o nosso peso em asas de frango.

Mark estava perto de me contar sobre ele e Gordo.

Elizabeth estava pintando em tons de rosa e amarelo.

Thomas sorria para as árvores, um Rei contente com o seu domínio.

Eu deveria ter feito mais perguntas sobre o que estava lá fora. Sobre o que eles poderiam querer. Mas eu era ingênuo, quase ao ponto de ser perigoso.

Eu estava andando em direção ao restaurante para o almoço. Eu esfregava a graxa das minhas unhas. Minhas mãos estavam calejadas, sinais de trabalho duro. Estava maravilhado com a forma como eu tinha um lugar aqui. Em Green Creek. Meu pai tinha dito que eu ia receber merda, mas ele estava morto e eu tinha um lugar. Amigos. Família. Eu tinha pessoas. Eu era alguma coisa. Eu era alguém.

Era um dia brilhante de junho e eu estava vivo e feliz.

E então uma mulher disse: — Bem. Olá.

Eu parei, e olhei para cima.

Ela estava errada. Desligada. Sombria. Linda com cabelos ruivos e pele pálida e um sorriso de tubarão no rosto, pronto para uma mordida e muitos dentes. Ela usava um lindo vestido de verão, azul e verde. Ela estava descalça, e eu me perguntava se os pés dela queimavam no cimento do sol.

— Olá, — eu disse. Não parecia haver mais ninguém na calçada.

Elas deu um passo em minha direção. Ela inclinou a cabeça para o lado e eu pensei: *Errado. Errado, errado, errado.* — Meu nome é Marie, — disse ela. — E o seu?

— Ox.

— Ox, — ela respirou. — Eu gosto desse nome. — Ela estava perto de me tocar e eu não sabia como isso tinha acontecido.

— Obrigado, — eu disse. — Isso é muito legal da sua parte.

Ela fechou os olhos e respirou profundamente. — Você cheira bem...

— Gosta?

Ela abriu os olhos. Eles brilharam violeta, como um ômega. — Humano. Diga-me humano. Você está com lobos? — Ela deu outro passo em minha direção.

Eu dei um passo de resposta de volta. Na minha cabeça, Thomas estava me dizendo para me lembrar do meu treinamento. Para lembrar o que ele me ensinou. Eu não achei que

fosse realmente ele, mas eu não tinha certeza. Eu sabia que Gordo tinha *alas* de proteção em toda a cidade, então certamente ele saberia se outro lobo tivesse as violado.

— Você deveria ir embora, — eu disse a ela. — Agora.

— Agora?

— Você sabe por quê.

— Ox? O que está acontecendo?

— Merda, — eu murmurei. Eu olhei por cima do ombro de Marie. Mamãe estava saindo pela porta do restaurante, me observando com preocupação no rosto.

— Volte para dentro, — eu disse a ela quando Marie olhou para ela e balançou os dedos em um aceno obsceno. Suas unhas estavam pintadas de azul.

— Ela cheira como você, — Marie disse para mim. — Você sabia disso? Como fumaça de madeira e folhas de outono. E eu sei o que ela cheira agora. Memória de perfume, Ox. Nunca sai.

— Ox, — disse mamãe.

— Para dentro, — eu falei mais firme.

Ela entrou. Eu sabia que ela estaria pegando o telefone.

Marie riu. — O pequeno humano tem alguma mordida. Os lobos te ensinaram isso?

— Este é o território do bando dos Bennett, — eu disse a ela. — Você não pertence aqui.

— Bennett, — ela disse. — *Bennett*. Esse nome não significa mais nada. Deixe-me contar sobre os *Bennetts*.

— Que merda é essa?

Gordo estava ao meu lado. Seu rosto estava contorcido de raiva. Seus braços estavam cobertos por sua camisa de trabalho, mas eu sabia que as tatuagens em sua pele estavam começando a mudar.

Marie assobiou. — Bruxo.

— Lobo, — ele rosnou de volta. — Você tem bolas senhora, mostrando seu rosto aqui. Thomas Bennett está a caminho. O que você acha que ele fará quando vir você?

Um lampejo de medo cruzou seu rosto antes de desaparecer. Ela sorriu de novo, mais presas do que não. — O Rei caído? Saindo do esconderijo? Oh glória! Que seja!

— Não está se escondendo quando você está em seu próprio território, — eu disse.

— Com seres humanos em sua matilha, — disse ela. — Baixo, mesmo para ele. — A barriga dele se arrasta pela sujeira.

Minhas mãos se fecharam em punhos.

Marie sorriu para mim. — Você não é precioso? Eu poderia te estripar, você sabe. Bem aqui. Antes que você pudesse se mexer. Seu Alfa esteve ausente por tempo suficiente. Ele está mais fraco agora. Até eu posso sentir isso. Eu poderia levar você e ele não poderia fazer nada.

— Tente, — eu disse, e Gordo ficou tenso.

Mas ela não fez. Ela deu um passo para trás. Olhou por cima do ombro antes de voltar. Ela sorriu um pouco e disse: — Diga oi para a sua mãe por mim, Ox, — e então ela saiu pela rua até desaparecer.



CHEGARAM duas noites depois.

Eles eram selvagens. Quatro deles. Não uma matilha, pois eles não tinham um Alfa, mas de alguma forma ainda trabalhavam juntos.

Eles tinham cometido um erro, no entanto. Por eles próprios. Ou, pelo menos, por Marie se mostrando.

Thomas fez mamãe e eu ficarmos na casa dos Bennett depois daquele dia que Marie me encurralou. Eu disse a ele que Gordo precisava estar lá também. Thomas não discutiu. Gordo ficou. Eu disse a ele para calar a porra da boca e ficar. Eu poderia ter soado um pouco histérico.

Mamãe ia trabalhar durante o dia. Carter e Kelly foram com ela.

Gordo e eu fomos trabalhar. Ele não me deixava fora de sua vista, mesmo quando nós tínhamos que fazer uma pausa mais longa do que o normal para que ele pudesse fortalecer suas *alas* de proteções.

Joe ficou em casa. Eu levava sua lição de casa, e ele a tirava de mim com as mãos firmes.

Thomas e Mark ficavam no escritório de Thomas, sussurrando com raiva ao telefone, falando com pessoas que eu nunca tinha ouvido falar.

Elizabeth nos manteve calmos, de forma solta e casual, brincava em nossos cabelos enquanto ela passava.

Na segunda noite, nos sentamos para jantar. A conversa estava quieta. Talheres raspados contra os pratos. Então Gordo respirou fundo e suspirou. — Eles estão vindo, — ele disse.

Olhos do Alfa e Beta brilharam ao nosso redor.

Nós conhecíamos o plano. Nós treinamos para isso.

Eu pensei que minhas mãos tremeram quando peguei um pé de cabra infundido com prata, um presente de Gordo. Elas não tremeram.

Thomas e Mark. Carter e Gordo. Estavam na varanda.

O resto de nós ficou lá dentro. Elizabeth e eu na frente. Kelly com Joe e minha mãe.

Eu os vi aproximarem-se no escuro. Seus olhos violetas brilhavam entre as árvores.

Thomas disse: — Este é o território Bennett. Eu vou te dar uma chance para sair. Eu sugiro que vocês aceitem.

Eles riram.

Um homem disse: — Thomas Bennett. Enquanto eu vivo e respiro.

Outro homem disse: — E um bruxo não menos. Cheira como... Livingstone? Era o seu pai?

Gordo Livingstone. Seu pai, que perdeu sua ancora e feriu muitas pessoas.

Mas Gordo não respondeu. Não era o lugar dele. O Alfa falou para todos eles, mesmo que Gordo não fosse matilha.

Thomas disse: — Uma chance.

O terceiro homem disse: — As crianças sofrerão. Especialmente o pequeno Joseph. Eu acho que não vai demorar muito para quebrá-lo. — Havia um sorriso desagradável em seu rosto, e eu o teria assassinado onde ele estava sem pensar duas vezes se Elizabeth não tivesse apertado meu braço.

Thomas disse: — Você não deveria ter dito isso.

E Marie disse: — Você fala demais.

E então havia garras e presas e rosnados desesperados. Os lobos meio trocaram de forma e rasgaram um ao outro. Os olhos de Thomas estavam vermelhos como fogo e ele parecia maior que os outros, muito maior. Eu me perguntava por que os Ômegas pensavam que eles tinham uma chance.

Gordo foi atrás do primeiro homem. Suas tatuagens brilhavam e se moviam, e eu podia sentir o cheiro do ozônio ao redor dele, atingido por raios e rachando. A terra se moveu sob os pés do

Ômega, uma coluna de rocha afiada atirando para cima e derrubando-o em um velho carvalho.

Carter pegou o segundo homem, e eles eram todos dentes, e peles rasgadas. Carter rugiu rapidamente quando o Ômega cortou linhas afiadas em suas costas, e Kelly deu um grunhido de resposta atrás de mim, dando um passo em direção ao seu irmão antes de Joe agarrar sua mão, os olhos arregalados e frenéticos.

Mark ergueu o terceiro homem sobre sua cabeça e o derrubou sobre o joelho, e o estalo das costas do Ômega estava afiado e úmido. O Ômega caiu no chão. Seus braços e pernas deslizaram e se encolheram.

Thomas enfrentou Marie. Seu cabelo vermelho voou em torno de seu rosto de lobo. Seus olhos vermelhos rastrearam cada movimento dela. Ele era graça. Ela era violenta. Suas garras bateram e provocaram faíscas no escuro. Ele se movia como líquido e fumaça. Ela era mais lenta. Ela já havia perdido, mas não sabia ainda. Ela iria. Em breve.

Mas...

Nós não sabíamos que havia um quinto. Talvez os lobos devessem saber. Talvez eles devessem ter sido capazes de senti-lo. Talvez o rompimento das proteções devesse ter derrubado Gordo. Mas havia sangue e distração, magia e quebra de ossos. Nossa família estava brigando, e eles poderiam estar ganhando, mas não sem perdas.

Os sentidos estavam sobrecarregados. Iscas foram criadas.

Minha mãe estava atrás de nós.

Ela disse: — Ox.

Então eu me virei.

Um Ômega a tinha. Ele a segurava contra ele, de costas para frente. Seu braço circulou ao redor dela, cotovelo contra seus seios, mão e garras ao redor de sua garganta.

Eu disse. — Não.

O Ômega disse: — Chame-os.

Eu disse: — Você vai se arrepender disso. Todos os dias pelo resto de sua vida miseravelmente curta.

Ele disse: — Eu vou matá-la agora.

Eu disse: — Você vai se *arrepender* disso.

O grande lobo mau sorriu. — Humano, — ele cuspiu.

Minha mãe disse: — Ox, — e foi tão suave e doce e cheio de lágrimas e dei um passo em direção a ela.

— Solte-a.

O Ômega disse: — Chame-os. Agora.

E Joe... De dezesseis anos de idade. De pé ao lado. Esquecido porque o Ômega estava com olhos em *mim*, como se ele pudesse sentir que *eu* tinha algum poder aqui. Como se *eu* tivesse algum controle sobre a matilha. Ou ele estava enganado ou achava que sabia algo que eu não sabia.

Mas Joe. Antes que eu pudesse dar outro passo, ele estava se movendo, pernas enroladas, garras para fora. Saltou da parede e se lançou sobre o Ômega. Trouxe suas garras para o rosto do Ômega. Olhos perfurados e pele rasgada. O Ômega gritou. Sua mão ao redor da garganta da minha mãe caiu.

Mamãe não era idiota. Ela havia treinado. Ela viu o que estava por vir. Ela deu uma cotovelada no Ômega no estômago. Trouxe o calcanhar de seu pé em suas bolas. Afastou-se.

Joe se soltou dele, caindo no chão.

Eu dei três passos.

O Ômega cego rosnou: — Sempre haverá *mais*.

Eu disse: — Você não deveria ter tocado na minha mãe, — e balancei o pé de cabra infundido com prata. Esmagou a cabeça dele, o crânio rachou, o sangue espirrou. Pele e cabelo queimados devido à prata. O Ômega grunhiu uma vez e caiu no chão. Seu peito subiu uma vez, engatando, falhando. Então parou.

Os sons de luta pararam do lado de fora da casa.

Eu respirei fundo. Eu provei cobre na minha língua.

Mamãe disse: — Você está bem? — Ela tocou meu braço.

Eu disse: — Sim. Você?

E ela disse: — Sim. Melhor agora.

Eu disse: — Joe.

E ele olhou para mim, os olhos arregalados, as mãos ao lado do corpo pingando no chão. Eu não parei para pensar. Eu não me

importei. Eu me afastei da minha mãe e o puxei para perto. Ele fechou as mãos na parte de trás da minha camisa, garras rasgando levemente a minha pele. Eu não me importei porque isso me dizia que eu não estava sonhando e nós estávamos juntos. Seu nariz estava no meu pescoço porque ele estava tão alto agora. Muito maior do que o garotinho que encontrei pela primeira vez na estrada de terra. Ele me respirou e seu coração bateu contra o meu peito, o sangue do lobisomem que eu tinha matado em nossos pés.



DIAS DEPOIS, eu perguntei ao Gordo, — O que mais está lá fora?

E ele disse: — Tudo o que você possa pensar.

Como se viu; eu conseguia pensar em muitas coisas.



THOMAS me levou através das árvores e me disse que havia muitas matilhas, embora não tantas quanto costumavam ser. Elas se matavam. Os humanos caçavam e matavam como se fosse o trabalho deles. Como se fosse esporte. Outros monstros caçavam e matavam também.

— Isso foi um acaso, — ele comentou. — Outros sabem que não devem vir aqui.

Eu não sabia quem ele estava tentando convencer, ele ou eu. Então eu perguntei: — Por quê?

— Por causa do que o nome Bennett significa.

— E o que significa? — Lembrei-me de Marie chamando-o de Rei caído. Seu corpo não era nada além de cinzas agora, queimado e espalhado pela floresta.

— Respeito, — disse ele. — E os Ômegas não conseguem entender isso. Eles pensaram que podem entrar em meu território. Minha casa. E tirá-los de mim. Nós derramamos o sangue deles porque eles não sabiam o lugar deles.

— Eu o matei porque ele ameaçou minha mãe.

Thomas deslizou a mão na parte de trás do meu pescoço e apertou suavemente. — Você foi muito corajoso, — ele disse baixinho. — Protegendo o que é seu. Você vai fazer grandes coisas e as pessoas ficarão admiradas com você.

— Thomas, — eu disse.

Ele olhou para mim.

— Quem é você? — Porque havia algo mais que eu não entendia.

Ele disse: — Eu sou seu Alfa.

E eu aceitei isso pelo que era.

Baixo curto-pendurado / você e Joe

NÃO foi uma coisa gradual.

Essa espera.

Isso era uma mentira.

Eu não *sabia* que era uma coisa gradual.

Mas deve ter sido. *Tinha* que ter sido.

Porque é a única coisa que explica a explosão cósmica que foi o sentimento de *desejo* e *necessidade* e o meu meu meu. A força disso era ridícula. Tinha que ter estado lá. Por muito tempo.



JOE fez dezessete em agosto. Nós fizemos uma festa como sempre fazíamos. Havia bolo e presentes e ele sorria para mim amplamente.

Ele fez dezessete anos em setembro, quando começou seu último ano no ensino médio. Kelly estava no começo do seu MBA. Carter trabalhava com Mark e Thomas. Elizabeth fazia as coisas que a deixavam feliz. Gordo decidiu esperar para abrir uma segunda oficina. Mamãe sorria mais do que costumava. Eu trabalhava, respirava e vivia. Eu tinha sangue nas mãos, mas estava



Kardia Mou | Wolfsong

a serviço da matilha. Eu tinha pesadelos sobre lobos mortos com suas cabeças esmagadas. Eu acordava suando, mas toda vez que via o sorriso de minha mãe, a culpa diminuía um pouco mais.

Jessie me beijou uma noite em outubro. Eu a beijei de volta e então parei. Ela sorriu para mim e disse que entendia. Eu não disse a ela que não estava com ninguém desde a noite em que os Ômegas vieram porque eu não queria perder o foco. Eu não podia me distrair. E que eu não me sentia assim por ela. Então eu apenas pedi desculpas e corri e ela balançou a cabeça e foi para casa.

KM

Em novembro, Carter começou a namorar uma garota chamada Audrey e ela era doce e bonita e ria com a voz rouca. Ela gostava de beber e dançar e então um dia ela não apareceu mais. Carter deu de ombros e disse que não era para ser. Apenas um pouco de diversão.

A neve caiu em dezembro e eu corri com os lobos através da neve, uma lua de inverno brilhava no céu, minha respiração se arrastando atrás de mim enquanto o bando uivava suas canções ao meu redor.

Um homem chegou à casa dos Bennett em janeiro e conversou por um longo tempo com Thomas em seu escritório. Ele era um homem alto com olhos astutos e movia-se como um lobo. Seu nome era Osmond, e quando ele saiu mais tarde naquela noite, ele parou na minha frente e disse: — Humano, hein? Bem, eu acho interessante. — Seus olhos brilharam. E então ele saiu e eu

pensei seriamente em jogar minha xícara de chá na parte de trás de sua cabeça.

Em fevereiro, um jovem seguiu Joe para casa da escola. Joe parecia perplexo, mas não o fez sair. Ele tinha a idade de Joe e seu nome era Frankie e ele tinha cabelo preto e grandes olhos castanhos que seguiam Joe por toda parte. Ele estava com medo de mim e isso divertiu muito Joe. Entrei no quarto de Joe no meio do mês para ver Frankie se inclinar para frente e beijar Joe nos lábios. Joe congelou. Eu o vi, mas apenas por um momento antes de sair do quarto e fechar a porta silenciosamente. Eu sorri baixinho para mim mesmo enquanto essa pequena coisa estranha enrolava no meu estômago. Eu fui embora e esperei que ele estivesse feliz. Aquela pequena ondulação no meu estômago não desapareceu, mas aprendi a ignorá-la.

Era março, quando ele bateu à porta às três da manhã, gritando — Ox, Ox, Ox, — e entrei em pânico, pegando o pé de cabra, dizendo a minha mãe para ficar em seu quarto. Ela já tinha um punhal já erguido, e eu parei para dizer a ela que ela parecia muito foda. Ela revirou os olhos e me disse para ir ver o que estava errado.

Eu abri a porta e Joe disse: — Ox.

Ele não estava ferido. Não havia sangue. Nada estava o perseguindo. Ele estava bem. Fisicamente. Não importava. Eu o puxei para perto e suas mãos estavam no meu cabelo e ele *estremeceu* quando ele pressionou contra mim.

— O que aconteceu?

Ele disse: — Frankie, — e fiquei imaginando o estado da minha cabeça e do meu coração quando comecei a planejar a morte de um garoto de dezessete anos que amava manteiga de amendoim e desenhos animados. Eu disse a mim mesmo que se ele machucasse Joe, não restaria nada para enterrar.

— O que ele fez?

— Nada, — disse Joe. — Ele não fez *nada*.

— Então o que há de errado?

— Seu *idiota*, — Joe gritou para mim enquanto se afastava.

Eu disse: — O que, — o *que*?

— Olhe para mim, — ele exigiu.

E eu olhei. Porque eu sempre faria isso.

— O que você vê?

— Joe, — eu disse. — Eu vejo você. — Talvez um pouco amarrotado. Talvez algumas bolsas debaixo dos olhos dele. Talvez ele estivesse um pouco pálido, e se ele não fosse um lobisomem, eu me perguntaria se ele estava ficando doente. Mas ele *não podia*, então eu não me perguntei nada.

— Você *não*, — ele chorou. — Você *não vai*... — Eu nunca o vi tão chateado.

— Eu não... Entendo? — Eu perguntei a ele. Ou disse a ele.

— Gah! — Ele gritou para mim, os olhos brilhando laranja e vermelho e, em seguida, ele se virou e saiu.

Ele pediu desculpas no dia seguinte. Disse que ele estava cansado. Eu disse: — Claro Joe. OK. Não se preocupe.

Então ele segurou minha mão e nós andamos pela estrada de terra como sempre fizemos.

Era abril, quando Frankie parou de passar pela casa. Eu queria perguntar a Joe sobre isso, mas nunca consegui encontrar as palavras. Kelly disse que eles haviam terminado e eu disse: — Oh, — embora o que eu pensasse na minha cabeça fosse *Bom. Bom. Bom.*

Era maio, quando tudo explodiu.

Foi à coisa mais estranha.



OS dias estavam quentes e úmidos. O noticiário dizia que seria o verão mais quente em anos. Onda de calor, eles disseram. Poderia continuar por semanas e mais semanas.

Era quase o meu vigésimo terceiro aniversário. Achei que talvez fosse hora de sair da casa de mamãe, mas a ideia de não morar perto da matilha me fez suar, então não forcei demais. Mamãe nunca reclamou. Ela gostava de mim lá. E isso significava que eu poderia mantê-la segura, caso os monstros voltassem.

Portanto, eu já estava na terra por vinte e três anos, eu fui até os Bennetts para o jantar de domingo. Elizabeth perguntou se eu

poderia pegar alguns tomates do jardim. Ela sorriu para mim e me beijou na bochecha.

Joe, Carter e Kelly estavam saindo da floresta, terminando a corrida enquanto eu voltava do jardim.

Eles estavam rindo e empurrando um ao outro do jeito que os irmãos fazem. Eu amava todos os três.

Exceto.

Exceto.

Joe usava um short baixo. Apenas o menor de todos.

E foi isso.

Ele estava quase tão grande quanto eu estava agora. Nós estávamos nivelados, ou tão perto que não importava, o que o colocava uns centímetros acima dos nossos um metro e oitenta.

Havia um brilho de suor em seu torso. Um salpico de cabelos loiros molhados no peito dele que parecia um granito cortado. A definição suave do músculo no estômago. Uma linha de suor que atingiu seu rastro feliz e encharcou o cóis de seu short.

Ele se virou, dizendo algo de volta para Carter, e eu vi as covinhas acima de sua bunda. A maneira como suas pernas flexionavam e se moviam quando ele pulou de um pé para o outro.

Ele apontou freneticamente para algo de volta na floresta e havia uma veia azul que ficava ao longo de seu bíceps e eu queria rastrear com meus dedos... Quando isso aconteceu?

E essas mãos. Essas grandes mãos.

Joe crescera.

E de alguma forma, eu realmente não tinha visto até que estivesse em exibição total. Bem na minha frente.

Ele deve ter me visto com o canto do olho. Ele se virou e sorriu para mim, e era Joe, mas era *Joe*.

Então, naturalmente, foi quando entrei na lateral da casa. Os tomates em minhas mãos esmagaram contra minha camisa. Minha cabeça bateu no revestimento de madeira e eu pensei, *oh merda*.

Eu me afastei da casa. Pedacos de tomate caíram na grama.

Droga.

Senti meu rosto corar quando olhei para os irmãos Bennett. Todos eles estavam lá, me observando com expressões preocupadas em seus rostos.

— Que diabos? — Carter perguntou. — Você sabe que há uma casa aí ao lado? Praticamente desde sempre.

— Uh, — eu disse com a minha voz ficando mais baixa. Eu não conseguia nem parar. — Ei. Rapazes. O que se passa? Apenas... Pegando tomates. Cruzei meus braços sobre o peito e esmaguei mais tomates. Encostei-me na parede, mas estava mais longe do que pensava e entrei na casa.

— O que está acontecendo agora? — Perguntou Kelly.

Joe deu um passo em minha direção, e seus músculos *peitorais* estavam se *flexionando* e o calor aumentou cheio de *desejo* e rugiu através de mim e eu lembrei que lobisomens

podiam *sentir* o *cheiro* e eu dei um passo para trás em absoluto *horror*. — Hey, — eu disse e minha voz estava quebrada. Eu limpei minha garganta e tentei novamente. — Ei. Assim. Há uma coisa. Que eu tenho que olhar. Na minha casa. Antes do jantar.

Agora todos estavam olhando para mim de um jeito estranho. Eles não podiam sentir o cheiro da minha fúria imoral de desejo ainda. Ou o que fosse. Meus *sentimentos*. Isso eu não poderia estar demonstrando.

Joe deu outro passo em minha direção e ele tinha *peitoral definido*. Ele tinha apenas... Era muito *bonito* e me dava *ideias* e eu disse — Whoa ai, cowboy, — e chutei-me internamente por tamanha *besteira*.

— O que há em sua casa? — Joe perguntou, e aquele filho da puta começou a *cheirar* o ar.

— Ox, — disse Carter. — Seu batimento cardíaco está ficando *louco*.

Porra estúpida de lobisomens. E Joe estava de pé *bem ali*. Com *músculos definidos*.

— Para mudar! — Eu gritei e todos os três deram um passo para trás. Eu abaixei minha voz. — Eu tenho que mudar. Minha camisa. — Eu apontei para ela. — Tomates e casa limpa não se misturam. Ha-ha-ha.

— Eu ainda não tenho idéia do que está acontecendo, — disse Kelly.

Então eu disse: — Já volto, — e virei para o lado oposto, tentando me impedir de correr.

— Uh, Ox?

Eu parei. — Sim, Joe?

— Sua casa é do outro lado.

— É. — Mas ao invés de passar por eles, e eles pudessem sentir o cheiro de mim, eu andei pelo caminho mais longo da casa. Quando voltei a vê-los, eles estavam no mesmo lugar, observando-me.

Eu entrei e tranquei a porta.

— O que aconteceu com sua camisa? — Mamãe perguntou.

— Tomates, — eu disse.

— Você parece corado, — disse ela. — Seu rosto está vermelho e brilhante.

— Está quente lá fora.

— Ox. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Nem uma única coisa.

— Você está respirando muito forte.

— É uma coisa que eu faço. Cara grande sabe? Precisa de grandes respirações.

— Sim, — disse a mãe. — Eu não acho que seja isso.

— Eu preciso mudar a minha camisa. — Eu me recusei a olhar nos olhos dela.

— Você quer que eu espere por você?

Eu balancei a cabeça. — Não. Não. Estou... Bem. — Eu queria que ela saísse para que eu pudesse dar um soco em alguma coisa.

Ela esperou até eu pular para longe da porta antes de passar por mim. Ela franziu a testa quando tentou girar a maçaneta. — Você trancou?

Eu sorri. Eu provavelmente parecia louco. — Força do hábito. — Uh-huh. — Ela saiu e fechou a porta atrás dela.

Eu soquei a parede. Doeu como uma cadela.

Ele tinha apenas dezessete anos. Isso estava errado.

Exceto que ele tinha quase dezoito anos.

Então... Tudo bem.

Mas...

Era o *Joe*.

Andei para trás e para frente e para trás e para frente.

Meu telefone tocou. Uma mensagem de texto.

Joe

Onde você está???

Olhei para o relógio. Eu já estava sentado na frente da porta há vinte minutos.

— Merda, — eu murmurei.

Eu não poderia *faltar* ao jantar. Era a tradição. E se eu implorasse, alguém (*JoeJoeJoe*) viria e me *checaria*.

Então eu tive que ir.

Eu não podia fazer nada sobre o meu batimento cardíaco. Eles ouviriam menos isso. Eu pensaria em algo.

Mas o cheiro.

Subi as escadas e tirei a camisa, pegando outra da gaveta. Eu a coloquei quando entrei no banheiro. Eu encontrei uma garrafa antiga de colônia que eu nunca mais usei porque os lobos não gostavam dela. *Isso te bloqueia*, Joe me disse uma vez. *A maioria de vocês, de qualquer maneira.*

Eu me pulverizei pelo menos seis vezes.

Eu mandei uma mensagem de volta.

Estou indo

Levei mais vinte minutos para me convencer a voltar para a casa no final da rua.

Finalmente, eu disse a mim mesmo para ser homem porque eu tinha quase *vinte e três anos de idade* e eu já tinha lutado contra *monstros* (uma vez) e treinei com *lobos* (muitas vezes). E era só o *Joe*.

Que aparentemente eu queria fazer *coisas*. Com ele. Por aí.

Isso não fez nada para acalmar meu ritmo cardíaco.

Parecia que eu estava caminhando para a minha morte a cada passo que dava para atravessar o caminho para a casa dos Bennett.

Eu podia ouvir todos eles lá atrás. Provavelmente se preparando para comer. Risos. Conversas. Gritos animados.

E então a conversa acabou de *morrer*.

Mesmo antes que eu pudesse contornar o lado da casa.

— Aquele é o Ox? — Eu ouvi Mark perguntar. Ele parecia preocupado.

Houve um barulho e vários pares de pés correndo.

Eles dobraram a esquina e *pararam*.

— Onde está? — Mark exigiu.

— Estamos sob ataque? — Thomas perguntou, pronto para mostrar o lobo. Seus olhos ficaram vermelhos.

— Ox? — Carter perguntou. — Cara. Sério. Seu coração, cara. Você parece aterrorizado.

— Ei, pessoal, — eu disse. Eu aprendi cedo que você não deveria fugir de um lobo quando eles estavam prestes a mudar. Instintos. Eu queria correr tão mal.

Porque *Joe* estava em pé na minha frente. Ele trocou de roupa. Calção branco. Camisa verde que *não* escondia *nada*. Ele estava descalço também. E seus pés eram sexy como todo o inferno.

— Uh, — eu disse. — Ei pessoal.

— Por que eu sinto que isso é uma coisa que eu deveria estar percebendo? — disse Kelly .

O nariz de Joe enrugou. — Que cheiro é esse?

Então, é claro que todos os homens Bennetts começaram a farejar o ar. Não foi engraçado. Em absoluto.

Carter deu um passo em minha direção. — Cara. Ox. Que diabos. Em que você se banhou?

— Nada, — eu disse, soando defensivo, mesmo quando dei um passo para trás. — Eu não sei do que você está falando.

— Ox, — Joe disse com uma carranca. — Você está bem?

Eu nem consegui *olhar* para ele quando disse: — Estou bem. Está tudo bem.

— Isso... Foi uma mentira, — disse Kelly.

Joe deu um passo em minha direção. Eu dei outro passo para trás.

— Algo aconteceu hoje? — Perguntou Thomas.

Eu queria dizer, *eu posso ter começado a imaginar seu filho menor de idade nu*, mas eu não sabia se isso era algo que alguém poderia dizer a um lobisomem Alfa.

Então eu disse: — Nada aconteceu. Eu só queria... Cheirar. Diferente?

Os homens Bennetts me encararam. Eu olhava apenas para os ombros deles.

Joe disse: — Ox.

— Sim, — eu disse, olhando para uma árvore.

— Ei.

— O que?

— Olhe para mim.

Jesus fodendo Cristo. Eu olhei para ele.

Até eu pude ver a preocupação em seu rosto. Seu rosto bonito e lindo.

Eu me senti corar.

— Talvez devêssemos... — Mark começou, mas depois Carter disse: — Ah, de *jeito* nenhum, — e então *eu* disse em voz alta: — Carter, eu posso falar com você por um momento? Agora? Por favor? Agora mesmo?

Carter me deu o maior sorriso de merda mesmo quando Joe olhou entre nós, estreitando os olhos. — O que você fez? — Ele perguntou ao irmão.

— Absolutamente nada, — disse Carter, parecendo bastante satisfeito com *alguma coisa*. — E é *incrível*.

— Carter, — eu lati. — Agora!

Antes que os outros pudessem protestar, Carter avançou e segurou meu braço, arrastando-me para a floresta. — Isso não vai demorar muito, — ele falou alegremente por cima do ombro para os outros.

— O que não vai? — Eu ouvi Joe perguntar.

— Oh, eu tenho certeza que você vai descobrir em breve, — disse Mark, e oh meu deus, eu estava *condenado*.



Desde que os lobos estavam impacientes como o inferno, Carter apenas me arrastou o suficiente até que soube que estávamos fora do alcance das vozes antes que ele parasse, soltou meu braço,

virou-se para mim e disse: — Você tem um tesão pelo o meu irmãozinho.

Eu tive que pelo menos tentar. — Eu não tenho idéia do que você está falando.

Carter disse: — Você se encharcou da coisa mais malcheirosa que consegui encontrar para encobrir o cheiro do seu *tesão*.

— Pare de dizer *tesão*!

Ele balançou as sobrancelhas para mim.

Eu olhei para ele.

Ele disse: — Já estava na hora.

E então eu disse: — *O quê?*

Ele olhou para mim. — Você e Joe.

— O que *sobre* mim e Joe?

— Sério. É com isso que você está indo.

Seria isso ou ter um ataque de pânico. — Sim, eu disse. — É com isso que estou indo.

— Está tudo bem, — ele disse. — Você está autorizado a ter um tesão para o meu irmão de dezessete anos de idade.

Eu gemi, enterrando meu rosto em minhas mãos. — Você está fazendo isso muito pior.

Ele bufou. — Eu duvido muito disso. Se você acha que é estranho para você, pense em como *me* sinto agora.

— Você continua dizendo *tesão*!

— Sim, — ele disse com facilidade. — Estou me divertindo tanto agora.

— Carter!

— Por que você está pirando sobre isso?

— Por que você *não está*?

— É sobre a coisa toda de ser lobisomem?

— O que? Não, eu não me importo que ele seja um...

— E não é que ele seja um cara. Você já fodeu homens antes de você.

— Que diabos. Vai jogar isso agora, vai?

— É que ele tem dezessete anos? — Carter perguntou. — Papai não vai se importar. Bem. Ele provavelmente não vai se importar *muito*.

Eu olhei para ele com horror. — Do que você está *falando*?

— Ox, — ele disse lentamente, como se estivesse falando com uma criança. — É o Joe, cara. O que você pensou que fosse acontecer?

— Eu não... Eu só... Ele estava usando aquele *short* e...

Carter fez uma careta. — Ok, cheirar é uma coisa, mas *ouvir* sobre isso é um passo longe demais. Esse é o meu irmãozinho.

Eu soltei um ruído ligeiramente estrangulado.

— Ox, você sabe que isso sempre vai acontecer certo?

Isso me parou de frio. — O que?

— O lobo.

— Eu te disse, que não me *importa* que ele seja um lobo-

Mas Carter já estava balançando a cabeça. — Isso não. O lobo de pedra. Aquele que ele lhe deu no seu aniversário.

— E?

Carter suspirou. — Cara, isso não vai passar bem.

O que não fez nada para melhorar as coisas. Eu disse isso a ele.

— Olha, — ele disse. — Quando os lobos nascem o Alfa lhes dá um lobo esculpido em pedra. Às vezes, eles fazem isso sozinho. Às vezes eles têm outros fazendo isso junto. Mas cada lobo natural recebe um. Eu não sei quando isso começou, e honestamente, é uma besteira arcaica, mas que seja. É tradição e você sabe como o pai é com as tradições.

Eu balancei a cabeça, porque eu sabia.

— É o bem mais precioso de um lobo, — continuou Carter. — Algo para ser protegido e reverenciado. Ou é como somos ensinados.

— Então por que ele o deu para mim?

Carter sorriu baixinho para mim. — Porque é isso o que você deveria receber.

— Eu não-

— Quando estamos com idade suficiente, nos dizem que um dia encontraremos alguém. Alguém que se sente bem ao nosso

lobo. Alguém que faz o nosso coração disparar. Alguém que nos complete. Nos amarra. E nos torna humanos.

Um arrepio passou na minha pele.

Os pássaros cantavam nas árvores.

As folhas balançavam nos galhos.

Parecia verde aqui. Tão verde.

— Quando encontramos essa pessoa, — disse Carter, — quando descobrimos essa pessoa que nos faz esquecer tudo de ruim que já aconteceu para nós, bem... É para isso que o lobo de pedra serve. É um presente, Ox. Uma promessa.

— Uma promessa de quê? — Eu gritei.

Ele encolheu os ombros. — Isso pode significar muitas coisas. Amizade. Família. Confiança. — Ele fechou os olhos e ouviu o som da floresta. — Ou mais.

— Mais?

— Amor. Fé. Devoção.

— Ele...

— Sim cara. Ele ama.

— Ele tinha *dez anos*.

Carter abriu os olhos. — E ele falou com você depois de não falar por mais de um ano. Nós todos sabíamos. Mesmo assim.

Eu senti uma estranha sensação de traição com isso. — Isso é outra coisa para esconder de mim? — Eu perguntei, incapaz de parar a amargura na minha voz.

Carter balançou a cabeça. — Você tinha dezesseis anos, Ox. E você não sabia sobre os lobisomens.

— Mas quando eu soube-

— Jessie, — disse Carter.

E tantas coisas se encaixaram. — Puta merda, — eu respirei fundo. — É por isso-

— Isso e você era uma espécie de idiota sobre isso.

Eu olhei para ele.

Ele encolheu os ombros.

— Eu não vou fazer nada sobre isso, — eu disse. — Ele é jovem. Ele vai para a faculdade. Ele vai ter uma *vida*. Ele é meu amigo e isso é...

Carter bufou. — Sim, boa sorte com isso, Oxnard. Confie em mim. Quando Joe perceber isso - e ele *vai tentar* - você não *terá* chance.

— Ele não vai, — eu disse determinado. — E você não vai dizer nada.

Ele sorriu para mim.



CARTER me fez voltar para casa e tomar banho, dizendo que meu fedor era esmagador e não havia como comer com eles, cheirando como eu.

Eu o soquei o mais forte que pude.

Ele apenas riu de mim.

Tentei arrastar o máximo que pude, pensando em absolutamente tudo, *menos em Joe*.

O chuveiro durou quatro minutos.

Eu estava vestido e voltava para a casa dos Bennett dez minutos depois.

Eu podia ouvir todos eles, inclusive minha mãe, no quintal. Elizabeth estava rindo. Carter estava gritando com Kelly. Minha mãe estava conversando com Mark.

Antes que eu pudesse virar a esquina da casa, senti uma mão no meu ombro.

Eu nem precisava me virar para saber quem era.

Mas eu fiz assim mesmo.

Joe estava atrás de mim, com os olhos preocupados, e os dedos se arrastando pelo meu braço, agarrando meu cotovelo levemente. Nós estávamos de pé tão perto um do outro, a centímetros de distância. Eu podia sentir o calor dele, seus joelhos batendo nos meus.

— Ei, — disse ele.

— Oi, — eu consegui dizer de volta.

— Você está bem?

— Sim, — eu disse. — Bem. Está tudo bem.

— Uh-huh. Quer tentar isso de novo?

— Eu não tenho idéia do que você está falando.

— Ox, — ele disse naquele tom de voz que nós dois sabíamos que poderia fazer comigo *qualquer coisa que* ele quisesse de mim, e agora que eu estava ciente do que exatamente isso poderia implicar, eu mal conseguia respirar.

— O lobo, — eu soltei.

— O que? Que lobo.

Eu fiz uma careta. — Aquele que você me deu.

A partir desse momento, pude ver o leve rubor se espalhando pelo pescoço dele. Mas seus olhos nunca deixaram os meus. — É isso?

— Eu só... Eu estou. Obrigado? Por isso. Eu acho.

— Seja bem-vindo? Por que você está - espere. Sobre o que você e Carter conversaram?

— Um. Nada?

— Mesmo? É com isso que você está indo.

— Nada, — eu insisti.

— Você está agindo de forma estranha.

— *Você está* agindo de forma estranha.

Ele revirou os olhos. — A coisa do cheiro, sair com Carter na floresta, trazer o lobo de pedra do nada. Não me deixou andar ao lado da casa quando voltamos de...

Ele parou, e eu *conhecia* essa expressão em seu rosto. Eu *sabia* o que isso significava. *Esse* era o olhar que ele tinha



Kardia Mou | Wolfsong

quando sua mente começava a disparar, colocando todos os pequenos pedaços juntos.

— Nós provavelmente devemos ir comer, — eu disse apressadamente. — Nós não queremos manter todos esperando. É muito rude.

Seus olhos se arregalaram.

Bem, foda-se

— Ox, — disse ele, uma sugestão de seu lobo cutucando, os olhos brilhando. — O que você gostaria de me dizer?

— Não, — eu disse rapidamente. — Absolutamente nada.

— Você tem certeza disso? — Ele perguntou, e aumentou seu aperto no meu cotovelo.

Eu mal consegui soltar meu braço. — Estou com fome, — eu disse com a voz áspera. — Deveríamos-

— Claro, — disse ele. — Vamos.

Eu pisquei.

Ele sorriu para mim.

Meu coração gaguejou um pouco.

O sorriso se alargou.

Ninguém comentou quando viramos a esquina, embora eu tivesse certeza de que cada uma delas, além de minha mãe, tivesse ouvido toda a conversa. Carter piscou para mim. Kelly parecia bastante satisfeito. Mark dava o seu sorriso secreto. Elizabeth me observava com carinho. Mamãe apenas parecia confusa.

Thomas, no entanto. Thomas parecia mais à vontade do que eu já o vira antes.

Joe se amontoou ao meu lado, sentando ao meu lado, sem deixar nenhum espaço entre nós.

A refeição foi um exercício de treino.

Ele se inclinava muitas vezes quando falava comigo, respirava no meu pescoço, sussurrava no meu ouvido.

Ele tocou meu braço, minha mão, minha coxa.

Ele tinha um canudo no refrigerante. Ele nunca usou um canudo. *Nunca*. Mas ele tinha um agora, e puxava a bebida de algum lugar, seus cílios tremulando para mim enquanto ele *chupava*, e suas bochechas vazavam.

Eu derrubei meu garfo. Ele bateu ruidosamente no meu prato.

— Joe, — Thomas suspirou. — Mesmo?

— Oops, — disse Joe. — Desculpe. — Ele não parecia muito triste.

Kelly disse: — Oh cara, isso faz muito mais sentido agora. E é muito mais grosseiro.

— Eu fiz uma torta para a sobremesa, — disse Elizabeth, voltando para a mesa. — Cobertura de creme de leite.

Eu gemi.

Joe parecia encantado.

Ainda mais quando ele passou o dedo pelo creme, lambendo-o do dedo sem tirar os olhos de mim.

Carter e Kelly tinham um olhar de nojo e horror em seus rostos.

— Pare com isso, — eu assobieei para ele.

Joe inclinou a cabeça para mim antes de se inclinar e dizer em voz baixa: — Ah, Ox. Estou apenas começando.



E uma gravata borboleta / qualquer coisa para você

EU deveria saber que ele não iria parar com isso.

Ele me deixou três dias me preocupando com isso.
Preocupando-me com cada pequeno detalhe de cada interação que já
tivemos.

As coisas faziam sentido agora. Jessie. Os homens com quem
eu dormi. O jeito que ele desapareceria da minha vida por dias
depois deles.

E Frankie. Frankie tinha sido sua tentativa de... O que. Uma
vida normal? Algo que não era eu?

Eu não gostava de Frankie, eu descobri isso. Em absoluto.

Três dias. Ele me deixou três dias.

Três dias com ele sorrindo para mim.

Três dias tentando descobrir o significado oculto de todos
os textos que ele me enviava.

Segunda e terça-feira, ele estava me esperando na estrada de
terra enquanto eu voltava do trabalho para casa.

Ele disse: — Ei, Ox.

Eu corei.

Nós caminhamos para casa juntos, eu tentando encontrar as palavras para dizer que *isso não poderia acontecer e você merece alguém muito melhor do que eu e você tinha apenas dez anos, como você poderia fazer isso, você tinha apenas dez anos de idade*, mas eu era incapaz de falar em voz alta.

Sua mão frequentemente roçava a minha e eu pensava em tomá-la de vez em quando.

No terceiro dia, ele não estava na estrada.

Eu queria me sentir aliviado.

Em vez disso, fiquei desapontado.

Até que cheguei a casa.

Mamãe teve o dia de folga, o primeiro em muito tempo.

Então, claro, ela estava em casa quando cheguei lá.

Com o Joe.

Sentado na nossa mesa da cozinha.

Usando uma calça, e uma camisa social.

E uma gravata borboleta.

Que, sem que eu soubesse, acabou sendo uma das minhas maiores fraquezas.

Entrei na porta da cozinha ao ver isso.

— Huh, — disse mamãe. — As coisas estão começando a fazer sentido agora.

Eu esfreguei meu nariz dolorido enquanto eu fazia uma careta para os dois. — O que está acontecendo?

— Joe perguntou se ele poderia falar comigo, — disse a mãe.

— Eu trouxe flores para ela! — Joe soltou, parecendo sem fôlego e nervoso.

— E ele me trouxe flores, — mamãe concordou, inclinando a cabeça em direção ao vaso que estava sobre a mesa, cheio de Lírios, suas favoritas. Como ele descobriu isso, eu nunca saberia.

— Por que você está trazendo flores para ela? — Perguntei.

— Porque mamãe disse que era legal fazer isso e a colocaria do lado bom quando eu perguntasse se estaria tudo bem se eu mantivesse você ao meu lado para o resto da minha vida, — explicou Joe. Então seus olhos se arregalaram. — Merda. Isso não deveria sair assim.

— Oh meu deus, — eu disse fracamente.

— Você quer mantê-lo por quanto tempo agora? — Mamãe perguntou, olhando para Joe.

— Uh, — disse Joe. — Porcaria. Isso não está indo como eu queria. Eu tinha tudo que precisava dizer planejado. Espere. — Ele se abaixou e tirou um cartão do bolso. Estava amarrotado, o canto dobrado. Ele olhou para baixo, a boca se movendo silenciosamente enquanto lia o que diabos ele tinha escrito sobre o papel. Uma gota de suor escorria pela testa dele.

Isso tinha que ser um sonho.

— Joe, nós talvez devêssemos- — Eu tentei.

Mas ele olhou para minha mãe, um conjunto determinado em sua mandíbula. — Oi, Sra. Callaway, — disse ele. — Estas flores são para você.

Eu gemi.

— Obrigado, Joe, — disse a mãe, contorcendo os lábios. — É o que eu disse há dez minutos quando você me deu as flores e depois ficou sentado olhando para mim enquanto esperava por Ox chegar a casa.

— Certo, — disse ele. — Não há de que. Falando em Ox, eu vim falar com você sobre ele.

— Você está usando uma gravata borboleta, — eu disse desnecessariamente.

Ele olhou para mim. — Mamãe disse que eu tinha que me preparar para isso.

Eu ouvi uma risada baixa vindo pela janela aberta acima da pia.

E eu *sabia*.

Eu fui até a janela e olhei para fora.

Lá, sentado na grama, estava o resto dos Bennetts.

Malditos! *Malditos* lobisomens.

— Olá, Ox, — disse Elizabeth sem uma pitada de vergonha. — Lindo dia, não é?

— Eu vou lidar com todos vocês mais tarde, — eu disse.

— Ooh, — disse Carter. — Eu na verdade só tenho arrepios disso.

— Estamos aqui apenas para dar apoio, — disse Kelly. — E rir de como está sendo constrangedor para o Joe.

— Eu ouvi isso! — Joe gritou atrás de mim.

Eu bati minha cabeça no peitoril da janela.

— Maggie, — disse Joe. — Então, posso te chamar de Maggie?

— Claro. — Minha mãe parecia que estava *gostando* disso. *A traidora*. — Você pode me chamar de Maggie.

— Bom, — Joe disse duvidosamente aliviado. — Você conhece o Ox ali?

— Eu já ouvi falar dele, — disse a mãe.

— Ok. — Joe olhou para o cartão antes de olhar de volta para a minha mãe. — Chega um momento na vida de todo lobisomem quando ele é maior de idade, e que tem que tomar certas decisões sobre seu futuro.

Eu me perguntei se eu jogasse algo nele isso iria distraí-lo o suficiente para eu arrastá-lo para fora da cozinha. Eu olhei por cima do meu ombro pela janela. Carter acenou para mim. Como um idiota.

— Meu futuro, — disse Joe, — é o Ox.

Ah deus, isso me fez doer.

— É isso mesmo? — Perguntou a mãe. — Como você acha?

— Ele é muito legal, — Joe disse sério. — E cheira bem. E ele me faz feliz. E eu quero fazer nada mais além do que colocar minha boca nele.

— Ah, bem, — disse Thomas. — Nós tentamos.

— Ele é o nosso pequeno floco de neve, — Elizabeth disse alegre.

— Você quer o *quê*? — Perguntei a Joe, incrédulo.

Ele estremeceu. — Eu não quis dizer isso assim. — Ele estava suando muito mais pesadamente agora, enquanto olhava para a minha mãe. — Eu quero cortejar o seu filho.

— O que isso significa? — Ela perguntou.

— Isso significa que eu quero provar para ele o meu valor, — disse Joe. — E então, assim que ele concordar em ser meu, eu o montarei e então o morderei e todo mundo verá que pertencemos um ao outro.

Eu estava ofegando e era um som horrível.

— Joe, — Elizabeth chamou da janela. — Talvez não deva falar sobre essa parte ainda. Ou *nunca*.

— Certo, — Joe disse, puxando sua gravata borboleta como se estivesse muito apertada. — Esqueça que eu disse essa parte.

— Eu não sei se *posso*, — disse a mãe, olhando entre mim e Joe.

— *Me montar*? — Eu consegui dizer. — De todas as coisas que você poderia ter dito, você disse que vai me *montar*?

— Estou nervoso! — Joe chiou. — Não é minha culpa! Essa foi à única coisa em que consegui pensar!

— *Você tem isso escrito*, — eu assobieei para ele.

— Quero dizer, — disse a mãe, — você só jogou fora como se não fosse nada.

Eu ignorei os sons de gargalhadas vindos de trás de mim.

— Ok, — disse Joe. — Vamos tentar de novo. Oi Maggie! Como você está? Estas flores são para você. Eu acho que seu filho é a melhor coisa do mundo.

Todo mundo ficou quieto.

— Você acha? — Perguntou a mãe.

Ele assentiu. — Eu acho. Há muita coisa que você não sabe. Sobre mim. As coisas estavam... Difíceis. Por um tempo. Às vezes, ainda estão. Mas Ox, ele apenas... Eu tenho pesadelos. Sobre homens maus. Sobre monstros. E ele os faz ir embora.

Eu tentei engolir o nó na garganta.

— E eu estive esperando, — disse Joe. — Que ele olhasse para mim como eu olho para ele. E ele finalmente me *olhou* assim. *Ele finalmente fez*. E vou fazer tudo o que puder para garantir que continue assim. Porque eu o quero para sempre.

— Você tem dezessete, — ela disse. — Como você pode saber o que você quer sendo tão jovem?

— Eu sou um lobo, — disse ele. — Não é o mesmo. Nós somos... Ligados de forma diferente.

— E se ele disser não?

Joe empalideceu. — Então, uh. Eu acho. Eu vou. Ficar bem? Com isso?

— Você iria?

Ele balançou a cabeça, mãos cerradas em punhos ao seu lado. — Talvez não. Mas eu o respeitaria. Porque Ox é meu melhor amigo acima de tudo. E eu o teria de qualquer maneira que pudesse.

— Hmm, — minha mãe disse. — Então, Ox? O que você acha? Todos prenderam a respiração.

E eu...

Ele me encarou, talvez. Minha pele estava muito apertada.

Como se estivesse me dividindo.

Como se fosse dividir e então eu acordaria porque era apenas um sonho. Tudo isso era apenas um sonho.

E então eu disse: — *Por quê?* — Porque essa era a única coisa que eu não conseguia entender. A única coisa que eu não consegui. Meu pai estava morto, mas ele disse que eu ia receber *merda*, e isso não era *merda*. Isso era assustador, isso era uma *oportunidade*. Isso era *responsabilidade* e não era uma *merda*.

— Por quê? — Joe perguntou. Ele parecia confuso.

— Por que eu?

Agora ele franziu o cenho. — Por que não?

— Você vai ser Alfa um dia. — E ele seria ótimo.

— E?

Eu olhei para as minhas mãos. — Isso é importante.

— Eu sei.

— Eu não sou...

— Você não é o que?

— Você sabe. Alguma coisa.

Então ele estava na minha frente e ele estava *chateado*. Ele praticamente *vibrava*. — Cale a boca, — ele disse. — Apenas cale a boca.

KM

Eu disse: — Joe, — mas ele me cortou com — Você não pode dizer isso. Você nem sequer pode *pensar* algo assim.

—Você tem *dezessete anos*—

Ele estava rosnando agora, e eu sabia que se olhasse para ele, seu lobo estaria lutando. — Sim? Você acha que eu não sei o que estou fazendo? Você acha que porque eu tenho *apenas dezessete anos* eu não sei do que estou falando? Eu não sou criança há muito tempo, Ox. Isso foi tirado de mim na primeira vez que ele me fez gritar no telefone para que minha mãe pudesse ouvir quando ele quebrou meus dedos. Eu não sou criança desde que ele me *arrancou* de mim e me transformou em outra coisa. Eu sei o que é isso. Eu sei o que estou fazendo. Sim, tenho *dezessete* anos, mas soube no dia em que te conheci que faria *qualquer coisa* por você. Eu faria *qualquer coisa* para te fazer feliz porque ninguém nunca cheirou como você. Era o cheiro de bastões de doces e

pinhas. Era algo épico e incrível. E é *casa*. Você cheirava a minha *casa*, Ox. Eu tinha esquecido como isso era, ok? Eu tinha me esquecido disso porque *ele* tirou isso de mim e eu não conseguia encontrar novamente até que eu encontrei você. Então não me diga que eu tenho *apenas* dezessete anos. Meu pai deu a minha mãe seu lobo quando *ele* tinha dezessete anos. Não é uma questão de *idade*, Ox. É quando você sabe.

Minha voz estava rouca quando eu disse: — Mas eu não sou-

— Cale a boca! — Ele gritou. — Você sabe o que? Não. Você não decide o que vale porque obviamente você não sabe. Você não consegue mais decidir isso porque não tem a mínima idéia de que vale *tudo*. O que você acha que isso é? Uma piada? Uma decisão do inferno que tomei apenas agora? Não é. Não é o destino, Ox. Você não está *preso* por isso. Ainda não. Existe uma escolha. Há *sempre* uma escolha. Meu lobo te escolheu. *Eu* escolhi você. E se você não me escolher, então essa será a *sua* escolha e eu vou sair daqui sabendo que você tem que escolher o seu próprio caminho. Mas eu juro por Deus, se você me escolher, eu vou me certificar de que você saiba o peso do seu valor todos os dias pelo resto de nossas vidas, porque é isso que é. Eu vou ser um maldito *Alfa* um dia, e não há ninguém que eu prefira ter do meu lado do que você. É você, Ox. Para mim, sempre foi você.

Então eu disse: — Ok, Joe. — Eu olhei para ele. Seu lobo estava perto da superfície.

E ele disse: — Ok?

Eu disse: — Tudo bem. OK. Não sei se vejo as coisas que você faz.

— Eu sei.

— E eu não sei se vou ser bom o suficiente.

— *Eu sei que você vai*, — ele disse com os olhos brilhando laranja.

— Mas eu prometi a você. Eu disse que sempre será você e eu.

Seu rosto gaguejou um pouco e ele disse: — Você disse. Você me prometeu. Você *prometeu*.

Eu disse: — Eu não sou muito. Eu não tenho muito. Às vezes me sinto idiota e digo coisas estúpidas. Meu pai foi embora e eu cometo erros o tempo todo. Eu não fui para a faculdade, e eu trabalho com graxa e óleo, e fica tudo grudado debaixo das unhas e na calça. Eu não tenho muitos amigos. Mas eu fiz uma promessa para você e, embora deseje que você encontre alguém melhor, cumpro minhas promessas. Então, sim, Joe. OK? Apenas sim.

Eu não devo ser um homem ainda porque meu olho estava queimando um pouco. Mamãe chorava na mesa e eu podia ouvir Elizabeth fungando do lado de fora da janela, mas lá estava Joe na minha frente. Ele era o garotinho que me encontrou na estrada de terra no dia em que completei dezesseis anos. O garotinho que se tornara homem, e agora ele estava diante de mim alguns dias antes

de eu completar vinte e três anos. Ele achava que eu valia alguma coisa. Eu queria acreditar nele.

Então ele pressionou sua testa contra a minha e respirou fundo, e lá estava aquele sol, ok? Aquele sol entre nós, aquele elo que queimava e queimava e queimava porque ele tinha se dado para mim. Porque ele me escolheu.

E eu o escolhi também.



Que vida é / eu preciso de você

ASSIM eram as coisas.

E eu aprendi que ainda não sabia nada sobre lobisomens.

Eu disse: — Eu sinto que isso é algo que eu deveria ter dito.

Thomas olhou para mim enquanto caminhávamos entre as
árvores. — Sim?

— Sim.

— Ah.

— Elizabeth é a sua companheira.

— Por falta de uma palavra melhor, sim. Podemos chamar
assim. Mas ela é muito mais para mim.

— Como você sabia?

Ele riu. — Porque toda vez que eu a via, eu não queria nada
mais do que ter certeza de que ela nunca mais deixaria minha visão.

Eu entendia isso. Completamente.

— Você sabia, — eu disse. — Sobre Joe e eu.

— Sim.

— É por isso que... — Eu parei.

Ele esperou.

— Quando você o treina. Você me tira daqui.

— Sim.

— Por causa do que sou. Para ele.

— Sim.

— Companheiro.

— Se você quiser chamar assim. É muito romantizado, mas suponho que seja o mais próximo que conseguiremos.

— O que eu sou?

Ele pareceu surpreso. — Você é o Ox.

E eu disse: — Para ele. O que é Elizabeth para você?

— Camadas, — ele disse com uma risada. — Tantas camadas. Ela é minha e eu faria qualquer coisa por ela. Ela me faz mais forte por causa disso. Um Alfa precisa disso mais do que qualquer outro. Eu não ficaria sem ela.

— E é isso que eu vou ser para Joe?

— Pode ser, — ele disse. — Ou mais. Você é diferente, Ox. Eu acho que eu ainda não sei o quanto você é diferente. Será verdadeiramente um espetáculo para ser visto. E eu, por exemplo, mal posso esperar para ver isso.

— Ver o que?

— Seu tudo, — disse ele.

O sol desapareceu atrás de uma nuvem no céu. — Por que você o deixou?

— O deixei?

— Dar-me seu lobo.

— Porque ele escolheu.

Eu fiz uma careta. — Você poderia ter o impedido.

— Eu suponho.

— Carter disse que você tentou.

— Porque nós não conhecíamos você.

— Mas você o deixou de qualquer maneira. Por quê?

Thomas tocou meu ombro. — Porque Joe de todas as pessoas deveria ter permissão para fazer uma escolha. Depois de tudo o que ele passou. E pela primeira vez desde que o pegamos de volta, ele teve uma escolha. Ele escolheu falar com você. Ele escolheu trazê-lo de volta para a casa. Ele escolheu segurar sua mão. Isso é o que a vida é, Ox. *Escolhas*. As escolhas que fazemos moldam o que nos tornaremos. Durante muito tempo, as escolhas de Joe foram tiradas dele. E então ele foi governado pelo medo. Mas você veio e ele fez sua própria escolha. Então sim. Eu poderia tê-lo parado. Eu poderia ter dito a ele para esperar. Eu poderia ter dito a ele que não. Mas eu não fiz porque ele escolheu. Ele escolheu você, Ox.

— Quem foi?

Thomas desviou o olhar.

Eu disse: — Eu preciso saber.

— Por quê?

— Porque se eu o escolhi, eu estou escolhendo tudo isso.

Seu nome era Richard Collins. Ele tinha sido um Alfa até que a liderança foi retirada dele. Ele estuprou e assassinou membros de

sua própria matilha, e alimentou os humanos com os mais ferozes deles. Ele era um monstro e ele não se importava. Eles arrancaram o Alfa de seu corpo, mas ele escapou antes que eles pudessem fazer algo mais.

Thomas e Richard foram amigos quando eles eram crianças. Aqui mesmo. Neste território. Eles eram matilha e eles se amavam muito. Como irmãos.

Caçadores humanos vieram um dia.

Thomas e seu pai estavam fora.

Eles torturaram a mãe de Richard e a estupraram na frente dele. Muitos outros também.

Carne queimada e o ar cheio de cinzas.

Grande parte da matilha dos Bennetts se foi.

Richard foi embora então.

Ninguém sabia como ele se tornou um Alfa. Magia, talvez. Assassinato. Sacrifício.

Ele foi cruel e tirou a vida e a esperança, até ser apanhado.

Mas então ele deslizou através de seu alcance.

Thomas tinha sido convidado a voltar para o leste e ajudar as outras matilhas a encontrá-lo.

Para pará-lo.

Eles procuraram por anos e anos e anos. Movendo-se por todo o país.

Thomas achava que não havia mais alguma esperança para seu velho amigo, mas ele não permitiu que isso o impedisse.

Eles estavam no Maine quando ele recebeu a ligação.

Joe foi embora. Levado do jardim da frente de sua pequena casa junto ao mar.

Eles não conseguiram encontrá-lo. Não consegui rastreá-lo. O cheiro sumiu, como se nunca tivesse estado lá antes.

Eles procuraram por três dias.

No terceiro dia, o telefone tocou.

Richard disse: — Thomas. Thomas, Thomas, Thomas.

E Thomas disse: — Seu filho da puta.

Richard disse: — Você não estava lá. Você não fez nada para detê-los. Eles gritaram para você ajudá-los. *Eu gritei por você. Pelo seu pai. Mas você não estava lá.*

Thomas implorou: — Meu filho Richard, meu filho. Por favor.

E Richard Collins disse: — Não.

Ele ligava duas vezes por semana e Joe *gritava*. Ele fez Joe *gritar* e Thomas estava perdendo a cabeça.

Demorou oito semanas para encontrá-lo. Uma mistura de aromas e pura sorte os levou a uma cabana no meio da floresta muito mais perto do que eles pensavam. Mas eles o encontraram, espancado e sozinho. Ele não era o mesmo. Ele era um lobo, mas os lobos não mudavam até a puberdade. Ele se curou, mas foi lento.

E ele não falava.

Quando consegui ter certeza de que minha voz funcionaria, perguntei: — O que ele queria?

— Infligir dor, — disse Thomas. — Tanto quanto possível.

E fiz a pergunta que lhe fiz antes. — Ele está morto?

E Thomas disse: — Não. Ele passará o resto de seus dias apodrecendo em uma cela protegida por magia. A magia não permitirá que ele mude. Para todos os efeitos, ele está sem seu lobo.

Minhas mãos se enrolaram ao meu lado. — Por que você não o matou?

Ele me olhou com olhos tristes. — Porque a vingança é a lição ensinada pelos animais. Porque é mais difícil mostrar misericórdia. Mostrei-lhe misericórdia porque ele nunca mostraria a minha família o mesmo.

E por um momento, eu odiei Thomas. Eu pensei que ele era fraco. Um covarde. E ele sabia disso. Ele deve ter descoberto todo pensamento que passou pela minha cabeça naquele momento.

Ele esperou.

E passou porque eu o conhecia. Mas eu tinha que ser honesto.

Eu disse: — Eu não sei se teria sido capaz de fazer o mesmo.

—Não, — ele disse. — Eu não espero que você tenha feito o mesmo.

E nós caminhamos pela floresta.



MÃE perguntou: — É isso que você realmente quer?

Eu disse: — Sim.

— Ele tem dezessete anos, Ox.

— E nada vai acontecer até que ele complete dezoito anos. —

Eu não queria mais falar sobre *aquela* parte com ela. Eu sentia o zumbido ao longo da minha pele até que eu me senti corado e quente. Era demais. O pensamento de tocar. De *ser* tocado.

Ela olhou pela janela para o sol de verão. — O que acontece se não der certo?

E eu não queria me aprofundar nisso. Eu não queria pensar nisso, então eu disse: — É sobre chances. É assim que tudo é.



— NÓS somos amigos primeiro, — Joe sussurrou em meu ouvido. — Você é o meu melhor amigo, Ox. E eu prometo que isso nunca vai mudar. Nós seremos apenas... *Mais*.



— Eu vou ter que me tornar um lobo? — Perguntei a Thomas. — Para estar com Joe?

— Não, — disse Thomas. — Você não precisa.

— Eu pensei sobre isso, — eu disse baixinho.

— Pensou?

— Sim.

Ele esperou.

— Eu não tenho que ser? — Eu insisti.

— Não, — ele disse novamente. — Você já é maravilhoso assim como você é.

Eu me perguntava se isso era o que parecia ter um pai que te amava o suficiente para aceitá-lo, apesar de todos os seus defeitos.



ELIZABETH disse: — Não há mais ninguém que eu poderia ter escolhido para ele. Ox, vocês farão coisas maravilhosas juntos. Ele será um líder e, como um Alfa, colocará a matilha acima de tudo. Mas lembre-se de que você sempre será seu coração e alma.



MARK disse: — Eu sabia. Desde o primeiro dia, soube que você foi feito para algo grande. Tenho orgulho de te chamar de amigo e matilha.



CARTER disse: — Espero que você esteja pronto para a resistência do lobisomem. Sério. Você vai ficar dolorido. Por *dias*.



KELLY disse: — Eu realmente gostaria de não ter ouvido Carter dizendo isso. Eu preciso derramar água sanitária no meu cérebro. Por *dias*.

Eu sonhei com os lobos e uma lua vermelha-sangue. Eles cantavam para mim e eu ouvia suas músicas e as fazia as minhas. Eu corria com eles em quatro patas e meu coração trovejava no meu peito. Eu podia ver e cheirar, e ouvir tudo, e tudo era verde, verde, verde e laranja Beta e vermelho Alfa. As cores se encaixam com a música e *cantávamos* porque éramos *matilha matilha matilha*.



— UH, Ox? — Minha mãe ligou quando eu me preparava para o trabalho. O céu estava começando a clarear do lado de fora.

— Sim?

— Eu acho que começou.

— O que? — Eu coloquei minha camisa enquanto descia as escadas.

— Ela estava na varanda, e a porta da frente estava aberta. Eu vim atrás dela.

Ela disse: — Pelo menos ele manteve-o do lado de fora da varanda como eu pedi.

Um coelho gordo jazia na grama, a garganta retalhada, os olhos arregalados e sem visão. O sangue se acumulava embaixo, pegajoso e escuro. Moscas zumbiram em torno dele, pousando em patas duras.

— Eu não vou comer isso. — Foi à primeira coisa que eu disse.

Mamãe me deu uma cotovelada no estômago. — Ele pode estar ouvindo! — Ela sussurrou para mim.

— Quero dizer. Uh Uau. Isso parece tão bom! — Eu estava quase gritando.

— Sutil Ox.

— Um lobisomem está me cortejando com um coelho morto. Nada sutil aqui.

— Não poderia ter sido flores? — ela murmurou enquanto colocava suas botas de borracha ao lado da porta.

— Ele te deu flores, — eu a lembrei quando ela desceu a varanda.

— Eu quis dizer para você, — ela disse. Ela se inclinou e pegou o coelho pelas orelhas, levantando-o do chão. Eles escutaram um estalido baixo, pois a grama presa na parte de baixo. —
KM Cortejando. Lindo.

— Por que você está *tocando nisso*? — Eu disse, parecendo horrorizado.

— Não podemos *deixar* aqui, — disse ela. — Ele ficará ofendido.

— Eu serei honesto. Estou sempre ofendido.

— Rápido, — disse ela enquanto caminhava por mim para a casa. — Procure receitas de coelho na internet antes de ir trabalhar.

— Está pingando no chão!

— É apenas um coelho morto, Ox. Você parece histérico.

— Nada *higiênico*.

Eu não gostava muito de coisas da Internet, então eu pesquisei: — O que fazer quando seu futuro amigo lobisomem / namorado / melhor amigo te traz um coelho morto.

Primeiro, havia muito pornô.

Então eu encontrei uma receita para o ensopado de coelho maltês.

Estava uma delícia.

O ensopado, não o pornô.

O pornô foi estranho.



KM

GORDO disse: — Então. Você acabou de receber uma cesta com oitenta mini muffins entregues para você.

Eu disse: — Mini muffins? — E eu olhei para cima de onde estava atrás de um pneu que eu estava preparando para um Ford Escape 2002.

— Uh. Sim. Tipo, oitenta deles.

— Isso é um monte de muffins.

— Lynda da padaria os trouxe. Bem, na verdade, o filho dela entregou porque a cesta era pesada demais para ela carregar.

Silêncio.

Gordo estreitou os olhos. — Esse é um suspiro sonhador, — ele acusou.

Ele me seguiu em seu escritório.

Com certeza, havia uma cesta de mini muffins. A maior cesta que eu já vi.

Eu sabia o que era isso.

Não contava como caça. Não que eu estivesse reclamando. Eu não achava que Gordo apreciaria animais mortos na loja.

Havia uma nota em um envelope.

Dizia: *Cala a boca! Isso conta totalmente como caça.*

Suspirei novamente.

— Ox, — disse Gordo.

Eu disse: — Então. Companheiros são uma coisa, hein?

E ele disse: — Ox.

— Você é apenas uma *criança*! — Ele gritou comigo depois que os outros tinham ido para casa. Ele estava construindo pressão o dia todo.

Eu disse: — Tenho vinte e três anos, Gordo. Eu não sou criança há muito tempo.

Ele estreitou os olhos. — Você sabe o que isso significa? Com o que você concordou? Isso é para a *vida*. Quando o lobo se liga, é para a *vida*.

— Eu sei. — Thomas tinha me dito. Eu poderia ter tido um colapso mínimo, mas isso foi ontem. Hoje era diferente.

— E você ainda concordou? Você está fora da porra da sua mente?

— Engraçado, — eu disse. — Eu achava que era a *minha* vida. Não a sua.

Ele começou a andar na minha frente. — Como diabos eu deveria protegê-lo, se você continuar fazendo essas coisas para si mesmo?

— Eu posso me proteger. Eu não preciso de você ou de qualquer outra pessoa para fazer isso por mim.

—Besteira. Você sabe que eu preciso... — Ele se cortou com um grunhido.

— Você precisa de mim. Eu sei.

— Isso não é o que eu ia dizer. — Ele me bateu contra a mesa.

— Gordo.

— Foda-se, Ox.

— Ele vai ser o Alfa um dia.

— Eu não me importo.

Eu o empurrei de qualquer maneira. — Ele vai precisar de um bruxo.

Ele cambaleou como se eu tivesse batido nele. — Não. Não se atreva.

— O que diabos aconteceu com você? — Eu exigi. — Por que você os odeia tanto?

Ele riu amargamente. — Isso não importa mais.

— Você sempre age assim. Olha, eu sei que você está preocupado comigo, isso é o que você faz. Mas você tem que confiar

em mim. Já tenho dúvidas o suficiente. Eu não posso tê-las de você também. Eu preciso de você, cara. Para ter minhas costas.

Ele aproveitou essas palavras, é claro. — Dúvidas? Então por que você está fazendo isso?

Eu disse: — Não sobre ele. Sobre mim. E se eu não for bom o suficiente para ele? E se eu não puder ser o que ele vai precisar?

Ele parou de andar e seus ombros caíram. — Ox, você não pode pensar assim.

Eu bufei. — Sim? É realmente muito fácil.

— Seu pai fez isso com você, — ele disse com uma carranca. — Eu deveria ter chutado a bunda dele quando tive a chance.

Eu olhei de surpresa.

— Eu não gosto disso, — disse Gordo. — Em absoluto. Mas vou dizer mesmo assim, ok? Qualquer um deve contar suas estrelas da sorte se tiverem que chamá-lo de seu. Eu não estou lhe dando a minha aprovação, porque isso não importa para você de qualquer maneira. Nada que eu possa dizer importa neste momento. — Sua voz falhou. — Mas é melhor que ele cuide de você, do contrário ele vai parar na lua, pois eu vou arrancá-lo desta terra.

Eu estendi a mão e apertei seu ombro, tentando impedir que meus joelhos se dobrassem. Claro que tudo o que ele dizia para mim importava. Como ele poderia pensar o contrário? Eu disse: — Gordo. Gordo. O lobo dele. Ele me deu o lobo dele. O lobo de pedra.

Gordo sorriu tristemente. — Eu percebi que ele fez isso. Quando ele te deu?

Eu balancei a cabeça. — No dia seguinte que eu o conheci. Quando ele tinha dez anos. Eu não sabia o que isso significava. Eles disseram que eu tinha uma escolha.

E ai estava. Aquele olhar no rosto dele. Esse *medo*.

Ele disse: — Mesmo assim?

Eu disse: — Mesmo assim, — e, claro, — Gordo, *Gordo!* — porque uma percepção me atingiu e eu estava tão *cego*.

— Sim, Ox.

— Você...? — Eu quase parei. Mas então, — Mark deu o dele. Não foi? Ele te deu seu lobo.

As tatuagens em seus braços queimaram brevemente enquanto ele abaixava a cabeça.

Eu esfreguei minha mão pelos cabelos dele. Estava ficando comprido. Eu precisava lembrá-lo para cortá-lo. Ele esquecia tantas coisas se eu não contasse a ele.

Ele disse: — Sim. Sim. — Ele tossiu. — Ele fez. E eu dei de volta.



NÓS estávamos correndo na lua cheia.

Os lobos me cercavam enquanto as árvores passavam.

Eles uivavam e rosnavam e viviam e riram.

Joe continuou se aproximando cada vez mais perto. Ele era quase tão grande quanto Mark agora. Quando ele se tornasse o Alfa, ele seria do tamanho de Thomas.

Nós viemos para a nossa clareira. Os outros se espalharam à frente, perseguindo um ao outro. Beliscando as patas e as caudas.

Joe não saiu do meu lado.

Ele me disse uma vez que, quando o lobo assumia, toda a racionalidade humana ia embora. Ele podia entender e ele podia lembrar, mas era em um nível mais baixo, todo animal e instinto.

Ele ainda era Joe, mas ele era um lobo.

Quem aparentemente decidiu que eu não cheirava o suficiente como ele.

Ele esfregou o tronco sobre minhas pernas e coxas.

Ele pressionou a cabeça e focou no meu peito e pescoço, arrastando o nariz pela minha pele.

Carter e Kelly se aproximaram, querendo brincar.

Joe rosnou para eles, um estrondo que saiu como um aviso. *Fique longe*, disse.

Eles inclinaram a cabeça para ele e se deitaram.

Ele voltou para mim e *bateu* no meu ouvido e pescoço.

Carter e Kelly se aproximaram devagar.

Joe os ignorou porque encontrou algo interessante para farejar atrás da minha orelha.

Eles se aproximam.

Joe tocou o nariz na minha testa.

Eles se aproximaram.

Joe correu para encará-los.

Carter bocejou como se estivesse entediado.

Kelly colocou a cabeça em suas patas.

Joe se virou para mim.

— Você está sendo burro, — eu disse a ele.

Ele mostrou os dentes para mim, muito brilhante e afiado.

Eu bati no focinho dele.

Eu disse: — Eu não tenho medo de você.

Carter e Kelly saltaram para frente, esfregando-se contra mim de ambos os lados.

Joe rosnou para os dois, os olhos brilhando.

Eles apenas riram dele.

Mais tarde, eles caçaram.

Deitei de costas, observando a lua no alto.

O ar estava quente e eu estava feliz.



ELE matou uma corça e arrastou-a para fora da floresta para deixá-la diante de mim.

Sua língua saía da boca, os olhos arregalados.

Eu disse: — Sério?

Ele abriu a boca, focinho coberto de sangue e sujeira.

— É sério, — eu suspirei.



ELE disse: — Quando te encontrei, pensei que você fosse o mundo inteiro.

Ele disse: — Eu te dei o meu lobo porque foi feito para você.

Ele disse: — Quando Jessie veio, partiu meu coração.

Ele disse: — Eu tentei gostar dela. Eu tentei. E eu até gosto. Eu tentei.

Ele disse: — Mas eu a odiei. Eu a odiei tanto.

Ele disse: — Quando você acordou, eu corri para a floresta e uivei para a lua.

Ele disse: — E então cheirei homens em você.

Ele disse: — Eu os cheirei em você e tive que me impedir de te despedaçar.

Ele disse: — Eu queria que você esperasse.

Ele disse: — Eu queria lhe dizer que você precisava esperar por mim.

Ele disse: — Mas eu não podia. Porque não seria justo com você.

Ele disse: — E então o Frankie veio e eu... Eu não sei. Eu nunca pensei...

Ele disse: — Você me confunde. Você me completa. Você é incrível e bonito, e às vezes, eu quero colocar meus dentes em você só para ver você sangrar. Eu quero saber o que você gosta. Eu quero deixar minhas marcas na sua pele. Eu quero te cobrir até que você cheire como eu. Eu não quero que ninguém te toque novamente. Eu quero você. Cada parte de você. Eu quero dizer a você para quebrar o vínculo com Gordo, porque me queima saber que você está amarrado a alguém além de mim. Eu quero te dizer que eu posso ser uma boa pessoa, e eu quero que você saiba que eu não sou. Eu quero transformá-lo. Eu quero que você seja um lobo para que possamos correr nas árvores. Eu quero você fique humano para nunca perder essa parte de si mesmo. Se algo acontecesse com você, se você estivesse prestes a morrer, eu te transformaria porque nunca poderei te perder. Eu nunca posso deixar você me deixar. Não posso deixar nada te tirar de mim.

Ele disse: — Richard me disse coisas. Coisas terríveis.

Minha respiração estava presa no meu peito. Minha mão congelada em seu cabelo.

Estrelas brilhavam no céu. A grama parecia fria nas minhas costas. A cabeça de Joe estava pesada no meu estômago. Eu olhei para ele. Seus olhos brilharam de volta para mim, escuros e mais feéricos do que eu já os vi.

Eu poderia ter dito: — Silêncio. Nós não precisamos falar sobre ele.

Eu poderia ter dito: — Não importa mais. Ele não pode tocar em você.

Eu poderia ter dito: — Vou encontrá-lo e matá-lo por você. Diga-me onde ele está.

O que eu disse foi — ele fez?

Eu não sabia se era a coisa certa a dizer.

Joe soltou um suspiro estremecido. — Sim.

— OK.

— Ox.

— Sim? — Eu consegui dizer através da raiva assassina no meu coração.

— Está tudo bem.

Claro que ele podia sentir o cheiro. Eu me pergunto qual seria o cheiro da raiva. Eu pensei que provavelmente queimava.

Então eu disse: — Ok.

— Você precisa saber. Antes.

— Antes?

Ele virou a cabeça ligeiramente e esfregou o nariz contra ao longo de uma costela. — Então você saberá. Tudo.

— Você não está quebrado.

Ele disse: — Você não sabe disso.

Eu disse: — Eu Sei. Você está vivo. Se você pode respirar novamente, se você pode dar outro passo, você não está quebrado. Ferido, talvez. Machucado. Rachado. Mas nunca quebrado.

Ele disse: — Richard me disse que minha família não me queria mais, que eles me deram a ele e queriam que eu sangrasse.

Eu tive que me impedir de uivar uma canção de desespero.

Ele disse: — Richard disse que era minha culpa que isso estivesse acontecendo. Que se eu tivesse sido um filho melhor, se tivesse sido um menino melhor, nada disso teria acontecido. Ele disse que eles me odiavam porque eu não era o Alfa que eles queriam. Que eu era muito pequeno. Que eu não era um bom lobo. Que eu não merecia ser Alfa porque faria com que a matilha se separasse e todos morressem. E seria meu fardo carregar.

Ele suspirou. — Eu não sei se posso explicar, realmente. Aquele sentimento por dentro. O Alfa. Eu não sou um ainda, mas está perto. Borbulha logo abaixo da superfície. Há momentos em que tudo o que posso pensar é marcá-lo para que todos saibam a *quem* você pertence. Para esculpir meu nome em sua pele, você nunca me esquecerá. Esconder minha família, para que ninguém possa machucá-la. Eu tenho que proteger o que é meu. Richard tentou tirar isso de mim, e acho que piorou. Eu não acho que ele sabia que estava piorando.

Eu disse: — Não é ruim, — mas eu não tinha certeza se isso era exatamente correto.

Seus olhos brilharam para mim no escuro, laranja com manchas vermelhas. Sua voz era um grunhido quando ele disse: — Eu quero seu sangue na minha língua. Eu quero te abrir e rastejar para dentro de você. Eu sou um monstro por causa das coisas que eu poderia fazer com você, e você não seria capaz de me impedir de fazer. — Ele desviou o olhar e respirou calmamente. Outra respiração. E depois outra. Quando ele falou de novo, sua voz estava mais baixa. — Papai sabe disso. Mamãe também. É por isso que eu vou com ele. Para o meio do bosque. Para aprender controle. Para mim. Para eles. Para você. Porque ele quebrou algo em mim. Ele me fez assim. Ele me fez querer ser um monstro, e nem sempre acho que posso pará-lo.

Eu tirei uma mecha de cabelo da testa dele. — Eu não tenho medo de você. Eu nunca tive.

— Talvez você devesse ter.

— Joe. — Uma sugestão de aborrecimento subiu na minha voz.

— Eu mataria por você, — ele disse duramente. — Se alguém tentar te machucar. Eu mataria todos eles.

Eu disse: — Eu sei, — e eu disse: — Porque eu faria o mesmo por você.

Ele riu, e estava tingido de lobo, todo arrepiado e rosnando. — Eu vejo-o. Às vezes. Quando eu fecho meus olhos.

— Eu sei.

— Eu não sei se isso vai desaparecer.

— Eu também sei disso.

— E você ainda disse sim?

Eu disse: — Sim, — e movi minha mão em seu cabelo novamente.

Ele suspirou.

Nós observamos as estrelas.

Elas eram muito maiores do que poderíamos esperar.

Alguém me disse uma vez que a luz que vemos delas é de centenas de milhares de anos. Que a estrela já poderia estar morta e nunca saberíamos se ainda está viva. Eu pensei que isso era uma coisa terrível. Que as estrelas poderiam morrer.

Eu disse: — Você está com medo?

— Sim, — ele disse imediatamente. Então, — de que?

— Tornar-se o Alfa.

— Talvez. Às vezes. Eu acho que vou fazer bem, sabe? E então eu acho que não vou.

— Você vai fazer bem.

— Sim?

— Eu vou ajudar. — Porque eu faria.

Ele ficou quieto por um tempo. — Eu não achava que chegaríamos até aqui.

E doeu ouvir. Por nós dois. — Eu sinto muito.

Ele balançou sua cabeça. — Não sinta. Você tem uma escolha. Você é humano.

Eu disse: — E você? Você tem escolha?

Ele disse: — É você. Eu sempre escolherei você. Eu não me importo se é um imperativo biológico. Eu não me importo se é algum destino. Eu não me importo se você foi feito especificamente para mim. Não me importa. Porque eu escolheria você independentemente disso.

Eu pensei em beijá-lo então. Eu pensei nisso um pouco.

Mas eu não fiz. Eu deveria ter.

Em vez disso, eu disse: — Você não é um monstro, — e toquei sua bochecha. Seus ouvidos. Seus lábios. — Você não é. Eu prometo. Eu juro para você. Você não é.

E ele disse: — Ox. Ox. Ox. — E ele balançou e quebrou e eu desmoronei junto com ele.

Acho que nós dois choramos um pouco depois.

Porque nós ainda não éramos homens.

Te pegar um urso / machucá-lo

ÀS VEZES, eu voltava para casa na velha picape que Gordo me comprara.

Na maioria das vezes, eu caminhava para casa porque sabia que Joe estaria lá.

Eu poderia contar com isso. Não precisava de nenhuma explicação. Apenas sabia.

Então é claro que ele estava lá, dias depois. De pé à sombra de um velho olmo, a luz do sol filtrando as folhas e dançando em seus braços e pescoço. Ele já foi pequeno. Naquele primeiro dia. O nanico da matilha. O pequeno tornado.

Mas não mais. Parte disso era genética. Parte disso era ele se tornando um Alfa. Ele cresceu em todos os sentidos, e eu sei que ele ouviu o momento em que meu coração tropeçou em si mesmo, porque ele sorriu como se quisesse isso.

— Olá Joe.

— Olá! Oi, Ox.

Eu parei na frente dele, inseguro. Fazia apenas uma semana desde essa... Coisa. Essa *coisa* começou. Essa... *Coisa* entre nós.

— Oi. — Eu disse sem jeito, as palavras secando na minha língua.

Nós nos encaramos.

Era *estúpido*.

Então eu disse: — Isso é estranho, — e, ao mesmo tempo, Joe disse: — Quero levar você a um encontro.

Eu engasguei. E tossi. E finalmente disse: — Sim. Certo. OK. Sim. Parece bom. Quando. Agora? Nós poderíamos ir agora.

Seus olhos se arregalaram. — Agora mesmo?

Eu disse: — Não! Não, eu não quis dizer. Você sabe. Poderíamos sair.

— Oh. Bem. Talvez? Nós poderíamos ir. Em algum lugar.

— Você vai me trazer mais animais mortos ou mini muffins? — Eu soltei. Então se encolheu. — Você... Ah. Não tem que fazer isso. Eu nem sequer consegui *comer algum* mini muffins porque os caras da oficina comeram todos eles. Exceto por Gordo. Gordo apenas olhou para eles.

Ele me olhou estranhamente. — Você *quer* mais animais? Eu posso ir caçar agora mesmo! Eu vou pegar outro cervo. Ou um urso. Vou pegar um urso para você!

Então ele tirou a roupa, então eu disse: — Você vai ficar *nu*? — Toda essa *pele*.

Sua camisa já estava fora quando ele disse: — O quê?

Eu agarrei a única coisa que fazia sentido. — Você tem dezessete anos!

— Não por muito mais tempo, — ele disse com a voz *profunda*. Porque ele era *maluco*.

Em vez de me concentrar nisso, eu disse: — Eu não preciso de um urso.

— Veado? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça porque a ideia dele arrastar um cervo morto para fora da floresta e deixá-lo no gramado da frente me deixou enjoado.

— Você deveria colocar sua camisa de volta, — eu disse.

Ele olhou para mim. — Por quê?

— Por causa de... Você sabe. Tudo isso. — Eu acenei minha mão pelo corpo dele.

Então ele sorriu. E isso foi *mal*. — Tudo isso? — Ele flexionou seu peito. *Injusto*.

Eu consegui dizer: — Sim. Tudo isso.

Ele também deu um passo em minha direção. — Nós poderíamos... Ah. Você sabe. — Ele balançou as sobrancelhas para mim e eu pensei, *foda-se*.

Eu dei um passo para trás. — Ou podemos esperar até os dezoito anos.

Agora ele olhou. Havia um pouco de lobo nele. — Não é assim que isso funciona.

— Sim, porque você sabe como isso funciona. Com todo o cortejo que você já fez.



Kardia Mou | Wolfsong

— Eu não posso esperar até ser Alfa, então eu posso te dizer o que fazer o tempo todo.

— Eu vou dizer ao seu pai que você só quer ser Alfa para que você possa entrar em minhas calças.

Ele gemeu. — Não fale sobre isso com o meu pai enquanto eu estou tentando seduzir você.

— Pare de falar, — eu implorei a ele. — Por favor.

E então, é claro, Carter e Kelly apareceram em sua corrida.

Eles pararam e nos encararam.

Nós olhamos de volta. Eu me senti culpado. Porque o irmão menor deles estava sem camisa e provavelmente cheirava a um bordel onde estávamos.

Kelly disse: — Isso é estranho.

Eu disse: — Nada aconteceu!

Carter disse: — Oh meu Deus, isso fede como sexo.

Joe disse: — Vou matar um urso para ele.

Houve mais olhares.

Kelly disse: — Estou tão desconfortável agora.

Eu disse: — Coloque suas roupas de volta.

Carter disse: — É como se eu estivesse me afogando em feromônios e tesão.

Joe disse: — Ou talvez um cervo.

Todos o encararam.

Kelly disse: — Espero que ambos saibam que vocês arruinaram a vida para mim.

Eu disse: — Ponha sua *camisa*, Joe. Coloque sua *camisa*.

E então, só porque ele era um *idiota*, Carter disse: — É uma coisa boa que eu estalei a cereja gay do Ox como *anos* atrás. De *nada*.

Joe rugiu e Carter *riu* e partiu, a camisa de Joe caindo no chão e seu short rasgando quando ele mudou para seu lobo. Eles decolaram através das árvores, Joe rosnando e uivando de raiva.

Kelly e eu ficamos na estrada de terra.

— Então, — eu disse.

— Sim, — disse Kelly.

— Ele realmente vai matar um urso?

Kelly bufou. — Provavelmente. Agora que você ficou com Carter.

— Eu não *fiquei* com o Carter!

— Mas você o beijou?

— Ele *me* beijou.

— Eu realmente não vejo a diferença.

— Ele é hetero.

Kelly arqueou uma sobrancelha para mim. — Eu não sei se os lobisomens se identificam como algo simples assim como o gênero.

— Mas... Ele disse... Ele me *disse*-

Kelly revirou os olhos.

— Eu não sei *nada* sobre lobisomens, — eu murmurei.

Kelly bufou ao ouvir o rugido furioso de Joe ecoando pela floresta. — Tenho certeza que estamos ouvindo fratricídio, — ele disse.

— Eu não sei o que é isso.

Kelly disse: — Joe vai matar Carter.

— Sério?

Kelly encolheu os ombros. — Provavelmente. Certamente parece que ele quer.

— Você não parece muito preocupado com isso.

— Eh, — disse Kelly. — O que você pode fazer? Eu não fiz sexo com um cara *ou* uma garota ainda.

— Uh. Obrigado por compartilhar?

— Pense nisso, — ele disse.

— OK.

— Parece um monte de trabalho, — disse ele com uma carranca, como se algum lobo fosse jogado em uma árvore.

— É, — eu o assegurei.

— Eu fiquei com um cara, no entanto, — disse ele.

— O que? Quando?

— Nessa... *Coisa*. Eu nem sei. Então havia essa garota. Eu não sei se isso pode contar, no entanto. Ela só... Colocou a língua no meu rosto. Tipo, perto do meu nariz.

— OK?

— É ruim ter vinte e um anos e não ter transado?

— Oh não? Por que você está me perguntando?

Ele olhou para mim. — Você é o futuro companheiro do futuro Alfa. Você tem que responder perguntas como esta.

— Eu tenho?

— Sim. É como o seu trabalho.

— Oh. Ninguém me contou?

— O que você achou que estaria fazendo?

— Honestamente? Eu não tenho certeza. Isso tudo foi meio...

KM

Repentino.

— Quando você teve um tesão por Joe? — Ele perguntou simpaticamente.

— Meu Deus.

— Então você tem que dar conselhos e outras coisas. Ajudar a matilha quando tivermos problemas. É o que a mamãe faz. É o que ela fazia quando a matilha era maior.

— Eu não sou sua mãe.

Ele descartou isso com um aceno de mão. — Você bem que poderia ser. — Sua boca tremeu. — Ou algo parecido. *Papai?*

— Eu vou ter certeza de que você nunca transe.

Ele encolheu os ombros. — Tenho certeza que vai acontecer quando eu estiver pronto.

Eu assenti. — E não um dia antes. Não deixe ninguém pressioná-lo em nada.

Ele sorriu. — Obrigado, papai.

Eu tomei fôlego para dar um soco no rosto dele. Ele teria curado enquanto eu ficava com uma mão quebrada de qualquer maneira. — OK. Eu não sou muito bom com as palavras. Ou em dar conselhos. Ou muito mais, mas se ele precisar, se eles precisassem de mim, então eu farei o que puder.

— Você ficará bem.

Eu sorri para ele. — Sim?

— Exceto pela parte em que você ficou com Carter antes de Joe chegar a tocá-lo.

Lobos rosnavam em algum lugar da floresta. Eu disse: — Isso é um absurdo.



— JOE me chamou para ir a um encontro, — eu disse a mamãe porque eu cantava a ela tudo agora. Parecia mais fácil assim.

Ela disse: — Oh? Onde?

Dei de ombros. — Eu não sei. Ele pode matar um urso para mim.

Ela assentiu. — Parece correto. Bem... Divirta-se com isso. Eu tenho que ir ao restaurante. Não durma com ele ainda.

Eu quase caí. — Uh. OK?

Ela suspirou. — Você quer, no entanto.

— Jesus Cristo, mamãe-

— Você precisa que eu pegue alguns preservativos? Eu acho que tenho um cupom.

Eu bati minha cabeça na mesa da cozinha. — Por favor, saia. Por favor.

Então ela me beijou na testa e foi trabalhar.



NÓS saímos em um encontro.

Foi estranho.

Não por causa de nós.

Bem. Não só por causa de nós.

Ele bateu na porta.

Eu abri antes mesmo que ele terminasse.

Ele disse: — Estes são para você. — Ele me deu mais mini muffins. E então ele resmungou: — Eu não consegui encontrar nenhum urso.

Eu disse: — Está tudo bem. — Porque eu não sabia honestamente o que teria feito com uma carcaça de urso.

Ele esfregou a parte de trás da cabeça. — Desculpa.

— Então, mini muffins?

Ele sorriu brilhantemente. — Mini muffins.

— Eu gosto.

— Você parece quente, — ele deixou escapar. Então ele franziu a testa. — Quero dizer, você parece muito bem. Eu vou manter essa classe. Mamãe me disse para mantê-lo elegante.

Eu olhei para baixo. Eu estava usando jeans e uma camisa vermelha de botão. — Obrigado? — Eu perguntei a ele. Mas eu queria *dizer* isso a ele, então eu disse: — Obrigado. — E então, — Você também está muito bem. — Embora minha boca traidora quase soltou *foda ao invés de bem*. — Eu gosto da sua... Calça.

— Minha calça, — ele disse.

— Calça cinza. Lã, talvez?

Eu olhei para ela.

E ele disse: — Realmente? O que você gosta nela? Talvez como ele fica apertada quando eu ando? — Seus olhos se arregalaram. — Uau. Isso soou com classe na minha cabeça.

Como ele se moveu para muito mais perto sem que eu percebesse?

Eu podia sentir sua respiração na minha bochecha.

— Nós, — eu disse. — Uh. Deveríamos. Ir?

Ele disse: — Nós poderíamos ficar, — e seus lábios raspavam contra a minha bochecha.

Então eu disse: — Obrigado pelos muffins, — e me afastei.

Ele olhou para mim. — Eu posso sentir o cheiro, você sabe.

E eu disse: — Isso não é normal.

Ele revirou os olhos e me arrastou para o carro de Elizabeth.

Era caro. Com tantos botões. Eu pressionei um e o meu banco vibrou e eu disse: — Ooooh.

Nós também fomos para o único lugar de classe em Green Creek. E por — *classe* — quero dizer que era o único lugar que tinha toalhas de mesa e guardanapos dobrados.

Então, claro, Frankie era o garçom.

Ele disse: — Olá, Joe! — Com um grande sorriso. Ele olhou para mim. E fez uma careta. — E Ox. — E saiu mais empolado.

— Eu não sabia, — Joe disse com os olhos arregalados.

Eu disse: — Tudo bem. — Porque *estava*. — Eu não *me importo*. — Só porque *Frankie* tinha chegado lá primeiro não significava *nada* para mim. — Oi, Frankie. É bom te ver de novo.

Frankie me ignorou e disse: — Então, como você esteve? Não te vi neste verão. Animado com o último ano?

Joe disse: — As coisas estão bem. Eu estive-

Então eu disse: — Eu gostaria de uma limonada, e quais são os especiais?

Frankie olhou para mim e eu pensei que Joe estava prestes a rir de sua cabeça estúpida.

Frankie nos contou os especiais. Sarcasticamente. E então voltou para Joe e disse: — Desculpe por isso. Você estava dizendo?

E Joe disse: — Talvez nos dê algum tempo para decidir?

Frankie disse: — Tem certeza?

Eu disse: — Sim.

E assim Frankie foi embora.

Joe disse: — Isso foi *incrível*.

Eu fiz uma careta no cardápio. Eu não sabia o que metade das coisas era. Eu só queria um hambúrguer.

— Você estava com *ciúmes*, — Joe cantarolou.

— Não, eu não estava.

Ele me chutou debaixo da mesa.

Eu ignorei porque eu tinha acabado de encontrar hambúrgueres no cardápio.

Joe disse: — Ox.

Eu olhei para o cardápio.

— Ox. Ox. Ox.

Eu disse: — O que!

— Tão ciumento, — ele sussurrou.

Frankie trouxe de volta a limonada. Derramou um pouco na mesa quando ele a colocou na superfície. Ele disse: — Opa, — e colocou a água de Joe para baixo com cuidado. E então ele ficou parado ali.

Eu disse: — Mais tempo.

Frankie olhou para Joe.

Joe disse: — Ox, — e ele se *divertia*.

E uma mulher atrás de mim disse: — Ox?

Joe rosnou baixo em seu peito. Frankie arqueou uma sobrancelha para ele.

Eu me movi. Jessie estava sentada na mesa atrás de nós com uma mulher que eu não reconheci. Eu disse: — Oi, Jessie.

Frankie disse: — Então, Joe. Eu estava pensando.

Joe disse: — Bem, *ei*, Jessie.

Ela olhou por cima do meu ombro. — Olá Joe. É bom ver você. — Havia um pequeno sorriso em seu rosto como se soubesse algo que eu não sabia. Ela disse: — Na cidade? — E eu *sabia*.

Eu disse: — Sim, — mas mantive meu rosto e tom em branco.

Frankie disse: — Joe, eu estava pensando. Tem esse...

Joe disse: — Então, Jessie. Acho que posso ser seu aluno no próximo semestre.

Eu disse: — Oh não.

Jessie disse: — Está certo?

Frankie disse: — Sim, eu também, — e todos, menos eu, o ignoraram. Eu tentei fazê-lo sair sozinho pela força de vontade. Não funcionou.

— Será emocionante, — disse ela. — Nós estaremos lendo alguns grandes livros. Alguns projetos interessantes vão acontecer. Você não pode me chamar de Jessie na aula, no entanto. Você precisa me chamar...

Joe disse: — Está certo! Eu mal posso esperar. — Ele não soou como se ele quisesse dizer isso.

Eu disse a Frankie: — Ainda não estamos prontos para pedir, — porque ele não estava recebendo a mensagem.

A mulher com quem Jessie estava disse: — Ox? Oh, esse não é o seu...? — Ela parou, tendo a decência de corar.

— Sim, — disse Jessie. — Ele é o Ox.

— Ele é tão... Grande, — a mulher disse como se eu não estivesse sentado ali. — Olhe para as mãos dele.

Todos olharam para minhas mãos. Eu as escondi no meu colo.

Jessie sorriu e disse: — Você sabe o que dizem sobre um homem com grandes mãos...

— Estamos em um encontro, — Joe disse bastante alto.

Frankie disse: — Você o que? Mas ele é tão *velho*.

Jessie disse: — Você o que? Mas ele é tão *jovem*.

Joe e eu dissemos — Ei, — ao mesmo tempo, parecendo igualmente ofendido.

— Ele tem apenas 23 anos, — disse Joe.

Eu disse: — Ele tem quase dezoito anos. — E deus, esse argumento soou horrível.

Frankie disse: — Eu sabia disso. O tempo todo. — Ele parecia chateado.

Jessie disse: — Eu imaginava. — Ela parecia divertida e magoada. Era uma combinação estranha.

Eu disse: — Você o quê?

Joe disse: — Não. Frankie. Não é desse jeito. Ok é sim, mas não é isso.

Frankie disse: — Oh, por favor. Você só falava sobre o Ox a cada segundo de cada dia.

Jessie disse: — Sempre foi Joe, Joe, Joe.

— Você não tem outras mesas para atender? — perguntei a Frankie.

— Nós *somos* melhores amigos, — disse Joe a Jessie.

— Não, — disse Frankie. — Noite lenta.

— Oh, eu sempre estive ciente disso, — disse Jessie. — Mesmo quando estávamos namorando-

Joe pressionou o pé contra o meu enquanto ele rosnava. Eu pressionei de volta. Eu vi um lampejo de laranja em seus olhos.

Eu disse: — Joe.

Ele olhou para mim.

Eu disse: — Fique comigo.

Ele disse: — Está muito alto.

Eu peguei a mão dele. Ela enrolou-se na minha. Eu senti as alfinetadas de garras.

Eu disse: — Joe.

Ele disse: — Eu preciso.

Eu disse: — Ok.

Frankie disse: — Joe, eu-

— Vamos embora, — eu disse. — Agora.

Jessie disse: — Ele está bem?

Eu disse: — Ele ficará. Por favor, volte para o jantar.

Frankie se afastou.

Jessie se virou.

Eu só tinha olhos para Joe. Sempre Joe.

Suas narinas se alargaram. Ele disse: — Você está sangrando.

Eu disse: — Não faz mal. Você nunca me machucaria.

Joe disse: — Ox, — e eu disse: — Vamos.

Então saímos.



Nós caminhamos pela floresta.

Ele pegou minha mão na sua e segurou-a no rosto.

A pele estava ligeiramente quente. Um pouco vermelha. Pequenos flocos de sangue seco cobriam minha palma.

Parei e esperei que ele terminasse o que estava fazendo.

Ele disse: — Eu te disse.

— O que?

— Lembra?

— Sim, mas o quê?

— Que eu queria ver o seu sangue. Que eu queria prová-lo.

Eu disse: — Sim, mas você nunca me machucaria.

— Como você sabe? — E havia o flash daqueles olhos de Halloween.

— Porque eu conheço você.

E ele se aproximou.

— Eu posso te machucar, — disse ele.

— Eu sei.

— Eu tenho garras. E dentes. — Seu peito bateu no meu.

— Eu sei. Você não vai me assustar, Joe.

Seu olhar vacilou. — Eu não estou-

— Ou isso ou você está me testando.

— Ox.

Eu disse: — Não. Você queria isso. Você me deu seu
lobo. Você veio por mim.

— Não é-

— Não vai funcionar.

E havia medo lá. Medo real. — O que não vai? — Ele
resmungou.

— Me assustar. Eu sei o que estou procurando. Eu teria
corrido há muito tempo se não pudesse lidar com isso. Meu pai me
disse que eu ia receber merda toda a minha vida. E foi uma foda isso,
por que eu acreditei nele. Hoje não. Não mais. Então não me dê sua
merda. Eu não vou aceitar. Eu nunca aceitarei.

Sua respiração estava no meu rosto.

Este era o Joe. E eu era o Ox.

Seu nariz tocou o meu.

Minhas mãos encontraram sua cintura. Ele estremeceu sob o
toque.

Ele retumbou profundamente em seu peito.

Ele disse: — Meu.

Meu rosto raspou contra o dele.

O lobo rosnou: — *Meu*. — Era uma coisa grande e terrível.

Então eu disse: — Sim. Joe. Sim. Sim.

E virei para beijá-lo.

Mas antes que nossos lábios pudessem se esfregar, um grito se elevou, ecoando através das árvores. Pássaros voaram. A floresta tremeu.

KM

Foi o Thomas. Eu não tinha dúvidas. Porque eu conhecia o meu Alfa.

Mas foi uma música cheia de tanta raiva e desespero que cambaleei para trás, o elo da matilha explodindo em minha cabeça e coração com vermelho e azul.

E violeta. Tanto violeta que eu estava praticamente *enterrado* nela.

Os olhos de Joe se iluminaram e ele cantou sua resposta. Eu podia ouvir o medo nisso. Puro, medo frio. A música em si era vermelha do Alfa e laranja do Beta. E azul. Tão azul.

O som morreu nas árvores ao nosso redor.

Tudo estava quieto enquanto eu lutava para respirar.

Ele disse: — Temos que nos apressar, — e seus olhos brilharam.

Então nós corremos.



Kardia Mou | Wolfson

E tudo mudou mais uma vez.

KM



Palavra de advertência / é um direito

HAVIA homens na casa dos Bennetts.

Homens que nunca vi antes.

Eles estavam na frente da casa ao lado de SUVs pretos.

Eles nos ouviram chegando, e por um momento, os olhos deles brilharam laranja no escuro, e eu me perguntei se Joe e eu poderíamos derrotá-los. Nós estávamos em desvantagem, mas não éramos fracos. Thomas tinha visto isso.

Não foi necessário. Thomas saiu para a varanda e rosnou baixinho. Os homens se afastaram.

Outro homem saiu de trás dele.

Osmond. O homem que veio no inverno.

Ele disse: — Fique quieto. Todos vocês.

Os homens ao lado dos SUVs se afastaram de Joe e eu, olhos examinando a floresta atrás de nós.

Osmond disse: — Onde está o seu bruxo?

Thomas disse: — Ele estará aqui, — e eu percebi o que Gordo teria pensado sobre isso. Sendo chamado de bruxo do Thomas.

— O que aconteceu? — Joe exigiu.

— Vá para dentro, — disse Thomas. — A matilha está esperando.

Joe parecia estar ganhando força para discutir, mas os olhos de Thomas ficaram vermelhos e Joe não disse nada. Ele seguiu seu pai e entrou na casa.

Eu me movi para seguir.

Thomas tocou meu ombro e eu parei.

— Sinto muito, — ele disse.

— Por quê?

— Eu sei que você estava no seu encontro.

Dei de ombros. — Isso é importante?

Ele disse: — Sim.

Eu disse: — Então está tudo bem.

Thomas suspirou. — Joe tem muita sorte.

Osmond disse: — Encontro? Com *Joe*? Thomas, ele é humano e...

Thomas o tinha preso contra a parede antes que eu pudesse pensar em reagir. Os Betas atrás de nós resmungaram em resposta, mas eles não vieram mais longe. Eles poderiam ter a lealdade de Osmond, mas eles sabiam o seu lugar.

Independentemente disso, eu me movi até que fiquei de costas para Thomas, olhando para os lobos na minha frente. Eu não deixaria meu Alfa desprotegido.

— Palavra de advertência, — disse Thomas com a voz uniforme e fria. Eu olhei de volta para ele por cima do meu ombro. — Você não entra no meu território, não entra em

minha *casa* e julga coisas das quais não sabe nada. Meu filho escolheu. Não se preocupe. O *especismo* não tem lugar em Green Creek ou na minha matilha.

— Mas ele é o *Alfa*. O que você acha... — Ele foi cortado quando Thomas se mexeu, as presas descendo, os músculos se expandindo.

— Isto. Não. É. Sua. Preocupação. — disse Thomas.

Osmond assentiu.

— Peça desculpas ao Ox.

Olhos laranja.

Thomas rosnou: — *Agora*.

— Eu quis ofender, — disse Osmond rigidamente, olhando para mim. — Minhas desculpas, Ox.

Eu não disse nada quando me afastei dos lobos abaixo de nós.

Thomas se afastou e Osmond caiu contra a casa. Os Betas no quintal não fizeram nada.

Thomas disse: — Ox junte-se a eles lá dentro se você quiser. — Ele não tirava os olhos de Osmond.

Eu toquei seu braço. — Você tem certeza? Eu poderia ficar e te ajudar.

Ele sorriu em voz baixa. — Vai ser apenas um momento, Ox.

Eu entrei.

Os outros estavam na sala de estar. Mark estava parado, olhando pela janela, o rosto apertado.

Elizabeth falava baixinho com Joe, mas eu não conseguia ouvir o que eles estavam dizendo.

Carter e Kelly se levantaram assim que eu entrei e se amontoaram ao meu lado. Os dois estavam rosnando baixo em seus peitos e eu conseguia senti-los vibrando em mim. Eu não sabia se era para meu benefício ou para eles.

— Tudo bem? — Kelly me perguntou.

— Sim. O que está acontecendo?

Carter disse: — Não faço ideia. Osmond e suas cadelas vieram e entraram no escritório do pai. Cinco minutos depois, papai estava agitado, quebrando a porta de suas dobradiças e uivando para você e Joe voltarem para casa.

Eu disse: — Mãe. Onde está minha mãe?

— Com Gordo, — disse Kelly. — Ele está com ela no trabalho.

— É ruim? — Porque eles saberiam melhor do que eu.

Ele desviou o olhar.

Thomas entrou. Ele ignorou o resto de nós e foi até Joe e Elizabeth. Eu ouvi Joe dizer: — O que aconteceu? — Mas Thomas o silenciou gentilmente e disse-lhe para esperar.

Osmond o seguiu e ele evitou meus olhos.

Levou apenas alguns minutos depois que um carro se aproximou. Osmond ficou tenso, mas Thomas disse: — O bruxo e a mãe de Ox.

Houve alguns rosnados lá fora, mas ouvi Gordo dizer: — Oh calem a boca antes que eu queime suas bundas peludas.

Os olhos de mamãe estavam arregalados quando ela passou pela porta. Ela me procurou e pegou minha mão. Eu disse a ela que não sabia o que estava acontecendo.

Gordo chegou um instante depois e endureceu um pouco. — Osmond, — ele disse.

— Livingstone, — disse Osmond soando formal.

— Isso não vai ser bom, vai?

Osmond suspirou. — Nunca é Gordo. Desculpe-me ter chegado a isso. Ox-

— Ox, — disse Thomas.

Eu olhei para ele quando Osmond se calou.

— Você se lembra do que eu disse? Sobre as amarras.

Ele disse muitas coisas sobre as amarras. Eu disse isso a ele.

Ele disse: — Elas puxam. Em tempos de grande incerteza. Eles vão puxar. Como você nunca sentiu antes. Você precisa segurar o mais forte que puder. Você entende?

— Thomas, — disse Gordo com uma carranca. — O que diabos aconteceu?

Thomas o ignorou. Ele só tinha olhos para mim. — Você entende?

Eu disse: — Sim. — Porque eu entendia. Eu achava que eu entendia. Eu podia sentir a tensão subindo na sala e havia pequenas

cintilações na minha pele. Na minha cabeça. Meu peito. Puxando-me para Joe. Em direção a Gordo. Toquei nessas pequenas cordas que nos amarrávamos e enviei de volta uma onda de *calma e paz e que está tudo bem, nós estamos bem, estamos todos muito bem porque somos matilha matilha matilha*, mesmo que Gordo não fosse. Na verdade não. Mas ele estava amarrado a mim. E eu estava amarrado a eles.

— Amarra, alguma ancora aqui? — Osmond perguntou. — Quem?

— Minha, — Joe disse com os olhos queimando laranja.

Gordo disse: — E minha. — O corvo em seu braço brilhou brevemente e parecia pronto para voar.

Osmond olhou para mim com a cabeça inclinada. — Quem é você?

— Eu sou o Ox, — eu disse. — Apenas o Ox. Isso é tudo.

Por alguma razão, ele não parecia acreditar em mim. Foi à coisa mais estranha.

Thomas disse: — Richard Collins escapou, — e o ar foi sugado para fora da sala.

Eu quase disse: — Quem? — Mas depois me lembrei e a raiva que floresceu através de mim parecia um incêndio. Era uma fúria terrível, e pela primeira vez na minha vida, pensei sobre o efeito que o assassinato teria em uma alma. Certamente isso iria lascá-lo pedaço por pedaço até que não houvesse nada além de ruínas

carbonizadas, fumaça se curvando no ar e o gosto de cinza em uma língua.

Mas foi em assassinato que eu pensei. E que se danem as consequências.

Se Richard tivesse mostrado seu rosto naquele momento, eu o teria assassinado sem remorso.

Se ele levantasse as mãos em sinal de rendição, eu ainda teria tirado sua vida sem pensar duas vezes.

Se ele pedisse perdão, eu teria derramado seu sangue sem hesitação.

Eu estava quase sendo consumido porque era *Joe* e era *injusto*! Ele não era *meu* para proteger e estimar?

Ele era, mas o vínculo entre nós não estava completo. Ele me reivindicou, mas não me marcou.

E isso era *injusto*. Porque deveríamos ter tempo. Para fazer do jeito que ele queria. O jeito *que* queríamos.

Havia uma mão no meu ombro. Minha mãe. Havia uma mão na parte de trás do meu pescoço e era Gordo. Ele não era matilha. Ele não era por sua própria escolha. Mas estava perto. Eu estava ancorado e estava aprendendo como seria possível que o inverso fosse verdadeiro.

Eu disse: — *Como?* — Porque Thomas disse que ele estava em uma gaiola. De *magia*. De algo que eu não entendia porque não sabia como a mágica funcionava, mas seu lobo

deveria ser *contido*. Eu me perguntei o quão estúpido eu era por acreditar em tudo que me era dito sem questionar.

E então Gordo disse: — Não, não, não — e eu *sabia*. Porque Gordo sabia, e ele agitava a corda, toda violeta e azul e havia *preto* nele. Porque *havia o* medo. Preto era medo e terror.

Uma gaiola para um homem conter seu lobo feito de magia.

Parecia justo que tal gaiola só pudesse ser quebrada por magia.

Osmond disse: — Achamos que foi seu pai, Gordo. Acreditamos que Robert Livingstone encontrou um caminho de volta à magia e quebrou as *alas* que sustentavam e encarceravam Richard Collins.



EU FIZ uma escolha. Embora todos os meus instintos estivessem gritando *JoeJoeJoe*, ele estava cercado pela matilha e Gordo não tinha nada.

Ele saiu pela porta. Eu o segui.

Os lobos no quintal saíram do nosso caminho e eu disse: — Gordo.

Suas tatuagens brilhavam com raiva e começaram a mudar. Ele continuou andando.

Eu disse pare.

Ele me ignorou e pegou a porta do carro.

Com tudo que eu tive, eu rosnei, — Gordo. Eu disse *pare*. — O som rolou para fora de mim como uma tempestade através de um vale, escura e elétrica.

Gordo parou.

Os lobos ao meu redor choramingaram e baixaram os olhos.

Eu ouvi Osmond sair na varanda atrás de nós resmungando. — Que diabos?

— Você não entende Ox, — disse Gordo. Sua voz era dura.

— Eu entendo.

— Você não sabe o que ele já fez.

— E você não sabe se isso foi ele mesmo.

Suas mãos se fecharam em punhos ao seu lado. — Toda mágica tem uma assinatura, Ox. É como uma impressão digital.

— Mas você disse que a dele foi retirada. Como ele a conseguiu de volta?

Gordo sacudiu a cabeça. — Eu não sei. Existem... *Maneiras*, mas, é escura. É maldita magia negra e eu nem posso começar a pensar no que isso significa. — Ele alcançou a porta do carro.

— Você não pode sair.

Ele suspirou. — Ox. Eu não estou bem aqui. Eu não sou da matilha, e eu tenho que descobrir...

— Eu não me importo. Eu não me importo com o que você acha da matilha ou qualquer outra besteira. Você vai ficar aqui e nós vamos trabalhar juntos nisso. Nada mais importa. Eu preciso de você, cara. Você sabe disso. Eu não posso fazer isso sozinho.

Ele disse: — Você não está sozinho. A matilha está com você.

Então eu disse: — E quem está com você? Você é *minha matilha*, — eu sabia que eu estava o fazendo se sentir culpado, mas não me importei. Eu não sabia o que isso significava. Eu não sabia quem eram essas pessoas, além das histórias de horror.

— Droga, — ele murmurou. — Você é uma droga, Ox.

— Sim.

Nós esperamos. No escuro.

Então, — Ox, e se for ele? — E foi dito em voz baixa. Uma voz sufocada. Eu nunca o ouvi soar assim em todos os anos que eu o conheci.

Eu dei um passo à frente e coloquei minha mão em seu ombro. Ele estava tremendo.

Eu pensei em todas as coisas que eu poderia dizer. E todas as coisas que eu não pude por causa do que eu não sabia.

Eu disse: — Você não está sozinho.

Ele estremeceu com isso. Eu não sabia se era uma coisa boa ou ruim.

— Você se lembra? Quando o meu pai foi embora?

Ele assentiu.

— Eu estava assustado.

— Ox-

— Mas você me ajudou a não ter mais medo.

— Sim?

E então eu disse: — E agora é a minha vez de fazer isso por você.

Ele virou tão rápido que eu quase fui derrubado. Mas então Gordo colocou os braços ao meu redor e senti a magia nele, os redemoinhos de formas e cores, e procurei pelo verde, o alívio. Estava lá, enterrado nos tons violetas e azuis e vermelhos e laranjas.



DE VOLTA a casa, eu disse: — Joe.

Ele disse: — Ox — e me pegou pela mão. Ele me levou para longe dos outros. Eu sabia que eles ainda podiam ouvir se eles quisessem. Mas eu sabia que Thomas não permitiria.

Encontramos um canto escuro da casa, longe de olhares indiscretos. Longe de qualquer luz.

Seus olhos brilhavam no escuro.

Ele disse: — Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Eu disse: — Eu sei.

Ele disse: — Ele virá.

Eu disse: — Eu sei.

Joe suspirou. — Ele quer ser um Alfa.

— Thomas-

— Ou eu. Para chegar ao pai. Ele tentou uma vez. Ele poderia tentar de novo.

— Por quê? Por que você? Por que Thomas?

Joe disse: — Existem coisas. Ox. Eu juro... Eu apenas... Existem coisas que você não sabe. Eu nunca...

Eu tentei manter minha raiva sob controle. Eu tentei. Ele não merecia isso. Não depois de tudo o que aconteceu.

Mas sabendo que fui mantido no escuro. Aquele Joe tinha...

Eu não queria ficar com raiva.

Eu disse: — Oh?

Joe parecia chateado. — Não é desse jeito.

— Parece muito claro como é.

— Ox.

— Eu sou parte da sua matilha.

— Sim.

— E eu sou seu companheiro.

Ele disse: — *Sim*.

— Mas você manteve escondidas coisas de mim.

E Joe disse: — Não por escolha.

— Há sempre uma escolha, — eu disse, jogando as palavras de volta para ele.

Ele choramingou baixo em sua garganta. — Não é-

— O que ele é? Thomas, quero dizer.

— Eu nunca mentiria para você. — Joe parecia estar implorando.

Eu coloquei minha mão na parte de trás do seu pescoço e trouxe nossas testas juntas. Seus olhos brilhantes estavam nos meus, nunca desviando o olhar.

Eu disse: — Eu sei, — porque eu sabia. Eu disse a mim mesmo que sabia.

Joe esfregou o nariz contra o meu e disse: — Ele era o Alfa de mais alto escalão de todos nós. Ele era o líder. Responsável por todos os lobos. Ele caiu quando fui levado. E há anos tem havido líderes provisórios. Mas é a linhagem de Bennett. É um direito de nascença. E é suposto ser minha.



ELES o deixam ir atrás do que aconteceu com Joe. Ele lhes disse que, por causa de sua família, ele precisava ir, e talvez um dia Joe estivesse pronto.

Eles não queriam, é claro. Osmond e os homens gostam de posições de poder. Houve conselhos. E organizações. Reuniões entre lobisomens. Encontros com Alfas.

Eles continuaram embora Thomas não.

Ele saiu para salvar seu filho.

Mas, meio que ele nunca saiu.

Não é de admirar que Osmond tenha se assustado por eu ser humano. E sendo cortejado por Joe.

Joe deveria ser o próximo *grande líder*.

Assim como ele me disse que seria quando ele era criança.

Eu deveria ter tentado mais.

Eu deveria ter feito mais perguntas.

Mas quando o fantástico se revela na sua frente, é fácil ficar cego para todo o resto.

KM



A fera / fogo e aço

ELES a pegaram no segundo dia, quando o crepúsculo caiu.

Nós estávamos preparados. Estávamos.

Nós estávamos.

Eu dizia isso a mim mesmo repetidamente todos os dias desde então.

Nós vamos voltar.

Eu juro por Deus. Com tudo o que tenho.

Nós estávamos.

Mas não o suficiente. Nunca era o suficiente. Isso nunca *seria* o suficiente.

Mamãe disse: — Eu preciso ir para casa. Pegar algumas roupas. Um uniforme para o trabalho amanhã.

Eu disse: — Eu vou com você.

Ela disse: — Fique aqui. É apenas logo depois na estrada. Você está ocupado como está.

E eu estava. Eu estava treinando. Com o Thomas. Joe. Os outros. Osmond me observava de perto. Eu sentia que tinha algo para provar para ele. Sabendo o que eu era. Minha posição. Dentro da matilha.

Com o Joe.

Eu disse: — Você não pode ir sozinha.

Osmond disse: — Vou mandar dois meus junto com ela.

E eu disse: — Ok.

OK.

Eu disse *Ok*. Como se não fosse nada. Como se fosse absolutamente *nada*.

Elizabeth e Mark estavam lá dentro. Carter e Kelly estavam arranhando e cortando um ao outro à minha direita. Gordo estava checando as *alas* pela cidade. Osmond estava nos observando se mover para frente e para trás, mas seus olhos continuavam vindo para mim. Eu era algo que ele não conseguia descobrir. Ele estava sendo cauteloso. Curioso. Desde o momento que o tom da minha voz fez seus Betas tremarem.

Nós não falamos sobre isso. Ou, pelo menos, nunca o ouvi falar sobre isso.

Eu estava distraído.

Eu disse: — *Ok*.

— Você precisa de alguma coisa? — Ela me perguntou, como se não fosse nada. Como se não fosse *nada*.

Eu balancei a cabeça. Limpei o suor da minha testa. Fintei quando Joe chegou a mim. Girei uma vez. Bati meu punho na parte de trás do seu pescoço. Mande-o para o chão.

Eu disse: — Nah. Estou bem. — Porque eu estava. Eu estava bem. O desconhecido estava vindo em nossa direção, um monstro

capaz de coisas horrendas, mas eu estava com minha família. O sol estava brilhando no céu, mas havia algumas nuvens. Eu podia ouvir os pássaros. Podia sentir o cheiro das árvores e grama. Era verde. Era tudo tão verde que até mesmo as bordas violetas estavam distantes porque estávamos *em matilha*. Nós éramos mais fortes do que qualquer coisa que viesse a nós, e se Richard Collins mostrasse seu rosto, seria a última coisa que ele faria. Se Robert Livingstone viesse cheirando a ozônio e raios, nós arrancaríamos a magia de sua pele e ele não seria nada mais. Isso era uma promessa. Por causa do Joe. Por causa do que ele era. Para a matilha dele. Para as pessoas como Osmond. Para mim.

Eu estava focado.

Eu não fiz as perguntas que deveria fazer.

Por que o pai de Gordo estaria com Richard Collins?

O que eles queriam.

O que eles estavam querendo.

(Quem era o elo mais fraco. Quem seria o mais fácil de pegar primeiro. Quem poderia ser levado. Quem era gentil e belo e não merecedor de tal ato covarde, uma coisa monstruosa que...)

Mamãe disse: — Eu já volto.

E Joe veio para mim novamente.

Thomas observou com olhos cuidadosos.

Carter e Kelly rosnaram e estalaram os dentes.

Osmond apontou para dois de seus Betas e eles seguiram minha mãe.

Eles eram grandes caras.

Eu não pensei nada disso.

Nós estávamos seguros aqui. Na terra dos Bennetts. No território dos Bennetts. Com as proteções de um bruxo e uma floresta cheia de magia antiga que eu nunca entenderia. Eu não precisava, no entanto.

Porque meu Alfa entendia.

E ele nos protegeria.

Eu sabia que algo estava errado vinte minutos depois.

Mamãe era matilha. Ela era.

Mas não da mesma forma que era comigo.

Eu estava amarrado aos Bennetts.

Os laços entre nós eram fortes. Quando a lua estava cheia, eu podia ouvi-los sussurrando na minha cabeça.

Mas isso havia passado.

A lua era nova.

E ela não tinha os laços que tínhamos.

Ela estava ligada a eles por minha causa.

Os lobos estavam *dentro* de mim.

Ela voava pelas bordas, pequenas rajadas de luz.

Mas eu soube.

Foi pequeno no começo. Apenas essa pequena atração em algum lugar na parte de trás da minha cabeça.

Thomas estava observando Carter e Kelly e Joe.

Tomei um gole de água. Estava frio e doce e aquele pequeno puxão coçava.

Eu disse — Ei.

Eu disse: — Quanto tempo?

Eu disse: — Há quanto tempo eles se foram?

Osmond franziu a testa e disse: — Vinte minutos. Por aí.

Eu peguei meu telefone. Enviei um texto.

Por que está demorando tanto

E esperei.

Eu comecei a suar.

E então uma resposta: *Apenas terminando. Você pode vir me ajudar rapidinho?*

E eu disse: *claro*.

— Volto já, — eu disse a Osmond. — Ela precisa de ajuda.

Ele disse: — Ox.

Eu olhei para ele.

— Não importa, — ele disse depois de hesitar.

Eu fui para casa.

Elizabeth e Mark estavam na cozinha. Eles sorriram para mim quando passei por eles. Fui beliscado pelos dois, mas eles estavam tentando.

— Tudo ok, Ox? — ela perguntou.

— Sim. Mamãe precisa de ajuda na casa.

Mark disse: — Espere, eu vou com você.

Eu balancei a cabeça. — Não há necessidade. Eu não acho que vai demorar muito.

— Ox-

Eu ri. — Está bem. Eu prometo.

— Apenas... Seja rápido. OK?

— Sim.

KM

E eu *fui* rápido. Eu atravessei o gramado em direção a minha casa. Eu mantive meus olhos e ouvidos abertos como me ensinaram. As proteções estavam seguras, claro. Eu estava cercado por lobos. Eu estava em uma matilha. Eu era grande e forte. Meu pai tinha dito que eu ia receber merda, mas ele estava morto e enterrado e eu estava vivo. Eu era importante para alguém. Para muitos. Eu tinha amigos. Eu tinha uma família. E se eu recebesse merda, eu teria ajuda de presas e garras.

Eu tinha um propósito.

Eu estava ciente disse.

Nada estava errado.

Nada *parecia* errado.

Eu era humano, mas eu tinha meus instintos.

Tudo bem. Tudo bem.

Mas eu ainda me manteria seguro.

Eu atravesssei a porta lateral para a cozinha.

Assim que fechei a porta atrás de mim, senti como se um cobertor molhado tivesse caído sobre mim.

Silencioso. Sombrio.

O ar cheirava forte, quase como fumaça.

Os laços da matilha estavam lá, mas estavam cinzentos e sem brilho. Abafado.

— Mamãe?

E um homem disse: — Olá.

Ele estava encostado no balcão perto da pia. Ele era um homem alto. Um homem esguio. Cabelos castanhos fartos. Pequenas rugas pronunciavam-se nos olhos. Um nariz afiado e angular acima dos dentes. Pele bronzeada sem uma única marca que eu pudesse ver. Ele sorriu para mim e foi um sorriso *gentil*. Cheio de riso. Diversão.

Ele estava *satisfeito*.

Ele disse: — Ox, não é?

Tomei um passo cauteloso de lado: *errado errado errado*. — Onde está minha mãe?

Ele inclinou a cabeça, o sorriso desaparecendo ligeiramente. — Isso foi rude, — ele disse. — Eu lhe fiz uma pergunta.

Eu não disse nada.

Ele suspirou. — Ox.

Ela guardava a prata boa em um armário do outro lado da cozinha. Eu poderia-

Ele disse: — Eu certamente ouvi histórias sobre *you*. O humano que corre com os lobos. Um homem em uma matilha de lobos. Diga-me, Oxnard. Você sente a atração do lobo dentro de você? Sente o tecido humano que envolve os seus ossos?

— Onde ela está? — Esse sentimento pesado não ia embora e eu me perguntava se era assim que a magia parecia quando você era engolido por ela. Se Gordo se sentia assim o tempo todo.

Ele franziu a testa. — Eu lhe fiz uma pergunta.

— Eu não sou um lobo.

— Eu sei *disso*. Eu estou ciente *disso* e não foi isso o que perguntei.

— Não. Eu não sinto.

O homem disse: — Isso foi uma mentira. Por que você mentiria para mim, Ox?

— Eu sinto muito. Por favor. Onde ela está?

— Eles não podem ouvir você, você sabe.

— Quem?

— Sua matilha. Eles não sabem que alguma coisa está... *Errada*. O feitiço é poderoso.

— Diga-me.

— Você sabe quem eu sou? — Ele perguntou. Seus olhos eram brilhantes e verdes até serem consumidos pelo tom laranja. Mas não

era o laranja Halloween que eu estava acostumado, vibrante e vivo. Não, este laranja estava apodrecendo.

— Não.

— Isso foi outra mentira. Ox. Eles *não* te ensinaram *nada*?

Eu disse: — Não faça isso.

Ele riu. — Fazer o que?

— Machucá-la.

— Ah. Bem. Claro. Você pode parar com isso, Ox. Se você quier.

— Como?

— É simples, na verdade. Dê-me Joe e Thomas Bennett e eu lhe darei sua mãe. Você vai ligar para eles e pedir para eles virem aqui. Eu não me importo com o que você tenha a dizer para trazê-los aqui. Apenas aqueles dois e os quero sozinhos. Se eu *suspeitar* que você esteja tentando avisá-los, vou pintar as *paredes* com o sangue dela.

— Você não pode-

Ele disse: — É aí que você está errado. Porque eu *posso* fazer isso. E ainda mais, *estou* fazendo isso. Isso está acontecendo, Ox. Enquanto falamos. Enquanto você respira. Parado aí com esse seu pequeno coração de coelho.

— Você *não* pode-

— Ox. Ox. Você não pode discutir comigo. Não nisso. Eu sou uma *fera*. Fui criado para ser assim pelo poder e loucura

dos homens e parei de negar o que sou há muito tempo. Eu tomarei o que é meu por direito e tudo ficará bem.

— Você não tem que fazer isso, — e minha voz *falhou*.

Ele disse: — Você tem uma escolha a fazer, Oxnard. Pressa. Você tem um minuto para decidir.

Eu tomei como sinal e parei na frente dele, minhas mãos em punhos ao meu lado. Minha cabeça doía e eu só conseguia pensar *MÃO* e *JOE* e *THOMAS* e havia tanta *raiva*. Tanto *raiva* deste homem, que este homem enganosamente simples pudesse entrar em *minha* casa e tentar tirar tudo de mim. Tudo o que eu tinha. Tudo que eu construí.

Eu disse: — Richard Collins.

Ele sorriu. Abaixou a cabeça. Estendeu as mãos em um pequeno floreio. — A seu serviço.

Seus olhos apodrecidos brilharam novamente.

Eu disse: — Eu vou matar você. Por tudo o que você fez.

Seu sorriso se alargou. Seus dentes eram mais lobo que homem. — Eu posso ver porque Thomas gosta de você. Humano ou não, você tem um pouco algo a mais, estou certo? Quarenta e cinco segundos, Ox.

Eu disse: — Não faça isso. Leve-me. Deixe-os em paz. Eu irei com você.

Seu sorriso desapareceu. — Tão rápido para se sacrificar?

— Apenas me leve. — Outro passo adiante. — Eu vou em silêncio. Onde você quiser.

— Você vai me matar se for comigo, não é isso? Você está confundindo a situação, Ox. Quão volúvel é a vontade dos homens.

Eu lutei para respirar.

— Trinta segundos, Oxnard. E eu não tenho nenhum uso para um humano além de conseguir o que eu quero. Você simplesmente não fará.

KM E outro passo e lá estava ela. Eu pude vê-la. Na sala de estar. Havia outros homens com ela. Ômegas, todos eles. Seus olhos eram violeta e brilhantes, e minha mãe... Oh deus, minha mãe estava de joelhos, de frente para mim. Lágrimas em sua boca. Lágrimas nas bochechas dela. Ela me viu e seus olhos se arregalaram e ela se inclinou para mim, e um dos Ômegas agarrou seu cabelo, estalando o pescoço para trás e...

— Se você matá-la, — eu disse com a voz rouca. — Todos vocês. Cada um de vocês. Eu juro. Juro por tudo que tenho, vão morrer.

Eles riram.

Os Betas de Osmond estavam ajoelhados em ambos os lados dela, sangue saindo de feridas que não haviam se fechado. Não fechava.

— Quinze segundos, — disse Richard.

Eu disse: — Eu não tenho o meu telefone, eu juro que não, — e eu não conseguia *respirar* porque esta era a minha *MÃE* e *JOE* e *THOMAS* e ele estava me fazendo *Escolher*, ele estava me fazendo *decidir* entre eles.

Ele disse: — Matem os Betas, — e antes que eu pudesse dar outro passo, dois Ômegas se adiantaram e agarraram as cabeças dos lobos ajoelhados. Um rápido estalo dos pulsos e houve um estalo de ossos e tecidos e eles caíram no chão, com as pernas em transformação e as mãos mudando para as garras. Suas cabeças foram tão torcidas que a pele se rasgou e o sangue se derramou. Não haveria volta nisso. Sem cura. Os Ômegas estavam acima deles esperando que eles morressem. Não demorou muito.

— Estou falando sério, Ox, — disse Richard em voz baixa. — Há coisas que eu preciso. Coisas que devem ser feitas antes que eu possa sair daqui. Eu farei qualquer coisa para pegar o que é meu, o que é devido a mim. Você não pode ver isso? Ox, ela está com *medo*. Esta é sua *mãe*. Você não está acasalado com o Joe. Ainda não. Você pode encontrar outro. Haverá um bom menino ou menina para você no caminho, mas você nunca poderá ter outra *mãe*, Ox. Ela é sua única. Por favor, não me faça machucá-la. Eu me sentiria *mal* com isso. Eu iria. Eu realmente me sentiria mal.

E eu sabia disso. Eu sabia. Eu sabia. Ela era a minha primeira e única. A única que eu tinha.

— Eu vou voltar e pegá-los, — eu disse. — Eu prometo. Vou pegá-los e trazê-los aqui.

Richard suspirou. — Ox. Ox. Ox. Não é assim que isso acontece. — Ele parecia tão desapontado. Ele caminhou em direção a minha mãe.

Eu olhei para ela e tinha sete anos novamente. Ou seis. Ou quando tinha cinco e eu estava olhando para minha mãe, perguntando o que eu deveria fazer, e implorando para ela me dizer *o que diabos eu deveria fazer* porque era tudo *violeta e azul* e tudo que eu podia ver era *vermelho*.

E minha mãe olhou de volta para mim. Com aqueles olhos escuros. Ela não estava chorando. Seu rosto estava molhado, assim como os olhos dela, mas as lágrimas não mais caíam. Havia fogo e aço enterrados em uma resolução fria e ela apenas *olhou* para mim e eu soube. Eu sabia o que ela estava fazendo.

Ela estava sendo corajosa e estúpida e eu a odiava.

Eu a odiei por isso.

Porque ela estava fazendo a escolha por mim.

Ela estava dizendo adeus.

Eu disse não. — Não, não, não. — E dei um passo na direção dela.

Os Ômegas rosnaram.

Richard estava a poucos passos de distância.

E seus olhos piscaram para mim, até a porta em que eu tinha entrado. A porta que ela estava me dizendo para sair quando ela se movesse.

— Mamãe.

Ela assentiu.

Richard disse: — Isso é comovente. Última chance, Ox.

Eu resmunguei — *mamãe*.

Ela sorriu ao redor da mordação. Um sorriso brilhante e lindo que foi a coisa mais horrível que eu já vi.

E então ela *se moveu*.

Foi graça. Foi beleza. Fluido, como água e fumaça. Ela se enrolou e depois se levantou mais rápido do que eu já a tinha visto antes. Sua cabeça estalou para trás, esmagando o Ômega atrás dela. Seu nariz quebrou quando ele gritou e eu dei um passo cambaleante porque se eu me *movesse* rápido o suficiente, se eu saísse da casa e saísse da magia que me sufocava, então eu poderia chamar minha matilha e eles nos salvariam, ela, e eu, e nunca teríamos que ficar sozinhos novamente.

Exceto que a mão de Richard se curvou em garras negras.

Ele ergueu o braço no ar.

Eu me lembrei da noite do meu décimo sexto aniversário quando dançamos na cozinha.

O jeito que ela sorriu para mim.

A bolha de sabão no meu ouvido.

Como ela *riu*.

E quando eu empurrei a porta para cantar e chamar a minha família, a mão da besta desceu pela sua garganta.

O chão estava molhado depois. Ao redor dela.

O som que ela fez foi molhado.

Seus olhos estavam molhados. Os lábios dela.

E a garganta dela. Sua garganta.

Sua *garganta*.

E ela começou a cair e eu empurrei a porta para abrir e a magia *puxou* e eu gritei para fora a minha canção de perda e horror e *empurrei*.

Quando saí do outro lado, havia um buraco no meu peito onde uma ligação havia quebrado e eu sabia. Eu sabia, eu sabia, eu sabia.

E eu cantei então. Eu me arrastei em minhas mãos e joelhos e eu *cantava*.

Eu cantei uma canção para minha mãe, com o coração despedaçado.

Eles sabiam. Minha matilha. Assim que minha música atingiu seus ouvidos, eles sabiam.

Seus uivos de resposta eram raiva, fúria e desespero.

E me arrastei em direção a eles, chamando de volta, implorando para que dessem um jeito nessa dor. Implorando para que isso fosse apenas um sonho ruim. Um pesadelo. Mas eu li que



Kardia Mou | Wolfsong

não havia dor nos sonhos. Lembrei-me disso através da névoa de magia e escuridão. Eu me lembrei disso. E isso não poderia ser um sonho, porque tudo que eu podia sentir era dor. Ela rolava por todo o meu corpo até que eu estava engasgando com a dor.

Joe me alcançou primeiro como um lobo, farrapos de roupas que ele não se incomodou em descartar. Ele se pressionou contra mim e estremeceu comigo, choramingando profundamente enquanto esfregava o nariz em mim. Ele se mexeu e rosnou: — Ox, Ox. Por favor. Por favor, olhe para mim. Por favor. Cadê? Por que você cheira a sangue? Ele te machucou? Por favor, não se machuque. Por favor, me diga o que está errado. Você não pode se machucar. Você não pode. Você não pode nunca se machucar. — E suas mãos correram sobre mim, tentando encontrar algum ferimento.

Os lobos voaram por nós, em direção a casa.

O sol estava se pondo atrás das montanhas.

Joe pegou meu rosto em suas mãos e beijou minha testa, minhas bochechas, meu queixo.

Ele disse: — Sinto muito. Eu sinto muito. Sinto muito. — Como se fosse culpa dele. Como se *ele* tivesse feito isso.

E por um momento, um momento terrivelmente terrível, eu pensei que ele tinha. Eu pensei que todos eles tinham. Os Bennetts. Porque se eles nunca voltassem, se eu nunca os tivesse conhecido, nunca os tivesse ouvido falar ou visto seus

segredos se desdobrarem diante de mim, minha mãe ainda estaria comigo. Nós estaríamos mais tristes. Nós ficaríamos mais quietos. Nós seríamos mais solitários.

Mas ainda seríamos *nós*.

E o momento passou.

Passou porque me foi dada uma escolha. Entre ela e eles.

E eu escolhi.

O ar estava quente e os pássaros cantavam e as mãos de Joe eram suaves, mas não sentia *nada*. Eu *não* ouvia *nada*.

Não havia lágrimas no meu rosto.

Eu não chorei porque meu pai me disse que os homens não choravam.

Eu empurrei as mãos de Joe de cima de mim e me levantei.

Thomas saiu da minha casa. Ele havia mudado de seu lobo. Ele agarrou a grade da varanda e fechou os olhos. Osmond saiu de trás dele. Eu podia ouvir os outros se movendo dentro da casa.

Eu disse: — Onde ele está?

E Thomas disse: — Ele foi para a floresta.

— Você pode rastreá-lo?

Thomas deu um passo na minha direção. — Ox. Eu estou-

— Você pode rastreá-lo? — Eu repeti.

Osmond disse: — Sim. Mas é o que ele quer. Quantos?

— Cinco ou seis, — eu disse. — Ômegas.

Osmond fechou os olhos. — Eles estão o seguindo. Ele os está liderando. Haverá outros. Ele está tentando se tornar o Alfa dos Ômegas.

Elizabeth saiu com seu rosto pálido. Ela ainda estava vestida, então ela não deve ter mudado. Ela passou por Osmond e Thomas e me alcançou antes mesmo de chegar ao final da escada. Seus braços vieram ao meu redor e me seguraram perto. O meu ficou ao meu lado.

Ela disse: — Ox.

Eu disse: — Nós o encontraremos. Esta noite. — Eu não desviei o olhar de Thomas.

Ela disse: — Oh, Ox, — e houve um engate em sua respiração.

— Ele não vai correr, — disse Osmond. — Isso foi planejado.

E Thomas disse: — Ligue para Gordo. Precisamos nos mover em breve.



EU PERMANECI na varanda, meu pé de cabra na mão.

A matilha enrolada em volta de mim. Joe não saiu do meu lado.

Eu nunca senti esse frio antes.

Estava escuro quando Gordo retornou.

Ele saiu do carro e disse: — Ox.

Eu fiquei de pé.

Ele disse: — Sinto muito.

Eu disse: — Por quê?

— O que aconteceu. Eu fiz algumas ligações. Ela será cuidada.

— O que isso significa?

— Eu não vou deixar nada acontecer com ela.

Era tarde demais para isso. — Isso é bom.

Ele deu um passo em minha direção. — Eu posso te levar embora daqui. Longe de tudo isso.

E os lobos rosnaram em volta de mim.

Eu os ignorei. — E ir para onde? — Eu perguntei.

— Onde você quiser. Podemos sair de Green Creek e nunca mais olhar para trás.

Joe se levantou e se moveu na minha frente. — Cai fora, — ele rosnou, e eu sabia que seus olhos eram laranja.

— Joseph, — disse Thomas, sua voz Alfa rolando através de nós. — Fique de pé.

Joe parecia ter sido atingido. Ele disse: — Ox. Você não pode.

Gordo disse: — Ele pode. Ele pode fazer o que quiser.

— Eu posso? — Eu perguntei.

— Sim, — disse Gordo. — Qualquer coisa.

Eu me virei para Thomas. — Eu posso?

— Sim, Ox, — ele disse baixinho.

— Bom, — eu disse. — Eu quero caçar Richard Collins e matá-lo.

Ninguém falou.

Então, — Ox, — Gordo disse, soando como se estivesse engasgando. Ele deu outro passo em minha direção.

Minha mão apertou meu pé de cabra.

— Isso não é o que ela gostaria, — ele disse.

E eu disse: — Não me diga o que minha mãe queria. — Minha voz tremeu. Eu não sabia se era com tristeza ou raiva. — Não se atreva. — Porque ela ainda estava deitada em nossa casa em uma poça de seu próprio sangue e ele não poderia dizer nada sobre ela. Elizabeth havia me dito que a cobrira com um cobertor e eu queria agradecer, mas não disse nada por causa de quão *inconsequente* era. Um *cobertor de merda*.

— Por favor, — disse Gordo. — Deixe-me levá-lo embora daqui. Longe de tudo isso.

— Eu não corro de coisas, — eu disse o mais frio que pude. — Eu não sou você.

E ele deu um passo para trás, os olhos se arregalando.

Uma mão no meu ombro. Eu pensei que seria Joe. Ou Thomas. Ou Elizabeth.

Mas não foi.

Senti o mais leve aperto com indício de garras quando Mark disse: — Pare Ox. Eu sei que dói. Eu sei que isso queima como nada

que você já sentiu antes. Mas *pare*. Isso não é culpa dele. Não diga algo que você poderá se arrepender.

Eu cerrei meus dentes enquanto continha as palavras que eu sabia que machucariam. Esse era o perigo de conhecer e amar os outros. Você sempre sabia de coisas que poderia jogar em seus rostos.

Eu era capaz de fazer isso. A maioria das pessoas era.

Mas eu tinha uma escolha.

Então eu engoli a dor (*que é culpa dele, a culpa é sua, é tudo culpa sua, porque você trouxe isso aqui, vocês fizeram isso acontecer, porque você não pode apenas deixar-nos em paz, por que Joe teve que me dar seu lobo, eu odeio todos vocês*) e perguntei: — Você vai me ajudar?

Gordo disse: — Ox. Isso não é... Não é o fim, ok? Eu prometo. Parece que sim. Mas não é o fim. Eu juro para você.

E então Osmond disse: — Gordo você deveria saber. Houve um... *Amortecimento*. Na casa dos Matheson. Um poderoso. E não apenas silenciou os laços, mas isso fez com que ninguém do lado de fora de casa pudesse sentir qualquer perigo *dentro* da casa.

Gordo disse: — Meu pai. As *alas* ao norte. Elas foram modificadas. E eu não as senti mudarem. Ele é o único que poderia ter feito isso. Parecia com ele. Mas foi meio diferente.

— Você poderia consertá-las de volta? — Osmond perguntou.

Gordo assentiu. — Eu estou melhor do que eu costumava ser. Ele não sabe disso. Ele pode ter visto o quão complexo elas eram no começo, mas ele não sabe o quão profundo elas vão. Foi como uma infecção na superfície. Eu já as curei.

Os lobos de Osmond apareceram no escuro. — Norte, — disse um deles. — Eles foram para o norte.

— Quantos?

— Dez ou mais. Talvez mais. Talvez menos.

Osmond olhou para Thomas. — O que tem ao Norte daqui?

— Uma clareira, — disse Thomas. — Nós a usamos frequentemente. Ele sabe disso. Nós brincamos lá quando crianças. É um lugar sagrado para minha família.

— Ele está circulando em espiral, — disse Osmond em voz baixa. — Entrando em seu território. Conhecendo a magia que está aqui nesta floresta. É *antigo* Thomas. E quando lua estiver cheia? Ele não pode pensar que vai ganhar.

— Ele provavelmente já ouviu as histórias do Rei caído, — disse Thomas. Sua voz era amarga e sombria. Foi a primeira vez que eu o ouvi soar assim. — Ele sem dúvida me acha fraco. Tudo o que ele tem que fazer é dividir e conquistar. Ele começou com os humanos porque tudo o que ele sabe dos humanos é como eles podem se quebrar facilmente. Ele não esperava encontrar a força neles.

Suas palavras eram orgulhosas, mas não senti nada disso. Eu não podia.

Ele olhou para mim e disse: — Se eu pedisse para você confiar em mim e ficar aqui, você faria isso?

— Não.

— Ox.

Eu disse: — Isso não é justo.

Vermelho vibrou em seus olhos. Eu senti a força disso, a necessidade de me submeter florescendo profundamente dentro de mim. — Eu poderia fazer você ficar, — ele disse. — Você sabe que eu poderia.

— Você não iria, no entanto.

— Oh? E por que eu não? Eu sou seu Alfa. Você faz o que eu digo.

— Isso não é *quem* você é. E eu confio em você para se lembrar disso. Mas eu não vou ficar aqui. Onde fores eu vou.

Ele parecia triste. — Às vezes nós vamos a lugares onde outros não podem seguir.

— Ele a levou de mim. — Minha voz tremeu.

Thomas disse: — Eu sei.

Ele se adiantou então. Avancei até que ele estava em pé na minha frente. Ele colocou a mão no meu pescoço e me puxou para ele, meu rosto em sua garganta. Um ruído suave subiu de seu peito e ele sussurrou: — Sinto muito que isso tenha acontecido com você. Eu



Kardia Mou | Wolfsong

gostaria de poder tirar toda a dor que você sente. Mas eu não faria isso, mesmo se pudesse, porque essa dor mostra que você está vivo. Que você está respirando. Que você pode dar outro passo. E onde você for eu irei também. Nós terminaremos isto e então nossa matilha ajudará sua mãe a descansar. Você não está sozinho, Ox, e nunca estará.

O pé de cabra caiu no chão enquanto eu o agarrava com força.
Eu ainda não chorei.

KM



Alfa

KM Eles esperavam por nós na clareira. As estrelas estavam brilhantes no alto, e os olhos violeta dos Ômegas brilhavam no escuro. Eu contei quinze. Todos os lobos Ômegas não deveriam se agrupar assim. Era quase como se eles fossem uma matilha. Eles não tinham um Alfa, ainda não, então eles não poderiam ser Betas. Mas eles pareciam unidos de alguma forma.

Richard disse: — Thomas.

E Thomas disse: — Você não deveria ter vindo aqui.

Richard riu. — Você sabia que isso iria acontecer um dia. — Ele olhou para mim antes de olhar para Thomas. — Humanos, Thomas? Mesmo? Sério? Você não aprendeu nada do passado? Você deveria estar me agradecendo por ter arrumado o problema para você.

Eu não era um Alfa, mas camadas de vermelho caíram sobre meus olhos e tudo que eu conseguia pensar era em *morte e assassinato e sangue*.

Thomas disse: — Esse sempre foi seu problema, Richard. Você subestima o valor daqueles que você considera abaixo de você. Apenas porque você não pode apreciar o seu valor não significa que ele não está lá.

Os olhos de Richard brilharam. — Sua idolatria foi divertida trinta anos atrás. Desde então, perdeu seu significado.

A voz de Gordo estava baixa quando ele perguntou: — Onde ele está?

Richard sorriu. — Quem?

— Você sabe quem.

— Ah. Mas eu quero ouvir você dizer.

Era um jogo para ele. Tudo isso era um jogo.

— Meu pai.

Richard disse: — Sim. Ele. Ele tinha... Outros assuntos para atender. Ele envia seus cumprimentos. Tenho certeza que você vai vê-lo em breve. — Ele examinou o resto de nós até que ele parou em Joe. — Bem, *voce* certamente cresceu. Olá Joseph. É lindo ver você de novo.

E isso foi o suficiente. Não mais. Ele podia falar comigo como queria. Ele poderia dizer merda para Thomas. E Gordo. Eles poderiam aguentar. Eles poderiam. Mas esse homem matou minha mãe e agora ele estava conversando com Joe e eu estava farto.

Mas aparentemente Carter e Kelly também estavam fartos, porque eles *voaram* para frente enquanto eu rosnava; as garras estendidas, seus dentes arreganhados.

Eu segui porque eles eram *meus* irmãos.

Eu segui por causa da minha mãe.

Eu segui por causa de Joe.

Os laços estavam lá. Entre todos nós.

Nós éramos matilha. Nós estávamos em desvantagem, mas ainda éramos matilha.

Eu levantei meu pé de cabra e esmaguei-o em um braço com garras que me atacou. O osso quebrou antes que as garras rasgassem meu peito. O Ômega gritou enquanto sua pele queimava com o toque de prata. Ele começou a mudar para seu lobo, mas eu me virei, me lançando no meio do caminho, levantando o pé de cabra em um balanço de golfe. O choque do impacto sacudiu minha mão quando a mandíbula do Ômega quebrou. Fragmentos de dentes e sangue saíram de sua boca e espalharam-se por seu rosto enquanto ele se balançava para trás. A curva do pé-de-cabra deslizava através da pele na parte inferior de sua mandíbula e enganchada atrás da crista de seus dentes. Eu empurrei tão forte quanto pude e arranquei seu maxilar inferior de seu crânio.

Uma linha de fogo riscou minhas costas. Eu grunhi e tropecei para longe. Em algum lugar à minha direita, Joe rugiu de raiva, ou o Ômega que tinha vindo de trás de mim ou em outra coisa, eu não sabia.

Eu lidei com o Ômega atrás de mim. Ela tinha sangue no rosto. Ela zombou de mim e me lembrou de Marie.

Ela disse: — Sua mãe vai começar a apodrecer logo. Irá se decompuser e se encherá de gás. Ela vai *inchar*.

E eu sabia o que ela estava fazendo. Thomas tinha falado sobre isso. Raiva e ódio causavam surtos de poder e força ao custo da precisão. Era fácil afundar no brilho vermelho porque era muito abrangente. Mas isso o tornava desleixado.

Ela estava me atraindo.

E foi perto.

Porque ela estava falando da minha *mãe*.

Maggie Callaway nunca machucou ninguém. Ela teve merda toda a sua vida, e tudo o que ela queria era ser feliz. Ela nunca pediu muito. Ela não *precisava* de muita coisa. Ela me teve. Eventualmente, ela também tinha a matilha.

E ela foi tirada de nós.

De mim.

Estava perto, porém, porque o Ômega estava *certo*. Eu podia sentir isso me puxando para baixo. O sangue escorria pelas minhas costas, e a dor era brilhante e impressionante e *estava tão perto*. Mas então houve um *sibilo* através dos laços da matilha. Um pulso. Ele me bateu e eu absorvi em mim, e ele me dizia: *casa e confiança e tristeza e amor*.

E parte do que estava faltando nela. Porque *ela* foi embora.

Era ácido na minha pele.

Gelo nas minhas veias.

Eu disse: — Você não deveria ter vindo aqui.

E fui *claro*. Eu me sentia *preciso*. Eu dei um passo à frente e suas garras vieram para o meu rosto, revestidas com o meu sangue. Ela foi rápida, mas eu dei um passo para baixo, fingindo ir embora, mas fintei para a direita. Eu trouxe o pé de cabra ao redor em um arco plano atrás dela, o ponto curvo batendo na parte de trás de sua cabeça.

Ela grunhiu, de forma baixa e gutural. Tomou um fôlego. Solto um som abafado.

Eu me agachei e deslizei meu ombro direito sob o pé de cabra. Ele estava firme na cabeça dela enquanto eu o agarrava com as duas mãos. Eu cerrei meus dentes e me levantei para a minha altura total. O Ômega caiu contra minhas costas quando eu empurrei o pé de cabra para frente. O impulso fez com que ela girasse para cima e para as minhas costas, com os pés indo para o céu, pousando de cara no chão na minha frente. Ela se contorceu ao longo do chão enquanto eu afundava o pé de cabra. Eu levantei-o acima da minha cabeça para derrubá-lo de novo e de novo e de novo.

Eu a acertei do lado direito. A força disso me derrubou e cai ao lado de uma árvore, o ombro primeiro, minha cabeça bateu contra a madeira. Havia estrelas e luzes piscando. Eu caí no chão e pensei, *levante-se levante-se*, mas nada aconteceu. Era mais fácil ficar abaixado.

Houve rosnados e rugidos furiosos ao meu redor.

Minha visão não estava clara.

Eu fechei meus olhos novamente.

Eu pensei em muitas coisas.

Em Joe.

E minha mãe.

Quão escuro estava.

Quanto minhas costas doíam.

Quanto minha cabeça doía.

Quanto meu coração doía.

— Ox! — Uma voz gritou acima de mim.

Eu pretendia dizer para quem quer que fosse que eu estava bem.

Em vez disso, eu disse: — T'bem.

A voz disse: — Eu preciso de você.

Era *Joe*. Foi *Joe* quem se ajoelhou ao meu lado. *Joe* cujas garras se esticaram contra a minha pele. *Joe*, que disse meu nome novamente, me dizendo para me *mover*, para *abrir meus olhos*, para *ficar bem*, apenas *ficar bem*.

Parte de mim foi levada embora. Esmagada e destruída quando o sangue atingiu o chão.

Parte de mim queimava e se tornou nada além de fumaça, cinzas e restos carbonizados.

Mas parte de mim ainda segurava o éter.

A parte que pertencia a ele. Gordo. A minha matilha.

Eu abri meus olhos. Minha visão estava embaçada. Eu pisquei uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez.

Ele estava lá acima de mim. Com seus olhos laranja. Suas presas afiadas. Meio deslocado e preocupado.

Eu estendi a mão e toquei sua mão.

Ele fechou os olhos e se inclinou para o toque.

Eu disse: — Temos que terminar isso.

Ele abriu os olhos e disse: — Está quase no fim.

Ele me puxou para cima e *estava* quase no fim.

Mas não da maneira que eu esperava.

Nós também estávamos espalhados. Eu não conseguia ver Carter ou Keith, mas podia ouvi-los rosnando em algum lugar das árvores, a raiva evidente. O vínculo entre nós estava esticado e fino, pulsando em fúria.

Eu pensei ter visto um flash de Elizabeth, um lobo pleno e gracioso, olhos brilhantes e dentes arreganhados, mas então ela se foi com Ômegas se rastejando atrás dela.

Mark estava no chão, respirando superficialmente. Gordo estava na frente dele, tatuagens brilhantes, sangue escorrendo de um corte na testa. Um grupo de Ômegas os cercava. Gordo sorriu. Seus dentes a mostra. Ele disse: — Sim. Vamos. *Venham*.

E então havia Thomas. O *Alfa*.

Eu disse: — Não, — porque ele estava sangrando de cada centímetro de pele exposta, meio deslocado, olhos vermelhos e

garras pingando. Vários Ômegas mortos estavam espalhados sobre seus pés, encharcando de sangue a clareira.

Ele estava respirando pesadamente, o peito subindo e descendo. Seu braço direito pendia inutilmente ao seu lado, uma lasca de osso aparecendo em seu antebraço, sua cura acelerada ainda não estava fazendo efeito. Seus ombros estavam curvados e as presas estendidas, e havia ainda mais Ômegas chegando. Eles saíam das árvores e eu não sabia como poderia haver tantos. Como tantos Ômegas poderiam estar em Green Creek sem que soubéssemos. Sem *Thomas* saber, porque esta era a terra dele. Essa era a *casa* dele e eu não *entendia*.

Eles invadiram. E ele rugiu.

As árvores tremeram na floresta.

As estrelas estavam brilhantes em cima.

E então nós fomos traídos.

Joe rosnou profundo e baixo em sua garganta, contraindo os músculos, pronto para lançar-se em direção ao pai. Para ajudá-lo. Para salvá-lo.

Osmond disse: — Ei, — e quando nos viramos assustados, ele deu um tapa no rosto de Joe.

A força do golpe nos derrubou. Joe voou para o tronco de uma árvore, gritando quando as costas dele estalavam violentamente, caindo e se contorcendo no chão.

Deitei no chão, atordado, observando as estrelas no céu acima. Pensei em minha mãe e, por um momento, esqueci que ela estava coberta em um cobertor em nossa casa, com o sangue esfriando embaixo.

Eu disse: — Minha cabeça dói, mamãe, — mas as estrelas não disseram nada.

Então as estrelas foram bloqueadas.

Osmond olhou para mim, a cabeça inclinada.

Eu disse: — Você fez isso.

Ele disse: — Realmente não havia outra escolha.

Ele levantou o pé acima do meu rosto. Eu me perguntei se doía ter seu crânio esmagado.

Richard Collins disse: — Deixe o humano em paz, Osmond. Ainda não terminei com ele.

Osmond afastou o pé, mas não se moveu do meu lado.

Eu virei minha cabeça. A grama estava fria na minha bochecha. Joe estava deitado a alguns metros de distância no chão. Sua pele estava suada, o rosto torcido em uma careta de dor. Suas mãos estavam em punhos ao lado do corpo.

Eu disse — Joe, — ou tentei pelo menos. O som saiu quebrado e fraco. Ele não me ouviu. Ou, se ele escutou, estava com muita dor para fazer algo sobre isso.

Eu não podia mais ver Gordo, e me perguntei se ele estava vivo.

Eu virei minha cabeça para o lado dela. Levou mais esforço do que eu pensava que seria.

Os Ômegas haviam ultrapassado Thomas e eles o forçaram a descer. O forçaram a se ajoelhar diante de Richard Collins, e só de vê-lo assim, o mero *pensamento* de Thomas de joelhos por *qualquer um* foi o suficiente para fazer meu sangue ferver.

— Você sabe, — disse Richard, — eu esperava mais do grande Thomas Bennett. Estou um pouco... Desapontado.

Sangue saia da boca de Thomas quando ele encolheu os ombros. — As expectativas podem ser uma cadela, — ele resmungou. — Confie em mim quando digo que estou muito desapontado com você.

Richard assentiu. — Eu tinha esquecido como soou quando os ossos de Joe quebraram. A pressão molhada disso. Suas costas, eu acho.

Thomas rosnou profundamente em sua garganta, mas até eu pude ver que sua força estava diminuindo. Muitos ferimentos, não havia tempo suficiente para curar. Ele era um Alfa, mas ele não era imortal. Ele lutava contra os Ômegas, mas eles o seguraram com força.

Richard disse: — Antes de morrer, quero que você saiba que eu culpo você. Por tudo. Minha família. Meu pai. Tudo isso. Até isso aqui, seus pais. Sua matilha. Bruxos e lobos. Deixo todas as suas mortes aos seus pés e vou tirar sua vida por causa disso. Eu me

tornarei o Alfa e *estuprarei* seu território até deixá-lo em submissão. Essa magia antiga será minha, Thomas. Assim como sua esposa. E filhos. Você é um deus falso, indigno do que lhe foi dado.

Eu não era um lobo. Eu era um humano que fazia parte de uma matilha de lobos. Eu não podia me mover como eles podiam, não realmente. Eu não poderia me curar como eles poderiam. Eu não podia lutar como eles podiam. Eu não tinha garras, presas ou olhos que brilhavam. Eu era o Ox, isso era tudo.

Mas eles eram *meus*.

Essas pessoas vieram na minha casa. Eles me deram *merda*, assim como meu pai disse que eles fariam. As pessoas iam me dar *merda* porque eu era Oxnard Matheson, porque eu era um filho da puta estúpido que não podia nem proteger sua própria família.

Mas não mais.

Não mais.

Eu *puxei* os laços da matilha. Eu os puxei o mais forte que pude.

Osmond se distraiu com as palavras de Richard. Meus dedos encontraram o pé de cabra na grama.

Lembrei-me do que Thomas me ensinou. Meu pai tinha dito que eu ia receber merda toda a minha vida, mas ele não era o meu verdadeiro pai. Não mais. Meu pai me deu um obrigado, mas foi Thomas *quem* me moldou no que eu era.

Eu pensei que íamos morrer. Todos nós. Mas eu ia levar tantos deles conosco quanto pudesse.

Osmond não estava esperando que eu me levantasse. Ele não estava esperando que eu varresse minha perna na parte de trás de seus joelhos, o derrubando no chão.

Eu estava me movendo antes mesmo de ele atingir o chão.

Em algum lugar nas montanhas, um lobo cantou, e eu senti a música queimando dentro de mim, os laços dizendo *OxMatilhaIrmãoFilhoAmigo*, e eu me movi mais rápido do que nunca em minha vida.

Eu não era um lobo.

Mas meu deus, dei a impressão de um.

Richard começou a se virar quando eu cheguei atrás dele. Seus Ômegas mal tiveram a chance de reagir.

O pé de cabra apunhalou suas costas muito mais facilmente do que eu pensava que seria. A carne se separou e o pé de cabra raspou contra o osso. Sangue jorrou sobre minhas mãos e rosto e eu empurrei.

Richard gritou enquanto se movia com as garras subindo sobre seus ombros, alcançando o pé de cabra, estendendo a mão para *mim*, tentando cortar, cortar e marcar.

Eu empurrei o pé de cabra mais longe, esperando conseguir espetar o coração do bastardo. Esperando que fosse o suficiente,



Kardia Mou | Wolfsong

porque Thomas estava *jorrando* sangue agora, e eu não sei por quanto tempo ele iria durar e-

As garras de Richard caíram no meu ombro e *apertaram*. Eles perfuraram minha pele e ele me puxou, minhas mãos escorregadias escorregando do pé de cabra.

Ele me trouxe na frente dele, e apesar de eu ter superado ele por uns bons cinquenta quilos, ele me agarrou pelo pescoço e me levantou do chão.

Seus olhos laranja estavam brilhantes, sua respiração quente no meu rosto.

Ele disse com a boca cheia de dentes alongados: — Pequeno humano. Como eu te admiro.

Um pulso à minha direita, iluminando a floresta ao nosso redor.

Era Gordo, e o chão estava mudando debaixo de nós, um estrondo monótono que se transformou em algo muito mais alto. A luz verde disparou ao longo do chão, a terra gemendo quando Gordo chamou sua magia para ele. Eu vi os símbolos sob meus pés, linhas arcanas que formavam estrelas e luas crescentes, corvos que voavam debaixo de mim arrastando faíscas verdes em seu rastro. A terra *explodiu* debaixo de nós e Richard *rosnou* no meu ouvido, dentes estalando, mordendo e...

Ele ficou chocado quando o chão se quebrou embaixo dele, rachando e rolando. Tudo estava *verde*, flashes de luzes que ferviam meu sangue e *cantavam* algo dentro de mim.

Richard grunhiu quando se afastou de mim e, no caos e confusão, eu ouvi os gritos dos lobos. Eu não sabia se eles eram meus ou os outros. Eu caí de joelhos, a dor vítrea e brilhante, o estômago revirando em vertigem.

Uma mão molhada agarrou meu braço e *puxou*.

Eu segui cegamente.

Nós estávamos no fundo das árvores antes que eu pudesse me concentrar.

Thomas me levou embora, embora.

— Temos que voltar, — eu falei, mas não tentei voltar.

Ele disse: — Confie em mim.

E como eu não poderia?

Eu sofria em todos os lugares. Minhas costas estavam rasgadas em pedaços.

Ele disse: — Você deve me ouvir. — Sua respiração sacudiu em seu peito, um som molhado.

As estrelas estavam brilhantes acima.

As árvores balançaram.

Ele disse: — Você será necessário agora. Mais do que nunca. O peso do Alfa pode ser um fardo terrível, e quem carrega o

peso dele em seus ombros deve ser capaz de permanecer forte e verdadeiro.

— Não, eu disse. — Não não. Você-

— Ox.

O vento ondulou pelas folhas.

Havia uma dor na minha cabeça e no meu coração.

— Eles vão *precisar de você*, — disse Thomas. E então ele tropeçou, descendo para um joelho, apertando meu braço. Ele gemeu baixinho, a cabeça pendendo para baixo enquanto o sangue escorria de sua boca. Eu puxei meu braço de seu alcance. Eu me abaixei sob seus braços, colocando minhas mãos na frente de seu peito. Era um sangramento substancial e ele tossiu duramente quando eu o levantei, minhas costas gritando com a tensão.

Os sons da terra se separaram continuaram atrás de nós, mas estavam distantes.

Nós continuamos.

Ele disse: — Todos eles.

— O que?

— A matilha. Eles precisarão...

— Por quê? — Perguntei.

Thomas respirou fundo e virou o rosto para o céu. Eu me perguntei se ele poderia sentir o mugido, mesmo que estivesse escondido. — Eu sabia que você era diferente, — ele disse. — Quando eu te vi pela primeira vez. Mesmo que não fosse por Joe, eu teria

sabido. — Os olhos dele brilharam vermelhos de novo e de novo. Ele chamou algo em mim, e eu pensei que meu sangue estava fervendo debaixo de minha pele.

— Se eu sou alguma coisa, — eu disse, — é por sua causa.

Ele disse: — Oh, Ox. Eu só mostrei o que você já tinha dentro de si.

Eu empurrei os laços da matilha, mas eles estavam perdidos em uma névoa de dor e da magia de Gordo.

Ele disse: — Você deve me ouvir.

Eu grunhi e ele tropeçou novamente. De alguma forma eu consegui segurá-lo na posição vertical.

— Você vai- — Ele tossiu com o corpo tremendo. Então, — Os laços serão a coisa mais importante. Esses laços que ligam vocês, uns aos outros. Terá que ser você. Para todos eles. É uma coisa terrível que eu peço de você, especialmente à luz de tudo que você perdeu. Mas só pode ser você.

— Eu não estou- —

— Você é, — ele disse ferozmente. — Você é *mais* do que pensa. Ox. O poder do Alfa passa para aquele que o leva. Se não pode ser eu e não pode ser Joe, então precisa ser você. Ele não está aqui e eu estou *perguntando* isso de você.

— O quê?

— Richard não pode ter isso, — disse Thomas, lábios brilhantes de sangue. — Ele *não pode*. As coisas que ele faria com

isso... Não. E eu não posso aguentar. Assim não. Não por muito mais tempo. Eu não posso curar, não disse. Estou morrendo.

— Não, — eu disse. — *Não. Você não pode...*

— Eu preciso que você se torne um lobo, — disse Thomas. — Eu preciso que você faça isso por mim.

Era demais. Isso... Tudo o que ele estava pedindo de mim. Eu ainda não tinha tomado a decisão se eu iria receber a mordida antes de tudo isso acontecesse. E agora? Agora ele estava dizendo...

— Você quer que eu seja o Alfa. — Minha voz soou pequena.

— Sim.

Eu não conseguia encontrar as palavras.

Thomas disse: — Eu acredito em você, Ox. Eu sempre acreditei. Você é meu filho tanto quanto os outros. Eu sempre vou ser...

— Aí está você, — disse Richard Collins atrás de nós.

Thomas rosnou, me forçando atrás dele com uma força que eu acho que ele não seria capaz. Eu tropecei nos meus próprios pés, caindo de joelhos. Thomas se elevou sobre mim, mas ele só tinha olhos para o outro lobo.

Richard não parecia muito melhor. Alguém removeu meu pé de cabra de suas costas. Sua pele estava encharcada de sangue. Seus olhos brilhavam sombriamente, garras estendidas, dentes afiados e brilhando a luz das estrelas.

Ele disse: — Você tinha que saber que sempre chegaria a isso, Thomas. Não havia outra maneira que isso pudesse terminar.

— Só porque foi isso o que você escolheu, — disse Thomas em voz baixa. — Nós já fomos amigos uma vez. Irmãos.

— Se você fosse meu *irmão*, — retrucou Richard, — você não os teria deixado morrer. E mesmo se ainda tivessem vivos, você deveria ter feito *tudo o que podia* para garantir que os responsáveis sofressem. Os humanos deveriam ter *sofrido* pelo que trouxeram sobre a nossa matilha. E em vez disso, você os abraçou.

— Eram apenas alguns, — disse Thomas. — Uma minoria. Qual resultado *possível* você acha que isso teria?

As garras de Richard se estenderam mais. — Vou me tornar o Alfa, — ele disse. — E então eu vou fazê-los pagar. Por tudo. Os humanos se curvarão para mim e eu os *matarei*.

Ele se lançou em Thomas, mudando no ar, as roupas em farrapos se rasgando, pêlos brotando. Antes que eu pudesse gritar um aviso, houve um estalo de ossos e músculos e o lobo encontrou o lobo entre as árvores, as presas estalando, as patas arranhando para agarrar.

Thomas era o maior dos dois, mas mesmo mudado, o sangue ainda fluía, manchando seu pêlo. Richard foi cruel em seu ataque, e eu fui golpeado para trás quando eles rolaram para mim, dentes enterrados um no outro, grunhidos quebrados saindo de suas bocas.

Procurei por algo, *qualquer coisa*, qualquer tipo de arma que eu pudesse usar para impedir isso. Parar Richard antes que ele pudesse piorar as coisas. Eu encontrei uma rocha menor que a minha mão. Eu agarrei sem pensar duas vezes porque esse era o meu *Alfa*. Este era *Thomas* e eu não podia deixá-lo assim.

Ele me ensinou coisas sobre mim. Quem eu poderia ser.

Alfa significava pai.

(Você é meu filho.)

Isso significava segurança.

Isso significava lar.

Eu não fiz barulho quando me levantei. Eu não hesitei quando me movi em direção ao lobo branco lutando contra o castanho. Eu não pensei duas vezes enquanto seguia seus movimentos, esperando, esperando pelo momento certo.

Veio mais rápido do que eu esperava.

Richard bateu em Thomas de volta.

Thomas bateu em uma árvore com um gemido profundo.

Ele deslizou para o chão, os olhos desfocados.

Richard estava acima dele.

Seus lábios puxaram para trás sobre os dentes.

Um estrondo baixo começou em sua garganta, e eu vi seus músculos se enrolando enquanto ele se preparava para atacar.

Demorou apenas alguns segundos, na verdade.

Um momento ele estava de pé acima de Thomas e no próximo eu estava trazendo a pedra para baixo na parte de trás de sua cabeça. Houve uma *fenda* aguda que eu esperava, no mínimo, que significasse um crânio dividido. O lobo gritou, e por um momento senti uma emoção doentia. Que nós ganhamos. Que eu o levei para baixo. Que ele cairia no chão e nunca mais se levantaria.

Eu vi a o sangue na pedra. O sangue derramou entre os olhos e o focinho, pingando para onde seus lábios se curvaram.

Mas ele não caiu.

Ele se virou para mim.

Thomas tentou se levantar, mas caiu de volta em suas patas.

Eu dei um passo para trás.

A grande e terrível fera deu um passo em frente.

— Vamos, seu filho da puta, — eu disse com a voz rouca. Eu aumentei o meu aperto na rocha porque era tudo o que eu tinha.

Eu pensei em Joe. E minha mãe.

Eu me sentia mal. Eu dei outro passo para trás. E agora eu estava fazendo isso de novo.

Mas pelo menos ele estaria seguro se eu pudesse levar Richard comigo.

E essa era a única coisa que importava.

Eu não o deixaria levar Joe.

De novo não.

As orelhas de Richard se achataram na parte de trás de sua cabeça e, embora parecesse impossível, eu poderia jurar que o lobo estava sorrindo.

Que ele *havia* ganhado.

Eu me lembrei do que aprendi.

Era tudo o que poderia fazer. E desde que me lembrei disso, talvez Joe estivesse bem. E Thomas. Os outros. E um dia, eles poderiam olhar para trás e lembrar-se de mim pelas coisas que eu fiz desde o dia em que nos encontramos, em vez da última coisa que fiz.



HOUVE um dia em que Thomas e eu estávamos andando pela floresta. Ele fez Joe ficar para trás. Joe não ficou muito feliz com isso, mas Thomas apenas passou os olhos daquele jeito e Joe parou de reclamar. Na maioria das vezes.

Nós não conversamos por mais tempo. Era bom ficar em silêncio com alguém, não precisando do peso da conversa. Thomas sabia disso sobre mim. Ele sabia que às vezes eu não conseguia encontrar as palavras para dizer o que eu queria, então eu simplesmente não dizia nada. Ele não me achava idiota. Não como os outros tinham antes dele.

Houve um momento, breve e brilhante, em que pensei em meu pai. Eu ainda não tinha certeza do que os lobos poderiam captar

com o bater do coração e o cheiro, se a tristeza tinha um gosto ou se a ansiedade era pesada.

Meu pai não teria entendido isso. Os lobos. A matilha. Meu lugar com eles. Ele não teria entendido nada disso.

Na verdade não.

Ele teria me dado merda por isso.

Tentado tirar isso de mim.

Meu pai não tinha sido um bom homem.

Eu sabia disso agora.

Ele falava com indiferença e insensibilidade.

Em raiva e violência.

Mas eu o amava de qualquer maneira, porque eu era seu filho.

E ele era meu pai.

Eu me perguntava o que aquilo dizia sobre mim, que eu poderia amar alguém como ele.

Apesar do jeito dele.

Não foi a primeira vez que eu disse a mim mesmo que era melhor que ele tivesse ido embora.

Mas talvez tenha sido a primeira vez que eu acreditei completamente.

Isso me atingiu com força.

Que eu tenha pensado que era bom alguém estar morto estava além de mim porque eu não era essa pessoa.

Eu não falava com indiferença. Eu não era insensível.

Nem em raiva e violência.

Meu coração gaguejou no meu peito.

Eu respirei fundo, afiado, como um suspiro silencioso.

Thomas envolveu sua grande mão em volta do meu pescoço e apertou, deixando-a ali enquanto caminhávamos. Ele não falou. Ele era justo.

Lá.

Meu ritmo acelerou.

Minha respiração voltou ao normal.

Meus pés não se arrastavam mais.

Nós caminhamos.

Estranhamente, falei primeiro. Mais tarde, claro. Muito tarde. Eu pensei que talvez ele estivesse esperando por mim.

Eu disse: — Como você sempre sabe?

Thomas nem ficou surpreso com a pergunta. — Você é meu, — ele disse simplesmente. — Eu sempre saberei.

— Porque você é o Alfa?

— Isso também, — ele disse, e seus olhos nunca deixando os meus.

E eu ouvi todas as coisas que ele não disse.



A BESTA vinha para mim, lá na floresta escura.

Meu Alfa estava deitado em silêncio debaixo de um velho carvalho cujos galhos balançavam ao vento. Seu peito subia superficialmente. Ele caiu e levou uma eternidade para subir novamente.

Richard se agachou.

Eu estreitei meus olhos.

Eu disse: — Você deveria ter ficado fora do meu território.

Richard saltou.

Suas garras se uniram para mim.

Sua mandíbula se abriu amplamente.

Eu levantei a rocha e...

Um flash de branco, cruzando na minha frente.

Richard gritou quando foi jogado para o lado.

Um lobo estava na minha frente, com os pelos levantados, a cabeça agachada no chão, os dentes arreganhados em um ar furioso para Richard, que estava se colocando de pé.

Joe

Joe estava aqui.

Joe estava bem.

Isso não era um sonho, porque minhas costas doíam muito.

Eu estendi a mão e enrolei meus dedos na pele do pescoço dele.

Eu senti o estrondo profundo dentro dele.

Está aqui para mim.

Richard piscou com os olhos nublados quando ele olhou para Joe, movendo-se lentamente em torno de nós.

Joe se movia com ele, sempre ficando entre nós. Eu podia sentir a raiva nele, a raiva e a angústia. Eu tentei alcançar os outros, as cordas que nos conectavam para garantir que nenhum dos nossos laços tivesse sido perdido, mas tudo estava confuso. Minha cabeça doía e eu não conseguia me concentrar em nada além do alívio verde de ter Joe aqui, de saber que ele estava bem. Que ele ainda não estava deitado debaixo de uma árvore, quebrado e contorcido.

KM

Nós poderíamos fazer isso. Poderíamos-

Richard correu para nós sem emitir um som. Joe ficou tenso sob a minha mão, preparando-se para o impacto. Cavei meus saltos na terra e lutei com cada instinto que me dizia para correr, porque eu era *não* covarde, e eu iria *ficar com o meu companheiro*-

Luzes se ergueram ao nosso redor, erguendo-se da terra, o chão sob nossos pés gemendo quando se mexeu. Richard colidiu com a luz e foi jogado para trás como se estivesse eletrificado, olhos rolando para a parte de trás de sua cabeça quando ele aterrissou na base de um velho carvalho. Ele se contraiu, pernas escorregando no chão, cavando através da sujeira.

— Ox, — uma voz disse atrás de mim.

Eu me movi.

Gordo se levantou, encostado a uma árvore, ofegante. Seu rosto estava suado, escorregadio e pálido. Ele embalava o braço

esquerdo contra o peito. Suas roupas estavam rasgadas. Ele estava sangrando em muitos lugares.

E as tatuagens em seus braços estavam mais brilhantes do que eu já vi.

— Como você—

— É o território, — ele disse com a voz fina e fraca. — Pertence aos Bennetts. Sempre foi assim, e não gosta de intrusos. A terra, eu posso ouvir, e ela fala comigo. Eu posso mantê-lo fora. Por agora. Mas não posso segurá-lo, Ox. Não para sempre. O que quer que tenha que acontecer, precisa acontecer agora.

Estendi a mão e toquei a luz (barreira?) que nos rodeava, separando-nos de Richard. Parecia sólido sob meus dedos e quente, e havia aquele fio que me ligava a Gordo, um que eu sempre senti antes, mas nunca foi tão sólido quanto os outros, porque apesar de estarmos ancorados, ele não era matilha.

Mas agora estava brilhante. E forte.

— O que tem que acontecer? — Perguntei sem ter certeza se queria a resposta.

Gordo disse: — Ox.

E eu sabia.

Então uma voz falou baixinho.

Dizia: — Papai?

Eu olhei por cima.

Joe havia mudado para humano novamente e estava ajoelhado ao lado de seu pai. Havia uma contusão profunda e escura que se estendia ao longo de suas costas, onde ele havia atingido a árvore. Mesmo enquanto eu observava, as bordas estavam desaparecendo enquanto curava. Eu não sabia se ele tinha sobrevivido a esse impacto por ser *quem* ele era. Se Carter ou Kelly poderiam ter feito o mesmo.

Seu pai estava estendido diante dele, ainda um lobo. Seus olhos estavam abertos observando seu filho. Ele choramingou baixinho no fundo da garganta. Sua cauda bateu uma vez. Duas vezes.

Joe disse: — Você tem que se levantar.

Thomas esticou o pescoço até o nariz tocar a mão de Joe.

— Eles estão bem, — ele disse como se pudesse ouvir a pergunta do pai. E pelo que eu sabia, ele podia. — Eles estão cuidando do resto. Mas eles precisam de você. OK? Você tem que levantar. — Sua voz quebrou no final.

Thomas suspirou, e foi uma coisa grande e cheia de alívio. Como se seus medos estivessem se esvaindo.

De trás de nós, um lobo uivou, uma canção de fúria.

Eu me virei.

Richard Collins estava de pé e com raiva. Ele estava mordendo a mandíbula e começou a se jogar na barreira. Seus olhos eram mais escuros do que antes, como se ele estivesse perdido para

o lobo, selvagem e furioso. Toda vez que ele batia no verde, a luz pulsava para fora, como uma onda na água. E isso só o deixava mais irritado.

— Thomas, — Gordo sufocou. — Você tem que fazer isso. *Agora*. Eu não posso...

Thomas pode ser mudado, mais devagar do que eu já vi. Pela careta em seu rosto de lobo e a maneira como seu corpo ficou tenso, foi uma mudança dolorosa. Os ossos que estavam quebrados antes e ainda estavam quebrados. Os cortes eram largos e sangravam livremente sem qualquer sinal de parar.

Joe gemeu ao lado de seu pai, com as mãos tremendo quando ele estendeu a mão. Ele hesitou como se não tivesse certeza de onde tocar.

Richard gritou e continuou seu ataque.

Joe disse: — *Papai*.

Thomas Bennett sorriu para ele. Sua boca estava vermelha e sangue escorria por sua bochecha. Seus olhos estavam claros.

Ele disse: — Estou feliz que você esteja bem.

— Temos que nos levantar, — implorou Joe. — Temos que nos levantar e ir embora. Mamãe está esperando por você.

— Você vai ficar bem, — disse Thomas. — Vai doer. Por um tempo. Mas você ficará *bem*.

Joe sacudiu a cabeça. Ele pegou a mão do pai e segurou-a. — Eu não posso fazer isso, — ele disse. — Eu não estou pronto. — Ele soou tão incrivelmente jovem.

— Você está, — disse Thomas. — Você sempre esteve. É o que temos trabalhado. Você...

Houve um alto gemido de ossos e músculos. Então, Richard disse: — Eu posso salvá-lo, Joe. Eu posso salvá-lo. Você só precisa me dar o que eu quero. Posso te ajudar. E ele.

Richard estava nu e ensanguentado, com os olhos em Joe, mas incapaz de dar um passo à frente por causa da magia de Gordo.

— Não, — disse Thomas, olhos nunca deixando seu filho. — Não escute. Não-

— Você não precisa disso, — disse Richard. — Eu posso levar tudo isso embora. Seu pai vai ficar *bem*. Eu serei o Alfa e prometo que tudo isso parecerá um sonho. Você poderá ir para casa e nunca mais me verá.

Eu não precisava ser um lobo para saber que ele estava mentindo.

E por tudo que ele valia, por tudo o que ele tinha passado, por todo o horror que ele tinha visto, Joe hesitou.

Eu vi. Era pequeno. Mas estava lá.

Thomas também viu.

Richard também.

E ele *sorriu*.

Então dei um passo para frente e disse: — Joe.

Joe olhou para mim, os olhos de Halloween brilhantes e úmidos.

— Ele faz promessas, — eu disse, — que ele não será capaz de manter.

Joe mordeu o lábio. — Mas-

— Ele é *humano*, — disse Richard, com a voz cheia de desdém. — Mesmo que ele seja matilha. Ele não entende. Ele *nunca* vai entender o que você é. O que você deveria se tornar. Sua espécie é a razão pela qual tudo isso está acontecendo. Eles te traem, Joe. Eles sempre vão te trair.

— Eu prometi a você, — eu disse, dando mais um passo. — Que sempre seria você e eu. Que eu cuidaria de você. Que eu nunca mentiria para você.

Lágrimas rastream seu rosto.

— Eles mentem! — Richard rugiu, batendo os punhos contra a barreira. — É tudo o que eles são *capazes*!

— Apresse-se, Ox, — Gordo falou com os dentes cerrados.

— Você confiou em mim com o seu lobo antes mesmo de me conhecer, — eu disse. — Quando eu pensava que não era nada. Mas você me mostrou. Você *confiou em* mim. E eu estou pedindo para você fazer de novo.

Seus olhos estavam arregalados. Sua respiração engatou em seu peito.

Ele desviou o olhar de mim e olhou de volta para seu pai.

— Este não é o fim, — sussurrou Thomas para ele, a voz mal conseguindo ser ouvida acima dos gritos de Richard. — Você verá. Estou tão orgulhoso de você e do que você se tornou. O que você *vai* se tornar.

— Eu não posso fazer isso sozinho, — Joe chorou. — Eu *não posso*—

— E você não vai precisar, — disse Thomas. — Porque um Alfa não é nada sem sua matilha. E sua matilha estará sempre com você.

— Ox! — Gordo gritou em aviso, e eu olhei. Ele caiu de joelhos, suando muito, o peito subindo e caindo rapidamente.

Richard uivou em triunfo.

— Joe, — eu disse. — Você tem que—

As garras de Joe estavam fora antes que eu pudesse terminar, negra e afiada. A barreira cintilou quando ele as levou ao peito de seu pai, acima do coração, com os dedos abertos em cinco pontas afiadas.

Com a voz tremendo, Joe disse: — Você se lembra? Naquele dia na floresta. Nós perseguimos os esquilos. E você me disse que estava feliz por eu ser seu filho.

Thomas deu um sorriso silencioso. — Eu também te amo.

Joe perfurou o peito do pai.

O mundo era um grande e assustador. Foi o que Gordo me ensinou. Que qualquer coisa que eu pudesse pensar estava

provavelmente lá fora. Havia perguntas que não fiz porque estava com medo das respostas que receberia. Havia perguntas que eu não tinha pensado em perguntar, mas cujas respostas foram mantidas em segredo de qualquer maneira.

E então havia perguntas que eu nem estava preparado para entender. Por que meu pai foi embora? Por que Joe me escolheu? Qual era o meu lugar em tudo isso?

Como Joe se tornaria o Alfa?

Ele sabia. Ele sabia, porque ele não hesitou. Não nisso. Não quando sua mente assumiu. Eu me perguntei quando Thomas disse a ele. Ou se era instinto. Algo simplesmente conhecido do passado para o futuro.

Suas garras foram para a pele de seu pai, pressionando até que a palma da mão estivesse contra o peito de Thomas. Richard atingiu sua fúria e, a princípio, nada aconteceu. Eu pensei que talvez algo tivesse dado errado. A verdade era que eu não sabia o que esperar, ao transferir o poder de um Alfa de um para outro.

Eu ainda não sabia nada sobre lobisomens.

Tudo começou com uma carícia ao longo da minha pele.

Como um sussurro no meu ouvido.

Joe não se mexeu.

Thomas não se mexeu.

Mas então minha pele estava *rastejando*. Houve um surto na minha cabeça e no meu coração, e me perguntei se era assim que se

sentia atingido por um raio. Os laços da matilha estavam *explodindo* no meu peito e eu podia sentir todos eles, cada um deles, e havia um alívio pungente, tão verde, *claro* porque eles estavam *vivos, todos eles*, mas *doía* porque o de Carter era forte e o de Mark e Elizabeth e Kelly e Gordo (porque ele estava lá *também*, pela primeira vez como matilha e eu podia sentir a sua magia na parte de trás da minha língua, ozônio, tingida e amarga).

E Joe, Joe era o mais brilhante de todos eles, o mais forte, e havia tal *poder* que eu mal conseguia respirar.

E Thomas.

Thomas estava lá também.

Mas a dele estava desbotada. O fio estava fino.

Mais frágil do que tinha qualquer direito de ser.

Como se estivesse muito mal se pendurando.

A barreira voltou ao lugar.

Thomas abriu os olhos. Eles brilharam laranja e sem brilho.

Ele suspirou com alívio tão verde.

Ele disse: — Ox. Um lobo é tão forte quanto a sua âncora.

Seus olhos se fecharam.

Ele exalou.

Seu peito não se levantou novamente.

O fio estalou e desapareceu.

Joe disse: — *Papai*.



Kardia Mou | Wolfsong

O pelo brotou ao longo de suas bochechas. Seu rosto começou a se estender. Seus lábios se curvaram. Seus dentes se alongaram em pontas. Ele inclinou a cabeça para trás e ele *cantou* a música do Alfa, os olhos arregalados e vermelhos.

KM



Feridas abertas / o caminho de casa

RICHARD se foi.

Osmond se foi.

Robert Livingstone nunca apareceu.

A maioria dos Ômegas estava morta.

Aqueles que viveram fugiram.

Mas, é claro, eu nem pensei nisso até mais tarde.



ELES SABIAM.

Os outros.

Mesmo antes de nos encontrarem sob os carvalhos, eles sabiam.

Eles teriam sentido no momento em que ele morreu assim como eu senti. Provavelmente ainda mais, dado que eu ainda era humano.

Carter e Kelly foram os que saíram primeiro das árvores, correndo em quatro patas, gemidos agudos vinham deles. Eles pararam assim que nos viram: Thomas, ainda contra a grama. Joe, de joelhos, a cabeça inclinada sobre o pai, garras ao lado do



Kardia Mou | Wolfsong

corpo. Gordo, encostado a uma árvore, o rosto nas mãos, as tatuagens brilhando intensamente.

E eu, entorpecido pela minha mãe, e agora um corpo embaixo de uma árvore.

Thomas, com o corpo ainda quente, o sangue ainda vazando.

Carter descongelou primeiro, aproximando-se e passando o nariz pelo braço de Joe. O pescoço dele. O cabelo dele. Ele inspirou e expirou em pequenas explosões, absorvendo o cheiro de seu novo Alfa. Seu pelo estava emaranhado com sangue, mas ele continuou tocando a perna da frente direita, e continuava pressionando o irmão.

Kelly finalmente se moveu em direção a eles, seus olhos arregalados, boca aberta enquanto ele soltava pequenos latidos, latidos leves e repetidos. Ele Deixou Carter e Joe sozinhos e desabou aos pés do pai, cheirando os dedos dos pés. Suas panturrilhas. Eventualmente, ele deitou a cabeça nas pernas do pai e tremeu.

Mark veio então. Em forma humana. Enquanto os outros lobos estavam em pelos, ele usava uma calça esfarrapada, desgastada, rasgada e suja. As feridas abertas estavam cicatrizando lentamente, e ele tinha uma mordida de aparência desagradável no ombro direito, onde parecia que um grande pedaço havia sido arrancado. Ele deu um passo hesitante em direção a Thomas e aos outros, mas parou, com as mãos se fechando em punhos ao seu

lado. Em vez disso, ele foi para Gordo primeiro, sussurrando algo que eu não conseguia entender. Gordo não olhou para cima, mas sacudiu a cabeça. Os olhos de Mark dispararam ao redor da linha das árvores, os olhos duros e a mandíbula tensa.

E então ela veio.

Elas se movia devagar, seja por tristeza ou ferimento, eu não sabia dizer. Um coração despedaçado pode ser mais pesado que um membro quebrado. Ela era uma loba, que eu egoisticamente agradeci. O rosto de um lobo só pode se mover tanto quanto o de um humano. A tristeza que gravou em seu rosto como um lobo não era nada comparado ao que teria sido se ela fosse humana.

Eu não achava que teria conseguido.

Eu estava com frio.

Meus dentes estavam começando a bater.

Carter havia parado de se esfregar contra Joe e agora estava cutucando seu pai, fazendo esses sons no fundo da garganta, como se implorasse ao pai que se levantasse.

Kelly choramingou contra as pernas, tentando se enterrar no cheiro do pai.

Joe respirava pesadamente, as narinas dilatadas, as mãos vazando sangue de onde suas garras haviam cortado as palmas das mãos.

Mark ficou de vigia.

Gordo caiu contra a árvore, cabeça de joelhos, tatuagens se movendo descontroladamente. O corvo levantou um braço e desapareceu na manga de sua camisa. Ele apareceu em seu pescoço, asas se espalhando até o ouvido.

E Elizabeth

Ela não se moveu em direção ao marido. Ou seus filhos. Ou o irmão dela.

Ela veio até mim. Lentamente. Rigidamente.

Ela pressionou o nariz na minha mão. Meus dedos se enrolaram perto da orelha dela. Eu senti um movimento contra a minha pele.

Ela empurrou mais forte.

Eu olhei para baixo.

Eu estava errado sobre ser grato por ela ser um lobo por causa da falta de humanidade.

Por que seus olhos eram os mais humanos de todos.

E eles estavam sofrendo.

Eu quebrei o silêncio.

Eu engasguei, — sinto muito, — porque eu deveria ter feito mais para protegê-lo. E talvez se eu não tivesse deixado ele me arrastar para longe, ele estaria bem. Se ele não tivesse se colocado entre Richard e eu, Elizabeth não teria perdido seu companheiro.

Ela pegou minha mão suavemente em sua boca, seus dentes cravando minha pele. Por uma fração de segundo, pensei que ela iria morder. Eu pensei que ela iria derramar meu sangue por permitir que isso acontecesse. E eu teria deixado ela fazer isso.

Em vez disso, ela puxou minha mão, me puxando para os outros.

Eu não entendi.

Mas eu fui mesmo assim.

Ela não soltou.

E ela não olhou para longe de mim.

Ela recuou lentamente, passo a passo, olhos nunca deixando os meus.

Eu me concentrei nela porque estava ficando mais difícil de respirar.

Os sons estavam chegando a mim. Eu podia ouvir Gordo gemendo, baixo e quebrado. Eu podia ouvir o som *whuffing* de Kelly quando ele estremeceu contra seu pai. Eu podia ouvir o que só poderia ser considerado soluços vindo de Carter.

Joe, no entanto.

Joe não estava fazendo nenhum som.

Pelo menos em voz alta.

Mas eu podia senti-lo.

Seu horror.

Sua angústia.

Sua fúria.

E era mais alto que o resto.

Fiquei impressionado com isso.

Consumido por isso.

Mas Elizabeth não me deixou ir.

E eu sabia o que ela estava tentando fazer.

Ela sussurrou, *MatilhaFilhoAmor*.

Ela sussurrou, *você pertence a nós*.

Ela sussurrou, *nós pertencemos a você*.

KM

Ela sussurrou, *eu sinto sua dor. Eu sinto sua dor. Nós perdemos. Eu perdi, mas você também*.

Ela sussurrou, *por favor, não nos culpe. Por favor, não nos odeie*.

Ela sussurrou, *ela não deveria ter sido tirada de você. E ele não deveria ter sido tirado de nós*.

Eu deixei ela me puxar. Eu deixei suas palavras fluírem sobre mim através dos fios. Através dos laços. Os outros a ouviram também. Eles ouviram o que ela falou. Até Gordo levantou a cabeça, surpreso, olhando para Elizabeth enquanto ela me puxava para mais perto. De alguma forma, ele se tornou parte disso. De nós.

Ela alcançou seus filhos e seu marido, suas pernas traseiras batendo em Kelly, que não abriu os olhos. Ela apertou sua mordida um pouco antes de soltar minha mão.

Eu ouvi os sinais reveladores de uma mudança, e Mark fez o seu caminho. Elizabeth sentou-se perto da cabeça do marido, inclinando-se e lambendo o sangue do rosto dele. Mark sentou ao lado dela, seu lobo grande e imponente, o maior de todos eles.

Pelo menos por enquanto.

Porque apesar de ter sido apenas um curto período de tempo, Thomas parecia menor do que ele jamais esteve na vida. Eu não sabia se era a morte ou o fato de ele ter morrido um Beta, mas ele estava diminuído agora. Menos substancial.

KM

Joe não parecia diferente, além do jeito que seus olhos pareciam estar cheios de sangue.

Mas ele *parecia* diferente.

Havia algo irradiando dele, algo maior do que ele já tinha sido antes. Eu não entendia o que significava ser um Alfa. Eu não queria entender o que significava ser lobo. Estar ligado ao território como ele estava agora.

Eu queria tocá-lo.

Mas eu não conseguia levantar meu braço.

Ele ainda não havia se afastado de seu pai.

Carter e Kelly se levantaram de Thomas. Eles ficaram deslocados e se moveram até se sentarem como Mark, pairando sobre Thomas. Mark sentou-se ao seu lado esquerdo. Carter e Kelly sentaram-se perto de seus pés.

Elizabeth se afastou do rosto do marido e sentou-se perto da cabeça dele, a pata pressionada contra a bochecha dele.

Joe ficou ao seu lado direito.

Eles ficaram deliberadamente em torno dele com base em sua posição na matilha.

Eles esperaram.

Eu não sabia o que.

Até que todos olhavam para mim.

Exceto por Joe.

Eu pensei em fugir.

Desaparecer nas árvores.

Encontrar o corpo da minha mãe e deitar ao lado dela. Eu fecharia meus olhos e dormiria e quando eu acordasse tudo teria sido um sonho. Mesmo que houvesse dor, mesmo que eu pudesse sentir *tudo*, isso seria um sonho porque não poderia ser real.

Mas havia escuridão em minha cabeça.

Houve um assassinato em meu coração.

E pareceu real.

Eu não conseguia me mexer.

Os lobos esperaram.

Em algum lugar, um killdeer cantou nas árvores. Era um pássaro estranho. Cantando a noite.

Eu pensei que a floresta inteira poderia estar segurando a respiração.

Atrás de mim, Gordo disse: — Eles estão esperando por você.
Eu não me virei para olhar para ele. Eu não pude. Não enquanto os lobos me observavam.

— Você é parte deles, — ele disse. — Você é parte disso.

Aquela voz pequena que sussurrava no meu ouvido estava dizendo que eu nunca tive uma escolha no assunto. Que se eles tivessem ficado longe, nada disso teria acontecido. E eu não estaria me sentindo tão culpado quanto estava.

E minha mãe estaria na cozinha. Estourando bolhas de sabão no meu ouvido.

Carter gemeu baixinho, as orelhas baixas e macias.

Porque ele provavelmente poderia sentir o que eu estava pensando. Talvez não em tantas palavras ou detalhes, mas ele teria a essência disso.

Todos eles iriam.

Então eu engoli tudo e deixei escorregar pela minha garganta. Queimava.

Eu senti a mão de Gordo no meu ombro.

Com o canto do meu olho, suas tatuagens pulsaram e se contorceram.

— Você também sente, — eu disse.

Ele suspirou. Foi à única resposta que eu precisava.

Eu tirei a mão dele.

Deu um passo à frente. E depois outro. E depois outro.

Até que eu tomei meu lugar. Ao lado de Joe.

Eu me ajoelhei ao lado dele. Meu ombro bateu no dele. Ele estava rígido, imóvel. Ele olhava para seu pai, seus olhos vermelho-sangue brilhando no escuro.

Algo se estabeleceu quando tomei meu lugar ao lado dele.

Não foi muito, especialmente não em face de tudo o que aconteceu.

Mas estava lá.

Porque ele era meu Alfa agora.

E eu era o companheiro dele.



— POR QUE você uiva? — Perguntei a Thomas.

Ele cavou os pés descalços na terra e na grama e encostou as costas a uma árvore. O sol estava brilhando no alto.

Ele disse: — Na natureza, os lobos chamam uns aos outros. Pode ser uma advertência para os outros invadirem um território. Pode ser um grito de guerra, para unir a matilha. É usado em uma caçada. Para mostrar a localização. E às vezes, eles uivam juntos. Para mostrar felicidade. Para fazê-los parecer um grupo maior do que eles são. Chama-se a *canção do uivo*, e é uma coisa linda de se ouvir.

— E é por isso que você faz isso?

Ele fechou os olhos e sorriu. Ele se divertia comigo. Eu fui arrebatado por ele. — Acho que fazemos isso só porque gostamos de ouvir os sons de nossas próprias músicas. Criaturas narcisistas, nós somos. — O sorriso desapareceu ligeiramente. — Embora às vezes, as músicas são destinadas a cantar para um membro da matilha, o que significa *casa*. É fácil se perder, Ox, porque o mundo é um lugar amplo e assustador. E de vez em quando, você só precisa ser lembrado do caminho de casa.

Nós não falamos por muito tempo depois disso.



EU não era um lobo.

Eu não achava que alguma vez seria. Não por escolha.

Mas dois membros da minha matilha se *foram*.

Eu inclinei minha cabeça para trás.

Meus olhos ardiam.

As estrelas ficaram embaçadas acima de mim.

Eu disse: — Ah deus.

Saiu duro.

Eu limpei minha garganta enquanto tentava clareá-la.

Eu pensei em minha mãe.

Eu pensei em Thomas.

Eles estavam perdidos para mim agora.

Eu precisava *cantá-los* para casa.

E assim eu fiz.

Foi um som quebrado, rachado e lascado. Não era muito alto e rangia contra meus ouvidos. Mas eu coloquei tudo que pude nele, mesmo quando percebi que talvez não fosse o homem que eu pensava que era quando minhas bochechas ficaram molhadas, minha respiração se contraindo no meu peito.

Meu uivo morreu rapidamente.

Tomei outro fôlego.

Mark uivou comigo, seu canto melódico e de coração partido.

Carter e Kelly se harmonizaram conosco, misturando-se à nossa música.

Elizabeth pegou a música enquanto respirávamos, com seu uivo alto e longo. A música mudou por causa dela, por causa do que ela havia perdido, e os lobos pegaram sua música e fizeram a sua própria, suas vozes incrustadas com as dela, oitavas acima e abaixo.

Eu senti Gordo na periferia. Eu senti sua hesitação. Sua admiração. Sua tristeza. Ele não uivou, mas sua magia cantou para ele. Estava na terra abaixo de nós. Nas matas ao nosso redor. Ele não uivou, mas não precisou. Nós o sentimos mesmo assim.

Joe se aproximou de mim.

Foi mais suave do que qualquer mudança que eu o vi fazer antes.

Um momento, ele era um menino triste, perdido e sangrento, e então ele era um lobo, branco brilhante na escuridão. Ele já era maior do que antes, as patas talvez do dobro do tamanho original. Aonde ele vinha até a minha cintura antes, ele agora provavelmente estaria no meu peito se eu estivesse de pé. Ele não era tão espesso quanto seu pai tinha sido. Ele era maior, sim, mas ainda magro. Eu pensei que isso mudaria com o tempo conforme ele ficasse mais velho.

Os outros deixaram suas músicas ecoarem e desaparecerem na floresta enquanto esperavam.

Joe olhou para cada um de nós. Seus olhos demoraram em mim por mais tempo.

Sua música era mais profunda do que nunca. Eu senti cada emoção (*magoa, dor, amor, oh deus, por que, por que, por quê?*). Ele colocou nela toda a dor, e a enviou para longe.

Lá na floresta, sob uma lua nova e estrelas como testemunha, nós cantamos para levar nossa matilha para casa.



AS COISAS se moveram rapidamente depois disso.

Os três dias seguintes foram um redemoinho, a casa dos Bennetts enchendo-se de pessoas que eu nunca tinha visto antes. Eles foram com Joe e Mark e Elizabeth e Gordo para o

escritório de Thomas e desapareciam por horas, todos eram lobos. Eles sussurravam baixinho para cada um deles, os que eu não conhecia. Eles me olhavam enquanto Carter e Kelly ficavam enrolados em volta de mim, ainda se mexendo, choramingando quando suas patas chutavam em qualquer sonho que tivessem. Eu não deixei esses estranhos me intimidarem. Eu olhava de volta.

Richard tinha fugido.

Robert Livingstone não foi encontrado.

Osmond, no entanto.

KM

Osmond foi uma surpresa. Ninguém esperava que ele mudasse de lado. Ele também se foi.

Isso os irritou, os lobos. Saber agora que eles tinham um traidor no meio deles. Especialmente um tão alto quanto Osmond. Eu não os culpava. Mas certamente não confiava em alguém que não conhecia na casa dos Bennett. Eu tenho a impressão de que eles estavam tendo dificuldade em confiar uns nos outros.

Elizabeth não me deixou voltar para minha casa. Ela disse que não estava certo. Agora não. Talvez não por muito tempo. Eu fiquei no quarto de Joe. Na cama dele.

Mas Joe nunca ficava lá.

Eles disseram que foi um roubo que deu errado. Que minha mãe chegou a casa e interrompeu alguém. Eu tinha um álibi, claro. Eu estava com os Bennetts. Os Bennetts, que todos respeitavam. De quem todos se admiravam. A cidade pode não ter

entendido, mas eles entenderam o jeito que pareciam. A riqueza que eles tinham. As coisas que eles fizeram pela cidade.

O legista disse que parecia que a garganta da minha mãe tinha sido cortada com uma faca serrilhada de algum tipo.

Eu disse à polícia que não tínhamos nada do tipo.

Deve ter vindo do intruso.

E onde está o Thomas? A polícia perguntou.

Fora em negócios, Elizabeth disse. *Fora do país. Ficarão longe por meses.*

Mais tarde, seria dito que Thomas morreu de ataque cardíaco no exterior.

Mas por enquanto, ele acabou de sair.

Quando ele estará de volta? A polícia perguntou.

Espero que em breve, ela disse.

De alguma forma, sua voz permaneceu plácida.

Pessoas de fora não podiam ver as rachaduras.

Mas eu podia.



MINHA MÃE foi enterrada em uma terça-feira.

Não havia nada especial sobre as terças-feiras, mas foi o primeiro dia que conseguimos.

A cidade lamentou junto com a gente.

Comigo.

O pregador falou coisas sobre Deus e os mistérios do seu plano. Podemos não entender porque essas coisas acontecem. Tudo o que podemos fazer é esperar saber que as coisas acontecem por um motivo.

O sol estava brilhando quando ela foi baixada no chão.

A matilha nunca saiu do meu lado.

Joe segurou minha mão, mas nunca nos falamos.

KM Tanner, Chris e Rico estavam lá. Eles empurraram todo mundo para fora do seu caminho e nem se incomodaram em tentar apertar minha mão. Os três se embrulharam em volta de mim e seguraram a minha vida. Houve um pequeno clarão de *algo que vinha* deles, e que senti rastejar por muito tempo minha pele, mas foi perdido sob o peso do que estava enfrentando.

Jessie também estava lá. Ela esperou até que ela pudesse ficar na minha frente. Ela sussurrou algo que eu não lembrava. Seus lábios pressionaram contra a minha bochecha, demorado e doce.

Joe observou quando Jessie apertou minha mão.

Ele desviou o olhar quando ela saiu.

Mais tarde, depois que eu saí da fila e deixei as pessoas chorarem em mim e apertarem a minha mão e me dizerem como elas estavam arrependidas, eu fiquei em pé acima do buraco no chão onde minha mãe estava deitada. Não seria preenchido até que todos fossem embora.

A matilha se afastou entre as árvores. Esperando.

Não era justo. Nada disso.

Eu disse: — Eu sinto muito, — e pensei sobre o dia em que ficamos de costas, ela em seu lindo vestido com os laços azuis, e observamos as nuvens passarem.



THOMAS foi cremado em uma noite de terça-feira.

Não havia nada de especial nas terças-feiras, mas já tínhamos enterrado minha mãe naquela tarde, e era melhor que tudo aquilo fosse resolvido.

Aquelas mesmas pessoas que encheram a casa nos dias que se seguiram ao ataque de Richard, encheram a floresta. Alguns estavam em forma humana, mas a maioria havia se transformado em lobo. Minha matilha tinha mudado, além de Gordo e eu. Mas nós caminhamos com eles, Elizabeth e eu em ambos os lados de Joe. Os outros ficaram na parte traseira. Enrolei minha mão nos pelos de Joe e o segurei por tudo que valia a pena.

Ninguém falou sobre Deus e seus infinitos planos. Na verdade, estava quase em silêncio enquanto observávamos o corpo de Thomas no topo da pira construída na clareira na floresta. Os lobos se reuniram em volta de mim. Meus lobos. Todos os outros mantinham distância.

Foi Gordo que começou o fogo.

Quando ele se aproximou da pira, perguntei-me se Thomas o havia sentido como parte da matilha antes de dar seu último suspiro. Se ele sentiu o bruxo voltar finalmente. Nós não falamos sobre isso. Sobre o que isso significava. Sobre o que aconteceria agora. Eu nem tentei. Havia um pequeno ressentimento por eles terem me mantido fora daquele escritório, com aquelas reuniões secretas, mas eu o afastei.

Ele colocou as duas mãos na pira.

Suas tatuagens vieram à vida.

Ele abaixou a cabeça.

Apareceu uma língua de fogo debaixo de seus dedos.

Ela pegou na madeira e o fogo se espalhou.

Eu fiquei lá e o observei queimar.

Joe uivou depois.

É chamado de coro de uivos, sussurrou Thomas para mim. As harmonias permitem que qualquer trapaceiro pense que a matilha é maior do que é.

E eles uivaram. Eles pareciam ter centenas e não dezenas.

Gordo abafara o território para que ninguém em Green Creek soubesse. Sua magia era útil quando ele não estava tentando negar seu lugar.



Kardia Mou | Wolfsong

Ainda assim, imaginei se as pessoas da cidade poderiam ouvir. Ou, pelo menos, sentir a passagem de um Rei para outro. Eles viviam no território, afinal.

Eu sentia. Eu sentia tudo isso.

O fogo estava quente contra o meu rosto.

Os uivos ao meu redor eram tão altos.

Eles me escondiam. Tornaram minha pele frágil e apertada. Eu era uma casca em comparação com o que eu tinha sido apenas alguns dias antes. Eu não sabia com o que preencher o espaço. Eu não sabia se havia alguma coisa *para* preencher o espaço.

O fogo acabou eventualmente. Até que não havia nada além de brasas e cinzas.

Seria espalhado mais tarde em todo o território.

Mas por enquanto, os lobos estranhos foram embora.

Nossa matilha permaneceu.

Nós inalamos a fumaça e ela encheu nossos pulmões até que tossimos.

Gordo saiu então. Mãos no bolso, cabeça abaixada.

Mark foi o próximo. Ele se afastou da casa dos Bennetts, mais fundo na floresta. Nós não o veríamos novamente por dois dias.

Carter e Kelly saíram com a mãe, um de cada lado dela, segurando-a na vertical enquanto ela tropeçava, com as pernas fracas.

Era só Joe e eu então.

Ele sentou-se em suas coxas, observando a última lambida de
chamas, a última explosão de faíscas.

Sentei-me ao lado dele, encostado ao seu lado.

Ele exalou um suspiro quando se elevou sobre mim.

Eu me pressionei contra ele com mais força.

Ele bufou, com os olhos brilhando.

O calor da pira começou a desaparecer.

E ainda ficamos.

Pássaros noturnos choraram.

Uma coruja piou.

Eu disse: — Estou aqui.

Joe coçou a grama com uma pata gigante.

Eu disse: — Sempre que você estiver pronto.

Seus ouvidos se contraíram.

— Nós vamos descobrir isso.

Ele choramingou no fundo da garganta.

— Nós temos que descobrir.

Ele abaixou a cabeça, correndo o focinho ao longo da minha
bochecha. Meu pescoço. Atrás do meu ouvido, soprando seu cheiro
em mim como ele não tinha feito desde que ele se tornou o Alfa.

Eu amei.

E ele.

Mas eu não pude dizer isso. As palavras ficaram na minha
garganta.

Então eu esperava que ele sentisse isso em meu perfume. Porque isso era tudo que eu podia dar.

Deveria ter parado ali. Esse deveria ter sido o fim desse dia terrível.

Não foi.

Outras palavras encontraram o caminho da minha garganta, soltando a última coisa que eu deveria ter dito.

Mas eu estava enterrado. Com raiva. E tristeza.

Então eu não estava pensando sobre o que *poderia* acontecer.

Apenas o que eu queria.

Eu disse: — Ele tirou de nós.

Eu disse: — Ele levou parte da nossa matilha.

Eu disse: — Ele nos machucou.

Eu engasguei: — Ele pegou minha *mãe*.

Joe começou a rosnar.

Eu disse: — Ele se foi.

Eu disse: — Temos que encontrá-lo.

Eu disse: — Não podemos deixar isso acontecer com mais ninguém.

Eu disse: — Não podemos deixar isso acontecer novamente.

Eu disse: — Nós temos que proteger os outros.

Eu disse: — E nós temos que fazê-lo pagar.

E foi isso. Mais tarde, eu perceberia o que era isso.

Esse foi o momento em que começamos a nos despedir.

Nos ossos / perdendo você

EU AINDA não vi isso chegando.

Talvez eu devesse ter visto.

Mas eu não fiz.



ELES nos deixaram. Depois de um tempo.

Os lobos estranhos. Aquelas que eu não conhecia.

Eles voltaram para onde quer que tenham vindo.

Mas não antes que eles realizassem sua reunião secreta mais uma vez.

Eu não conseguia nem encontrar forças em mim para fazer perguntas.

Para dar a mínima para *quem* eles eram.

Eu olhei para a porta fechada.

E fui embora.



ELES saíram e tudo ficou quieto.

Carter e Kelly passaram horas e mais horas na floresta, movendo-se inquietamente entre as árvores. Se eles não voltassem para casa à noite, eu os encontraria na clareira, deitados de bruços perto de uma seção de grama queimada, com as caudas batendo em uma batida que só eles podiam ouvir.

Elizabeth desapareceria por longos períodos de tempo. Eu nunca a segui. Eu nunca descobri aonde ela ia.

Mark ficava na varanda, examinando a linha das árvores. Eu sabia o que ele estava procurando, mas não achei que aconteceria. Richard foi embora.

E ele ficaria longe por causa de Gordo. Gordo, que passou os dias que se seguiram cuidando das proteções que colocara em volta de Green Creek. Agora que ele estava na matilha novamente, ele poderia acessar áreas de sua magia que haviam sido bloqueadas para ele antes. Eu podia sentir a força disso toda vez que ele fazia algo diferente, aquela sensação estranha que parecia como descer as escadas e perder o último degrau.

Joe ficava no escritório do pai.

Eu tentei manter todos eles juntos.

Eu deitava com Carter e Kelly na grama. Sob as estrelas.

Quando Elizabeth estava na casa, eu me certificava de que ela comesse.

Eu ficava na varanda ao lado de Mark, passando meus dedos pelo pêlo dele, e observando.

Eu seguia Gordo, observando enquanto ele murmurava em voz baixa, mantendo os olhos atentos para garantir que ninguém em Green Creek visse a maneira como as tatuagens se moviam ao longo de seus braços. Ele disse que não era necessário. Que ninguém descobriria. Eu o seguia assim mesmo.

Joe mal falou comigo, mesmo quando ele era humano e até quando eu estava ao seu lado.

Eu não entendia o que ele estava passando. Eu não entendia o que Thomas deu a ele. Eu não entendia o que significava ser o Alfa. Tudo o que eu podia fazer era torcer para que eu pudesse ser suficiente como sua força.

Claro, qualquer cortejo que ele estivesse fazendo antes tinha parado.

Eu não me importei. Eu sabia que havia outras coisas em que ele tinha que se concentrar. Coisas mais importantes.



UM DIA fui trabalhar apenas para fazer algo diferente.

Gordo não estava lá. Ele estava com Joe, falando sobre coisas que eu não deveria ouvir.

Eu poderia ter olhado para os dois. Eles olhavam para trás com os rostos inexpressivos.

Eu poderia ter voltado para casa.

Eu não estava orgulhoso disso.

Então, sem uma ideia melhor de onde ir, fui até a oficina.

Eu me afastei da rua principal. Eu não queria que ninguém me parasse. Para tentar falar comigo. Para oferecer condolências. Eu estava farto de condolências.

Provavelmente não ajudava que eu estivesse chateado com Joe e Gordo, mesmo que eu tenha tentado muito não ficar. Mas eles nunca escondiam nada de mim. Não desde que descobri sobre bruxas e lobos. A maior parte, de qualquer maneira.

Mas quando vi a oficina pela primeira vez em dias, parte dessa raiva diminuiu. Isso amorteceu a tristeza. Eu pensei que talvez isso fosse uma fuga. Pelo menos por um tempo.

Eu entrei na oficina. A campainha da porta da sala de espera soou no alto. Isso fez meu coração doer um pouco, mas de um jeito bom.

— Eu já vou sair! — Uma voz falou de volta.

Eu conhecia essa voz.

Minha garganta se fechou. Só um pouco.

— Bem vindo ao Gordo, — disse Rico, entrando na sala de espera. Ele estava passando um pano por cima das mãos, tentando remover o óleo sob as unhas. Havia o cheiro doce de óleo de coco no pano que Rico gostava de usar. O resto de nós usava

sabão e água. Rico disse que não havia como explicar o gosto. —
Como posso ajudar-

Então ele parou. E olhou fixamente.

— Ei, — eu disse. — Oi Rico.

— Oi. — Ele bufou e balançou a cabeça. — Oi, ele diz. Oi,
como se ele fosse um estranho - traga sua bunda aqui, Ox.

Eu levei minha bunda até ele.

O abraço foi bom. Muito bom.

— É bom ver você, — ele sussurrou, com os braços em volta
de mim.

Eu apenas balancei a cabeça em seu pescoço.

Então ele me arrastou de volta para a oficina.

Havia alguns carros nos elevadores.

O rádio estava tocando a música country de Tanner, algo
sobre um homem e como todas as suas exes viviam no Texas, mas
ele pendurou seu chapéu no Tennessee.

O próprio Tanner estava sob o capô de uma Toyota Corolla
2012. Parecia que ele estava substituindo a correia dentada,
cantando junto com o rádio.

Chris estava fazendo uma checagem diagnóstica em uma
picape, olhando para a tela do computador, apesar de seus óculos
estarem em cima da cabeça. Ele disse que odiava como ele se parecia
nele.

Respirei fundo com o cheiro de óleo e sujeira, metal e borracha. Era o mesmo cheiro de quando eu era criança, chegando com meu pai, Gordo se oferecendo para me comprar um doce da máquina.

Estava faltando o próprio homem.

Mas tudo bem. Ele estava ocupado agora.

— Veja o que o *gato* arrastou, — disse Rico.

Eles olharam para cima.

Eu acenei sem jeito.

KM Eles estavam em mim antes que eu pudesse dar um passo para trás.

Eles riram. Eles me seguraram. Eles esfregaram os dedos sobre a minha cabeça. Através do meu cabelo. Seus braços foram ao redor dos meus ombros. Eles pressionaram a testa na minha. Eles me disseram que eu era uma visão para os olhos doloridos. Que eles sentiram minha falta. Que eles iam me ajudar até o osso quando eu estivesse pronto.

Não consegui encontrar as palavras para dizer o que queria. Às vezes, quando o seu coração fica tão cheio, tira a sua voz e tudo o que você pode fazer é esperar pela sua vida.



EU VOLTEI para casa ao entardecer.

Não havia ninguém esperando por mim na estrada de terra.

Eu esperava isso.

Mas ainda doeu.

O sol enfraquecido brilhava entre as árvores.

Passei a mão pela grama alta que crescia ao longo da estrada.

Eu me perguntei para onde eu estava indo.

O que eu estava fazendo.

Quanto tempo levaria para que eu pudesse respirar
livremente novamente sem esse peso no meu peito.

Quanto tempo levaria até que minha matilha não ficasse mais
fraturada.

Quanto tempo antes que Joe falasse comigo novamente.

Com qualquer um de nós, realmente.

Eu me perguntava muitas coisas.

Eu parei na frente da minha casa.

Minha casa. Não aquele no final da rua.

Eu olhei para ela.

Eu disse a mim mesmo para continuar andando.

Para ir aos Bennetts. Para ficar lá como eu estava fazendo na
semana passada.

Eu precisava checá-los. Para ter certeza de que eles estavam
bem. Para ter certeza de que eles tinham comido algo, no
mínimo. Eu não podia deixar os lobos passarem fome.

Então, imagine minha surpresa quando me encontrei na minha porta da frente, minha mão pairando sobre a maçaneta. Eu disse a mim mesmo para ir embora.

Eu coloquei minha mão na maçaneta e torci.

Não se mexeu.

Eu não entendi.

E então percebi que estava *trancada* e *nunca* trancamos a porta. Nem mesmo depois que meu pai foi embora porque *não tínhamos razão para isso*. A casa no final da rua estava desocupada e depois habitada por lobos. Não havia *crime*, não havia *monstros* para sair da floresta à noite.

Não antes.

Foi uma mudança e minha mão tremeu com isso.

Eu não tinha minhas chaves. Eu não sabia onde elas estavam. Eu nunca *precisei*-

Nós vamos colocar aqui, minha mãe sussurrou. *Caso você precise disso*.

A chave sobressalente.

Ela colocou uma chave reserva embaixo da varanda, escondida debaixo de uma pedra.

Ela me mostrou um dia quando eu tinha nove anos. Talvez dez.

Eu estava na varanda e estendi a mão antes de pensar novamente.

Eu não consegui encontrar a rocha. Encontrei folhas mortas e aranhas, sim, mas não a *porra da rocha*-

Meus dedos bateram contra a pedra.

Eu a tirei do caminho. Ela se encaixou na minha mão da mesma maneira que o da floresta tinha. O que eu acertei com Richard. Isto-

Não havia chave.

Eu respirei fundo.

Balancei a cabeça.

Olhei novamente.

Estava lá. Só um pouquinho suja. Um besouro estava enrolado nela, brilhante e cinza.

Peguei a chave e percebi que a última pessoa a tocá-la tinha sido minha mãe.

Papai nunca a usou. Ele nunca precisou. Se ele chegasse a casa tarde, tropeçando para fora de sua picape, perdido em uma névoa de cerveja, a porta sempre estava aberta.

Eu nunca a usei. Eu chegava à casa da escola. Do trabalho. Da biblioteca. De um passeio na floresta onde eu sentia o território de Thomas cantarolando em minhas veias.

Ela foi à última a tocar essa chave.

Eu me lembrei do dia em que eu segurei minha própria camisa de trabalho pela primeira vez, com o nome bordado em pontos cuidadosos.

Lembrei-me da primeira vez que segurei a mão de Joe, o pequeno tornado que dizia que eu cheirava a pinhas e bastões de doces. Coisas épicas e incríveis.

Isso pareceu tão importante.

Subi os degraus novamente para a casa.

Eu coloquei a chave na fechadura.

Clicou.

Eu torci a chave.

Eu pressionei minha testa contra a porta de madeira e respirei.

A luz estava desaparecendo atrás de mim. As sombras estavam se alongando.

Peguei a chave da fechadura e a coloquei no bolso para mantê-la segura.

Eu virei à maçaneta e abri a porta. Ele rangeu em suas dobradiças.

As sombras estavam mais profundas na casa. Dei um passo e fui *assaltado* com os cheiros da casa, do polidor de móveis e Pinho Sol. De flores da primavera e folhas de outono. De açúcares e especiarias. Eu não cheirava *quente*, mas estava lá, não estava? Aquele odor de gordura, subjacente ao cheiro de *casa*. Porque isso *não foi* um sonho. Eu podia sentir a dor no meu peito com tanta certeza que eu *sabia*.

Eu fechei a porta atrás de mim.

Estava escuro na casa.

Eu estava indo para a cozinha. Ou no andar de cima. Para o quarto dela. Ou meu quarto. Eu precisava de roupas novas. Eu estava usando as de Carter nesta última semana, e mesmo cheirando a *matilha*, eu precisava sentir o meu cheiro. Era um plano. Um bom. Eu iria subir e pegar uma muda de roupa, *algumas* roupas, e então eu-

Eu estava na sala de estar.

Foi-me dito como seria.

Um dos estranhos lobos me contou.

Ele disse: — Sinto muito. Nós tentamos. Nós tentamos limpar tanto quanto nós poderíamos. Mas... Encharcou. Na madeira do chão. Eu...

Estava lá. Uma mancha escura, cujas bordas estavam esfarrapadas. Tinha sido esfregado. Foi lavado. Foi *raspado*. Mas eles não conseguiram tirar tudo.

O sangue da minha mãe havia encharcado os ossos da casa.

Mas era justo. Porque ela fazia parte da casa. Esta era a *sua* casa e ela *morrera*-

Eu estava no gramado da frente, em minhas mãos e joelhos, vomitando na grama. A bile espirrou forte contra a minha mão, perto do meu polegar. Eu resmunguei um gemido molhado, uma saliva pendurada na minha boca.

Em algum pensamento distante, senti uma *pontada* de medo.

Houve um rugido muito mais profundo do que eu já tinha ouvido antes.

Esse *ping* se tornou um *clamor*.

Eu ouvi o hálito de um grande animal.

Os sons de grandes patas sobre a terra.

Ele estava lá quando eu vomitei novamente.

Houve o estalo e rangido de ossos e músculos e então Joe estava diante de mim, com as mãos frenéticas, esfregando minhas costas e braços, enquanto ele dizia: — Ox.

— Joe, — eu gemi, cuspendo a amargura na minha boca. — Tudo bem, tudo bem, tudo *bem*-

— Eu podia sentir, — ele disse com a voz embargada. — Tudo. Na casa é difícil ver porque *todos* se sentem da mesma maneira. Todo *mundo*. Mas então você não estava lá e eu não conseguia lembrar onde você estava e eu *senti* isso. Era como ser picado em todo o meu corpo. Eu sempre pude sentir isso antes, mas nada assim. Nunca foi *nada* assim. Com *você*.

— Eu não-

— Isso deve ter sido o que ele sentia. Meu pai. *O tempo todo*. Porque você é *meu* — minha matilha. É... Ox. É tão grande que eu não sei o que *fazer* com isso.

E foi estranho ouvi-lo assim novamente depois de uma semana de quase silêncio. Porque ele soava como ele era quando criança, apenas uma criança que não falava há quinze meses e que

havia me escalado como uma árvore para exigir saber qual era esse cheiro. Isso me endireitou, mal, mas de alguma forma.

Ele estava quieto enquanto eu me balançava para trás e tentava recuperar o fôlego. Sua mão estava na minha, não se importando que estivesse suando e com bile escorrendo.

Ele disse: — Por que você foi lá?

Eu olhei para o céu. A noite estava superando o dia. Era laranja e vermelho e violeta e preto que se estendia acima de nós. Eu vi o primeiro indício de estrelas. A primeira ligeira curva da lua.

— Eu tive que fazer, — eu disse. — Eu encontrei a chave e eu tive que fazer isso.

— Você não pode ir lá sozinho.

— É a minha *casa*.

Os olhos de Joe brilharam. — Eu sou seu Alfa.

E houve um tremor que rolou através de mim com a vermelhidão em seus olhos, uma necessidade de mostrar meu pescoço e *obedecer*, um sussurro que se transformou em uma tempestade. Ele puxou o fio que nos conectava até que eu estava *estremecendo* com isso, até que eu tive que moer meus dentes apenas para combatê-lo de volta. Fechei meus olhos e esperei que terminasse.

Não durou muito tempo. Porque Joe puxou de volta.

Ele disse: — Oh foda-se. Eu sinto muito. Eu sinto *muito*. — Seus olhos estavam arregalados e ele parecia tão incrivelmente jovem.

— Não faça isso comigo, — eu disse com a voz rouca. — Nunca mais.

— Ox, eu. Eu não quis fazer isso. OK? Juro para você, que eu não quis fazer isso.

Ele apertou minha mão com tanta força que pensei que meus ossos iriam se quebrar.

— Eu sei, — eu disse. Porque eu sabia. Não era *quem* ele era. Nada disso era quem nós éramos. Tudo estava tão fodido. — Eu sei.

Ele parecia infeliz, esse garoto de dezessete anos que agora tinha esse peso descansando em seus ombros. Mas também havia raiva nele, baixa e pulsante, e eu não sabia como parar. Principalmente porque se assemelhava a minha.

Ele disse: — Você não pode voltar lá. Não sozinho. Não até nós...

— Você não pode consertar isso, — eu disse tão gentilmente quanto pude. — Agora não.

Ele se encolheu, mas eu segurei sua mão.

— Ox, eu-

— Eu não quis dizer assim como você pensa.

— Você... Você não sabe o que você quer dizer ainda.

— Talvez. Eu não sei. Tudo é estranho agora.

— Eu sei.

— Mas vamos consertar isso.

— Eu sei.

— Nós vamos, — eu insisti.

Ele desviou o olhar. — Precisamos conversar, Ox. Eu... Tomei uma decisão. Sobre isso. Sobre tudo. Eu preciso que você.... Nós apenas temos que conversar, ok?

E eu senti frio.



NÓS ESTAVAMOS no escritório de Thomas. Todos nós da matilha. Era a primeira vez que os lobos estavam humanos ao mesmo tempo desde a noite que Richard chegou. O fato de estarmos todos juntos não se perdeu para mim, especialmente porque Gordo também estava conosco.

Gordo, que aparentemente tinha um lugar na matilha agora. Algo aconteceu na noite em que Thomas morreu; algo que o ligou ao Alfa, assim como o resto de nós. Eu não sabia se era a magia dele, a mudança do Alfa ou uma combinação de ambos. Gordo não falava sobre isso. Na verdade, nenhum deles falava sobre isso.

Eu pensei que havia uma chance muito real de que todos soubessem sobre o que era isso, exceto por mim.

Elizabeth parecia pálida, uma manta enrolada nos ombros.

Carter e Kelly estavam franzindo a testa, parados lado a lado de Joe.

Mark estava olhando pela janela com os braços sobre o peito.

Gordo se encostou a parede oposta, olhando para as mãos.

Joe se sentou atrás da mesa do pai. Ele parecia uma criança brincando de adulto.

E lá estava eu. No escuro.

Ninguém estava falando.

Então eu disse: — O que você fez?

Todos os olhares se voltaram para mim, mas eu só tinha olhos para Joe.

Ele suspirou. — Estamos indo embora.

— O que? Quando?

— Amanhã.

— Você sabe que eu não posso sair ainda, — eu disse. — Tenho que me encontrar com a advogada da mamãe em duas semanas para discutir a vontade dela. Tem a casa e...

— Você não vai, Ox, — Joe disse calmamente.

Eu congelei.

— Nem mamãe. Ou Mark.

Minha pele zumbiu.

Ele esperou.

— Então só você, — eu disse lentamente, não muito certo de que entendia. — E Carter. Kelly.

— E Gordo.

— E Gordo, — repeti categoricamente. — Aonde você vai?

— Fazer o que é certo, — ele disse, e seus olhos nunca deixaram os meus. Havia algo construindo aqui, algo entre nós dois, e não era bom. Nada disso era bom.

— Nada sobre isso está certo, — eu disse. — Por que você não me contou sobre isso?

— Eu estou dizendo a você agora.

— *Isso não é certo*, e para onde você está indo?

— Atrás de Richard.

Eu deveria ter esperado isso.

Eu não fiz.

Isso me atingiu como um martelo no peito.

— Por quê? — Eu sufoquei.

— Porque ele tirou algo de nós, — disse Joe, com as mãos se enrolando em punhos. — Ele tirou de nós, de todos nós. De mim. De *você*. Você me *disse* que precisávamos...

— Eu estava com *raiva*, — eu gritei para ele. — As pessoas dizem coisas quando estão com *raiva*.

— Bem, eu ainda estou! E você deveria estar também. Ox, ele...

— E o que você acha que vai fazer? — Perguntei a ele. — O que você acha que poderia acontecer aqui?

— Vou caçá-lo, — disse Joe, com as garras estalando. — E eu vou matá-lo por tudo o que ele tirou de mim.

— Você não pode dividir a matilha, — eu disse, soando um pouco desesperado. — Agora não. Joe, você é o maldito *Alfa*. Eles precisam de você aqui. Todos eles. *Juntos*. Você realmente acha que eles concordariam com...

— Eu já disse há eles dias atrás. — Ele estremeceu. Então, — merda.

O zumbido se intensificou. — Você fez o que?

Eu olhei para cada um deles.

Carter e Kelly estavam olhando para o chão.

Mark e Elizabeth encontraram meu olhar. Os olhos de Elizabeth estavam sem brilho. Mark parecia mais duro do que eu já o vira antes.

E Gordo. Ele-

— Ox... — Gordo falou.

— Não, — eu retruquei. — Eu vou lidar com você mais tarde.

Ele suspirou.

Eu olhei de volta para Joe. Ele parecia ferido, mas resoluto.

— É isso aí, então.

— Sim.

— Você só vai ir atrás dele.



Kardia Mou | Wolfsong

— Sim.

— Você vai caçá-lo.

— *Sim.*

— E deixar o resto de nós para... O quê? Esperar por você? Esperar que ele não te mate? Esperar que ele não volte aqui onde você nos deixará desprotegido? É isso que um Alfa faz? — Eu não quis dizer essa última parte. Apenas saiu. E vi a dor no rosto de Joe antes que ele cuidadosamente deslizesse seu rosto em uma expressão vazia. Ele nunca fez isso comigo antes. Ele nunca se escondeu. Nós sempre estávamos abertos um com o outro. Sempre. Até esta última semana, quando ele aparentemente se manteve em segredo muito mais do que eu pensava que ele seria capaz.

Ele disse: — Eu não espero que você entenda Ox. Não completamente. Isso é algo que tenho que fazer.

— Não é. Você não *precisa* fazer *nada*. Você realmente acha que isso é o que Thomas gostaria? Você realmente acha que isso é o que ele queria para você? Ele não teria...

O olho de Joe estava vermelho, e quando ele falou, foi através de uma sugestão de presas. — Ele era o *meu* pai, não seu. Você não consegue...

— Joseph, — disse Elizabeth, sua voz um chicote de aviso.

Mas o dano já havia sido feito.

Eu dei um passo para trás, repentinamente inseguro sobre tudo. Meu lugar aqui com a matilha. Com o Joe. Era engraçado como poucas palavras me fizeram questionar tudo.

Joe fez um barulho ferido, quebrado e macio. — Ox, — ele disse. — Eu não quis dizer isso.

E eu sabia disso. Ou pelo menos eu pensei que sabia.

Mas ainda doía mais do que qualquer coisa. Especialmente vindo dele. Meu pai ainda me assombrava, mesmo sendo apenas ossos no chão.

KM

E pela primeira vez, senti minha própria máscara escorregando, forçando a dor. A raiva. O terror da ideia de Joe partir. Eu não estava com medo de nós, daqueles que ele estava deixando para trás. Eu estava com medo por ele.

E todos eles decidiram isso. Sem mim.

O humano na matilha.

— Quanto tempo? — Eu perguntei com a voz cortada.

Os lobos pareciam ansiosos. Gordo franziu a testa.

— Ox, — Joe disse suavemente.

— Não, — eu disse. — Você quer fazer isso? Bem. Você quer tomar decisões sem me incluir? Continue. Obviamente as coisas não são como eu pensava que seriam. Mas desde que você é capaz de tomar essas decisões, você pode responder a maldita pergunta. Quanto. *Tempo*?

O olhar vazio sumiu de seu rosto. Agora ele parecia um garotinho assustado, não o Alfa da matilha Bennett. O meu corpo estava gritando para ir até ele. Para segurá-lo perto e nunca deixá-lo fora da minha vista novamente. Para fazer isso *direito* de alguma forma, porque eu achava que deveria ser o meu trabalho.

Mas eu não fiz.

— Enquanto for preciso, — ele disse baixinho.

— E o resto de nós?

— Vão ficar aqui.

— E se ele voltar? Ou alguém? Ômegas procurando território. Pessoas como Marie. Ou o que mais estiver lá fora que nenhum de vocês tenha me falado.

— Haverá... Proteções no lugar, — disse Gordo. Eu não olhei para ele, nunca tirei os olhos de Joe.

— Como quando seu pai chegou, — eu disse. Golpe baixo novamente, mas necessário.

— Estou melhor preparado desta vez, — disse Gordo, — agora que eu sei. Richard não poderá retornar a Green Creek. Ou meu pai. Ou Osmond.

— Mas os outros podem.

— Eles não vão, — disse Joe, soando menos confiante do que deveria, especialmente se ele estava tentando parecer confiante.

A máscara escorregou. — Como você pode saber disso? Você nem estará aqui.

Joe se encolheu.

— Eu entendo assim, — eu disse. — A minha mãe morreu. Seu pai morreu. Você tomou o lugar dele. E o seu primeiro ato como Alfa é dividir sua matilha para que você possa se vingar.

Os olhos de Joe sangraram vermelhos novamente. — Você está certo, — ele disse friamente. — Eu *sou* o alfa. E farei o que acho certo. Você pode não concordar comigo, Ox, mas você respeitará minha decisão porque *eu* já a tomei.

— Não é assim que isso funciona, — eu disse, embora uma grande parte de mim estivesse exigindo que eu inclinasse minha garganta em deferência. — Só porque você é quem você é agora não significa que eu vou te seguir cegamente. Seu pai entendia isso. Eu acho que você não entende.

Suas garras cavaram a madeira na mesa enquanto ele rosnava profundamente.

Carter e Kelly choramingaram com os olhos passando entre nós.

Elizabeth estava pálida.

Até Mark parecia preocupado.

Gordo, bem. Foda-se ele.

— E se ele machucar alguém? — Joe perguntou, enquanto recuperava o controle. — E se ele tentar matar mais alguém da família de outra pessoa? Você acha que eu poderia viver com

isso? Ele *machuca* as pessoas, Ox. E ele faz isso porque *pode*. Eu não posso deixar isso acontecer mais.

— Então todos nós vamos, — eu disse. — Se você quer ir, então vamos todos nós.

Ele balançou sua cabeça. — Não. Absolutamente não.

— Por quê?

— Porque eu não quero arriscar minha mãe. E não podemos deixar o território desprotegido.

Mordi de volta a necessidade de salientar que eles haviam deixado Green Creek por anos e nada havia acontecido. — Tudo bem, — eu disse. — Então Carter pode ficar. Ou Kelly. Mark já está aqui. Mas eu vou com você.

— Não, — disse Joe.

— Por que não?

— Porque eu disse.

— Isso não é bom o suficiente.

— Sério? — Joe disse parecendo furioso. — Você quer saber por que, Ox? Porque acabei de perder o meu pai e estou *quebrado* por causa disso. Perdê-lo *dói* mais do que qualquer outra coisa que eu já senti antes. Mas, te perder? Ox, se alguma coisa acontecesse com você, isso me *mataria*. Não há nenhum ponto para mim se você não estiver aqui. Então não. Você não vai. Você vai ficar aqui porque eu te amo mais do que tudo nesse maldito mundo e eu não me *importo* se você está chateado. Eu não me *importo* se você

me odiar por causa disso. Desde que eu saiba que você está seguro, então é tudo o que importa. É *por isso*, seu bastardo.

Eu não queria nada mais do que dizer a ele o mesmo.

Mas eu empurrei. Porque isso não estava certo. — Você não pode usar seus sentimentos por mim para me manter aqui, Joe. Não é assim que isso funciona. Eu não vou ficar de lado apenas para que você possa...

— *Eu não me importo!* — Ele rugiu, batendo com o punho na mesa de seu pai. A superfície se partiu, dividindo a madeira. — Você é a minha âncora, Ox. E você é de *Gordo também*. O que você acha que aconteceria se o perdêssemos?

— Você é um idiota, — eu disse. — Jesus Cristo, Joe.

— A decisão foi tomada.

— Obviamente. Eu nem sei por que estou aqui, ou porque estamos falando, pois você vai fazer o que quiser de qualquer maneira. Você quer partir? Bem. Vá. Eu não vou ficar no seu caminho. Não mais.

— Ox-

— Você já se decidiu?

Ele não se aproximou e nem desviou o olhar.

— Bom, — eu disse. — Agora, lide com as consequências.

E eu me virei e saí.

Antes de ir / agridoce

FOI Gordo quem me encontrou primeiro.

Eu estava perto de nossa clareira, deitado de costas, olhando para as estrelas através da copa das árvores. De onde estava, eu podia ver a extinta pira de Thomas, a terra queimada. Eu não consegui me aproximar mais.

Eu nem precisava olhar para cima para ver quem era. Eu me perguntava quando eu comecei a conhecer a matilha através das ligações. Eu achava que a maioria dos outros estava por perto, mas estavam se afastando. Todos eles. Exceto por Joe. Ele não estava na floresta.

— Quando estávamos fora, — eu disse com os olhos traçando Canis Major. — Quando você estava reiniciando as proteções. Você já sabia, não sabia?

Ele hesitou. Então, — sim.

— E ele disse para você não me dizer.

— Sim, mas eu concordei com ele.

Eu bufei. — Claro que você fez.

Gordo suspirou e eu o vi pelo canto do olho, se movendo no escuro à minha direita. — Ele não está errado, Ox.

— Você está dizendo isso porque ele está certo? Ou porque você acha que algo vai acontecer comigo?

Gordo não respondeu. O que falava volumes.

— Eu posso cuidar de mim mesmo.

— Eu sei, — disse ele.

— Isso é uma merda, Gordo.

— Sim. — Ele se sentou ao meu lado, joelhos contra o peito.

— E você está indo com isso.

— Alguém tem que ter certeza que ele não se mate.

— E esse alguém é você. Porque você é matilha.

— Parece.

— Por escolha?

— Eu acho que sim.

— Tem que haver outros procurando por ele. Por causa do que Thomas costumava ser. Eles não vão simplesmente deixar isso passar.

— Eles não vão, — concordou Gordo. — Mas eles não vão *procurar* da mesma forma que nós vamos.

— Como?

Suas tatuagens queimaram. Eu me afastei disso.

— Você quer matar.

Ele suspirou.

— Você está bem com isso?

— Nada sobre isso está bem, Ox. Mas Joe está certo. Não podemos deixar isso acontecer com mais ninguém. Richard queria Thomas, mas quanto tempo até ele ir atrás de outra matilha só para se tornar um Alfa? Quanto tempo antes que ele acumule outros seguidores, maior que o anterior? A trilha já está ficando fria. Temos que acabar com isso enquanto ainda podemos. Por todos. Isso é vingança pura e simples, mas está vindo do lugar certo.

— Você honestamente acredita nisso.

— Talvez. Joe acredita. Isso é o suficiente para mim.

Ficamos em silêncio por um tempo, cada um de nós perdido em nossos próprios pensamentos.

Então, — Eu o trarei de volta, Ox.

Tudo doía.

— Você pode confiar em mim para fazer isso?

Eu não queria, mas se houvesse alguém que pudesse, seria Gordo. Eu disse isso a ele.

— Bom, — ele disse esticando a perna e batendo a bota contra o meu quadril.

— Você deveria conversar com ele, — eu disse. — Antes de você ir.

— Joe? — Ele perguntou, parecendo confuso.

— Mark.

— Ox-

— E se você não voltar? Você realmente quer que ele pense que você não se importa? Porque isso é foda, cara. Você me conhece. Mas às vezes, acho que você esquece que eu te amo também. Talvez até mais.

— Bem, merda.

— Sim.

— Quando você ficou tão inteligente?

— Não tinha nada a ver com você, com certeza.

— Então você vai ter que fazer o mesmo.

Eu fiz uma careta. — O que?

— Falar com Joe antes de irmos. Você não pode deixar assim,

Ox.

— Eu poderia, — eu disse. — Muito facilmente.

— Você não vai.

— Como você acha isso?

Gordo encolheu os ombros. — Você o ama.

— Ele manteve isso de mim.

— Ele sabia como você reagiria.

— Isso não faz direito.

— Eu não disse que sim.

Eu olhei para ele. — Você deveria ter me contado.

Ele suspirou. — Provavelmente. Pouco tarde para isso agora. Eu esqueci como é diferente estar em uma matilha. Há livre

arbítrio, mas é misturado com os lobos. Ele é o alfa. Eu tenho que ouvi-lo.

— Você confia nele?

— Você?

Eu balancei a cabeça. — Não para cuidar de si mesmo.

Gordo deu um tapinha na minha mão. — Ainda bem que estarei lá, então. E sim, acho que sim. Ele é jovem. Mas então eu também quando tudo isso começou. Nós temos muito em comum pelo menos.

— Será o suficiente?

— Veremos.

Ficamos em silêncio por um tempo. Então, justamente porque eu poderia, eu disse: — Então, essencialmente, você é agora o bruxo de um Alfa de dezessete anos de idade. Bom trabalho nisso.

Ele bufou e me empurrou com força. — Dê o fora daqui com isso.

— Seu pau.

— Cadela.

Ele riu.

E talvez eu também tenha sorrído. Só um pouco.



ELE SAIU.

Eu esperei pelos lobos porque eu sabia que eles viriam.

KM Carter e Kelly apareceram primeiro, as orelhas achatadas em seus crânios, as caudas caídas entre as pernas. Eles se deitaram longe o suficiente para que eu pudesse apenas vê-los saindo no escuro, mas perto o suficiente para que eu pudesse ouvir seus pequenos gemidos suplicantes, e os pequenos bufos de ar.

Quando não os repreendi ou os mandei embora, eles se aproximaram. E esperaram.

Mais perto. E esperaram.

Não demorou muito para que eles estivessem pressionados contra mim de ambos os lados, cabeças descansando no meu peito, me observando com seus grandes olhos. Seus ouvidos se contraíram, ouvindo os sons da floresta, mas eles não desviaram o olhar.

— Estou com raiva de vocês dois.

Kelly choramingou e pressionou o nariz contra o meu queixo.

— Vocês dois são idiotas.

Carter bufou e colocou a pata na minha mão.

— Vocês precisam cuidar um do outro, — eu disse a eles. — E ele. E se ficar ruim, se parecer que a luta é muito grande, tirem ele de

lá. Eu não me importo se ele é o Alfa. Lutem. Lute com ele. Arrastem a bunda dele se tiverem que fazer. Vocês me entenderam?

Eles lançaram seus olhos cor de laranja para mim.

Eu os ouvi sussurrando na minha cabeça.

Eles disseram coisas como: *irmão e amor, e, por favor, não fique bravo conosco, por favor, não nos odeie, por favor, não nos deixe*, e eu não tinha nada em mim para corrigi-los.

Eu não os estava deixando.

Eles estavam me deixando.



CARTER estava cochilando.

A língua de Kelly estava pendurada para fora de sua boca enquanto eu coçava suas orelhas.

Mark e Elizabeth vieram então. Elizabeth como loba. Mark não.

Ele andava ao lado dela, nu, ombros curvados ligeiramente.

Eu senti Elizabeth, mas não como Carter ou Kelly. Era como ondas de dor e tristeza. Uma tristeza terrível. Ela não era verde. Não havia alívio nela. Ela estava profundamente em sua fase azul agora, e eu não sabia se ela sairia dessa fase.

Ela ficou aos meus pés e fechou os olhos.

Não demorou muito para dormir.

Mark sentou ao meu lado.

Ele disse: — Ela vai ficar assim, eu acho. Por um tempo.

— Como um lobo?

— Sim.

— Por quê?

Ele disse: — É mais fácil processar as coisas. Podemos nos lembrar de quase tudo quando somos lobos, mas é diferente. É mais básico. Complexidades são mais difíceis de entender. Nós lidamos com longos laços. Nós podemos ver as formas das coisas. É mais difícil ser mais específico. É o jeito dela de lidar. A tristeza de um lobo não é a mesma que a tristeza de um humano.

Eu entendi o que ele estava dizendo. E eu pensei que talvez isso soasse como trapaça. — Eu não sou um lobo, — eu disse.

— Não, — disse ele.

— E meu coração está quebrado.

— Sim.

— Eu não posso mudar isso.

— Não é mais fácil lidar com isso, Ox. Isso apenas torna mais fácil entender.

— Eu não acho que eu entendo muitas coisas, — eu admiti.

Ele disse: — Nem eu, e... Nós vamos precisar de você, você sabe. Você é muito importante para nós.

— Por quê?

— Por que você é importante? Ou por que precisamos de você?

— Sim.

— Nós nos machucamos, Ox, — ele disse. — Assim como você. Podemos não entender sua dor, mas sentimos a mesma coisa. Todo mundo se machuca de maneira diferente. E quando um membro da matilha morre, especialmente quando é o Alfa, existe um grande buraco que se abre como um abismo e estamos *desesperados* para preenchê-lo. Para fazê-lo desaparecer. Ou pelo menos esquecer. Só por um tempinho. Se for para se esconder na floresta à noite...

— Ou para encontrar o que causou isso em primeiro lugar, — eu disse.

Ele sorriu em voz baixa. — Eu disse a ele que não, você sabe, Joe. Eu disse a ele que ele estava cometendo um erro.

— Ele ouviu?

— Eu gostaria de pensar que ele me escutou.

— Não foi bem o suficiente.

— Pode ser difícil ouvir o que você não quer quando está desesperado e tudo o que você sabe é raiva.

— Mas é mais fácil quando estamos juntos. Isso é o que a matilha deveria ser.

Mark assentiu. — É por isso que nós dois precisamos de você. E eu espero que você precise de nós. Porque também estamos aqui, Ox. Eu prometo. Nós não vamos deixar você para trás.

Eu queria acreditar nele.



EU OS deixei na floresta.

Mark se mexeu e se enrolou em volta de Elizabeth. Carter e Kelly choramingaram quando eu me movi, mas encontraram consolo com o resto da matilha. Eles sabiam onde eu estava indo. Eles achavam que iriam nos dar a privacidade que precisávamos.

Mas eles não sabiam o que eu ia perguntar.

Porque eu decidi.

Minha mãe sussurrou, *eu vou fazer o certo por você.*

Thomas sussurrou: *Você protegeu o seu próprio. Estou muito orgulhosa de você.*

Eu pensei que talvez eles caminhassem comigo através da floresta, mas eu não tinha certeza. Eu não sabia se poderia distinguir a diferença entre lembranças e fantasmas.

Os fios entre nós tinham desaparecido.

Mas a mão da minha mãe roçou no meu ouvido e senti Thomas apertar meu ombro.

Eu não estava sonhando porque me estava machucado.

Joe ainda estava no escritório, sentado na cadeira do pai, um olhar distante em seus olhos enquanto olhava para o nada. Era difícil acreditar que apenas uma semana se passara desde que saímos em nosso primeiro encontro, aquele clarão de esperança brilhante e desajeitada que estava explodindo no meu estômago. Era difícil pensar em como ele se sentou à nossa mesa da cozinha, usando sua gravata borboleta, conversando com minha mãe como se ele não acreditasse em mais nada no mundo além do que ele estava pedindo. Como se eu fosse algo de que ele pudesse se orgulhar.

Ele não olhou para mim. Mas ele sabia que eu estava lá.

Eu tentei encontrar as palavras certas para dizer o que eu sentia.

Eu disse: — Eu quero que você me dê à mordida.

E Joe disse: — Não.

O escritório ficou quieto depois disso por um bom tempo.

Finalmente, eu disse: — É a minha escolha, Joe.

— Eu sei, — ele disse olhando para mim, olhos claros, mesmo quando eu o olhava.

— E eu sou o único a fazer essa escolha.

— Eu sei.

— Eu quero isso.

— Você?

— Sim.

— Você não escolheu antes. Ontem. Semana passada.

— As coisas eram diferentes. Ontem. E na semana passada. E todos esses anos atrás, quando Thomas me ofereceu para começar.

— Quando?—

Eu pisquei. — Quando o que?

Ele parecia cansado. — Quando o meu pai lhe ofereceu a mordida?

— Ele me disse que eu poderia receber quando fizesse dezoito anos.

— Ele ofereceu?

—Você parece surpreso.

Joe passou a mão pelo rosto. — Eu estou. Quero dizer, eu sabia que ele deveria ter feito isso. Em algum ponto. Eu só não sabia quando.

— Ele não lhe contou?

— Por que ele teria? Não era sobre mim.

— Não era, no entanto?

— Eu não vejo como...

— Foi sobre você Joe, tudo isso é sobre você. Isso é o que eu sou. É *tudo* o que sou agora. Porque eu não achava que fosse um filho de mais ninguém. Eu não sabia se alguém poderia ser considerado órfão aos vinte e três anos de idade. E se pude, então era isso que eu era.

— Mas você não fez.

— Não.

— Por quê?

Por um momento, não sabia como responder. Mas então me lembrei de algo que Thomas me contou uma vez. — Eu não precisava ser algo diferente para estar na sua matilha. Para pertencer a todos vocês. Thomas disse que eu era bom o suficiente assim como eu era. E eu acho que precisava ver isso antes de me tornar algo diferente.

— E você se vê diferente? — Ele perguntou.

Eu fiz uma careta para ele. — Essa não é a questão.

— Eu não vou morder você, Ox.

— É isso então? Porque você disse, então é assim que vai ser.

— Eu sou o Al-

— Isso não funciona comigo, — eu repliquei. — Você deveria saber disso melhor que ninguém. Eu não dou a mínima para a cor dos seus olhos. Você é o *Joe*, ok? Então não se atreva a tentar puxar essa besteira para mim.

— Estou indo embora.

Agora eu estava ficando puto. — Mais um motivo para eu receber a mordida. Então eu posso fazer o que puder enquanto você está fazendo o que diabos você vai fazer.

— Ox. Nós vamos embora amanhã.

Ele estava *tentando* me machucar mais? — Eu sei.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não posso deixar um lobo recentemente mordido, especialmente um dos meus. Se você receber uma mordida, você precisará do seu Alfa próximo para ajudá-lo em sua primeira lua cheia. Eu não posso fazer isso por você se eu for embora. Você viu o quão ruim foi para mim quando eu mudei pela primeira vez. E meu pai já estava lá.

— Mais uma razão para me levar com você.

Suas narinas se dilataram e jurei por um momento que vi seu lábio tremer. — Você sabe que eu não posso.

KM

— Foda-se o seu *não pode*, — eu rosnei para ele. — Você está fazendo todo o possível para garantir que isso seja *exatamente* do jeito que você quer. E desde quando guardamos segredos um do outro? Mais alguma coisa que você não está me dizendo? Mais alguma coisa que você decidiu por mim? Por favor, Joe. Conte-me. Diga-me como as coisas deveriam ser para mim a partir de agora. Diga-me o que fazer.

— Eu não espero que você entenda-

— Porque eu *não sei*. É uma droga, Joe. É uma merda. Minha *mãe* se foi. Seu *pai* se foi. E agora você está tentando ir embora também? Que porra você acha que está fazendo comigo?

Seus olhos estavam molhados, bochechas coradas. — Não é tudo *sobre* você-

— *Ele matou a minha mãe!* — Eu berrei com ele. — *Essa porra é sobre mim também!*

Ele estava chorando agora. Joe estava chorando e eu odiei isso. Oh Deus, como eu *odiava* isso. Vê-lo com lágrimas no rosto, vê-lo ser o garoto de dezessete anos que eu sabia que ele era. O garoto que deveria estar feliz e indo a encontros. O garoto que merecia tudo de bom depois do inferno que ele passou nas mãos de um monstro. O garoto que ainda não deveria se preocupar em ser o Alfa, ou carregar o peso de uma matilha em seus ombros. Ele era apenas uma *criança*, pelo amor de Deus.

E eu não estava ajudando. Eu o estava machucando porque *eu* estava machucado. Porque *eu* estava um pouco morto por dentro.

— Você não pode sair, — eu disse com a voz quebrada. — Você não pode me deixar, Joe.

— Você acha que eu *quero*? — Ele chorou. — Você acha que eu *quero* isso? Ox, eu não quero ficar longe de você. Eu nunca quero ficar longe de você. Eu nunca quero estar em qualquer lugar que você não esteja. Você é *tudo* para mim. Quando te vi, quando você estava com meu *pai* e com aquele *homem*, eu nunca tive tanto medo na *vida*. OK? Você consegue entender isso? Ele me levou. Ele me *machucou*. Por *semanas*. Mas o pior momento da minha vida foi quando eu pensei que ele ia *te* machucar. Então você vai ficar aqui! Você vai *fazer* o que eu digo, porque eu *não posso* perder você Ox! Eu *não posso*. Você não. Você também não.

Ele estava chorando quando terminou. Joe, o lobisomem Alfa, estava *chorando* ao pensar em algo acontecendo comigo.

Eu poderia receber muitas coisas.

Eu não era fraco.

Eu era forte a maior parte do tempo.

A matilha me fez assim.

Mas a visão de Joe assim... Eu apenas.

Eu apenas não podia mais.

Eu estava do outro lado da mesa antes mesmo de pensar nisso.

Eu o peguei da melhor maneira que pude, e ele se encaixou contra mim tão bem, era como se ele fosse um pequeno tornado de novo, e eu era apenas um grande idiota que não sabia o que significava pertencer a alguém.

Eu senti o poder nele, sim.

Eu senti a atração dele, oh sim.

Mas ele era apenas Joe.

E eu era apenas o Ox.

E talvez meu pai estivesse errado quando disse que os homens não choravam. Claro, as pessoas me davam merda como ele disse, mas eu sabia que era homem. E eu chorei junto com Joe. Porque tudo estava desmoronando e eu não sabia como parar.



NÓS FICAMOS em sua cama ao lado um do outro, joelhos batendo juntos, e faces a centímetros de distância. O quarto estava escuro. Seus olhos estavam brilhantes e sua boca no meu rosto estava quente. Eu não sabia que horas eram, mas sabia que tinha que ser tarde. E também sabia que, se eu adormecesse, Joe já teria partido quando acordasse.

Eu tive que lutar contra isso.

Por quanto tempo eu pudesse.

Porque não suportava a ideia de acordar sozinho.

KM

Ele me observou, e eu senti o pulso de *algo* entre nós, esse vínculo especial. Não o vínculo de um Alfa com sua matilha. Mas o vínculo entre os companheiros. Eu queria segurar esse fio o máximo que eu pudesse, porque o pensamento de ter sumido quando eu acordasse me aterrorizava.

Ele estendeu a mão e traçou os dedos sobre as sobrancelhas. Minhas bochechas. Meu nariz. Meus lábios. Eu pressionei um beijo suave contra as pontas dos dedos dele. Ele suspirou e seus olhos se fecharam.

— Isso é uma merda.

— Sim, — eu disse. Porque era.

Ele abriu os olhos. — Não era para ser assim.

— Eu sei.

— Você tem que ajudá-la, Ox.

Eu sabia de quem ele queria dizer. — Eu vou.

Sua respiração engatou em seu peito. — Você *precisa*. Ela é minha *mãe*.

— Eu sei.

Ele segurou minha mão entre nós. Havia indícios de vermelho em seus olhos, tons que nunca tinham existido antes.

Ele disse: — Eu quis dizer o que eu disse.

— Quando? — Eu perguntei, tentando memorizá-lo, tentando catalogar cada detalhe dele que eu pudesse. Por que esses momentos eu sabia que viria. Quando eu não conseguiria dormir porque ele tinha ido embora.

— Quando eu disse que amava você.

Meu coração traidor tropeçou no meu peito. — Sim. Eu sei, Joe.

— Porque eu o amo.

— Sim.

— Eu só... Precisava que você soubesse disso. Antes.

— Ok, Joe. Ei, eu também te amo. Você sabe que eu sei. Eu sei por um longo tempo.

— Sim, Ox. Eu sei. — Ele soltou um suspiro trêmulo. — Isso não é justo. Deveríamos ter tido mais tempo.

Eu disse: — Tudo bem, — mesmo que não fosse. Parte de mim queria ressaltar que essa era a escolha dele. Ele estava lutando. Mas eu não tinha mais forças para lutar com ele. Agora não. Assim não. — Estamos aqui agora.

— Você não pode me esquecer. — ele disse ferozmente, apertando minha mão até que meus ossos doeram. — Não importa o que aconteça. Você não pode me esquecer.

— Sim, Joe. Eu sei. Eu não poderia esquecê-lo mesmo se eu tentasse. Eu não quero tentar. Você verá. Faça o que tem que fazer, depois volte e tudo vai ficar bem. Isso terminará antes que você perceba. Semanas, até. Dias. Eu prometo. OK?

— E então seremos companheiros, certo?

— Claro Joe.

— Para sempre.

— Sim. — Mas mesmo isso não soou tempo suficiente.

— Ox?

— Sim?

Seus olhos estavam nos meus. Então, — Posso te beijar?

Foi dito tão timidamente, tão hesitantemente, que eu sofri com isso. — Você quer? — Eu perguntei baixinho.

Ele assentiu uma vez, com um pequeno movimento de cabeça.

— Eu acho que está tudo bem, — eu disse.

— Eu não sou o seu primeiro.

— Não.

— E você não é o meu.

— Não, — eu disse com o queixo tenso.

— Mas você é o único que importa. Então, é como se fosse o primeiro. Para nós dois.

Eu o beijei então. Eu não podia deixar para depois.

Ele deu um grunhido de surpresa quando nossos lábios se tocaram, e uma pequena expiração de ar que era quase um suspiro. Foi casto, mal estava ali. Seus lábios estavam entreabertos e seus olhos estavam abertos e em mim, e pensei que talvez fosse interminável. Ele roçou o nariz contra o meu e apertou os dedos ao redor dos meus. Eu estendi a mão e segurei sua bochecha, os dedos sobre sua orelha e segurando-o no lugar.

E flamejou dentro de mim, estourando e quente.

Era agriçoce, forte e inebriante.

Eu me afastei primeiro.

Ele estremeceu e pressionou a testa na minha.

Ele disse: — Eu voltarei para você.

Eu acreditava que ele tentaria.

Eu tentaria. Por quanto tempo eu pudesse.

Mas tudo me alcançou. Thomas. Minha mãe. Joe se tornando o Alfa. Os funerais. O fogo. A decisão de Joe.

Tudo.

Eu tentei ficar acordado.

Eu gritei comigo mesmo que ele iria embora no momento em que meus olhos se fechassem.

Ele sussurrou: — Durma Ox.

Eu sussurrei de volta: — Mas você vai embora.

O sorriso que ele me deu era triste. — Quanto mais cedo eu sair, mais cedo eu posso voltar para casa.

Meus olhos caíram. Eu os forcei a abrir novamente.

— Vou sentir sua falta, — eu disse. — Todo dia.

Ele desviou o olhar, mas não antes de eu ver o brilho em seus olhos.

Eu lutei contra o sono. Com tudo o que eu tinha.

Mas meu corpo lutou de volta.

Eventualmente, meus olhos se fecharam e eu não consegui abri-los novamente.

Eu senti suas mãos no meu cabelo.

Eu senti seus lábios na minha testa.

E quando caí no escuro, ouvi-o dizer uma última coisa.

Ele disse: — Eu voltarei para você.

E então eu fui embora.



QUANDO sonhei, sonhei com ele.

Nós caminhávamos através da floresta, a lua cheia no céu.

Ele segurava minha mão e seus olhos estavam vermelhos.

Nas sombras além das árvores, veio o som de grandes patas sobre a terra.

Os lobos circulavam em torno de nós, mas não estávamos com medo.

Porque eles eram *nossos*.

Joe disse: — Tudo vai ficar bem.

E eu *sorri*.



EU acordei devagar.

Eu não sabia onde eu estava.

Aquele momento antes de acordar completamente, nada doía porque nada estava errado.

Minha mãe ainda estava viva.

Thomas ainda estava vivo.

Havia um peso contra mim, como se eu estivesse cercado.

Na minha mente confusa, achei que tivesse adormecido na casa dos Bennett, cercado pela matilha. Eu me lembrei de uma lua cheia e nós passamos a noite correndo na floresta.

Eu teria que ligar para Gordo, eu sabia. Ele sempre se preocupava depois das luas cheias. Ele não gostava de esperar até eu entrar na oficina no final do dia. Ele precisava saber.

Eu não conseguia lembrar se minha mãe tinha saído na noite anterior. Então eu teria que ligar para ela também.

Joe e eu iríamos tomar café da manhã. Talvez nossos pés se enroscassem debaixo da mesa. E talvez eu tivesse coragem de segurar a mão dele. Carter e Kelly provavelmente zombariam de nós por isso depois de ouvir o modo como nossos batimentos cardíacos saíam do controle, mas tudo bem. Elizabeth iria repreendê-los e Mark daria seu sorriso secreto e Thomas apenas ficaria contente enquanto nos observava de seu lugar na cabeceira da mesa. E quando eu olhasse seus olhos, ele iria piscar com seus olhos vermelhos para mim, e eu *saberia* o que significava ter um pai de novo, eu *saberia*-

O nevoeiro começou a clarear.

A dor começou.

Foi uma lasca no começo. Irritante, apenas por baixo da minha pele. Eu escolhi isso. Eu me preocupei com isso.

Isso só fazia as coisas irem embora.

Eu respirei fundo, e ofeguei.

Eu estava acordado.

Eles se foram.

Mamãe. Thomas.

Carter e Kelly.

Gordo.

E Joe

Eu abri meus olhos.

Dois lobos estavam enrolados contra mim.

Elizabeth e Mark.

Eles respiravam profundamente, perdidos no sono.

Eu os invejava.

Porque a dor veio rolando sobre mim, vítrea e afiada.

Eu empurrei para fora, tentando encontrar os outros. Tentando senti-los. Os laços. Os fios entre nós.

Mas não havia nada.

Eu empurrei novamente.

Nada. Era como se tivéssemos sido cortados.

A perda foi tão grande que, por um momento, não consegui respirar. Tentei manter minhas mãos ao meu lado, mas minha mão esquerda não se fechava ao redor do objeto que eu segurava.

Eu olhei para baixo.

Na minha mão havia uma estátua de lobo. Feito de pedra.

Eu a observei por um longo tempo.

Eu sabia o que isso significava. Quem tinha colocado aqui?

Eventualmente eu assenti.

Eu disse: — Ok, Joe. OK.

E comecei a esperar.

O primeiro ano / alfinetadas de luz

O PRIMEIRO ano foi o mais difícil.

Porque não sabíamos que *haveria* um primeiro ano.



KM

— MANDE mensagens, — eu disse a ele da cama. Eu ainda podia sentir o gosto dele nos meus lábios e eu não queria nada mais do que beijá-lo novamente. — A cada dois dias. Então eu saberei.

— Eu não vou dizer onde estamos, — ele disse. — Porque eu sei o que você faria.

Eu fiz uma careta para ele. — Bem. Mas me mande uma mensagem. Você entende?

Ele entendia.



Eu sinto falta de você, o primeiro texto dizia, três dias depois que eles tinham ido embora.

Eu olhei para ele por horas.



— Ela deixou tudo para você, — disse o advogado, sentado em frente a ele em seu escritório. Elizabeth e Mark estavam por perto, escondidos na floresta. — A casa. As contas. E, eventualmente, haverá um pagamento de seguro de vida, mas essas coisas levam tempo. Deverão ser o suficiente para pagar a hipoteca e algumas contas, no entanto. Ela queria ter certeza de que você seria cuidado se algo acontecesse com ela. Você está bem Ox. Por agora. Vou deixar tudo pronto para você assinar para facilitar o máximo possível. Apenas se concentre na cura. Deus sabe que você merece.

Eu balancei a cabeça e olhei pela janela, pensando em bolhas de sabão no meu ouvido.



CARTER E Kelly estão lutando, dizia um texto. Eu lhes disse para parar. Eles não pararam. Então eu fui todo Alfa neles. Eles não estão lutando mais.



— O que diabos isso quer dizer? — disse Chris, olhando para uma carta que Gordo deixara para eles na oficina.

'Eu tenho que ir embora por um tempo. Tanner, você está no comando da oficina. Certifique-se de enviar os ganhos para o contador. Ele vai pagar os impostos. Ox tem acesso a todas as coisas bancárias, pessoais e relacionadas à oficina. Tudo que você precisa pode passar por ele. Se você precisar contratar alguém para receber as folga, faça-o, mas não contrate algum idiota. Nós trabalhamos muito para chegar onde estamos. Chris e Rico lidam com as operações do dia-a-dia. Eu não sei quanto tempo isso vai levar, mas apenas no caso, vocês precisam cuidar um ao outro. O Ox vai precisar de vocês'.

Rico e Tanner estavam no escritório de Gordo. As mãos de Chris tremiam enquanto ele segurava a carta, cada vez mais forte com cada palavra que ele lia.

Você terá que se segurar, Gordo me disse na floresta. Eles vão te empurrar, Ox. Por respostas. Você precisa adiar o maior tempo possível. Eles são meus irmãos. Eu nunca quis que eles se envolvessem em nosso mundo. Mas eu não sei quanto tempo isso pode durar. Agora não. Desculpe-me por colocar isso em você. Eu nunca quis isso pra você. Para eles.

Todos eles olharam para mim.

— Você sabia disso? — perguntou Tanner.

— Sim, — eu disse cansado. Eu não estava dormindo por causa dos pesadelos.

— Esse idiota, — Rico rosnou. — Como diabos ele poderia deixar você assim? Depois de tudo?

— Onde ele foi? — Chris perguntou, largando a carta de volta na mesa.

Todos olhavam para mim com expectativa.

E eu me resenti deles então. Gordo e Joe. Por causa da posição em que eles me colocaram. Minhas costas estavam contra uma parede e eu não sabia como responder a pergunta deles sem falar besteira.

Joe foi embora.

Gordo foi com ele.

Eles forçaram minha mão.

E talvez eu já estivesse cansado de carregar esse fardo sozinho.

Então eu disse: — O que vocês sabem sobre lobisomens?



Eu pensava que tínhamos algo, ele disse em seu texto. Pensei que tínhamos encontrado o que precisávamos longe de Calgary. Mas foi apenas um beco sem saída. Um maldito beco sem saída. Ox. Isso dói.

Eu pensei em ligar para ele.

Mas ele me pediu para não ligar. Ele precisava se concentrar, ele disse.

Não havia verde aqui.



— *DIOS MÍO*, — Rico respirou, observando Mark deslocado na frente deles, uma vez um homem e agora um lobo.

— Eu deveria estar com medo? — perguntou Tanner com a voz aguda. — Porque eu sinto que eu deveria estar com medo. OK. Estou com medo. — Ele gritou alto quando Elizabeth saiu da casa e sentou-se na varanda, observando-os com a cabeça inclinada, o rabo batendo levemente contra as ripas de madeira.

— Fique aí, — sussurrou Chris. — Isso é como uma merda daqueles filmes de merda!

Todos olhavam para mim e esperavam.

— O quê? — Eu perguntei.

— Você faz isso agora? — disse Rico.

— Tipo, apenas *faça*, — disse Tanner.

— Mostre-me seu *lobisomem Americano em Londres*, — disse Chris.

— Jesus fodendo Cristo, — eu murmurei. — Eu não sou um lobo.

Eles estavam muito desapontados com isso.



UM TEXTO veio no meio da noite.

Dizia: *Por favor, me diga que está bem.*

Estou bem

Pesadelo

Sobre o que

Ele não respondeu.



GORDO É um bruxo repetiu Tanner.

— Cala a boca, — disse Chris.

— Eu *sabia* que aquele filho da puta queria algo, — disse Rico. — Ele sacrifica galinhas à meia-noite e toma banho em seu sangue, não é?

Todos nós olhamos para ele.

— O quê? — Rico disse. — Poderia acontecer. É uma coisa. Eu conheço muita merda assim. Eu *vi* coisas, cara. E gosto de coisas. *Mi abuela* costumava abater as galinhas o tempo todo. Era muito hardcore.

— Isso realmente explica muito, — disse Chris. — Por causa de toda a sua estranheza.

— Como suas tatuagens sempre pareciam estar em lugares diferentes, — disse Tanner.

— Ou como quando todos nós nos mudamos para cá, ele sempre andava pelas nossas casas, esfregando as paredes e murmurando coisas, — disse Rico.

— Ou como ele não achou engraçado quando eu queria colocar enfeites de bruxa de Halloween na oficina, — disse Chris. — *Porque eles eram engraçados.*

— Ou como ele teve problemas com o pai e nunca explicou o porquê, — disse Tanner. — Eu sempre achei que o pai dele era apenas um idiota. Eu não sabia que ele era um idiota do *mal*.

— Havia muitas pistas, — disse Rico. — Estou um pouco desapontado conosco.

— Nós não somos muito auto conscientes, — disse Chris com uma carranca.

— Puta merda! — Tanner disse. — Ele pode fazer *mágica*. Suspirei e cedi. — Ele tem braços brilhantes.

— Braços brilhantes? — Rico disse. — Como o quê.

— Os braços dele. Eles brilham quando ele faz *mágica*.

— Braços brilhantes, — disse Tanner. — Isso é... Incrível.

— Magia, — disse Chris. — Eu... Não sei o que fazer com isso.

— E você? — Rico exigiu. — Como você se encaixa com tudo isso?

E isso levava a âncoras e companheiros.

— Como destino e besteira?

— Oh meu deus, Ox, sua vida é como aqueles filmes de vampiros de merda brilhantes. Que eu nunca vi e não gosto em nada, cale a boca.

— Oh cara. Isso explica toda a coisa com a Jessie. Ela nunca teve uma chance diante do destino brilhante de vampiro, ou seja lá o que for.

Eu coloquei meu rosto em minhas mãos.

A conversa continuou por mais três horas depois disso.

No final, foi Tanner quem falou.

Ele disse: — Sua mãe foi muito corajosa.

E então ele me abraçou.

Eu o segurei pela minha vida.

Eventualmente, Rico e Chris também vieram e eu estava cercado.



O TEXTO veio de Gordo.

Joe está bem. Tivemos em algumas dificuldades. Ele está dormindo. Ele não queria que você se preocupasse.

Eu não dormi muito naquela noite.



KM ELES começaram a vir para casa, Rico, Tanner e Chris. No começo era apenas poucos dias. E só por um pouquinho de cada vez. Eles foram um pouco cautelosos no início, pulando com cada pequena coisa. Rindo muito alto. Eles falavam com o Mark. Eles observavam Elizabeth. Eles faziam perguntas, sempre fazendo perguntas.

Logo, porém, eles vieram quase todos os dias. Nós jantávamos juntos. A segunda lua cheia depois que os outros saíram, Rico, Tanner e Chris estavam lá. Eles estavam nervosos. Eu disse a eles para não estarem. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas estava começando a vê-los de forma diferente. Mark apenas dava o seu sorriso secreto quando eu perguntava, embora fosse um tom menos brilhante do que costumava ser. Elizabeth sempre permanecia como lobo, então eu não poderia perguntar a ela, embora eu falasse com ela como eu normalmente faria. Por alguma razão, ela parecia gostar do som da minha voz. Eu não sabia se ela podia me entender, especialmente desde que ela era uma loba por tanto tempo. Mark disse que era mais difícil voltar quanto mais ela ficasse assim, mas que ela faria isso quando ela estivesse pronta. Ele confiava nela e disse que eu também deveria.

Mark e Elizabeth atravessaram as árvores sob a luz da lua. Eles não uivaram, no entanto. Nenhum de nós fez. Não conseguimos encontrar as músicas dentro de nós para mostrar como nos sentimos.



Como eles estão? Ele perguntou.

Ok, eu escrevi de volta. Sua mãe ainda não mudou. Eu não contei a ele sobre meus amigos que já sabiam sobre eles agora, porque eu não queria que Gordo soubesse. Ainda não, pelo menos.

Eu esperei ele escrever de volta.

Foram dias antes de ele responder de novo.



MARK anunciou no obituário do jornal a morte de Thomas sem revelar detalhes. Ele pediu privacidade. Condolências foram enviadas. E flores. Tantas flores. Elas eram vermelhas e laranjas. Violetas e azuis. Havia muito verde.

Elizabeth tocou cada uma delas com o nariz, inalando profundamente.

Às vezes, parecia que eu não conseguia respirar.



— TEREMOS descartáveis, — Joe sussurrou para mim enquanto nos deitávamos lado a lado. — Telefones celulares que não podem ser rastreados. Nós vamos trocá-los de vez em quando. Mas eu prometo a você que vou continuar mandando mensagens.

— Eu não entendo, — eu admiti.

— Eu sei, — ele disse, passando os dedos pela minha bochecha. — Eu sei.



— VOCÊ vai mudar de novo? — Perguntei a Elizabeth.

Ela lambeu minha mão antes de se virar e entrar na floresta.

Eu esperei por um longo tempo até ela voltar.



NENHUMA palavra dele, desta vez.

Apenas uma imagem. A lua cheia.

Eu olhei para ela, passando o polegar, como se eu pudesse dizer onde ele estava apenas olhando para a lua.

Eu não podia, no entanto.



CINCO SEMANAS depois que eles saíram, e dois dias depois da lua cheia, houve uma batida na porta.

Eu tinha acabado de chegar à casa do trabalho (e em casa eu digo a casa dos Bennett porque eu ainda podia ver a mancha no chão da casa velha). Sentei-me à mesa da cozinha, com dor nas costas e os dedos manchados de preto. Elizabeth entrou e ficou aos meus pés, seu focinho descansando na minha bota, os olhos fechados e respirando profundamente. Mark se moveu na cozinha, observando uma panela no fogão. O que quer que ele estivesse fazendo cheirava picante e meu estômago roncou com o pensamento. Eu estava com fome.

No momento antes da batida, Elizabeth e Mark se enrijeceram.

Então, três toques na porta da frente.

Não era Rico, Chris ou Tanner. Eu tinha acabado de deixá-los na oficina há menos de uma hora. E eles não batiam mais. Eles apenas entravam, trazendo poeira, risos e graxa. Eles não eram como os outros. E eu pensei que talvez isso fosse uma coisa boa.

Então eu sabia que não eram eles. E enquanto Gordo dissera que ninguém podia se aproximar da casa dos Bennetts sem lutar muito contra a compulsão devido às *alas* de proteção, o som chamou a atenção.

Elizabeth levantou-se e se dirigiu para a porta antes mesmo que as batidas parassem.

Mark se virou e foi até a janela, examinando o quintal para se certificar de que não estávamos sendo cercados.

Eu agarrei meu pé de cabra.

O fio entre nós estourou brilhantemente.

E havia outros tópicos.

Tópicos mais recentes.

Eles eram fracos.

Mas eles estavam lá. Eu não vi onde eles levavam, mas eles pulsavam suavemente.

A batida veio de novo.

Eu me aproximei da porta.

Elizabeth rosnou baixinho, enrolada e pronta para atacar.

Mark se afastou para o meu lado, fora da vista de alguém do outro lado da porta.

Eu coloquei minha mão na maçaneta.

Tomei um fôlego.

E abri.

Nós não fomos atacados.

Um homem que eu nunca tinha visto antes estava lá.

Ele não era muito mais velho do que eu. Ele era mais baixo também e mais magro. Seus olhos escuros se enrugaram quando ele olhou para mim, emoldurado por grossos óculos escuros. Sua pele estava pálida e seu cabelo era preto, quase militarmente curto. Ele usava jeans e botas empoeiradas, como se tivesse estado na estrada por um tempo. Ele era um Beta, e um bem atrativo, mas eu poderia dizer que ele sabia disso.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim quando Elizabeth rosnou mais alto.

— Lobo, — eu disse.

— Ox, — ele respondeu. Ele sorriu e seus dentes brancos brilharam. — Eu venho em paz e trago novidades com grande alegria. Meu nome é Robbie Fontaine. Você pode ter conhecido meu antecessor, Osmond.

Elizabeth rosnou para ele. Eu ouvi Mark rosnar em algum lugar à minha direita.

Robbie estremeceu. — Sim, provavelmente não é a melhor ideia mencionar esse nome. Foi meu erro. Não vai acontecer de novo. Bem, eu não posso prometer isso. Eu provavelmente vou dizer alguma merda que não quero dizer. Por isso, me desculpe. Eu ainda sou meio novo nisso.

— Em quê? — Eu não pude deixar de perguntar.

— Estar na posição em que estou.

— E qual é a posição?

Ele inclinou a cabeça para mim, me analisando. — Por que, — ele disse, — estou aqui para protegê-lo.

Eu bufei. — Proteger.

Esse sorriso voltou. — De fato. Eu preciso ver o seu Alfa.



ROBBIE FONTAINE veio do leste.

Havia um novo Alfa no lugar. Seu nome era Michelle Hughes. Ela subiu para a antiga posição de Thomas, governando todos os grupos nos Estados Unidos.

Incluindo o meu.

— Ela é uma boa mulher, — disse Mark. — Boa cabeça em seus ombros. Ela fará a coisa certa. Estamos bem representados. Ela ficará bem pelos próximos anos.

Até que Joe assuma.

Nós estávamos sentados na sala de estar, Robbie em frente a nós no sofá, Mark pressionado contra um lado meu e Elizabeth contra o outro. Eu pensei que talvez isso fosse o suficiente para ela voltar, mas ela não fez.

— Ela manda suas condolências, — disse Robbie. — Ela teria vindo, mas há... Questões urgentes, como eu tenho certeza que você entende.

Mark assentiu. Era tudo muito diplomático.

— Onde está Joe? — Robbie perguntou. — Ele não está aqui.—
Ele sabia disso, no entanto. Ele sabia disso no momento em
que entrou na casa. Provavelmente até antes. Eu não queria pensar
porque Elizabeth e Mark não o tinham ouvido se aproximar.

Eu esperei Mark falar. Ele não fez isso.

Fiquei surpreso ao encontrá-lo olhando para
mim. Obviamente esperando.

Robbie não perdeu essa pequena troca.

Eu olhei de volta para ele. — Ele não está aqui, — repeti
lentamente.

— Ox, é? — Ele me perguntou.

Eu assenti.

— Eu ouvi coisas sobre você.

— Oh?

— Boas coisas. Eles falam de você. Os lobos. Eles dizem que
você é humano, mas é tão forte quanto nós. Confie em mim
quando digo que é difícil impressioná-los. Mas você fez isso.

— Eu não fiz nada, — eu disse.

— Talvez, — disse Robbie. — Ou talvez você simplesmente
não entenda exatamente o que você fez. É realmente bastante
notável.

Eu disse: — Eu não te conheço.

— Não, — Robbie concordou.

— Como Osmond. Um pouco.

Robbie franziu a testa. — Foi uma surpresa. Para todos nós.

— Foi? — Eu perguntei.

— Sim.

— Uma surpresa.

— Sim.

— Sua surpresa terminou na morte da minha mãe. Na morte do meu Alfa.

Robbie empalideceu. — Eu não estou-

— Eu não te conheço. Eu não sabia que você estava vindo. Você é uma surpresa. E eu não gosto de surpresas.

— Eu não estou aqui para te machucar, — disse Robbie. — Ou tirar qualquer coisa de você.

— Osmond teria dito a mesma coisa, — eu disse.

Robbie olhou para Elizabeth. Então, para Mark. Ambos permaneceram em silêncio.

Eu esperei.

Ele arrastou o olhar de volta para mim. — Curioso, — ele disse.

— O que?

— Você. Você não é o que eu esperava.

A voz de meu pai sussurrou na minha cabeça, dizendo que as pessoas iriam me dar merda. — Eu escuto muito isso.

— Você?

— Por que você está aqui?

Ele piscou várias vezes, como se estivesse saindo de um nevoeiro. — Osmond era a ligação de Thomas com o Alfa provisório quando era necessário. Eu assumi a posição dele.

— Thomas se foi.

— Ele se foi, — disse Robbie. — Mas Joe não. E a linha de Bennett é muito forte. Onde ele está?

— Você sabe quem eu sou? — Eu perguntei, inclinando-me para frente.

— Oxnard Matheson, — ele disse prontamente, parecendo um pouco surpreso por estar dando a resposta.

— Osmond lhe contou? Ou aos seus outros lobos? O que eu sou. Para o Joe.

Seus olhos piscaram com a minha camisa de trabalho aberta, seu olhar observando ao longo do meu pescoço. — O humano que acasalou com um alfa, — ele disse. — Mas você não se acasalou. Ainda não.

— Nós vamos.

Robbie sorriu. Foi um sorriso bonito, embora eu não confiasse nisso. — Romântico, — ele disse.

— Quantos lobos estão procurando por Richard Collins? — Perguntei.

Ele falou. Era uma coisa pequena, e eu não sabia se era a questão ou a mudança na conversa, mas estava lá. Eu notava essas pequenas coisas agora.

Ele disse: — Muitos.

— E quantos são?

O sorriso escorregou de seu rosto, e eu pensei que seus olhos estivessem laranja. — Sete equipes, — ele disse. — Composta de quatro lobos cada. Um *Coven* também está envolvido. Por causa de Livingstone.

— E Osmond?

— Ele será encontrado.

— Já faz seis semanas.

— Essas coisas levam tempo. Onde está o seu Alfa? Eu preciso oferecer os meus respeitos. E há outros. Os irmãos me disseram. E o herdeiro de Livingstone.

— Você se informou.

— Eu sou muito bom no que faço, — ele disse.

Eu bufei. — Obviamente. Se eles te mandaram.

Nós ficamos calados. O relógio de pêndulo no corredor marcava os segundos.

Era um jogo de espera.

Eu não ia desviar o olhar.

Curiosamente, Robbie desviou, depois de um tempo.

Ele desviou os olhos para baixo e para a esquerda. Sua cabeça se inclinou ligeiramente. Eu não entendia porque era algo que eu vi os outros fazerem com Thomas. Foi um sinal de...

— Ele se foi, não é? — Perguntou Robbie.

Eu não falei.

Robbie suspirou. — Merda.

Três pontinhos estouraram ao longo dos fios tênues das amarras da matilha.

Elizabeth e Mark suspiraram em ambos os lados de mim, suave e baixo.

Eles estavam chegando e fechei os olhos, imaginando quando isso acontecera. Quando eles se tornaram *meus*. Nossos. Eu quase poderia rastreá-los. Eles estariam aqui em poucos minutos. Eles estavam viajando rápido.

— Ele foi atrás dele? — Robbie perguntou. — Atrás de Richard.

— Ele fez o que achava que deveria, — eu disse.

— Ele é o Alfa, — disse Robbie, parecendo um pouco horrorizado, — e ele *deixou* o território? A matilha?

Eu olhei para ele. Os pequenos pontinhos de luz estavam mais brilhantes agora.

— Por que você não o impediu? — Robbie exigiu. — Ele tem um *lugar* aqui. E um maldito *futuro* para pensar.

— Você realmente acha que alguém pode dizer a um Alfa o que fazer? — Perguntou Mark. — Especialmente um novo Alfa?

— Não está *certo*-

Uma picape se aproximou da casa no final da rua.

Robbie estreitou os olhos. E foi até a janela.

O resto de nós não se mexeu. Porque de alguma forma, nós sabíamos.

— Humanos, — disse Robbie. — Três deles. Eles não têm armas. Embora eu ache que um cara está carregando um martelo. Por algum motivo. Precisamos agir...

— Sente-se, — eu disse levemente.

Robbie pareceu surpreso.

Eu pensei que, por um momento, ele não faria.

Ele fez, no entanto. Ele não olhou para longe de mim.

Tanner, Chris e Rico irromperam pela porta, com os olhos arregalados e frenéticos. Rico, é claro, segurava um martelo bem acima de sua cabeça, empunhando-o como se estivesse prestes a esmagar alguns crânios.

— Onde está a coisa que precisamos matar? Tanner rosnou com os olhos percorrendo a sala.

— Eu sei karate, — disse Chris. — Eu tive aulas por três meses quando eu tinha dez anos.

— Eu tenho um martelo, — disse Rico.

— Jesus Cristo, — eu murmurei. Mas eu sabia que eles eram nossos. Eu olhei para Mark. — Você sentiu o laço?

Ele estava olhando para eles com algo parecido com espanto. — Mas eles são todos *humanos*.

— Hey, — eu disse, socando o braço dele. — Eu também sou.

— Isso é diferente. — Ele balançou a cabeça. — Você era por causa de Joe. Isso não foi uma surpresa. Eles estão aqui por *sua* causa. E todos nós sentimos que é por *sua* causa.

Antes que eu pudesse processar o que isso significava, Elizabeth pulou do sofá e se aproximou dos outros. Ela pressionou o nariz nas mãos deles, um de cada vez, um após o outro.

Eu me lembrei do som que minha mãe fez na noite em que descobriu a verdade. O pequeno som de *oh*, chocada e ofegante, quando Thomas a tocou pela primeira vez.

Eu sabia o que Elizabeth estava fazendo.

Ela estava os reconhecendo.

Porque de alguma forma, nas poucas semanas desde que nosso mundo tinha ido para o inferno, Tanner, Chris e Rico se tornaram parte da nossa matilha.

E eu não sabia como.



OS TEXTOS estavam ficando mais esporádicos. Às vezes eles vinham no meio da noite. Às vezes uma semana inteira passava. Eu carregava meu telefone em todos os lugares, e apenas esperava.

Uma vez, enviei uma mensagem primeiro.

As coisas estão mudando. Eu não sei o que fazer

Às três da manhã, ele respondeu.

Eu sei.

Eu puxei as cobertas em sua cama sobre a minha cabeça e esperei até o nascer do sol.



ROBBIE PERMANECEU.

Nós não o queríamos na casa dos Bennett porque não havia confiança nele. Ele não queria ficar muito longe. Havia alguns motéis em Green Creek, mas as pessoas iriam fazer perguntas se ele ficasse muito tempo. Mark achou que ele estava bem. Eu perguntei se ele o conhecia de antes. Mark sacudiu a cabeça. Ele tinha feito algumas ligações e verificado que Robbie era quem ele disse que era, e as proteções de Gordo o deixaram passar para começar. E desde que eu confiava em Mark, e confiava em Gordo, disse a Robbie que ele poderia ficar na velha casa.

A velha casa, porque era assim que pensava nela.

Eu achava que não moraria lá novamente. Pelo menos não por muito tempo.

Porque havia noites em que eu acordava e sentia a pesada magia me segurando, me tirando da matilha.

Havia noites em que eu não sabia se eu estava sonhando ou se eu estava acordado, e minha mãe ficava na borda da minha cama, com lágrimas secas em seu rosto, seus olhos em mim e ela dizia para *correr, fugir de* -

Essas eram às noites que mais sentia falta de Joe.

Eu nunca fui de ter pesadelos.

Na verdade não.

Mas agora?

Agora eles eram tudo o que eu tinha.

Lembrei-me de como Joe ficava quando ele acordava gritando por mim.

Eu não gritava quando eu abria os meus olhos, embora eu quisesse.

Abafei, e alojei na garganta enquanto o suor escorria pelo meu pescoço.

Era mais fácil desse jeito.

Então eu não podia voltar para casa. Não enquanto o chão estava manchado. Não enquanto o olhar em seu rosto ainda estava fresco em minha cabeça. O som molhado que ela fez quando caiu.

Robbie não perguntou, e ele não disse nada no dia seguinte à sua primeira noite na casa. A única coisa que pedi a ele foi que ele ficasse no meu quarto e deixasse o quarto da minha mãe sozinho. Ele não tinha negócios lá. E eu não queria que ele sentisse o cheiro dela. A porta estava fechada e ficaria assim até que eu pudesse abri-la e respirá-la.

— Claro, Ox, — ele disse. — Eu posso fazer isso. — Então, — Ela queria que você soubesse, também, que ela sente muito pelo que você perdeu. Especialmente alguém tão jovem. Ela... Entende perda. À sua maneira.

— Quem? — Eu perguntei confuso.

— O Alfa.

Meus olhos se arregalaram um pouco com isso. — Ela sabe quem eu sou?

Seus lábios se contraíram. — Sim, Ox. Muitas pessoas sabem quem você é.

— Oh, — eu disse, porque não sabia o que fazer com aquilo.

Então eu não fiz nada.



DUAS SEMANAS passaram sem nenhuma atualização.

Eu achava que poderia entender o que era perder lentamente a mente.

Eu imaginava todas as coisas possíveis. Captura. Tortura. Morte. Eu achava que saberia se algo estivesse errado. Eu pensei que sentiria se algo acontecesse com eles. Mas a realidade era que quanto mais eles se foram, quanto maior à distância, menos eu me sentia. Eu já não achava se saberia se algum deles estava ferido. Se Joe estivesse ferido.

Porque eu podia sentir os outros que tinham ficado em Green Creek mais do que eu podia senti-lo.

Mais forte do que eu já sentira antes.

Elizabeth era *azul*, ela era tão malditamente *azul*, e eu sabia que ela precisava uivar sua tristeza para a lua, mas ela manteve sua música trancada, deixando-a apodrecer em seu lugar.

Mark era forte e robusto, como sempre, mas eu sabia da foto que ele guardava na gaveta da escrivaninha. A foto que ele achou que ninguém mais sabia. Aquela em que ele e Gordo eram da idade de Joe, e os braços deles estavam em volta dos ombros um do outro, rindo. Gordo estava sorrindo para a câmera, parecendo mais jovem do que eu já o vi. Mark, no entanto. Mark só tinha olhos para Gordo.

Eu nunca perguntei se eles conversaram antes de Gordo e os outros saírem.

Eu esperava que Gordo tivesse feito a coisa certa.

Mas eu não tive coragem de descobrir.

Tanner, Chris e Rico também estavam lá, e eles estavam ficando mais fortes a cada dia. Foi um processo lento, mas eles estavam se *unindo* como o resto de nós.

Ainda. Quatro meses atrás eu achava que talvez estivéssemos mal nos mantendo juntos.

Talvez seja por isso que aquelas duas semanas que eu não ouvi nada de Joe doeram mais do que deveria.

Talvez seja por isso que eu estava com raiva quando ele finalmente mandou uma mensagem. De um novo número, os telefones antigos obviamente foram descartados.

A mensagem foi curta.

Estamos bem

E eu dei uma merda.

Eu disquei o número.

Tocou algumas vezes e depois caiu em uma mensagem automática, dizendo que o correio de voz não estava configurado.

Eu liguei novamente.

E de novo.

E de novo.

Foi à quinta ou sexta vez em que a ligação foi conectada.

Ele não disse nada.

— Seu idiota, — eu rosnei no telefone. — Você *não* pode fazer isso comigo! Você me escuta? Você *não pode*. Você se *importa* com a gente? Você? Se o fizer, se até mesmo uma parte de você se importar

comigo – nós, - então você precisa se perguntar se vale à pena. Se o que você está fazendo *vale a pena*. Sua família precisa de você. Eu preciso de você.

Ele não falou.

Mas ele estava lá, porque eu podia ouvir o jeito que sua respiração ficou presa na garganta.

— Seu idiota, — eu murmurei, de repente muito, muito cansado. — Seu maldito bastardo.

Ficamos no telefone por uma hora, apenas ouvindo um ao outro respirar.

Quando abri os olhos de novo, era de manhã e meu telefone tinha morrido.



SEIS meses depois que eles saíram que percebi que algo tinha que mudar.

Nós não poderíamos continuar como estávamos.

Joe mandava mensagens de texto com mais regularidade, talvez uma vez a cada poucos dias, mas as atualizações eram tão vagas quanto sempre, e quanto mais demorava, menos esperança eu tinha de as ver novamente.

Robbie, como se viu, sabia menos do que nós. Ou era o que ele dizia. Ele parecia tão frustrado quanto o resto de nós com a falta

de informação. De vez em quando eu me deparava com ele em um telefonema abafado, e enquanto eu não conseguia ouvir o que estava sendo dito, a expressão em seu rosto era o suficiente. As equipes de lobos que procuravam por Richard, Robert e Osmond voltavam sem nada. Ninguém sabia onde procurar. Ninguém sabia se ele estava escondido ou se estava recrutando Ômegas. Todos os Alfas registrados foram notificados. Mas Mark me disse que para cada três ou quatro Alfas registrados, havia um que *não era* conhecido.

Richard poderia tentar rastrear esses desconhecidos.

KM

Se eles não soubessem que ele estava indo, eles não teriam uma chance. Especialmente não com Robert Livingstone ao seu lado.

Havia rumores de que Richard Collins estava no Texas. Ou Maine. Ou no México. Alguém tinha visto Robert Livingstone na Alemanha. Osmond estava em Anchorage.

Nenhum deles chegou ao destino.

Michelle Hughes não gostou de saber que Joe e os outros tivessem ido embora. Nenhum deles gostou; os superiores sem rosto que sabiam *quem* eu era. Robbie parecia estar cheio de uma mistura de alegria e terror quando ele nos disse isso, que as equipes de busca também foram instruídas de que, se encontrassem Joe, prendessem-no e o levassem para o leste.

Eles nunca encontraram Joe.

Mas em casa, as coisas necessárias precisavam mudar. Elizabeth ainda não tinha mudado de volta e eu estava preocupado que chegaria o dia que ela não seria mais capaz.

Mark estava ficando mais quieto. Ele falava apenas o necessário, e então eram apenas algumas palavras antes de parar.

Tanner, Chris e Rico não sabiam o que fazer. Eles eram matilha, mas não entendiam o que isso significava. Depois da explosão inicial de *novidade*, da união de seus fios aos nossos, a excitação se dissipou. Elizabeth não corria mais nas luas cheias. Mark estava inclinado a desaparecer.

Eu andava pela floresta, a luz do sol filtrando através das árvores.

Vai quebrar logo, disse Thomas, andando ao meu lado.

— Eu sei, — eu disse, embora ele não estivesse realmente lá.

Algo precisa mudar, minha mãe disse, passando as mãos pela casca de um pinheiro.

— Eu sei, — eu disse, embora ela estivesse enterrada no chão a dez quilômetros de distância.

Eles estavam certos, esses fantasmas. Essas memórias. Essas poucas coisas que me restaram.

Um Alfa não é decidido pela cor dos olhos dele, disse Thomas enquanto pegava uma pinha do chão da floresta.

Você se lembra quando ele foi embora? Mamãe perguntou. *Você estava na cozinha e me disse que você seria o*

homem da casa agora. Seu rosto estava molhado, mas você disse que ia ser o homem. Eu me preocupei. Sobre nós. Sobre isso. Sobre você. Mas eu também acreditei em você.

E ela tinha acreditado.

Ambos tinham.

Eu me encontrei na frente da casa.

A casa velha.

Parecia como sempre.

Fiquei lá por muito tempo.

Eventualmente, houve um empurrão na minha mão.

Eu olhei para baixo.

Elizabeth me observava com olhos conhecedores.

Eu disse: — Temos que mudar. Isso não está funcionando. Não mais.

Ela choramingou.

— Eu sei que dói, — eu disse. — Eu sei que é mais fácil para você. Mas não podemos fazer isso. Não mais.

Ela cutucou minha mão novamente.

Eu olhei de volta para a casa.

Ela esperou até eu estar pronto para falar de novo.

Ela era boa assim.

Eu disse: — Eu preciso entrar.

Eu disse: — Eu quero que você vá comigo.

Eu disse: — E quando voltarmos, eu quero ouvir sua voz.

Eu disse: — Porque é à hora. Para nós dois.

Ela me seguiu até a casa.



ROBBIE de alguma forma removeu a mancha da madeira onde ela morreu.

Parecia como sempre.

No meu quarto, as coisas eram praticamente as mesmas.

Eu passei meus dedos ao longo da minha estante.

Peguei o manual do Buick que ela me deu no meu aniversário há muito tempo.

Dentro havia um cartão.

O que você chama de lobo perdido?

Um lobo sozinho!

Este ano será melhor.

Com amor, mamãe

Eu não sabia se estava sonhando ou acordado.

Eu coloquei de volta e me perguntei se eu tinha bolhas de sabão no meu ouvido.

Elizabeth apenas observava e esperou, nunca saindo do meu lado.

Eu chorei. Só um pouco. Algumas lágrimas que eu limpei com as costas da minha mão.

Eu estava do lado de fora da porta dela, a mão na maçaneta da porta.

Eu tive que reunir toda a minha coragem. Eu enfrentei Ômegas. Osmond. Richard.

Mas isso é mais difícil.

Finalmente, *finalmente*, abri a porta.

Cheirava como ela. Mas então eu sabia que seria.

Estava desbotado, mas estava lá.

Montes de poeira ao sol.

Foi como antes, depois do meu pai.

Quando saí do quarto, a porta permaneceu aberta.



— EU quis dizer o que eu disse, — eu disse a ela. — Nós vamos sair daqui, eu vou ouvir a sua voz.

Ela olhou de mim para a porta da frente, depois de volta para mim.

— É difícil, — eu disse. — E será por muito tempo. Mas é por isso que nós temos um ao outro. Por que nós temos uma matilha? Precisamos começar a lembrar disso novamente.

Eu estendi o cobertor acolchoado para ela tomar, para cobrir sua nudez, se ela escolhesse. Eu não ia empurrar mais do que eu já tinha, porque eu estava preocupado que seria demais.

Ela olhou para a minha oferta por um longo tempo.

Eu pensei que talvez tivesse falhado.

Mas então ela estendeu a pata cuidadosamente e pegou a colcha entre os dentes. Eu a deixei escorregar entre os meus dedos.

Ela o arrastou pelo chão e virou a esquina.

Eu ouvi a mudança de ossos e músculos. Soou doloroso depois de tanto tempo.

Houve um suspiro.

Eu esperei.

Houve um arrastar de pés.

Elizabeth Bennett deu a volta na esquina, os olhos cansados, mas mais humanos do que estivera há muito tempo. Seu cabelo levemente colorido caía ao longo de seus ombros, a colcha apertada firmemente ao redor dela.

Quando ela falou, sua voz estava seca e rouca.

Foi uma coisa maravilhosa.

Ela disse: — Eu não me importo de ficar sozinha quando meu coração me diz que você está sozinho também. Você se lembra?

— Dinah Shore, — eu disse. — Você estava dançando. Você estava na sua fase verde.

— Essa música, — ela disse. — Eu te disse que é sobre ficar para trás. Quando os outros vão para a guerra.

Eu fiz minha parte. — Ficar para trás ou ficar atrás?

— Ox, — ela gritou, — *há uma diferença.*



Ela mudou de volta
Você fez isso, não foi?
Não, ela queria
Você fez isso, Ox. Confie em mim sobre isso.
Você precisou voltar
Joe
Você está aí
JOE



ÀS VEZES, ela sorria. Às vezes ela parecia muito longe.

Mark a abraçou quando voltamos para a casa no dia em que ela mudou. Eles não tinham realmente falado, apenas se agarraram um ao outro pelo que pareceram horas.

Ela não chorou.

Mark fez, no entanto.

Ele disse: — Sinto muito. Eu sinto muito.

Não pela primeira vez, pensei que tudo que meu pai me dissesse fosse besteira.

Robbie ficou impressionado com ela.

— Você não sabe quem ela é? — Ele sussurrou para mim.

Eu sabia. — Ela é a Elizabeth.

— Ela é uma *lenda*.

Tanner, Chris e Rico se atrapalharam com suas apresentações, corando furiosamente enquanto ela beijava cada um deles na bochecha, demorada e de forma doce.

Eu me diverti com eles mais tarde. Eles coraram novamente.

Eu não sabia se ela tentava ligar para Joe, Carter ou Kelly. Eu não sabia se eles a sentiam melhor do que eu jamais poderia. Eu disse a ela o que eu sabia, quanto tempo tinha sido, e as respostas vagas que recebi.

Ela assentiu com a cabeça, olhou para longe e disse: — Devemos jantar no domingo.

Então nós fizemos.

Porque era tradição.

Elizabeth estava na cozinha, rindo com uma música tocando baixo no velho rádio. Eu não achei que fosse Dinah Shore. Eu pensei que talvez isso acertasse muito perto de casa agora.

Mark e Tanner estavam na churrasqueira do lado de fora, apesar de estar frio. Rico e Chris estavam arrumando a mesa.

Robbie parecia inseguro enquanto permanecia ao lado da cozinha, perto da porta.

— Ox, — disse Elizabeth. — Você terminou com as cebolas?

Eu disse: — Sim, — e entreguei a tigela. Porque estávamos fingindo que tudo estava bem.

— Obrigada, — ela disse, e sorriu. Era uma sombra do que costumava ser, mas estava lá. Ela era mais forte do que eu lhe dera crédito. Eu não cometeria esse erro novamente.

Ela mexeu nas cebolas e disse: — Robbie, né?

— Um, — Robbie disse. — Sim?

— Você tem certeza? Você não parece certo.

— Sim, — ele disse. — Tenho certeza.

Ele ainda não parecia muito certo.

— Robbie o que?

— Fontaine.

— Fontaine, — ela disse olhando para ele brevemente antes de olhar para o fogão. — Ah. Sua mãe era Beatrice.

— Você conhecia minha mãe? — Ele perguntou, parecendo chocado.

— Nós fomos para a escola juntas. Eu lamentei ouvir falar de sua morte.

Ele deu de ombros desajeitadamente. — Foi há muito tempo.

— Ainda assim. Ela era uma mulher inteligente. Muito gentil. Nós não estávamos tão perto quanto eu gostaria de ter estado. Caminhos diferentes.

— Sim, — ele disse com a voz rouca.

— Você tem uma matilha? — Ela perguntou.

Eu ouvi o peso de suas palavras, mesmo que ele não sentisse.

Robbie deu de ombros novamente. — Às vezes? Nada permanente. Dado o meu trabalho, tenho a tendência de flutuar bastante. Todas as ligações que eu faço são geralmente temporárias.

— Temporário? Isso não pode ser bom.

— É o que é, eu acho. — Ele parecia desconfortável. Nervoso. Eu me lembrava de me sentir assim ao seu redor no começo.

— Mas você está aqui.

— Porque me disseram para estar. — Seus olhos se arregalaram. Suas próximas palavras foram precipitadas. Apressadas. — Não que eu não queira estar aqui ou algo assim.

— Claro, — ela disse suavemente. — Alguém tem que relatar a Michelle sobre todos os nossos movimentos.

Ele corou furiosamente. — Nem *todos os* movimentos.

— Oh?

— Eu não relatei sobre isso. Você sabe.

— Sobre?

— Como... Você estando de volta.

— Por quê?

Ele olhou para mim por algum motivo, em vez de respondê-la imediatamente, os olhos passando pelo meu rosto. Elizabeth pegou e riu baixinho.

— Simplesmente não parecia certo, — ele finalmente disse, olhando para ela.

— Interessante, — ela disse. — Seja um querido e pegue o vinagre da despensa?

Eu assisti quando ele foi convidado para ter o seu espaço. Ele parecia tão surpreso quanto eu. Mas ele se moveu rapidamente e sem hesitação.

— Ele se encaixa, — ela disse enquanto eu arqueava uma sobrancelha para ela.

— Ele?

— Você não sente isso?

— Eu não sei. — Porque eu não sabia mais o que sentia.

— Que criatura estranha você é, Ox, — ela disse. — Eu sempre pensei assim. É uma coisa tão maravilhosa.

Eu desviei o olhar.



NÓS deixamos o assento de Thomas na cabeceira da mesa vazio.

Porque agora era de Joe.

Eu me mudei para tomar o meu lugar, mas Mark balançou a cabeça e apontou para onde Elizabeth geralmente se sentava no final oposto ao Alfa.

Elizabeth nem tentou se sentar lá, indo para o meu antigo assento enquanto falava suavemente com Rico. Não houve hesitação. Ela nem olhou para mim.

Eu não entendia o que estava acontecendo, não completamente.

Claro, eu tinha a *ideia* básica disso.

Eu era o companheiro do Alfa.

Eu tinha um lugar na matilha, uma posição mais alta do que antes.

Mas eu não era um lobo.

Nós ainda não tínhamos acasalado.

E Joe não estava aqui.

A comida foi servida.

Todos esperaram. Então eu também.

Até que perceber que eles estavam esperando por mim.

Eu olhei para cada um deles por sua vez.

Eles seguraram meu olhar firmemente.

Eu sabia que deveria dizer isso. Mas eu nunca fui muito bom com palavras.

Eu precisava tentar, no entanto. Por eles. Porque eles precisavam disso. E acho que também.

Eu disse: — Estamos juntos e em matilha. É hora de começarmos a agir como uma novamente.

E mesmo que não estivéssemos inteiros (e o pensamento de que jamais seríamos era uma esperança que eu não ousaria acreditar, ainda não), e mesmo que a ausência daqueles que amamos pulsassem como um dente podre, eu dei a primeira mordida.

O resto seguiu o exemplo.

Não foi até mais tarde que percebi o que nunca tinha acontecido antes. Que, mesmo quando Thomas não estava presente no jantar, nunca esperávamos que Elizabeth comesse antes de nós. Apenas um Alfa.



NO FINAL do primeiro ano, recebi uma mensagem no meio da noite.

Eu não a vi até de manhã.

Desculpe-me, dizia.

Eu não entendi.

Sobre o que?

Uma resposta veio quase imediatamente.

Entrega de mensagem com falha. O número que você está tentando acessar foi desconectado ou não está mais em serviço.

Um arrepio frio subiu pela minha espinha.

Eu liguei para o número.

Tocou uma vez.

Uma mensagem automatizada.

Desconectado.

Não está mais em serviço.

Tudo bem, eu disse a mim mesmo. Tudo bem porque eram descartáveis. Os telefones. Eles iriam adquirir um novo. Joe havia se esquecido de me dar o novo número. Como ele sempre fazia.

Eu apenas teria que esperar.

Eu coloquei meu telefone no chão, puxei o edredom de Joe para o meu peito. Não cheirava mais como ele. Como nada em seu quarto. Não mais.

Mas tudo bem.

Porque eu só tinha que esperar.

O segundo ano / canção de guerra

FOI no meio do segundo ano que os Ômegas chegaram.
Eles não estavam preparados para nós.



KM

Jessie disse: — Ei, Ox.

Nós estávamos na oficina. Tanner, Chris, Rico e eu. Robbie também estava lá, tendo decidido que estava entediado o suficiente para querer aprender. Estava indo devagar porque ele era absolutamente *terrível* quando se tratava de carros, tanto que eu mal confiava nele para fazer uma troca de óleo sozinho.

Mas ele tentou.

Eu aprendi muito sobre ele. Ele era um ano mais novo do que eu. Sua mãe foi morta em uma guerra entre matilhas rivais quando ele era apenas uma criança. Seu pai morava em Detroit, um humano que ele só via de vez em quando, já que não queria nada com a vida da matilha após a morte de sua esposa. Mas eles eram duas pessoas separadas, e seus caminhos não tinham motivo real para se atravessar. Isso o entristecia, às vezes, mas ele não queria fazer nada sobre isso. Ele não tinha um companheiro. Ele teve um namorado

uma vez, muito tempo atrás, e uma namorada depois, mas ele não estava focado nisso. Ele tinha um trabalho a fazer.

Ele me confundia. Não era uma coisa boa.

— Por que você ainda está aqui? — Eu perguntei a ele.

Ele apenas deu de ombros e desviou o olhar. — Me pediram para ficar.

Eu não acreditava nele. Não mais. Não quando eu o ouvia ao telefone, conversando com aquelas pessoas sem rosto, dizendo que ele não queria ser substituído, que ele estava *bem* aqui conosco, que ele *queria* ficar. Nada aconteceu nada desde que ele chegou aqui e ele queria ter certeza de que permanecesse assim.

Ele fez soar como se fosse apenas um trabalho quando ele conversava conosco.

Ele estava mentindo, mas eu achava que não era uma coisa ruim.

Ainda assim, havia tanta coisa que uma pessoa poderia fazer para nos proteger antes que o tédio se instalasse.

Então ele veio para a oficina.

Ele não precisava ser pago, já que ele já estava ganhando uma quantia desconhecida só por estar em Green Creek.

Nós apenas nos certificamos de mantê-lo fora dos livros.

Foi bom, no entanto. Ter alguém para conversar.

Eu podia sentir isso se construindo, assim como aconteceu com Tanner, Chris e Rico. A necessidade de ligá-lo a nós. Para fazer

dele parte de quem nós éramos. Isso não aconteceu imediatamente, porque ele veio junto com uma forte raiva em um momento em que a confiança não era dada com muita facilidade. Eu conhecia os caras da loja há anos. Eles eram meus amigos.

Ele não.

Não a princípio.

Mas ele estava se tornando... *Alguma coisa.*

Eu sabia que todos nós sentíamos isso. Mas nós nunca conversamos sobre isso.

KM

Então ele também estava lá, quando Jessie chegou. Ela não pareceu surpresa quando me viu. Eu não a via há muito tempo desde o funeral, quando a mão dela estava na minha. Nós nos víamos de passagem, talvez no trânsito ou na mercearia, mas eu raramente estava sozinho, sempre como alguém da matilha comigo.

Não havia tempo para ela.

Não que tenha havido antes também.

Foi uma das razões pelas quais acabamos do jeito que tínhamos.

Mas mesmo que não fosse isso, teria sido Joe. Eventualmente, tudo teria levado a Joe. Eu estava agradecido, na maior parte, que nos separamos. Isso facilitou as coisas.

Então, quando ela disse: — Ei, Ox, — eu fui capaz de sorrir para ela. Lembrei-me da pequena agitação no meu coração e estômago que eu costumava ter com a visão dela, especialmente



Kardia Mou | Wolfsong

no dia em que ela entrou na oficina pela primeira vez, sua mãe havia morrido, e ela seguiu seu irmão para uma cidade pequena no meio de lugar algum. Parecia que isso pertencia à vida de outra pessoa.

— Ei, Jessie, — eu disse, e ela se aproximou, sem realmente se importar que minhas mãos estivessem sujas quando ela me puxou para um abraço.

Eu ignorei o rugido de aviso que veio de trás de mim. Eu percebi que era muito baixo para Jessie ouvir, mas mesmo se ela tivesse, ela não teria entendido o rosnado territorial de um lobo. Robbie não conhecia Jess, e Robbie estava mais perto de nós do que antes. Não muito bem, mas não achava que levaria muito mais tempo. Se ele quisesse. Se todos nós quiséssemos.

— É bom ver você, — disse ela, recuando.

Para facilitar as coisas, me afastei. Lembrei-me de como Carter, Kelly e Joe haviam agido com a familiaridade dela. Eu não queria que houvesse problemas.

Olhei por cima do ombro e olhei fixamente para Robbie, que teve a decência de parecer envergonhado - e confuso, como se não soubesse por que ele rosnou em primeiro lugar.

— Você também, — eu disse quando voltei para Jessie. — O que te traz?

— Almoço com Chris, — ela disse segurando uma sacola de comida rápida. — Pensei em passar por aqui. Não tenho estado aqui há um tempo. O lugar parece bem.

— Obrigado, — eu disse. — Chris está ao telefone no escritório. Ele sairá daqui a pouco. Rico e Tanner estão pegando algumas peças.

Ela assentiu, olhando por cima do meu ombro. — Acho que não nos conhecemos, — ela disse a Robbie. — Eu sou Jessie. A irmã de Chris.

— Oi, — disse Robbie. E foi isso.

Eu quase revirei os olhos. Porra de lobisomens.

— Oi, — disse Jessie, nem mesmo se preocupando em esconder seu sorriso. Ela olhou de volta para mim. — Ele vai se encaixar bem aqui.

Eu não sabia se isso era um insulto ou não, então apenas assenti.

— Como você tem estado? — Ela perguntou.

Dei de ombros. — Tudo bem. — Eu sabia o que ela estava realmente perguntando, a parte que ela estava deixando de lado, o que você tem feito *desde que sua mãe morreu*. Isso estava bem, no entanto. Ela não estava com pena de mim. E eu não queria que ela tivesse.

Algo em seus olhos se suavizou. — Isso é bom, — ela disse. — Eu sei que foi... Repentino.

Houve um surto de dor no meu peito, uma coisa negra inchada com o quão *repentino* foi. Estava escuro e oleoso, com pequenos pensamentos de *que foi culpa dos lobisomens e se eles me*

dissessem o que estava acontecendo, eu poderia tê-la salvado, mas eles mantiveram segredos de mim como se fosse nada e veja como tudo aconteceu. Esses eram os pensamentos que eu tinha às vezes quando estava sozinho na cama, incapaz de dormir, o relógio passando às três da manhã.

Ela não sabia disso, no entanto. Caso contrário, ela não teria seguido com — E como está o Joe? Eu sei que ele foi para uma escola particular em seu último ano. Ele tem que estar se preparando para a faculdade, certo?

KM

Essa foi à capa que tínhamos dado. O pesar pela morte de seu pai fora demais para ele ficar em Green Creek. Ele queria sair. Então ele voltou para o Maine. Carter e Kelly saíram do estado, vagamente para o leste. Ninguém parecia questionar nada sobre Gordo. Na verdade não.

Na realidade, não sabíamos onde eles estavam. Ninguém tinha ouvido falar de nenhum deles desde que eles aparentemente cortaram toda a comunicação. Carter, Kelly e Gordo também abandonaram seus telefones.

Robbie não conversava com ninguém na cidade. Ninguém os viu. Ninguém tinha ouvido falar deles.

Elizabeth disse que todas as coisas aconteceram por um motivo. Que precisávamos confiar que eles sabiam o que estavam fazendo.

Mark estava quieto sobre o assunto.

Eu achava que era besteira. Eu nunca senti raiva de Joe antes, não realmente, não algo que pudesse plantar raízes em minha pele e ossos e crescer em outra coisa. Mas isso estava acontecendo agora. Achava que esse crescimento fosse venenoso, porque havia momentos em que eu dizia a mim mesmo que ele nos abandonara e que ele só pensava em si mesmo e em seu desejo egoísta de vingança. Que era injusto para mim, com seus irmãos, com o resto de sua matilha. Que ele estava se colocando em perigo por *nada*. E aparentemente nós éramos uma distração para manter contato.

KM

Foi o que eu dizia a mim mesmo.

Verdade ou não, não achei que importava.

— Sim, — eu disse. — Faculdade, e tudo isso. — Quase soou crível.

Ela olhou para mim. — Vocês ainda...

Dei de ombros. Eu não sabia como responder isso. Ainda estávamos... O *quê*?

Esses eram os outros pequenos pensamentos que tive. Os que me diziam que eu não era nada para ele. Que não basta *deixar-nos*, ele me deixou. Que outras coisas importavam mais do que eu. Que ele era apenas uma criança e não sabia o que queria.

Claro, meu pai estava errado a maior parte do tempo, mas ele disse que eu ia receber merda.

E Joe estava me dando merda.

— Huh, — disse Jessie. — Eu sempre achei que era um negócio firme.

— As coisas mudam, — eu disse, forçando um sorriso. — Vamos ver o que acontece quando ele voltar.

Se ele voltar, aquela vozinha dizia.

Ela estendeu a mão e pegou a minha mão na dela, apertando meus dedos suavemente. — Ele vai voltar, — ela disse, como se ela soubesse o que eu estava pensando. E talvez ela soubesse. Houve um tempo em que nos conhecíamos bem. — Você sabe disso, Ox.

KM

Robbie resmungou de novo, como um motor tentando pegar.

— Sim, — eu disse. Porque era mais fácil concordar do que discutir com ela sobre coisas que ela não entendia.

— Devemos nos reunir em algum momento, — ela disse. — Se você estiver livre.

— Eu acho que eu posso-

— Nós temos essa coisa, Ox, — disse Robbie.

— Que coisa? — Eu perguntei, tentando encontrar minha última paciência.

— Essa coisa, — ele insistiu. — Isso vai ocupar muito do seu tempo.

— Eu não sei o que você está-

— Você não estará livre. Por um tempo.

— Ele é um Bennett? — Jessie perguntou, parecendo divertida. — Porque ele soa como um Bennett.

— Ele é um Fontaine, — eu disse com uma carranca. Eu não entendia o que ela queria dizer.

— Claro, — ela disse. — De qualquer forma, ligue se tiver um momento livre. O número do telefone é o mesmo.

Eu balancei a cabeça e ela se virou para o escritório, onde Chris estava desligando o telefone.

Eu me virei para o Robbie. — O que é que foi isso?

— Nada, — disse Robbie. — Quero dizer, eu não sei do que você está falando.

— Robbie.

— Ox. Vamos terminar essa troca de óleo.

— Nós estávamos consertando o alternador.

— Huh. — Ele olhou para o carro. — Isso faz mais sentido do que eu pensava.

— Ela é uma amiga.

Ele franziu o cenho. — Você não ouviu o batimento cardíaco dela. Ou a *cheirou*.

— Oh deus, eu odeio lobisomens, — eu murmurei.

— Ela fedia em excitação.

— Você não deveria sair por aí *cheirando* as pessoas.

— Eu não posso evitar! Diga a *ela* para não sair por aí cheirando como se quisesse pular no seu pau!

— Quem quer pular em paus? — Rico perguntou quando ele e Tanner se aproximaram.

— Ninguém, — eu disse rapidamente.

— Essa menina, — disse Robbie. — Jessie.

Silêncio.

— Essa é a ex-namorada do Ox, — disse Tanner.

— Do colegial, — Rico acrescentou solícito. — Porque esses são os relacionamentos que duram para sempre.

Robbie pareceu ligeiramente horrorizado. — Você *namorou* com ela?

Eu coloquei meu rosto em minhas mãos.

— Mas você está acasalado com o *Alfa*!

Isso me parou de frio. Eu deixei cair minhas mãos. Eu olhei para Robbie e disse: — Eu não estou acasalado com *ninguém*. Se eu estivesse, você pode ter certeza de que ele estaria aqui e...

Os outros me encararam enquanto eu me desligava. Este não era o momento para isso. Agora não. Talvez nunca.

— Ox, — disse Rico gentilmente, como se estivesse se aproximando de um animal encurralado. — Você sabe que ele-

Então eu disse: — Não.

Ele não fez isso.

Murmurei alguma coisa antes de ir almoçar e deixei-os ali de pé.



CHEGARAM quatro dias depois.

Durante esses quatro dias, fiquei ainda mais puto. Eu estava com *problemas*, e não conseguia pensar em uma única maneira de me livrar deles.

Porque os lobisomens eram o meu problema.

Matilhas era o meu problema.

Talvez eu só quisesse uma vida normal, longe de tudo o que não deveria existir.

Talvez eu quisesse deixar tudo isso para trás e encontrar um lugar onde os lobos não soubessem o meu nome.

Thomas me disse uma vez que quanto mais tempo um humano estivesse em uma matilha, mais forte o cheiro de matilha seria até que ele fosse parte dela, enraizada em tudo o que eles eram.

Qualquer lobo saberia que eu pertencia aos outros, não importaria o quanto eu esfregasse minha pele.

E isso me irritou.

Eu fiquei longe dos outros o máximo que pude. Eu trabalhava até mais tarde, não deixando a oficina até bem depois da meia-noite. Os caras tentaram me empurrar, mas eu batia neles para me deixar em paz.

Mark e Elizabeth não empurraram.

Eu não queria que eles o fizessem, mas eu estava confuso sobre o porquê eu achava que eles deveriam.

Eu deveria ter sabido que Elizabeth esperaria até que ela pensasse que eu estava pronto. Às vezes, eu achava que ela me conhecia melhor do que eu mesmo.

Esfreguei minha mão sobre o rosto enquanto descia a estrada de terra em direção a casa no final da rua. Provavelmente era uma tolice minha estar sozinho na calada da noite, mas eu tinha fé nas proteções de Gordo, mesmo que estivesse perdendo a fé no próprio homem.

Eu estava cansado. De muitas coisas.

KM

Senti Elizabeth antes de realmente vê-la ou ouvi-la. Eu não achei que isso acontecesse com a maioria dos humanos em matilhas de lobos, mas eu não conhecia ninguém para perguntar. E o pensamento de fazer perguntas nos dias de hoje era exaustivo. Especialmente em cima de tudo mais.

Eu disse: — Eu sei que você está aí, — e esperava que ela saísse das árvores como um lobo.

Em vez disso, ela disse: — Claro que você sabe. Eu não teria pensado nada menos.

Ela se saiu das sombras, movendo-se com uma graça inumana. Ela usava um moletom solto e uma camiseta velha de Thomas, as mangas caindo sobre as mãos. Seus olhos brilharam brevemente no escuro, aqueles olhos Halloween laranja que me lembrava o seu filho. Havia uma dor no meu peito ao pensar nele.

E ela sabia. Porque isso é apenas algo que ela poderia fazer.

Ela disse: — Ah. Eu sabia que era você.

— Eu gostaria que você não fizesse isso, — eu resmunguei.

Ela riu baixinho. — Eu não posso. É quem eu sou.

— Espreitando na floresta no meio da noite é quem você é?

— Eu não *espreito*. — Ela parecia moderadamente ofendida.

— Você meio que faz, — eu disse. — É parte de toda a sua...

Coisa.

— Eu gosto de você, — ela disse seriamente. — Muito.

Eu não conseguia parar o sorriso no meu rosto, mesmo se
tentasse. — Eu sei. Eu também gosto de você.

Comecei a andar em direção a casa no final da rua.

Ela ficou ao meu lado.

— Você tem nos evitado, — ela disse.

— Eu tenho estado ocupado, — eu disse.

— Ah, — ela disse. — Na oficina.

— Sim.

— Deve ter sido grande.

— O que?

— O fluxo de pessoas vindo para Green Creek que todos
precisavam de seus carros consertados ao mesmo tempo.

Eu olhei para ela.

Ela sorriu serenamente de volta para mim.

— Dezenas deles, — eu disse.

— Você está chateado.

Parei de andar e mantive minhas mãos ao meu lado.

— Não há problema em ficar chateado, — ela disse.

— Eu não estou *chateado*, — eu rosnei para ela.

— Claro que não, — disse ela. — Você só está evitando sua matilha, e quando você nos evita, é como se você nos desprezasse. Não chateado em tudo.

— Eu não *desprezo* ninguém, — eu disse.

— Isso certamente não pode ser verdade. Há muitas pessoas por aí para se desprezar.

— Elizabeth-

— Nós não culpamos você.

Eu pisquei. — Por *quê*?

— Nos culpamos.

Eu dei um passo para trás. — Eu não-

— Tudo bem se você nos culpar. Eu não sei o que eu faria se estivesse em sua posição. É certamente um lugar adequado para colocar suas queixas.

Eu abaixei minha cabeça.

— Afinal, — ela continuou, — se você nunca tivesse ouvido falar de lobos, nada disso teria acontecido. Se não tivéssemos voltado a Green Creek, você nunca nos teria e sua mãe estaria dormindo em sua cama. Ou melhor, posso apenas esperar que ela tenha, porque você nunca pode realmente saber o que pode acontecer. A vida pode ser engraçada assim.

— Por que você está me dizendo isso? — Perguntei.

— Porque alguém precisa, — ela disse. — E mesmo que Joe não esteja aqui, eu preciso ser a única a fazê-lo.

Minha raiva explodiu, e foi uma coisa brilhante e ardente. Ela sentiu isso, e seus olhos se arregalaram com o leve significado de alguma coisa.

Ela disse: — Ele não queria deixar você, Ox.

Eu ri amargamente. — Mesmo. Porque ele com certeza saiu muito rápido para alguém que não queria sair.

— Ele não fez-

— Não me diga que ele não tinha uma *escolha*, — eu briguei com ela. — Porque ele *tinha*. Ele poderia ter nos *escolhido*. Ele poderia ter *escolhido*... — Eu não queria terminar esse pensamento, porque isso teria tornado tudo mais real.

Mas Elizabeth sabia. — Ele *o escolheu*, Ox, — ela disse, ignorando a raiva na minha voz. — Ou você esqueceu? Ele deu seu lobo para você. Só você. Sempre foi você.

— Muito bem, e agora? Só Deus sabe onde ele, Carter e Kelly estão. Com o *Gordo*. Porra, nem sabemos se ele está *vivo*. Se algum deles ainda está.

— Eles estão.

Eu olhei para ela. — Você sabe.

— Sim.

— Por que...

— Porque eu sou mãe. E eu sou um lobo. Eu saberia se eles fossem embora, como eu soube quando aconteceu com Thomas.

Minha garganta estava seca. — Eu não posso senti-los. Não como antes.

Ela estendeu a mão e roçou os dedos ao longo do meu braço. Eu não sabia se queria que ela me tocasse ou não, mas ela afastou a mão antes que eu pudesse dar um passo para trás. — Eu não espero que você possa, — disse ela. — Você não é um lobo. Mesmo você é mais do que costumava ser, você não é o mesmo.

— Você falou com ele? — Meu coração bateu no meu peito.

— Não, — ela disse tristemente. — Eu não tenho. Com qualquer um deles. Se eu tivesse, você saberia. Ox, eu não entendo por que ele fez o que fez, mesmo que eu não concorde com isso. É uma coisa terrível perder um pai. Como você bem sabe. E não pretendo minimizar nada seu, mas Joe perdeu o pai. *E* o seu Alfa. E então teve que assumir o papel que ele estaria se preparando para bem mais tarde.

— Não é sobre o que é certo, — eu disse a ela. — É sobre vingança. Você tentou detê-lo?

Parecia como se eu tivesse batido nela e essa fosse a única resposta que eu precisava.

— Olha-



Kardia Mou | Wolfsong

— O que você teria feito? — Ela perguntou. — Se você tivesse a chance de fazer as coisas certas e se fosse ignorar apenas para descobrir que a sua inação causou a dor de outros.

Elas não parecia estar me julgando, apenas curiosa. — Eu teria colocado a matilha em primeiro lugar, — eu disse a ela honestamente. — Mesmo que eu estivesse com raiva, e mesmo que eu não quisesse mais nada além de ver Richard Collins morto, eu teria mantido a matilha unida. Para mantê-la segura. Para mantê-la inteira. E uma vez que estivéssemos todos de volta ao chão, teríamos tomado uma decisão. Juntos. Foi o que Thomas me ensinou. Ele disse que acima de tudo, a matilha vinha em primeiro lugar.

Ela deu um pequeno sorriso vacilante. — Ele amava você, — disse ela. — Thomas o amava. Muito. Como o resto de nós. Joe, acima de todos os outros. Não sei se você entende isso, Oxnard, mas precisamos de você. Mais do que você poderia imaginar.

Meus olhos queimavam e eu não queria nada mais do que desejar que suas palavras fossem verdadeiras. — Mas, e o que *eu* preciso? — Perguntei a ela.

— Você precisa de nós tanto quanto nós precisamos de você.

— Eu preciso dele.

— Eu sei.

— Eles precisam voltar.

— Eu sei.

— Voltarão?

Ela tocou meu braço brevemente. — Quando eles puderem.
Não era bom o suficiente, mas eu sabia que era tudo o que ela
podia dar.

Ela disse: — Vamos-
Meu telefone tocou.

Foi chocantemente alto na floresta tranquila.

— Desculpe, — eu murmurei. E por um breve momento, meu
coração tropeçou em si mesmo porque eu *sabia quem* era. *Joe*. E ele
disse que *sentia muito*, que nunca pretendia partir por tanto tempo,
que ele voltaria para casa, que nunca mais sairia do meu lado e tudo
ficaria *bem*.

Eu me atrapalhei com o telefone. A tela brilhava no escuro,
borrando meus olhos, e eu não pude *ver*, eu não conseguia.

— Olá, — eu falei. — Joe, é-

— Ox? — Uma voz chorosa disse. — Ox. Eles me
machucaram. Ox.

Não era Joe.

— Jessie? — Eu perguntei confuso e irritado e machucado
tudo ao mesmo tempo. Porque não era Joe, não era Joe, *que não era*
Joe-

— Ox — ela disse. Ela estava chorando. — Os *olhos* deles. Eles
estão *brilhando*...

— Onde você está? — Eu mordi a língua, apertando a mão no
telefone.

E então ela gritou.

— *Jessie!*

O grito morreu.

Outra voz veio pelo telefone.

Dizia: — Olá, Ox. — Parecia que falava com a boca cheia de dentes muito afiados.

— Quem é? — Eu rosnei no telefone.

— Eu encontrei uma amiga sua. Ela cheirava como você. Um pouco. Talvez como uma lembrança de muito tempo atrás. Tentando viajar de volta para dentro de suas pequenas... Proteções.

— Eu juro por deus, eu vou te matar se você tocar um fio de cabelo na cabeça dela.

— Oh não, — a voz rosnou. — Eu suponho que você terá que me matar, então. Por causa do sangue dela. Tem um gosto tão bom.

— O que você quer?

— Melhor. E agradeço a você. É simples, na verdade. Eu quero você, Ox. E o resto da sua matilha. Ele ficará tão... Satisfeito. Comigo. Ele vai me *amar*... Por pegar tudo o que ele não podia.

— Você não sabe quem é-

— Ox, — o lobo rosnou, porque não poderia ter sido nada como um lobo. Eu estava por perto o tempo suficiente para

reconhecer os sons que eles faziam. A raiva que eles poderiam ter. — Eu acho que você não está *ouvindo*.

Jessie gritou novamente, sua voz falhando no meio, brilhante e tremendo de dor. — Não, — eu implorei ao celular. Porque isso era minha culpa. Ele estava fazendo isso com ela por *minha* causa. — Não a machuque. O que você quer?

— Venha para mim, — disse o lobo. — Para fora dessas... Coisas *complicadas*. Essas *queimaduras*. Essas malditas *proteções*. Saia delas. E vamos ver... O que vamos fazer.

— Onde? — Eu disse com os dentes cerrados.

— A Ponte. Disseram-me que há apenas uma. Você tem vinte minutos, Oxnard. Eu tenho medo que eu realmente deva insistir nisso. Vinte minutos ou o sangue dela estará em *suas* mãos.

O lobo desligou.

Minhas mãos estavam doloridas quando elas caíram ao meu lado.

— Você ouviu? — Eu perguntei.

— Tudo, — ela disse com os olhos brilhando laranja no escuro.

— Eles não sabem.

— Não. Eles acham que estamos fraturados.

— Bom, — eu rosnei. — Porque eles estão fodidos.

Ela meio que mudou, com as garras estourando e as presas descendo. Seu pelo ondulava ao longo de suas bochechas e sobrancelhas.

E pela primeira vez desde que ela uivou uma canção de luto com a morte de seu Alfa, Elizabeth Bennett inclinou a cabeça para trás e *cantou*.

Só que desta vez, foi uma canção de guerra.



NÓS *estávamos* fraturados.

Alguns foram embora. Nossa matilha não estava completa. Isso era verdade.

Mas nós compensamos isso. Nós preenchemos esses espaços com coisas temporárias para nos manter juntos enquanto ainda podíamos.

— Qual é o sentido de tudo isso? — Rico perguntou, com o suor escorrendo pelo rosto.

Eu me lembrava do que Thomas me dissera. Sobre a matilha. E de proteger o território. — É apenas no caso, — eu disse a Rico. Tanner e Chris estavam ao alcance da voz, arquejando em pequenas explosões de ar. Mark estava meio deslocado. Elizabeth era loba completa. Seus olhos brilharam para mim.

— Em caso de quê?

— Qualquer coisa. Vamos treinar novamente.

E eles fizeram. Novamente.

E de novo.

E de novo.



ERA uma esquisitice, onde o lobo queria que nos encontrássemos. Uma ponte de madeira velha coberta de musgo. Deveria ser estranho, embora a ponte estivesse descascando e a madeira estivesse rachada. As pessoas da cidade apareciam no outono para tirar fotos enquanto as folhas mudavam de cor ao redor delas. Estendia-se sobre um leito de riacho que escorria com a água fria do alto das montanhas.

Significava, entretanto, que estava fora do caminho, para que ninguém da cidade se machucasse.

Nós não nos incomodamos com um carro. Mark nos encontrou nas árvores, já mudado, os olhos brilhantes no escuro, a cauda se contorcendo. Elizabeth se despiu enquanto Tanner ligava, depois de ouvir sua música. — Isso é real? — Ele perguntou.

— Sim, — eu disse com os dentes cerrados. — Eles têm Jessie.

— Porra. Chris, ele vai...

— Vamos pegá-los. Vou até a oficina. Eu direi a ele.

— Ox-

— Movam-se, — eu retruquei. — *Agora.*

Ele grunhiu e desconectou.

Voltei para os outros.

Robbie também estava lá agora, um lobo cinzento com listras negras no rosto. Ele era menor que Mark e Elizabeth, e mais magro, mas seus dentes eram afiados e suas patas eram grandes. Aquele fio fino que de alguma forma se estendia entre nós, pulsava suavemente, e eu *podia* sentir a *matilha* circulando ao longo de cada pequena onda. Nós não reconhecíamos isso, nenhum de nós tinha, porque a traição era profunda. Ele não era Osmond, mas ainda fazia parte de onde Osmond tinha vindo.

Mas Robbie esteve aqui. Ele treinou conosco. Ele comeu conosco na nossa mesa. Eu acho que não levaria muito mais tempo antes que qualquer obstáculo entre nós caísse.

Eu me perguntei se Joe poderia senti-los.

Eu me perguntei se ele se importava.

Eles me seguiram através das árvores, correndo no escuro ao meu lado. Eu não precisava olhar para onde eu estava indo. Eu conhecia este lugar, essa floresta. Eu conhecia cada centímetro dela. Thomas me ensinou isso. Ele me mostrou que um território era uma casa e esta era a minha casa. Eu sabia onde pular. Onde se abaixar. Eu não pensava em *como* ou *por quê*. Era apenas assim.

Nós fomos cuidadosos quando chegamos a Green Creek, mantendo-nos nas sombras. Era tarde, muito tarde, e as ruas

estavam vazias, mas já havia rumores de lobos na floresta, e não precisávamos de ninguém na cidade para pensar que eles tinham andado pelas ruas.

A oficina estava escura, mas eu podia senti-los na parte de trás.

Suas vozes pararam quando viramos a esquina. Eles olhavam para mim enquanto os lobos iam e se esfregavam contra eles.

Tanner me jogou meu pé-de-cabra, tomando cuidado para não deixar que ele tocasse Robbie, que tinha pressionado seu lado contra a perna de Tanner.

Eu o peguei quando Chris disse: — Nós ouvimos. O uivo foi como...

— Na sua cabeça?

Todos assentiram, parecendo aliviados.

— Você se acostuma com isso, — eu disse. — Na maioria das vezes.

— O que aconteceu? — Rico perguntou.

— Chris, — eu disse. — Eu preciso que você me escute.

Ele franziu a testa. — O que aconteceu?

— Ômegas, — eu disse. — Fora da cidade.

— Eles não podem entrar certo? — Rico perguntou. — Por que estamos...

— Eles têm Jessie, — eu disse, sem tirar os olhos de Chris.

Ele empalideceu. — O quê? — Ele sussurrou.

— Eles a fizeram ligar para mim.

Ele deu um passo à frente, duro e irradiando raiva. — Ela está viva? — Ele exigiu.

— Sim. — Eu achava que ela ainda estaria. Eles precisavam de alguma garantia. Nós tínhamos nove minutos. Talvez dez. — Eu ouvi a voz dela.

— O que ela disse?

Ela gritou, mas eu não precisava que ele soubesse disso. — Que eles a tinham, e que seus olhos estavam brilhando.

— Foda-se, — Rico murmurou.

— Eles a levaram, — Chris disse para mim.

— Sim.

— E nós vamos pegá-la de volta.

— *Sim.*

— Ox, — ele disse, e eu coloquei minhas mãos em seus ombros, pressionando minha testa na dele. — Ela é tudo o que tenho. Ela não é... Ela é minha irmã, Ox. Eles não podem *fazer* isso com ela.

— Vamos pegá-la, — eu prometi a ele. — Nós a traremos de volta e eles vão se arrepender do dia em que a levaram de nós.

Ele exalou pesadamente e seus ombros tremeram sob minhas mãos. Mas eu podia *sentir* o momento em que ele o afastou, o modo como ele ficou tenso e endurecido. O jeito que seus olhos ficaram escuros. A maneira como ele mostrou os dentes.

— Eles pensam, — eu disse, levantando a minha voz para que os outros pudessem ouvir — que não somos nada. Que eles podem vir aqui e *pegar* o que quiserem. Que estamos *quebrados*.

Os lobos rosnaram e rangeram os dentes.

— Vamos mostrar a eles como estão errados.

E talvez, apenas talvez, pelo mais breve dos momentos, eu pudesse entender Joe e as escolhas que ele fez.



SENTI as proteções de Gordo antes de qualquer outra coisa. Eles paravam a dez metros antes da ponte coberta. Nós não estávamos presos. Nós poderíamos deixar Green Creek a qualquer hora que quiséssemos. Isso não era sobre nos manter dentro; era sobre manter todos os outros do lado de fora que pretendia machucar a matilha. E se alguma coisa fosse forte o suficiente para entrar, supostamente saberíamos. Gordo havia dito que não achava que alguém pudesse passar pelas *alas*, nem mesmo seu pai, mas eles estavam misturados aos laços do bando, uma espécie de sistema de alarme.

Elas cantarolaram logo abaixo da minha pele quanto mais nos aproximamos. Parecia que eu estava quente e vibrando, e sussurrava pequenas canções à sua própria maneira. A magia de Gordo estava

ligada a nós, talvez mais para Joe, mas eles foram embora e as proteções permaneceram. Eu poupei um pensamento para ele, depois o afastei. Eu não queria memórias. Agora não.

Ele os estendera ao redor de Green Creek, no meio da floresta. Elas não cobriam a totalidade do território pertencente aos Bennetts, mas o suficiente para estarmos seguros.

Havia lobos em frente à ponte do lado de fora das *alas*.

Eu me aproximei primeiro, os outros fora de vista. Eu sabia que as proteções estavam mexendo com os sentidos dos Ômegas, então não parecia provável que eles soubessem quantos outros estavam comigo. Talvez eles fossem até estúpidos o bastante para pensar que eu viria sozinho.

Olhos violetas me observavam. Eu contei dez pares acompanhando cada passo meu.

Eu não vi Jessie. Eu esqueci, brevemente, que eu não podia senti-la como os outros. Eu me lembrei daquele dia no meu quarto quando ela e eu terminamos e eu tentei fazer o mesmo. Ela não era matilha. Eu não podia senti-la assim.

Eu parei logo atrás das *alas*. Em algum lugar à minha direita, Gordo queimou uma *runa* em uma das árvores. A linha invisível diante de mim vibrou. Eu respirei fundo. Fedia a ozônio.

— Você veio sozinho, humano? — Uma voz familiar grunhiu na frente da ponte.

O lobo do telefone.

Eu disse: — Qual é o seu nome? — Eu só conseguia ver seus olhos de Ômega.

Ele disse: — Onde estão os outros? Os restos do que vocês já foram uma vez.

— Eu lhe fiz uma pergunta.

Os Ômegas ao redor dele riram enquanto ele se estendia para frente. Ele ainda estava escondido pelas sombras, mas eu me acostumei com a escuridão.

O lobo não parecia muito mais velho do que eu. Sua barba estava irregular, o cabelo puxado para trás e amarrado com uma correia de couro. Suas presas caíram e havia covinhas na pele do lábio inferior. Eu pensei que talvez ele estivesse sorrindo.

— Você, — ele disse com a voz cheia de cascalho, — me fez uma pergunta.

Os lobos riram novamente.

— Seu nome, — eu disse.

— Humanos não *perguntam* nada, — ele rosnou. — Você é a *escória* embaixo dos nossos pés. O Rei caído zombou da matilha de lobos. E olha onde isso o levou. Cheio de buracos, seu sangue derramado em seu próprio chão.

Fácil, eu disse a mim mesmo. *Fácil*.

Porque havia uma chance muito real que eu estava prestes a me lançar para ele, não dando a mínima para quantos deles havia.

Ele está te incitando, sussurrou Thomas. Ele não entende o que você se tornou.

Eu também não entendia. Eu não sabia o que era. Não mais.

Eu achava que a maioria dos humanos não se sentisse como eu, mesmo que eles pertencessem a uma matilha.

Thomas dissera que eu não precisava ser um lobo. Que eu não *precisava* ser mais do que eu já era. Ele não estava querendo isso para mim. Ele me ofereceu um presente não porque ele queria que eu mudasse, mas porque ele queria que eu estivesse mais ligado a ele. Aos outros.

Mesmo que às vezes eu ouvisse a voz dele, mesmo que às vezes eu andasse com ele e minha mãe, eles não estavam lá. Estas eram apenas lembranças, pedaços deles que eu tinha guardado e que arranhavam o caminho para fora de mim quando eu menos esperava.

Eu me perguntei se ele sabia. O que eu me tornaria.

Eu nunca cheguei a perguntar a ele.

Mas mesmo naquela época. Antes. Ele me observava. Eu o pegava de vez em quando me olhando. Como se ele estivesse esperando algo de mim.

Eu disse: — Eu vou perguntar a você. Mais uma vez.

— Humano, — o lobo cuspiu em mim.

Eu levantei o pé de cabra e descansei no meu ombro. O metal raspou contra o meu ouvido. As ligações da matilha estavam

eletrificadas. Mark e Elizabeth. Tanner, Chris e Rico. E Robbie também, seu pulso inquieto se tornando mais como um farol. Ele estava aqui agora. Conosco. Eu acho que Joe ficaria orgulhoso.

Talvez ele até me diga isso um dia.

Se ele alguma vez voltasse.

Se eu alguma vez eu o perdoasse.

Eu disse: Qual. É. O. Seu. Nome?

— Venha aqui, — disse o lobo. — Além das *alas*. — Ele inclinou a cabeça para mim, suas orelhas alongadas cintilando.

— E o que vai acontecer, — eu disse cansado dele. Cansado de tudo isso. — Você vai me dar à garota. Depois que eu ver em que tipo de condição ela está, eu vou tomar uma decisão se você sair daqui vivo ou rastejando. — Inclinei a cabeça, meu olhar permanecendo sobre ele. — Ou o quão profundamente no chão eu vou enterrar você.

Os lobos não riram disso.

Eu vi dois ou três deles darem um passo para trás. Eu pouparia esses. Se eu pudesse.

O lobo na minha frente fez uma pausa. — Você, — ele disse, — é um enigma. Por que você é do jeito que é?

— Por causa do meu pai, — eu disse, pensando em Thomas.

Ele me observou por um momento. Então ele levantou a voz e disse: — Traga a garota.

Não poderia ser assim tão fácil.

Das sombras do interior da ponte, duas figuras emergiram da escuridão. Um vacilava a cada passo que dava. O outro arrastava o primeiro duramente.

Jessie.

Elas estava andando sozinha, mas eu podia ouvir os baixos hálitos de sua respiração. Ela estava mancando, mal colocando qualquer peso em seu pé direito. Seus olhos estavam arregalados e suas bochechas estavam molhadas. Mas sua boca estava em uma linha fina, sua mandíbula ficou tensa. Ela estava com medo, sim, mas ela estava *chateada*. Isso era bom. A raiva era um motivador melhor do que o medo. Também provavelmente significava que os lobos a estavam subestimando. Assim como eles estavam me subestimando. Minha matilha.

Ela me viu e sua voz estava ríspida quando ela disse: — Ox.

— Está tudo bem, — eu disse. — Apenas olhe para mim. Ficará tudo bem.

— Realmente não vai, — disse o lobo quando ele pegou Jessie pelo braço. Ela lutou contra ele, mas seu aperto era de ferro. — Diga-me, Ox. Você acha que seu pequeno pé de cabra faria qualquer coisa para impedir que eu arrancasse sua garganta bem na sua frente? Você acha que poderia me impedir antes que eu pare o coração dela?

— Outro lobo disse algo assim para mim uma vez, — eu disse baixinho. — Antes, Richard Collins. Este lobo segurou minha mãe

quase do jeito exato que você está segurando ela. Eu bati na cabeça dele. Ele morreu muito dolorosamente.

— A história não se repete.

Dei de ombros. — Pode ser.

— Não para sua mãe, — disse o lobo com um sorriso desagradável. — Diga-me, Ox. Você não a salvou da primeira vez, por que a salvaria agora?

Calma, sussurrou Thomas.

— O que você quer? — Eu perguntei, mal contendo minha raiva.

Seus olhos brilharam violetas. — Simples, — ele disse. — Você. Já que o seu Alfa... *Abandonou* todos vocês, ele precisará de incentivo para voltar do esconderijo. Você fornecerá esse incentivo. Nós seremos recompensados. *Ele* nos colocará acima de todos os outros quando dermos você e seu Alfa a ele.

— E se eu não fizer?

— A menina, — ele disse. — Ela vai morrer. O resto desta cidade vai morrer. O que resto do sobrou de sua matilha *vai morrer*.

Eu bufei. — As proteções vão aguentar. Você não pode tocá-los. A matilha. Ou esta cidade.

— Ox, que diabos é isso? — Jessie perguntou, com a voz alta e vacilante.

— Por quanto tempo? — Perguntou o lobo. — Erros serão cometidos. Você só pode ficar por um tempo preso. Eu posso ficar

aqui pra sempre. E sempre que uma pessoa deixar este lugar, eu estarei lá para matá-los. Um por um.

— Você deveria ter me dito o seu nome, — eu disse. — Isso foi tudo o que eu pedi.

Ele estreitou os olhos. — Você não sabe *quem* você é.

— Eu te dei uma opção, — eu disse finalmente mostrando minha raiva. Minha voz se aprofundou e senti *algo* surgindo ao longo dos laços da matilha. — Para deixar isso passar. Ir embora. Ou até mesmo rastejar. Agora, não sei se isso é uma opção.

IrmãoMatilhaAmorFilhoAmigo

Eles estavam lá. Todos eles.

Aqueles que permaneceram.

Porque, independentemente daqueles que estavam faltando, nós *éramos* uma matilha. Nós vivíamos como uma, nós comíamos juntos como uma.

Nós treinávamos como uma.

Desde aquele dia em que Elizabeth havia mudado de volta, as coisas tinham sido diferentes. Desde Tanner e Chris. Desde Rico e Robbie. Eles vieram quando estávamos sozinhos e nos fizeram algo novo. Talvez não estivéssemos inteiros, mas ficamos juntos. Havia dúvidas, sim, principalmente minhas, por causa das coisas que eu não podia deixar ir. A raiva da traição. A perda da minha família. Os pedaços fraturados que Joe e os outros haviam deixado para trás.

Mas nós não estávamos abatidos. Não completamente.

Eu tinha a minha matilha.

E minha matilha me tinha.

— Em um minuto, — eu disse aos Ômegas, — você vai gritar. Provavelmente muitos gritos. As coisas vão ficar confusas. Sangue será derramado. Eu quero que você se lembre de algo quando isso acontecer. Tudo o que eu queria saber era o seu nome.

Havia dez deles.

Havia sete de nós.

Mas eles não sabiam disso.

O lobo segurando Jessie deu um passo à frente.

Eles vieram então. Para o meu lado.

Os lobos primeiro. Dentes arreganhados e rosnando para os intrusos que ousaram entrar em nosso território, que ousaram tentar isso novamente.

Elizabeth e Mark ficaram à minha direita. Robbie veio para a minha esquerda. Eles roçaram contra mim, músculos enroscados e cabelos eriçados.

Os outros seguiram. Tanner e Rico estavam ao lado de Robbie. Ambos seguravam armas carregadas com balas de prata, algo que Gordo garantiu que eu sempre estivesse em caso de emergência. Um ano atrás, Rico nunca havia *segurado* uma arma antes. Agora ele era o melhor de todos.



Kardia Mou | Wolfsong

Chris veio para ficar entre Elizabeth e Mark. Ele flexionou seus pulsos e as facas infundidas com prata, dispararam. Ele mesmo as fez com materiais e ferramentas da loja. Disse que achou os esquemas online. Ele balançou a cabeça para trás e para o lado, o pescoço estalando alto no silêncio.

— O que é isso... — o lobo começou.

Mas isso foi o mais longe que ele conseguiu.

Mesmo antes de terminar o fim da primeira palavra, estávamos nos movendo. Nenhum som foi feito além dos nossos pés na terra. Eu nem achei que eles estavam cientes do que estava acontecendo até que era quase tarde demais para eles.

Jessie nos viu chegando e não esperou para ser resgatada. Ela trouxe o pé direito para cima em um ângulo firme, coxa pressionando contra o estômago. Então, com a mesma rapidez, ela chutou o pé no joelho do lobo, derrubando-o de lado, os ossos estalando quando eles quebraram.

Eu nem sequer dei a ele a chance de registrar a dor antes de trazer o pé de cabra para cima em um balanço de golfe de cabeça para baixo, derrubando-o de volta. Sangue e dentes voaram no ar quando ele caiu de costas, com a perna para fora em um ângulo estranho.

Os lobos rosnaram ao nosso redor enquanto se atacavam, dentes e garras mordendo e rasgando. Eu agarrei Jessie e a arrastei para longe da luta. Senti as proteções correndo por mim quando

passamos por elas. — Você fica aqui, — eu falei. — Não dê mais um passo para perto. Eles não podem chegar até você aqui.

— Ox-

Mas eu não fiquei para ouvi-la. Eu me virei e corri de volta pelas *alas*, diretamente em direção aos lobos rosnando atrás de mim.

Um Ômega semi deslocado, com olhos enlouquecidos de raiva, gritou e se dirigiu diretamente a mim, garras estendidas enquanto saltava. Eu deslizei de joelhos na sujeira rapidamente, mesmo quando minhas calças se rasgaram, e as pedras cavando na minha pele. Deitei-me o mais baixo que pude enquanto deslizava em direção ao lobo. Ele voou sobre mim, seus dentes estalando perto do meu pescoço, garras arrastando ao longo da minha pele. Eu levantei a ponta do pé de cabra e empurrei para cima. A pele do lobo borbulhava e enfumaçou quando a prata cortou. Ossos racharam em sua caixa torácica enquanto eu empurrava o mais forte que eu podia, seu impulso levando-o sobre mim, rasgou do peito até o estômago. Ele caiu desajeitadamente em seu ombro, colidindo no chão e rolando para longe. Ele não se moveu quando parou de barriga para baixo, com o sangue acumulando-se debaixo dele na terra.

Atrás de mim, o tiroteio entrou em erupção.

Voltei-me para o som.



Kardia Mou | Wolfsong

Elizabeth estava com os seus dentes afundados no pescoço de um lobo abaixo dela. O lobo estava de costas, as pernas chutando debilmente enquanto ela o rasgava.

Mark era maior que qualquer outro lobo, quase pela metade. Ele derrubou dois antes mesmo de eu poder me mexer, dentes encharcados de sangue.

Esses Ômegas eram muito menos coordenados do que os que vieram antes. Não achei que Richard Collins os tivesse enviado. Eles lutaram contra nós, mas eles não lutaram juntos. Eles se moviam independentemente um do outro. Eles não estavam *ligados*.

Robbie gritou quando um Ômega arranhou suas costas. Ele torceu e estalou os dentes por cima do ombro, tentando morder as pernas do Ômega. Eu não esperei por ele para alcançá-los. Corri a toda velocidade em direção a eles, derrubando o Ômega dele. Nós batemos no chão, o Ômega raspando acima de mim, dentes perto da minha garganta.

Antes que eu pudesse me livrar dele, Chris estava lá. Ele socou o lobo na parte de trás do pescoço, a faca atirando para frente de seu pulso e entrando na coluna vertebral. O lobo convulsionou em cima de mim, pernas escorregando e raspando contra a minha pele. Chris empurrou o braço para trás, a cabeça do lobo subindo com o braço até a lâmina se soltar. Chris estava se movendo de novo antes mesmo de eu empurrar o lobo morto.

Tanner e Rico estavam se movendo juntos, de costas um para o outro, braços estendidos, disparando contra qualquer lobo que chegasse perto deles. Eles continuaram se movendo em um círculo lento, disparando em rajadas curtas. Quando um recarregava, o outro atacava de costas.

Um lobo se esgueirou para baixo da lateral, tentando permanecer indetectado enquanto se aproximava dos dois. Seus dentes estavam arreganhados e agachados, prontos para pular.

— Duas horas! — Eu gritei para eles.

KM Tanner se abaixou imediatamente quando Rico se virou, o braço varrendo sobre ele, movendo-se até que o lobo caiu dentro da visão da arma. Ele atirou uma vez, e a bala atingindo o lobo na garganta. O lobo caiu para trás, e eu sabia que a bala estava se estilhaçando internamente, a prata se espalhando na corrente sanguínea, envenenando o Ômega, retardando sua cura o suficiente para que não sobrevivesse.

Os sons morreram ao nosso redor.

Eu respirei fundo e deixei sair devagar.

Rico e Tanner baixaram suas armas.

Chris já estava correndo em direção a Jessie, que estava de pé atrás das proteções, parecendo em estado de choque.

A dor se abriu brevemente no meu braço. Havia um corte perto do meu ombro, não profundo, mas longo. Um dente ou uma garra me pegaram em algum momento. Eu provavelmente precisava



Kardia Mou | Wolfsong

de pontos, e haveria uma cicatriz. Eu não achei que importasse de uma maneira ou de outra. Cicatrizes mostrariam o que eu passei. Que eu ainda estava vivo. Estava sangrando lentamente. Estaria bem. Por agora.

Mark estava parado perto de Robbie, rosando para três Ômegas que não haviam mudado durante a luta. Eles estavam perto da ponte, o medo evidente em seus rostos. Eu não sabia se eles estavam aqui por escolha ou se eles foram forçados. Thomas me disse uma vez que os Ômegas estavam perdidos, principalmente. A caminho de ficarem ferozes. Marie certamente tinha sido. Eu não sabia se eles seriam capazes de encontrar o caminho de volta ou não.

Elizabeth estava em pé sobre o lobo que estava falando. Ele estava consciente, ainda, com o corpo queimando da prata. Eu sabia que ele iria se curar, eventualmente. Se eu deixasse.

Havia seis lobos mortos no chão. O tiroteio seria notado em breve. Nós não teríamos muito tempo.

— Rico, — eu disse.

— Resolvo, — ele disse. Ele pegou o telefone e discou 911 quando começou a se afastar. — Sim Olá? Eu acho que ouvi tiros. Alguém já ligou? Parece que está vindo do lado sul da cidade, então caçadores? Talvez na floresta?

Que era na direção oposta.

Eu andei até Elizabeth. Ela estava rosnando baixo em sua garganta, um estrondo consistente enquanto o lobo abaixo dela sangrava e sufocava.

Eu passei minha mão pelas suas costas enquanto me ajoelhava ao lado dela. Ela pressionou no toque, mas não desviou o olhar.

— Gah, — disse o lobo, uma bolha de sangue saindo de sua boca. Uma fina névoa vermelha pontilhava suas bochechas e testa. —
Gah

— Você deveria ter me dito o seu nome, — eu disse baixinho. — Mas esse não foi seu primeiro erro. Eu nem diria que vir aqui foi seu primeiro erro. Você sabe o que foi?

— *Gah. Gah. Gah-*

Eu disse: — Seu primeiro erro foi me subestimar. Minha matilha. Eu posso ser humano, mas corro com lobos.

Eu me levantei e me movi em direção aos outros Ômegas.

Mark e Robbie os colocaram contra a parede da ponte. Eles se encolheram quando me aproximei.

Mark e Robbie se separaram brevemente para me permitir passar entre eles. Eles ficaram ao meu lado imediatamente, pressionando seu calor contra mim.

— Vocês não mudaram, — eu disse para os Ômegas. — Por quê?

Havia medo em seus olhos enquanto me observavam. Nenhum deles falou.

Eu dei outro passo em direção a eles.

Eles choramingaram.

E, em seguida, mostraram suas gargantas para mim.

Eu parei.

Porque isso não deveria ter acontecido. Isso era apenas para...

Eu não era.

Eu *não poderia* ser.

KM Algo em meu perfume ou a batida do meu coração acelerado deve ter me denunciado, porque Mark estava lá, Robbie estava lá. Elizabeth estava lá, todos os três me tocando, correndo seus narizes em minhas pernas e braços. Rico, Tanner e Chris também estavam lá, em algum lugar. Eu podia senti-los em minha mente, brilhantes e fortes. O fio de Robbie estava mais forte do que nunca e pulsava como *amigo* e a *casa* e a *matilha*.

Eu mal conseguia respirar.

— Vocês vão embora a partir daqui, — eu consegui dizer. — Com os lobos. Vocês não deixaram nenhum único vestígio. Vocês vão voltar para onde vieram. Se algum de vocês ver Richard Collins, você dirá a ele o que aconteceu aqui hoje. E se eu ver seus rostos novamente, não vou deixar vocês irem embora.

Eles estavam se movendo então. Os Ômegas correram para a estrada de terra, reunindo os lobos mortos. O lobo que tinha sido o



Kardia Mou | Wolfsong

único a falar estava lentamente se colocando de pé. Sua mandíbula estava obviamente quebrada e esticada em um ângulo agudo. Ele estava sangrando profusamente da boca. Ele deu um passo cambaleante em nossa direção. Seus olhos estavam cheios de ódio quando ele olhou para mim.

Eu não disse nada quando ele tropeçou, seguindo os outros Ômegas através da ponte. Eu podia ouvir as sirenes à distância, longe e ficando mais fraca. Eles não estavam vindo em nossa direção. Pelo menos ainda não.

KM

Eu olhei para as sombras na ponte por um tempo muito longo.

O movimento ocorreu ao meu redor. Rico e Tanner pegando os cartuchos. Chris levantando a terra e cobrindo o sangue que havia sido derramado. Jessie resmungando, exigindo respostas, perguntando quem são essas pessoas, o que diabos tinha acontecido, eram lobos? Oh meu Deus, Chris, *você é um deles?*

Robbie e Mark estavam em algum lugar à minha esquerda, cheirando o chão. Eu sabia que eles estavam rastreando aromas para garantir que nenhum outro Ômega ou qualquer outra coisa permanecesse escondido, esperando até que nossas costas se virassem.

Foi Elizabeth quem se aproximou de mim.

Ela se moveu em volta de mim até que ela estava na minha frente. Ela sentou-se, cabeça alta, real e orgulhosa. Ela esperou até

que eu não pudesse mais ignorar o seu olhar. Eu olhei para ela. Ela piscou os olhos para mim. Houve um puxão em mim, um muito mais forte do que eu já tinha sentido antes.

— Eu não posso ser, — eu disse a ela.

Ela não se mexeu.

— Você sabe que eu não posso ser. Eu não sou um lobo. — Eu não sabia *quem* eu estava tentando convencer.

Havia uma nota ao longo do fio dela. Dizia: *menino bobo, e não importa, e é o que é certo na matilha* e outra palavra que eu não queria ouvir. Outra palavra que não deveria ser possível. Outra palavra que parecia estar traindo Joe.

— Eu não quero isso.

Ela bufou e pareceu severa.

— Quero dizer. Eu não posso. Eu *não posso*... — Então, outro pensamento me atingiu e eu fiquei arrepiado nos meus braços. — Você sabia?

Ela inclinou a cabeça para mim. Não foi uma resposta.

— Será que *ele* sabia? — Eu exigi.

Não era Joe.

Mas ela sabia de quem eu queria dizer. Eu podia sentir a suave onda de tristeza percorrendo-a.

— Responda-me! — Porque o pensamento que eles sabiam desde o início, desde aquele primeiro dia em que eles estavam na varanda da casa no final da rua era tudo que eu conseguia

pensar. Não era verdade, não *podia* ser verdade, mas *e se*? E se tudo isso tivesse que chegar a esse momento, *essa* merda de realização? Alguém teve uma escolha nisso? Joe?

Eu?

Mark se aproximou então, sentando ao lado dela. Ele pressionou o nariz contra o ouvido dela antes de olhar para mim com uma expressão idêntica no rosto.

Robbie também veio, mas estava se movendo mais devagar, como se não tivesse certeza de si mesmo. Seus ombros estavam abaixados, suas orelhas pressionadas contra o crânio. Sua cauda estava enrolada entre as pernas. Ele parecia assustado, como se achasse que seria rejeitado se ele se movesse mais rápido. Ele manteve os olhos desviados quando se sentou ao lado de Elizabeth.

— O que diabos está acontecendo? — Eu ouvi Jessie perguntar atrás de mim.

— Eles estão reconhecendo-o, — disse Chris baixinho, e foi outro golpe contra a parede que eu construí apressadamente em face deste reconhecimento condenatório. Se *eles* sentiram isso, então-

— O que?

— Por quê? — Eu perguntei como um último recurso. Minha voz falhou e não pude fazer nada para pará-lo. — Eu não sou *nada*. Eu não sou *ninguém*. Vocês não deveriam estar fazendo isso. Isto não é o que deveria acontecer! É suposto ser *ele*. Ele vai voltar ok? Ele vai voltar e vocês precisam...

Havia o sinal revelador de uma mudança, o rangido e o gemido de ossos e músculos. O lobo tomou forma humana.

Mas os olhos dela continuavam os mesmos.

Ela disse: — Ox.

— Então... Isso é uma coisa, — Jessie disse fracamente. — Sra. Bennett está nua e isso é uma coisa.

Nós a ignoramos.

Esperei que Elizabeth falasse de novo, porque não tinha mais nada a dizer.

Eu não tive que esperar muito.

Ela disse: — Às vezes, não se trata de mudar. Alguns de nós já nascemos com um lobo em nossa mente. A cor dos seus olhos não importa. O fato de você ser humano não importa. O que importa é que você tenha tomado o seu lugar como deveria.

— Eu não pedi por isso, — eu disse a ela, desesperadamente.

— Eu sei, — ela disse suavemente. — Mas você é o que nós precisamos.

— Meu pai...

Seus olhos endureceram. — Seu pai não entendeu o valor de *quem* você era. De *quem* era sua mãe. Eu vi você na sombra dele. Eu sei as palavras que ele falou com você. Mas você não pertence a ele. No momento em que meu filho te encontrou na estrada, você nos pertenceu.

— Você sabia? Mesmo assim? Thomas sabia? É por isso que você fez tudo isso? É por isso que Joe... — *me deu seu lobo?* Mas eu não consegui pronunciar as palavras. Porque o pensamento de Joe ser forçado a algo que ele não tinha escolha, que ele nem *queria*, me deixou frio.

Elas sabia, no entanto. Ela sempre sabia. — Não, — ela disse baixinho. — Nós sabíamos que você era um jovem notável Ox. Gentil e cuidadoso. Nós sabíamos disso desde o começo. E que você faria uma adição maravilhosa a nossa matilha. Mas o resto? Isso? Ox, isso é algo que nós pensávamos que aconteceria. Você pode planejar a vida, mas a vida *sempre* tem seus planos próprios. *Se* Thomas não tivesse morrido, *se* sua mãe não tivesse morrido, *se* Richard Collins não tivesse escapado ou sequer focado em nossa família para começar. *Se* Ox. É sempre sobre o *se*. — Seus olhos brilharam em laranja e eu senti a *atração* como nunca antes. — Mas não é *se* agora. Agora é outra coisa.

Mark inclinou a cabeça para trás, mostrando a garganta.

Robbie fez o mesmo, batendo a cauda nervosamente.

Elizabeth inclinou a cabeça para o lado, a longa coroa de cabelos à luz das estrelas.

Ela disse então.

A única palavra.

E eu esperava que Joe pudesse me perdoar.



Kardia Mou | Wolfson

Porque, por mais que eu quisesse lutar contra isso, não achava que tivesse força.

Não mais.

— *Alfa*.

KM



O terceiro ano / conexão da lua mística

KM FOI NO terceiro ano que Robbie se mudou para a casa principal, pouco depois de ser reconhecido como parte da matilha Bennett. Seus superiores não pareciam surpresos. Um homem rude entrou em casa, usando um terno enrugado e uma gravata fina. Seus olhos se arregalaram brevemente quando entrei na sala, capaz de sentir algo sobre mim que ainda não entendia direito.

Ele foi direto ao ponto. Não havia sinal de Richard Collins, nenhuma prova tangível dele por mais de um ano. As equipes que o procuravam quando fugiram de Green Creek estavam voltando sem nada. Não havia mais rumores sobre ele.

O mesmo foi dito de Joe e dos outros. Nós não tínhamos ouvido nada deles, embora Elizabeth insistisse que eles estavam vivos, que ela *saberia* se algo acontecesse com eles, com seus filhos. Eu não tinha coragem de discordar dela, apesar de ficar acordado à noite imaginando uma centena de coisas diferentes que poderiam ter acontecido com eles. Que eles encontraram Richard e ele os matou, tornando-se um Alfa. Que apesar de estarem vivos, nunca voltariam. Que eu nunca mais veria Carter. Ou Kelly. Ou Gordo.

E Joe, claro. Porque ele estava na minha mente mais que os outros.

O homem rude nos disse que eles continuariam a busca, mas parecia meio sem coração. Ele falava como se Michelle Hughes fosse algo de longo prazo, para finalmente ter alguém permanente para assumir o lugar de Thomas como o chefe Alfa. — Nós vamos dar tempo, — ele disse tomando café preto. — Mas não podemos esperar para sempre.

KM

Ele pediu para falar comigo em particular. Eu olhei para Elizabeth, que assentiu antes de concordar. Ela apontou para o antigo escritório de Thomas e eu hesitei apenas brevemente. Os outros saíram da casa. Tanner, Rico e Chris estavam na oficina.

O homem rude esperou até ter certeza de que estávamos fora do alcance da voz antes de fechar a porta do escritório. Sentei-me atrás da mesa, mais intimidado do que esperava estar. Eu tentei empurrá-lo para baixo, mas acho que ele sabia.

Então, — ela está curiosa sobre você.

Eu não esperava isso. — Quem?

— Alfa Hughes.

— Por quê?

Ele bufou. — Porque você é humano e de alguma forma você se tornou um Alfa. Do bando de Bennett, não menos.

— Joe é o Alfa do bando de Bennett, — eu disse. Eu era apenas temporário. Eu aceitava mais agora do que antes, mas ainda

era um trabalho em andamento. Um que eu esperava que fosse muito, muito breve.

— Joe não está aqui.

— Ele vai estar, — e eu me perguntei se o homem rude ouviu o baque traidor do meu coração.

— Como você fez isso? — Ele perguntou. — Ela vai querer saber. Não porque você fez algo errado ou porque ela vai querer tirar qualquer coisa de você.

Eu estreitei meus olhos. — Por que saber?

Ele encolheu os ombros. — Porque você fez. E eu não te culpo. Nem ela. Esta matilha ficou... Meio quebrada. Que é um eufemismo. *Você* não distribui confiança facilmente.

— *Você* quer dizer a *matilha*. — Ele falava comigo como se fôssemos iguais por respeito. — Não há muitas pessoas *em quem* confiar.

— Alfa Hughes-

— É alguém que eu não conheço, — eu disse bruscamente. — Então não posso confiar nela.

— Isso não a impediu de pensar em você.

— Mantenho a restrição.

— Robbie, — ele disse.

— Robbie, — eu concordei.



Kardia Mou | Wolfsong

— Você acreditaria em mim se eu lhe dissesse que as atualizações dele ficaram extremamente vagas com o passar do tempo?

Eu acreditava, porque eles tinham se distanciado. Eu balancei a cabeça lentamente, me perguntando se eu teria que lutar contra esse homem rude pela a minha matilha. Robbie não era dele. Ele não pertencia a Alfa Hughes. Ele pertencia a mim. Aqui. Com a matilha.

— Ela entende.

— Ela entende? — Eu perguntei.

KM

— Provavelmente mais do que você acha. Eu não posso dizer que você não tem os instintos que nós temos, porque eu não sei o que você é. Mas um lobo sabe quando ele se encaixa. Quando ele encontra uma casa. Há um puxão. Na cabeça e no peito. Começa pequeno no início. Mas cresce, se permitido. E você permitiu.

— Você não pode levá-lo de volta, — eu disse sem rodeios. — Eu não vou deixá-lo com você.

Ele me olhou por um momento. Então, — eu não pediria isso a ele. Ou de você.

— Ele é meu agora. — E algo primitivo em mim tomou grande alegria do pensamento.

— Nós sabemos. Não é exatamente ideal, mas...

— Melhor que Osmond.

O homem rude se encolheu com isso. — Justo.

— *Justo*? Eu acho que isso pode ser um problema.

— Osmond foi... Um imprevisto.

— Osmond foi um erro. Eu acho que até Thomas sabia disso. Antes disso acontecer.

— Ninguém poderia ter visto isso vindo.

— Talvez você não estivesse procurando o suficiente. Você sabe mesmo como isso aconteceu? Quando? Ele foi transformado ou sempre pertenceu a Richard Collins?

O homem rude esfregou a mão no rosto. — Essas são perguntas que esperamos perguntar a ele se ele for encontrado.

— *Quando* ele for encontrado.

— Para alguém que não *confia* no que estou dizendo, você está colocando muita fé em nossas equipes.

— Eu não estou falando sobre suas equipes, — eu disse friamente.

— Ele vai trabalhar para nós, Robbie vai, — disse o homem rude. — Pedimos que você nos mantenha informados de quaisquer... Mudanças.

— Mudanças.

— Para a sua matilha. Normalmente, quando uma matilha adiciona membros, há um processo de verificação. Para evitar qualquer chance de deixar alguém que tenham outros interesses no coração.

Eu pisquei. — Eu fui vetado?

— Parcialmente. Na maior parte, era a palavra de Thomas. As pessoas geralmente não diziam não a ele. Mesmo depois que ele caiu de poder. Ele era... Persuasivo.

Isso não parecia direito. — Você quer controle.

— Queremos estar seguros, — ele respondeu. — Não há tantos de nós como costumava ser. As coisas mudam. Atitudes mudam. Se as coisas continuassem como estavam, seriam mais mortes e não nascimentos. Quando uma espécie está morrendo, tudo deve ser feito para preservar aqueles que permanecem. Isto não é sobre controle. É sobre a sobrevivência.

— Richard Collins não dá a mínima para isso.

— Richard Collins é um psicopata.

— Tudo bem, — eu disse. — Robbie ainda pode se reportar a você. Mas se você o empurrar para coisas que ele não deveria estar discutindo, se você tentar ir pelas minhas costas...

— Ameaças não são necessárias, — o homem rude me assegurou. — Embora eu estaria mentindo se eu dissesse que você não vai conseguir nada sobre isso.

Eu congelei, mas foi uma coisa pequena.

O homem rude pegou, no entanto. Ele arqueou uma sobrancelha para mim.

Eu limpei minha garganta. — Como?

— Outros não vão aceitar gentilmente um humano Alfa. Há pouca tolerância para os Alfas mordidos. Mas você? Você



Kardia Mou | Wolfsong

é humano. Alguns vão ver isso como um tapa na cara. Outros vão pensar que você está mentindo.

— Você?

Ele balançou a cabeça devagar. — Talvez antes de eu chegar aqui. Talvez eu tenha ouvido as histórias sobre você antes, o humano na matilha de lobos. E talvez eu não acreditasse necessariamente em tudo que ouvi. Thomas sempre disse o quanto deveriam ser reverenciados, mesmo depois de os humanos terem tentado nos exterminar. E ainda assim ele escondeu você de nós. Não você especificamente, não. Nós sabíamos sobre você. Mas o fato de você se casar com o futuro Alfa? Ele manteve isso de nós. Ninguém sabia até que Osmond veio. Nós estávamos... Preocupados.

— Preocupados o suficiente para enviar um traidor e um punhado de Betas sem saber com quem estavam suas lealdades.

— Nós não sabíamos que ele era-

— Não, — eu disse. — Entendi. Mas não parece que algum de vocês saiba muito sobre qualquer coisa.

— Seja como for, — disse o homem rude, — haverá um retrocesso nisso. Com você. *Estou* convencido porque estou aqui. No seu território. Eu posso sentir o jeito que você se ligou com a sua matilha. Mas, outros não verão isso.

— Isso não é problema meu. Eu não estou procurando por tolerância. Eu só quero que todos deixem a minha matilha em paz.

— Você deveria ter escolhido uma matilha diferente, então, — disse ele secamente. — Ser um Bennett quase garante que você não será deixado sozinho. Se isso... Durar muito mais tempo, você precisará se registrar. Todos os Alfas devem se registrar com a matilha. Isso nos ajuda a acompanhar a população de lobos. Para garantir que os Alfas não estejam aumentando as matilhas sem a nossa orientação.

— E o que acontece?

— Você transforma outros. Se Joe não retornar.

— Eu não posso fazer novos lobos, — eu lembrei a ele. — Eu ainda sou humano.

Ele me observou por um longo tempo. Era enervante quão pouco ele precisava piscar. — Isso não significa que você não vai atraí-los para você. Você não precisa mordê-los para torná-los seus. Robbie. Os outros humanos. Você pode *crescer* sem ter que ser um lobo solitário.

— Você fala como se eu fosse alguém a ser temido.

— Nós não sabemos o que você é, — disse o homem rude. — E há sempre medo no desconhecido.

— Ele vai.

— O que?

— Joe. Ele vai voltar.

— Você tem fé nele. — Ele parecia surpreso.

E então eu disse: — Sempre.



TINHA FÉ suficiente na verdade de que o homem rude não iria pegá-lo.

Porque eu *tinha* fé em Joe.

Mas eu pensei que talvez estivesse diminuindo conforme os dias passavam.



ROBBIE ESPERAVA nervosamente enquanto o homem rude partia parado bem longe do alcance da voz. Assim que o carro desapareceu pela estrada de terra, ele praticamente correu para o meu lado. Eu podia ouvir os outros na floresta, os latidos de Mark e Elizabeth, os risos e gritos de Tanner, Chris e Rico.

— Bem, — ele exigiu, torcendo as mãos, os olhos correndo para os meus e depois para longe.

— Bem? — Eu provoquei.

— Ox!

Eu revirei meus olhos. — Você pode ficar. Você ainda vai trabalhar para a Alfa Hughes, mas você pode...



Kardia Mou | Wolfsong

— Ela não é a minha Alfa, — ele interrompeu com pressa, os olhos arregalados. — Ela não é - *ela não pode* ser o meu Alfa. Não como... Tudo bem. Ela simplesmente *não pode*.

— Por quê? — Eu perguntei curioso. — Eu sei que você não fazia parte da matilha dela. Ou qualquer matilha, na verdade. Mas você trabalha para ela. Por que você não faria parte dela?

— Não encaixa, — disse ele. — *Eu nunca me encaixo*. Não com eles. Mesmo quando outras matilhas me pegaram depois que minha mãe morreu... Nunca pareceu *certo*. Eles me mantiveram seguro. Eles me mantiveram alimentado e vestido. Eles me ajudaram com a minha dor, mas eu simplesmente... Não consegui. Eles me pediam para ficar. E eu não conseguia. Então, quando eu alcancei a maioridade, eu flutuei. Eu pulava ao redor. E então Alfa Hughes me pediu para fazer um trabalho, e *ela me mandou aqui*. Nenhuma pergunta foi feita. E eu vim aqui e *fiz* o meu trabalho e tudo *bem*, Ox, foi *bom*. E mesmo quando você não confiava em mim por um longo tempo, nenhum de vocês, eu ainda me sentia mais aqui do que eu sentia desde... Eu nem sei. — Quando ele terminou, suas bochechas estavam coradas e seus olhos estavam arregalados e piscando em laranja. Ele parecia sem fôlego, como se tivesse medo que eu fosse rejeitá-lo.

— Robbie, — eu disse estranhamente tocado. — Você está-

— Porque *you* é o meu Alfa, — ele disse. — Você é o único que eu quero para ser o meu Alfa. Ninguém mais. Meu lobo... Apenas. Está tudo bem?

Então eu disse: — Tudo bem, Robbie. Ei tudo bem. Você vai ficar. Conosco. Comigo.

Ele ficou boquiaberto. — Você está falando sério?

Eu assenti.

O sorriso no rosto dele era largo e ofuscante.

E mesmo que eu ainda me sentisse um pouco como uma criança brincando de se vestir, havia um orgulho lá no fundo que eu não sabia o que fazer, mesmo sabendo que não queria deixar passar.



JESSIE ELA ficou afastada por um tempo.

Não que eu pudesse culpá-la.

Eu tinha apenas dezesseis anos quando descobri a verdade, ainda jovem e ingênuo o suficiente para acreditar em coisas impossíveis.

Ela não tinha dezesseis anos. Ela estava em seus vinte anos. O que significava que ela era cínica.

Mas eu não a culpava. Eu não podia. Ela testemunhou algo que a maioria das pessoas não saberia o que fazer. Não sabia como

processar. Ela foi levada e espancada, mantida como refém em uma luta que ela não tinha nada a ver.

Ela estava voltando para casa de uma noite com amigos de duas cidades. Eles tinham ido a um jantar tardio. Tomou algumas bebidas, mas nada para onde ela não pudesse dirigir depois.

Ela voltava quando viu outro carro parado na beira da estrada, uma mulher parada no escuro e sozinha. As piscas de emergência piscando em amarelo.

Elas parou. Seja porque ele tinha sido a coisa certa a fazer. A mulher estava sozinha. E mesmo que Green Creek estivesse a *salvo*, Jessie disse que não teria sido capaz de perdoar a si mesma se não tivesse parado e mais tarde soubesse que *não* era seguro.

A mulher sorriu para ela. Ela disse que o carro dela tinha quebrado. E ainda por cima, o celular dela estava morto, Jessie poderia *acreditar* em sua sorte?

Aconteceu rapidamente. Um momento ela estava andando em direção à mulher, e no seguinte ela estava *cercada* por pessoas cujos olhos brilhavam em violeta.

Eles a atingiram.

Eles a fizeram sangrar.

Eles não a tocaram, não... Desse jeito.

Mas seu senso pessoal de personalidade ainda havia sido violado.

Ela se distanciou de Chris. Eu raramente a via como era, mas eu sabia que ela e Chris eram próximos. A raiva que ele sentiu depois daquela noite com os Ômegas era mais forte do que eu já tinha visto nele antes. Ele se jogou no treinamento que se seguiu, trabalhando até seus músculos tremerem e ele pingar de suor. Eu disse a ele para parar, fazer uma pausa, ir embora se fosse necessário. Ignorar a matilha e se concentrar em Jessie, se era isso que ele achava certo.

Ele olhou para mim, ferido. — Você está me dizendo para sair? — Ele perguntou com a voz pequena.

Eu não sabia a extensão do meu alcance sobre eles. Sobre a matilha. Eu não entendia, até agora, até aquele momento. Porque se eu tivesse dito a ele para sair, ele teria. Ele teria nos deixado e cuidado de sua irmã e ficado longe da matilha porque eu *disse a* ele para fazê-lo. E isso teria o machucado e eu no processo.

Foi egoísta. Eu deveria ter dito a ele para sair.

Eu não fiz.

Eu disse: — Não. Não, eu não quero que você vá embora.

Ele relaxou e soltou um suspiro longo e lento.



ELA voltou, no entanto. Durante o verão.

A campainha da porta da frente da oficina soou.

Eu ignorei, concentrando-me na ventoinha do radiador que eu estava tentando instalar. Robbie estava na recepção. Para o bem de todos, nós concordamos que seria mais seguro se ele fosse mantido longe de toda e qualquer ferramenta, já que ele tinha uma tendência a ferir a si mesmo e aos outros se ele chegasse a poucos metros de uma coisa afiada. Ele atendia aos telefones agora. Ele lidava com os clientes. Agendava os compromissos. As pessoas que iam à loja o amavam e ele adorava conversar com elas. Isso facilitou a vida de todos nós.

KM

Até aquele dia em que ouvi vozes agudas e levantadas.

— Eu não me importo que *foda* você é, você vai me deixar ir lá porque eu tenho algo que eu preciso dizer a eles!

— Olha senhora—

— É Jessie, seu idiota.

— *Jessie*, você não pode simplesmente...

— Oh pelo amor de Deus, saia do meu caminho.

Chris suspirou na próxima baia automática. — Isso não vai dar certo. Conhecendo-a, está se acumulando todo esse tempo.

— Melhor você do que eu, — Tanner bufou.

— Na verdade, ela provavelmente vai gritar com o *Alfa* por aqui, — disse Rico.

— O que *eu* fiz? — Eu disse com um gemido.

— *Jefe*, o que você não fez.

— Filho da puta, — eu murmurei, colocando a ventoinha para baixo. Então, na mesma voz baixa, — Robbie, deixe-a entrar aqui.

Robbie abriu a porta na frente do escritório. Ouvi a porta que levava da recepção da frente para a oficina bater na trave de segurança.

— Ox! — Jessie berrou.

— Isso vai ser alto, — disse Chris.

— Devemos ir embora? — Perguntou Tanner.

— Não, — disse Rico. — Eu quero ver o que acontece.

— Como seu Alfa, eu ordeno que vocês me salvem, — eu disse a eles.

Eles apenas me encararam. Matilha de merda inútil.

Jessie estava em pé de guerra, cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo severo, rosto vermelho, olhos brilhantes. Robbie se arrastava cautelosamente atrás dela, tenso como se não soubesse se deveria atacá-la se ela chegasse perto demais. Eu balancei a cabeça uma vez para ele, e ele fez uma careta por cima do ombro dela antes de ele ficar com os outros.

Jessie parou bem na minha frente, a boca em uma linha fina. Ela ainda tinha aquela pequena sarda que eu costumava beijar. Eu não sei por que me concentrei nisso.

Ela disse: — Você é um saco de merda.

Em silêncio.

Ela disse: — Você *sabia* disso? Todo esse *tempo*?

— Jessie, — eu disse uniformemente. — Olá, bem vindo ao Gordo.

Ela olhou para mim. Ela estava chateada. Eu não a culpava. Na verdade não.

Eu era um Alfa. Mas ela podia ser assustadora, então eu disse: — Chris sabe disso há algum tempo agora.

— *Hey!* — Chris gritou. — Por que você está *me* jogando debaixo do ônibus?

Jessie estreitou os olhos. — Oh, não se preocupe, — ela disse. — Ele vai pegar o dele. Eu posso te prometer isso.

— Você é uma droga, Ox, — Chris murmurou. — Pior Alfa de todos os tempos.

Robbie rosnou para ele.

— Mas *você*, — ela disse, me cutucando com força no peito. — *Isso é tudo culpa sua.*

— Como isso é *minha* culpa? — Eu perguntei um pouco ofendido.

— Lobisomens! — Ela gritou para mim.

— Sim, — eu disse. — Também já se passaram seis meses desde que você descobriu sobre eles. Por que você está fazendo isso agora?

Ela piscou para mim. — Eu precisava de um tempo para *processar*.

— Tudo bem, — eu disse. — E agora você processou.

— Lobisomens, — ela repetiu.

— Lobisomens, — eu concordei.

— Você sabia. Todo esse tempo.

— Não o tempo *todo*.

— Sim, — disse Rico. — Foi *quase* o tempo todo.

Jessie me cutucou no peito novamente quando eu olhei para Rico. Ele apenas piscou para mim.

— Você é um deles? — Ela exigiu.

— Não, — eu disse devagar.

— Então você é humano.

— Não, — eu disse, ainda mais devagar.

— O que diabos *isso* significa?

— Isso significa que eu não sou muito...

— Você vai me morder? — Ela perguntou.

— Você não se importou quando costumávamos-

— Não é a hora, Ox!

— Certo, — eu disse apressadamente. — Eu ainda não sou muito bom em piadas. Ou quando descobrir quando é a melhor hora para contar a eles.

— Você não pode me morder!

— Eu não vou! Eu não sou um Lobi-

— Você é *alguma coisa*.

Eu estava com dor de cabeça. — Não é algo que possa mudar você.

— Você mudou meu irmão. Ele me disse. Ele me disse que ele pode *sentir* você. Que ele é parte de você e sua... *Matilha*. — Ela cuspiu a última palavra como se fosse maldição.

E sim, ela me teve lá.

Merda.

Ela me cutucou pela terceira vez. — Você vai me contar *tudo*.

— Agora? — Eu perguntei, tentando não lamentar. Eu era o maldito *Alfa*. Por que ela estava me dizendo o que fazer?

— Certo. *Agora*.

Droga.

Então eu fiz.

Demorou algumas horas. E eu posso ter tropeçado em algumas partes (e encoberto em outras, porque mesmo tendo passado dois anos, as mortes de Thomas e minha mãe ainda eram afiadas o suficiente para cortar), mas eu tentei deixar o mínimo possível de fora. Eu sentia que devia isso a ela, por toda a merda que eu tinha colocado nela desde que a conheci. Para lhe dar crédito, ela raramente interrompia, e só quando não entendia alguma coisa e precisava explicar mais. Quanto mais eu falava (mais do que eu já tinha falado antes), mais quieta ela ficava.

No final, ela me encarou por um longo tempo. Minha garganta estava doendo, então não disse nada, eu esperava que ela decidisse o que quer que ela queira.

Finalmente, ela disse: — E tudo isso realmente aconteceu.

— Sim.

— Você não falou muito sobre ele.

Eu me tornei burro. — Quem?

Ela sabia, mas ela disse — Joe. — De qualquer maneira.

Eu tentei engolir a amargura que subiu como bile. — Não há muito a dizer.

Ela revirou os olhos. — Além do fato de que ele é seu companheiro e você teve um *imprinting* com ele, como se você fosse uma fanfiction de *Twilight* arrepiante?

Dei de ombros. — Eu não sei mais o que isso significa.

— Eu sei, — disse Rico. — E eu admito que não seja algo que eu esteja muito orgulhoso agora.

— Você tem um destino místico da lua com Joe — disse Jessie parecendo exasperada.

Eu olhei para ela. — O quê?

— Sua coisa. Com Joe.

— Não é-

Ela suspirou. — Deus, eu estou tão feliz por ter saído disso quando pude.

— Não foi o destino, — eu disse, ignorando o pequeno soco. — Foi uma escolha. Ele me escolheu.

— E você o escolheu de volta. Depois que você descobriu o que isso significava.

Eu tinha escolhido, e sabia muito bem o que estava fazendo. Então eu não disse nada.

— Explica muito, — disse ela.

— Sêrio?

Ela olhou para mim como se eu fosse um idiota.

— O que?

Ela disse: — Ox, Joe me *odiava*.

— Ele não te odiava. — Não gostava muito, talvez. Mas odiar? Eu não achava que Joe fosse capaz de odiar. Nem mesmo Richard Collins. Não naquela época. Agora, no entanto. Eu não sabia agora. Eu não o conhecia mais para dizer o que ele era agora.

— Você é estúpido, — ela disse seriamente. — Essa coisa toda é estúpida.

— Mais ou menos, — eu concordei.

— Concordar comigo não vai te tirar do sério, — ela me avisou.

— Eu sei. — Bem, eu não sabia, mas eu entendia agora. Então talvez eu não tivesse que concordar com ela.

— Isso explica por que você está deprimido nos últimos dois anos.

— Eu não tenho estado *deprimido*-

— Tipo deprimido, — disse Rico. — Talvez não o tempo todo.

— Mas a maior parte do tempo, — disse Tanner.

— Ele olha para a distância às vezes, — acrescentou Chris prestativamente. — Com sua força quieta. E sua angústia.

— Eu odeio todos vocês, — eu disse muito a sério.

— *Eu* não disse nada, — disse Robbie.

— Ele nunca esteve na faculdade, — disse Jessie. — Então essa é outra mentira que você me contou. Disse a *todos*.

— Não deveria ser uma *mentira*-

— Por que você não foi procurá-lo?

Como se isso não tivesse passado pela minha cabeça antes. —

Eu nem saberia por onde começar. E eu prometi a ele que ficaria aqui. Cuidando dos outros. A matilha.

— Você não seria capaz de encontrá-lo por conta da sua conexão de lua mística?

— Lua mística... Jesus. Pare de chamar assim!

— Ele te deu um lobo feito de pedra que essencialmente o prometeu a ele para sempre, — disse ela categoricamente. — Se isso não é uma conexão de lua mística, então eu não sei o que é.

— Mais ou menos é isso mesmo, — disse Robbie, estremecendo quando eu olhei para ele. — Desculpe, Ox.

— Então você só vai sentar aqui e não fazer nada, — ela disse soando estranhamente desapontada.

— Eu não estou *não* fazendo nada.

— Seu inglês é tão bom, — disse Rico.

— Você não está encontrando ele!

— Ele fez sua escolha, — eu retruquei.

— E você vai deixar isso acontecer?

— Já *está* acontecendo. Só porque você *está* descobrindo tudo isso *agora*, não significa que o resto de nós não tenha lidado com isso há *anos*.

— Eu não entendo porque você não fez nada sobre isso. Sobre *ele*.

— O que eu poderia ter feito? — Eu perguntei com a voz dura. — Obviamente, havia coisas que eram mais importantes que outras.

Pela primeira vez desde que entrou na loja, o rosto de Jessie se suavizou. Estava perto de pena e eu não queria isso dela.

— Olha é-

— Ox, eu sei que nada era mais importante do que você. — Ela estendeu a mão e apertou a minha mão. — Talvez você não tenha visto, mas eu vi. O jeito que ele olhava para você. — Seu sorriso era triste. — Você era tudo para ele. E acho que isso não mudou.

— Você não pode saber disso. — Eu puxei minha mão. Ela franziu a testa para mim. — Nós nem sabemos se ele ainda está... — Eu me interrompi e balancei a minha cabeça. — Não importa. Ele não está aqui. *Eles não estão* aqui. Nós estamos. E eu tenho um trabalho a fazer. Algo que eu nunca pensei que teria que fazer, mas é isso. Então sim, lobisomens são reais. Sim, aparentemente eu sou o... Alfa. Ou algo próximo disso. E sinto muito que você tenha sido

ferida por causa disso. Mas vou me certificar de que isso não aconteça novamente.

— Como? — Ela perguntou. — Você não pode prometer nada assim.

— Não, eu disse. — Mas eu posso fazer o meu melhor. E isso tornaria as coisas mais fáceis se você fosse uma de nós.

— Eu não quero ser mordida, — ela disse rapidamente. — Isso não é—

— Mesmo uma possibilidade agora, — eu disse. — Mas se você concordar, se você se tornar parte disso, naturalmente começará a se submeter a mim. Eu nem entendo como isso funciona, mas vai acontecer.

— Por que não vemos como isso acontece? — Disse Jessie, mas eu já podia vê-la concordando, quer ela soubesse disso ou não.



NÃO demorou muito para ela decidir.

Não que eu esperasse.

Elizabeth levou-a para a floresta uma semana depois, repreendendo-nos por não sugerir que ela precisava falar com Jessie sozinha, de mulher para mulher. Jessie parecia um pouco desconfortável com o pensamento, mas principalmente intrigada, então deixei passar. Elizabeth não iria machucá-la.

Elas voltaram quatro horas depois, coradas, brilhantes e felizes. Jessie estava rindo e Elizabeth estava sorrindo, as linhas ao redor dos olhos e a boca menos pronunciada.

— Ela vai fazer muito bem, — Elizabeth disse para mim, arrastando os dedos ao longo dos meus ombros quando ela passou por mim.

E foi isso.



OS OUTROS vieram naquele ano.

Depois que os Ômegas levaram Jessie, tudo estava quieto, embora estivéssemos preparados. Robbie fez sua parte e manteve contato com aqueles acima dele. O homem rude. Alfa Hughes de vez em quando, embora eu achasse que estava ficando cada vez mais raro, já que ele era meu Beta agora. Ela nunca pediu para falar comigo. Eu sempre me esquivava para falar com ela. Eu não sabia quanto tempo ela deixaria isso continuar. Às vezes, à noite, eu ficava acordado e me perguntava se ela viria e tentaria tirá-los de mim. Porque eu não era realmente o que eles precisavam.

Porém, ela não fez, embora todo dia eu esperasse que o outro sapato caísse.

Eles ainda procuraram por Richard Collins. E Osmond. E Robert Livingstone. Eles nunca os encontraram.

E acho que eles ainda estavam procurando por Joe também. Porque ele era um Alfa que tinha caído fora da grade. Não era muito mais que levá-lo para casa tanto quanto estava vigiando-o.

Robbie me garantiu que ele não repassava os negócios da matilha para quem não fosse da matilha.

Eu acreditava nele porque confiava nele.

Ele não mentiria para mim. Não sobre isso.

Eu tinha certeza.

Mas, outros vieram.

KM

Jessie, que sempre foi uma mulher forte, se recusou a ser a donzela em perigo novamente. Ela se jogou no treinamento com os outros, logo ultrapassando os outros humanos. O olhar no rosto de seu irmão na primeira vez em que ela o derrubou, com um balanço bem feito de um bastão de madeira o deixou orgulhoso e chocado e levemente irritado ao mesmo tempo. Ela estava acima dele, sorrindo, a equipe perto, e havia um leve brilho de suor em sua testa.

— Quem é o próximo? — Ela perguntou enquanto Rico e Tanner tentavam sair em silêncio sem serem notados.

Eles foram notados.

Dez minutos depois, ambos estavam no chão, com Jessie acima deles.

Então, quando os outros vieram, estávamos prontos.

Mas eles não eram Ômegas.

O primeiro foi apenas um homem.

E ele deu notícias de Joe.



KM EU ESTAVA na oficina preenchendo faturas de pedidos para o próximo mês. Chris normalmente cuidava disso, mas eu o deixara livre quando ele tinha um encontro com uma garota da cidade próxima. Era casual, ele me assegurou. Pelo menos por enquanto. Eu não queria pensar sobre o que aconteceria se isso se tornasse mais. Jessie me assegurou que estava tudo bem, que ela era gentil e que eu devia parar de me preocupar com coisas que ainda não haviam acontecido.

Não funcionava assim, mas era um bom pensamento.

Eu estava pensando em arrumar as coisas e terminar o resto das faturas no dia seguinte. Já havia três mensagens ameaçadoras no meu telefone, uma de Mark e as outras duas de Elizabeth, dizendo que, se eu não chegasse a casa dentro de uma hora, eles viriam para mim. Eles não faziam ameaças ociosas, então decidi sair.

Assim que desliguei a luz, houve uma batida na porta da frente da loja, uma batida aguda contra o vidro.

Eu parei.

Quem quer que fosse não eram os meus.

Já passava das nove. Provavelmente não era alguém à procura de uma troca de óleo.

Peguei meu telefone e hesitei por um momento. Mas era melhor prevenir do que remediar. Eu digitei uma mensagem de grupo e enviei uma única palavra.

Espere

Eu recebi respostas de todos em vinte segundos. Mesmo Chris. Eu fiquei satisfeito, mesmo quando senti os laços entre nós brilharem. Empurrei o máximo possível o *CalmaPazAmorMatilha*, esperando que fosse o suficiente.

Porque não seria nada.

Bem. Provavelmente não seria nada.

A batida veio de novo.

Quem quer que fosse parecia persistente.

As proteções de Gordo ainda estavam em alta.

Eu tinha fé nelas mesmo que não tivesse fé no homem que os havia lançado.

Na verdade não. Não mais.

Mas Gordo me disse que, embora ele fosse forte, e apesar de ter certeza do que poderia fazer, a magia não era infalível. Não era o melhor, mas não era o fim de tudo.

Algo tinha que acabar um dia, ele me disse.

Mas eu não precisava me preocupar com isso. Porque ele estaria de volta então. Foi o que ele me disse.

E eu acreditei nele.

Eu peguei o meu pé de cabra. Eu nunca saia sem isso agora. Era uma extensão de mim, e eu o mantinha perto o tempo todo. Um Alfa manteve sua matilha segura. O pé de cabra era uma das maneiras que eu sabia fazer isso. Eu o peguei de onde ele estava inclinado contra a minha mesa, seu peso familiar. Eu não pensava em uma arma. Quão fácil seria matar quem quer que tenha vindo. Se eu precisasse, eu tinha certeza de que minhas mãos não tremessem. Claro que hesitaria, mas eu não tinha tempo para isso. Não mais.

KM

Eu me movi pela oficina escura. Até a placa de *Gordo* estava escura, desligada quando a oficina fechava. A luz do escritório não podia ser vista da frente da loja, então quem quer que fosse não tinha como saber que alguém estava lá.

A menos que eles estivessem observando.

Eu estreitei meus olhos, deixando eles se ajustarem no escuro.

As batidas vieram de novo, batidas leves e educadas contra o vidro. A porta não estremeceu. A batida não estava com raiva. Apenas insistente.

Eu empurrei a porta da oficina para a área de recepção, movendo-me lentamente.

Havia o contorno de uma pessoa parada na porta da frente, iluminada pela placa da loja de ferragens do outro lado da rua, que Harvey sempre se esquecia de acertar no temporizador. Quem quer



Kardia Mou | Wolfsong

que fosse não parecia ter nada em suas mãos, mas eu sabia que isso não significava nada. Armas podem estar escondidas em mangas. As presas podem descer. Gordo tinha me dito que tudo o que eu conseguia pensar estava lá fora, e mesmo depois de todo esse tempo, eu ainda conseguia pensar em muitas, muitas coisas.

Eu liguei as luzes.

KM Era um homem. Um homem mais velho, rosto desalinhado de barba branca e grisalha, olhos azuis piscando contra a súbita explosão de fluorescência. Ele franziu a testa um pouco enquanto me observava com a cabeça inclinada. Então ele sorriu com seus dentes grandes e tortos. Ele bateu no vidro novamente.

— Estamos fechados, — eu disse, levantando a minha voz.

O sorriso se alargou. — Eu não estou aqui por causa da minha picape Ox.

Eu mantive meu rosto em branco. — Como você sabe o meu nome?

— Todo mundo sabe o seu nome, — ele disse através do vidro. — Você não é exatamente desconhecido por estas bandas. Tudo o que eu tive que fazer era perguntar. O pessoal do restaurante é muito parcial para você.

— Por que você estava perguntando sobre mim?

— Abra a porta. É melhor conversarmos cara a cara.

— Sim, eu não acho que isso vai acontecer.

O sorriso deslizou de seu rosto. — Eu poderia apenas quebrar o vidro.

— Então você estaria cometendo um crime.

Ele bufou. — Chame a polícia. Prenda-me. Você não vai conseguir ouvir o que eu tenho a dizer.

— Por que eu deveria me importar com qualquer coisa que você tenha a dizer?

— Por causa de seus lobos.

Eu fiquei tenso, alerta. Bravo. Foi uma ameaça, pensei. Parecia uma ameaça.

— Meus lobos, — eu disse. — Eu não sei o que você quer dizer com isso.

Ele revirou os olhos. — É com isso que você está indo? Ouvi dizer que você não é tão idiota quanto parece, Oxnard. Não comece agora.

— Quem é você?

— David King, — ele disse com um pequeno arco. — A seu serviço.

— Eu não te conheço.

— Não, — ele concordou. — Mas eu conheço você.

E talvez eu estivesse ficando cansado de pessoas dizendo isso para mim. — Você não é um lobo.

— Humanos como eles vêm. O que, aparentemente, é mais do que eu poderia dizer para você.

— E você veio até aqui, — eu disse, mostrando meus dentes,
— no *meu* território?

— Seu território, — ele disse, parecendo divertido. — Que fascinante. Pergunto-me como funciona. Você não recebeu a mordida. Não tem ninguém aqui para te morder.

Eu disse: — Você deveria saber que a minha matilha está pronta. Em caso.

— No caso? — Ele perguntou. — Em caso de *quê*?

— Qualquer coisa.

— Você me mataria?

— Se eu precisasse. Se você me ameaçar e aos meus.

— Você não é como os outros.

— Outros?

— Lobos.

— Eu não sou um lobo.

— Não, — ele disse. — Mas perto. Mais perto do que qualquer humano deveria ter o direito de ser. Como você faz isso?

— O que você quer?

— Eu vim para entregar uma mensagem.

— Entregue então.

Ele piscou. — É isso aí?

Eu não disse nada.

Ele suspirou. — Eu pensei que isso seria mais dramático, honestamente.

— Desculpe desapontar.

— Nisso, sim. Mas você? Nunca. Um Alfa humano. Nunca ouvi falar de tal coisa. Eu posso ver porque ele estava tão desesperado para eu vir aqui.

Eu estava cansado de seus jogos. — Quem? — Eu rosnei e senti uma onda de satisfação quando seus olhos se arregalaram um pouco.

— Joe, — ele disse. — Joe Bennett me enviou.

As coisas ficaram confusas, como aquela TV antiga com a qual meu pai costumava brincar, torcendo as orelhas de coelho até que ele aparecia uma imagem. Eu estava estático e neve e sangue correndo pelas veias.

— Joe, — eu falei.

— Tenho a sua atenção, eu tenho? — David disse e sorriu novamente. — Bom.

Sim. Ele tinha minha atenção.

Não era uma coisa que ele deveria querer.

Ele não teve tempo de reagir quando eu corri para a porta, enrolei meu braço direito no meu peito, quebrando o vidro com o meu ombro. Eu grunhi quando o vidro quebrou em torno de nós, picadas afiadas formigando ao longo da minha pele. David soltou um grito baixo e tentou tropeçar para trás, com os braços girando. Eu bati nele, derrubando ambos. Ele caiu de costas na calçada, fazendo um barulho de vidro embaixo dele. Eu me levantei antes que ele

pudesse se equilibrar, segurando seu estômago, pressionando o pé de cabra para cima e sob sua mandíbula, a ponta afiada cavando na pele macia.

— Um empurrão, — eu disse. — E isso entra em seu cérebro.

— Impressionante, — ele ofegou. Ele parou de lutar. Havia um corte fino ao longo de sua bochecha direita, sangue escorrendo em direção a sua orelha. — Eu... Não esperava isso. Eu deveria esperar. Mas eu não fiz.

— Onde ele está?

— Jesus Cristo, quanto você pesa? Não consigo *respirar*...

— Última chance, — eu rosnei para ele.

— Eu não sei onde ele está!

— Você está *mentindo*!

— Eu não estou! Eu juro por Cristo. Eu não estou aqui para ferir você ou sua matilha. Estou tentando *ajudá-lo*, você é forte...

— Ele está vivo?

— O que?

— *Ele está vivo?*

— Sim! Sim. A última vez que o vi, sim.

— Quando?

— Três meses atrás.

— Onde?

— Alaska.

— Quem estava com ele?

— Seus irmãos. Um bruxo. Eu não perguntei seus nomes!

Eu pressionei mais forte. Sangue brotou em volta da ponta do pé de cabra. — O que você fez com eles?

— Nada. *Nada*. Eles me salvaram. Jesus Cristo, eles *me salvaram*.

— *De quê?*

— Richard Collins!

E eu *parei*.

Ele não estava mentindo. Eu não sabia como eu sabia, mas eu *sabia*. Este homem *não estava* mentindo.

E ele era a coisa mais próxima que eu tinha de Joe em quase três anos. — O que ele disse? — Eu perguntei com a voz rouca. — Uma mensagem. Você disse que tinha uma mensagem.

— Se você apenas *sair de cima de mim*—

— Diga-me a mensagem! — Eu rugi em seu rosto, cuspe voando.

— Ele disse... Ele disse *ainda não*. Ele disse para eu *não* te contar *ainda*. Ele disse que você saberia o que isso significava.

Ainda não.

Aquele maldito bastardo.

— Mais alguma coisa? — Eu perguntei friamente.

— Não. Não apenas Oxnard Matheson. Green Creek, Oregon. *Ainda não. Ainda não. Ainda não*.



DAVID KING tinha sido criado para ser um caçador de lobos anos antes. Ele foi criado no clã do Rei, seu pai e seu avô antes dele faziam o mesmo trabalho. Ele foi criado para matar qualquer coisa com dentes afiados. Mas depois de sua primeira morte, aos dezessete anos, depois que ele viu a luz nos olhos de uma fêmea Beta desaparecer quando ela sufocou em seu próprio sangue *por causa dele*, ele desistiu.

Ele tinha sido evitado por seu clã, e foi banido por eles.

Isso foi há quase quarenta anos atrás.

Eles foram os únicos a massacrar a família de Richard Collins. David não havia participado disso. Foi depois do tempo dele.

Mas não sobraram muitos Reis. Eles se esconderam porque estavam morrendo um a um.

— Gargantas arrancadas, — disse David, encolhendo-se ao empurrar um pequeno pedaço de vidro de seu corpo. — O sangue se espalhou nas paredes. Uma mensagem dos lobos.

— Que mensagem?

David suspirou. — Que ele estava vindo por todos nós.

David tinha se escondido, usando antigas conexões familiares para ficar um passo à frente de Richard e dos Ômegas. A maioria dos

Clãs de caçadores o rejeitaram, pois não queriam qualquer parte de uma disputa que certamente resultaria em suas mortes. Mas havia alguns com os quais dívidas antigas eram devidas, e ele conseguiu passar períodos de dias, até semanas, sem olhar por cima do ombro.

— Houve momentos em que pensei que talvez fosse bom, — ele disse. — Ser livre. Porque eu não tive nada a ver com meu pai e meu avô. Eu não participei desse massacre. O avô estava morto há muito tempo. Câncer, se você acredita nessa merda. O homem vive toda a sua vida lutando contra dentes e garras e é acometido de câncer.

— E o seu pai? — Eu perguntei baixinho.

David riu. Foi uma coisa vazia. — Velho homem, ele já era. A memória desapareceu há muito tempo. Ele estava em uma casa de repouso em Topeka. Ouvi dizer que tiveram que desfazer o que restava dele das paredes.

Um mês se transformou em dois, transformou-se em três, e David começou a pensar que tinha sido esquecido, que estava apagado dos radares.

— Isso foi tudo o que eu precisava, — ele disse. — Complacência. Apenas um momento de *complacência* e você fica desleixado. Talvez eu tenha mostrado meu rosto para pessoas que não deveriam. Talvez eu tenha deixado meu perfume em algum lugar que não deveria. Não sei, realmente. Mas ele me encontrou.

Um pouco fora de Fairbanks. A neve estava derretendo, a grama aparecendo aos poucos em um verde brilhante e depois *ele* estava lá.

— Ele me perguntou se eu sabia quem ele era, — disse David. — Ele apenas apareceu na minha porta e bateu todo educado.

David nem precisou responder. Richard Collins deve ter visto o olhar em seu rosto, porque ele *riu* quando David tentou fechar a porta e pegar sua arma. Ele quase conseguiu, mas ele pensou que Richard tinha deixado. — Foi um jogo, — ele disse. — Eu acho que foi apenas um jogo para ele. O grande lobo mau apenas bufou e depois derrubou a porra da minha porta.

A única coisa que David sabia era que ele estava preso em sua própria casa temporária, com os braços amarrados e esticados acima da cabeça, as pernas unidas.

— Ele me cortou, — disse David, levantando a camisa. Seu torso era uma massa de cicatrizes, algumas ainda cor-de-rosa, mais espessas, rígidas e brancas. Elas se cruzaram sobre o peito e o estômago, percorrendo suas costas, onde eu não podia ver. Parecia que ele quase perdeu um mamilo. — Com suas garras. Por horas. A coisa sobre a dor é que você pode tomar muito antes de passar. Eu tomei muita dor naquele dia.

Ele estava delirando no momento em que terminou.

Um minuto havia Richard, Richard, Richard, e no outro ele se foi, e havia um lobo de olhos vermelhos na minha frente. Um Alfa.

— Joe, — eu sussurrei.

— Joe, — David concordou. — Joe Bennett. Eu tinha ouvido o que aconteceu com Thomas Bennett. Nunca conheci o lobo, mas ouvi falar dele. A maioria das pessoas tinha, se você soubesse. Ele era essa... *Lenda* sabe? A coisa mais próxima de uma dinastia que os lobos já tiveram. Eu não tenho amor por lobos, ok? Alguns deles são fodidos, alguns deles são *monstros*, mas humanos também podem ser. Eu deveria saber. Eu vi isso. Mas Thomas... Ele estava sempre fora dos limites para a maioria das pessoas. Claro, havia aqueles que diziam que eles iriam caçá-lo um dia. Apenas para que pudessem dizer que caçaram o Alfa de todos os lobos, mas ninguém o fez. Era só uma merda que eles falavam para parecer melhor do que eram.

Aparentemente Richard já tinha saído uma boa hora antes de Joe ter encontrado David. Havia dois outros lobos e um bruxo. Eles o remendaram, fizeram-lhe perguntas. Joe ficou com raiva.

— Por quê?

— Porque ele esteve tão perto de Richard, — disse David. — Aparentemente, foi o mais próximo que eles chegaram dele. Ou então foi o que eles me disseram.

Eles saíram quase imediatamente. Mas não antes de Joe o tivesse puxado de lado, os olhos ardendo em vermelho, pedindo-lhe para entregar uma mensagem.

Ainda não.

Eu fiz uma careta para ele. — E você levou três meses para chegar aqui?

— Eu quase fui destruído por um lobisomem enlouquecido, — retrucou David. — Eu precisava de tempo para me recuperar. *E* eu precisava ter certeza de que ele não me encontraria novamente. Eu não *tinha* que vir aqui.

E ele estava certo, claro. Embora uma parte de mim quase desejasse que ele não tivesse. Porque *ainda* não era o suficiente.

— Como eles pareciam? — Perguntei. — Eles pareciam... Eles estavam bem?

David sorriu tristemente para mim. — Cansados, — ele disse. — Eles pareciam cansados. Não falavam um com os outros, não de verdade, mas todos estavam cansados.

Eu balancei a cabeça, porque não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Então, — ele não sabe?

— O quê? — Eu perguntei.

— Sobre você. Como você é um Alfa.

— Não. Eu não acho. — Então, — Como você fez?

— Eu cresci nesta vida, garoto. Existem algumas coisas que você aprende. Aprendi alguns truques com a prática, eu acho. Os olhos vermelhos são uma boa dica.

— Eu não tenho olhos vermelhos.

— É por isso que eu falei *uma boa dica*. Quando você está na presença de um Alfa, você sabe ok? Existe essa sensação de... *Poder*. De algo *mais*. Especialmente com um Alfa em seu próprio território. Eu conheci outro Alfa, além de você e Joe. Quando eu era criança. Vocês todos tinham essa mesma energia. — Ele levantou a cabeça para mim. — Como você fez isso?

— Eu não fiz nada, — eu disse, me sentindo cru. — Isso só... Aconteceu.

— Jesus, garoto. Eu não te invejo.

— Por quê?

— Porque as pessoas não vão entender. — Ele soou como o homem rude.

— Eu não dou a mínima para essas pessoas.

— Eles não se importam com isso também.

— Enquanto nos deixarem sozinhos, eles podem fazer o que quiserem.

— Você realmente acha que eles farão isso?

— Deixe-os vir, — eu disse com a voz baixa e perigosa. — Nós já lidamos com pior.

David se contorceu em sua cadeira, apenas o suficiente para que eu soubesse que ele tinha chegado ao ponto.

— Você tem um lugar para ficar?

Ele riu. — Não aqui, — ele disse. — Nunca aqui. Especialmente no território de um Alfa. Vou assim que

terminarmos aqui. Ele me encontrou uma vez, o que significa que ele pode me encontrar de novo. Tenho que continuar me movendo. Por quanto tempo eu puder.

— Isso não é vida.

— Talvez, — ele disse. — Mas é a única que tenho agora.

— Ele vai acabar com isso. Joe vai.

— Garoto, eu não duvido que você acredite nisso. E talvez ele queira. Mas eu não vou me arriscar. Eu sou um fantasma agora, você vê. E talvez um dia eu não precise mais ser, mas até o dia em que souber que Richard Collins teve a cabeça separada do corpo, vou ficar assombrando as estradas.

Ele se levantou devagar, estremecendo ao fazê-lo.

— Desculpe por isso, — eu disse.

— Sobre o que?

— A janela. O vidro.

Ele bufou. — Eu entrei no território de um Alfa sem avisar. Acho que saí bem fácil.

Ele tinha. — Ainda.

— Isso acontece, — ele disse. — Já passei por pior, embora não possa dizer que não vou sentir isso amanhã. Não sou tão jovem quanto eu costumava ser. Eu vou sobreviver. Tem sido... Interessante. — Ele se virou para ir embora.

— Você não deveria falar sobre mim, — eu disse baixinho.

Ele fez uma pausa. — Como?

— Sobre o que você viu aqui. Sobre mim.

Ele bufou. — Ninguém para conversar, mesmo se eu pudesse. É melhor assim. Eu não vou falar de você Alfa. Não se preocupe com isso.

Eu não aguentei. Eu me sentia pesado, ponderado.

Ele foi até a porta do escritório. Sua mão estava em uma maçaneta quando ele parou. — Você sabe, — ele disse sem se virar. — Havia alguma coisa sobre ele. Quando ele disse seu nome. Havia esta... Luz. Nos olhos dele. Eu pensei que talvez ele estivesse com raiva, e perdido para seu lobo. Um Alfa Ômega, talvez. Violeta e vermelho misturando juntos. Mas ele disse seu nome e... Eu não sei. Havia algo diferente nele, então. Parecia... Verde? Eu não sei se isso faz sentido. Pensei que você deveria saber.

Então ele foi embora.



Tudo bem. Alarme falso. apenas algumas crianças que quebraram uma janela.

A matilha respondeu imediatamente com mensagens de alívio.

Você tem certeza? Elizabeth perguntou.

Sim

Ela não respondeu.

Eu fiquei no escritório até tarde da noite.

Ainda não, pensei.

Ainda não.



EU NÃO contei a eles sobre David King.

Parecia mais fácil assim.



ROBBIE me beijou no final do terceiro ano.

Eu gostaria de ter dito que poderia ter previsto isso.

Eu não fiz, no entanto.

Num momento estávamos andando pela floresta, só ele e eu, como eu tentava fazer com cada um dos meus Betas, rindo e falando sobre nada em particular, e no outro os lábios dele estavam nos meus - foi desajeitado - suas mãos no meu peito, sua respiração no meu rosto. Ele era quente e doce, e eu me odiava por não tê-lo empurrado para longe. Eu poderia dizer que fiquei surpreso. Eu poderia dizer que não esperava. Mas o fato é que eu não o afastei, não no começo.

Eu não o beijei de volta.

Eu apenas fiquei lá, com o riso morrendo na minha garganta.

Mãos ao meu lado. Olhos abertos.

Ele não se moveu muito, apenas um batimento, dois, três e *quatro* e então ele se afastou, com o coração disparando ao redor de seu peito, lábios molhados. Sua língua saiu rapidamente, como se ele estivesse perseguindo o meu gosto.

Nós nos encaramos.

Eu não sabia o que fazer.

Ele disse: — Ox, eu...

Eu levantei minha mão.

Eu pensei nisso. Eu realmente pensei.

Porque seria tão fácil.

Pegar. Bem aqui. Agora mesmo.

Eu não tinha tido contato com ninguém desde antes de Joe.

Eu não tinha planejado isso também.

Mas eu não tinha certeza de onde eu me encaixaria com os planos de Joe.

E isso seria tão fácil.

E eu gostava dele. Robbie. Eu realmente gostava. Ele era legal. E bonito. Qualquer um teria sorte de tê-lo.

E eu podia.

Mas eu nunca poderia dar o que ele queria. O que ele merecia. Porque Robbie merecia alguém que pudesse dar todo o seu coração.

E eu tinha dado o meu há muito tempo atrás para um menino de olhos azuis que estava em uma estrada de terra e que esperava por mim.

— Robbie, — eu suspirei.

— Eu não deveria ter feito isso, — ele murmurou, olhando para baixo e arrastando a bota na terra.

— Talvez, — eu disse. — Mas não é uma coisa ruim.

— Não é? — Um vislumbre de esperança.

— Porque não pode *ser algo*.

Ele suspirou, com os ombros caídos. — Por causa do Joe?

— Por causa de Joe.

— Ele não está aqui.

— Não. Ele não está.

— Ox.

— Ele não está aqui. Mas isso não importa para mim. Talvez um dia, sim. Mas agora não.

— Eu só... Eu só queria -

Eu disse: — Ei. Não é nada para se preocupar. Está tudo bem. Acontece.

Ele estava ficando frustrado. — Você é meu amigo, — ele disse. — E meu Alfa. Eu só quero *ser* alguma coisa. Para você. Eu sei que você tinha Jessie... Antes. E eu pensei... Que talvez eu pudesse ser o depois. Se pudesse haver um depois.

— Você já é algo para mim. — Estendi a mão e enganchei meus dedos sob o queixo para inclinar a cabeça dele para cima. — Você é mais do que eu poderia ter esperado.

Ele me deu um sorriso dolorido. — Mas não o suficiente.

— Não se trata de ser o suficiente, — eu disse. — É sobre o que é certo. Eu não sou certo para você porque sou certo para outra pessoa. Você vai se sentir o mesmo um dia. Quando você o conhecer.

Ele deu uma breve gargalhada. — Talvez. Mas... — Ele balançou a cabeça. — Ninguém acreditou em mim como você. Não sei se quero me sentir diferente.

— Você é meu amigo, — eu disse a ele em voz baixa. — E isso é bom o suficiente para mim. Espero que possa ser bom o suficiente para você.

Ele assentiu e eu soltei minha mão.

Continuamos andando pelas árvores.

Depois de um tempo, ele disse: — Você deve realmente amá-lo. Para fazer o que você fez.

— Ele faria o mesmo por mim, — eu disse, sabendo que era verdade. Não importava o que mais eu sentia, eu acreditava nisso com tudo que eu tinha.

E nós caminhamos.



NAQUELA noite, eu sonhei com ele.

Ele estava esperando por mim na estrada de terra, o sol filtrando através das folhas, pequenos respingos de luz no chão como poças de água ondulando. Ele sorria tão brilhantemente quando ergui a minha mão para a dele, nossos dedos se enrolando juntos como sempre faziam.

Nós caminhamos lentamente em direção a casa no final da rua.

Nós não falamos.

Nós não precisávamos.

Era suficiente apenas *ser*.



ROBBIE FICOU estranho ao meu redor por algumas semanas depois disso. Ele gaguejava e corava e me evitou o quando pôde.

Elizabeth sorria e dizia que isso acontecia de vez em quando.

— Ele teria muita sorte, — ela disse para mim quando nos sentamos na varanda assistindo o pôr do sol. — Vocês dois.

— Eu pertenço à outra pessoa, — eu disse.

— Você?

— Sim.

— Estou feliz por isso.

E ela nunca trouxe o assunto de novo.



MAIS ÔMEGAS apareceram.

Nós éramos mais fortes então.

Melhores. Mais rápidos.

Mais completos.

que haver pelo menos quinze deles. Talvez vinte.

— Humano, — um cuspiu para mim.

Eu disse: — Eu só vou dizer uma vez.

Olhos violetas brilharam.

— Saíam enquanto vocês ainda podem.

Eles rosnaram para mim.

Eu bati meu pé de cabra contra meu ombro. — Se é assim que deve ser.

Minha matilha rugiu atrás de mim, humanos e lobos.

Os Ômegas deram um passo para trás, de repente inseguros.

Mas isso foi o mais longe que conseguiram.



TRÊS ANOS.



Kardia Mou | Wolfsong

Um mês.
Vinte e seis dias.

KM



Casa

ERA UMA quarta-feira.

Nós estávamos na oficina quando senti as proteções mudarem. Como se estivessem mudando. Como se estivessem quebrando.

Eu estava no escritório e parecia que tinha sido atingido por um raio.

— Que porra é essa? — Eu ouvi Tanner dizer na frente enquanto ele deixava cair algo de metal no chão.

— Jesus Cristo, — Rico murmurou.

— Ox? — Chris gritou. — Você-

A porta da sala de espera se abriu, Robbie deslizou pela oficina enquanto corria em direção ao escritório. — Você sentiu isso? — Ele exigiu quando ele entrou pela porta. — Você está bem?

— Eu estou bem, — eu disse através dos dentes, apesar de parecer que minha pele estava eletrificada. — Foram as *alas*. Algo aconteceu com elas.

Robbie empalideceu. — Mais Ômegas?

Eu balancei a cabeça. — Algo diferente. Outra coisa. — Os outros lotaram a porta, o telefone de Chris já estava no ouvido, mesmo quando o meu tocou. Eu ouvi Chris dizer algo para Jessie

assim que ela atendeu. — Elizabeth, — eu respirei fundo enquanto colocava meu próprio telefone no meu ouvido.

— Você sentiu isso, — ela disse.

— Sim. O que é isso?

— Eu não sei, — ela disse. — Algo está chegando.

— As *alas* foram rompidas?

— Não. Eu não acho... É como se elas mudassem. De alguma forma.

— Robert?

— Eu não sei. Ox. Eu acho que está vindo algo por aqui.

— Fique aí, — eu rosnei. — Com Mark. Estou indo.

— Seja cuidadoso.

Eu desliguei o telefone.

— Você ouviu isso? — Chris disse para Jessie. — Vá para casa.

— Mantenha-a no telefone, — eu disse a Chris. — Eu não a quero lá antes de nós. — Chris acenou com a cabeça quando eu me levantei. — Robbie, Tanner, comigo. Rico, vá com o Chris. Sigam atrás de nós. Chegamos a Jessie, ela deixa o carro lá e entra com você. Entendido?

Eles assentiram com a cabeça, os olhos estreitados, os dentes arreganhados.





Kardia Mou | Wolfsong

CHEGAMOS à estrada de terra sem ver ninguém, embora o sentimento elétrico se intensificasse quanto mais nos aproximamos. Agarrei o volante, os nós dos dedos ficando brancos. Meus dentes estavam cerrados e eu estava com *raiva*.

Jessie já estava esperando por nós e ela não hesitou, entrou no veículo com Chris e Rico, cabelos puxados para trás, uma lança agarrada em suas mãos. Eu observei no espelho retrovisor até que ela fechou a porta, em seguida, eles saíram para a estrada, com a poeira erguendo atrás de nós.

KM

Nós passamos pela velha casa primeiro. Estava como sempre.

A casa no final da rua era a mesma. Elizabeth e Mark estavam nos esperando na varanda, meio mudados, olhos brilhantes mesmo sob a luz do sol.

— Alguma coisa? — Eu exigi quando abri a porta da picape.

— Não, — disse Mark. — Ninguém se aproximou da casa.

— Eles vão, — disse Elizabeth, olhando para as árvores.

Eu andei de volta para a varanda, examinando a linha das árvores. Tudo parecia o mesmo. As árvores balançavam, os pássaros piavam. O território parecia *meu, nosso*. Mas havia algo mais lá, deslizando por cima, não muito apropriado, mas próximo. Eu não sabia se poderia ser Richard e Robert, tentando nos enganar. Porque mesmo que minha pele estivesse rastejando, senti algo que eu deveria reconhecer, mas estava me deixando ansioso. Eu queria rondar na frente da casa, uivando para todos os intrusos.

Os outros estavam reunidos atrás de nós na varanda, espalhados na formação com a qual treinamos tantas vezes. Eles não precisavam ser informados. Eles apenas sabiam. Os lobos estavam espalhados entre os humanos, mudados e prontos. Eu podia sentir a força deles nas minhas costas, de todos eles, e eu esperava que quem fosse estúpido o suficiente para vir até nós sentisse isso antes de termos certeza que eles não fariam isso de novo.

A eletricidade se intensificou.

— Está vindo do norte, — murmurou Mark. — Da clareira.

Também estava se movendo.

— O que é isso? — Rico perguntou, parecendo nervoso.

— Eu não sei, — disse Mark. — É quase como-

Todos os lobos ficaram tensos, ouvindo alguma coisa que não escutamos.

— São quatro, — grunhiu Robbie. — Movendo rápido.

— Fiquem juntos, — eu disse. — Seja o que for, estamos juntos.

Eu ouvia agora. Na floresta. Os passos. Um brilho de cor nas árvores grossas, algo vermelho e algo laranja e-

— Oh meu deus, — disse Elizabeth, porque ela entendeu primeiro.



UMAVEZ, quando éramos apenas nós dois na casa, ela decidiu que já era hora de tocar Dinah Shore novamente. Joe e os outros se foram há quase dois anos.

Ela colocou o disco antigo, e enquanto a cantora cantava sobre estar sozinha, ela olhou para mim e me pediu para dançar.

— Eu não sei como, — eu disse, tentando não corar.

— Bobagem, — ela disse. — Todos podem se puder contar.

Ela pegou minha mão.

Elle se movia lentamente comigo enquanto contava os passos, minha mão diminuindo a dela. Ela nos moveu em um círculo, a música repetindo uma e outra vez.

Quando ela não precisava mais contar, quando senti a música penetrar em meus ossos, ela disse: — Ficamos para trás porque precisávamos.

Eu tropecei no meu passo, mas me peguei antes que saísse do controle. Ela sorriu silenciosamente para mim enquanto eu contava sob minha respiração.

Então, — nós ficamos?

Nós nos movemos e balançamos.

Ela disse: — Nós ficamos. Eles não queriam nos deixar, Ox. Nenhum deles. Joe e Gordo. Carter e Kelly. Thomas. Sua mãe. Nenhum deles queria sair.

— Eles fizeram, no entanto. Todos eles.

— Às vezes, — ela disse enquanto nos girávamos preguiçosamente, — as escolhas são tiradas de nossas mãos. Às vezes, não queremos sair, apesar de acharmos que devemos.

— Ele não *teve* -

— Você acha que ele foi egoísta, — ela disse. — E você pode estar certo. Mas nunca se esqueça de que tudo que ele faz, ele também faz por você. E chegará uma hora em que você o verá novamente. Depende de você o que acontece a seguir.

— Estou com raiva, — eu admiti. — Tão bravo.

— Eu sei, — ela disse apertando minhas mãos. — É por isso que estamos dançando. Eu acho difícil ficar com raiva quando estou dançando. Há apenas algo sobre a dança que não promove a raiva.

— Você acha que...?

— O que, Ox?

— Você acha que ele vai voltar?

Ela disse: — Sim, eu acho. Ele sempre voltará para você.

E nós dançamos.

E dançamos.

E dançamos.



— OH MEU Deus, — disse Elizabeth Bennett.

— O que é isso? — Rico perguntou com a voz mais alta que o normal. — São os bandidos? São *os lobos maus*?

— Não, — disse Mark. — Não. É um alfa. Está-

A mão de Robbie caiu no meu ombro, garras perfurando minha camisa de trabalho e marcando a minha pele. Isso me aterrou, e me fez perceber que não estava sonhando, que estava acordado, já que não conseguia sentir dor em um sonho. Havia dor. Dor aguda que era mais suportável.

— Ox, — disse Tanner em voz baixa. — O que nós fazemos? O que nós-

Eles não precisavam fazer nada.

Quatro homens saíram entre as árvores. Todos eles estavam com suas cabeças raspadas. O da frente, o Alfa, tinha barba loira e cheia. Ele era do mesmo tamanho que os outros dois lobos, grandes e intimidantes, movendo-se com uma graça que ele não tivera antes. O quarto homem se movia com eles, menor do que os outros, mas suas tatuagens estavam tão brilhantes quanto sempre, o corvo tremulando em seu braço.

Todos pareciam semelhantes um ao outro. Eles usavam jeans pretos empoeirados, botas desgastadas. Casacos gastos. O homem com as tatuagens tinha as mangas levantadas, expondo as cores brilhantes em seus braços.

Os outros dois lobos se moviam como se estivessem na órbita de seu Alfa, a menos de um ou dois passos de distância.

Eles se aproximaram lentamente agora, mas seguramente, parando apenas quando seus pés tocaram terra. Eles tomaram uma formação muito parecida com a nossa, movendo-se em sincronia um com o outro, o bruxo ao lado do Alfa, os dois Betas de cada lado deles. Foi praticado. Eles fizeram isso antes. Muitas e muitas vezes.

Eles pararam.

Nós respiramos.

Joe

Carter.

Kelly.

Gordo.

Ei! Olá! Você! Oi Cara!

Ninguém da minha matilha saiu de trás de mim, embora eu pudesse sentir o quanto Elizabeth e Mark queriam. Eles estavam esperando.

Por mim.

Quem é Você?

Porque nós não éramos um só uma matilha.

Nós éramos duas.

Ox? Ox! Você cheira isso?

A mão de Robbie apertou meu ombro.

Joe, cujos olhos nunca me deixaram no momento em que ele saiu da linha das árvores, olhou para a mão de Robbie. Suas mãos se contraíram levemente e a pele ao redor de seu olho se apertou brevemente, mas nada mais.

Não não não. É algo maior.

Os outros estavam lá. Eu entendia isso. Meus irmãos Carter e Kelly. Meu amigo e irmão e pai Gordo. Eles estavam lá. Eu não os via há trinta e oito meses. Eles sumiram na natureza e nos deixaram para trás.

Mas naquele momento eu só vi Joe.

É você! Por que você cheira assim?

Ele estava muito maior agora. Ele era mais ou menos do meu tamanho e carregava bem o peso do Alfa. Ele já foi alto e magro, ainda em crescimento para o homem que ele se tornaria. Agora, ele estava musculoso, os músculos de seus braços e pernas esticados contra o casaco e as mangas. Seu peito era largo e firme. Nós tínhamos provavelmente a mesma altura agora.

De onde você veio? Você mora na floresta? O que você é? Nós acabamos de chegar aqui. Finalmente. Onde é a sua casa?

Este não era o garoto que eu conheci. Aquele que eu encontrei pela primeira vez na estrada de terra. Este era um Alfa puro e verdadeiro. Ele estava desgastado, as olheiras e os olhos dele contra a pele pálida dele, mas a força dele era aparente. O desajeitado

garoto que eu conheci se foi - pelo menos fisicamente. Eu não sabia o quanto mais dele permanecia.

Temos que ir ver minha mãe e meu pai. Eles saberão o que é isto. Eles sabem tudo.

Eu não sabia o que fazer.

Eu não queria falar primeiro.

Porque eu tinha certeza que diria algo de que me arrependeria.

Porque eu estava tão malditamente zangado.

Vendo ele aqui. Seguro. Lindo. Vivo. Deveria ter me feito mais feliz do que nunca. E isso era verdade.

Mas a raiva era mais forte.

Minha matilha suspirou atrás de mim quando minha fúria tomou conta deles.

E então, como ele podia ouvir a memória na minha cabeça do dia em que nos conhecemos, Joe Bennett disse: — Sinto muito. — Sua voz era profunda. Rude. Forte.

Eu fiz minha parte. — Por quê?

Ele disse: — Para o que acabou de deixá-lo triste.

— Eu sonho. Às vezes parece que estou acordado. E então eu não estou. — E eu tive que me lembrar que nós não éramos quem nós éramos, não mais, o garotinho na estrada de terra e o grande Ox idiota que iria receber merda toda a sua vida.

Seu gelo voou quando ele disse: — Você está acordado agora. Ox. Ox. Ox. Você não vê?

— Vejo o que?

Ele sussurrou como se dizê-lo mais alto seria falso. —
Estamos tão perto um do outro.

Mas não foi o mesmo de antes. Como o dia que ele era o pequeno tornado nas minhas costas, mas foi o suficiente. Porque *éramos nós*. Nós éramos tão próximos um do outro, mais próximos do que estivemos em mais de três anos, e tudo que eu tinha que fazer era dar o primeiro passo. Tudo o que eu tinha que fazer era abrir meus braços e ele poderia estar lá. Se ele quisesse. Se *eu* quisesse que ele fosse.

Eu não me mexi.

Mas ele não terminou. — Mãe, — ele disse embora seus olhos nunca deixassem os meus. — Mamãe. Você tem que sentir o cheiro dele. É como... Eu nem sei como é. Eu estava andando na floresta para examinar nosso território para que eu pudesse ser como papai e então era como... — Ele fechou os olhos por um momento. Todos nós seguramos nossas respirações. Ele continuou. — E então ele estava parado lá e ele não me viu no começo porque eu estou ficando tão bom em caçar. Eu era todo *rawr* e *grr*, mas depois cheirei novamente e era *ele* e era todo *kaboom*. — Ele abriu os olhos novamente. Eles estavam se enchendo com o vermelho do Alfa. —

Eu nem sei. Você tem que *cheirá-lo* e depois me diga por que é tudo bastões de doces e pinhas. Coisas épicas e incríveis.

Sua voz morreu.

Uma cotovia cantou das árvores.

A grama balançou com a brisa.

Ele disse: — Ox.

Eu disse — Alfa — e minha voz mal continha minha raiva.

Ele estremeceu um pouco antes de concordar em resposta. —

Alfa, — ele disse.

Não foi uma repetição. Foi um reconhecimento.

Porque este não era mais o seu território.

De alguma forma, ele se tornou meu.

Robbie flexionou a mão suavemente no meu ombro.

Os olhos de Joe se voltaram para Robbie novamente. Para o rosto dele. Onde ele estava me tocando. De volta para mim.

Ele rosnou. Um aviso. Este era um lobo estranho que ele não conhecia me tocando.

Todos ficaram tensos.

Robbie rosnou em resposta e, antes que eu pudesse detê-lo, ele pulou na minha frente, aterrissando na frente da matilha, agachado e os dentes à mostra.

Carter e Kelly estalaram suas garras e presas em resposta, aglomerando-se em torno de Joe, esperando para ver o que Robbie faria. Os outros começaram a se mover para trás, assumindo

posições táticas, e prontos para lutar, se fosse necessário, para proteger seu Alfa, caso os outros viessem atrás de mim.

Não era assim que deveria ser.

Nada disso.

Eu não estava sonhando.

Eu não estava sonhando.

Eu disse: — *Chega!*

Robbie caiu.

Assim como Carter e Kelly.

Eles recuaram, afastando-se de Joe.

Gordo ainda não se moveu, nem para atacar nem para defender.

Robbie parecia envergonhado, esfregando a parte de trás da cabeça enquanto se levantava. — Eu não faria isso, — ele murmurou.

— Eu sei, — eu disse. — E você não precisa.

Ele roçou meu ombro enquanto ele voltava para o seu lugar atrás de mim.

Eu olhei de volta para Joe. — Você está aqui. — Ao ponto.

— Eu estou. Nós estamos.

— Você fez o que você se propôs a fazer?

Uma breve hesitação. Então: — Não.

Isso... Eu não sabia o que fazer com isso. — Por que não?

— As coisas mudam.

— Então tudo isso foi para nada.

— Eu não diria isso. Olhe para você.

— Olhe para mim, — eu repeti.

— Somos bem-vindos? — Ele perguntou, e essa foi a pergunta mais importante. Porque um Alfa do território deveria dar seu consentimento para a outra matilha. Era como as coisas funcionavam.

Mas não deveria ser assim com ele. Com eles.

— Esta é a sua casa, — eu disse com os dentes cerrados. — Você não precisa perguntar isso.

— Nós sabemos, — disse Joe, o vermelho em seus olhos desaparecendo para o seu azul normal, brilhante e amplo. — Você sabe disso tão bem quanto eu, Ox. Especialmente agora que você é... Você.

Por um breve momento, pensei em dizer não. *Não, você não é bem vindo aqui. Não, não precisamos de você. Não, não queremos ver você. Porque você se foi há tanto tempo. Você nos deixou sozinhos. Você colocou os outros na nossa frente. Você foi egoísta. E cruel. Nós precisávamos de você. Eu precisei de você. Eu precisava de você e você saiu-*

Eu disse: — Você é bem vindo aqui. Todos vocês.

Todos relaxaram o mínimo.

Exceto por Joe e eu.

— Por quanto tempo? — Joe perguntou.

Uma rachadura na parede. — Depende de quando você decida que correr de novo.

Saiu antes que eu pudesse parar.

Os quatro pareciam como se eu os tivesse esbofeteado.

Eu deveria ter me sentido melhor com isso.

Eu não me sentia.

— Vocês podem ir até eles, — eu disse.

KM E Elizabeth e Mark avançaram, passando por mim para chegar a sua família. Gordo deu um passo atrás quando Elizabeth agarrou seus filhos, segurando-os o mais perto que pôde seus braços mal conseguindo alcançar os três ao mesmo tempo. Ela esfregou o rosto contra cada uma de suas bochechas, querendo sentir o cheiro deles e eles sobre o dela. O Alfa em mim se arrepiou com o pensamento da minha matilha cheirando como outra, mas eu afastei o pensamento. Não era sobre isso. Não para ela.

Mark passava as mãos pelas cabeças raspadas, misturando seu cheiro em cima de Elizabeth.

Carter e Kelly estavam chorando enquanto se agarravam à mãe.

Mark se moveu em direção a Gordo. Gordo não se mexeu. Eles ficaram olhando um para o outro, falando uma linguagem silenciosa da qual eu não fazia parte.

Joe ainda não tinha olhado para longe de mim, mesmo quando sua mãe o segurou perto.

Eu disse: — Seus quartos ainda são seus. Espero que vocês queiram descansar um pouco.

E porque eu não aguentava mais, não podia mais ficar tão próximo dele, eu fui embora.



A VELHA PORTA da casa atrás de mim cedeu contra ela, eu tentava respirar.

Eu não estava aqui há muito tempo. A casa estava em meu nome. Robbie tinha se mudado para a casa principal há um tempo, então geralmente ficava vazia. Entretanto, nós a mantivemos, no caso de ser necessária. No caso de precisarmos de mais espaço. Se a matilha aumentasse. Se pessoas viessem em busca de refúgio.

Se os *outros* voltassem para casa.

Elizabeth e o resto da matilha se revezavam limpando a casa. Certificando-se de que o ar circulasse. Enquanto nós normalmente compartilhávamos as responsabilidades, isso era uma coisa que eles não me deixavam fazer. Eles sabiam como eu me sentia aqui. Sobre esse lugar.

Porque, apesar de já ter sido lavado há muito tempo, eu sabia que o sangue da minha mãe havia encharcado os ossos da casa.

Ela estava em todo lugar aqui.

A maioria de suas roupas foi doada depois que eu dei o ok.

Mas havia mais coisas dela espalhadas.

Ela estava em todos os cantos desta casa.

Havia bolhas de sabão no meu ouvido.

Ela estava nervosa, porque os Bennetts estavam chegando e eram tão chiques.

Ela assinou seu nome e dissolveu seu casamento.

Ela ficou comigo na cozinha, perguntando por que eu estava chorando. Eu disse a ela que não poderia estar chorando, porque eu tinha que ser um homem agora.

KM

Ela apontou em um mapa, mostrando onde meu amigo havia se mudado, dizendo que ninguém nunca realmente ficava em Green Creek.

Ela era minha matilha. Minha primeira matilha.

— Ah, — eu disse, tentando respirar novamente. — Ah. Ah.

Eu escorreguei para o chão, minhas costas contra a porta.

Eu coloquei minha cabeça entre os joelhos.

De onde eu estava sentado, eu sabia que podia olhar para cima e ver o local onde ela havia morrido. Onde ela olhou para mim com aço em seus olhos. Ela sabia que ela iria morrer, e ela morreu em seus próprios termos, dando-me a menor chance de escapar e uivar para a nossa matilha.

As sombras se alongaram com o passar do dia.

Eu podia sentir os outros. Minha matilha. Sua alegria. Sua confusão. Sua tristeza. Sua raiva.

Eu não podia sentir Carter e Kelly como eu costumava. Eu não me sentia ancorado a Gordo como eu havia sido. Mesmo se ele não fosse matilha a maior parte do tempo, e que eu soubesse sobre os lobos, não tinha um laço tão longo e forte entre nós como antes, especialmente depois dele ter me presenteado com as camisas de trabalho quando eu completei quinze anos.

Joe, no entanto.

Eu podia senti-lo.

Porque ele era um Alfa. Mais do que eu já fui.

Este lugar, este território, era dele por direito.

E desde que (se se se) ele estava de volta, ele deveria ser o seu território novamente.

Eu deveria ter me sentido aliviado com isso.

Que a responsabilidade não era só minha para suportar mais.

E eu suportava. Na maioria das vezes.

Mas havia uma parte de mim que dizia *meus, meus, meus*.

Que esse lugar, essas casas, essas pessoas são as *minhas*.

Eu bati minha cabeça contra a porta, tentando limpar meus pensamentos.

As sombras se alongaram mais.

E foi quando ele se aproximou.

Mesmo antes de ouvi-lo, eu o senti.

Eu não me concentrei no vínculo, no fio. Eu não queria ver o quão esfarrapado estava entre nós, se estava mesmo lá. Algo uma vez que estava ficando mais forte a cada dia e agora em pedaços.

Eu tentei manter minha respiração tranquila. Meu coração calmo.

Eu tentei fazê-lo ir embora sem sequer dizer uma palavra.

Minha respiração estava curta. Meu coração estava tropeçando.

Ele não foi embora.

Ele não falou, mas ele não foi embora.

A varanda rangeu quando ele subiu devagar os degraus.

Suas mãos estavam no corrimão da varanda, os dedos arrastando ao longo da pintura lascada.

Ele chegou ao degrau mais alto e ficou parado por um momento.

Ele tomou um grande gole de ar e o soltou lentamente.

Tomando o cheiro do território.

Desta casa.

De mim.

Eu me perguntei se ele poderia dizer que eu não tinha passado mais do que algumas horas aqui desde que ele partiu.

Eu me perguntei se ele ainda podia sentir o cheiro da minha mãe.

Ele não falou.

Ele deu outro passo adiante. E outro. E outro, até que ele estava na frente da porta.

Ele não bateu.

Ele não tocou a maçaneta.

Em vez disso, a porta se sacudiu levemente quando ele se virou e se inclinou contra ela, deslizando para baixo como eu fiz.

Ele sentou no outro lado, nossas costas separadas por três polegadas de carvalho.

Não demorou muito para que nossas respirações e corações estivessem em sincronia um com o outro.

Eu tentei lutar contra isso. Tentei pará-lo.

Não funcionou.

Eu odiava a paz que sentia. O alívio, o maldito alívio verde que *rolou* em cima de mim, como se eu nunca realmente tivesse uma chance contra ele. Eu segurei minha raiva o mais forte que pude.

Ele ficou até eu adormecer.

Acordei enquanto a luz do sol matutino penetrava pelas janelas.

Eu estava quente e tinha um torcicolo no meu pescoço.

Eu abri meus olhos.

Eu ainda estava sentado contra a porta. As minhas costas doíam.

Dois lobos descansaram suas cabeças em minhas coxas. Os dois abriram os olhos, como se estivessem esperando que eu acordasse.

Um terceiro lobo estava enrolado contra o meu lado, com os pés se contorcendo enquanto ele sonhava.

Elizabeth. Mark.

Robbie.

Os outros estavam lá.

Jessie estava roncando suavemente, seus braços envolvendo uma das minhas pernas.

Tanner, Rico e Chris estavam esparramados ao meu redor, cada um com uma mão me tocando de alguma forma. Meu pé. Minha mão. Meu estômago.

Ninguém mais.

Joe não estava mais na porta.

Eu não o tinha ouvido sair.

Eu não ouvi os outros entrarem.

Mark fechou os olhos novamente, respirando fundo e devagar.

Elizabeth ainda me observava.

Eu corri meus dedos sobre as orelhas dela.

Ela os jogou para mim, bufando baixinho.

— Eu não sei o que fazer, — eu disse baixinho, para não acordar os outros.

Ela piscou.

— Estou com fome. E eu não sei como esquecer isso.

Ela espirrou.

— Nojento, — eu disse.

Ela se encostou na minha mão.

— Carente, — eu disse, esfregando o pêlo entre os olhos.

Ela bufou.

— Você está aqui, — eu disse. — Comigo.

KM Ela olhou para mim como se perguntasse como eu poderia dizer algo assim enquanto soava estupidamente chocada. E ela provavelmente estava. Eu tive anos para me acostumar com as expressões faciais dos lobos.

— Você deveria estar com eles.

Ela mordeu minha mão suavemente entre os dentes, balançando a cabeça para trás e para frente.

Tudo que eu recebi dela foi *MatilhaFilhoAmor*.

Eu sabia o que ela estava fazendo. Ela e os outros mostravam onde estavam suas lealdades. Isso tornava as coisas melhores. E isso era muito pior.

Eu não queria isso. Esta divisão. E enquanto eu me sentisse assim, desde que deixasse minha raiva sair de controle, minha matilha sofreria por isso. Thomas me ensinara que a matilha era uma extensão do Alfa e que, seja lá o que ele sentisse, eles também



Kardia Mou | Wolfsong

sentiam. Mais ainda quando se trata de uma emoção particularmente forte.

Tudo o que eu sentia agora eram fortes emoções.

Ela fechou os olhos novamente e suspirou, descansando a cabeça na minha perna.

Logo ela dormiu novamente.

Eu não me movi por um longo tempo, cercado pela minha matilha.

KM



Como um lobo / eles sangraram aqui

— PARECE BOM, — disse Gordo, parado na porta do escritório.

Eu congelei porque não o ouvi se aproximando. Fazia três dias desde que eles voltaram, e eu fiz o meu melhor para evitar, evitar, evitar, pelo menos até que eu pudesse resolver minha própria cabeça. Eu fiquei na casa velha, Joe e os outros ficaram na casa principal. Elizabeth e Mark ficavam no meio, mas quando a noite caía, ficamos em nossas casas separadas.

Eu não sabia o que iria acontecer na lua cheia, que estava a poucos dias de distância.

Eu esperava tomar uma decisão sobre como progredir até lá.

Ou tirar minha cabeça da minha bunda.

Mesma diferença.

Robbie ligou para avisar a Alfa Hughes que Joe e os outros haviam retornado. Ela tinha perguntas que precisavam ser respondidas, mas Robbie não podia. Ele não tinha realmente falado com Joe, além do confronto inicial fora da casa no primeiro dia. Ele passava a maior parte do tempo na casa velha comigo. O resto da matilha vinha e ia embora, como de costume. Eles sentiam a atração para mim, mas não tão fortes quanto os lobos. Enquanto fosse comum que os membros humanos fossem embora todos ao mesmo tempo, eu normalmente tinha um lobo ou dois comigo.

Mas eu não tinha falado com eles, nem mesmo os tinha dado um vislumbre ou dois. Houve um momento em que eu estava voltando da oficina e fiquei cara a cara com Carter perto da velha casa, e tudo que eu conseguia pensar além de seu exterior era o jeito que ele riu depois que Joe descobriu que Carter tinha me beijado primeiro. A maneira como eles correram pela floresta. O jeito que Kelly me chamou pai naquele tom irônico dele.

Tudo parecia tão simples então.

Carter abriu a boca para dizer alguma coisa, mas eu apenas assenti e contornei-o. Eu pensei que ele ia me alcançar e me impedir, mas ele não conseguiu, embora eu pudesse senti-lo me encarando enquanto entrava e fechava a porta atrás de mim.

Eu não vi Joe, mas isso não significava que ele não estivesse observando.

Eu não perguntava a Elizabeth ou Mark sobre eles. Eles não ofereceram nada.

Mas se eles não estivessem na velha casa, eu sabia onde eles estavam.

— Bom, bom, — disse Gordo, e eu congelei com as faturas de despesas que eu estava olhando pela última hora.

Eu olhei para ele lentamente, um estranho déjà vu passando sobre mim ao vê-lo ali de pé, como se ele estivesse chegando para ver como minha lição de casa estava indo. Ele não me deixava ficar na oficina, a menos que eu pudesse listar sete fatos sobre porra do Stonewall Jackson, — *não é difícil, Ox, você pode fazer isso lá no escritório, vai para lá.*

Exceto que *este* Gordo não era *aquele* Gordo. *Este* Gordo estava mais endurecido do que o outro Gordo. Havia linhas ao redor dos olhos dele, mais pronunciadas do que antes. Ele tinha trinta e oito anos agora. Os últimos três anos não foram bons, embora ele estivesse melhor do que antes. Eu não sabia se isso tinha a ver com a matilha que ele estava, ou se eles não tinham nada além de se exercitar o tempo todo que eles estiveram fora.

Foram os olhos dele, no entanto, que me impressionaram mais. Eles sempre foram vibrantes. Brilhantes. Rápidos para brilhar com raiva, rápidos para se acenderem quando ele estava feliz.

Agora eles estavam sem brilho e opacos, ligeiramente afundados. Este Gordo viveu duro nos últimos três anos. Eu não queria saber as coisas que ele tinha visto. As coisas que ele fez.

Esta nova imagem dele não ajudava com o que ele usava. Ele não usava suas roupas habituais, nenhuma camisa de trabalho com seu nome costurado no peito, nenhuma Marinha Dickies. Ele usava jeans e uma blusa esticada no peito. Uma jaqueta de couro marrom surrada, o colarinho curvado em volta do pescoço.

— Sim, — eu disse, porque eu não sabia mais o que falar. — Nós fizemos tudo certo.

E não foi por sua conta, foi deixado sem dizer, mas ele ouviu. Mesmo que eu não quisesse que estivesse saído.

Ele assentiu, passando a mão pela armação da porta, os dedos pegando um pedacinho de tinta. — Melhor do que isso, eu espero.

— Nós não estamos falidos, se é com isso que você está preocupado.

— Não. Não achei que você iria. — Ele deu um sorriso que eu não retornei. — Nunca me preocupei com isso, garoto.

Olhei de volta para as faturas, sem saber o que dizer em seguida.

Ele suspirou e se moveu pelo escritório, arrastando as mãos ao longo de tudo que podia alcançar. Eu reconheci isso como o hábito de um lobo quando eles queriam sentir seu cheiro em algo ou alguém. Os Bennetts fizeram isso quando entraram na minha casa

pela primeira vez, se esparramando e tocando tudo o que podiam. Joe especialmente. Quando ele foi para o meu quarto. Quando ele viu o lobo de pedra, sentado no meu...

Não, eu não iria-

— Você age como eles, — eu disse ao invés de seguir essa linha de pensamento. — Como um lobo. E se mova como eles também.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim. — Panela, chaleira.

— Isso não foi uma acusação.

— Eu não disse que era uma.

— Eu não...

Ele esperou.

Eu não podia dizer isso porque eu *era*. Se qualquer coisa, eu era mais lobo do que ele, embora ele estivesse mais imerso nisso, especialmente nos últimos três anos. Ele estava entrincheirado e eu... Bem. — Eu fiz o que tinha que fazer.

— E você não vai ouvir ninguém dizer o contrário.

Isso era surreal. Eu me perguntei se era o mesmo para ele. — Eles te contaram. O que nós passamos.

Ele fez uma pausa, os dedos mal tocando a foto em cima do arquivo. Era velha. Eu e Gordo. Tanner, Chris e Rico. Meu décimo sexto aniversário, quando me deram as chaves da oficina. O dia em que conheci os Bennetts. Eu não me lembrava de quem tinha tirado a foto, provavelmente alguém que parou para uma troca de óleo,

mas o braço de Gordo estava em volta dos meus ombros enquanto eu sorria para a câmera. Rico estava do outro lado, e Tanner e Chris estavam ao meu lado. Gordo tinha um cigarro atrás da orelha.

Ele deixou seu dedo descansando contra o vidro da moldura da foto, traçando os rostos de todos na foto.

— Território, — ele disse. — Palavras vagas. Tudo propositadamente. Não é mais o território dele, mas precisa vir do Alfa. Muito parecido com o que não dissemos para eles nessa época, ou mesmo a você. Porque precisava vir de Joe.

KM

— Por que ele não disse nada? — Eu teria pensado que ele teria pelo menos falado com Elizabeth. Mark. Pelo menos atualizá-los sobre o que aconteceu. Eu estava muito envolvido em minha própria auto piedade para me aproximar dele. Não era justo, mas eu precisava ser egoísta para a minha própria sanidade.

Gordo bufou. — Ox, aquele dia foi à primeira vez que o ouvimos falar em quase um ano, exceto as poucas palavras que ele disse ao idiota do David ao mandá-lo para cá. O que eu suponho que ele veio.

Meus braços se arrepiaram.

Ainda não.

— Que diabos, — eu sussurrei.

Gordo encolheu os ombros quando puxou a cadeira do outro lado da mesa e sentou-se. Ele suspirou e passou a mão sobre a barba por fazer. Ela raspava sob seus dedos. — Ele acabou de parar,

Ox. Carter e Kelly disseram que era como ele estava depois... Bem. Depois de Richard Collins. E antes de você.

— Mas. Ele é o *Alfa*. Como diabos ele... Oh, Jesus. Ele nem precisou conversar, não foi? Os laços. A matilha se liga entre todos vocês.

Gordo suspirou. — Sim. Foi... Intenso. Senti-lo do jeito que sentimos. Era assim quando eu estava... Depois do meu pai, eu acho. Eu tinha doze anos quando me tornei o bruxo do bando de Bennett. Não era como é agora. Ou como nos últimos anos. Tudo é mais... Não sei. Só *mais*.

— Então ele parou de falar, — eu disse categoricamente.

— Na maioria das vezes. Se ele alguma vez falou, foi uma palavra ou duas. Nada mais que um grunhido, na verdade.

— E todos vocês apenas permitiram isso.

— Nós não *permitimos* nada, Ox. É assim que foi. Você acha que poderia fazer um Alfa de luto fazer *alguma coisa*? Tente. Seja meu convidado.

— Realmente, — eu retruquei. — Porque eu não sei nada sobre ser um Alfa de luto.

Isso o parou. Seja qual fosse à raiva que estava construindo nele, ela parou, e ele apenas parecia cansado. E mais velho do que eu já o vi antes.

— Ox, — ele disse baixinho.

— E para não mencionar, você deixou seu maldito *companheiro* aqui-

Seu rosto ficou de pedra. — O deixe fora disso.

— Pelo menos você está reconhecendo isso agora.

— Eu não quero falar sobre ele.

— Ele sabe disso?

— Ox.

— Três perguntas.

Ele piscou. — O que?

— Eu vou lhe fazer três perguntas.

— Deixe Mark fora disso.

— Não é sobre Mark. É sobre tudo.

— Ox, eu te disse. Precisa vir do...

— Gordo.

— Tudo bem. — Ele parecia um pouco irritado. Isso me lembrou do Gordo que eu conhecia. — Três perguntas. E eu peço o mesmo de você.

Minha pele coçava. — Bem. Eu vou primeiro.

Ele assentiu. Por alguma razão, as tatuagens em seus braços queimavam.

— Por que vocês abandonaram os telefones? — Perguntei.

Gordo olhou para mim. Ele obviamente não esperava isso.

Eu esperei.

— Joe achou que seria mais fácil, — ele disse devagar. — Ele pensou que, se cortássemos os laços, poderíamos nos concentrar no que precisávamos. Que ser lembrado de casa, de todos vocês, tornava as coisas mais difíceis.

— E vocês todos concordaram com isso.

— Isso foi uma pergunta?

— Uma declaração.

— Nós concordamos porque ele estava certo. Por causa do que tínhamos que fazer. Porque toda vez que ele pegava aquele telefone, toda vez que víamos uma mensagem sua, ficava muito mais difícil não dar meia volta e voltar. Nós tínhamos um trabalho para fazer, Ox. E nós não poderíamos fazer isso nos lembrando de nossa casa.

— Então, ao invés de nos avisar que vocês estavam bem, que vocês estavam vivos, você decidiram - desculpe-me, *Joe* decidiu — que seria melhor que nos mantivéssemos no escuro.

Gordo estremeceu. — Joe disse que Mark e sua mãe saberiam. Que eles ainda sentiriam...

Eu bati meu punho na mesa. — *Eu* não senti, — eu rosnei. — Eu não senti uma *maldita* coisa. E não me diga que eu tinha que saber, porque não era o mesmo.

— Você acha que nós queríamos isso? — Ele retrucou. — Você acha que *pedimos* para ser colocados nessa posição?

— Essa foi a sua pergunta? — Eu disse, jogando suas próprias palavras de volta para ele.

O fantasma de um sorriso há muito tempo morto. — Por que você disse a eles?

Rico. Tanner. Chris. Jessie.

— Porque eles precisavam saber, — eu disse. — Porque eles não entenderam porque você os deixou. Porque, quer você soubesse ou não, eles também eram sua matilha. Eles precisavam entender que não estavam sozinhos, mesmo se você já tivesse ido embora.

Ele fechou os olhos.

— Por que você voltou? — Perguntei.

— David King.

Eu fiz uma careta. — E ele?

— O que restou dele foi encontrado em Idaho.

— O que restou, — eu repeti.

— Pedacos, Ox, — disse Gordo, abrindo os olhos. — Ele foi encontrado em pedacos fora de Cottonwood. Em um motel de merda. Sua cabeça foi colocada no meio da cama.

— Quando?

— Algumas semanas atrás.

— Richard.

— Provavelmente. Havia uma mensagem escrita na parede com seu sangue. Eu vi as fotos. Quatro palavras. *Mais um Rei caído.*

Joe perdeu isso. Só um pouco. Fazia muito tempo que estávamos logo atrás. Houve mortes em Washington. Nevada. Califórnia.

— Por todo o Oregon, — eu murmurei.

Gordo assentiu. — David foi o último. Era como se Richard estivesse nos provocando. Joe e nós, então voltamos para casa depois disso. Precisávamos ter certeza... — Ele balançou a cabeça. — Você precisa falar com Joe. Ele lhe diria isso - apenas fale com ele. Minha vez. Quando você se tornou um Alfa?

Não *como*, mas *quando*, como ele sabia que era apenas uma questão de tempo. — Os Ômegas vieram, — eu disse.

— As proteções.

Jessie estava fora delas. Ela cheirava como nós. Como eu. Eles a levaram. Tanner, Chris e Rico já faziam parte de nós. Nós fomos até aos Ômegas. Nós lutamos. Eles perderam. Os outros, eles olharam para mim. E como não havia mais ninguém aqui para liderá-los, eu fiz o que tinha que fazer.

— Você sempre fez, — ele disse.

— Eu não sou um lobo.

— Não, — ele disse. — Mas você é alguma coisa. Última questão.

Tantas coisas que eu precisava perguntar. Nos últimos três anos. Sobre onde estávamos agora. Sobre o estado de sua mente. Se ele era o mesmo Gordo que costumava ser. Se aquele Gordo estava

morto e enterrado. Se pudéssemos ser o que éramos um para o outro.

Mas havia apenas uma pergunta, na verdade.

— Eu ainda sou sua ancora?

Seus olhos se arregalaram.

Suas mãos tremiam.

Seu lábio inferior tremeu.

Ele deu um grande suspiro trêmulo.

Quando ele falou, sua voz estava rachada e molhada.

KM

Ele disse: — Sim, Ox. Sim. Claro. Você sempre foi. Mesmo quando as coisas ficaram escuras, mesmo quando estávamos a centenas de quilômetros de casa dormindo na beira da estrada, sim. Mesmo quando eu estava cansado e não achava que poderia dar outro passo. Mesmo quando encontrei lugares na minha magia que não achei que fossem possíveis. Sim. Era você. Sempre você. Eu pensava em você porque você é a minha casa. Você é a minha matilha também, ok? Eu não me importo se você é um Alfa. Eu não me importo se você é o *meu* Alfa. Você é minha matilha também.

Eu balancei a cabeça, não confiando em mim para falar.

Ele disse: — Minha vez. Ox. Ox. Eu ainda sou o seu amigo? Porque eu não sei se posso suportar não ser o seu amigo. E seu irmão. Por favor, diga que ainda sou seu irmão. Porque eu preciso que você seja. Eu preciso disso tão mal. Eu não sei o que fazer se você não for mais. Ox, por favor, diga que eu sou...

E eu coloquei minha cabeça na mesa e chorei.



ELES NOS encontraram algum tempo depois, Gordo estava agachado ao meu lado, esfregando a testa contra o meu ombro, nós dois fungando e enxugando os nossos rostos.

— Jesus Cristo, — Tanner disse.

— Cheira a sentimentos aqui, — disse Rico. — É isso o que eu diria se eu fosse um lobisomem?

— Vocês estão *chorando* um no outro? — Chris exigiu. — Eu pensei que ainda poderíamos estar com raiva dele! Ox, seu traidor!

Eu ri cheio de lágrimas. No ritmo que eu estava indo, eu nunca seria o homem que o meu pai disse que deveria ser. Eu achava que isso não era uma coisa tão ruim.

Gordo murmurou algo sombriamente, ainda pressionado contra mim, a mão agarrando a minha. Eu não sabia se estava pronto para soltá-lo ainda.

— *Ainda* podemos ficar com raiva dele, — disse Tanner. — Mesmo que Ox já tenha cedido.

— Três dias, *Alfa*, — disse Rico com um olhar. — Você durou três dias.

— Eu ainda vou ficar bravo, — disse Chris.

— Vinte e cinco anos de amizade, — disse Tanner.

— E você manteve essa merda de nós, — disse Rico. — *Brujo*.

— Você nos disse que as coisas eram *estranhas* às vezes, — disse Chris.

— Que suas tatuagens não se mexiam, — disse Tanner. — Que nós éramos apenas loucos.

— Ou que, quando você terminou com Mark, era tudo o que era, — disse Rico. — *Apenas um rompimento*.

— E que seu pai foi preso por assassinato, — disse Chris. — Não que ele tenha assassinado pessoas com *magia*.

— Em retrospecto, faz sentido. — Tanner franziu a testa.

— Agora que nós estamos dizendo tudo isso em voz alta, eu me sinto meio idiota. — Rico franziu o cenho.

— Por que até acreditamos quando ele desaparecia nas luas cheias às vezes? — Chris suspirou.

— Mas ainda estamos bravos com você, — disse Tanner.

— Porque você é um idiota, — disse Rico.

— O maior idiota, — disse Chris.

Eles cruzaram os braços sobre o peito e olharam para Gordo.

— Eu senti a falta de vocês, — disse Gordo com a voz rouca. — Mais do que vocês poderiam imaginar.

— Droga, — disse Tanner.

— *Merda*, — disse Rico.

— Precisamos nos abraçar agora, — disse Chris.

E eles se acumularam em cima de nós.



EU VOLTEI para casa caminhando naquela noite.

As estrelas brilhavam no alto.

Eu reagia à estrada de terra que levava a casa no final da rua.

Joe estava lá.

Eu não o via desde o primeiro dia.

Ele estava vestido normalmente agora. Um par de jeans. Um suéter suave.

Ele havia raspado a barba. Eu vi o menino que ele tinha sido uma vez.

Mal, mas ainda está lá.

Só mais... Agora.

Ele não era mais o garoto de dezessete anos.

Maior. Mais forte. Um homem. Um Alfa.

Ele não disse nada quando me aproximei.

Nós tínhamos a mesma altura agora. Eu tinha certeza disso.

Eu me perguntava o quão grande seu lobo era agora. Se ele parecia com o seu pai.

Eu tinha tantas perguntas.

Mas eu não podia ainda.

Eu disse: — Ainda não, — sabendo muito bem que iria queimar.

Ele se encolheu, mas não falou.

Eu passei por ele sem parar.



DOIS DIAS depois, Carter e Kelly me sequestraram.

Tecnicamente.

Saí do restaurante depois de terminar um sanduíche no almoço. Antes que eu pudesse dar um passo para atravessar a rua de volta para a oficina, um SUV familiar guinchou até parar na minha frente. Eu mal tive a chance de reagir antes que a porta do passageiro fosse aberta e dois lobos me encarassem.

— Entre, — disse Carter.

— Ou o que? — Eu disse.

— Ou vamos isso por você, — disse Kelly.

— Mesmo. Você realmente quer tentar isso?

— Claro, — disse Carter. — Entre *agora*.

— Antes de nós arrastarmos sua bunda, — disse Kelly.

Eu pensei em ir embora.

— Lobisomens, — eu murmurei.

Eu entrei no SUV.

Eles pareciam surpresos quando voltaram a olhar para mim.

— Bem? — Eu perguntei, arqueando uma sobrancelha.

— Eu não achei que isso realmente funcionaria, — disse Carter.

— Sério, — disse Kelly com uma carranca. — Eu pensei que seria muito mais uma boa postura.

Dei de ombros. — Eu não sei o que é isso.

— Ele quer dizer que ele achava que teríamos que arrastar sua bunda, — disse Carter.

— Oh. Assim. Vocês iam me sequestrar...

— Não *sequestrar*. Você não pode *sequestrar* alguém do seu tamanho, que porra...

— Me *sequestrar* e o que? Ficar aqui sentados e olhar em volta? — Sacudi a cabeça. — Jesus, como diabos vocês sobreviveram tanto tempo sozinhos?

Eles me encararam.

Eu olhei de volta e senti algo se instalar no meu peito. Como uma rachadura cheia.

Eu dei a eles uma saída. — Certo. Então. Eu tenho trabalho a fazer. Se pudéssemos começar isso? Então pode acabar logo.

— Você não vai voltar ao trabalho, — disse Kelly. — Hoje não.

— Gordo já está lá, — disse Carter, afastando-se do meio-fio. — Decidido, agora foi um bom momento para ir até a oficina. Sorte nossa, porque agora temos todo o tempo do mundo.

— Ele me liberou? — Perguntei sem saber se devia estar me sentindo divertindo ou irritado. Um pouco dos dois parecia certo. — Parece que ele se esqueceu de mencionar isso para mim. — Provavelmente por um bom motivo também. Enquanto estávamos nos recuperando, não sei se teria concordado com isso se soubesse antes. E acho que todo mundo já imaginava disso. Eu era um idiota teimoso quando precisava ser.

— Bem, a oficina é chamada de *Gordo*, — disse Carter. — Tenho certeza que ele não achou que fosse necessário.

— Ele provavelmente vai querer reaprender algumas coisas, — eu disse. — Três anos é muito tempo para estar longe.

Ambos estremeceram com isso.

— Ele está fazendo isso há anos, — Carter murmurou.

— Não é como se ele tivesse esquecido, — resmungou Kelly. — Não foi *assim*...

— Não, — eu disse, com a minha voz mais profunda do que normalmente era. — Não se *atrevam* a dizer que não passou tanto tempo. Vocês não têm ideia de como foi aqui. Então não digam isso.

O resto da viagem foi silencioso.



FIQUEI surpreso quando o SUV parou e eu descobri que estávamos ao lado da velha ponte coberta. Era meio do dia em um

dia de semana, então estávamos sozinhos. Carter saiu primeiro, batendo a porta atrás dele. Nós observamos enquanto ele andava na frente do SUV, olhando para a ponte. Ele estava rosnando, algo que eu podia ouvir mesmo que as janelas não estivessem abaixadas.

— Podemos sentir o cheiro deles, — disse Kelly. Os Ômegas
— Havia muito sangue.

Kelly observou seu irmão. — Mark nos disse. Não tudo. Alguns pedaços. Disse que o resto precisava vir de você. Joe não ficou muito feliz com isso.

Eu bufei. — Eu não espero isso.

— Foi difícil para ele. Para todos nós.

— Tão difícil para vocês que fomos deixados para trás.

— Nós não queríamos sair.

— Queriam.

— Joe... Não. Isso não é justo. Todos nós fizemos a mesma escolha. Ele não decidiu sozinho. — Kelly suspirou. — Eu posso sentir o seu sangue também. Aqui. E da minha mãe.

— Acontece quando você está lutando contra presas e garras.

— Você entende?

— O quê? — Eu perguntei, observando Carter enquanto ele espreitava a área onde nós lutamos, parando de vez em quando para encarar a sujeira.

— Por que fizemos as escolhas que fizemos.

Eu poderia mentir, mas ele saberia. Os dois saberiam, porque eu sabia que Carter estava ouvindo.

— Não, — eu disse, — não entendo. Vocês esconderam essa merda de mim. Vocês agiram como se eu não fosse parte disso. Uma parte de vocês. Vocês tomaram decisões sem mim.

— Você acabou de perder sua mãe-

— Então todos vocês decidiram que a melhor coisa era eu perder o resto de vocês também? — Perguntei. — Porque foi o que aconteceu. Eu perdi minha mãe. E meu Alfa. E então meus irmãos e o meu... Joe. Isso foi o que eu perdi. Porque todos vocês decidem...

— Nós só queríamos mantê-lo seguro, — disse Kelly, sangrando de frustração. — Eu sei que você não gostou, mas nós com certeza esperamos que você pudesse entender pelo menos isso.

Eu ri. — Entender? Certo. Por que não? Você entende por que estou tão zangado que mal posso pensar direito? Você entende por que apenas a visão de você me deixa feliz e doente ao mesmo tempo? Que eu não sei se quero te abraçar ou chutar a porra da sua bunda?

Ele abaixou a cabeça.

— Claro que não. Porque você escolheu o caminho de menor importância. Tudo o que você conseguia pensar, tudo o que *ele* conseguia pensar era na vingança. Não nas consequências de ficar aqui. De lidar com a dor de perder a matilha. De perder seu maldito *Alfa*. E desde que o *novo* Alfa tomou essa decisão com a qual

todos concordaram, fomos forçados a nos manter com tudo o que nos restava. Então sim. Há sangue aqui. *Meu* sangue. E de sua mãe. E do Mark. E de cada outra pessoa na *minha* matilha. Porque eles sangraram aqui. Por mim. Por você. E para *ele*.

Carter havia parado com as mãos estendidas ao lado do corpo, os ombros tensos. Ouvindo.

— Nós tentamos, — disse Kelly com a voz quebrada. — Nós queríamos... Apenas. Não houve um dia que não pensamos em casa Ox. OK? Que não pensamos em você. Que não desejamos estar em casa com você. E com a mamãe. E Mark. Eu sei que você perdeu sua mãe, Ox. E nós perdemos nosso pai, mas quando... Quando saímos, foi à coisa mais difícil que tivemos que fazer. Você acha que não sofremos? Nós sofremos. Sofremos — pelo nosso pai. Por nosso *Alfa*. Mas não foi nada comparado à tristeza de deixar todos vocês em paz.

— Vocês deveriam ter voltado para casa.

— Nós deveríamos.

— Vocês não deveriam ter nos cortado.

Kelly estendeu a mão e enxugou os olhos. — Sim, — ele disse. — Eu sei. Mas também sei por que nós fizemos isso. Gordo... Ele... Uh. Ele lutou contra isso. Disse que era idiota. Que você... Você não entenderia. Mas era diferente. Para nós. Para os lobos. Porque todos nós estávamos amarrados a você então, Ox. E doeu. E *machucou*. E nós não poderíamos fazer o que precisávamos

fazer sendo amarrados a você. Ao ver suas palavras no telefone dele. De-

— Valeu à pena?

Ele olhou pela janela para o irmão. — Alguns dias eu acho que sim. Alguns dias eu não sei. Na maioria dos dias, eu não sabia o que pensar. Porque eu não sabia como nos encaixávamos. Você pode sentir isso, não pode?

Ele abriu a porta e saiu.

Eu assisti os dois através do vento.

Kelly estava ao lado de seu irmão, ombro a ombro.

Carter parecia tenso. Ambos pareciam.

Eu pensei que talvez eles pudessem ser confundidos com gêmeos agora, não apenas como eles pareciam, mas pelas mesmas expressões assombradas em seus rostos. A maneira como eles usavam sua culpa.

Doeu quando eles foram embora.

Quando minha mãe morreu. Quando Thomas morreu.

Nós nos entristecemos. Por eles. Por todos eles.

E *ainda* doía. Mas talvez não tão agudamente como antes.

Eles ainda não tinham conseguido.

Porque eles estavam *cercados* por essa dor. Por Richard Collins e tudo o que eles fizeram.

Eles fizeram suas escolhas, sim.

Seja por família ou obrigação.

E eles nunca tiveram a chance de parar. De descansar. De lamentar tudo o que eles perderam.

Isso machucou meu coração.

Eu os segui para fora.

Eles olharam para mim enquanto eu caminhava lentamente em direção a eles.

— Eu não sei como perdoar, — eu admiti. — Perdoar Joe.

— Você perdoou Gordo, — disse Carter, parecendo amargo. — E pareceu bastante fácil.

— Eu não o perdooi por merda nenhuma. Só porque eu falei com ele não significa nada. Por mim, ele não está em uma posição diferente de qualquer um de vocês.

— Eu faria de novo, — disse Carter.

Kelly fez um barulho estrangulado.

— Você faria? — Eu perguntei.

— Se tudo acontecesse novamente, se tivesse que fazer cada coisa de novo, eu faria. — Ele era desafiador. Bravo. Assustado.

— Por quê?

— Porque nós tivemos que ir.

— Você poderia ter me levado também.

Carter parecia frustrado. — Você não entende.

— Eu acho que nós já estabelecemos isso.

— Papai sabia.

Kelly disse: — *Carter*.

Carter o ignorou. Ele manteve o olhar em mim.

Eu olhei entre eles. Então, — O quê ele sabia?

— Ele não disse isso. Não em tantas palavras. Não diretamente.

Kelly disse: — Carter, talvez ele devesse ouvir isso de...

Carter disse: — Ele nos disse para protegê-lo. Que você era especial. Que você era diferente. Que se algo acontecesse com ele, nós tivéssemos certeza de que você ficasse seguro. Assim como nós manteríamos a mãe segura. Porque você era *importante*. Que era diferente com você.

Eu me senti socado. Meu coração estava quebrando tudo de novo.

— E algo aconteceu com ele. Ele *morreu*. E Joe se tornou nosso Alfa. E tudo o que ele conseguia pensar era parar de uma vez por todas. Tudo o *que* podíamos pensar era mantê-lo seguro. Porque se Osmond soubesse o que você era, então Richard também saberia. E se Richard soubesse, então você *não estaria* seguro.

— Então vocês saíram, — eu disse.

— Talvez não seja a melhor escolha, — disse ele. — Mas foi a *única* escolha.

— Com certeza *não foi*, — eu bati nele. — Você pode ter-

— Partimos para acabar com isso. Para desviar a atenção de você e encontrá-lo nós mesmos, — disse Carter. — Nós saímos para mantê-lo seguro e, ao evitá-lo, esperamos poder manter os outros

afastados. Nós fizemos o nosso *melhor* Ox. Era a coisa certa a fazer? Eu não sei. Mas eu faria de novo se isso significasse mantê-lo seguro. Porque eu acho que nenhum de nós ficou surpreso em voltar e ver o que você se tornou. Eu acho que papai sabia antes de todos nós que isso é *quem* você seria. Você fez uma *matilha* Ox, com *humanos*. Ninguém poderia ter feito isso, apenas você. Desculpe-me por termos saído. Sinto muito que você sentiu como se tivéssemos abandonado você. Sinto muito por não termos dito nada. Mas você é meu *irmão*. Você é o *irmão* de Kelly. Nós faríamos *qualquer coisa* para você.

— Vocês não podem sair de novo, — eu disse com a voz áspera. — De novo não. Vocês não podem. Vocês fariam qualquer coisa por mim? Bom. Não vão embora.

Carter e Kelly trocaram um olhar antes de encolherem os ombros quase em uníssono.

— Claro, — disse Carter.

— Tudo bem, — disse Kelly.

Eu olhei para eles. — É isso?

Eles me atacaram antes mesmo que eu soubesse o que estava acontecendo.



NÓS ESTÁVAMOS no campo, Kelly com a cabeça no meu estômago, subindo a cada respiração que eu dava. Carter se agarrou ao meu braço e mão, palma com palma, dedos apertados.

A raiva estava se afastando.

Eu me esforcei para mantê-la perto, porque achava que era muito fácil deixá-la ir.

Que deveria haver mais do que isso.

Mas havia verde em seu relevo.

Eu não os perdoei totalmente. Gordo. Os dois lobos enrolados contra mim. Mas eu perdoaria. Hoje não. E provavelmente amanhã também não.

Mas eventualmente.

Joe, no entanto. Eu não sabia sobre ele. Tudo estava embrulhado. Não parecia justo que eu pudesse perdoar os outros, mas não ele.

Kelly suspirou e enterrou o rosto no meu peito, esfregando o nariz para frente e para trás.

— Tudo bem, — disse Carter. — Eu tenho que perguntar, só porque alguém tem que fazer.

Isso não soou bem.

— Jessie, — disse Carter.

— Oh, — eu disse. — Então, o que tem ela?

— Vocês se atracaram? — Carter perguntou.

— Atracar, — eu repeti.

— Você cheira como ela, — disse Kelly.

— Eu cheiro como sua mãe também, tenho certeza.

Os dois franziram o cenho para mim.

— Puta merda, não foi isso o que eu quis dizer. Jesus, não diga a ela que eu disse isso. E não, porra, eu não estou me *atracando com a* Jessie. Não há nada entre nós há muito tempo. Ela teve um encontro na outra noite. Com um professor de história.

— Então você não se atracou com ela enquanto estávamos fora?

— Pare de dizer isso!

— Sêrio Carter, — disse Kelly. — Isso é nojento. — Então, — Você está se atracando com o Robbie?

— Oh meu Deus, — eu murmurei.

— Isso não é um não.

— Não.

— Ele é protetor de você, — disse Carter.

— Eu sou o Alfa dele.

— Parecia um pouco mais do que isso, — disse Kelly.

— Eu odeio vocês dois.

— Ainda não é um não.

— Não é... Olhe. Ele-

— Ele tem uma queda por você! — Carter disse, parecendo bastante alegre com a perspectiva.

— Não, é tipo uma *paixão*-

— Cara, — disse Kelly. — Você não construiu uma matilha. Você construiu um *harém*.

— Kelly! — Carter gritou. — Mamãe está em seu harém!

Kelly empalideceu. — Meu Deus. E Mark.

— Trabalhando o seu caminho através de toda a família, hem Ox? — Disse Carter. — Você me beijou primeiro e não conseguiu saciar sua sede insaciável pelos Bennetts.

— Pelo menos vocês dois ainda são idiotas, — eu murmurei.

Eles riram de mim.

Era um som agradável, mesmo que doesse muito depois de tanto tempo.

— Joe não é um fã, — disse Carter facilmente.

— De quem?

— Jessie estando em sua matilha. Mas principalmente Robbie. Foi à declaração que ele fez quando nós voltamos. A mão dele em você. Como se ele estivesse mantendo você calmo.

— Ele estava.

— Bem, merda, — disse Kelly. — Isso não vai passar bem.

— O que não vai passar bem? — Eu perguntei.

— Robbie, — disse Carter, como se eu fosse idiota. — Ele é a sua ancora.

— Eu não sou um lobo.

— Você é um Alfa, — Carter apontou. — Eu não sei se isso importa.



Kardia Mou | Wolfsong

— Você parece como nós, apenas sem a mudança, — disse Kelly. — Está perto o suficiente. Ele mantém você sem mudar.

— Joe não tem o direito de ficar chateado com isso, — eu rosnei. — Ele não tem uma palavra a dizer.

Carter e Kelly ficaram tensos.

Carter disse: — Ele apenas-

— Não, — eu disse. — Eu não tenho que explicar nada para ele. Ainda não. E mesmo que Robbie seja a minha ancora, não tenho que me justificar a ele. Ou para você. Vocês foram *embora*. Vocês nos cortaram. Você disse que foi para nos manter seguros, e você diz que faria a mesma coisa novamente. Tudo *bem*. Mas não espere voltar aqui e ter as coisas do jeito que você as deixou. Nós fizemos o que tínhamos que fazer para sobreviver, porque agora é como a vida funciona. Nós não nos colocamos em espera porque *você*...

— Ninguém pediu para você, — disse Carter, apertando minha mão com força. — E eu não sei o que nós esperávamos que você fizesse. Mas eu conheço Joe - ele esperava Ox. Mesmo que ele nunca dissesse nada, mesmo que ele se transformasse em um babaca Alfa, ele esperava. Eu sei que ele esperou. Então dê uma folga para ele desde que você seguiu em...

Eu me sentei, derrubando os dois lobos de cima de mim. — Segui em frente?

Kelly e Carter trocaram outro dos seus olhares. — Com Robbie, — disse Carter lentamente.

— Não há *nada* entre eu e Robbie. Claro, quero dizer, ele me *beijou* - pelo amor de Deus, pare de *rosnar*. Eu disse a ele que não, ok? E ele *entendeu*. Não é assim entre nós. Nunca será. Para mim.

— Por causa de Joe, — Carter disse muito convencido.

Eu disse: — *Não* por causa de Joe, — e eles sorriram quando ouviram a mentira.

— Você precisa consertar isso, — disse Carter.

— Você precisa ir se foder, — eu disse.

Kelly olhou para mim. — Ser um Alfa automaticamente o torna um babaca? Porque entre você e Joe...

Eu dei um soco no ombro dele. Duro.

Ele riu de mim e me empurrou de volta para que ele pudesse deitar em mim novamente. Eu não lutei. Eu não queria lutar contra isso.

Carter se aproximou, e então sua cabeça estava na dobra do meu braço.

Não parecia desistir. Parecia ainda mais verde. *Os dois*.

Eu não sabia o que fazer com Joe.

Eu disse: — Não é só ele.

Eles esperaram.

Eu tentei encontrar as palavras certas. — Robbie. São todos eles. É amatilha. Eles são as minhas ancora.

Silêncio.

Então Carter disse: — Como foi para o papai.

— É assim que sempre foi para ele, — disse Kelly. — Sempre embalado na matilha.

Eu toquei seus braços. Seus ombros. Seus pescoços. Seus rostos. Eles se inclinaram para o toque e tudo o que eu pensava era *matilhaMatilhaMatilha*.

Quando o sol começou a se pôr, perguntei: — Você realmente acha que ele sabia?

— Quem?

— Seu pai. Sobre mim.

— Sim, Ox. Nós achamos que ele sabia. Acho que talvez todos nós sabíamos.

ELES ME deixaram na oficina.

Gordo era o único que ainda estava lá.

Era estranho vê-lo sentado atrás de sua mesa novamente.

Ele disse: — Foi idéia deles.

Eu bufei e me inclinei contra o batente da porta. — Está jogando os caras sob o ônibus?

Ele encolheu os ombros. — Eles vão sobreviver.

— Como você se sente? Estando de volta?

Ele passou as mãos sobre a minha mesa. — Como se eu tivesse longe há muito tempo.

— Parece correto.

— Tanner me deixou na minha casa. Ele tinha as chaves.

— Nós limpamos. Uma vez por mês ou mais. Certificando-nos que estaria bem quando você voltasse.

— Você fez?

— Sim.

— Você disse *quando*.

— O que?

— Você disse *quando* voltasse. E não *se*.

— Oh. Eu disse.

— Você já pensou—

Eu desviei o olhar. — Talvez.

Gordo limpou a garganta. — Pareceu estranho. Estar aqui. Como se eu não me lembrasse de como cheguei lá. Como se eu estivesse sonhando.

Eu sabia sobre sonhos. — É assim que me sinto sempre que volto para a velha casa. Eu não estou acordado. Como se não fosse real. Mas é real. Isso levará algum tempo. Antes que seja real novamente para você.

— É real para você?

— A maior parte do tempo, — eu disse honestamente.

Ficamos em silêncio por um tempo.

Ele disse: — Joe patrulha à noite. Por horas.

— Eu sei.

Ele tamborilou os dedos na mesa. — Claro que você sabe. Porque você pode sentir isso agora. Como ele. Talvez até melhor. Você soube, não soube? No segundo que voltamos para Green Creek.

Eu assenti. — Você tocou suas proteções. Para ver se elas ainda estavam de pé.

— Eu não entendo como isso é possível.

— Eu também não sei. — Eu não sabia se algum dia nós iríamos saber. Parecia estranho ser considerado algo estranho e diferente entre pessoas que podiam se transformar em lobos.

— Você precisa falar com ele.

— Você está dizendo isso como meu amigo? Ou como o bruxo dele?

Ele endureceu um pouco. — Isso importa?

— Eu não sei.

— O *que* importa?

— Eu falei com você primeiro. — Eu sorri. — Embora eu ache que Mark discordaria disso.

Ele olhou para mim.

Eu olhei de volta.

Ele desviou o olhar primeiro. Então, — então, Joe provavelmente também.

E ele me teve lá. — Pode ser? — Eu falei.

— Você vai consertar isso? — Ele perguntou, ignorando a minha pergunta.

— Você está em casa há menos de uma semana, — eu disse, — depois de três anos. As coisas mudam.

— Nós percebemos.

— E isso significa?

— Significa que voltamos e você tem a sua própria matilha. Com pessoas que não conhecíamos. Você fez isso Ox.

— Eu fiz isso com o que eu tinha. Você nos deixou em pedaços. Eu tive que tentar nos colocar de volta. Você não pode nos culpar por nada. Não depois do que você fez. Todos vocês.

— E você fez bem, garoto, — disse ele. — Só vai demorar um pouco para nos acostumar a tudo de novo. Nós não te culpamos Ox. Nenhum de nós. Você fez as escolhas que teve que fazer, e ninguém pode culpá-lo por isso.

Eu quase acreditei nele.



EU RECUSEI sua oferta para um passeio.

Eu fui para casa.

Joe esperava novamente nas sombras da estrada de terra.

Eu não poderia fazer isso agora. Eu já tinha passado por muito hoje.

Eu passei por ele novamente e-

Ele estendeu a mão e agarrou meu braço, me impedindo.

Suas narinas se alargaram.

— Meus irmãos, — ele disse. — E Gordo.

Eu não disse nada.

— Você não pode fazer isso, — ele rosnou. — Com eles. E comigo. Não para sempre.

— Ainda não, — eu cuspi para fora.

Ele me deixou ir.

Não olhei para trás enquanto me afastava, embora cada passo fosse mais difícil do que o anterior.



NAQUELA noite, eu corri pelas bordas do território, certificando-me de que estávamos a salvo.

Thomas disse: *Você é diferente, Ox. Eu acho que eu ainda não sei o quanto você é diferente. Será verdadeiramente um espetáculo para ser visto. E eu, por exemplo, não posso esperar para ver isso.*

Minha mãe estourou uma bolha de sabão no meu ouvido.



Kardia Mou | Wolfsong

Em algum lugar do outro lado do território, um lobo cantou
uma canção para toda a floresta ouvir.
Era azul, tudo era *azul*.

KM



Uivei para você / sempre foi meu

— Como seria? — Perguntei a Mark e Elizabeth. Passaram sete dias desde que os outros retornaram e um dia antes da lua cheia. Nós caminhávamos pela floresta, passando nossas mãos contra as árvores, deixando nosso cheiro na casca. Eles escolheram não mudar, sabendo que eu precisava de conselhos.

KM

— Como seria? — Mark perguntou.

Eu revirei meus olhos. — Você sabe.

— Talvez, mas ajuda ouvir você dizer, — disse Elizabeth.

Eu segurei a resposta e apenas disse: — Joe.

— Entre vocês dois? — Perguntou Mark.

— Não. Bem, sim, isso também. Mas não foi isso o que eu quis dizer. Entre todos nós.

Mark riu. — Claro que era isso o que você estaria pensando. Todo mundo, menos você mesmo.

— É o meu trabalho, — eu disse.

— Pode ser, — disse Elizabeth, — mas também há um tempo para ser egoísta, Ox.

— Eu não posso, — eu admiti. — Ainda não. — Eu odiava essas duas palavras mais do que qualquer coisa.

— Você ainda está com raiva, — ela disse tocando meu braço.

— Não é algo que eu possa superar.

— Mas você já superou, — Mark disse. — Com Gordo. Carter. Kelly. Talvez não completamente, mas você começou.

— E? — Eu perguntei, tentando me fazer de bobo. — Isso não tem nada a ver com-

— Por que com Joe deveria ser diferente?

— Porque *ele* é diferente. — Era mesquinho, mas eu não gostava de me sentir encurralado. — Ele não é o mesmo para mim como todos os outros.

KM

E eles sabiam disso. Mas eles também conversavam com ele desde que eu voltei. Todos os dias. Eles iam e voltavam entre a casa velha e a casa principal. Eles passavam o dia com ele enquanto eu estava no trabalho com o resto da minha matilha e Gordo. Eles o abraçavam, eles o tocavam, eles o ouviam respirar. Eles não acordavam com pesadelos em que Joe tinha ido embora de novo, que ele não dizia nada, que ele tinha acabado de ir embora, como um maldito sonho-

— Você não está sonhando, Ox, — disse Elizabeth calmamente, e novamente eu me perguntei o quão conectados todos nós estávamos. Porque às vezes eu pensava que eles estavam sempre na minha cabeça. — Eu sei que parece que você está. As bordas são confusas e você não consegue entender o que está acontecendo, mas eu prometo a você que isso não é um sonho.

— Sobre o que vocês conversam? — Eu perguntei, sem olhar para nenhum deles. — Quando eu não estou lá.

Mark suspirou. — Não muito. Carter e Kelly fazem a maior parte da conversa. Joe... Não fala muito.

Eu me senti culpado por isso, mesmo que eu não soubesse se deveria. Aparentemente, ele estava assim há muito tempo agora. Eu não sabia o que mais havia mudado. Eu não sabia como perguntar.

— Eu tenho que deixar isso passar, — eu disse. — Mas eu não sei como. Eu tenho tentado. Eu tenho. Está me matando saber que ele está *aqui* e não estou fazendo nada sobre isso.

— Então *faça* alguma coisa, — disse Elizabeth. — Você nunca esteve indeciso antes, Ox. Não comece agora.

Eu bufei. — Isso é uma tretinha. Já aconteceu muitas vezes que eu não fui capaz de fazer uma escolha-

Ela me deu um tapa na cabeça e eu olhei para ela. — Conserte isso, — ela disse. — Antes de perder toda a minha paciência e cuidar disso por mim mesma. Você não quer que isso aconteça.

— Você realmente não quer, — disse Mark. — Ela vai se tornar como um pequeno mosquito, um zumbido em seu...

— Nem me faça começar com você, — disse Elizabeth. — Você está no mesmo barco, Mark, eu juro por Deus. Espere até que isso termine, e eu vou começar...

Mark ergueu as mãos em sinal de rendição. — Tudo bem. Tudo bem. Eu escutei você.

— Ou acabe com isso ou não, — disse Elizabeth depois de olhar para seu cunhado. — Perdoe-o ou não. Apenas não o faça esperar. Não é justo. Para qualquer um de vocês. Homens. Sem utilidade. Tudo o que vocês fazem é dificultar as coisas só porque vocês podem.

— Uma matilha poderia ter dois Alfas? — Perguntei, tentando distraí-los.

Elas estreitou os olhos para mim, sabendo o que eu estava fazendo. Mas ela permitiu. — Quem vai dizer que não conseguimos? Nós já temos um Alfa humano. Nós não somos exatamente ortodoxos aqui. Nós nunca fomos realmente, mesmo quando deveríamos ser. Há as tradições e depois há os Bennetts.

Eu ainda estava aprendendo isso. — E se eu disser não, — eu disse devagar. — Se eu o rejeitar. Se eu mantivesse as matilhas separadas.

— Seria a sua escolha, — disse Elizabeth. — E nós saberíamos que você se acertou.

— Mas você não concordaria.

— Talvez, — disse Mark. — Talvez não. Mas não é sobre isso. Você tem... Instintos que nós não temos.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre você.

— Verdade, — ele disse. — Mas nosso instinto é confiar em você para tomar a decisão certa para a matilha.

— Mesmo se você discordar?

— Mesmo assim.

— Parece que estou controlando você. Que você não está tendo uma escolha nisso.

— Estamos, — Mark disse gentilmente. — Nós escolhemos você.

— Eles são seus filhos. Seus sobrinhos.

— E você é nosso Alfa, — disse Elizabeth com os olhos brilhando laranja. — É assim que as coisas são.

Não era assim que eu queria que as coisas fossem. — Eu não quero ficar entre vocês.

— Você não poderia, mesmo se você tentasse, — ela disse. E foi isso.



ELE estava me esperando na estrada de terra.

Esperançoso. Assustado. Bravo. Tenso.

Porque eu falei com todos eles. Exceto ele. E ele sabia disso.

Eu estava cansado. De tudo isso. Algo tinha que acontecer. E precisava ser de mim.

Eu só precisava encontrar as palavras.

Ceguei até ele e *sabia* que ele pensava que eu não ia passar. Talvez dissesse: — *ainda não*, mais uma vez, jogando essas

palavras de volta em seu rosto como eu tenho feito desde que ele voltou para casa.

Seus ombros já estavam começando a cair.

Então eu disse: — Ei, Joe, — e esperava que fosse um começo.

Ele ficou surpreso. Ele abriu e fechou a boca algumas vezes. Ele fez um rosnado profundo em seu peito, um estrondo baixo que fez minha pele coçar. Aquele som era de satisfeito, o simples fato de dizer o nome dele era o suficiente para fazê-lo feliz. Pelo que eu sabia, ele estava.

KM

Parou tão rapidamente quanto começou. Ele parecia um pouco embaraçado.

Eu joguei minha mochila no chão, esperando.

Ele disse: — Ei, Ox. — Ele limpou a garganta e olhou para baixo. — Oi.

Era estranha essa desconexão entre o garoto que eu conheci e o homem diante de mim. Sua voz estava mais profunda e ele estava maior do que jamais fora. Ele irradiava poder que nunca havia sentido antes. Isso lhe servia bem. Eu me lembrei daquele dia que eu realmente o vi pela primeira vez como um homem, usando aquele short de corrida e nada mais.

Eu empurrei esses pensamentos para longe. Eu não queria que ele farejasse. Ainda não. Porque atração não era o problema agora. Especialmente não agora.

Eu limpei minha garganta e ele olhou de volta para mim.

Nossos olhos se encontraram como um acidente de carro, colidindo e se quebrando.

Era estranho de uma maneira que nunca tinha sido antes.

Mas era *alguma coisa*. Mais do que tínhamos em muito tempo. Eu não pude deixar de pensar no único beijo que nós compartilhamos... Um beijo doce, apenas uma escovada de seus lábios contra os meus enquanto nos deitamos lado a lado. *Eu voltarei por você*, ele disse, e eu não acreditei nele? Eu não acreditei em todas as coisas que ele me disse?

Eu tinha.

E ele voltou. Como ele disse que faria.

Demorou mais do que pensávamos.

— Você- — ele disse enquanto eu dizia:

— Nós- — paramos.

Ele tossiu. — Você primeiro.

Eu balancei a cabeça, porque tinha que ser eu. — Amanhã. É a lua cheia.

— Sim? Eu acho que é. — Ele sabia, mas ele estava me provocando.

— O que você está fazendo por isso?

Ele deu de ombros e coçou a nuca. — Realmente não tinha pensado nisso.

Que eu pensei que possivelmente fosse uma mentira.

— Se você não está ocupado. Poderíamos correr juntos. Sua matilha e a minha.

Ele pareceu surpreso. — Você faria isso?

— Você estava aqui primeiro, Joe. É a sua terra.

— Mas é-

— Somente. Você vai fazer isso?

Ele assentiu furiosamente. — Sim. Sim. Eu posso. Nós podemos. Vai ser...

— Bom, — eu disse. — Vai ser bom.

E eu não sabia o que mais dizer depois disso. Porque eu tinha *também* muito a dizer.

Então eu não disse nada.

Nós nos encaramos por um tempo. Bebendo um ao outro. Eu tentei me forçar a dar um passo mais perto dele, só para... *Ser*. Mas eu não pude.

— Ok, — eu disse finalmente. — Amanhã então.

Ele franziu a testa enquanto eu me movia para dar a volta ao redor dele pela estrada de terra até a velha casa.

— Ox, — ele disse baixinho enquanto estávamos ombro a ombro.

Eu segurei minha respiração e esperei.

— Somos nós, — Ele parou. Balançou a cabeça. Solto um gemido frustrado. — Nós temos que conversar. Sobre tudo que eu

preciso que você saiba. Tudo. Existem coisas que você precisa ouvir. De mim. Eu preciso que você - apenas. Eu preciso de você.

Eu tentei ignorar o calor ao longo da minha pele para me concentrar no que era importante. — Ele está vindo?

Ele sabia quem eu quis dizer. — Eu acho que sim.

— Estamos seguros por enquanto?

— Sim. Sim. Podemos esperar alguns dias. Mas-

— Então o resto pode esperar também.

— Ox.

Eu não disse nada.

Ele suspirou. — OK.

De alguma forma eu fui capaz de ir embora.



O Céu estava escurecendo no dia seguinte, quando minha matilha se reuniu na velha casa, em pé na cozinha. Eu ainda evitava a sala de estar sempre que possível. Elizabeth e Mark ainda dormiam na casa no final da rua, mas Robbie havia se mudado para a antiga casa, assumindo o quarto de hóspedes, sabendo que o quarto de mamãe estava fora dos limites. Aparentemente, ele estar lá não se ficou bem com Carter e Kelly, e eles me disseram isso. Eu não sabia o que Joe pensava.

— Você tem certeza disso? — Robbie me perguntou. — Nós nem sequer *sabemos* alguma coisa sobre eles.

— Eu gostaria de pensar que sim, — disse Elizabeth levemente. — Eu dei à luz a maioria deles.

Robbie fez uma careta ligeiramente. — Desculpa.

— Por dar à luz? — Ela brincou.

Ele corou e murmurou algo incoerente.

— Ele tem um ponto, — disse Jessie. — Luas cheias com você são diferentes. Nós conhecemos esses lobos. A maioria dos humanos aqui não os conhece. Tem certeza de que eles estão no controle o suficiente? Você já viu eles mudarem desde que estiveram aqui?

Eu não tinha visto.

— Eles se afastram, — ela disse. — Como isso é diferente deles e dos Ômegas?

— Eles têm um Alfa, — disse Mark. — Eles podem não ter... Estado aqui, mas eles ainda têm um Alfa para extrair força. Eles se amarraram a ele.

— Contanto que não haja lobos roendo minha bunda, eu estou bem, — Rico ajudou.

— Sucinto como sempre, — disse Tanner, batendo na parte de trás da cabeça dele.

— *Pendejo*, — resmungou Rico.

— Ninguém vai roer qualquer coisa, — eu disse.

— Sério? — Chris disse inocentemente. — Tenho certeza que Joe ficará desapontado ao ouvir isso.

Eu olhei para ele enquanto a maioria das pessoas riu disso.

— Nós vamos ficar bem, — eu disse, tentando colocar a conversa de volta nos trilhos. — Vamos correr com eles, não haverá ninguém roendo ninguém - Chris, mantenha sua boca fechada - e vamos descobrir isso. OK?

Eles assentiram.

— Tudo bem, — eu disse.

Isso ia ficar bem.



ISSO não estava bem.

Tinha sido bom, em sua maior parte.

Quando chegamos à clareira, a lua estava subindo e Joe e sua matilha já estavam lá. Os olhos dos lobos estavam brilhando com a força da lua. As tatuagens de Gordo estavam brilhando, e percebi que era a primeira vez que eu o via como parte de uma matilha na lua cheia. Doeu pensar que ele tinha sido parte de algo por tanto tempo e eu não estava lá para ver isso. Não tinha havido tempo suficiente para fazê-lo falar depois que tudo aconteceu.

Como eles fizeram quando voltaram, todos se moviam juntos, nos observando enquanto entrávamos na clareira. Eu tinha certeza

de que, se eu fosse um lobo, teria ouvido seus corações batendo em sincronia.

Senti-me tenso quando nos aproximamos, um pouco fora, mas eu não achei que fosse tão ruim.

Poderia ter sido um pensamento positivo.

— Ox, — Joe disse, mas não antes de seu olhar cintilar no meu ombro direito, onde eu sabia que Robbie estava.

— Joe, — eu disse.

— Obrigado por nos permitir se juntar a você esta noite.

Eu balancei a cabeça, odiando o quão formal isso era. — Obrigado por estar aqui.

— Oh meu deus, — Rico murmurou. — Eles são tão desajeitados.

— Cale a boca, — Tanner sibilou. — Eles são *lobisomens*. Eles podem *ouvir* você.

— Eu sei o que são, pare de gritar comigo!

— Eles são realmente desajeitados, — Chris sussurrou.

— Eles sempre foram assim, — Jessie murmurou baixinho.

Se eu não estivesse olhando Joe, eu teria perdido o jeito que seus lábios se curvaram por apenas um segundo, como se ele estivesse lutando contra um sorriso.

— Esta é a minha matilha, — eu disse, tentando não rosnar para todos eles.

— E essa é minha, — disse Joe.

Carter e Kelly estavam rindo um para o outro. Gordo parecia estar pronto para revirar os olhos.

— Vamos correr? — Joe perguntou.

— Nós podemos, — eu disse.

— E aqui vem a parte em que pessoas realmente atraentes ficam nuas, — disse Rico. — E a maioria deles está relacionada. O que não é estranho. Em absoluto.

— Rico, — eu disse.

— Sim?

— Cale. A. Boca.

— É *estranho*. Só porque *você* não vê isso como estranho, não significa que não seja.

— Falar sobre isso não torna *menos* estranho.

— Eu sinto que devemos pelo menos *abordar* a estranheza-

— Rico!

— Fechando agora.

Carter e Kelly já haviam se despedido quando Rico fechou a boca. Carter piscou para mim antes de se mexer, o familiar estalo de ossos e músculos altos na clareira. Kelly seguiu rapidamente, e então havia dois lobos de pé ao luar, olhos laranja e dentes à mostra com um sorriso canino.

Eles não eram muito diferentes do que tinham sido anos antes. Mesma coloração de sempre. Mas eles eram maiores e mais pesados. Eles nunca seriam tão grandes quanto Thomas, mas

havam crescido notavelmente. Eu não sabia se isso tinha a ver com idade ou com Joe. Provavelmente ambos.

Mark e Elizabeth seguiram o exemplo, Rico murmurando que todo mundo estava muito calmo com o nudismo e Chris o chamando de puritano.

Logo, havia quatro lobos na clareira, e eles se esfregaram uns contra os outros, Carter e Kelly se aglomerando em ambos os lados de sua mãe, se contorcendo animadamente como filhotes de cachorro.

— Vá em frente, Robbie, — eu disse, sentindo os olhos de Joe em mim.

— Eu não tenho que me transformar, — ele disse com a boca cheia de dentes afiados. — Eu posso ficar com você. Eu posso correr assim. Ou meio mudado. Está tudo bem.

Mas não estava bem. Eu sabia que a lua estava puxando para ele, seu lobo arranhando apenas sob a superfície para se libertar. Mark havia me dito há muito tempo que *doía* fisicamente não mudar com a lua, e que se um lobisomem negasse por muito tempo as luas, poderia causar uma ruptura mental.

— Está tudo bem, — eu disse levemente. — Você deve se acostumar com os outros.

Ele não parecia feliz com isso, olhando entre Joe e eu. Ele soltou um bufo e começou a se despir. Eu desviei meus olhos como cortesia.

Joe ainda estava me olhando com um olhar vazio. Ele não costumava ser capaz de fazer isso. Eu odiava isso.

Robbie se mexeu em algum lugar atrás de mim. Ele era mais esguio que os outros e menor, com pernas longas e finas e um corpo estreito. Sua cauda se contorceu quando ele veio para ficar ao meu lado, observando os lobos de sua matilha se misturar com lobos da outra matilha.

Ele parecia tenso e inseguro. Passei meus dedos pela cabeça dele, puxando gentilmente uma das orelhas dele. Ele se aninhou na minha mão e senti um pulso de calor ao longo do fio que se estendia entre nós.

— Vá em frente, — eu disse.

E eu pensei que ele faria. Eu pensei que ele iria se juntar aos outros lobos, mas em vez disso, ele se virou para os humanos atrás de nós e começou a esfregar suas pernas, brincando de brincadeira em seus calcanhares para levá-los a se mover em direção às árvores para correr pela floresta.

Então era apenas Joe e eu, ouvindo os lobos cantando e os humanos gritando.

Ele falou primeiro.

Ele disse: — Você fez bem, Ox.

Eu não sabia o que fazer com isso, então apenas disse: — Obrigado. — Mas isso não funcionou direito, então eu acrescentei: — Não fui só eu.

— Oh?

— Nós. Eles fizeram tanto por mim quanto eu por eles.

— Eu sei. Isso é o que a matilha faz.

Mordi a réplica e afastei a familiar onda de raiva. Joe provavelmente sabia disso, provavelmente poderia sentir o brilho da raiva antes que eu percebesse, mas ele não disse nada sobre isso.

Em vez disso, ele disse: — Mas não pense que não foi você, Ox. Se não fosse por você...

Eu esperei para ver se ele continuaria.

— Ox.

Eu olhei para ele. Ele estava mais perto de mim do que ele estava há mais de três anos. Eu não entendia porque parecia que ele ainda estava tão longe.

— Obrigado, — ele disse.

— Pelo o quê?

— Por fazer o que eu não pude.

Então não deveria ter feito isso! Eu queria gritar com ele.

Você não deveria ter me colocado nessa posição!

Você nos deixou. Você me deixou.

— Eu não tive escolha, — eu disse em seu lugar.

Ele bufou, com os olhos sangrando no vermelho. — Você sempre teve uma escolha, Ox. E você ainda nos escolheu. Você sempre fez.

— Isso é o que a matilha faz, — eu disse, jogando as palavras de volta para ele.

Ele sorriu para mim. Ele tinha muitos dentes.

— Você vai mudar? — Eu perguntei de repente me sentindo muito quente.

Ele deu um passo em minha direção.

Meus pés não se mexiam.

Outro passo. E depois outro.

Ele parou ao alcance do braço, mas não se moveu para me tocar. Era estranho, sabendo que eu não tinha mais que olhar para baixo para encontrar seus olhos.

— Quando eu fui embora, — ele disse brincando com a bainha de sua camisa, — quando *nós* fomos embora, todos os dias foram difíceis.

Eu observei seus dedos quando ele começou a puxar sua camisa, puxando-a para cima.

— Mas as luas cheias eram as mais difíceis, — ele disse e havia *quilômetros* de pele. Ele não era mais um garotinho, nem mesmo um adolescente tropeçando nos passos do pai. Não, ele era um homem agora e um *Alfa*. Com um corte dos músculos bem tonificados no estômago. A largura de seu peito e o modo como



Kardia Mou | Wolfsong

estava coberto com um punhado de cabelos levemente dourados. A maneira como seus bíceps se mexia quando ele puxou a camisa para cima e sobre a cabeça antes de largá-la no chão ao lado dele. — Elas foram as mais difíceis, — ele disse, — porque eu uivava para minha matilha, e apenas alguns deles me ouviam. Apenas alguns deles uivaram de volta.

KM

Suas mãos se moveram em direção à braguilha de seu jeans, os dedos arrastando ao longo de sua cintura. Ele levantou um pé e tirou uma bota. Ele deslizou a bota e a empurrou para o lado. — Eu estava uivando para você, — ele disse baixinho enquanto tirava sua outra bota. — Mesmo que você não tenha me ouvido, mesmo que você não conseguisse me sentir, Ox, eu uivava por você.

Ele desabotoou o botão de cima de sua calça jeans e eu disse a mim mesmo para desviar o olhar. Eu disse a mim mesmo que isso não estava certo. Que eu ainda estava com tanta raiva dele que mal podia suportar, e que tínhamos muito a conversar para ver se poderíamos voltar ao que já fomos. Ou até perto disso.

Ele sabia o que estava fazendo comigo.

E por um momento, eu o odiei por me manipular assim.

Mas se eu pensasse sobre isso, *realmente* pensasse sobre isso, eu não achava que ele faria algo assim. Usar seu próprio corpo para conseguir o que ele queria. Concedido, eu não conhecia esse lado de Joe. Eu não sabia o que ele tinha feito enquanto ele estava fora. Quantas pessoas ele tinha fodido, e se ele fodeu alguém. O

garoto que eu conheci era inocente e gentil. Tentei encaixá-lo no homem na minha frente, tentei reconciliar as diferenças entre os dois.

O segundo botão foi desfeito, depois o terceiro.

Eu acho que ele não usava roupas íntimas, e a lua era brilhante o suficiente para ver seus pêlos pubianos, a base de seu pênis.

Eu olhei de volta para o rosto dele.

O olhar vazio sumiu, a máscara do Alfa escorregou e foi embora, embora seus olhos ainda ardessem vermelhos.

Ele parecia quase mais jovem. Mais suave. Sem ter certeza de si mesmo.

Ele disse: — Nunca houve mais ninguém o tempo todo que eu fui embora. Nunca houve mais ninguém para mim. Porque mesmo que você não pudesse me ouvir quando eu o chamava, o uivo no meu coração sempre foi para você.

Eu queria dizer a ele para sair da minha cabeça, porque de *alguma forma* ele sabia o que eu estava pensando. Ele não deveria ter sido capaz de ver isso. Ouvir isso. *Saber* disso.

Eu queria dizer a ele que eu não estive com mais ninguém também.

Que eu esperei. Eu esperei. E *esperei* por ele até que pensei que minha pele se quebraria e meus ossos se transformariam em poeira. Que eu fiz o que tinha que fazer para nos manter *vivos*, que

apesar de termos nos tornado algo mais do que pedaços quebrados, havia uma dor na minha cabeça e um buraco no meu coração e isso era por causa *dele*. Ele fez isso comigo.

Ele não fodeu mais ninguém?

Bom para ele.

Eu nem sequer *pensei* nisso.

Havia um som nas árvores, mais alto que os outros.

Eu olhei para cima.

Robbie estava na linha das árvores me observando, a cabeça inclinada em dúvida.

— Ele se preocupa com você, — disse Joe atrás de mim.

— Eu sou o Alfa dele.

— Claro, Ox, — Joe disse, e eu soube pelo som dele que ele tirou o jeans. Eu disse a mim mesmo para não olhar. Eu já tinha visto muito e não ia quebrar tão facilmente, mesmo que ele fosse tudo o que eu realmente queria.

Robbie voltou a latir e se voltou para a floresta.

— Ainda precisamos conversar, — disse Joe, e ele estava *bem atrás de mim*.

Fechei os olhos, mas ainda sentia o calor dele. Sua respiração no meu pescoço. Tudo o que eu tinha que fazer era recuar um pouco.

Eu dei um passo à frente.

— Nós vamos, — eu disse. — Amanhã. — Porque eu achava que não poderia passar outro dia assim. Estava me sufocando e eu estava lutando para respirar através disso.

— Amanhã, — ele disse, e saiu como uma promessa que eu não sabia que estava fazendo.

Ele se mexeu atrás de mim.

O som pareceu durar para sempre.

Ainda havia aquele calor atrás de mim, mas agora estava diferente.

Algo pressionou contra o meio das minhas costas.

Seu nariz, a partir da sensação disso.

Ele respirou longa e lentamente.

Ele exalou baixo e quente.

Algo puxou perto da parte de trás da minha cabeça, enterrado nos laços da minha matilha.

Eu pensei em alcançar esse puxão. Para testá-lo. Para provar.

Mas antes que eu pudesse, o lobo Alfa me circulou.

E minha respiração foi arrancada do meu peito.

Ele era grande, maior do que Thomas jamais fora. O topo da cabeça dele chegou quase ao meu pescoço. Ele ainda estava completamente branco, além do nariz e das patas. Seu focinho e suas garras. E seus olhos, que eram como fogo. Eu me perguntei se era assim que minha mãe se sentiu pela primeira vez. Quando Thomas mostrou que ela nunca estaria sozinha novamente.

E como ele podia ouvir cada pensamento na minha cabeça, Joe se inclinou e apertou o nariz no meu pescoço e eu disse: — *Oh*.



ELE correu.

Na maioria das vezes.

Eu sentia como se tivesse em uma queda livre, o meu estômago estava colado no meu peito até a parte de trás da minha garganta. Eu sentia como se estivesse preso naquele momento quando você erra o último degrau e aterrissar com força no chão.

Nós corremos na floresta.

Através das árvores, pulando troncos e riachos, nossos pés caindo na água quando não chegamos longe o suficiente.

Os lobos estavam uivando ao meu redor, mas algo estava meio fora, a harmonia estava meio distante para realmente estarem cantando juntos.

Meus lobos cantaram como sempre, no tempo e em sincronia.

Joe e seus lobos fizeram o mesmo, mas uma nota acima ou abaixo dos meus.

O canto fluía, a mistura dos dois, mas havia algo *lá*. Algo que estava *vibrando* logo abaixo da superfície. Que se arrastava ao longo da minha pele... E eu corri em direção a algo, para escapar.

Os humanos riram quando os lobos os perseguiram.

Gordo retrocedeu, sempre observando, os olhos no perímetro, os braços iluminados enquanto suas tatuagens tremulavam e voavam.

Eu pensei que estávamos perto de algo enquanto corríamos pela a floresta.

Algo que estava fora de alcance.

Joe correu ao meu lado, os músculos sob o casaco branco se movendo como a água. Como fumaça, fluido e ondulante.

Eu não era um lobo. Eu acho que eu ainda não *era* um lobo. Eu não sentia a força da lua.

Mas parecia diferente agora.

Eu queria uivar uma música. Eu queria me transformar, crescer garras e presas e rasgar a carne de um coelho. Eu queria que meus olhos ficassem vermelhos, para sentir a grama em minhas patas.

Sentia pensamentos, alguns meus, alguns vindos de todas as direções.

Eles diziam, *MatilhaAmorIrmãoFilho* e *seguro aqui nós estamos seguros e juntos, oh meu deus estamos juntos, nós corremos juntos e em casa, estamos em casa, olha aqui esta árvore eu conheço esta árvore, e ele foi PaiMaridoAlfa, ele se foi mas eu ainda posso senti-lo, ainda posso sentir o cheiro dele eu ainda posso amá-lo e muito mais.* Foram todos de uma vez, os lobos e talvez os humanos da minha matilha. Eles

estavam deslizando pelos meus pensamentos, amarrando-se a mim e uns ao outro, os fios se emaranhando.

Mas foi o lobo que corria comigo que eu mais ouvia.

Ele disse: *aqui*.

Ele disse: *estou aqui*.

Ele disse: *com você finalmente, com você*.

Ele disse: *eu posso sentir você*.

Ele disse: *eu sei que você pode me sentir*.

Ele disse: *aquela pequena voz na parte de trás de sua cabeça, aquele pequeno puxão que você sente e que sempre sentiu e que nunca deixou você, sempre fui eu. Sempre fui eu porque você sempre foi meu. Eu te dei meu lobo porque você é matilha matilha matilha, você é meu companheiro e eu sou seu*.

Nós estávamos tão distraídos, correndo sob essa alta eufórica, esse sonho febril que não poderia ter sido real, que não o vimos chegando. Um segundo, Joe e eu estávamos lado a lado e, no outro, havia um lampejo de cinza e preto na minha frente, e Joe foi derrubado.

A febre quebrou.

Houve um rosnado alto, um estalo de dentes.

Continuei correndo, dei cinco passos antes de me lembrar que tinha que parar.

Eu me virei e-

Robbie estava em cima de Joe, com os dentes enterrados em sua garganta. Joe estava se levantando para ele, as garras nas patas de trás rasgando a lateral de Robbie, seu estômago.

Houve um rugido de raiva atrás de mim quando Carter e Kelly irromperam das árvores. Robbie soltou um gemido agudo quando Joe sofreu um chute violento, derrubando-o em uma árvore.

Elizabeth e Mark vieram da outra direção, olhos laranja e dentes arreganhados. Eles ficaram na frente de Robbie enquanto ele tentava se levantar, sangue escorrendo das lacerações em seus lados.

Joe já estava de pé, o pêlo em volta da garganta manchado de vermelho. Carter e Kelly aproximaram-se dele, rosnando, arqueando-se enquanto se aproximavam de Robbie, que conseguira se levantar.

Havia muita coisa acontecendo na minha cabeça.

Eu estava sendo puxado em direções diferentes.

Havia fios saindo de mim, agarrando-se a Robbie, Elizabeth e Mark, e esses fios eram fortes e verdadeiros, e eles diziam *matilha* e *proteger* e *meus*. Eles ficaram mais fortes quando os humanos correram através das árvores para nós, com o medo e pensamentos de *ataque estamos sob ataque lembrar o treinamento lembrar o que o Alfa ensinou*.

Havia outros fios também, rasgados, finos e fracos, e eles me puxavam em direção ao lobo branco, o Alfa, mesmo quando o pensamento de outro Alfa em *meu* território me fez querer mostrar

meus dentes com raiva. *Estes* fios se espalhavam para ele e, através dele, para os outros, para os outros dois lobos ao seu lado, para o bruxo que veio para ficar ao lado deles. Ele passou as mãos sobre os Betas, braços abertos, a boca do corvo aberta em uma chamada silenciosa enquanto voava ao longo de seu braço e fora de vista em suas costas.

Eles o estavam protegendo.

Muito parecido com a minha matilha protegendo Robbie, mesmo ele agindo como um idiota.

KM

Não importava que a família estivesse espalhada entre dois grupos.

Tudo o que importava eram os laços entre nós que nos diziam que nada tocava na matilha, que nada prejudicava o que era nosso. Se isso acontecesse, eles lutariam entre si.

Joe, no entanto.

Joe não estava se movendo. Por direito, ele podia. Ele foi atacado sem provocação.

E o seu Alfa estava realmente avançando? Ou eles estavam o defendendo?

Eu não podia fazer isso. Eu não poderia.

Assim não.

Robbie deu um passo à frente, com a baba escorrendo na grama enquanto ele retumbava no fundo do peito.

Carter se agachou.

E eu disse: — *Parem.*

Minha voz era uma rachadura no ar.

Todos os lobos pararam imediatamente, as orelhas se achatando na parte de trás de suas cabeças.

Exceto Joe. Seus olhos ficaram mais brilhantes.

Até os humanos deram um passo para trás, reagindo ao Alfa, com os olhos arregalados e os ombros tensos.

Eles esperaram.

Foi dada uma ordem aqui. Não importa o quanto eu quisesse ir para Joe, querendo ter certeza de que as feridas em seu pescoço estavam se fechando, que o vermelho em sua garganta não era nada sério, eu não podia.

Porque eu tinha que cuidar do meu primeiro.

Seus olhos seguiam cada passo que eu dava.

Eu me ajoelhei na frente de Robbie.

Eu segurei seu focinho em minhas mãos. Seus olhos estavam arregalados e úmidos. Um dos lobos atrás de mim - Carter, eu pensei - rosnou, mas foi cortado com um latido baixo de Joe.

Elizabeth e Mark se aproximaram dos lados de Robbie e do estômago, lambendo o pelo ensanguentado, enquanto ele mantinha os olhos em mim. Eu apertei seu focinho ligeiramente.

— Eu sei o que você estava fazendo, — eu disse em voz baixa, embora todos os lobos pudessem me ouvir. — Mas você não pode fazer isso.

Ele choramingou e tentou lambe minhas mãos, mas eu o segurei com firmeza.

— Eu não preciso que você lute por mim, — eu disse. — Especialmente quando não havia necessidade de luta. Não um contra o outro.

Ele se mexeu então, e eu senti sob minhas mãos, a forma como seus ossos se rompeu e se realinhou, a maneira como o seu pelo recuou, os músculos saltando. Era como se eu estivesse segurando um saco de cobras se contorcendo, e eu estremeci ao sentir isso.

Eu não segurava mais o focinho de um lobo na minha mão. Agora era um homem.

E ele estava furioso.

Ele retrucou: — Ele estava na sua cabeça. Eu pude *ouvi-lo*. Ele não tinha o direito de...

— Do que diabos você está falando? — Eu escorreguei, deixando cair minhas mãos.

Robbie rangeu os dentes e sacudiu a cabeça, os olhos passando por cima do meu ombro em um clarão.

— Robbie, eu perguntei a você.

— Ele está certo, — disse Rico. — Nós conseguimos... Ouvi-lo.

Eu olhei de volta para os outros. Eles estavam nervosos atrás de mim, bem longe dos lobos, mas prontos para atacar, se

necessário. Eles não estavam bravos como Robbie, mas estavam assustados.

— O que você quer dizer?

Rico olhou para Tanner, que assentiu uma vez. — Nós ouvimos você. Somente você. Você é nosso *Alfa*, ok? O Grande Chefe. Podemos sentir os outros, podemos, mas não é tão forte... Não é claro. Não como nós podemos ouvir e sentir você. E Joe era... Alto. Foi impressionante.

Elizabeth e Mark se mexeram também, seus corpos mudando.

— Eu *nunca* vou me acostumar com isso, — Rico murmurou. — Oi, Senhora Bennett. Que bom te ver. Você está nua. Novamente.

Elizabeth o ignorou. — Nós conseguimos ouvi-lo também.

— Eu pensei que vocês sempre poderiam, — eu disse. — Você me disse que-

— Assim não. O vínculo entre mãe e filhos é diferente disso.

Eu olhei para Mark, que assentiu.

— Merda, — eu murmurei.

— Ox, — disse Elizabeth. — Isso não é algo que você ainda não está pronto para enfrentar. Se for alguma coisa, é mais uma afirmação do fato de que há algo entre vocês dois. Que sempre houve desde o dia em que você o conheceu. Isso não é novidade. Você sabe disso há muito tempo.

— Não deveria ser assim, — disse Robbie. — Ele está se empurrando para o Ox e...

— Robbie, — disse Elizabeth. — Suficiente.

— Mas ele não pode *fazer* isso-

Carter e Kelly rosnaram para ele.

Robbie olhou para mim.

Eu não queria ficar contra ele. Nem queria envergonhá-lo mais do que ele provavelmente já estava. Não na frente de todos.

— Eu posso cuidar de mim, — eu disse a ele em voz baixa.

— Eu sei, — ele respondeu. — Mas você não deveria ter que fazer isso. Eu não os conheço. Eu não sei o que eles vão fazer...

— Eu sei, — eu disse. — Mas eu os conheço. Eu os conheço há muito tempo.

— Não o que eles se tornaram, — ele disse. — As pessoas mudam Ox. Você sabe disso. Você os conhecia há muito tempo. Você não sabe o que eles fizeram nos últimos três anos. Onde eles estiveram. O que eles viram.

— Você confia em mim?

Ele piscou. — Claro que eu confio. Você é o meu Alfa.

— Então você tem que confiar em mim sobre isso, — eu disse, prendendo-o perfeitamente. E provavelmente um pouco injustamente.

Ele deu um passo para trás, olhando entre mim e a outra matilha. Joe estava entre seus irmãos sem fazer um único som,

apenas observando. Esperando. Ele estava me deixando lidar com isso, mas eu também sabia que ele estava tentando descobrir o quão perto o vínculo entre Robbie e eu era.

Robbie fez uma careta para mim. — Não é assim que isso funciona.

— Talvez. Mas nada a respeito de nós é como as coisas normais deveriam ser. Nós não somos como todos os outros. E depois há o fato de que ele poderia ter matado você.

— Eu me viro sozinho.

— Ele é um Alfa, Robbie.

— Mas-

— Pare, — eu disse, com a minha voz se aprofundando com a menor quantidade de poder.

Ele se encolheu.

Carter e Kelly choramingaram.

— Vão, — eu disse. — Todos vocês. Corram. Robbie fique aqui.

Ele gemeu.

Os outros partiram, Mark e Elizabeth voltando para a forma de lobos. Ela pressionou o nariz contra a minha mão antes de seguir Mark para as árvores. Carter e Kelly esperaram na linha de árvore por Joe, que ainda não se movera. Eles olharam para Robbie, desafiando-o a fazer um movimento.

— Eu estarei bem atrás de você, — eu disse a Joe.

Seus olhos brilharam vermelhos antes de se virar para os irmãos e desaparecer no escuro.

— Você o ama, — disse Robbie assim que eles estavam fora do alcance da voz.

— Isso importa? — Eu perguntei. — Ele é um Alfa convidado aqui esta noite e você o *atacou*. Que diabos você estava pensando?

— Ele não deveria ter sido-

— Robbie. Isso não era para você decidir.

Ele parecia magoado com isso. — Como eu deveria protegê-lo se você-

— Ele me deu seu lobo. Quando ele tinha dez anos de idade. Você sabia disso?

Robbie fez um barulho abafado, o rosto afrouxado pelo choque.

— Eu não sabia o que significava. Não no momento. Mas ele o deu para mim. No dia seguinte que ele me conheceu. Porque ele *sabia*. E quando descobri o que significava, tentei devolvê-lo. Eu tentei dizer que ele estava errado. Que ele escolheu a pessoa errada. Que eu não era bom o suficiente para alguém como ele, alguém corajoso, inteligente e gentil. E ele não me escutou. Porque eu era importante para ele. Ele já havia decidido *quem* eu era para ele.

— Eu não sabia disso, — Robbie disse calmamente. — Não teria ido tão longe.

— Sempre houve ele e eu, — eu disse. — E acho que sempre haverá, não importa o que decidamos fazer. Se seremos apenas amigos. Ou aliados. Ou algo mais, mas *sempre* haverá ele e eu, porque é o que nós escolhemos.

— Você o ama, — repetiu Robbie.

Eu não tinha isso em mim para negar isso. — Há muito tempo, — eu disse, olhando para onde Joe tinha desaparecido.

— Sinto muito, — disse Robbie, parecendo magoado e confuso. — Eu não deveria ter-

KM

Eu abri meus braços para ele, e ele correu, enrolando-se no meu corpo, sua cabeça perto do meu peito enquanto ele passava os braços em volta da minha cintura, as garras dele formigando minha pele. Ele tremeu quando eu coloquei meu braço em seus ombros nus, passando a mão pelo cabelo dele.

Ficamos em silêncio por um tempo.

Eventualmente, ele fungou. — Então, — ele disse. — Kelly é meio fofo.

Inclinei a cabeça para trás e ri.



ENCONTRAMOS as matilhas na floresta tarde da noite.

Eu pus Robbie na direção deles. Ele se mexeu e caiu em quatro patas. Ele olhou para mim uma vez e assentiu antes de virar e trotar em direção a Rico e Elizabeth.

Carter e Kelly observaram-no com cautela, mas não fizeram nenhum movimento agressivo em direção a ele. Gordo arqueou uma sobrancelha para mim. Eu balancei a cabeça. Nada mais precisava ser dito.

KM

Joe estava sentado ao longo do lado de fora do grupo, olhando para sua mãe enquanto ela mordia o que tinha sido um coelho em algum momento. Seus ouvidos se contraíram quando me aproximei, mas esse foi todo o reconhecimento que recebi. Eu achava que ela não estava chateada, mas eu poderia estar errado.

Sentei-me ao lado dele, deixando espaço suficiente entre nós para não nos tocarmos.

Sua garganta ainda estava vermelha, mas o sangue parecia desvanecido. A ferida estava curada.

Eu disse: — Ele não quis dizer aquilo.

Joe bufou.

Eu tentei: — Você não entende como é para ele. Você não estava aqui.

Joe rosnou baixo em sua garganta.

Eu ignorei. — Ele não quis dizer isso. Não é como você pensa.

Joe não olhou para mim.

— Amanhã, — eu disse, e desta vez, foi uma promessa.

Eu não falei mais nada.

Nós observamos nossas matilhas enquanto corriam juntas. Enquanto estavam juntas. Enquanto brigavam e riam e uivavam suas canções juntas.

Ficamos sentados lá o resto da noite.

E eu não disse nada quando Joe se aproximou de mim, pressionando-se contra o meu lado enquanto o céu começava a clarear no leste.



Amor

Eu fui para a oficina no final do dia para que Tanner e Chris pudessem ir para casa e dormir um pouco. Eles piscaram para mim, antes de bocejar e sair em direção ao SUV, onde Elizabeth esperava para levá-los embora.

Antes de sair do carro, ela me parou com uma das mãos no braço e disse: — Seja o que for que você decida, certifique-se de que seja a escolha certa para você.

Rico acenou para mim quando entrei na garagem. — Gordo está no escritório, — ele disse baixinho. — É estranho ser surpreendido toda vez que o vejo aqui de novo?

Dei de ombros. — Nós vamos nos acostumar com isso. Não é como se ele estivesse indo a lugar algum.

Rico bufou. — Isso é o que eu teria dito há três anos.

E sim. Isso doeu, porque ele estava certo. Eu teria dito a mesma coisa. E eu não sabia se podia confiar em minhas próprias palavras.

Gordo estava sentado atrás de sua mesa, caçando as teclas e bicando o teclado enquanto franzia a testa para a tela do computador.

— O que é isso? — Ele rosnou. — Nada disso faz algum sentido.

— Tivemos que atualizar para um novo sistema enquanto você estava fora, — eu disse. — O antigo estava desatualizado.

— Não estava desatualizado. Funcionava muito bem quando eu o usava.

— Você não estava usando.

Ele olhou para mim. — Isso vai ser uma coisa agora?

— Provavelmente, — eu disse facilmente.

— Por quanto tempo?

— Desde que eu finja ser necessário.

Ele fez uma careta para o monitor. — Alfas Fodidos, — ele murmurou.

— Você está bem aqui?

— Tentando. Vou permanecer sentado aqui e tentar descobrir como usar algo que *nem precisamos*.

— Você é uma dor na minha bunda, — eu disse quando saí para a oficina.



RICO estava certo. Era estranho vê-lo lá.

Vê-lo encostado na porta do escritório, braços em seu peito, enquanto ouvia Rico cantando uma música em espanhol.

Ouvi-lo rosnar ao telefone com um fornecedor, dizendo-lhes que eles estavam fora de sua *maldita mente* se eles achavam que ele ia pagar muito pelas peças, ele estava administrando um *negócio* e ele poderia ir para outro lugar.

Sentir sua mão na parte de trás do meu pescoço, apertando sempre que ele passava.

Era estranho.

Bom, mas estranho.



— VOCÊ QUER uma carona? — Ele perguntou enquanto caminhávamos na oficina. Nós acenamos para Rico enquanto ele partia em seu velho Corolla. Foram apenas três atendimentos, estávamos devagar hoje.

Eu balancei a cabeça.

— Ele está esperando por você?

— Provavelmente.

— Você vai consertar isso?

— Por quê?

— Porque o que?

— Por que você se importa?

Ele zombou. — Certo. Por que diabos eu me importo? Eu me pergunto por que diabos eu me importo com você. E Joe. E sua besteira. Huh, Ox. Eu não sei.

— É bom saber que algumas coisas não mudam.

— Use sua porra de cabeça, Ox. Eu me importo com isso porque me importo com *você*.

— Sim, Gordo. Eu sei.

— Então conserte isso, — ele disse. — Nós não arriscamos nossas vidas por tanto tempo apenas para voltar e ter vocês dois assim separados. Não é assim que essas coisas funcionam.

Eu não pude deixar de me sentir um pouco assustado por ele. — Isso é diferente.

— O que é? — Ele perguntou, trancando as portas da frente.

— Nós éramos para ser, você não me queria nisso. Com eles. Com isso.

Ele inclinou o rosto para o céu enquanto revirava os olhos, como se estivesse pedindo ao bom Deus a força para lidar com alguém como eu. Eu vi aquele olhar muito na minha vida. Mas vindo dele, não parecia com os outros. Ele era meu amigo. Ainda.

— Costumava ser, — ele disse um pouco zombeteiro, — eu não tinha passado pelo que eu passei agora.

— Você não se importava com eles antes.

Ele parecia aflito. — As coisas eram... Diferentes. OK? Eu não sabia o que sei agora.

— Que é?

Ele balançou sua cabeça. — Não importa. Não em longo prazo. E você não deveria estar falando comigo sobre isso, Ox. Você sabe disso. Ele está esperando por você. Ele *está* esperando por você. É hora de você tirar o seu rabo da sua bunda.

— Ah, — eu disse. — Eu acho que eu poderia dizer o mesmo para você, então. Se as coisas mudaram. Se você já passou por sua merda. Se você puder tirar sua cabeça da sua bunda.

— Ox, eu juro...

— Galinha.

— Fodido da cabeça—

Eu sorri para ele.

Ele estendeu a mão e segurou a parte de trás do meu pescoço e trouxe nossas testas juntas. Nós mantivemos nossos olhos abertos. Ele parecia meio embaçado assim de tão de perto. Eu jurei que sentia pequenos tentáculos de sua magia se formando ao longo da minha pele, pequenos pontos de luz elétrica.

Ficamos assim por um momento. Ele puxou sua cabeça para trás e beijou minha testa, um beijo firme de seus lábios. Ele me empurrou e foi em direção a sua caminhonete. — Conserte, Ox, — ele falou por cima do ombro. — Ou finalize. Deixe-o explicar para você ou não. Basta fazer alguma coisa, porque quanto mais tempo você

desenhar isso, mais eu quero socar você na cara. Seus sentimentos ridículos estão se espalhando por todos nós e isso me faz querer vomitar.

Eu amava aquele homem mais do que eu poderia dizer.



ELE ESTAVA esperando por mim na estrada de terra, assim como eu sabia que ele estaria.

Eu não podia cuspir *ainda não*. Eu não podia passar por ele e fingir que ele não estava lá.

Eu não podia fingir que meu coração não estava quebrado há muito tempo.

Que eu era indiferente a ele em pé na minha frente.

Agora não. Não mais.

Ele disse: — Ei, Ox.

Eu ajudei e disse: — Ei, Joe.

Ele sorriu, mas era uma coisa frágil.

Eu tentei sorrir de volta. Eu não sei o quão bom foi.

Ele disse: — Acho que temos que conversar.

Eu disse: — Sim. Acho que sim.

Nós parecíamos ridículos.

Ele suspirou. — Veja, aconteça o que acontecer, está tudo ok. O que você... Decidir? Eu preciso que você saiba que eu quis dizer tudo o que eu disse.

— Quando você disse o que?

— Tudo o que eu já disse para você. Tudo, Ox.

Minha garganta se fechou um pouco.

— Sim, Joe, — eu disse asperamente. — OK.

Ele assentiu antes de se virar e descer a estrada de terra.

Eu dei um passo ao lado dele.

Minha mão roçou a dele. Eu não sabia se era de propósito ou não.

Eu me amaldiçoei por não ter coragem suficiente apenas para alcançar e segurar a mão dele. Nós fizemos isso inúmeras vezes antes. Antes dele...

Apenas antes.

Mas ele decidiu por nós, ele se agarrou minha mão e enrolou os dedos dele contra os meus. Meu polegar pressionou contra o ponto de pulsação em seu pulso, sentindo a batida irregular que ricocheteava sob sua pele.

Eu segurei tão firmemente quanto eu poderia.



A velha casa estava vazia quando chegamos. A casa no final da rua estava iluminada, lobos se movendo para dentro. Os humanos estavam em suas próprias casas. Eu pensei que talvez Robbie estivesse em algum lugar na floresta, mas eu não tinha certeza. Eu estava muito sobrecarregado com a presença de Joe.

Foi calculado nos deixar sozinhos, mas eles não estavam sendo sutis.

Mas eu sabia que os lobisomens não *sabiam como* ser sutis.

Eu também não sabia se eu podia ser sutil.

Ele hesitou brevemente, olhando para a casa, e me lembrei do dia em que ele estava ao meu lado, aquele pequeno tornado que disse que sentia muito pelo que quer que tenha me deixado triste. Ele não voltou para essa casa desde aquela noite. Desde que Thomas e minha mãe morreram.

Eu abaixei a mão dele e ele suspirou quando subimos os degraus até a varanda.

A porta estava desbloqueada. Eu abri, e ele me seguiu para dentro.

Seus olhos brilharam vermelhos assim que ele cruzou a soleira, garras e dentes saltando para fora como se ele não tivesse controle sobre elas.

Ele disse: — Merda. Ai Jesus. Não é assim. Não é o mesmo. Não é como-

— Joe, — eu disse bruscamente, certificando-me que eu ficasse a uma distância cuidadosa.

— Eu posso sentir o cheiro dele, — Joe rosnou através de uma boca cheia de dentes afiados. — Ele esteve aqui. Ele *está* aqui. Ele está na *floresta*. Ele está nas *paredes*. Ele está...

Isso me atingiu então. — Robbie.

Joe olhou para mim e pensei, pelo mais breve dos momentos, que eu não alcançaria meu pé de cabra a tempo, que, independentemente de eu ser um Alfa, eu ainda era um Alfa *humano*.

— Eu quase o derrubei, — Joe disse, dando um passo em minha direção. — A primeira vez que o vi. O jeito que ele ficou ao seu lado. O jeito que ele *tocou* você. Ele conhecia você. Ele te conhecia há *anos*. Eu sabia disso antes que qualquer um de nós dissesse uma palavra. E você ficou apenas parado ali. Você estava apenas *permitindo* que isso acontecesse. Eu voltei para casa e eu o procuro... E ele está *tocando*...

Ele estava bem na minha frente, o sangue pingando de suas mãos em pequenas gotas, onde suas garras perfuraram suas palmas. Seus olhos estavam arregalados e selvagens, cada respiração soando como se estivesse sendo forçosamente empurrada de seu peito. Suas palavras foram ditas em um rosnado baixo, e ele parecia grande, muito grande.

Mas eu não tinha medo dele.

Eu nunca tive medo dele.

Eu disse: — Joe.

— Ox, — o lobo rosnou, e eu pude sentir sua respiração no meu rosto.

— Ele mora aqui. Ele faz parte da minha matilha e *mora* aqui. Ele morou aqui por um longo tempo antes de se mudar para a casa principal. Você *sabe* disso. Eu sei que te contaram isso. Sua mãe. Mark. Os outros. Eles *te contaram*.

Joe piscou rapidamente, os olhos piscando em vermelho, depois voltando ao azul normal. Ele deu um passo para trás, parecendo horrorizado. — Eu não queria... Eu não queria...

— Pare, — eu disse. — Não é-

— Eu teria machucado ele, — Joe desabafou, soando incrivelmente jovem. — Se eu pensasse que poderia ter me safado, teria machucado ele. Naquele primeiro dia. Quando para ou ao seu lado, eu tive que segurar cada pedaço de mim. E mesmo assim quase não foi o suficiente. Eu o teria matado sem pensar duas vezes.

— Eu sei.

— Você *não* sabe, — retrucou Joe. — Você *não* sabe como foi. Chegar a casa, *finalmente voltar para casa* e encontrar... Você. E todos vocês. E saber que você nem *precisou* do resto de nós.

Eu balancei a cabeça, dando um passo para trás, tentando colocar uma pequena distância entre nós antes de estender a mão e puxá-lo para mim. — Então, é assim que vai ser, — eu falei,

rangendo meus dentes. — É assim que vai ser. Nós vamos fazer isso. Agora. Deste jeito.

Isso o surpreendeu. — O que? O que você quer dizer? Qual caminho?

Dei outro passo para trás, só para ficar em segurança, porque poderia ter me importado com ele e talvez estivesse esperando por esse dia, mas às vezes, às vezes, Joe Bennett podia ser tão estúpido.

— Minha mãe *morreu*, — eu disse o mais uniformemente que pude. — Meu alfa *morreu*. O garoto que eu conhecia, tomou uma decisão sem mim, e foi *escolha dele*, logo depois de se transformar em um Alfa. E pouco mais de uma semana depois ele se *foi*.

— Ox, — disse Joe. — Você sabe por que eu tive que-

— Não, — eu disse friamente. — Eu não sei. Eu não sei de *nada* sobre o que você tinha que fazer.

Ele estreitou os olhos. — Você me *disse* que ele não poderia fugir com isso. Você se *sentou* ao meu lado e me disse que Richard Collins tinha que pagar pelo que ele fez com você. O que fez conosco. Com a nossa *matilha*.

— Minha mãe tinha acabado de ser *assassinada*, — eu rosnei para ele. — Eu não estava pensando claramente.

— E eu estava?

— Claramente o suficiente para tomar uma decisão na porra *das minhas costas*-

— Você *acabou de dizer que* sua mãe foi assassinada. Você não estava *pensando* claramente. — Ele começou a andar na minha frente. — Você realmente acha que eu queria colocar mais peso em seus ombros? Que eu queria te arrastar para mais longe do que você já estava? Ox, eu me tornei um Alfa aos dezessete anos, e eu havia sido torturado pelo homem que acabara de matar meu pai. Eu não estava pensando na matilha. Eu nem estava pensando em minha *mãe*, Deus me ajude. Eu estava pensando em *você*. E a única maneira que eu poderia *te* proteger.

KM

— Então você manteve tudo de mim até o último minuto, — eu disse. — E então desapareceu por três anos. Porque essa foi a melhor maneira de me proteger.

Ele parou de andar e olhou para mim como se eu fosse idiota. Por um momento, eu o odiei porque me lembrei do meu pai me dando um olhar parecido. — Eu não *desapareci*—

— Besteira, — eu briguei com ele. — Não tente me dizer o contrário, Joe Bennett. Porque qualquer outra coisa seria uma mentira.

Sua mandíbula ficou tensa e ele empunhou as mãos. Ele respirou fundo, visivelmente tentando se acalmar. Eu tentei fazer o mesmo, porque se as coisas fossem mais adiante assim, as coisas terminariam antes mesmo de começarem. Eu não queria que fosse assim. Pelo menos ainda não.

— Olha, — ele disse. — Eu... Fiz escolhas. Porque eu tive que fazer. Elas podem não ter sido as melhores, mas eram as melhores na época. Você não pode me culpar por isso.

Eu ri amargamente. — Sim, Joe. O engraçado é que eu posso. E eu faço. Esse é o problema. — Eu caminhei em direção à cozinha, tentando ficar o mais longe dele possível. Eu me inclinei contra o balcão. Ele ficou perto da porta.

— Ox-

— Você sabe?

— O que?

— Sobre mim.

— Eu não entendo.

Mas eu pensei que talvez ele entendesse. — O que eu me tornei. Como eu sou agora.

— Um Alfa.

— Um Alfa *humano*.

Ele começou a sacudir a cabeça, mas depois parou e suspirou. — Talvez.

— Talvez, — eu repeti.

Ele esfregou a mão no rosto. — Papai achava, bem... Papai achava muitas coisas sobre você. Você sabe disso, certo? Que você era dele em tudo menos no sangue. Eu acho que ele não via qualquer diferença entre Carter e eu, Kelly e você. Você era dele tanto quanto de nós.

Doeu, no bom sentido, como pressionar a língua contra um dente solto. Uma dor amarga que arranhou meu coração. — Sim, Joe, — eu disse com voz rouca. — Eu sabia disso, talvez não na época. Mas agora? Eu sei agora.

Joe assentiu. — Às vezes, quando íamos para a floresta, eu e ele, conversávamos, sabe? Sobre a matilha. Sobre o que significa ser um Alfa. Sobre você. Nós conversamos muito sobre você. Coisas que eu nunca lhe falei. Coisas que ele nunca teve a chance de dizer a você.

Eu esperei, não querendo interromper.

— Depois que você saiu, — ele disse olhando para as mãos, — naquele primeiro dia em que te encontrei, eles apenas me encararam. Por muito tempo. Especialmente ele. Eles não me ouviram falar desde... Bem, desde Richard. Por causa das coisas que ele fez comigo. O jeito que ele me quebrou. Mas você, Ox. Não era como qualquer coisa que eu já tinha sentido — tudo estava bem. Eles apenas me encaravam. Eles me escutaram. Eles sorriram para mim. Eles se abraçaram e riram e choraram, mas eu continuei dizendo Ox. Ox. Ox. E eu então *soube* o que significava, mesmo que não entendesse direito. Quando eu disse a eles que queria te dar o meu lobo, eles ficaram com *medo* ok? Porque eles *entenderam*. Nós voltamos para casa, por que eles tentaram encontrar uma maneira de me ajudar, de me *consertar*. E no primeiro dia que eu te encontrei, e que te trouxe para casa, falei pela primeira vez em mais

de um ano, e então disse a eles o que você era para mim, mesmo que eu não usasse as palavras certas.

Ele olhou de volta para mim, expressão dura e suplicante. — Eles estavam com medo, Ox. Mas eu tinha certeza. Eu estava tão certo sobre você. Eu queria que você tivesse o que mais importava para mim, além da minha matilha. Quando você é pequeno, você recebe o seu lobo de pedra e lhe ensinam que um dia, você encontrará uma pessoa para dá-lo, que será um sinal de tudo o que a pessoa escolhida é para você. Papai, ele... Deu para mamãe. Ela não queria que eu lhe entregasse o meu lobo. Ela queria que eu esperasse. Ela me disse que isso significaria mais se eu te conhecesse melhor. Se você soubesse onde você estava se metendo. Ela me disse que eu não precisava fazer nada. Que você não ia a lugar nenhum. Eu não me importei. E pai. Papai sabia disso. Ele podia ver ok? Eu disse a ele que era minha escolha. Porque é isso que nos dizem. Que sempre se resume a escolha.

— E você me escolheu, — eu disse baixinho.

Ele riu e esfregou os olhos. — Sim, Ox. Eu escolhi. Você sabe que eu escolhi. E pai. Ele sabia que eu o escolheria. Ele sabia. Então ele disse à mamãe que tudo estava bem. Que quando um lobo sabe, ele sabe. Mas essa é a coisa. Eu *não* sabia. Não sobre você. Eu sempre soube *algo* sobre você. Mas eu não sabia o que ele queria dizer, ok? Eu não sabia. Tudo o que eu ouvi foi *sim, Joe, sim, você pode dar a única coisa que você pode dar para a pessoa que você*

escolher. Ele também me ajudou. Ele trouxe a caixa que eu coloquei o lobo. Ele me deu uma fita para amarrá-lo. E eu nunca perguntei a ele. Eu nunca perguntei a ela. Mas acho que era a mesma caixa e fita que ele usou quando deu a mamãe.

A casa crepitava em torno de nós. Eu não consegui encontrar uma única palavra para dizer. Isso não era incomum. Claro, eu fiquei melhor ao longo dos anos. Um Alfa não podia ficar em silêncio, não de verdade. Mas eu ainda tinha problemas com as palavras às vezes. Não era que eu não tivesse nenhuma. Era que eu tinha *muitas* palavras, e todas elas ficavam presas tentando sair ao mesmo tempo.

Mas tudo bem. Porque Joe tinha muitas palavras ainda.

— Ele sabia, — ele disse. — Mesmo assim, acho que ele sabia que algo era diferente em você. Que você era maravilhoso e amável e incrível, mas que não era apenas *outra coisa*. Não, era algo *mais*, porque o que você tinha, já era o suficiente. Já era uma parte de você. Ele reconheceu isso. Eu não sei como. Mas... Ox. Ele sabia ok? Eu realmente acho que ele sabia.

Ele estava me observando. Eu sabia que tinha que dizer alguma coisa, qualquer coisa para preencher o silêncio que seguiu suas palavras. Eu devia isso a ele. Para mim mesmo.

Eu disse: — Eu sei.

Ele assentiu e deu um sorriso vacilante que rapidamente se desintegrou. — Ok, — ele disse em uma voz embargada. — OK. Sim. Você sabe? Isso é muito bom, Ox. Eu sei-

— As coisas não são as mesmas.

Ele parou o que ele ia dizer.

— Eu não sou o mesmo, — eu disse.

— Eu sei, — ele disse. — Eu soube disso no momento no momento que cheguei aqui. Mesmo antes. Quando voltei para o território e soube.

— Você já sabia? Que eu era um Alfa? Depois que você saiu?

Ele balançou a cabeça. — Eu não tinha ouvido falar de você.

— Alpha Hughes sabe.

Ele pareceu surpreso. — Por quê? Eles tentaram-

— Robbie.

Joe franziu o cenho. — Robbie.

— Ele veio aqui para... Espionar-nos? Talvez. Eu não sei. Ele era o novo Osmond.

— E você o deixou entrar na *matilha*? — perguntou Joe.

Eu o observei friamente. — Ele não pertence mais a Hughes. Ele pertence a mim.

Ele recuou como se eu tivesse batido nele. — Ox, você sabe o que Osmond fez. Ele *traiu* meu pai. Por tudo que sabemos Hughes também estava envolvida nisso! Eles poderiam tê-lo querido morto por *anos*.

— Ele não, — eu disse. — Não é desse jeito.

— Você não sabe disso, — Joe cuspiu. — Eles disseram a mesma coisa sobre Osmond.

— É por causa do Robbie? Ou é por sua causa?

— Que diabos.

— Ele é meu amigo, Joe.

— Certo, — Joe disse, desistindo de toda a pretensão. —

E nada mais. Ele não quer mais nada.

— *Eu não quero nada mais.*

— Ele não pode - ele não é -

— Eu já disse a ele. Ele sabe.

— Sabe o que?

Mas eu não estava pronto para isso. Seria muito fácil deixá-lo fora do gancho. E parte de mim queria. Eu já estava cansado disso. Da raiva.

Eu disse: — Você nos cortou.

Ele deu um passo para trás. — Ox.

—Você disse *que sentia muito*. No meio da noite, quando você sabia que eu não veria. Como um covarde. Você disse *que sentia muito* e depois eu não ouvi mais nada de você. *Nós* não ouvimos mais nada de você. Por *anos*.

Ele estava se preparando para outra luta. Eu podia ver em sua expressão de pedra. Mas eu não ia deixar isso passar. Ele estava errado sobre muitas coisas. Mas eu pensei que este tinha sido seu pior erro.

— Eu fiz o que eu tinha que fazer, — ele disse com a voz plana.

— O que você teve que fazer, — eu repeti. — E por que fazer isso?

— Nós não poderíamos ter nenhuma distração.

Eu bufei. — Certo. Nós, o que significa todos vocês. Significa que todos concordaram.

Ele hesitou.

— Você não, — eu disse, — você concordou? Vocês não concordaram.

— Não foi...

Eu bati minha mão contra a bancada. — Você disse que não importa. Mas importa. Tudo isso *importa*. Eu entendo como deve ter sido para você, Joe. Entendo-

— Você não consegue entender *nada*, — ele explodiu. — Você *não* entende, porque você não estava lá!

— E de quem foi à escolha? — Eu disse friamente. — Você deixou bem claro que...

— Não, — ele disse apontando uma garra para mim. — Você não pode dizer que não precisei de você. Você não pode dizer isso quando não é verdade. Eu precisei de você. Eu precisava muito de você.

— Esse foi o problema, não foi? — Eu disse, respondendo e tudo lentamente se encaixando. — Eu era sua ancora. E você não poderia me deixar ser sua ancora. Não com o que você se propôs a fazer.



Kardia Mou | Wolfsong

KM

— Toda vez que eu lia as suas palavras, — ele disse. — Toda vez que eu escrevia de volta para você, mais eu queria voltar para casa. Para você. Para os outros. E eu não podia Ox. Eu não podia, porque eu tinha um *trabalho* a fazer. Ele havia tirado muita coisa de mim e, pior, tirou de *você*. E eu não podia fazer o que precisava enquanto me lembrava de casa. Então sim, eu parei. Eu cortei todos vocês. Eu fiz isso porque me importava muito com você para poder fazer o que eu precisava fazer. Eu disse a mim mesmo que se eu mantivesse você separado de mim, a partir *disso*, eu estaria mantendo você seguro.

— Você estava errado, — eu disse. — Nós não estávamos seguros. Nem sempre.

— Eu sei, — disse ele, deflacionando. — Eles me disseram. Os outros. Eu não pensei...

— Não, você não pensou. Você só tinha uma coisa em que você se concentrar.

— Vingança, — ele disse. — Raiva. A necessidade de encontrá-lo e fazê-lo sofrer.

— E você não conseguiu. — Eu não quis dizer isso saindo assim, como se eu estivesse o acusando.

Seus ombros caíram. — Não. Nós... Sempre estávamos próximos. Tantas vezes. Mas ele sempre conseguiu estar um passo à frente. Eu tentei Ox. Eu tentei fazer as coisas certas. Mas eu não pude. Então eu continuava.

— Você voltaria? — Perguntei. — Se você não achasse que ele estava vindo atrás de nós novamente?

Ele disse: — Eu não sei, — e a honestidade *doeu*.

Eu assenti. Minha cabeça parecia cheia. Eu não sabia mais o que fazer. — Por que ele viria aqui agora? Por que, depois de todo esse tempo, ele voltaria? Por que não antes?

— Eu não sei.

— Quando ele vai chegar aqui?

— Eu não sei.

— O que precisamos fazer?

— Eu não sei.

— Que porra você sabe afinal? — Eu rosnei para ele. — Você desperdiçou três malditos anos de nossas vidas para *nada*?

Ele recuou com os olhos no chão.

Eu não pude parar. Não agora que eu me quebrei.

— Diga-me, Joe. Valeu à pena? Valeu à pena manter-me seguro como você pensa que fez? Valeu à pena deixar todos nós para trás para que você pudesse ir atrás de uma porra de assassino?

— Eu não-

— *Não me diga que você não sabe!* — Eu rugi para ele. — Diga-me uma porra de coisa que você sabe afinal!

— Que eu te amo. — Sua respiração engatou em seu peito.

E eu apenas travei.

Eu não conseguia respirar.

Tudo parecia muito alto. Muito real. Muito brilhante. Eu queria me machucar para saber se eu estava sonhando ou se estava acordado. De todas as coisas que ele poderia ter dito, eu não esperava isso.

E não era *justo*.

Eu gritei — O quê?

Ele não olhou para mim, os olhos treinados no chão. Quando ele falou, ele soou menor do que eu já o ouvi. Ele disse: — Eu não sei muito. Não mais. Tudo mudou. Você mudou. A matilha. As pessoas nela. Este lugar não é como foi quando saímos. Carter e Kelly, eles se encaixam novamente. Como se não fosse diferente. Como se não tivéssemos ido embora. Com a mãe. Com Mark. Com todos aqueles *estranhos*. E com você. E Gordo. Gordo, Ox. Ele nem precisava se preocupar. Porque ele sempre teve você. Mesmo que ele tenha se ligado a mim de alguma forma naquela noite. Mesmo que ele tenha se tornado meu, ele sempre foi seu. Todos eles são. E eu estou aqui - eu não sei por que estou aqui. Eu estraguei tudo Ox. — Ele enxugou os olhos e algo quebrou no meu peito. — Eu pensei que estava fazendo o certo. Eu pensei que estava mantendo todos seguros. Mas eu fui egoísta. Porque eu só queria *te* manter seguro. Para *te* manter longe dos monstros. Se você não tivesse me conhecido, se você nunca tivesse me conhecido, você não estaria aqui agora. Sua mãe estaria viva. E você seria feliz. Eu pensei que você iria querer desse jeito. Quanto mais eu

desaparecesse, mais fácil seria me esquecer e tudo o que fiz para você. Eu queria voltar para casa, Ox. Tudo o que eu queria fazer era voltar para casa, porque sem você eu não *tenho* casa.

— Joe, — eu disse.

Ele levantou a mão, interrompendo-me. — Apenas me deixe. Eu conheço você... Você tem uma escolha. Ainda. E sei que não fiz nada para que você me escolhesse. E eu estou bem com isso. Porque se você tiver- — sua voz foi estrangulada e dura — *outra* pessoa, ou se *poderia* haver, eu não quero ficar no caminho disso. Eu só quero estar onde você estiver. Como seu amigo. Ou companheiro de matilha. Ou apenas eu e você como antes de tudo isso.

— Você não tem que manter o lobo, Ox. Você não precisa. Eu só precisava estar perto de você, porque estou *cansado*. OK? Estou tão cansado disso tudo. De correr. De não conseguir o que eu quero. Eu só quero você. Por favor, deixe-me ter você. Por favor. Nada mais importa se eu não puder ter você. Apenas deixe-me, por favor, deixe-me. Você é o Alfa aqui agora, mas, por favor, não me faça sair.

Seu rosto estava molhado quando ele terminou. Ele tinha mudado parcialmente, perto de perdê-lo para o lobo completamente. Eu não sabia o quão forte o controle dele poderia durar mais, dado que eu só o vi mudar uma vez na noite da lua cheia.

E não era que eu não confiasse nele, pelo menos com isso. Joe nunca me machucaria, não fisicamente.

Eu não queria mais lutar contra isso. Eu não queria lutar com ele.

Eu dei um passo em direção a ele.

Seus olhos brilharam novamente.

— Não, — ele disse. — Você não pode. Ox, eu estou escorregando.

— Você não está, — eu disse.

— Você não pode saber disso, — ele implorou. — Não é o mesmo. Não consigo encontrar meu caminho de volta porque *não é o mesmo*.

Eu sabia. Nós dois sabíamos. Alguns podem ter nos visto e se perguntado como chegamos até aqui. Depois de tudo que passamos. Depois de tudo que nós dois fizemos. Ele partiu. Eu fiquei. Eu tomei o seu lugar, querendo ou não. Eu passei um bom tempo com raiva dele. Ele passou o mesmo tempo com raiva de si mesmo.

Nada disso importava, no entanto. Talvez importasse novamente, e em breve, mas agora, eu simplesmente não conseguia pensar em não tocá-lo nem mais um segundo.

— Não, — ele disse, — não, não, não, você *não pode*—

Eu fiquei na frente dele.

Suas costas estavam contra a porta.

Nossos joelhos bateram juntos.

Minhas mãos roçaram as dele.

Parecia trêmulas, depois de todo esse tempo.

Ele rosnou para mim, mais lobo que homem, e eu peguei seu rosto em minha mão, aquele rosto meio deslocado, cabelos brancos brotando e recuando, como se ele estivesse preso em algum lugar entre os dois. Assim que meus dedos tocaram sua pele, ele estremeceu contra e houve um momento em que pensei que não seria o suficiente. Que muito havia entrado entre nós para que ele encontrasse o caminho de volta novamente.

Porque eu entendia agora o que a escolha dele lhe custara. Ele poderia ter sido um Alfa e ele poderia ter tido seus irmãos e Gordo com ele para mantê-lo são, mas ele era quase um Ômega também, tendo cortado os laços de sua ancora para se entregar ao seu lobo. Ele não foi capaz de se concentrar em mim porque eu o mantinha humano. Ele desistiu disso pelo lobo. Para se tornar o predador. O caçador.

Não poderia ter sido tudo por nada.

Esses últimos três anos não poderiam ter sido *nada*.

Eles não eram.

Porque eu estava aqui, de pé, apesar de me sentir como se estivesse desmoronando.

Meu pai tinha me dito as pessoas iriam me dar merda e que iria doer.

Meu pai era um mentiroso.

Tudo tinha sido uma merda.

Mas eu ainda estava em pé.

Eu disse: — Ei, Joe.

E ele olhou para mim com olhos vermelho fogo, pelos ao longo de seu rosto ondulando com a mudança.

Ele disse: — Ox.

Minha mãe me levou à igreja uma vez. Depois que meu pai foi embora.

Ela pensou que talvez pudéssemos rezar para Jesus.

Joe disse meu nome como o pregador falava sobre Jesus.

Reverente, cheio de admiração. Terror e adoração.

Eu não sabia o que fazer com isso.

Eu não sabia se eu merecia isso.

Eu fiz a única coisa em que conseguia pensar.

Eu beijei Joe Bennett. Lá. Na velha casa.

E naquele momento tudo estava bem.



ERA como antes.

Apenas não.

Nós nos deitamos lado a lado na minha cama velha, de frente um para o outro.

Nós não nos encaixamos como costumávamos.

Eu não tinha mudado muito. Talvez tenha ficado um pouco mais amplo, mas não muito mais.

Joe, no entanto.

Joe havia mudado.

Ele ocupava mais espaço do que antes.

Foi um ajuste apertado. Mas nós fizemos funcionar.

Uma de suas pernas estava pressionada entre as minhas. Eu o segurava no lugar.

Nós compartilhamos o mesmo travesseiro. Eu disse a mim mesmo que era só porque não podíamos deixá-lo cair da cama. Mas, na verdade, eu só queria que ele ficasse tão perto quanto eu poderia.

Ele não se importou. Eu pensei que talvez ele quisesse estar perto também.

Nós não falamos muito, pelo menos por um tempo. Eu senti que tudo o que eu tenho feito foi falar ultimamente e foi bom fazer uma pausa. Não precisar de palavras. Não ia durar, mas tudo bem. Era o suficiente por agora.

Ele entrou no quarto, e foi muito parecido com a primeira vez que ele fez isso, os olhos se movendo em todos os lugares, absorvendo tudo. Eu não sabia o que ele via, quais eram as diferenças aqui. Que diferenças havia em mim. Mas eu vi o exato momento em que ele encontrou o pequeno lobo de pedra, ainda acomodado em cima da minha antiga mesa. Ele congelou, e o



Kardia Mou | Wolfsong

gemido que saiu foi mais lobo do que humano, um ruído baixo e ferido que machucou meu coração. Ele não tinha feito um movimento, nem sequer tinha erguido um braço para tocá-lo, mas ele sabia que eu estava lá. O que isso significa para mim. E para ele.

Ele não desviou os olhos de mim quando nos deitamos naquela cama. Eles vagaram pelo meu rosto como se ele estivesse tentando me memorizar novamente. Eu não posso dizer que não estava fazendo nada de diferente. Eu me perguntava o que veria se ele não pudesse se curar como ele poderia. Que tipo de cicatrizes haveria. Que histórias elas contariam? Eu tive meu quinhão. Meu estômago. Meu braço direito. Minhas costas eram as piores de quando aquele Ômega me levava na noite em que Thomas morrera. Eles contaram minhas histórias. Eu não podia dizer ao Joe.

O mundo estava do lado de fora do meu quarto, mas nós o ignoramos.

Ele estendeu a mão e passou um dedo pelas minhas sobrancelhas. Minha bochecha. Minha testa. A ponta do meu nariz. Ele escovou contra a minha boca e eu o beijei, a pressão dos meus lábios.

Eu queria... Mais dele. Mais do que eu queria de qualquer outra pessoa antes. E seria fácil de aceitar, porque ele me daria tudo.

Eu não poderia fazer isso, no entanto. Ainda não. Eu pensei que talvez estivesse a caminho do perdão, se ainda havia alguma coisa para perdoar, mas eu ainda não estava lá.

E eu ainda tinha uma matilha para pensar. Um território para proteger.

Eu não queria falar.

Mas eu tive que fazer.

Eu disse: — Joe.

Ele disse: — Sim, Ox, — e por um momento minha respiração ficou presa, porque de todas as vezes que eu o imaginei finalmente de volta, aqui, na minha cama, eu realmente nunca esperei que se sentisse assim.

KM

Ele deve ter ouvido o barulho do meu coração, porque ele pressionou a mão contra o meu peito. O ângulo era desajeitado, não havia espaço suficiente para ele pressionar demais, mas eu sabia o que ele estava fazendo.

Meu batimento cardíaco diminuiu. Se acalmando.

— Eu preciso saber, — eu finalmente disse.

Ele deu um pequeno zumbido, com os olhos engasgados.

— Ele está vindo para cá.

— Sim.

— Novamente.

— Sim.

— Por quê?

Seus dentes estavam mais afiados. — Porque é o que ele faz. Ele não está mais racional. Ele se perdeu para seu lobo. Eu acho que ele sequer se lembra de como era ser humano. O lobo...

Pensa diferente, Ox. Ainda somos nós. Ainda estamos aqui, mas quando mudamos, não é mais racional. É sobre o instinto básico. As coisas são mais em preto e branco. É o lado humano que lida em tons de cinza. Ele perdeu essa maneira de pensar. Ele desistiu de sua humanidade porque ele culpa os humanos por destruírem sua família. Não precisa ser mais complexo que isso.

— Porque agora?

Eu senti suas garras picarem meu peito através da minha camisa, mas seus olhos nunca deixaram os meus. — Porque ele sabia que isso me traria de volta. Ele precisava de tempo para se recuperar. Curar. Para se recompor. Ele mudou de rumo, mas o final é o mesmo. Ele fez questão de nos enviar essa mensagem com os Reis. Matar David foi o último sinal. Tudo apontava para Green Creek.

— Ele está circulando.

Joe sorriu amargamente. — Mais como enganar. Ao apontar ameaças em sua direção, ele sabia que não teria escolha a não ser voltar para casa.

— Você sempre tem uma escolha.

Seu sorriso suavizou. — Não quando se trata de você.

Eu não aguentava muito mais disso. Minha pele estava zumbindo e eu sentia a necessidade de *tocar e marcar e morder*, mas eu tinha que terminar isso primeiro. Eu tinha que ter certeza.

— O que nós vamos fazer?

Ele suspirou. — O que temos para fazer. Estou cansado de correr, Ox. Estou cansado de perseguir sombras. Tudo o que eu quero é plantar meus pés nesta terra porque uma vez ela pertenceu ao meu pai. E eu sei que ele quis dizer isso para mim também. Esta era a sua casa. É sua agora e estou bem com isso. Eu estou bem com você e isso. O que você é. Mas eu quero que seja minha também. Eu quero que seja nossa. Se você nos deixar. Se você me mantiver.

Dúvidas então. — Eu não sou-

— Não, — ele rosnou. — Você não pode dizer isso. Você não pode dizer que não é *nada*.

Claro que ele sabia. Aqueles medos residuais dos quais eu nunca poderia me livrar, um resquício de quando eu achava que não tinha muito valor. Talvez eu pudesse ver agora o que dizer para alguém. Talvez eu pudesse ver em seus olhos quando eles olhavam para mim. Mas isso não significava que eu não sentisse que ainda era uma criança brincando de se vestir. Ou uma ovelha com roupas de lobos. Era uma máscara, isso era o que eu era, e eu a usava bem.

O engraçado é que eu quase acreditava.

— Ox, — disse Joe, parecendo frustrado. — Como você pode não ver isso?

Eu disse: — Sou humano, — como se isso explicasse tudo. Para mim, explicava.

Ele sorriu. — Eu sei. E essa é a melhor parte de tudo.

Nós estávamos sussurrando agora, como se dizer isso mais alto não fosse real.

Eu disse: — O que vamos fazer?

Ele disse: — Tudo o que pudermos.

Eu disse: — Eu não sei se posso fazer isso.

Ele disse: — Você não precisará. Ox, você não vê? Eu estou aqui agora. Se você me deixar ficar.

Eu disse: — Você não pode sair de novo. Você não pode. Você *não pode*. Mesmo que ele venha. E mesmo que ele corra de novo. Joe, você não pode nos deixar novamente. Você não pode *deixar-me* novamente.

Ele disse: — Eu não vou, — e eu ouvi a *promessa* por trás dessas duas palavras, a *intenção*. Joe Bennett era muitas coisas para mim, mas ele não era um mentiroso. Ele poderia ter tido minha raiva, por mais que ainda restasse. Ele poderia ter segurado os restos da minha confiança em suas mãos. Mas Joe Bennett não mentiria para mim. Não sobre isso. Não quando isso significava muito.

Eu acreditei nele.

Então, eu não sei se posso ser culpado por seguir em frente, pensando *agora e finalmente* e *Joe Joe Joe*. Ele grunhiu uma vez, mas eu engoli tudo, minha boca na dele, frenética e dura. Suas mãos subiram e seguraram meu rosto, me segurando bem perto, e além do gosto dele, tudo que eu conseguia pensar era a última vez que estávamos assim, lado a lado. Nós ainda não tínhamos nos

despedido, e agora era *oi, olá, eu não posso acreditar que você está aqui, olá.*

Foi desajeitado no começo. O ângulo estava estranho, o ritmo irregular e muita saliva. Eu achava que eu era a segunda pessoa que ele tinha beijado em sua vida, se o que ele disse foi verdade. Frankie não passara de um pensamento passageiro e eu nunca quis saber até onde eles tinham ido.

Então eu suavizei o máximo que pude, diminuindo o ritmo, arrastando-o para fora. Ele já estava respirando pesadamente enquanto eu passava minha língua ao longo de seus lábios. Ele soltou um pequeno suspiro, o menor dos barulhos, e seus lábios se separaram e minha língua tocou a dele.

Um momento eu estava debruçado sobre ele e o próximo eu estava deitado de costas com um lobisomem Alfa em cima de mim, um rosnado vibrando de seu peito enquanto ele arrastava o nariz ao longo do meu pescoço atrás da minha orelha, inalando enquanto ele percorria meu corpo. Seus lábios se arrastaram depois, molhados contra a minha garganta, soprando pequenas respirações na minha pele, tentando conseguir que seu cheiro se misturasse com o meu.

Ele se esticou em cima de mim e, se houvesse alguma dúvida, agora estávamos acasalados, o que já fazia muito tempo, já que nos conhecíamos perfeitamente da cabeça aos pés. Ele grudou em mim, e eu senti a linha dura de seu pênis pressionando contra o meu.

Eu estendi a mão e envolvi minha mão ao redor da parte de trás de sua cabeça, segurando-o perto contra o meu pescoço. Ele estava ofegante agora, como se fosse esmagador, como se tudo isso estivesse caindo sobre ele. Ele arrastou seus lábios e língua até meu queixo, até que ele me beijou novamente. Ele ainda estava inseguro, os beijos tímidos e sem prática, mas parecia mais real do que qualquer outra pessoa com quem eu já estive.

Eu soltei a nuca dele e deslizei minha mão pela extensão das suas costas, tentando encontrar a pele, tentando sentir o calor dele.

KM

Sua camisa se levantou, e eu toquei suas costas, pressionando minha mão contra ele, empurrando-o para baixo enquanto eu me levantava, querendo a fricção áspera. Ele gemeu em minha boca quando nossos pênis se alinharam brevemente antes de deslizarem um ao lado do outro.

Ele estava recuando, apenas o menor espaço, seus lábios ainda roçando nos meus, dizendo: — Eu não sei o que fazer, nunca fiz isso, não sei o que *fazer*, — e seus olhos eram de um vermelho mais brilhante que eu já vi, como se ele estivesse queimando de dentro para fora.

— Eu sei, — eu disse. — Eu sei, eu sei, eu vou cuidar de-

O que, na verdade. Eu deveria saber que nunca deveria contar a um parceiro de cama atual sobre minhas experiências sexuais passadas enquanto estava na cama com ele, especialmente se ele fosse um Alfa tenso em cima de mim. No momento em que eu disse:

eu sei, porque eu *sabia o que* fazer, minhas mãos estavam presas sobre minha cabeça e Joe estava rosnando na minha cara, com os dentes afiados e os olhos queimando incrivelmente brilhante.

— Você disse que *não fez isso enquanto eu estava fora*, — ele rosnou, com os quadris friccionando contra mim como se não tivessem notado o fato de que ele estava chateado.

Não que ele tivesse o direito de estar. — Eu não fiz, — eu retruquei de volta. — Eu te disse que eu-

— Ninguém mais, — ele disse e depois revirou os quadris deliberadamente, como se quisesse ver minha reação de perto.

Eu não conseguia parar meus olhos de fechar, minha língua saindo para molhar meus lábios. Eu disse: — *Joe*, — e ele fez isso de novo, mais forte desta vez.

— Diga, — ele disse com força, pressionando a testa na minha, circulando seus quadris de novo e de novo. — Diga isso Ox.

Era fodido. Realmente era. Porque eu sabia o que ele queria, o que significava para o lobo, ele era possessivo. Eu não era *nada*.

Mas porra, isso fez mais por mim do que qualquer outra coisa.

Havia a parte Alfa de mim que rangia os dentes com o pensamento.

Mas havia a parte ainda maior, a parte que era toda Ox, que dizia *sim sim sim*.

— *Diga*, — o lobo disse perto do meu ouvido.



Kardia Mou | Wolfsong

— Sim, — eu disse com voz rouca. — Seu Joe. Eu sou seu.

Ele tremeu acima de mim, inalando agudamente como se estivesse surpreso, como se não esperasse que eu concordasse com ele, que eu fosse fazer o que ele dizia. Eu não sabia o quão profundas as inseguranças dele corriam ou até que ponto seus instintos o estavam levando, mas ele não esperava.

Era um começo, pensei. Para nós dois.

Porque, apesar de ainda ser desajeitado, embora não soubesse o que fazer, ele se sentou na minha cintura, com as pernas dobradas de ambos os lados. Ele revirou os quadris novamente enquanto pegava sua camisa pela bainha e a puxava para cima e sobre a cabeça, revelando o peito largo dele, o cabelo esparsos, o corte de seu estômago. Ele jogou a camisa no chão e se recostou em suas mãos enquanto eu traçava seu estômago até o peito. Seus mamilos eram escuros, pequenos espirais de cabelo ao redor deles. Peguei um entre meus dedos e dei uma torção afiada, observando seu estômago se apertar, a boca abrindo.

E porque eu podia, me levantei, envolvendo meus braços ao redor de suas costas, segurando-o perto de mim, lambendo onde meus dedos estavam. Seu mamilo endureceu sob a minha língua, e eu escovei meus dentes contra ele apenas para senti-lo tremer.

Seu pau estava pressionando contra o meu estômago através de jeans, mas eu ainda não estava pronto para isso. Ele se inclinou atrás de mim enquanto eu traçava sua pele com meus dentes,

puxando minha camisa de trabalho até que ele conseguiu e a camiseta que eu usava embaixo dos meus ombros. Eu me inclinei um pouco para deixá-lo tirá-las. Eu não vi para onde foi porque havia muita pele pressionada contra a minha. Ele estava com a pele quente, quase febril, quando ele inclinou minha cabeça para trás e me beijou novamente, desleixado e molhado. Ele me provou como eu pensei que ele iria, com vontade e poderoso. Ele agarrou os lados do meu rosto com as mãos enquanto eu apertava minhas mãos na bunda dele, para puxá-lo contra mim ainda mais.

KM

Ele murmurou meu nome contra meus lábios antes de eu inclinar minha cabeça para trás novamente. Seus dentes encontraram a pele perto da minha garganta e começou a chupar, deixando uma marca. Algo em mim mudou; um rosnado com a ideia de ele me marcar, e de tentá-lo a sugar mais, e usar mais dentes. Eu queria que todos pudessem ver, então ninguém cometeria o erro sobre quem colocou a marca lá. Eu não tive esse tipo de pensamento com qualquer outra pessoa, mas eu nunca estive com alguém como ele.

Cheguei entre nós enquanto ele continuava me marcando, tentando agarrar a frente de sua calça jeans. Eu senti falta dos botões e meus dedos arrastaram contra o contorno duro de seu pênis. Foi um acidente, mas eu fiz de novo quando ele choramingou contra o meu pescoço. Eu pressionei mais forte, com propósito. Ele se esgueirou contra mim quando eu fiz o meu melhor para segurá-lo,



Kardia Mou | Wolfsong

mas o jeans era muito macio entre os meus dedos, a fricção muito leve.

Eu estendi a mão e empurrei contra seu peito, inclinando-o para trás. Seus olhos estavam vermelhos e com as pálpebras pesadas quando ele olhou para baixo entre nós, de queixo caído. Seus lábios estavam inchados e escorregadios e eu tive o pensamento selvagem de que *tinha* feito isso. *Eu o* fiz parecer assim.

Eu puxei sua calça jeans com um toque experiente, algo que o fez rosnar. Eu o ignorei. Ele não precisava ficar chateado com a minha experiência, especialmente porque ele iria se beneficiar disso.

— Jesus, — eu murmurei. — Qual é o problema de você não usar uma cueca?

Ele sorriu abertamente para mim. — Eu tenho esperanças.

Eu bufei e passei meus dedos ao longo da base de seu pênis, seu pêlo pubiano fino arranhando as costas da minha mão. Sua respiração ficou presa em seu peito e eu quase fiquei tonto com o fato de que eu estava *brincando com* ele, que ele estava aqui, que nós estávamos juntos e eu estava *brincando com* ele. O pensamento de que eu era o único que tinha feito isso com ele (e eu tinha certeza disso agora) só me fez sentir mais poderoso. Que eu era o único que o tinha visto assim.

(*E o único que vai ver*, uma pequena voz sussurrou na minha cabeça, mas eu afastei isso porque era demais, muito para eu pensar,

mesmo que a parte do meu cérebro de lagarto dissesse *sim e sim e sim.*)

Eu puxei o pau dele da calça jeans, tomando cuidado com o zíper. Ele estava sem cortes e duro, seu pau mais fino que o meu e talvez um pouco menor. Mas o peso dele na minha mão deu um curto-circuito no meu cérebro. Lobos são quentes e senti calor em minhas mãos. Eu agarrei, apertando com tanto cuidado quanto ousava, observando o deslizamento do prepúcio enquanto ele corria e empurrava na minha mão.

KM

— Ox, — ele disse, soando sem fôlego e estrangulado.

— Eu sei, — eu disse gentilmente quando aumentei meu aperto nele.

— Você tem que—

— Eu sei.

— *Faça alguma coisa!*

Eu soltei seu pênis e ele exalou pesadamente, como se tivesse levado um soco no estômago. Antes que ele pudesse protestar, levantei a mão em direção ao seu rosto e disse: — Lamba.

Ele nem sequer questionou. Ele agarrou minha mão e levou-a a boca, a língua raspando sobre a palma da minha mão, entre meus dedos, antes de sugá-los em sua boca, deixando-os escorregadios e molhados. Eu cerrei meus dentes para evitar empurrá-lo de volta e pegar o que eu queria naquele momento. Isso não era sobre mim, no entanto. Ainda não. Eu precisava fazer isso bem para ele.



Kardia Mou | Wolfsong

Eu puxei minha mão, e ele choramingou, limpando a boca com as costas da mão. — O que você está-

O resto foi sufocado quando eu agarrei seu pênis novamente e, usando sua saliva, deslizei minha mão para cima e para baixo. Suas mãos desceram para os meus ombros, garras para fora, mas não cavaram na minha pele quando eu o levantei. Seus músculos do estômago ficaram tensos quando me inclinei para frente e lambi até seu peito. Ele passou os braços em volta do meu pescoço, me puxando para perto, mal deixando espaço suficiente para a minha mão entre nós. Ele estava rosnando perto do meu ouvido, um ronronar contínuo que eu ia tirar sarro dele mais tarde.

Eu passei meu polegar sobre a ponta do seu pau, e seus quadris empurraram. Eu gemi, e meu pau pressionou dolorosamente contra o meu zíper, preso sob sua bunda. Eu não podia gozar agora e não queria. Eu não era mais uma criança. Eu não precisei gozar no meu jeans.

Eu cheguei até o pescoço dele e não seria até mais tarde que percebi que ele nunca congelou, e que nunca se afastou. Ele mostrou sua garganta para mim como se não fosse nada, como se ele não fosse um Alfa que não estivesse acostumado a fazer tais coisas. A garganta, eu sabia, era um lugar vulnerável para um lobo. Mostrava o status, especialmente para um Alfa. Betas sempre exibiam suas gargantas para o Alfa como sinal de respeito. Até mesmo os humanos da minha matilha tinham feito isso sempre que me viam,

uma ação inconsciente que eu nem pensava que eles estavam mais conscientes de fazer.

Mas o pescoço dele estava de volta como se ele nunca tivesse sido ameaçado antes, como se ele nunca tivesse sido machucado antes, e eu sabia o que significava. Eu prendi meus dentes na pele e *mordi*, não o suficiente para tirar sangue, mas tentei fazê-lo sentir isso. Seu lobo estava perto da superfície, se os ruídos que ele estava fazendo significassem alguma coisa, eu me sentia mais animal que homem, palavras como: *meu* e *companheiro* e *confirmado* corriam em um laço na minha cabeça.

Não foi o suficiente.

Eu o empurrei de volta. Ele se moveu sem protestar, pulando na cama, seu pau exibido obscenamente, jeans baixo em seus quadris. Eu empurrei-os para baixo, os dedos passando contra suas coxas fortes. Ele se sacudiu enquanto me ajudava, tremendo em sua excitação. Ele tentou chutar a calça jeans, se sentindo frustrado quando elas prenderam em seus pés. Eu pressionei a mão contra sua perna, tentando acalmá-lo. Ele levantou a cabeça da cama, olhando para mim. Seus olhos estavam azuis novamente, de volta ao normal, mas ele estava corado, um brilho de suor na testa.

Eu estendi a mão para onde o jeans dele tinha se agrupado em torno de seus pés e os puxei. Joe Bennett estava nu, espalhado na minha cama velha, esperando que eu me movesse. Seu pênis estava curvado e saliente em direção ao seu estômago. Suas bolas estavam

contra sua coxa, se movendo quando ele moveu sua perna. Suas coxas eram peludas e eu queria passar minhas mãos e língua nelas. Tocar. Provar.

Ele era a coisa mais preciosa que eu tinha.

E, pelo menos por enquanto, eu o tinha. O que aconteceria depois, isso não poderia ser tirado de mim.

— O que é? — Ele perguntou, parecendo nervoso.

— Nada, — eu disse com a voz áspera. — Eu estou apenas... Você está aqui.

— Sim, — ele disse. — Sim, Ox. Estou aqui.

Ele levantou o pé e cutucou um dedo contra o meu peito. Eu peguei seu tornozelo, segurando-o no lugar. Inclinei-me e pressionei um beijo contra o osso, e ele suspirou, contorcendo-se um pouco enquanto eu exalava contra ele. Eu beijei sua panturrilha enquanto me abaixava e desabotoava minha calça jeans. A pressão diminuiu um pouco, e foi o suficiente para o que eu queria fazer. Poderia haver uma boa dor e eu queria pressionar contra esses limites.

Eu continuei em sua perna, atingindo seu joelho. Ele bufou quando eu beijei o interior de seu joelho e eu sorri. Eu arqueei uma sobrancelha para ele, mas ele apenas revirou os olhos e fez um barulho impaciente.

— Você precisa de alguma coisa? — Eu perguntei sem me movendo, mas ainda segurando sua perna para cima.

— Seu bastardo, — ele disse. — Você sabe o que está fazendo.

— Eu não tenho idéia do que você está falando.

— Foda-se, Ox, — ele disse.

— Nós podemos fazer isso.

Ele ficou boquiaberto para mim.

Dei de ombros.

Ele tentou puxar a perna para trás.

Eu não iria deixar.

Então eu peguei a outra também, empurrando o meu peso contra a parte de trás de suas coxas. Seus joelhos se aproximaram de seu peito quando seus olhos se arregalaram.

Ele estava exposto a mim. Seu pau pressionado contra seu estômago, suas bolas entre as pernas dobradas. Seu buraco estava cercado por pelos macios e eu queria enterrar meu rosto nele, para sentir seu cheiro, o cheiro dele.

— Ox, — ele disse, ofegando de novo, como se *soubesse* o que eu estava pensando, como se ele *soubesse* o que eu ia fazer.

— Está tudo bem, — eu disse. — Você vai gostar disso.

Ele gritou quando eu o lambi de sua bunda para suas bolas, tentando me afastar e empurrar para mim ao mesmo tempo. Eu nunca fiz isso antes, não realmente, mas eu sabia a ideia por trás disso, a mecânica disso. Eu não sabia se ele queria que eu transasse com ele ou se ele iria me foder, mas eu o queria solto e molhado com minha saliva.



Kardia Mou | Wolfsong

— Segure suas pernas, — eu disse, colocando mais do Alfa na minha voz do que deveria. Ele não hesitou, alcançando sob seus joelhos e segurando-se no lugar. Suas garras ainda estavam para fora, e eu coloquei os dedos para me certificar de que ele não se machucasse.

Foi uma coisa inebriante quando me afastei para vê-lo como ele estava. Havia uma sensação de poder correndo por mim, ao ter alguém como ele em suas costas e esperando por mim. Eu não sabia se era porque ele era um Alfa ou se era porque ele era Joe, ou uma combinação dos dois. Isso me deixou tonto, as bordas da minha visão ficando confusas.

Ele estava começando a se contorcer sob o meu olhar, o rubor se espalhando pelo seu pescoço até o topo do seu peito.

— Você está tão bem assim, — eu disse a ele, e ele inalou bruscamente. — Você está indo tão bem.

— Ox, — ele implorou.

— Eu vou. — Eu me inclinei até pouco acima do seu buraco. Eu deixei um fio fino de saliva cair sobre ele. Ele gemeu quando me observou entre as pernas. Eu estendi a mão e esfreguei o cuspe em seu buraco, sem violar, mas a pressão suficiente para que ficasse perto. Eu segurei suas nádegas e as separei quando me inclinei para frente, passando a língua em um golpe achatado contra ele. Ele começou a fazer pequenos barulhos no fundo de sua



Kardia Mou | Wolfsong

garganta enquanto eu pressionava minha língua dentro de seu buraco. Eu queria comê-lo por horas.

Ele disse meu nome de novo e de novo, e eu arrastei minha língua de seu períneo para suas bolas, falando com ele, pegando uma e depois a outra. Eu afastei suas mãos para longe de seus joelhos, empurrando seus pés contra a cama.

Eu não dei a ele nenhuma chance de questionar, apenas lambi da base do seu pau até a ponta. Ele deu um grito rouco, tentando se arquear contra mim, mas meu peso contra seus quadris o segurou. Eu lambi sua fenda, provando o sêmen meio amargo. Eu chupei a cabeça dele, cedendo à experiência. Ele afundou contra a parte de trás da minha garganta antes de eu parar de me mover, respirando pelo meu nariz. Joe estava chorando acima de mim, quadris trêmulos, como se estivesse mal se segurando. Levantei-me devagar, olhando para ele através dos meus cílios. Seus olhos estavam vermelhos e seus dentes se alongaram, como se ele não pudesse impedir a mudança de acontecer.

Eu o soltei com um pop molhado. Ele olhou para mim, com boca aberta. Eu disse: — Você não precisa se segurar, — e ele estremeceu com as palavras.

Eu fui para baixo sobre ele, trabalhando nele, puxando suas bolas, dando-lhes o mínimo de reviravoltas. Meu próprio pau estava por cima da minha cueca e eu enterrei meus quadris contra a cama.

Ele pegou a permissão que eu dei a ele e empurrou timidamente na minha boca. Eu estendi a mão e peguei sua mão, colocando-a na parte de trás da minha cabeça. Ele grunhiu e as garras se encolheram até que não houvesse nada, além de dedos humanos, segurando meu cabelo.

Ele fodeu minha boca com mais força, empurrando-a desajeitadamente até encontrar um ritmo constante. Seus dedos apertados no meu cabelo, dando a quantidade certa de puxar para machucar, mas não o suficiente para me distrair.

KM

Eu esvaziei minhas bochechas, e a saliva pingava pelos lados de seu pênis enquanto ele usava minha boca. Eu engasguei brevemente, mas afastei-a mesmo enquanto meus olhos lacrimejavam.

— Assim, — ele balbuciou pontuado com rosnados. — Tão bom pra caralho, Ox. Eu sabia que você seria assim. Eu fodidamente *sabia que* você seria tão... — Ele inclinou a cabeça para trás, mostrando o pescoço mais uma vez, e isso só me fez querer mais.

Eu o queria. Eu não queria que ele gozasse ainda. Ainda não.

Ele olhou de volta para mim, com os olhos turvos e com a boca cheia de presas.

Certificando que ele ainda estava assistindo, me levantei de joelhos, empurrei minha calça jeans e cueca pelos meus quadris. Meu pau saltou livre, batendo contra o meu estômago. Ele

rosnou para mim e segurou o edredom. Eu empurrei meu jeans para baixo o máximo que podia antes de me inclinar para frente, com as mãos em ambos os lados do seu peito. Ele trouxe os braços para baixo, bíceps segurando-me no lugar. Nós estávamos quase no nível dos olhos, e nenhum de nós piscou quando me inclinei para frente o suficiente para ficar de joelhos e empurrar minha calça jeans para baixo com os pés. Uma perna estava livre e depois a outra, e ele se inclinou para me beijar. Eu me afastei um pouco, fora do alcance. Ele estalou os dentes para mim. Eu sorri para ele.

— Ox, — ele disse. — Apenas venha aqui.

Eu me inclinei devagar. Ele se esforçou para frente. Eu lambi seus lábios quando eles se separaram, mas permaneceu fora do alcance. Nós dois sabíamos que ele poderia facilmente me segurar, que ele sempre seria o mais forte de nós dois, mas isso não importava agora. Agora, tudo o que importava era que eu estava no controle, e ele estava permitindo isso.

Eu dei a ele o beijo que ele queria. Ele riu na minha boca, mas se transformou em um gemido quando eu estava deitada contra ele, peito a peito, pau a pau. Suas pernas estavam dobradas em ambos os lados de mim enquanto ele perseguia minha língua com a sua. Eu segui minha mão pela sua coxa peluda e dei um leve empurrão com meus quadris, nossos pênis se esfregando juntos.

Ele disse: — Eu quero, eu quero, — na minha boca e eu empurrei com mais força.

Nós brigamos um contra o outro e meu nome saiu de sua boca em um suspiro, em um gemido.

Ele disse: — Ox, eu quero- — e eu o beijei, línguas deslizando juntas enquanto ele ancorava seus pés na cama, tentando encontrar mais atrito entre nós. Eu dei a ele o melhor que pude, sentindo o peso do seu pau contra o meu.

Havia um *zing* na base da minha espinha e eu sabia que se continuássemos assim, nós gozaríamos. O pensamento dele coberto com o sêmen era quase o suficiente para continuar como estávamos. Ele seria marcado por mim. Eles seriam capazes de sentir o cheiro de mim nele.

Sim e sim e sim.

— Ox, — ele suspirou em minha boca. — Eu quero mais. Por favor, deixe-me ter mais.

Estávamos suando, o quarto quase sufocante.

Ele queria mais. Eu queria também. Mas eu não sabia se estava pronto para isso. Ser acasalado. Porque se nós fodermos, não poderíamos impedir. Eu queria tanto, eu podia sentir o gosto, mas não com todo o resto pendurado em nossas cabeças.

Mas havia mais que poderíamos fazer, mas eu faria bem para ele.

Eu me afastei e ele rosnou com a perda do meu peso contra ele.

Ele tentou me puxar de volta para baixo, mas eu empurrei suas mãos para longe.

Estendi a mão para a mesa ao lado da cama e abri a gaveta. Havia uma velha garrafa de lubrificante lá, meio vazia de todas as vezes que usei meus dedos em mim enquanto ele estava fora. Eu poderia fazer o mesmo por ele.

— Sim, — ele respirou quando viu o que estava na minha mão. — Sim, isso é muito bom. Você deveria fazer isso. Você pode me foder, Ox. Eu prometo que vou fazer isso tão bom para você.

Eu balancei a cabeça. — Nós não vamos fazer isso.

Ele parecia magoado, mesmo quando seus olhos se dilataram. — Mas-

— Ainda não, — eu disse. — Você sabe porque.

— *Companheiro*, — disse o lobo.

—Você confia em mim?—

Ele não hesitou. Não como eu pensei que ele faria. Mesmo depois de todo esse tempo, depois de tudo o que passamos, ele disse: — *Sim*.

— Eu vou fazer você se sentir bem, — eu prometi a ele. — E um dia em breve, eu vou te foder até você não poder mais andar. Então você poderá fazer o mesmo comigo.

Seu pau se contraiu em seu estômago. Ele estendeu a mão para acariciá-lo, os olhos em mim. — Você promete? — Ele insistiu.

Eu disse: — Sim, Joe. Eu prometo.

Abri o lubrificante e derramei o líquido em meus dedos, tornando-os lambuzados. Eu soltei a garrafa e alcancei entre suas pernas. Ele viu o que eu estava fazendo e as espalhou mais. Meus dedos tocaram seu buraco, ainda molhado da minha língua. Ele levantou os quadris ligeiramente para fora da cama enquanto eu pressionei um dedo contra ele.

— Você já fez isso para si mesmo? — Eu perguntei a ele em voz baixa.

Ele estalou a cabeça para cima e para baixo. — Sim.

— Você já se fodeu com seus dedos?

— Sim, — ele choramingou para mim, tentando empurrar sua bunda para mim.

— Se sentiu bem?

— Nunca conseguia obter o suficiente, — ele disse respirando pesadamente. — Nunca conseguia fazer certo-

Eu pressionei um dedo na primeira junta. Sua mão parou no seu pau.

— Apenas respire, — eu disse a ele. — Apenas respire e vai se sentir bem.

Ele acenou para mim enquanto eu empurrava lentamente, apenas um dedo por enquanto.

Os músculos em seu estômago se comprimiram quando eu puxei o dedo quase todo o caminho.

Ele estava apertado em volta de mim e como uma fornalha.

Eu empurrei novamente. Seus olhos rolaram em sua cabeça.

— Toque-se, — eu disse a ele. — Eu quero assistir.

Ele balançou a cabeça freneticamente. — Não. Eu não quero assim. Não assim, Ox. Eu preciso que você-

— Eu sei o que você precisa, — eu disse, e ele *gemeu*, tentando tirar mais do meu dedo, empurrando para trás e me afastando. — Eu vou dar para você. Apenas não hoje.

Seus olhos estavam vidrados quando ele olhou para mim. Sua língua disparou quando ele lambeu os lábios. — Mas... Eu apenas. Ox.

— Nós vamos chegar lá, — eu disse a ele, empurrando meu dedo todo o caminho em seu buraco novamente só para assistir seu peito engatar. — Depois que isso tudo se esclarecer. Eu não quero nada pendurado sobre nossas cabeças quando você me reclamar. Quando eu o reclamar.

Ele grunhiu quando eu adicionei um segundo dedo. Suas bolas estavam bem apertadas. Ele disse: — Você promete? Você me promete Ox? *Você me promete?*

— Eu prometo, — eu disse, porque eu também queria. Não havia qualquer chance de que não terminasse assim. Joe e eu sempre seguiríamos nessa direção, mesmo que houvesse um desvio de três anos. Eu só precisava superar raiva que senti antes que eu pudesse percebê-lo.



Kardia Mou | Wolfsong

KM

Ele agarrou seu pênis novamente e começou a se masturbar, lento, até mesmo devagar, passando o polegar sobre a cabeça de seu pênis. Foi um movimento praticado, algo que ele sabia que gostava. Apenas o pensamento dele fazendo isso sozinho, dando prazer com seus próprios dedos, esfregando seu pau, me atingiu com força. Meu próprio pau pulsou com o pensamento, com a visão dele se espalhando diante de mim. Eu olhei para baixo e vejo meus dedos desaparecendo em sua bunda. Eu mal tive que mover minha mão enquanto ele balançava seus quadris para baixo e depois para cima, para baixo e para cima.

Ele começou a ficar tenso quando eu o toquei, sua mão se movendo mais rápido em seu pau. Seus mamilos endureceram e eu sabia que ele estava chegando perto. Ele continuou falando o meu nome, pequenos grunhidos saíam de seu peito. Seus olhos começaram a piscar de novo, e eu adicionei um terceiro dedo quase brutalmente. Ele rosnou para mim, dentes afiados. Sua bunda apertou em volta dos meus dedos, e quando eu soube que ele não podia aguentar muito mais, eu afastei a mão de seu pênis para fora do caminho e o engoli até a raiz, engasgando um pouco quando ele bateu no fundo da minha garganta. Ele gritou de algum lugar acima de mim, mãos indo para a parte de trás da minha cabeça, garras picam minha nuca. Meu nariz estava em seus púbis quando empurrei meus dedos com mais força em sua bunda. Ele gozou na minha garganta, jorros pesados que tinham gosto amargo na parte

de trás da minha língua. Eu engasguei, puxando para fora, sua semente escorrendo pelo meu queixo, a última gota indo para o meu rosto.

Ele parecia completamente fodido abaixo de mim, ainda perseguindo seu orgasmo enquanto tentava se empurrar mais longe em meus dedos. Eu os tirei, e ele ofegou, os olhos brilhando e abertos, olhando para mim. Eu fiquei de joelhos acima dele, e tudo que eu conseguia pensar enquanto lambia meus lábios ao saboreá-lo era que ele precisava ser marcado, pois os vários beijos e chupões em sua pele iriam desaparecer, mas o meu cheiro não.

Eu usei a mão que estava na sua bunda no meu próprio pau. Não foi suave ou gentil. Eu tirei furiosamente, querendo que ele fosse coberto pelo meu perfume.

— Sim, — ele disse com a voz rouca e destruída. — Quero isso. Ox, eu quero isso. — Ele estendeu a mão e agarrou minhas bolas quando eu me levantei acima dele. Ele segurou-as em suas mãos, apertando com força suficiente para me fazer grunhir, torcendo-as em brilhante *prazer*. Eu senti o orgasmo se construindo na base da minha coluna, os pequenos raios ao longo da minha pele. Meus dedos enrolaram debaixo de mim.

Eu atirei em seu peito quando ele pressionou dois dedos contra o meu buraco. Eu gritei seu nome como uma maldição. Meu sêmen pousou em seu peito, seus mamilos. Ele acumulou sobre as clavículas e se escorreu em sua garganta.



Kardia Mou | Wolfsong

Ele parecia arruinado. Possuído. Eu nunca me senti tão *primal*. Eu não sabia se era o Alfa, ou se era só eu. Não importava. Todos saberiam. E é isso tudo com o que eu me importava.

Ele estendeu a mão e passou os dedos pela porra no peito. Ele parecia delirante e esfregou os dedos molhados sobre o mamilo direito.

Eu desabei ao lado dele, a cama rangendo sob o peso de dois homens fortes. Nós dois estávamos respirando pesadamente enquanto nos deitamos lado a lado, os ombros se tocando, rostos virados um para o outro, a poucos centímetros de distância. Ele continuou tocando o sêmen, passando os dedos por ele como se estivesse se espalhando na pele dele. Inclinei-me e o beijei, e ele entrou na minha boca enquanto eu chupava sua língua, deixando-o saborear a si mesmo.

Eu me afastei e seus olhos estavam vermelhos novamente.

Ele disse: — Eu quero morder você.

Eu disse: — Eu sei.

Ele disse: — Eu quero reivindicá-lo. Eu quero te dar cicatrizes com minhas garras. Eu quero meus dentes perfurando o seu pescoço.

Eu disse: — Eu sei.

Ele disse: — Você é meu. Ninguém mais pode ter você. Ninguém mais pode estar com você. Assim não. Nunca. Você

me ouviu, Ox? *Nunca*. Você é meu e eu vou matar qualquer um que achar que pode tirar você de mim.

E eu disse: — *Eu sei*.



SÓ MAIS tarde, muito depois de a noite cair, o céu lá fora estava escuro e cheio de estrelas brilhando friamente, que falamos de novo. Foi um tipo estranho de contentamento apenas nos deitar e observar um ao outro.

Eu poderia ter caído em um cochilo, mas toda vez que eu abria meus olhos, Joe ainda estava ao meu lado, o rosto tão perto que eu podia ver e contar os seus cílios. Ele não se moveu muito, ainda esparramado, confortável em sua nudez. Seu pênis estava macio contra sua coxa. Meu sêmen seco em seu peito, pequenas manchas de branco grudaram no cabelo. Seria uma puta merda sair do cabelo, mas ele não parecia se importar.

Fui eu quem quebrou o silêncio.

Eu não queria.

Um momento eu estava abrindo meus olhos, e no seguinte, eu disse: — Você não deveria ter partido.

E não foi o que eu quis dizer.

Ele suspirou. — Eu sei.

— Nós deveríamos ter lidado com isso juntos.

— Eu sei Ox. Mas está feito. Não há nada que eu possa fazer para mudar isso.

Eu queria estar com raiva dele por isso. *Ainda*. Eu queria estar com tanta raiva.

Mas eu simplesmente não conseguia. Não quando ele estava aqui ao meu lado, ainda parecendo que tinha acabado de ser fodido.

Eu balancei a cabeça lentamente. — Ok. — Eu me perguntei se era tão simples quanto isso.

— Ok? — Ele arqueou uma sobrancelha.

— OK.

Ele sorriu para mim, largo e brilhante, por apenas um instante antes que desaparecesse lentamente. Então, — Será que precisamos conversar sobre Jessie?

— O que tem ela?

— Só... Por que, eu acho.

— Porque o que?

Ele fez uma careta para mim. — Por que ela está na sua matilha?

Eu mal contive o rolar dos olhos. — Por que Joe Bennett? Você está com ciúmes?

— Não.

— OK.

— Eu não vejo *porque* ela precisa estar perto de você. Ou na sua matilha. Ou viva.

Eu rolei em cima dele, fazendo-o rir debaixo de mim, contorcendo-se, e havia apenas *quilômetros* de pele nua. — Ela nos ajudou a curar, — eu disse.

Ele procurou meu rosto, procurando por não saber o quê. — E você fez? — Ele perguntou.

Eu o beijei em vez de responder, porque eu ainda não sabia como colocar em palavras que eu ainda não tinha curado, não completamente, porque parte de mim tinha ido embora.

Eu sabia de todas as coisas que perdemos. Mas tinha também o que ele tinha passado quando ele foi embora. Talvez um dia eu pudesse ouvir tudo o que aconteceu com ele. Com eles. Eu achava que talvez não importasse nesse momento. Havia coisas maiores vindo para nós. Nós teríamos tempo. Depois disso conversaríamos.

Porque, independentemente do que Richard Collins traria, eu não o deixaria tocar em Joe Bennett. De novo não. Nunca.

Machucá-lo / nossa matilha de merda

AS DUAS matilhas estavam espalhadas diante de nós na casa no final da rua. Minha matilha estava nos sofás da varanda, e no chão. Tentando parecerem casuais. A maioria deles, de qualquer maneira. Robbie estava tenso.

KM

A matilha de Joe estava parada ao lado, Carter e Kelly encostados na parede perto das janelas da sacada e Gordo parado ao lado deles.

Havia uma divisão. Era visível.

Mas Joe. Joe estava ao meu lado. Lado a lado, perto o suficiente para que nos esfregássemos um no outro a cada respiração. Os lobos sabiam. Claro que eles saiam. Eles podiam sentir o cheiro da noite anterior em nós. Eu senti uma satisfação estranha e selvagem com isso. Até que eu olhei Elizabeth nos olhos, isto é, e corei horivelmente, mesmo que ela não parecesse nada além de divertida.

Eles estavam todos esperando por nós para falar primeiro. Até os humanos.

— Então, — eu disse, tentando não ficar nervoso. — Temos algumas coisas para discutir.

— Como a sua falta de sutileza, — disse Carter, soando como se ele não tivesse um cuidado no mundo. — Sério Joe. Entendemos. Jesus Cristo.

Joe se recusou a ficar envergonhado, o que foi bom, porque eu estava envergonhado por nós dois. — Droga, certo, — disse Joe, parecendo presunçoso.

— Que diabos, — eu murmurei.

Ele piscou para mim.

— Não há nada, — disse Tanner. — Sério?

— Oh garoto, — disse Rico. — Isso provavelmente vai ficar estranho.

— Só se fizermos isso estranho, — Chris apontou como um adulto razoável. Então, — Nós devemos fazer isso realmente estranho.

— Podemos comparar histórias, eu acho, — disse Jessie porque era má.

— Sim, — Chris rosnou enquanto olhava para sua irmã. — Não vamos por aí, porque eu realmente não quero ter que dar um soco no meu Alfa na cara.

Jessie revirou os olhos. — Por favor, — ela disse. — Ele é maior que você.

— *De qualquer forma*, — eu disse incisivamente, antes que isso afundasse em algo que eu não podia mais controlar. — Nós conversamos-

Carter e Kelly começaram a tossir de maneira desagradável.

Joe rosnou para eles com os olhos vermelhos. Eles sorriram para ele como se não importassem. Provavelmente não. Foi o mais próximo que eu os vi agindo como antes de partirem. Eu me perguntei se isso era porque eles já sabiam o que iríamos dizer.

— - e decidimos ver se isso poderia funcionar, — terminei.

— Para ver se o *que se* poderia funcionar? — Robbie disse com uma carranca.

— Nós, — Joe disse antes que eu pudesse responder. Ele inclinou a cabeça para Robbie, mas não mostrou os olhos do Alfa. — A matilha tentando ser... Uma.

Minha matilha estava quase em silêncio. Os humanos pareciam curiosos. Mark e Elizabeth pareciam felizes. Robbie tinha uma expressão vazia.

— Como isso funcionaria? — Perguntou Tanner. — Vocês dois seriam o Alfa?

Eu assenti.

— Nós não o conhecemos, — disse Rico. — Nós só conhecemos você. E você quer que a gente... O que. Trate-o como você? Sem ofensa, Joe. — Ele acrescentou apressadamente.

— Nenhuma tirada, — Joe disse facilmente. — E você está certo. Você não me conhece. Não como você conhece o Ox. Isso não vai ser algo que aconteça imediatamente. É um final de jogo. Levará tempo para você confiar em mim.

— Confiar em você? — Robbie disse. — Como podemos confiar em um Alfa que deixou a sua matilha para trás?

— Robbie, — eu lati.

Joe colocou a mão no meu braço. Eu olhei para ele. Ele não disse nada, mas não achei que fosse necessário. Ele queria lidar com isso. Ele queria que eu confiasse nele.

E eu confiava. Até certo ponto. Talvez não como antes, mas nós chegaríamos lá. Eventualmente.

Ele disse: — Robbie, eu sei que isso pode ser difícil para você.

— Você sabe? — Robbie disse friamente. — Porque você não sabe nada sobre mim.

Eu cerrei meus dentes. Por mais que eu entendesse sua frustração, ele não precisava estar agindo assim.

— Você se preocupa com ele, — Joe disse simplesmente.

— Ele é o meu Alfa.

— E eu não vou tirar isso de você.

— Não? — Robbie bufou. — Porque parece que você já começou.

— Eu... Cometi erros, — disse Joe. — Erros que eu vou ter que viver o resto da minha vida. Eu magoei as pessoas aqui. Minha mãe. Mark. Os meus irmãos. Ox... E eu acho que o machuquei mais.

Robbie estreitou os olhos. — Então você pode ver porque eu-

— Mas eu nunca machuquei você, — disse Joe. — Porque, como você disse, eu não te conheço.

— Você machucou Ox, — disse Robbie. — Ele é o meu Alfa. Portanto, você me machucou.

Joe disse: — Tudo bem. Então peço desculpas a você também. Por machucá-lo.

Robbie piscou. — Não é tão fácil assim.

— E isso é para você decidir? — Joe perguntou.

— Ox, — Robbie disse para mim. — Você não pode estar comprando essa besteira.

— Você não o conhece, — eu disse baixinho. — Não como eu conheço. Ele quer dizer isso Robbie.

Robbie parecia magoado com isso. E eu me senti mal, mas eu não sabia o que mais ele esperava de mim. Robbie era matilha. Joe era o meu companheiro. Eu lutaria por ambos, mas não poderia tê-los lutando entre si.

— Olha, — disse Joe. — Eu não espero que você acredite em mim. Ou confie em mim. Ou até que *goste de* mim. E eu sei que respeito é ganho. Você se importa com o Ox. Ele é seu Alfa. Mas *eu* também *me* importo com ele, porque ele é mais do que isso para mim. E eu faria qualquer coisa por ele. Se você tem um problema comigo, então venha até mim. Ou nós vamos descobrir isso ou vamos encontrar alguma maneira de contornar isso. Mas não o machuque ou a si mesmo me odiando.

Robbie, por uma vez, ficou sem palavras.

Fiquei um pouco impressionado.

Joe provavelmente poderia sentir o quanto eu estava impressionado.

O que provavelmente não foi à melhor coisa que aconteceu neste primeiro encontro juntos. Na frente de seus parentes de sangue.

Mesmo que eles provavelmente já soubessem.

Kelly tossiu bem alto.

Eu tentei arduamente não corar.

— Desculpe, — disse Kelly. — Algo na minha garganta.

— Isso foi o que Joe disse, — Carter murmurou baixinho.

Eles socaram um ao outro sem tirar os olhos de mim.

— Ele vai ser como você é para nós? — Jessie perguntou, olhando para Joe. — Nós vamos ser capazes de senti-lo como nós?

— Vocês deveriam ter me contado sobre isso no momento em que voltamos, — disse Gordo, olhando para Rico, Tanner e Chris.

— Ei! — Rico disse. — Nós tivemos que ter cuidado. Nós não sabíamos se você era o inimigo ou não.

— O inimigo, — repetiu Gordo sem rodeios antes de lentamente se virar para olhar para mim.

— Eu não disse nada, — eu disse.

— Você poderia ter ido para o lado negro da força, — disse Tanner.

— Como Darth Gordo completo, — disse Chris.

Gordo colocou o rosto nas mãos. — Eu *disse* a vocês que sou um *bruxo*. Eu não sou um *Jedi*.

— Hum, desculpe-me, — disse Rico. — Você pode ou não pode atirar nos raios da Força da ponta dos seus dedos?

— *Não é a Força*—

— Nós discutiremos o nosso caso, — disse Tanner bastante alto.

— Os humanos também sentem o vínculo? — Gordo perguntou a Elizabeth e Mark.

— Curioso, não é, — disse Elizabeth, sorrindo fracamente. — Eu ousou dizer que é extraordinário.

— É por causa do Ox, — disse Mark. — E tudo o que ele é. Ele respondeu à necessidade do território por um Alfa. E o desejo da matilha por um. Ele cresceu aqui.

Todos se viraram para olhar para mim.

— Magia da lua mística, — Jessie sussurrou.

Eu tentei não me contorcer sob a atenção. — Não é—

— Faz sentido, — disse Gordo, pensativo.

— Magia da lua mística faz sentido? — Eu perguntei incrédulo.

Gordo revirou os olhos. — Não seu idiota. Não é a lua mística. Estou nem mesmo ia dizer isso. Veja. Havia sempre algo sobre você. Mesmo antes de tudo isso. O fato de que eu fui capaz de me amarrar a você tão facilmente como aconteceu deveria ter sido a

minha primeira pista, mas acho que fiquei tão aliviado por ter isso de novo, que não pensei em mais nada. Eu podia sentir você por causa dessa conexão. Os lobos podiam sentir você por causa de seu vínculo de matilha. Mas os humanos? Eu não achava que isso fosse possível. Não na medida em que parece ser. Até onde vai o vínculo?

— Ele tem que empurrar, — disse Jessie. — Não é como é com os lobos. Nós sabemos que ele está lá quando ele está procurando por nós no vínculo.

— Você pode empurrar de volta?

Os humanos se entreolharam. Então Jessie disse: — Às vezes? Gordo franziu a testa, mas não disse nada.

— Você já ouviu falar de algo assim antes? — Carter perguntou a sua mãe.

Ela encolheu os ombros. — Rumores, principalmente. Histórias não substanciadas. Mas nunca comprovado. Não como ele.

— E quem mais sabe além das pessoas aqui? — Perguntou Gordo.

Todos fizeram uma pausa.

— Alfa Hughes, — disse Robbie finalmente.

— E o homem rude, — acrescentei.

— O que-

— Philip Pappas, — disse Robbie. — Ele serve a Alfa Hughes como seu segundo. Ele veio aqui quando você foi... Avaliar, eu

acho. Eu acho que eles não disseram aos outros, ou pelo menos não muitos. Eu acho que eles não saibam o que fazer com ele.

— Eles queriam que eu me registrasse, — eu disse. — Se Joe não voltasse.

Joe pegou minha mão e apertou. Ele não soltou. Robbie olhou para nós brevemente, depois para longe.

— Você não pode fazer outros lobos, — apontou Gordo.

— Mas eu posso fazer uma matilha, — eu disse. — E eu mostrei que não precisa ser apenas lobos. Eu acho que isso os preocupa.

Gordo sacudiu a cabeça. — Você só tinha que ser um floco de neve especial, — ele murmurou, mas havia um pequeno sorriso no rosto.

— É isso? — Perguntou Kelly. — Ninguém mais sabe sobre-

— David King, — eu admiti.

— Quem? — Chris perguntou.

E merda. Eu esqueci que não havia contado sobre ele.

— Rei, — disse Elizabeth lentamente. — Como o Rei dos caçadores?

— Ele veio aqui, — eu disse. — Meses antes. Naquela noite que enviei o alerta.

Minha matilha parou.

— Nós o salvamos de Richard, — disse Joe. — Mal. Ele estava fugindo, mas Richard o encontrou. Richard escapou, mas David... Eu o mandei para cá. Com uma mensagem para o Ox.

— E você não pensou em nos contar? — Perguntou Mark. Ele não parecia zangado, apenas confuso.

Eu tinha. Várias vezes, mas eu deixei minha raiva tirar o melhor de mim.

— E ele sabia, — Elizabeth perguntou, deixando-me fora do gancho por agora, — que você era um Alfa?

Eu assenti. — Ele disse que esteve ao redor deles o suficiente para saber.

— Onde ele está? — Perguntou Mark. — Se ele ainda está em fuga, precisamos ter certeza de que ele não esteja falando sobre...

— Ele está morto, — disse Joe. — Algumas semanas atrás. Não tão longe daqui. Idaho.

— Richard? — Elizabeth perguntou a seu filho.

Joe assentiu.

— É por isso que você voltou para casa, não é? — Ela perguntou. — Porque você acha que ele está voltando.

— Talvez, — disse Joe. — E talvez eu só quisesse finalmente voltar para casa.

— Eles disseram que você não falava, — disse Elizabeth. — Que você parou de falar de novo.

Ele olhou para o chão. Estava quieto na casa.

— Você sabe por quê? — Ela perguntou a ele.

— Doía, — ele disse em voz baixa, soando como o tornado que uma vez tinha esperado por mim na estrada de terra, com os olhos arregalados e exigentes. — Estar longe de você. Dele. Eu não conseguia... Encontrar as palavras. Para dizer qualquer coisa. Eu só queria encontrar o monstro para poder voltar para casa.

— E aqui está você, — disse ela. Ela levantou-se e se aproximou do filho. Eu não sabia o que eles discutiram desde o retorno de Joe. Eu tinha a sensação de que ela estava esperando por mim para falar com ele primeiro.

Ela era muito menor do que ele agora. Era estranhamente amável, o jeito que ela tinha que chegar até o rosto dele. Ele se inclinou em suas mãos, mesmo enquanto ele ainda segurava a minha mão.

— Seu pai teria ficado muito orgulhoso de você, — disse ela.

— Eu não acho...

— Joe, — disse ela.

Ele envolveu um braço ao redor dela e a puxou para perto, o nariz em seu pescoço enquanto ela passava os dedos sobre a cabeça dele. Ela olhou para mim e sorriu.

Eventualmente, ela se afastou e deu um passo para trás. — Acho que devemos tentar, — disse ela. — Porque somos muito mais fortes juntos do que separados.

— Vai ser ruim? — Rico perguntou. Ele parecia vermelho. Todos eles pareciam.

— Talvez, — eu disse. — Mas já foi ruim antes, e nós sempre passamos por isso. Por causa da matilha. Mas se você acha que não pode fazer isso, não vou segurá-lo. Mas eu preciso saber. Porque se você ficar, eu tenho que contar com você. Então me diga agora.

Ninguém falou.

Eu não tinha pensado que eles iriam. Eles eram corajosos, todos eles. Tolos, mas corajoso.

— Então fazemos isso, — eu disse. — Como uma matilha.

Eu me perguntei se era assim que parecia a cura.



DOIS DIAS depois, Robbie disse: — Ela quer falar com você. Vocês dois.

Joe olhou para mim antes de olhar para Robbie. — Alfa Hughes?

— Sim.

Joe suspirou e esfregou a mão no rosto. Ele ficou ao meu lado enquanto eu cortava pimentas para Elizabeth, que estava zumbindo levemente perto do fogão. Mark, Carter e Kelly estavam em algum lugar na floresta. Gordo ainda estava na oficina, embora ele devesse terminar mais tarde. Eu dei aos outros a noite de folga. Eles tinham

vidas além da matilha, e eu não queria tirar isso deles, mesmo que eles me olhassem engraçado quando eu dizia isso.

— Quando? — Perguntei.

Robbie bufou. — Agora, provavelmente. Ela não gosta de esperar.

— Ela nunca gosta, — disse Elizabeth sem olhar para cima do fogão. — Isso pode esperar. Apenas tentem não demorar muito.

Eu peguei as pimentas fatiadas e as coloquei em um prato ao lado de Elizabeth. Eu beijei sua bochecha antes de olhar para Joe.

Ele deu de ombros à minha pergunta não formulada. — Não há tempo melhor como o presente.

— O que ela quer? — Perguntei a Robbie enquanto o seguíamos para o escritório.

— Eu não faço perguntas assim. Não para ela. As pessoas não fazem.

— Eu não sou a maioria das pessoas, — eu disse, porque eu não seria intimidado por ninguém.

— Sim, Ox, — ele disse, parecendo apaixonado. — Eu sei.

Joe manteve uma expressão vazia.

Um laptop estava aberto na mesa. Eu pensei que fosse do Robbie. Eu não tinha um. Eu lidava com o computador na oficina e não queria lidar com um em casa. Joe se sentou na cadeira da escrivaninha e eu puxei uma segunda cadeira ao lado dele.

Robbie pegou o telefone e digitou uma mensagem. Foi um momento antes de seu telefone tocar e ele enviou uma resposta. Ele empurrou o papel de volta no bolso antes de virar o laptop para si. Ele clicou no Skype e disse: — Ela ligará para você em um minuto. — Ele colocou o laptop de volta na nossa frente e saiu do escritório, fechando a porta atrás de si.

Joe esperou uma batida antes de dizer: — Vai demorar muito para ele me ver como algo além de um inimigo.

Eu revirei meus olhos. — Ele não acha que você é um inimigo.

— Ele acha que sou *alguma coisa*.

— Você é alguma coisa.

Joe sorriu. — Provavelmente pensando em duas coisas diferentes, Ox.

Eu peguei a mão dele na minha, ainda me maravilhando que eu pudesse fazer isso. Nós ficamos na casa velha, Joe na minha cama todas as noites. Era apertado e pequeno, mas nos dava a desculpa de dormir um em cima do outro. Eu não precisava de distância dele agora. Eu provavelmente não precisaria por um longo tempo.

— Ele vai chegar lá, — eu disse. — Eu te disse o que ele disse sobre Kelly. Talvez nos poderíamos-

O computador soou. Uma pequena tela piscando apareceu.

— Pronto? — Joe perguntou.

Eu o beijei uma vez, breve e doce.

Eu disse: — Sim, Joe.

Ele apertou minha mão e depois conectou a ligação.

Eu não sabia o que eu esperava da imagem dela. Se eu estivesse sendo honesto, não tinha pensado muito sobre esse Alfa. Ela não me conhecia. Ela não conhecia minha matilha, não de verdade. Ela pode até ser a grande Alfa, mas o que ela fazia não significava nada para mim. Ela não veio atrás de mim e dos meus, mas também não fez nada para protegê-los.

Mas ela era jovem, mais jovem do que eu pensava que seria. Talvez em seus trinta e tantos anos, quarenta e poucos anos. Ela parecia calma, relaxada, seu cabelo escuro puxado para trás em um rabo de cavalo solto, a camisa branca de colarinho que ela usava estava com alguns botões abertos. Ela não gritava Alfa, mas eu só conheci alguns na minha vida para comparar.

Ela não sorriu quando nos viu na tela, mas em vez disso lançou seu olhar entre nós dois. Percebi que esta era a primeira vez que ela nos via, embora ela provavelmente tivesse ouvido falar muito sobre nós. Nós provavelmente também não éramos o que ela esperava.

Por alguma razão, não achei que falar primeiro seria certo para Joe e eu. Joe deve ter pensado a mesma coisa, porque nós dois esperamos.

— Você não vai se lembrar de mim, Alfa Bennett, — ela disse primeiro. — Você provavelmente tinha apenas cinco ou seis na primeira vez que nos conhecemos. Mas eu lembro de você. Seu pai

foi.... Bem. Ele era um bom homem. Ofereço as minhas condolências.

— Obrigado, — disse Joe, com firmeza. — É muito gentil de sua parte dizer isso.

Ela acenou para ele, então olhou de volta para mim. Recusei-me a ser intimidado por ela. Eu não sei o quanto eu consegui fazer isso. — Alfa Matheson, — ela disse. — Coisa curiosa.

Eu não sabia se deveria ficar ofendido ou não. — Como assim?

— Eu nunca conheci alguém como você antes, — ela disse. — Para todos os efeitos, você parece ser único.

— Eu não sei sobre isso, — eu disse honestamente. — E você não precisa me chamar de Alfa. É só o Ox.

— Realmente. — Ela parecia divertida. — Apenas Ox.

— É um sinal de respeito, — Joe disse para mim.

— Eu sei, — eu disse. — Mas ninguém mais me chama assim. Eu não preciso dela também.

— Curioso, — ela disse novamente. — Nós poderíamos dispensar as amabilidades, suponho. Eu nunca fui da cerimônia.

— O que você quer Michelle? — Joe perguntou.

Ela sorriu para ele, mas não chegou a alcançar seus olhos. — Essa lista tem um quilômetro de comprimento.

— Por que não começamos com as coisas que você quer de nós, — disse Joe. — Parece que seria mais fácil assim.

— Não me lembro de dizer que queria alguma coisa de você.

— Você não precisava, — disse Joe. — Estava implícito.

— Justo, — ela disse. O sorriso caiu do rosto dela. — Onde você esteve nos últimos três anos?

Joe ficou tenso ao meu lado. — Você sabe onde nós estávamos.

— Não os detalhes.

— Especificamente, estávamos em todos os lugares. Nós não ficamos em um só lugar. Engraçado como isso funcionou.

Seus dedos bateram na mesa quando ela se recostou na cadeira. — Mas você nunca o alcançou. Richard, eu quero dizer.

— Não, — Joe disse friamente.

— E Robert Livingstone? Osmond? Qualquer coisa deles?

— Não.

— Por quê?

— Eu não posso te dizer, — disse Joe. — Por que você não pergunta às equipes que você enviou? Eles não parecem ter melhor sorte.

— Sim. — Ela franziu a testa. — Isso... Foi decepcionante, para dizer o mínimo. Por que você acha que foi assim?

— Porque ele é inteligente, — disse Joe. — E implacável. Algo que seu povo nunca poderia ser.

— E você poderia? — Ela perguntou e eu apertei a mão de Joe fora de vista dela, *cuidado, cuidado*.

Ele sabia o que eu estava tentando dizer. Eu ainda não conseguia senti-lo, não como costumava fazer, mas não achava que seria longo. As matilhas iam se unir. Elas tinham que se unir. Eu realmente não via outra maneira que pudesse ser.

— Eu fiz o que tinha que fazer, — disse Joe.

— E sua matilha, — disse ela.

— Eles também o fizeram. Estávamos todos de acordo.

Ela olhou para mim. — Você estava?

— Sim.

— Onde está Richard Collins?

— Eu não sei.

— Mas você voltou.

— Já era tempo.

— Não tem nada a ver com o clã do Rei, então?

Joe não disse nada.

Michelle suspirou. — Eu não posso te ajudar se você não me disser o que está acontecendo.

— Nós não pedimos a sua ajuda, — disse Joe.

— Você precisará dela, se ele vier de novo.

Joe bufou. — Ele já veio duas vezes. Ele já me levou. Onde você estava então?

Ela nem sequer recuou. Ela era muito boa. — As coisas são diferentes agora.

— Elas são, — Joe concordou. — Mas isso não muda nada entre nós. Você e eu sabemos que meu desejo de liderar terminou quando meu pai foi tirado de mim. Eu não me importo com isso. Não mais. Você pode ter isso. Faça o que você quiser.

— Você não me conhece, — ela disse.

— Não, — disse Joe friamente. — Eu não a conheço. Eu não confio em nenhum de vocês. Você não fez nada para ajudar meu pai. E, de fato, você enviou alguém que nos traiu. Então me perdoe se apaziguar sua culpa não é uma das minhas primeiras prioridades.

KM

— Eu não estou pedindo para você apaziguar *nada*, — ela disse, e o seu exterior duro rachou apenas um pouco. — Isso não afeta apenas você, Joe. Richard Collins é um inimigo para *todos* nós. Nós devemos trabalhar juntos. Para pará-lo. Para *acabar com* isso.

Garras picaram meus dedos enquanto Joe apertava com força. — Você deveria ter pensado nisso quando teve a chance de terminar isso depois que ele me levou quando eu era criança. Você teve *a chance* e você...

— Eu não fazia *parte* disso então-

— Não importa, — Joe interrompeu. — Você é o Alfa dos lobos agora. Tudo o que veio antes de você agora repousa sobre *você*.

— Eu poderia mandar alguém para aí, — ela disse. — Múltiplos Betas, se eu estivesse inclinada.

— Na verdade, você não pode, — eu disse.

Ela olhou para mim. — E por quê?

— Porque eu sou o Alfa deste território, — eu disse. — E você não é bem vindo aqui.

Ela riu. — Sr. Matheson, garanto-lhe que não *preciso* da sua permissão. Se alguma coisa, você responde a mim agora.

— Eu não respondo a ninguém, exceto a minha matilha, — eu disse. — E eu lhe *garanto*, se você pensa o contrário, você vai ser dolorosamente desapontada.

Ela olhou para trás e para frente entre nós, sua máscara escorregando um pouco mais. — Você não consegue ver que estou apenas tentando ajudá-lo? Você não precisa ficar sozinho nisso.

— Não estamos sozinhos, — disse Joe. — Nós temos um ao outro. E nossas matilhas.

Seus olhos se estreitaram. — Vocês não podem ser ambos os Alfas e liderar a mesma matilha. Não funciona assim.

— Você não sabe *como* trabalhamos, — eu disse.

— E você vai ouvi-lo? — Ela perguntou a Joe, me ignorando. — O *humano*? Depois de tudo o que eles fizeram. Depois de tudo o que eles *poderiam* fazer?

— Sim, — disse Joe. — Eu nunca poderia imaginar que você de todas as pessoas pensaria assim. Osmond pensava assim. E o mesmo aconteceu com Richard.

Seus olhos ficaram vermelhos. — Eu não sou nada como eles.

— Talvez não, — eu disse. — Mas isso não importa. Agora não. Não com o que poderia acontecer.

— Que é mais uma razão para nos deixar *ajudá-lo*-

— Três anos, — eu disse. — E esta é a primeira vez que eu ouvi algo de você. Por que agora?

Ela hesitou.

— Você sabia que Joe tinha ido embora. Você sabia que alguns de nós permanecemos para trás. E ainda assim você *nunca* nos contatou. Eu não. Nem Mark. Nem mesmo a Elizabeth. Por que agora?

— Não havia necessidade, — ela disse rigidamente. — Você estava de luto. Robbie estava lá me dizendo o que eu precisava saber.

— E ainda, — disse Joe, pegando o fio: — Eu voltei há duas semanas e aqui está você.

— Eu percebi que era hora-

— Não, — disse Joe. — Você não fez.

— Porque você não nos queria, — eu disse. — Você quer Joe.

— Ele é o Bennett Alfa, — Michelle retrucou. — Ele *deveria* ser-

— Meu pai me disse que, para ser um bom Alfa, você sempre precisava colocar o bem da matilha em primeiro lugar, — disse Joe. — Acima de qualquer outra coisa. Porque um Alfa não pode liderar se ele não tiver uma matilha que o siga.



Kardia Mou | Wolfsong

— E vai ser bom quando sua matilha se for? — Ela perguntou. — Porque esse é o risco que você corre. Joe, eu estou perguntando - não, estou te *implorando*. Deixe-nos ajudá-lo.

Joe olhou para mim. Eu me certifiquei que meu olhar não vacilasse, e que ele pudesse ver cada parte de mim que eu construía para ele. Nós ainda tínhamos um longo caminho a percorrer. Aqueles ferimentos e queimaduras que marcaram minha pele nos últimos três anos levariam muito tempo para cicatrizar. Mas eu tinha dado meu coração anos atrás para um garoto de olhos azuis que me amava e confiava em mim o suficiente para manter sua família segura.

Ele fez um pequeno som de asfixia, como se estivesse com dor em sua garganta. Houve uma explosão de quente na minha cabeça e no meu peito, e estava *lá*, ainda que pequeno, no entanto firme, este laço lindo, o fio mais ínfimo, e ele dizia *matilha e amor e companheiro companheiro companheiro*.

Michelle estava certa. Joe era o Alfa Bennett.

Mas ela não me esperava nada de mim. Ela não sabia nada de mim. Se ela acreditasse o que eu era ou não, ela ainda me achava fraco.

Sim, Joe era o Alfa.

Mas eu também

E eu faria qualquer coisa por ele. Para a nossa matilha.

Voltei-me para Michelle. — Você não é bem vindo aqui. Agora não. Não até que isso acabe. Não até que possamos ter certeza de que podemos confiar em você. Eu sou humano. Mas eu sou um *Alfa* e farei qualquer coisa pela nossa matilha.

— Até morrer? — ela perguntou baixinho.

Joe congelou.

Eu não. — Mesmo isso, — eu disse, — se isso significa mantê-los seguros.

Elas assentiu. — Espero que não chegue a isso. Verdadeiramente. Estou enviando equipes para o Oregon. Você não pode lutar comigo sobre isso. Se eles o encontrarem primeiro, bem. Nós faremos o que pudermos. Mas se ele conseguir, se ele vier para todos vocês, eu... Eu espero que você saiba o que está me pedindo.

— Nós sabemos, — eu disse.

— Espero que conversemos novamente em breve, — disse ela. — Temos muito a discutir. Alfa Bennett, Alfa Matheson.

A tela ficou escura.

— Isso não foi como eu pensei que seria, — eu murmurei.

Ele não disse nada, então olhei para ele. Seu rosto tinha empalidecido um pouco.

— O que?

— Você estava falando sério.

— Sobre?

— Morrer por eles. Por nós.

—Ninguém vai morrer Joe. Eu estava fazendo um ponto.

— Mas você faria, — ele insistiu.

Eu não sabia onde isso estava indo. Então eu disse: — Sim, Joe. Sim. Por você. Por todos vocês.

Ele estendeu a mão e agarrou a parte de trás do meu pescoço, puxando-me para frente. Ele pressionou sua testa contra a minha. — Você não pode, — ele disse. — Você não pode morrer.

— Joe...

— Ox, — ele rosnou.

Suspirei. — Eu não posso prometer-lhe nada.

— Então você fica ao meu lado, — ele disse. — Não importa o que aconteça. Você não sai do meu lado.

— Você sabia disso. Você sabe o que eu faria por eles. Por você.

Seu aperto aumentou, e ele me sacudiu um pouco. — Eu não me *importo*, — disse ele, soando desesperado. — Você não pode fazer isso. Você fica comigo.

— Você acha que ele está vindo.

— Eu *sei* que ele está. — Seus olhos queimaram. Eu vi um flash de presas.

— Com outros. Ômegas. Osmond. Robert.

— Eu não sei. Não importa. Ele virá de qualquer maneira. Sozinho. Com um exército. Ele *virá*.

— Por você. Porque você é o Alfa Bennett.

— Sim.

— Este é o nosso território.

— Sim.

— Pertencia ao seu pai.

— Sim.

— Ele não pode levar isso. — Eu mostrei meus dentes. — Não de você. Não de nós. Não da porra da nossa *matilha*.

— *Sim*, — disse o lobo, todo rosnados e fogo.

KM

Eu o beijei então. Porque era a coisa certa a fazer. Porque era a única coisa que eu *queria* fazer.

Ele me beijou de volta, urgente e duro. Uma única presa picou meu lábio e eu provei o forte cheiro de sangue, *meu* sangue, entre nós.

— Alfa, — ele sussurrou contra mim.

E eu pensei *sim* e *sim* e *sim*.

Essa casca / pulsação vazia

UMA SEMANA após a ligação com Michelle Hughes, fiquei observando Elizabeth passar pela cozinha. Era um domingo. E eu disse a ela que deveríamos jantar com todos. Porque era tradição.

Seus olhos ficaram muito brilhantes com isso. Ela deu um tapinha na minha mão, e nós dois ignoramos a aspereza em sua voz quando ela disse: — Isso seria legal, Ox. Isso seria muito legal.

Os humanos na minha (*nossa nossa nossa*) estavam do lado de fora colocando a mesa. Ou melhor, Jessie estava, e Tanner, Rico e Chris estavam bebendo cerveja e sentados em cadeiras desfiadas que tinham puxado do nada.

Gordo estava com eles e pude vê-lo tentando. Tentando encontrar o caminho de volta para eles. Tentando forjar os laços que existiam antes. Porque mesmo que eles não soubessem, mesmo que nenhum deles fosse lobo, eles ainda seriam seus laços mais do que qualquer outro. Ele precisava deles. Como ele precisava de mim. Seria lento dada a longa história entre eles. Eles entendiam. Na maioria das vezes.

Carter e Kelly estavam trabalhando na churrasqueira. Robbie estava se esforçando para não sombrear Kelly também. Depois daquele primeiro encontro em que Joe e eu havíamos falado sobre

unir as matilhas, Robbie recuou, suavizou-se um pouco em torno dos outros, com menos arrepiado e bordas afiadas. Ajudou que ele começou a desviar sua atenção de mim. Joe, bastardo possessivo que ele era, se divertia com a coisa toda, especialmente vendo o olhar perplexo no rosto de Kelly.

Joe estava andando nas árvores em algum lugar. Um Alfa precisava estar em contato com seu território. Eu disse a ele que iria com ele, mas ele balançou a cabeça. — Vai ficar tudo bem, Ox, — ele disse antes de desaparecer na floresta.

KM

E assim só estávamos Elizabeth e eu. A salada que eu tinha cortado estava pronta na grande tigela de plástico. Ela não tinha me dado outra tarefa. Então eu esperei. Parecia a coisa certa a fazer.

E, eventualmente, ela parou de dançar a música que só ela podia ouvir.

Ela disse: — Ox.

— Sim?

— É bom, não é?

— Sim. — Então, — O que é bom?

Ela sorriu, mas não olhou para cima da salada de batata que estava mexendo.

— Isso. Nós. Você e eu. Todos eles.

— E isso é bom. — Então eu disse isso a ela.

Ela disse: — Eu não esperava isso.

— O que?

— Que poderíamos ter isso de novo.

— Eu queria que você, — eu disse. — Eu queria que você tivesse tudo isso de novo. Depois de...

Ela assentiu. — Eu sei que você queria. Mas você não pode. Não imediatamente.

Dei de ombros, tentando manter a calma. — Eu não sei.

Ela olhou para mim. — Você fez isso, — disse ela. — Eu conheço você.

Elas conhecia. Muito bem. Se eu achasse que meu coração poderia aguentar, eu a teria chamado de mãe. Mas os corações são uma coisa engraçada; eles batem fortemente em nossos peitos, mesmo que o possa quebrar à menor pressão.

Ela ouviu tudo que eu não pude dizer. Parte disso eram os fios entre nós. A maior parte era porque ela era Elizabeth Bennett. Ela apenas sabia.

Ela disse: — Ele precisava voltar para casa. Para mim. Para nós. Mas acima de tudo, para você, eu acho.

— Ele sentia a mesma falta de todos nós, — eu disse.

Ela revirou os olhos, algo que ela fazia tão raramente que sempre me fazia sorrir toda vez que acontecia. — Claro, — disse ela. — Eu sei disso. Eu estou ciente disso. Mas foi por você, Oxnard. Mesmo que você não acredite. Mesmo que você não entenda isso. Ele voltou por você.

Ela olhou para mim como se me desafiasse a contradizê-la.

Eu disse: — Tudo bem. Sim. Talvez.

Ela bufou. — Você se acomodou em sua pele desde que ele voltou. Você era o Alfa antes. Mas é diferente agora.

— É isso?

— Você sabe que é. E Joe ele... — Ela suspirou e desviou o olhar. — Um dia, muito tempo atrás, meu filho foi tirado de mim por um monstro. Eu sempre disse ao meu filho que não havia nada a temer. Que eu não deixaria nada machucá-lo. Mas eu menti, *porque* ele se machucou. Seriamente. Por muitas semanas. Eu o ouvi chorando quando... Quando o monstro ligava. Eu o ouvi chorando por mim. Eu queria... — Ela se interrompeu e balançou a cabeça.

— Você não tem que fazer isso, — eu disse com voz rouca.

Seus olhos brilharam laranja quando ela olhou para mim. — Eu tenho, — ela retrucou. — Eu *tenho*. Porque você não vê seu próprio mérito. *Ainda*. Depois de todo esse tempo. Nós o encontramos, Ox. Encontramos Joe e ele estava *quebrado*. Ele estava fraco, faminto e *quebrado*. Ele se encolhia com *tudo*. E por um tempo, eu achava que ele não sabia quem nós éramos. E quando ele se lembrou de nós, ele se afastou novamente, por que... Isso foi o *que o homem terrível* lhe tinha dito, que nós não o amávamos, e que nós não o queríamos, e que ele não foi concebido para ser um Alfa.

Suas garras saíram quando ela agarrou a bancada.



Kardia Mou | Wolfsong

Ela disse: — E eu me *desesperei*. Porque eu não sabia o que fazer. Eu o amava mais do que já amei alguma coisa. Eu pensei que talvez isso fosse suficiente para trazê-lo de volta. Para juntar suas peças novamente. Mas não foi o suficiente. Richard Collins levara apenas semanas para destruir o garotinho que eu conhecia. Ele era essa *casca*, ok? Essa *concha* vazia, e eu não sabia como consertar isso. E então, Ox. Ah, e depois havia *você*.

Ela estava chorando e eu não sabia como chegamos aqui. Eu sabia que os outros lobos também podiam ouvi-la, mas eles não estavam entrando pela porta. Eles estavam esperando. Por que eu não sabia.

— Você veio, — ela disse. — E ele trouxe você para casa, como algo que ele encontrou na floresta. E o olhar no seu rosto naquele primeiro dia. Você estava tão nervoso. Tão docemente tímido. Você não entendeu o que estava acontecendo. Você não poderia. Mas eu entendi Ox. E Thomas também. Porque Joe falou. Ele falou com *você*. Ele fez uma escolha, mesmo que não soubesse o que significava. Você era dele, Ox. E ele era seu.

Eu não conseguia falar. Eu não tinha mais palavras. Porque esta foi a primeira vez que a vi chorar. Mesmo depois de Thomas, ela se lamentou como um lobo. Então isso era novo e eu não sabia como lidar com isso. Não ajudava que suas palavras estivessem batendo forte em mim, e eu quase não conseguia respirar.

— E ele teve que sair de novo, — ela disse enxugando os olhos. — Se foi certo ou não, se deveria ou não, ele o fez. Eles me disseram. Sobre ele. Carter e Kelly. Como ele se fechou como antes. Como ele se entregou ao lobo. Como ele não falou por meses e meses. E, no entanto, no *momento em que* ele chega a casa, no *momento em que* ele te vê de novo, ele encontra sua voz como se nunca tivesse perdido. Então não diga que você não vale à pena. Não ache que você não é bom em nada. Porque você trouxe meu filho de volta para mim de novo e de novo, e mesmo se você não fosse meu Alfa, mesmo se você não fosse aquele que meu filho escolheu, eu ficaria em dívida com você por isso. Você o devolveu para nós, Ox. E ninguém pode tirar isso de você.

Ela então secou suas bochechas molhadas, olhos vermelhos, mas apenas de um jeito humano.

Eu disse: — Eu... Eu apenas... Quero ser quem você pensa que sou.

Ela disse: — Ox. Ox, você não consegue ver? Eu não penso. Eu *sei*.

Ela era leve em seus pés, e com apenas três passos ela estava pressionada contra mim, as mãos enroladas entre nós, a cabeça pressionada contra o meu peito. Eu passei meus braços em volta dos ombros e a abracei, e havia esses laços entre nós, e ela abriu caminho através deles, cantando *matilha e filho e amor e casa*.

Depois de um tempo, eu disse: — É tradição, eu acho.

Ela esfregou o rosto contra a minha camisa. — É, — ela disse.

— Tudo bem? — Uma voz disse da porta.

Ela riu de novo e se afastou de mim.

— Está tudo bem, — ela disse a Joe. — Ox e eu estávamos...

Bem. Eu suponho que é isso. Ox e eu estávamos.

Joe assentiu, parecendo preocupado.

— Eu deveria levar isso, — disse Elizabeth, com um sorriso no rosto. Ela pegou a salada de batata e saiu pela porta sem olhar para trás.

Joe se aproximou de mim lentamente, como se estivesse preocupado que eu estivesse assustado. E talvez, de certa forma, eu estivesse. Porque, embora soubesse o que eu significava para ele, às vezes não achava que sabia *tudo*. Tinha um peso em mim, mas eu tinha ombros fortes. Eu poderia aguentar.

— Tudo bem, Ox? — Joe perguntou.

Eu disse: — Sim, Joe, — e eu não consegui afastar o assombro da minha voz.

— Você tem certeza? — Ele parecia divertido.

Talvez eu não estivesse. E talvez tudo estivesse bem. Porque Elizabeth estava certa. Ele se entregou para mim. Tudo dele. Eu só tinha que ter certeza que o mantivesse seguro. Porque com certeza ele me escolheu. De todas as possibilidades. Ele me deu seu lobo. Que era essencialmente o coração dele.

Eu disse: — Eu te amo você sabe?

E como ele sorriu.



TIVEMOS tempo. Realmente tivemos.

As coisas nem sempre seriam boas.

Eles nos deixaram, e só havia três de nós.

Eles voltaram e agora eram oito e eu era o Alfa.

Houve alguns confrontos tentando mesclá-los.

Para ver se havia pedaços de nós que se encaixavam.

Às vezes eles encaixavam, e nós podíamos nos mover em sincronia com os outros.

Outras vezes nós não encaixávamos.

Robbie gritou de dor quando Carter o derrubou em uma árvore.

Foi um acidente. Eles estavam *brigando*. Os lobos faziam isso.

Mas tudo o que ouvi foi o estalo de ossos e o som de um dos meus sofrendo.

Robbie gemeu no fundo da garganta, tentando se erguer sobre quatro patas.

Eu estava na frente dele antes mesmo de saber que estava me movendo.

Carter havia recuado de pé e nu, com os pés descalços na grama.

— Ei, — disse ele. — Eu não quis fazer-

— Cai fora, — eu rosnei para ele.

Os olhos de Carter se arregalaram e ele deu um passo para trás.

Eu me virei e me ajoelhei ao lado de Robbie. Seus ouvidos estavam achatados contra a cabeça e ele tremia um pouco, reagindo à minha raiva. Eu respirei e deixei sair devagar.

KM Havia uma ponta afiada de ossos onde não deveria estar perto do ombro, inchando a pele e o pelo. Robbie fez uma careta, os dentes rangendo enquanto lentamente voltava ao lugar.

— Ok, — eu falei passando a mão ao longo de seu focinho.

Ele beliscou meu dedo gentilmente.

— Desculpe Ox, — disse Carter atrás de mim. — Foi um acidente.

Eu grunhi para ele, sem saber por que me sentia assim. — Não sou eu que você deveria se desculpar.

— Desculpe Robbie.

Robbie se levantou lentamente, esfregando-se contra mim enquanto passava. Ele bateu a cabeça contra o quadril de Carter e tudo foi perdoado.

— Você ainda está pensando neles como matilhas separadas, — Joe me disse mais tarde naquela noite. Nós nos deitamos lado a

lado em minha cama na velha casa. O quarto estava escuro e a lua era uma lasca no céu. — Você viu como um ataque à sua matilha, não como dois companheiros de matilha brigando uns com os outros.

— Eu não sei como mudar isso, — eu admiti em voz baixa. — Tem sido assim há tanto tempo.

Joe suspirou.

— Eu não estou te culpando, Joe.

— Talvez você devesse, — ele murmurou.

— Eu fiz. Está feito. Eu só preciso descobrir como trabalhar com isso.

— Talvez...

— Talvez o quê?

— Meu pai, — disse Joe. — Ele... Ensinou-me coisas. Sobre o que significa ser um Alfa. O que significava ter uma matilha. Eu poderia... Te mostrar. Se você quisesse.

Eu peguei a mão dele na minha.

Eu disse: — Sim, Joe. Certo. Isso soa bem.



UMA VEZ quando eu tinha sete anos, meu pai chegou a casa depois da oficina.

Ele sentou-se na varanda, abriu uma cerveja e suspirou.

Eu sentei perto dele porque ele era meu pai e eu o amava tanto.

Ele olhou para a casa no final da rua. Estava vazia fazia muito tempo.

O sol estava se pondo quando ele estava em sua quarta cerveja.

Ele disse: — Ox.

Eu disse: — Oi, papai.

Ele disse: — Ei, Ox. Eu vou te dar alguns conselhos, ok? — As palavras tropeçando umas nas outras.

Eu balancei a cabeça, apesar de não saber do que ele estava falando. Eu apenas gostava do som da voz dele.

Ele disse: — Você acha que vai chegar a algum lugar. Você acha que vai fazer algo de bom com a sua vida. Porque você não quer estacionar no lugar de onde veio. Mas as pessoas vão dar merda por onde você andar. Elas não vão dar a mínima para o que você quer. Tudo o que elas querem é te derrubar. Prender você em um trabalho que você odeia. Em uma casa que você não suporta. Com pessoas que você nem consegue ver. Não os deixe fazer isso. OK? Não deixe que eles façam isso com você.

— Ok, — eu falei. — Eu não vou.

Ele grunhiu para mim e tomou outro gole da lata vermelha e branca.

Ele disse: — Você é um bom garoto, Ox. Estúpido, mas bom.

Eu me perguntei se era assim que o amor verdadeiro era.



JOE me levou para as árvores, para a floresta, percorrendo o caminho de seu pai. Seu alfa.

Ele disse: — Papai me disse que sempre houve esses fios que nos conectam. Eles nos ligam uns aos outros porque somos uma matilha. Quanto melhor trabalharmos juntos, mais confiantes e nos respeitamos, e mais fortes se tornam os laços.

Ele estendeu a mão e correu os dedos ao longo da casca de uma árvore.

Seu pai tinha feito o mesmo muitas vezes quando nós andávamos pela floresta.

Eu disse isso a ele.

Ele sorriu para mim. — Isso ajuda.

Eu não sabia o que isso significava, não realmente, mas deixei passar.

— Você pode senti-los, não pode? — Ele perguntou quando ele pisou em um tronco podre com flores e folhas de grama.

— A maior parte do tempo, — eu disse.

— Carter? Kelly? Gordo?

Dei de ombros. — Está chegando. Eu sinto um fio fino. Eu não sei. Gordo, talvez. Só porque o conheço. Estou ancorado a ele.

— Você está amarrado a todos os outros também.

Até você ter quebrado isso, eu queria dizer. Até que você quebrou esses laços como se eles não fossem nada.

Mas eu não disse. Porque eu estava, além disso. A maior parte do tempo.

— Foi minha culpa, — ele disse, e eu *odiava* lobisomens naquele momento, *odiava* estar ligado a eles como eu estava, porque havia muitas vezes que meus pensamentos não permaneciam apenas a mim.

— Não é assim, — eu murmurei.

Ele revirou os olhos e houve sussurros de *quem é você* e de *onde você veio*, falado na voz de um pequeno tornado. Era essa desconexão novamente. O garotinho que eu conheci, e o adolescente que ele tinha sido, com o homem que ele era agora. Ele era rude e mais quieto do que antes, mas pequenos flashes rompiam as rachaduras de vez em quando. Joe era Joe.

Eu poderia viver com isso. Por ele. Por causa dele.

— É um pouco assim, — disse ele. — Mas eu estou consertando isso.

— Como?

Ele encolheu os ombros. — É difícil colocar em palavras.

— Experimente.

Ele apontou seus olhos para mim, mas pegou minha mão na sua, nossos dedos se entrelaçando. — Eu acho que é como - ok,

provavelmente é estúpido dizer *instinto* e que você não entenderia porque você não é um lobo, mas não é assim. Eu acho que você é mais lobo hoje que já foi um dia.

Ele parecia orgulhoso disso. Eu não entendia o motivo.

— Esta é a minha casa, — ele disse. — É onde meu pai cresceu, e o pai dele, o *pai de seu pai*. Nós fomos criados para estar aqui. Há certa... Mágica nisso, eu acho. Não é como a magia de Gordo, mas algo que atravessa o solo sob nossos pés. Essa magia me reconhece. A matilha. Os Alfas quando as coisas ficam desgastadas - quebradas - *ela sente*.

— E você quebrou isso, — eu disse sem querer. — Quando você nos cortou, acabou quebrando essa mágica.

Ele estremeceu, mas assentiu. — Sim, eu acho que sim. — Então, — Você sentiu, não é?

Lembrei-me daquela sensação na minha cabeça e no meu peito quando acordei naquela manhã. As duas palavras no meu celular.

Eu sinto muito.

Sim. Eu senti.

— Havia alguma coisa, — eu disse o mais alto possível.

Ele parecia aflito com isso. — Ox, eu-

Eu não queria ouvir isso. Eu terminei com as desculpas. Elas não nos ajudavam, não mais. — Estamos bem, Joe.

— Nós estamos?

— Estamos chegando lá, — emendei, porque estava mais perto da verdade.

— É por isso que me cabe consertar, — ele disse. — Não você, Ox. Por que você não pode senti-los? Ainda não. Eu. Eu nos dividi. E estou tentando consertar isso.

— Como?

Ele sorriu. — Comunicando-me com a natureza, é claro.

— Eu ainda não entendo, — eu disse, pensando em meu pai.

Ele disse: — Ei, Ox. Tudo bem. Eu acho que é o suficiente para nós dois. Eu vou consertar isso. Eu vou consertar tudo. Você confia em mim, certo?

A maioria pode não ter ouvido a dúvida em sua voz, a pequena lasca que abriu caminho no final. Mas eu o conhecia desde os dez anos de idade. Nós éramos apenas Ox e Joe e eu o conhecia, provavelmente melhor do que ninguém. Mesmo que ele não fosse o garoto que havia saído naquele dia anos atrás.

Realmente havia apenas uma resposta para sua pergunta.

Então eu disse: — Sim, Joe. Eu acho que sim.



ÀS VEZES, quando não conseguia dormir, mesmo com Joe, eu saía para as árvores. Gordo não gostava que eu fizesse isso, mas

eu disse a ele que não estava preocupado, porque eu tinha fé em suas proteções, que eu tinha fé nele.

Ele disse que negaria até o dia da sua morte se eu contasse a alguém que ele ficou chocado com isso.

Em noites assim, eu colocava um short e uma das camisas de Joe. Eu o beijava na testa enquanto ele dormia. Eu saía para o escuro, o ar fresco na minha pele.

E eu apenas andava.

KM Geralmente demorava menos de uma hora para um lobo branco me alcançar, andando ao meu lado, roçando em mim. Nós não falávamos muito, mas ele estava sempre lá até nos arrastarmos de volta para a cama. Às vezes, ele mudava de volta. Outras vezes, ele ficava como lobo e nós dormíamos deitados no chão, já que a cama era pequena demais. Eu pegava os cobertores e ele se enroscava ao meu lado, sua cabeça gigantesca no meu peito, subindo e descendo com cada respiração que eu dava, olhos vermelhos me observando até eu voltar a dormir.



NADA ACONTECEU naquele primeiro mês.

Ou no segundo.

Houve rumores. Sussurros

— Eles seguiram para o norte, — Michelle Hughes nos disse pelo Skype, — em direção ao Canadá.

Eu fiz uma careta para a tela. — Isso não faz sentido. Por que ele estaria se afastando de nós?

— Ele não está, — disse Joe, com um olhar distante em seus olhos.

— Não, — disse Michelle. — Eu acho que ele não está.

— Uma distração, — eu disse.

— Várias direções, — disse Michelle. Ela parecia cansada, com círculos escuros sob os olhos. — Eu não sei o que ele está planejando, mas não é nada bom. Minhas equipes foram para o Norte, mas a trilha apenas... Terminou. Um momento eles pensaram que eles estavam bem perto e no outro não havia nada lá.

— Como ele pode fazer isso? — Perguntei. — Você pode fingir um cheiro específico de lobo?

— Magia, — disse Joe.

— Robert Livingstone, — concordou Michelle. — Provavelmente. Joe tem certeza de que não podemos ir...

— Nós já conversamos sobre isso, — disse Joe, com os olhos vermelhos.

— E você está sendo idiota sobre isso, — ela rosnou de volta.

— Eu tenho as pessoas que eu confio aqui, — disse ele. — Isso é tudo que precisamos.

Eu esperava que ele estivesse certo.



NÃO ERA confiança total. Por menor que seja. No entanto era frágil.

Mas estava começando a se construir.

Eu vi na maneira como os humanos começaram a relaxar em torno de Carter e Kelly. Eles pareciam menos tensos, menos suspeitos.

Eu vi no jeito que Gordo riu de algo que Rico disse. Ou a maneira como ele enfrentou Chris enquanto caminhavam lado a lado. Ou a maneira como ele abraçou Tanner do que quer que fosse a conversa deles.

Eu vi na maneira como Robbie ficava tímido a qualquer momento que Kelly entrava no ambiente, corando levemente, os olhos se lançando em direção ao chão. Kelly sempre pareceria confuso, mas ele nunca empurrou a questão.

Eu vi na maneira como nos movemos. Nós não estávamos em sincronia. Ainda não. Mas nós estávamos chegando lá. Nós estávamos achando o ritmo, a cadência que precisávamos. Eu não entendia muito bem, mas seus olhos estavam sempre em qualquer porta que eu passasse, como se eles estivessem me esperando. Eles faziam o mesmo com Joe.

Foi na maneira como eles falavam.

Carter disse: — Você pode sentir isso, não pode? Os laços. Os fios. Eu nunca senti isso Ox. Eu nunca tive uma matilha tão grande.

Kelly disse: — Eu não entendo. Por que ele continua fazendo essas caras para mim? Por que ele gagueja toda vez que tento falar com ele? Eu não *fiz* nada para Robbie. Eu não entendo porque ele está agindo de forma estranha.

Robbie disse: — Eu nem sei o que dizer a ele! Eu nem sequer sei como *começar*. Sempre que tento falar com ele, esqueço como falar e... Oh meu deus, você está *rindo de* mim? Você é um filho da puta, Ox, eu juro por deus.

Jessie disse: — Eu tentei sair com algumas pessoas. Nós estávamos no jantar, e eles estavam rindo... Eu não sei o quê. E tudo que eu conseguia pensar era como eles não estavam *lá*, sabe? Eles não estavam... Na minha cabeça. Como os outros. E estava *vazio* dentro de mim. Ox, eu juro por Deus, se você arruinou uma vida normal fora da matilha, eu vou socar o seu baço.

Chris disse: — Ele também fará isso. Confie em mim. Quando ele tinha sete anos, eu acidentalmente - ow, *cara tudo bem* - foi de propósito, pare de me *bater*! Só por que eu derreti a porra das suas Barbies até não sobrar nada. O rosto ficou todo derretido e parecia... Bem, parecia simplesmente incrível. Ele não achou. Ainda tenho uma cicatriz no cotovelo de onde ele me atacou com as unhas.



Kardia Mou | Wolfsong

Tanner disse: — Ele está diferente. Gordo. Talvez seja só porque eu sei sobre a coisa toda de bruxo agora. Talvez sejam as cores. Mas eu não sei se é *tudo*. Ele está diferente, sabe? Desde que ele voltou. Ele está... Mais quieto. E mais centrado, talvez. Eu acho que ele precisava de uma matilha Ox. Eu sei que ele nos tinha, mas eu acho que não foi o mesmo. Eu acho que a magia dele precisava de alguém.

KM

Gordo disse: — Eu não conseguia respirar quando fomos embora. Não quando estava aqui. Não quando eu estou com você. Eu sei que você entende. Eu sei que nós realmente não... Falamos. Sobre coisas assim. Sentimentos ou o que seja. Não é quem somos. Mas, Ox, você me deixa respirar. Eu nunca quis te deixar aqui. Eu apenas... Eu tive que ir. Eu tinha uma matilha. Ou quase... Eu fiz o que tive que fazer. Ou minha mágica fez. Eu me liguei a ele. Por causa do Joe. Mas eu preciso que você saiba que eu sempre fui ligado a você primeiro.

Rico disse: — Se você tivesse me dito há cinco anos que eu estaria em uma matilha de lobisomens com uma criança com metade da minha idade, que é o meu *Alfa* que também estava fodendo o outro *Alfa* — ei! Não me olha assim Ox - você sabe que é verdade, eu teria perguntado se você estava com algum problema na cabeça. A vida é estranha. Green Creek é estranha.

Elizabeth disse: — Comecei a pintar novamente. Pela primeira vez em três anos, eu peguei um pincel e não me

assustou. Claro, a ideia de criar algo novo é *sempre* assustadora, mas o ato em si é catártico. Libertador, mas não sei em que fase eu estou agora Ox. Mas eu vou fazer o meu melhor para descobrir. Verde talvez. Eu me sinto verde Ox. Você também sente isso?

Joe disse: — Eu posso senti-los.

Joe disse: — Eu posso sentir todos eles.

Joe disse: — Pequenas alfinetadas de luz.

Joe disse: — Meu pai me ensinou que um Alfa é tão forte quanto sua matilha.

KM

Joe disse: — Ox. Ox. Você não vê? Você não pode sentir isso? Nossa matilha é *forte*.

Joe disse: — E só pode ficar mais forte. Eu acho que-

Joe disse: — Acho que ele ficaria orgulhoso. Papai. Eu acho que ele teria ficado orgulhoso de mim. De você. *De nós*.



MARK disse: — É o seu batimento cardíaco.

— O quê? — Eu perguntei, encarando Mark, que estava sentado à minha frente no restaurante. Mark entrou na oficina, dizendo que me levaria para almoçar. Eu não fiquei surpreso quando nos sentamos na mesma cabine em que ele se sentou no dia em que eu o conheci. As coisas pareciam sempre funcionar assim.

Ele estava me observando com os mesmos olhos que eu tinha visto pela primeira vez quando mal conseguia entender o alcance do mundo. — Como eles se movem. Como *nos* movemos.

Eu fiz uma careta. — Eu disse isso em voz alta?

— Não.

Suspirei. — Claro que não. Porra de lobisomens.

Ele sorriu. — Eu sei.

— Eu sei que você sabe. A que custo, porém, Mark? Eu vou te *dizer* o custo. Minha sanidade E a minha porra de *privacidade*.

— Deveria ter pensado nisso antes de se tornar um Alfa.

— Como se eu tivesse uma escolha no assunto.

Seu sorriso suavizou. — Você teve uma escolha Ox. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Sim, — eu disse.

A garçonete veio e levou nossos pedidos. Ela sorriu flertando com Mark, mas ele apenas pediu um atum gratinado e não reagiu.

— Eu também sou seu segundo, — ele disse enquanto ela se afastava. — O *executor*. É assim que conheço essas coisas.

Isso... Deu-me uma pausa. Porque nunca havíamos discutido isso.

Ele esperou.

E, realmente, fazia sentido. — Está bem então.

— Você realmente não sabia disso.

— Eu realmente nunca pensei sobre isso.

— Você ainda não precisa, — ele apontou. — Isso não muda as coisas.

— Quem é do Joe, não importa. É o Carter.

Mark parecia satisfeito.

— Batimentos cardíacos? — Eu o lembrei.

— É como uma matilha funciona, — ele disse. — Como nos movemos em sincronia um com o outro.

— Eu não entendo.

— É o seu batimento cardíaco, — disse Mark. — E o do Joe. Nós nos movemos com você porque ouvimos o som do seu coração.

— Mas os humanos-

— Eles seguem nossa liderança, — ele disse. — E a sua. Até que se torne uma segunda natureza.

— Era isso que fazíamos com Thomas? — Perguntei em voz baixa, porque de repente as coisas faziam muito mais sentido. Como nós reagimos a ele. Como eles reagiam comigo. Como Carter, Kelly e Gordo reagiam com o Joe.

Mark disse: — Sim. Você não percebeu; não como nós percebemos. Mas você se movia com a gente. Ao longo do tempo. E agora fazemos isso com você. E Joe.

Nós nos perdemos em nossos próprios pensamentos então. A garçonete finalmente trouxe a nossa comida. O pé de Mark estava pressionado contra o meu, tocando, sempre tocando.

Olhei para a minha sopa e disse: — Estou feliz por ainda sermos amigos. Depois de todo esse tempo.

Ele não disse nada, mas não precisou. Eu acho que as batidas do meu coração falaram por nós.



EM ALGUM ponto durante o terceiro mês, nos tornamos coesos.

Ainda havia momentos em que nos confrontávamos. Você não poderia ter doze pessoas juntas assim e sempre se dar bem.

Mas os confrontos eram poucos e distantes entre si e sempre eram encerrados antes que pudessem se transformar em algo mais.

A maioria ficava na casa dos Bennett ou na casa velha com mais frequência do que não. Joe e eu não pensamos em sair do meu antigo quarto, embora a cama fosse muito apertada. Nós deitávamos juntos, e acordávamos juntos. Nós nos levantávamos de manhã, ele levava os lobos para a floresta, eu levava os garotos para a oficina, Jessie para o trabalho, uma fila de carros passando por Green Creek na madrugada.

Não importa o que, entretanto, todo dia Joe tocava o lobo que ele me deu, aquele pequeno lobo de pedra que estava na minha mesa. Ele passava os dedos por cima, pela cabeça e pelas costas até a cauda. Havia sempre um olhar de tal reverência em seu rosto, como

se ele não pudesse acreditar que eu o tinha guardado. Que eu ainda queria manter o lobo.

Nós sempre chegávamos atrasados, porque eu o teria pressionado contra uma parede, gemendo enquanto eu chupava sua língua.

Ele empurraria por mais. Para eu transar com ele. Para ele me foder.

Mas eu não podia. Ainda não.

Eu tinha visto o que aconteceu com Elizabeth quando Thomas morreu.

Eu tinha visto o quão longe ela tinha ido com o seu lobo.

Se algo acontecesse comigo agora, bem. Eu sabia que eles ficariam chateados. Eles sentiriam a perda até os ossos. Joe poderia não se recuperar. Ou ele se recuperaria e seria mais forte por isso.

Mas, e se algo acontecesse comigo acasalado?

Eu não achava que Joe poderia voltar disso.

Porque ser acasalado significava ser mais do que éramos agora.

Ele queria isso. Eu sabia. *Eu* queria mais do que qualquer outra coisa.

Mas eu não poderia fazer isso com ele. Apenas no caso de... Eu não poderia ter essa chance.

O mais provável é que sempre tivéssemos algo sobre nossas cabeças. Mas não conseguia pensar em nada pior que Richard Collins.

Eu disse a mim mesmo repetidas vezes que, uma vez que ele tivesse ido embora, eu aceitaria tudo que Joe me daria.

Porque Richard *iria* ser passado. Ele *não* tiraria isso de mim. De nós. Nós éramos mais fortes do que já fomos antes. Nós estávamos juntos. Nós éramos uma matilha como nunca tínhamos sido antes. Nós trabalhamos juntos. Nós moramos juntos. Nós comemos juntos. Nós éramos uma família, e eu já não tinha muitas pessoas para permitir que alguém mais fosse tirado de mim novamente. Se isso significasse desistir da minha própria vida para me certificar de que eles estivessem seguros, então tudo bem. Que assim seja. Enquanto eles estivessem seguros, eu teria feito o meu trabalho como Alfa.

Eu não queria morrer. Mas eu queria que eles vivessem mais. E havia culpa nisso.

Porque eu estava ao lado de Joe quando os pesadelos vinham. Joe Bennett tinha vinte e um anos, mas ainda sonhava com as coisas que lhe haviam sido feitas. Sempre que ele começava a se debater e a choramingar, suas garras saiam do que quer que esteja em sua cabeça, eu me envolvia em torno dele, segurando-o com força, sussurrando em seu ouvido que ele estava em segurança, que

ele estava em casa, que eu nunca deixaria qualquer coisa acontecer com ele. Não enquanto eu ainda respirasse.

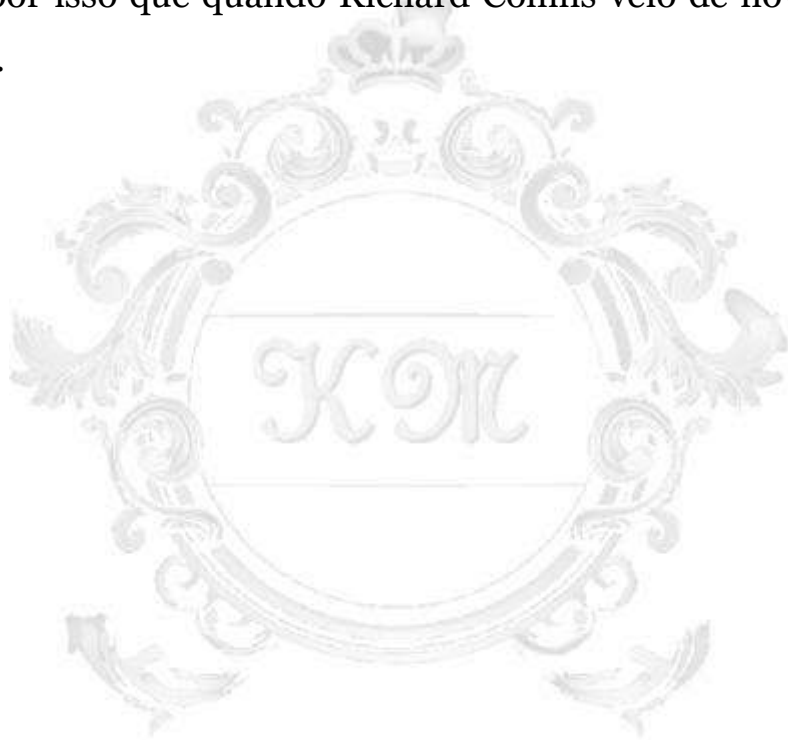
Ele sempre dormia profundamente depois disso. Seguro, enquanto eu o vigiava.

Essa era minha família.

Essas pessoas eram minha matilha.

Eu teria feito qualquer coisa por eles.

É por isso que quando Richard Collins veio de novo, ele veio para mim.



Fera

A FERA disse: — Olá, Ox.

Aumentei o aperto no meu telefone.

Eu tentei impedir meu coração de acelerar.

Os lobos estavam na floresta, correndo no sol do começo da tarde. A lua cheia foi há seis dias e eles estavam trabalhando com o excesso de energia que ainda corria através deles.

Os humanos estavam esparramados ao meu redor. Gordo estava mais longe, sentado de pernas cruzadas, olhos fechados enquanto respirava lenta e profundamente, os dedos se curvando na grama abaixo dele.

Era um dia pacífico. Logo, nós voltaríamos para casa para começar o jantar. Era um domingo. Era tradição. Elizabeth tinha encontrado uma nova receita de bolo de carne que ela queria experimentar. Eu ia fazer uma salada de pepino.

Eu disse: — Olá.

Richard Collins riu baixinho. — Eu posso ouvi-los. A maneira como eles respiram ao seu redor. Os lobos estão... Mais longe, mas se eu forçar. Se eu forçar *muito* eu tenho certeza que podia ouvir Carter e Kelly. Mark. Elizabeth, Robbie, é isso? O mais novo. A sua nova *vadia* Beta. E Joe, claro. O filho pródigo voltou para casa, para

a terra de seu pai. Um príncipe e o reino do Rei caído. Diga-me, Oxnard. Queima em você saber que eu coloquei primeiro as minhas mãos nele? Seu estômago *coagula* ao saber que meus dedos traçaram a pele dele antes de você?

Eu disse: — Talvez. Mas nunca mais.

Richard disse: — Oh, Ox. Diga-me que você não acredita realmente nisso. Sério. Você está se ouvindo?

— Sim.

— Eu quero que você os deixe. Agora. Temos muito a discutir, você e eu.

— Ox.

Eu levantei minha cabeça.

Rico estava olhando para mim. — Tudo bem? — Ele perguntou.

Eu balancei a cabeça e dei-lhe um sorriso apertado. — Só tenho que terminar isso, — eu disse, tentando impedir que algo escapasse pelas amarras. Alfas, eu fui ensinado, poderia entorpecer até mesmo a mais forte das emoções, de forma a não agitar seus Betas, e a matilha.

Eu pensei: *minha mãe era uma mulher maravilhosa.*

Eu pensei: *Ela era ótima e muito gentil.*

Eu pensei: *eu amo minha família.*

Eu pensei: *Joe voltou, e ele está em casa e está aqui para ficar.*

Eu pensei: *eu não vou deixar ninguém machucá-los porque
somo matilha, porque somos amor, porque estamos em casa.*

Meu batimento cardíaco diminuiu.

A parte de trás do meu pescoço estava escorregadia de suor.

Minha pele estava apertada.

Mas meu coração ainda está diminuindo a aceleração.

Rico inclinou a cabeça para mim. Jessie olhou para cima com
uma careta.

— Eu já volto ok? — Eu disse. Até sorri, uma coisa terrível e
falsa que parecia muito estranha.

Eles assentiram.

Eu me levantei, mantendo o telefone no meu ouvido
enquanto me afastava de todos eles.

Na direção oposta dos lobos.

Eu podia ouvir cada respiração que ele dava.

O raspar de sua língua contra os dentes.

Pensei em acalmar as coisas, pensar na salada de pepino, no
gosto crocante e doce, como tradição. O suor escorria pelas minhas
costas. A luz do sol queimava através das árvores. Eu pensei que
todos os pássaros tinham ficado em silêncio, que
a *floresta* inteira estava em silêncio, mas era apenas o sangue
correndo em meus ouvidos.

Eu sentia como se estivesse andando por dias com essas
árvores.

Foram só alguns minutos.

Eu disse: — Estou sozinho. E longe.

— Você está? — Ele perguntou. — Eu serei honesto. Eu esperava um pouco mais de... Resistência de você.

— Eu poderia estar mentindo.

— Você poderia estar, — disse Richard. — Mas você não está. Seu coração está notavelmente firme. Na verdade, o controle que você parece exibir é extraordinário. Como é que você pode fazer o que faz?

— Eu não sei do que você está falando.

— Não, — ele disse duramente. — Você não consegue fazer isso. Você não pode jogar comigo assim, Oxnard. Hoje não. Nunca. Você acha que sabe do que sou capaz, mas você não faz ideia. Eu te disse Ox. Eu sou o monstro.

— Eu não dou a *mínima* para quem você é. Você *nunca* vai...

— Você conhece o Sr. Fordham?

Isso me parou, porque eu não entendi. O Sr. Fordham era um cara velho que entrava na oficina de vez em quando. Lembrei-me de quando Gordo lhe dera um preço reduzido no conversor catalítico porque o Sr. Fordham não poderia pagar. Esse era apenas o tipo de pessoa que Gordo era - e o olhar no *rosto* do Sr. Fordham tinha sido algo extraordinário, tão doce e gentil e apenas *grato* pelo que Gordo fez por ele. Quando ele ouviu que Gordo estava de volta à cidade, ele entrou e apertou sua mão e *conversou* com ele.

— Ox, — disse Richard suavemente. — Eu fiz uma pergunta.

— Sim, — eu disse, me sentindo desapegado. — Eu o conheço.

— Você sabia que ele tinha uma consulta médica hoje? Ele precisou deixar Green Creek. Ele é um homem idoso, você sabe. O coração tende a não *bater* como costumava. Ele também é um pouco destemido, se você me perguntar. Especialmente à luz de todos os meus dentes.

Não. Não, não, não.

— O que você fez?

Ele riu. — Ox. Eu ainda não fiz *nada*. Mas eu vou fazer. Aqui. Diga adeus.

O telefone foi embaralhado por um momento enquanto eu aumentava o aperto. O sol estava muito claro. Tudo parecia muito real.

Então, — Ox, — uma voz vacilante disse.

— Sr. Fordham, — eu respirei fundo.

— Você me escuta, garoto, — ele disse como se tivesse uma espinha de aço. — Eu não sei quem ele é ou o que ele quer, mas você não pode dar a ele. Você me escutou? Você *não pode* dar para ele. Seus olhos, Ox. Seus *olhos* têm cores que nem posso imaginar. Ele não pode entrar, *eles não podem entrar* então o único jeito é você sair. Então não faça isso. *Não faça isso!*

Houve uma bofetada molhada contra o telefone.

Eu conhecia esse som.

O som do pescoço se separando.

O som de sangue se derramando.

O Sr. Fordham, com oitenta anos de idade engasgou ao morrer. Eu podia ouvir o chocalho na garganta dele.

— Ox? — Richard disse. — Você ainda está aí?

— Eu vou matar você, — eu disse. — Eu vou te encontrar. E eu vou te matar.

— Bem, você certamente vai *tentar*, — disse Richard, parecendo divertido. — Eu devo admitir Ox, eu nunca conheci alguém como você. Eu posso ter subestimado você no dia em que matei sua mãe. Isso não é algo que eu farei novamente. E, ah, o seu coração. Oh, Ox! Seu coração. Está batendo tão rápido.

E foi isso. Eu não conseguia parar. A raiva. Eu pensei que talvez entendesse agora porque Joe fez o que ele fez. Por que ele foi embora? O que ele sabia que precisava fazer, mesmo que isso significasse se afastar de tudo e de todos que ele conhecia. Agora eu entendia. Porque eu poderia fazer o mesmo.

Eu não era um lobo.

Mas eu queria me *entregar tanto* ao lobo.

Eu disse: — O que você quer?

— Assim é melhor, — disse Richard. — Porque é sobre o que eu quero. É simples Ox. Você virá para mim. E você virá sozinho.

— Eu não vou deixar você me usar para pegar Joe. Eu nunca vou deixar você tê-lo.

— Não é *sobre* Joe. É sobre *você* Ox.

Um som ecoou em algum lugar acima, uma canção fina e dolorida.

— A mim? Eu não sou nada. Eu não sou...

— Eles o mantiveram escondido de mim, — disse Richard. — E poderia ter permanecido assim. Mas eles não contavam com David King. Eles nunca *pensaram* nele. Você sabe o que ele me disse, Ox? Enquanto eu derramei o sangue dele. Ele estava me *implorando* para parar, me *implorando* para deixá-lo ir, por favor, por favor, *pare*, eu farei o que você quiser, *por favor, por favor, por favor*. — Sua voz estava aguda e zombeteira antes de rir. — Ele me contou coisas Ox. Antes que eu arrancasse a cabeça dele do corpo dele. Ele me contou coisas sobre *você*.

Eu não disse nada, porque sabia onde isso estava indo. Fechei meus olhos e desejei que não fosse assim.

— *Alfa*, — Richard respirou no meu ouvido.



— VOCÊ ESTÁ aí, — disse Elizabeth.

Eu estava na porta da cozinha. Eu podia ouvir os outros se movendo do lado de fora. E no andar de cima. E na sala de estar.

— Desculpe, — eu disse. — Tive que fazer um telefonema. Trabalho.

Eu mantive minha voz neutra. Eu mantive meu coração firme. Eu estava em uma casa de lobos e eles saberiam de tudo se eu deixasse a máscara escorregar até mesmo um pouquinho.

— Tudo bem, certo?

Eu sorri para ela. — Tudo está tudo bem.

Seu olhar permaneceu por um momento antes de concordar. — Bem. Este jantar não vai cozinhar sozinho. Vá trabalhar Ox. Há muito a ser feito.



— Ei.

Eu olhei por cima da cebola que estava cortando.

Joe arqueou uma sobrancelha para mim, encostado no balcão. Ele cruzou os braços sobre o peito, músculos protuberantes da força residual da lua. Ele era lindo porque ele era Joe. Ele era lindo porque ele era *meu*.

— Hey, — eu disse e já estava ficando mais difícil. Eu não sabia como passar por isso.

— Onde você foi?

— Telefonema, — eu disse quando dei de ombros. — Demorou mais do que eu pensava.

— Sim? Coisas do trabalho?

Eu balancei a cabeça, não me atrevendo a falar. Eu olhei de volta para as cebolas.

— Joe, — repreendeu Elizabeth. — Pare de distrair minha ajuda. Ele vai cortar alguma coisa se você continuar posando assim. Não seja um nojento na minha cozinha. Vá encontrar outra coisa para fazer.

Joe corou e começou a cuspir.

Eu aumentei o apertei na faca e engoli através do nó na garganta.

— Eu não estava *posando*, — disse Joe.

— Totalmente posando, — disse Elizabeth.

— Ox-

— Totalmente posando, — eu consegui dizer.

— Tudo bem, — ele disse. — Eu posso dizer quando não sou desejado.

Não, eu quase disse. Você é sempre desejado.

Eu sempre quero você.

Eu nunca quero te deixar.

Eu nunca quero dizer adeus.

Sinto muito, Joe.

Eu sinto muito.

Eu disse: — Só por um tempo.

— Sim, — disse Joe. — E então você vai me querer depois? Eu me sinto tão *descartado*.

Eu assenti.

— Hey, — disse ele, e já estava ao meu lado, pressionado contra mim, nariz pressionado contra o meu pescoço. — Eu só estava brincando. Você sabe que eu não quis dizer isso.

— Sim, — eu disse.

Ele beijou meu queixo. — Eu vou deixar você com isso então. E depois, vou deixar você me mostrar o quanto você me quer.

Ele bateu na minha bunda e gargalhou quando saiu da cozinha.



NÓS NOS sentamos juntos para o almoço de domingo, todos os doze de nós. Porque era tradição. Era o que a matilha fazia.

Eu sentei na cabeceira da mesa. Joe estava à minha direita. Eu disse a ele antes que ele deveria ter a cadeira de seu pai. Ele balançou a cabeça e disse que eu parecia bem onde eu estava. Ninguém tentou dizer que ele deveria ter se sentado no lado oposto da mesa como sua mãe e seu pai. Era melhor tê-lo ao meu lado.

A mesa estava cheia de comida. Nossa matilha ria e sorria enquanto se serviam e um ao outro. Eles ficaram em silêncio, um por um, esperando.

Os Alfas sempre davam a primeira mordida. Para os lobos, era instinto. Para os humanos, agora era rotina. Ninguém nunca reclamou, porque era apenas como as coisas funcionavam.

Eu peguei meu garfo.

Eu poderia fazer isso.

Eu tinha que fazer isso.

Larguei o garfo porque não consegui fazer isso. Não sem dizer adeus.

A mão de Joe cobriu a minha.

Eu olhei para ele.

Ele estava me observando, preocupação no rosto. — Ox?

Eu disse: — Desculpe. É só... Foi um longo dia. Estou um pouco cansado.

— Tem certeza?

Eu dei a ele um pequeno sorriso. — Sim, — eu disse. — Tenho certeza.

Eu esperava que fosse o suficiente para ele acreditar em mim.

Eu me afastei dele e dos outros.

Eu disse: — Eu, uh. Eu não falo muito. É isso. É algo que meu pai quebrou em mim, eu acho. Às vezes é difícil pensar na coisa certa a dizer. Eu fico preocupado que vou apenas piorar as coisas.

Joe apertou minha mão.

Eu disse: — Então não digo o que devo. Como o quanto eu te amo. Todos vocês. E o quanto eu preciso de você. E há dias que eu não posso acreditar que você depositou sua confiança em mim. Sua fé. Porque eu sou apenas o Ox, sabe? Meu pai me disse uma vez que eu ia receber merda a minha vida toda. E por muito tempo eu acreditei. E eu pensei que talvez fosse tudo o que havia para mim. Mas então eu encontrei pessoas; pessoas que não se importava que eu fosse um pouco mais lento do que as outras. E essas pessoas me diziam que eu algo era maior. Que eu não era uma merda estúpida. E eu apenas... Você é minha família. OK? Você é minha família. Minha família. E o que quer que aconteça, o que quer que venha em nosso caminho... Eu preciso que você se lembre disso. Que você tem a matilha, não importa o que aconteça.

Minha boca estava seca, minha língua grossa. O aperto de Joe na minha mão deixaria hematomas se ele continuasse assim. Elizabeth estava enxugando os olhos. Mark tinha aquele sorriso secreto no rosto. Robbie olhava para mim como se estivesse admirado. Carter e Kelly sorriam iguais a uns patetas, como se eles fossem adolescentes de novo, como se eles não passaram no inferno e voltaram. Rico, Tanner e Chris estavam com suas cabeças inclinadas. Jessie tinha o braço ao redor do ombro do irmão, pressionando a testa contra a bochecha dele. E Gordo. Gordo, Gordo, Gordo.

Ele estava franzindo a testa.
Eu finalizei: — Isso é meio estranho...
As pessoas riram.
Eu fiz uma demonstração de dar a primeira mordida.
A mão de Joe nunca saiu da minha.
E Gordo nunca desviou o olhar.



KM

OS GAROTOS BENNETTS estavam lavando a louça. Os humanos estavam a caminho de suas próprias casas. Robbie e Mark estavam na biblioteca. Elizabeth estava pintando e era verde, verde e verde.

Gordo disse: — Ande comigo, Ox.
Eu hesitei.
Ele sacudiu a cabeça em direção à porta da frente.
Suspirei, mas segui-o para fora.
Ele esperou até saber que estávamos fora do alcance dos lobos.
Ele disse: — Eu conheço você.
O dia estava começando a escurecer.
— Há muito tempo, — eu disse, sem saber onde isso estava indo.

— E nos não contamos muitas coisas. Porque é assim que somos.

— Claro Gordo.

— Existe alguma coisa que você quer me dizer agora?

Eu me forcei a olhar para ele. — O que você quer dizer?

Ele estreitou os olhos para mim. — Eu não sou idiota, Ox.

— Eu nunca disse que você era.

— Algo está errado.

— Com o que?

— Você.

Eu bufei. — Muitas coisas.

— Ox, — ele me avisou. — Não seja idiota.

— Eu não estou tentando ser Gordo, sempre há algo errado. Mas nada mais do que o habitual.

— Eu preciso que você me diga Ox. Eu não posso te ajudar se você não me disser o que está errado.

Suspirei. — Não é nada OK? Eu só estou cansado. A lua cheia, o trabalho, tudo. Isso acontece de vez em quando. A merda só vem e se acumula. Eu só preciso dormir cedo hoje à noite. Eu vou estar melhor amanhã.

— E você me diria, certo? Se algo estivesse errado.

Não se isso significasse mantê-lo seguro. Manter todos eles seguros. — Claro Gordo, — eu disse com a mentira com gosto de cinzas na minha língua.

Ele me observou por um momento mais longo, seu olhar frio e calculista, antes de sacudir a cabeça. — Bem. Apenas não faça essa merda comigo Ox. Porra, você soou como se estivesse se despedindo no jantar. Eu só... Não faça isso comigo.

— Sim. Só estou cansado. Todas essas coisas saem assim quando estou cansado.

Ele revirou os olhos. — Bem, vá colocar seus sentimentos em Joe, onde eles pertencem. Er- Deus! Eu queria não ter dito isso.

Eu ri, e foi real e verdadeiro. Gordo tentou me empurrar de voltar para casa, mas eu agarrei seu braço e o puxei para um abraço. Ele soltou um grunhido de surpresa, mas seus braços envolveram minhas costas imediatamente e ele deu o melhor que conseguiu.



— O QUE Gordo queria? — Joe me perguntou enquanto caminhávamos em direção à casa antiga.

O sol estava quase escondido. As estrelas estavam saindo acima de nós.

O vento soprava entre as árvores. Elas balançavam para frente e para trás.

— Conversa da oficina, — eu disse.

— Conversa da oficina, — disse Joe. — Parece emocionante.

— Minha bunda.

Ele sorriu carinhosamente para mim, pegando minha mão na dele. — Apenas dando-lhe merda.

— Eu sei.

— Você tem que continuar, de qualquer forma, se eu vou ser seu garoto mantido.

— Esse é um plano terrível. Você deveria apenas conseguir um emprego.

— Meu GED primeiro Ox, — ele disse como se não tivéssemos falado sobre isso um milhão de vezes. — Então, faculdade online. Então, provavelmente, continuar de onde o pai terminou. Nós não precisamos do dinheiro agora.

— Eu sei, — eu disse. — Você vai fazer bem.

—Sim?—

Eu me inclinei e beijei sua bochecha. Sua barba raspou contra meus lábios. — Sim. Talvez então *eu* pudesse ser o menino mantido.

Ele riu e me empurrou para longe.



MEU TELEFONE tocou.

Apenas um único bipe.

Joe estava deitado no sofá, com a cabeça no meu colo, os olhos fechados enquanto eu passava meus dedos pelos cabelos

dele. Começou a crescer de novo e havia quase o suficiente para eu segurar. A TV estava ligada, o som mudo.

Peguei o fone onde eu o coloquei ao meu lado.

Eu recebi uma nova mensagem de texto.

Era de um número desconhecido.

Você teve tempo suficiente.

Eu não deixei minhas mãos tremerem.

Eu disse: — Merda.

Joe abriu os olhos. — O quê? — Sua voz era áspera e maravilhosa.

— Jessie.

— O que tem a Jessie?

— Ele está com um pneu furado e ela não tem um macaco.

— Merda. Tudo bem, me dê um segundo e nós podemos...

— Não, — eu disse. — Não se preocupe com isso. Não vai demorar muito.

— Tem certeza?

Eu balancei a cabeça, olhando para ele. — Você verá. Eu voltarei antes que você perceba.

Ele abriu a boca para falar, mas depois franziu a testa. — Esquisito.

— O que?

— Seu coração simplesmente pulou quando você disse isso. Como... — Ele balançou a cabeça. — Deixa pra lá. Eu estou

apenas cansado, eu acho. Contanto que você não planeje fugir com ela, eu vou deixar você ir. Desta vez.

— Nunca, — eu disse, embora eu achasse que estivesse quebrando. — Eu nunca vou querer mais ninguém além de você.

Ele sorriu para mim. — Você está tão safado hoje. Apresse-se e vá para que você possa voltar. Se eu não estiver dormindo, vou chupar você.

— Uau. Com uma oferta como essa, eu deveria estar correndo pela porta.

— Droga, certo.

Ele me deixou levantar a cabeça e sair do sofá, colocando um dos travesseiros sob ele para tomar o lugar do meu colo. Ajoelhei-me ao lado do sofá, colocando seu rosto em minhas mãos. Eu me inclinei para frente e o beijei. Ele suspirou feliz, a mão chegando a arranhar a parte de trás da minha cabeça. Ele pressionou sua língua contra meus lábios, apenas uma vez, e eu me afastei.

Eu corri meus polegares sobre as sobrancelhas. Suas bochechas. Seus lábios. Ele cantarolou suavemente. Seguro. *Família*.

— Eu te amo, — eu disse, porque se havia algo que eu odiava; o que eu me culpava mais do que qualquer outra coisa, era que eu não tinha dito isso a ele todos os dias. Múltiplas vezes por dia. Era uma coisa rara entre nós. Nós não precisávamos dizer em voz alta para saber como nos sentíamos, mas isso não deveria ter me impedido.

— Sim, — ele falou, beijando meu polegar antes de tomá-lo entre os dentes e morder suavemente. Ele me deixou ir e disse: — Eu também te amo, Ox. Você é o meu companheiro. E em breve, eu vou te mostrar isso.

Eu tive que ir antes que não pudesse.

Eu o beijei novamente.

Em breve.

Peguei minhas chaves da mesa de café.

Deu um passo para trás.

Seus olhos já estavam se fechando. — Eu vou esperar por você, — ele murmurou.

Minha garganta se fechou.

Eu me virei e saí antes que ele pudesse ver o brilho nos meus olhos.



ALFA.

O que?

Eu sei que você é um alfa.

Eu não sou. Eu sou humano. Eu não sou nada-

Não minta. Para mim. Eu não sei como você fez isso. Eu não sei o que te faz diferente. Mas você é um Alfa, humano ou não. Um Alfa no território Bennett, não menos.

O que você quer?

Eu tenho mais seis pessoas da sua cidade.

Seu idiota.

Eu vou matá-los Ox. Eu vou matar todos e cada um deles. Eu vou fazer você ouvir enquanto eu tiro seus braços de seus corpos. Ox, um deles é uma criança. Certamente você não gostaria de ser responsável pela morte de uma criança.

Você é um maldito animal.

Oh, Ox! Eu sei disso sobre mim. E se você ainda não descobriu isso, você está um pouco atrasado para o jogo.

Você não vai fugir com isso.

Eu não vou? Ox, eu já tenho.

O que você quer!

Você. Eu quero você. Se eu não puder pegar o Alfa Joe, vou pegar de você. Você virá até mim. Sozinho. E eu não vou prejudicar essas pessoas. Esta criança. Você pode ouvi-los, Ox? Eles estão chorando porque estão com medo. Porque eu já fiz a criança sangrar. Apenas um arranhão, mas o suficiente para mostrar o quão sério eu sou. Para eles. Para você. Você pode ver agora Ox? Quão sério eu sou?

Você nunca vai chegar ao Joe. As proteções te manterão fora. Mesmo se você for um Alfa. Não importa quem você tem com você. Gordo não vai-

Ox. Ox. Ox, você está perdendo o ponto inteiro. Eu não me importo com Joe. Eu não me importo com o seu território. Tudo o que me importa é que você é um Bennett em tudo, menos no nome. Tudo o que me interessa é tirar de você a única coisa que Thomas Bennett nunca quis que eu tivesse. Inferno! Deixe-me ter isso, e eu não vou prejudicar um único membro de sua matilha.

E você espera que eu acredite em você?

Você mesmo disse Ox. Eu não posso passar pelas alas. Francamente, se você acredita em mim ou não, não é uma preocupação minha. Você pode realmente continuar sabendo que essas pessoas inocentes vão morrer por sua causa?

Eu...

Ox. Você não foi feito para ser um Alfa. Eu posso levar tudo isso embora. Sua matilha estará segura. Essas pessoas estarão seguras. Green Creek estará a salvo. E Joe vai sofrer, tenho certeza. No início. A perda sempre faz aquela pontada aguda de dor que te mata. Mas ele é forte. Mais forte do que eu mesmo dei crédito. Ele viverá, porque ele terá uma matilha que precisará dele. Um dia, ele sorrirá novamente ao pensar em você, na sua memória.

Eu posso apenas... Não posso simplesmente dar a você?

Ah! Temo que não haja mais tempo. Eu só sei de uma maneira de realmente ter o poder de um Alfa. É um efeito colateral

infeliz, com a morte, mas tenho certeza que você pode entender. Eu posso prometer que vou fazer o mais indolor possível.

Eu não posso. Eu não posso simplesmente deixá-los. Eles são meus-

Você a ouve gritando? É a mãe Ox. Seu filho está assistindo enquanto eu a corto.

Pare com isso! Oh meu deus, pare com isso. Seu filho da puta. Deixe-os em paz!

Eu vou te dar o restante do dia. Eu sei o quanto... A tradição... Significa para Thomas. Então faça. Diga adeus. Mas, Ox, eu juro para você, se você der as mais leves dicas de que você me enganou, eu vou matar todos eles. E então eu encontrarei uma maneira de quebrar essas proteções. Não importa quanto tempo demore. Eu vou quebrá-las e vou abater cada pessoa que você ama. Eu vou te deixar por último. Matarei sua matilha na sua frente, e todo o tempo, você vai ser atolado com o conhecimento de que é por sua causa, que você poderia ter evitado isso. E quando eu chegar ao Joe, eu irei fodê-lo até que ele esteja quebrado. Eu vou transar com ele até ele estiver com o meu cheiro. E então eu vou arrancar seu coração do peito. Você vai assistir enquanto eu vou comê-lo. E então, e somente então, quando você estiver despedaçado pela perda de sua matilha, pelo modo como cada um foi arrancado de você, vou começar em você. Vou começar com os seus pés e trabalhar até o fim, e quando chegar a sua porra

de joelhos, você estará me implorando para matá-lo. E eu direi não. Você acredita em mim? Você acredita que eu farei isso?

...Sim.

Bom. Isso é muito bom Ox. Tenha suas últimas horas. Nem uma única palavra. Eu não vou tocar mais em ninguém daqui. Não, a menos que você mude de ideia. Sua matilha nunca estará segura se você fizer isso. Você não pode mantê-los trancados em Green Creek para sempre, Ox. Um dia, alguém vai sair e eu estarei esperando. Faça isso agora, e eu prometo a você que eles estarão seguros de mim.

Quando?

Dou-te esse prazo. Eu sou um monstro Ox, mas posso fazer isso. Eu vou te dar esse tempo. Com aqueles que você ama.

Onde.

A ponte de madeira. Onde eu possa sentir o cheiro do sangue derramado dos Ômegas. Meus. Ou eles poderiam ter sido. Foi você Ox? Você defendeu seu território como um bom Alfa? Está enterrado no chão, mas quase posso sentir o medo. A dor. A raiva. Tem gosto de Joe. Quando eu o tive. Eu lambi o suor da sua cabeça. Ele já lhe contou isso? Eu não fui mais longe, mas foi algo próximo. Toda vez que eu quebrava um dos seus dedinhos, eu queria enchê-lo com o meu...

Isso é o suficiente.

Ooh! Eu posso sentir isso. Você é um alfa. O arrepio Ox. Estão rastejando ao longo da minha pele. Eu gostaria que houvesse tempo para descobrir como você fez isso. Como você se tornou um Alfa, mas, infelizmente, não há mais tempo. Eu odiaria prolongar o inevitável. Isso azedaria o seu gosto.

Aproveite o tempo que você precisa. Eu vou deixar você saber quando vir. Lembre-se, Ox: nem uma palavra, ou eu farei com que todos sofram. Eu te vejo em breve.



ERA TOLO? Sim.

Mas se houvesse a *menor* chance de que Richard estivesse sendo sincero, que ele não os machucaria, não machucaria *Joe*, eu teria que aceitar.

E eu não podia deixar pessoas inocentes morrerem quando eu pudesse fazer algo para impedir isso. Thomas havia me ensinado que havia valor em todas as vidas, que era responsabilidade de um Alfa cuidar daqueles em seu território, mesmo que eles não soubessem o que era um Alfa.

Green Creek era meu.

As pessoas aqui eram minhas.

Eu já havia falhado com o Senhor Fordham.

Eu não podia deixar isso acontecer com mais ninguém.

Eu esperei até sair da estrada de terra, os pneus da picape levantando poeira antes que rolassem no asfalto, antes de começar a silenciar os laços entre eu e a matilha, um por um.

Nós fazíamos isso às vezes, quando queríamos privacidade. Quando estávamos sendo íntimos. Quando queríamos ficar sozinhos. Quando queríamos ficar impressionados com a sensação contínua da *matilha matilha matilha*.

Quando queríamos manter segredos.

Eu raramente fiz isso.

E eu sabia que não demoraria muito para que as perguntas fossem feitas.

Green Creek estava quase vazia tão tarde. A lua estava meio cheia. As lâmpadas de rua ao longo da rua principal queimavam suavemente. Eu não vi nenhum outro carro em movimento.

O restaurante estava quase aceso como um farol. Eu vi uma garçonete se movendo por dentro enquanto eu passava. Ela segurava um pote de café nas mãos. Ela estava sorrindo, sobre o que eu nunca saberia.

Minha mãe estava sentada no banco ao meu lado.

Ela disse: — Você tem certeza disso?

Eu disse: — Por eles? Sempre.

Ela disse: — Eu te amo tanto, eu te amo, e estou tão orgulhosa de você. Você tem uma bolha de sabão no ouvido. — E ela *riu*, e foi

um som bonito, um som alegre, e era tão parecido com ela que meus olhos queimaram e minha garganta se fechou.

Mas não estava realmente lá.

Eu me afastei das luzes de Green Creek.

Olhos vermelhos me olharam do banco do passageiro.

Thomas disse: — Um Alfa é tão forte quanto a sua matilha.

Eu disse: — Eu sei.

Thomas disse: — Você é um dos Alfas mais fortes que já conheci.

Eu disse: — Eu sou forte o suficiente para fazer isso?

Thomas disse: — Você vai fazer isso?

Eu disse: — Sim.

Ele disse: — Então você é forte o suficiente. Você é meu filho da mesma forma que os outros. E nós vamos cantar juntos em breve e eu prometo a você, encherá seu coração. — E seus olhos brilharam em vermelho novamente, porque mesmo na morte, ele sempre seria um Alfa. *Meu Alfa.*

A ponte ficava a alguns quilômetros de distância quando parei ao lado da estrada.

Eu tinha uma última coisa a fazer.

O assento estava vazio ao meu lado.

Eles não estavam realmente lá, eu sabia disso, mas eu pensei que talvez eu não estivesse sozinho.

Eu peguei meu telefone.

Eu digitei três palavras para Joe. Apenas três palavras.

Porque eu sabia que ele entenderia.

Ele encontraria a mensagem de manhã quando ele acordasse desde que eu desliguei o celular antes de sair.

Eu olhei para a tela, hesitando.

Eu acho que eu não poderia fazer isso, e se eu não pudesse fazer isso, *e se eu não pudesse mantê-los seguros?*

Eu apertei o *Enviar*.

A mensagem desapareceu, retransmitida em torres e depois no éter.

Eu desliguei meu telefone.

Eu esperava que ele não me odiasse por isso.

Eu esperava que ele pudesse me perdoar um dia.

Eu esperava que ele encontrasse a felicidade novamente.

Ele saberia o que as três palavras significavam. Porque ele enviou a mesma coisa para mim quando soube o que tinha que ser feito.

Voltei para a estrada e continuei em direção à velha ponte.

E eu pensei naquelas três palavras de novo e de novo.

Eu sinto muito.

Eu sinto muito.

Eu sinto muito.



A ESTRADA da ponte estava vazia quando me aproximei.
Não havia lâmpadas de rua aqui.
Apenas a lua e as estrelas.
Estava muito escuro.
Meus faróis iluminaram a ponte, apenas alguns metros de distância.

KM Ela estava vazia também.
Mas eu podia senti-los.
Um veneno na terra que de alguma forma se tornou minha.
Era uma praga contra a grama e as árvores e as folhas que estremeciam ao vento.
Uma ferida que estava purulenta.
Eu desliguei a picape. Eu deixei as luzes acesas.
O motor funcionando. Eu respirei de maneira uniforme e devagar. Thomas e mamãe não voltaram.
Eu gostaria que eles ficassem, mesmo que eles não fossem reais.
Eu não queria andar sozinho.
As ligações da matilha foram completamente cortadas.
Eu me sentia frio e vazio. Eu não me sentia assim há muito tempo.

Eu tirei o pé de cabra de debaixo do assento. Parecia menor do que já sentira antes.

Eu abri a porta da picape velha. Ele guinchou na noite quieta.

Eu pisei na estrada de terra.

Eu não tremi.

Eu não tremi.

Segurei o pé de cabra com força e fechei a porta da picape.

Eu me movi em direção à frente da picape, os faróis esticando minha sombra até que eu parecesse um gigante contra a ponte de madeira.

Eu senti o momento em que passei pelas alas, como andar através de uma teia de aranha. Elas roçaram em minha pele, e então o momento acabou.

Havia grilos na grama e eles piavam.

Eu não vacilei. O pé de cabra estava frio em minhas mãos.

Um lampejo de violeta nas árvores. Piscando uma vez. Então de novo.

Então outro par. E outro par. E outro.

Eles vieram então.

Fora das sombras.

Havia dez deles.

Ômegas.

Mais ferozes do que eu já tinha visto antes.

Seus olhos eram continuamente violetas.

Eles estavam meio deslocados, babando pelas bocas cheias de presas.

Seis homens foram empurrados para frente deles.

Suas mãos estavam amarradas para trás.

Eles tinham mordanças em suas bocas.

Cinco adultos, uma criança.

Todos pareciam apavorados, olhos arregalados e bochechas manchadas de lágrimas.

Dois homens. Três mulheres. Um menino.

Eu os reconheci. Todos eles. Eu os vi em Green Creek. Eles entraram na oficina. No supermercado. Nós passávamos um pelo outro na rua. Nós acenávamos um olá. Nós acenávamos um adeus. Nós dizíamos coisas como: — Tenha um bom dia! — Como é bom ver você de novo! — Espero que esteja tudo bem com você.

O Sr. Fordham não estava com eles porque o Sr. Fordham foi assassinado enquanto eu ouvia.

Eles pareciam aliviados com a minha visão, os humanos.

Eu não era o Alfa deles. Mas eu seria agora, pelo menos enquanto eu tivesse partido.

O garotinho era o William. Sua mãe, Judith.

Eu disse: — Ei, tudo bem. Está tudo bem. Eu sei que é assustador. Eu sei. Mas estou aqui agora. Estou aqui agora e prometo que farei tudo que puder para vocês ficarem bem. Apenas tenha fé em mim. Eu vou cuidar de você.

Os Ômegas rosnaram enquanto riam. Eles raspavam suas garras contra a pele humana, deixando vergões, mas não tirando sangue.

Os humanos choraram, gemiam com seus rostos aterrorizados.

Os Ômegas pararam em frente à ponte, atrás dos humanos.

Eles os forçaram a se ajoelharem na sujeira.

Garras se enrolaram nos ombros dos humanos.

O que estava atrás de William era maior que os outros. E parecia o pior. Ele curvou as garras ao redor do rosto do garoto, os dedos enganchando sob o queixo. Ele acariciou com a garra de seu polegar ao longo da bochecha de William, ondulando a pele. Não demoraria muito. Apenas a menor pressão e William...

Outro homem saiu.

Eu me perguntei sobre o drama dos lobisomens.

Estes especialmente, revelando-se lentamente.

Foi provavelmente ideia de Richard, sair um por um.

Ele sabia o que ver o rosto de Osmond faria comigo.

Ele estava jogando, e eu estava ficando com raiva disso.

Porque estava levando tudo o que eu não tinha para me lançar em Osmond.

Os anos não foram gentis com Osmond. Ele parecia abatido, menor do que eu me lembrava. Mais magro. Havia círculos escuros

sob seus olhos. Ele parecia nervoso, as mãos flexionando e, em seguida, enrolando em punhos de novo e de novo.

Eu me lembrei da primeira vez que eu o conheci, o olhar em seu rosto quando ele percebeu que Joe tinha me dado seu lobo. O desgosto. O *desdém*. Ele provavelmente foi direto para Richard depois. Disse-lhe tudo. Disse a ele como Thomas o tinha segurado contra o lado da casa no final da rua, rosnando em seu rosto, dizendo a ele que eu *valia* alguma coisa. Que eu *importava*. Só porque eu era humano não me fazia menos que os lobos que me rodeavam.

Thomas tinha se levantado por mim.

E então Osmond o *traía*.

Eu pensei como seria fácil acertar com o pé de cabra sua cabeça.

Só para ver a pele e o crânio divididos, o spray de sangue.

Eu estaria despedaçado, claro. Eu provavelmente nem chegaria até ele antes de estar cercado por Ômegas.

Mas eu poderia tentar. Eu realmente poderia.

Seus olhos brilharam como se ele pudesse ouvir meus pensamentos. Eles eram violetas, assim como os outros.

Eu disse: — Seus olhos.

Ele se encolheu, como se não esperasse que eu falasse.

— Valeu à pena?

Os Ômegas riram novamente.

Osmond disse: — Não importa. — Sua voz era baixa. — O que está feito está feito.

O que está feito está feito. Como o meu momento. Como o Thomas.

Oh, a raiva que senti.

A raiva.

Deve ter sido irradiando de mim, e mesmo que os Ômegas não fossem meus, mesmo que eu não fosse o Alfa deles, eu ainda era *um* Alfa, e os ombros deles ficavam tensos e eles choramingaram e *gemiam* ao meu lado.

Osmond parecia se acovardar, mas se deteve no último momento. — Chega, — ele disse asperamente para os Ômegas. Eles latiram e gritaram para ele em troca.

— Como você fez isso? — Osmond me perguntou. — Como você se tornou um Alfa?

— Como você dorme à noite? — Eu perguntei a ele. — Sabendo o que você fez?

— Eu durmo muito bem.

— Mentira, — eu disse. — Você não parece bem, Osmond.

— Isso não vai acabar bem para você. Você precisa saber disso agora.

Eu sorri para ele. Ele se encolheu novamente. — Talvez não, — eu disse. — Mas eu sei quem eu sou. Você pode dizer o mesmo?

— Você não é um lobo Matheson. Nenhum lobo. Ninguém em sua família jamais foi um lobo.

Eu não disse nada.

— Nós pensamos que poderia ser o bruxo. Você era parte de seu Clã, sua matilha mesmo antes de conhecer os lobos. Mas não há magia suficiente para criar um Alfa. Acredite em mim, ele tentou.

Robert Livingstone. Eu me perguntei se ele estava aqui. Eu achava que não. Gordo saberia, mesmo sem as proteções.

— Nenhuma mágica, — disse Osmond. — Nenhum lobo. E ainda assim você está aqui.

— Estou aqui, — eu concordei, esperando que o monstro aparecesse, saindo do escuro com presas e garras.

— Como? — Ele perguntou novamente. — Como você pode ser o Alfa se não consegue senti-lo?

— Isso importa? — Eu não desmenti a última parte. Porque souu como se ele não soubesse dos laços. Um ataque sobre os fios que nos uniam. E se ele não soubesse-

Osmond estreitou os olhos. — Se você pode fazer isso, poderia haver outros.

Eu sabia o que era. A maior parte. Mas ele não precisava saber disso. Ele não precisava saber que vinha da dor e da necessidade. Que vinha da confiança e crença. Que havia lobos e humanos que acreditavam tanto em mim que eu não podia ser nada *além de* seu Alfa. Que mesmo que eu não fosse um lobo, eles

confiavam em mim para cuidar deles. Para amá-los. Para dar-lhes um lar e nos tornar uma família.

Era algo que Osmond nunca poderia entender.

Era algo que Richard nunca entendeu.

Porque mesmo que ele tirasse isso de mim, mesmo quando ele arrancasse isso do meu peito, iria rasgá-lo e transformá-lo em algo irreconhecível. Ele poderia ser um Alfa, mas nunca saberia o que significava *ser* um Alfa.

Eu disse: — Onde ele está? — Eu terminei com Osmond. Eu não queria esperar.

Osmond disse: — Ele virá quando estiver pronto.

Eu bufei. — Sutil. Ouvindo enquanto você tenta obter tanta informação de mim quanto pode. Você é sua cadela, Osmond. Você nunca foi nada além da sua cadela.

Osmond rosnou, com os olhos brilhando quando ele deu um passo para frente. — Fraco, — ele disse friamente, os olhos nunca deixando os meus. — Humano.

O lobo mau, o lobo grande, o lobo agarrado a William sorriu, o queixo molhado de saliva vazando de sua boca. Ele arrastou o polegar com mais força contra a bochecha do menino, dividindo-a de maneira limpa. O menino gritou em sua mordada, derramando sangue. Era um corte fino e provavelmente nem ficaria uma cicatriz, mas os lobos cheiraram o sangue e começaram a ranger os dentes. A

mãe de William correu para atacá-lo, mas foi puxada para trás pelos cabelos, o Ômega atrás dela a empurrou de volta ao lugar.

— Não, — eu disse com voz rouca. — Pare-

Eu estava distraído. Pelos lobos. Pelos humanos. Pelo sangue escorrendo do rosto de William. Isso fazia sentido. Era parte do jogo. Eu estava cercado por Ômegas que estavam se mudando mais e mais em seus lobos, e Osmond que parecia ao mesmo tempo desafiador e nervoso.

Eu estava distraído.

E foi por isso que não o ouvi chegando atrás de mim.

É por isso que eu não antecipei o braço dele em volta do meu peito, me puxando com força contra ele.

É por isso que eu não esperava que a outra mão dele se prendesse ao redor da minha garganta, garras cavando no meu pescoço.

Sua respiração estava no meu ouvido. Fedia a carne e sangue.

Richard Collins disse: — Olá Ox.

Eu fechei meus olhos, e mesmo quando eu tentei forçá-lo para baixo, meu coração tropeçou no meu peito.

Ele sentiu. Ele ouviu.

Ele riu ao som, com a batida rápida.

Ele parecia divertido quando disse: — Você não cheira a medo. Curioso, isso.

— Porque eu não estou com medo de você, — eu disse mesmo quando ele aumentou o seu aperto em volta da minha garganta. Sua frente estava pressionada contra minhas costas, seus lábios perto do meu ouvido. Era a coisa mais íntima que eu já tinha experimentado.

— Talvez, — disse ele. — Se você não está, é só porque você se convenceu disso. Mas eu posso fazer você ter medo de mim, Ox. Muito rapidamente, se eu escolher.

Os Ômegas à nossa frente sorriram e passaram suas garras sobre as cabeças dos humanos a seus pés. Osmond nos observou com cautela, os olhos brilhando violetas.

— Está tranquilo? — Richard perguntou.

Osmond assentiu. — Só ele.

— Bom, — disse Richard. — É um começo. — Então, — Obrigado Ox. Eu sabia que podia contar com você.

— Foda-se você.

— Que gentileza. Agora, o seu próximo passo, eu preciso que você largue o pé de cabra. Você não vai precisar disso.

Eu não me mexi.

— Ox, — disse ele, a voz cheia de arrependimento. — Eu posso fazer isso fácil ou difícil, depende de você. Realmente, o poder está em suas mãos sobre como isso pode acontecer. Você não quer que isso seja fácil?

Ele mentia, eu sabia. Palavras cheias de promessas que morreriam em meus ouvidos. Nada sobre isso seria fácil.

— Ox. Solta. O. Pé de cabra.

Eu era um Alfa. Eu era um maldito *Alfa!*

Eu não tive tempo para me mover ou mesmo reagir quando ele soltou o braço em volta do meu peito, sua mão agarrando meu pulso. Ele torceu brutalmente, os ossos rangendo, depois rompeu um ligamento. Uma onda de dor surgiu através de mim, vítrea e afiada. Meu estômago revirou quando o pé de cabra caiu no chão. Ele levantou uma nuvem de poeira enquanto eu rangia os dentes, tentando engolir o choro que queria cair da minha boca.

— Isso foi... Algo infeliz, — disse Richard, e ele me empurrou para a terra.

Eu provei sujeira na minha boca.

E, pela primeira vez, pânico.

Começou no meu peito, um movimento lento que se arrastou através de mim, pequenas picadas que se transformaram em algo muito mais forte do que eu já havia experimentado antes. Não foi só pânico. Ou, pelo menos, não era apenas a meu.

Foi o pânico da matilha.

Os laços foram reabertos.

Não, não, não, não.

Thomas sussurrou: *O maior presente do Alfa para sua matilha é o sacrifício. Porque ele deve protegê-los acima de todos os outros, a custo mínimo. Mesmo que isso signifique sua própria vida.*

Eles viriam.

Assim que se recuperassem da raiva, e da dor, eles viriam.

Tentei empurrar os fios para baixo, mas eles eram brilhantes demais e elétricos, como fios vibrantes. Eu não podia afastá-los porque eles já estavam *cientes*.

Eles estavam vindo.

E Richard não sabia disso.

Eu não podia me arriscar.

Eu não podia deixar nenhum deles se machucar.

Levaria tempo para eles me encontrarem. Eles pensavam que eu estava na oficina.

Talvez houvesse tempo suficiente para...

Mas havia um, um que era mais brilhante que todos os outros. Mais perto. Mais irritado.

Eu senti sua fúria. Eu senti sua magia.

Gordo.

Gordo estava aqui.

Gordo estava aqui.

Eu rolei de costas. O pé de cabra estava a minha esquerda, ao alcance.

Richard se elevou acima de mim, um olhar de desgosto em seu rosto.

Eu disse: — Se eu te der isso. Se você tirar isso de mim, você me dá sua palavra de que vai deixá-los em paz. Todos eles. A matilha. As pessoas. Green Creek.

— Eu não sei se você está em posição de me pedir *nada* garoto, — rosnou Richard. — Você é *humano*. Você pode ser um Alfa, mas *nunca* foi lobo. Eu vou tirar isso de você e você vai...

— Você não quer saber como eu fiz isso? — Eu perguntei, segurando meu pulso no meu peito. — Como um humano se tornou um Alfa?

Ele fez uma pausa. — Estou ouvindo.

— Eles vão ouvir, — eu disse. — Os Ômegas. Eles vão ouvir e eles vão tentar fazer o mesmo. Eles vão tirar isso de você. Eles vão tentar se tornar um Alfa. Você não quer isso.

Ele se agachou ao meu lado. Homem estúpido. Eu o odiava mais do que qualquer coisa no mundo.

— Você deveria falar agora, — disse ele em voz baixa. — Antes de ficar sem paciência.

E eu disse: — Foda-se.

Eu me movi mais rápido do que antes. Eu fui alimentado pela tristeza e desespero, pela ira e aquele sentimento, aquele maldito sentimento do meu pai me dizendo que *você vai receber merda* Ox, porque ele estava aqui, aqui estava Richard fodendo Collins provando que meu pai estava certo. Ele estava me dando *merda*, e eu não ia aceitar agora. Eu não aceitaria.

Mas acima de tudo, eram a matilha que me derramou energia, a matilha que me permitia me mover como eu me movi, era a matilha, matilha e *matilha*, essas pessoas, esses lobos que eram da minha família. E Joe, quem eu podia sentir subindo dentro de mim, Joe que estava com medo e furioso e *vindo*, oh Deus, ele estava *vindo atrás* de mim.

Eu empurrei o fio em direção a Gordo, mais forte do que tinha empurrado desde que ele voltou, dizendo: *os humanos! Você tem que ajudá-los e salvá-los*, mesmo quando meus dedos enrolaram em volta do pé de cabra na sujeira.

Os olhos de Richard se voltaram para minha mão.

Eu balancei o pé de cabra em um arco ascendente. Ele bateu no lado de sua cabeça com um ruído audível, a quebra do osso sacudindo a barra em meu braço. Ele grunhiu e começou a cair para o lado.

Gordo veio então.

Ele saiu de trás da picape, as tatuagens brilhando mais do que eu já tinha visto antes. O corvo batia furiosamente, e eu jurei que podia *ouvir* seu grito quando ele abriu o bico, uma chamada alta e estridente que vibrou profundamente em meus ossos. Senti a *vibração* de sua magia no chão enquanto pulsava profundamente dentro da terra. Ele me chamou, dizendo *AlfaAlfaAlfa* e eu *empurrei* para ele, agarrando o fio entre Gordo e eu o mais forte possível.

Mesmo antes de Richard atingir o chão, um grunhido já se formava em seu rosto quebrado, o chão ao redor dos humanos e os Ômegas se moveram e se separaram. Grandes colunas de terra se levantaram com um rugido alto, derrubando os humanos e os Ômegas de volta.

Osmond estava se movendo para frente enquanto eu me levantava. Seu foco estava em Gordo, as garras esticadas, o focinho se alongando enquanto corria na direção dele. Levantei o pé-de-cabra até que a extremidade curva se afastou de mim e o soltei nas pernas de Osmond enquanto ele tentava passar. O pé-de-cabra bateu em suas canelas enquanto eu colocava tudo no impacto. Ele gritou com o estalo de ossos, o chiar de pele, mas eu empurrei o balanço o mais forte que pude, varrendo seus pés de debaixo dele. Ele caiu para frente na terra, o momento fazendo com que ele caísse ao longo da estrada com a face para baixo, parando perto dos pés de Gordo.

Eu não parei, me afastando deles, confiando em Gordo para ter minhas costas. Eu corri em direção a terra, deslizando na terra quando caí de joelhos na frente dos humanos. Eles estavam atordoados e inseguros. Comecei com Judith, arrancando a mordaca da boca dela.

— Você tem que me ajudar, — eu disse, segurando seu rosto enquanto a terra continuava a quebrar atrás dela. — Você tem que tirá-los daqui. Desate-os e pegue a picape. Vá para Green Creek. Não pare até que você esteja na oficina. Fiquem lá. — Eu a soltei por um

momento e tirei as chaves do meu bolso. Ela começou a perder o foco, choramingando e olhando ao redor com uma expressão confusa. Os outros estavam se movendo devagar.

— Hey! — Eu bati. — Escute-me. Você está ouvindo?

Ela sussurrou: — Ox?

Eu segurei duas chaves na frente dela, a centímetros do rosto dela. — Esta é a chave da picape. Esta é a chave da oficina. Entendeu?

— EU... Ox, os *olhos* deles...

— Judith, seu filho vai *morrer* se você não tirá-lo daqui.

Ela recuou, mas a névoa em seus olhos começou a clarear. Ela se endireitou, automaticamente alcançando as chaves e William ao mesmo tempo. Ela desfez suas amarras enquanto eu ajudava as outras três. — Vocês, a sigam, — eu disse a eles. — Ela vai mantê-los seguros. Não parem até chegarem à oficina e *tranquem as portas atrás de vocês*.

Eu esperava que as proteções fossem suficientes. Elas tinham que ser. Não tínhamos outra escolha.

Judith pegou William, que se agarrou a ela, os braços em volta do pescoço. Eu empurrei as chaves em suas mãos, mesmo quando os Ômegas começaram a rosnar. Ela se virou para mim e disse: — Obrigado, obrigado, nós vamos - *cuidado*!

Eu fui batido no chão por algo pesado que caiu em cima de mim, gemendo enquanto a dor atravessava minhas costas, onde

quatro conjuntos de garras se enterravam. Eu tinha uma boca cheia de sujeira quando o lobo em minhas costas rosnou perto da minha orelha.

De repente, o peso foi tirado de mim e o lobo gritou de dor.

Eu fui puxado para cima, mãos em ambos os braços. Uma mulher estava à minha esquerda (Megan?), Um homem à minha direita (Gerald, eu achava que seu nome era Gerald). Outro homem estava na minha frente, respirando pesadamente, meu pé de cabra nas mãos. Seu nome era Adam, e ele trabalhava na loja de ferragens, um homem gentil com terríveis cicatrizes de acne.

Ele disse: — Puta merda.

Eu tropecei para frente, agarrando o pé de cabra dele. — Obrigado.

Ele acenou para mim com os olhos arregalados.

— Ox! — Gordo gritou. — Você precisa levá-los em movimento. *Agora*. Osmond se foi e eu não sei onde ele está.

Eu cuspi na estrada, sangue e sujeira misturados. — Vão, — Eu bati neles. — Saiam daqui. Pressa!

Eles não queriam que eu contasse de novo. Eles empurraram um ao outro em direção a picape, mesmo quando houve outro grunhido baixo atrás de mim.

Eu virei.

Richard Collins era um lobo, focinho sangrento, nariz partido. Ele se ergueu em quatro pernas, olhos violetas, lábios

curvados para cima e com suas presas a mostra. Ele puxou-se para a sua altura total, menor do que Joe e Thomas já tinham sido, mas ainda um grande lobo da porra.

— Ômega, — eu disse. Eu não fiquei surpreso com isso. Ele estava muito longe em seu lobo para ser qualquer coisa, mas não.

Ele rosnou para mim.

Eu dei um passo para trás, aumentando o meu aperto no pé de cabra.

Ele se enrolou, preparando-se para pular.

Então, um lobo caiu sobre nós, ecoando tão alto como sempre. Uivado de raiva e terror.

Era a música de um Alfa.

— Não, — eu sussurrei.

Ele nos encontrou.

Eu não podia deixar isso acontecer. Joe não poderia estar aqui. Não quando havia a chance de Richard machucá-lo. E o levar para longe da matilha. Uma matilha precisava de um Alfa para sobreviver, para que eles não se tornassem Ômegas. Thomas tinha sido nosso Alfa. Então Joe depois da morte de Thomas. Então eu, por necessidade.

Mas Joe voltou.

E ele era o verdadeiro Alfa Bennett.

Eles precisavam dele.

E eu tinha que ter certeza de que ele sobrevivesse.

Eu olhei de volta para Richard, que estava distraído com o chamado do Alfa.

— Hey! — Eu gritei para ele. — Eu estou bem aqui, seu idiota!

E então eu corri. Longe do nosso território. Longe das proteções.

Longe da minha matilha.

Longe de Joe.

— Ox! — Gordo gritou atrás de mim. — *Não faça isso!*

Houve outra música então.

Era profunda e gutural, mais grito do que uivo.

A canção de um predador que encontrou sua presa.

Fui para a ponte, sem destino real na mente, apenas *longe longe longe*.

Havia pilhas de terra se contorcendo à frente, onde a magia de Gordo havia chamado a rocha e o solo para cobrir os Ômegas. Eu pulei para elas, garras Ômega saindo e tentando me agarrar. Uma única garra raspou contra minha panturrilha e houve um momento em que pensei que não conseguiria. Senti o arranhão contra a minha pele, um pequeno surto de dor, mas o Ômega não conseguiu me agarrar a tempo.

Mais Ômegas do outro lado, olhando por cima do meu ombro a tempo de vê-los levantar-se da terra, dentes arreganhados e olhos violeta. Gordo estava mais atrás deles, olhando para mim,

horrorizado. Um grande lobo rondava entre eles, esperando que eu conseguisse distância suficiente para fazer uma boa caçada.

Os Ômegas foram para Gordo antes que ele pudesse prender Richard. Suas tatuagens voltaram à vida quando correram para ele. O chão sob seus pés mudou, com as pedras subindo da terra e girando em torno dele. Ele sacudiu os pulsos e eles dispararam em direção aos Ômegas que se aproximavam, derrubando-os de volta ao chão.

Richard os ignorou.

Ele só tinha olhos para mim.

Eu corri porque tinha pessoas que amava para manter em segurança.

Eu corri porque Richard tinha mudado sua atenção de Joe para mim, e eu faria de tudo para continuar assim.

A ponte estava escura. Eu podia ouvir a madeira rangendo.

Então, o bater das patas de um lobo contra a terra.

Ele estava vindo por mim.

Por um momento, eu jurei que havia outro lobo correndo comigo, um grande lobo, um lobo Alfa, que eu sabia que tinha morrido anos antes.

Por um momento, eu jurei que minha mãe corria comigo, com os braços batendo, os pés pisando na terra, o cabelo arrastando atrás dela.

Eu me empurrei mais forte.

Eu não seria capaz de superar Richard para sempre, mas se eu poderia ficar longe o suficiente...

Eu estava perto da velha ponte.

Eu a cruzaria e esperaria que fosse estável o suficiente. A queda era de apenas dez metros para um riacho abaixo, mas eu não queria que a coisa toda descesse em cima de mim.

Eu bati na ponte, pés contra a madeira.

Ele gemeu sob o meu peso, as vigas acima de mim estremecendo a cada passo que eu dava.

KM

Eu estava no meio, com certeza eu ia conseguir. Eu não sabia aonde eu iria em seguida, mas eu ia conseguir *passar* -

Osmond desceu das sombras do outro lado, meio deslocado, rosto manchado de sangue e sujeira. Eu derrapei até parar, quase caindo para frente. Eu parei no último segundo.

Um lobo rosnou atrás de mim.

Eu olhei por cima do meu ombro.

Richard Collins estava no outro extremo da ponte. Ele parou atrás de mim.

— Acabou, — disse Osmond. — Você perdeu.

Eu assenti. — Parece.

— Você nunca teria ganho.

Eu ri sombriamente. — Jesus Cristo Fodendo que é sério isso?

Osmond estreitou os olhos violetas. — O que?

— Porra! Não fale comigo, — eu rosnei para ele. — Você me quer? Venha e *me pegue*.

Osmond rosnou.

Richard rugiu.

E eles correram em minha direção.

A ponte se mexeu e gemeu.

Havia uma rachadura de madeira lá de cima.

Eles pularam, assim como eu sabia que eles iriam, mas voando em minha direção.

KM

Esperei até o último segundo possível, ouvindo o som de garras cortando o ar antes de cair de joelhos.

Eu joguei meu braço para cima, com o pé de cabra na mão, voltado para Richard e Osmond.

Seu ímpeto era grande demais para mudar os íons diretos do ar.

Richard atingiu o pé de cabra primeiro, o ponto final empalando seu peito, quebrando ossos e músculos, mesmo quando a prata começou a queimar. Meu braço empurrou a direção oposta com a força do impacto. A ponta curva do pé-de-cabra se chocou contra a garganta de Osmond. A prata esquentou, e a pressão do impacto de Richard forçou a curva no pescoço de Osmond, esfaqueando e rasgando sua garganta. Sangue espirrou para fora de ambos os lados de mim, mesmo quando suas garras cortaram meus

braços e peito, agarrando e deslizando ao longo de mim quando a dor de começar a espetar prata começou a rolar através deles.

Meus braços estavam encharcados de sangue, meu e deles. Eu não conseguia segurar o peso de ambos, e o pé de cabra escorregou das minhas mãos ensanguentadas. Eles caíram no chão da ponte com um barulho alto, braços e pernas chutando enquanto os dois engasgavam e piscavam os dentes, tentando se afastar da barra alojada em seu pescoço e peito. A ponte tremeu e rangeu.

Eu me esgueirei para longe, chutando quando Osmond me alcançou, empurrando minhas costas contra a parede de madeira da ponte.

Eles estavam conectados pelo pé de cabra.

Ambos os conjuntos de olhos violeta estavam em mim.

Havia dor, mas era distante. Eu não sabia dizer que sangue era meu.

A ponte gemeu novamente, mais do que antes.

A rachadura da madeira ficou mais alta, os suportes começando a tremer.

Toda essa maldita coisa iria desmoronar.

Eu quase não me importei.

Eu queria fechar meus olhos. Talvez dormir um pouco.

Houve um rosnado baixo.

Parecia algo na minha frente.

Richard estava tentando se esticar na minha direção, mas o peso do pé de cabra em seu peito preso a Osmond não permitia que ele se movesse muito. Ele esticou o pescoço, as mandíbulas espumando quando elas se fecharam perto do meu pé. Seus dentes estavam a apenas alguns centímetros de distância.

Eu puxei meu pé para trás antes de chutar violentamente. Houve o rangido de ossos quando ele uivou e se afastou, sacudindo o focinho.

A ponte balançou nauseantemente para a esquerda. Apenas alguns centímetros, mas pareciam quilômetros.

Poeira filtrada da madeira acima.

Eu ri. Porque eu podia.

Inclinei minha cabeça para trás e contra a parede e ri.

— Você vai morrer aqui, — eu disse enquanto as pernas de Osmond chutavam fracamente, as mãos queimando enquanto ele tentava puxar a barra de sua garganta. — Vocês dois. Vocês vão *morrer* aqui. Vocês falharam. Você não pegou Thomas. Você não conseguiu Joe. Você não *me* pegou.

Richard começou a se arrastar na minha direção, mais sangrando do que não.

Eu tinha que me mover.

Seria mais fácil ficar.

Mas eu nunca pegava o caminho mais fácil.

Eu me levantei na parede, usando minhas pernas em vez dos meus braços machucados.

Richard estalou os dentes no movimento, lutando para se mover mais rápido.

Osmond estava morrendo. Os olhos rolando na parte de trás de sua cabeça, boca aberta, mudando entre humanos e lobo, mãos em garras e depois dedos, raspando ao longo das tábuas do assoalho. Seu pescoço foi puxado em um ângulo agudo enquanto Richard continuava em minha direção.

KM

Eu fiquei acima dele. Acima do lobo. Ele olhou para mim, a língua balançando enquanto ele mostrava os dentes perto do meu pé.

Eu disse: — Você nunca vai tê-lo. Você nunca será um Alfa. Você perdeu. E agora você vai morrer. Por *nada*.

A ponte começou a se romper, as tábuas do piso se partindo, uma grande rachadura subindo pela parede quando a madeira se partiu. As paredes e o teto começaram a se deslocar para a esquerda, a ponte prestes a desmoronar.

E com tudo que eu podia, eu corri novamente.

Cada passo doía, meus braços inúteis ao meu lado.

Mas eu não queria morrer aqui. Não com eles. Assim não.

Eu protegi minha matilha deles. Joe me encontraria. Tudo ficaria bem.

Eu tropecei perto do chão.

Uma tábua tinha se quebrado, me atingindo na canela.
Eu caí no chão, virando-me para pousar no meu ombro para
evitar bater no meu rosto.

Um lobo rugiu atrás de mim quando a ponte quebrou.

Uma voz sussurrou na minha cabeça.

Diziam: *levante-se.*

Diziam: *que estamos quase lá, mas você precisa se levantar.*

Eles diziam: *AlfaIrmãoAmorFilhoMatilha se levante!*

Levante-se.

Diziam: *amamos você.*

Diziam: *precisamos de você.*

Diziam: *você é nosso Alfa e precisa se levantar.*

Ele dizia: LEVANTE LEVANTE LEVANTE

Levantei-me porque faria qualquer coisa por eles.

Tudo doía, mas eu me levantei.

A ponte estava se inclinando agora, o teto descendo ao meu
redor, tão perto que eu poderia esticar a mão e tocar o teto.

Passei por essas etapas restantes, e no momento,
no *segundo que* meus pés tocaram terra, a ponte caiu no riacho
abaixo em uma nuvem de poeira.

Houve um alto grito através dos laços, os fios que se
estendiam entre nós, um chamado de horror,
de *não não não* e *OxOxOx OX NÃO-*



Kardia Mou | Wolfson

E eu disse: — Ei, Joe, — porque não havia mais ninguém que tivesse gritado por mim desse jeito, ninguém mais tão desesperado para ouvir minha voz.

E a canção que ele uivava era uma coisa maravilhosa, cheia de um alívio tão verde que fez meus olhos queimar.

Ele ecoou nas árvores ao meu redor. Ele estava perto. Tão perto.

Eu precisava vê-lo. Para ter certeza de que ele estava bem. Para lhe dizer o quanto eu estava com pena. Que eu nunca quis deixá-lo. Que eu nunca quis estar em qualquer outro lugar, exceto ao lado dele. Tudo o que eu sempre quis foi mantê-lo seguro. Desde aquele primeiro dia na estrada, quando ele falava e se movia como um pequeno tornado, tudo o que eu queria era ter certeza de que nada acontecesse com Joe Bennett.

Ele estava vindo por mim.

Tentei me concentrar no resto da matilha, para ter certeza de que estavam bem, mas Joe era esmagador. Tudo era ele. Ele era tudo o que eu podia ouvir e ver e provar e cheirar.

Eu andava tropeçando no leito do riacho o mais cuidadosamente que pude. Os destroços da ponte estavam espalhados na água, pilhas de tábuas e pregos espalhados por toda parte. Eu não os sentia mais. Richard. Osmond. Os Ômegas. Não mais. O veneno foi embora.

Meus pés bateram na água, as botas e as pernas da calça encharcadas.

Eu podia ouvi-los agora.

A matilha.

Joe.

Comecei a subir o lado do leito do riacho. O sangue escorria dos meus braços para a terra, mas estava tudo bem. Estava tudo bem. Eu estava quase em casa.

Eu cheguei ao topo.

KM E lá estava ele. O lobo branco com os olhos vermelhos. Apenas a alguns metros de distância.

Houve a familiar mudança de ossos e músculos. E ele estava lá, me observando com os olhos arregalados e sem nenhuma roupa.

Ele disse: — Ox. — Sua voz estava rouca e quebrada. — Eu pensei... Eu *pensei* -

Então eu dei um passo em direção a ele e disse: — Não, tudo bem. Tudo bem, eu prometo a você, terminou, está feito, eu prometo, Joe. Eu sinto muito. Por favor, não fique bravo. Por favor, não fique com raiva de mim. Eu sinto muito, me desculpe, *eu sou* -

Houve uma explosão atrás de mim.

Eu me virei.

Os restos da ponte foram destruídos quando Richard Collins, meio deslocado, levantou-se de baixo e pousou na minha frente, com o corpo ensanguentado e quebrado, as garras estendidas.

Uma mão correu no meu ombro e me puxou para ele.

— *Alfa*, — ele rosnou no meu ouvido.

E então eu fui empalado por sua outra mão, garras cortando a pele do meu estômago, socando até que toda a sua mão estivesse dentro de mim.

Joe gritou atrás de mim.

Eu nunca o ouvi fazer esse som antes.

Partiu meu coração mesmo quando Richard Collins tirou a mão de dentro de mim.

Eu tossi, sem saber o que tinha acabado de acontecer.

Eu olhei para baixo.

Sangue jorrava de mim.

Parte de mim estava saindo, uma coisa molhada e vermelha de aparência carnuda.

Eu olhei para cima. Eu senti como se estivesse me movendo em câmera lenta.

Eu estava muito cansado.

Richard deu um passo para trás quando caí de joelhos. Sangue começou a sair da minha boca.

Richard inclinou a cabeça para trás. Estalou o pescoço de um lado para o outro.

As lacerações em seu corpo começaram a esquentar.

Ele abriu os olhos.

Eles queimaram o vermelho de um Alfa.

Para os próximos poucos segundos, ele conseguiu o que queria. O que ele começou tantos anos antes finalmente chegou ao fim.

Ele rugiu.

Eu senti isso até os meus ossos.

Era um som forte.

Um som poderoso.

Mas foi interrompido quando Joe Bennett colocou as mãos em ambos os lados do rosto, as garras estendidas e depois arrancou a cabeça de Richard Collins de seus ombros.

Richard caiu de joelhos, espelhando minha própria pose.

Exceto que eu sangrava da ferida no meu estômago.

Ele sangrou em grandes explosões do toco esfarrapado de seu pescoço.

Foi confuso.

Eu não consegui engolir.

Eu não achei que pudesse respirar.

Joe derrubou a cabeça de Richard no chão e eu quis perguntar por que ele estava se movendo tão devagar. Ele era um Alfa, mas era como se estivesse debaixo d'água e eu não entendia o motivo.

Richard caiu para trás.

Eu fiz o mesmo.

Antes de atingir o chão, braços vieram debaixo de mim, impedindo a minha queda.

Eu pisquei enquanto me abaixavam no chão. As estrelas eram muito brilhantes acima.

E a lua. Ah deus, a *lua*. Eu queria que estivesse cheia. Porque a lua cheia era o meu tipo favorito de lua.

O rosto de Joe veio e bloqueou. Eu decidi que estava tudo bem, porque eu amava seu rosto mais do que eu poderia amar a lua.

Eu tentei dizer a ele isso, especialmente desde que ele estava chorando, mas eu não conseguia encontrar as palavras.

Mas nós estávamos debaixo d'água. Eu não achava que deveria falar quando estávamos debaixo d'água.

Seus lábios estavam se movendo, ele estava gritando e chorando, mas eu não conseguia entender as palavras. Eu podia *ouvi-lo*, por isso estava na minha cabeça e no meu peito e ele estava dizendo *não* e, por favor, e *você não pode fazer isso* - *Eu não vou deixar você fazer isso, você me ouve? Você me ouve? E eu nunca posso deixar você ir - Eu nunca vou deixar você ir - Eu preciso de você - Eu preciso de você mais do que qualquer coisa porque eu amo você - Eu amo você - Matilha Companheiro Ox amor casa - Você é meu lar - Você é minha casa e sem você eu nunca vou ficar bem.*

Havia outros também.

Eu podia vê-los, aglomerando-se ao longo das bordas da minha visão.

KM Eles estavam chorando também, gritando para alguém fazer alguma coisa, para consertar isso, por favor, *conserte isso, não podemos perdê-lo, não pode terminar assim, não desse jeito*. Havia tantos deles, todas as suas vozes correndo juntas dizendo *por que ele está sangrando tanto oh deus ele não pode morrer ele não pode nos deixar AlfaAlfaAlfa nós precisamos de você aqui nós somos sua matilha – você não pode nos deixar Ox OxOxOx por favor não vá você é meu filho você é meu irmão você é meu amigo você é meu amor*.

Eles disseram, eles disseram, *eles disseram*

Alfa.

Alfa.

Alfa.

Uma voz quebrou o resto. Ela subia acima da tempestade, meu pequeno tornado.

Ele disse, *eu não vou deixar isso acabar*.

Ele disse, *não assim*.

Você me escuta

OxOxOx

Este não é o nosso fim

Vai doer

E você vai sentir isso

Mas você tem que lutar

Lute

Por você

Pela matilha

E por mim

OxOxOx

Eu preciso que você lute por mim

Eu tinha tantas coisas para contar a ele.

Tantas coisas que eu deveria ter dito.

Tantas coisas que eu nunca consegui ser para ele.

Ele precisava saber.

O que ele significava para mim.

Tudo o que ele fez por mim.

Eu forcei meus olhos a se abrirem.

Tomei uma respiração borbulhante, sangue saindo da minha boca. Eu engasguei, mas empurrei através disso.

Eu olhei para ele e disse: — Obrigado por me escolher.

Uma lágrima caiu por sua bochecha.

Ele disse: Não.

Ele disse: — Por favor.

Ele disse: — Você não pode, você não pode, você não pode.

Ele disse: — *Eu sempre escolherei você.*

E então seus olhos estavam tão vermelhos, eu pensei que ele estava queimando por dentro.



Kardia Mou | Wolfsong

Os cabelos brotavam nas laterais do rosto, brancos como a neve.

Ele abaixou a cabeça, boca aberta, presas descendo de suas gengivas.

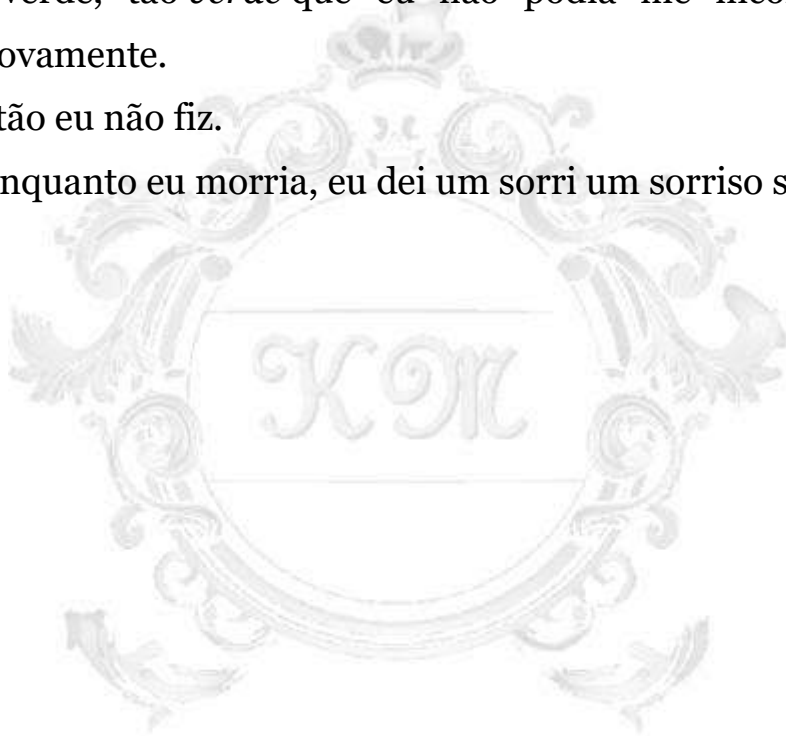
Eu nunca vi um lobo mais bonito.

Eu fechei meus olhos.

Houve um clarão de dor entre meu ombro e meu pescoço, mas era verde, tão *verde* que eu não podia me incomodar em respirar novamente.

Então eu não fiz.

E enquanto eu morria, eu dei um sorri um sorriso sangrento.



Lobo

EU abri meus olhos.
A lua estava cheia e gorda no céu.
Eu levantei minha cabeça.
Eu estava em uma clareira no meio da floresta.
Eu conhecia este lugar. Eu conhecia por que era meu.
Estava em casa.
Eu me sentei nesta clareira.
A grama estava quente sob meus dedos. Parecia vibrante.
Parecia verde.
Eu respirei fundo.
Eu podia sentir o cheiro das árvores.
Eu podia ouvir as folhas flutuando em seus galhos.
Eu cavei meus dedos na terra.
Um coelho se afastou, passando por um matagal.
Eu não sabia como eu podia ouvir isso, mas eu sabia.
Eu me levantei.
Algo estava chegando.
Eu poderia sentir isso nas vibrações do ar.
A maneira como a floresta parecia se curvar em torno dela.
Fosse o que fosse, era o Rei dos bosques.

Das árvores veio um uivo como eu nunca tinha ouvido antes.
A música que ela cantou fez meus ossos tremerem.
Era amor. E esperança. Uma angústia. E todas as coisas
terríveis e lindas que aconteceram comigo. Para mim.
Inclinei a cabeça para trás e cantei em retorno.
Eu coloquei tudo que eu tinha nesse canto.
Porque eu não sabia se estava sonhando.
Eu sentia dor, mas era uma dor no meu coração.
Nossas músicas entrelaçadas. Harmonizado. Tornando-se
uma.
Eu nunca uivei assim antes. Eu esperava que um dia eu
pudesse novamente.
Houve um puxão na parte de trás da minha cabeça.
Ele se enganchou e *puxou*.
Eu senti meus olhos afiados. Minhas gengivas
coçaram. Minhas mãos tremiam.
A atração ficou mais forte e eu queria correr.
Caçar.
Alimentar.
Sentir minhas patas na terra, sentir o vento na minha língua.
Eu levantei minhas mãos na frente do meu rosto.
Enquanto eu observava, aquele *puxão* na parte de trás da
minha cabeça tornou-se afiado, e as garras deslizaram para fora das
pontas dos meus dedos, garras novas brilhavam a luz da lua.

O Rei estava mais perto.

Eu podia ouvi-lo agora. Os passos que ele dava. A respiração pelo nariz.

Logo ele apareceria.

Eu deixei cair minhas mãos para os meus lados.

Os ruídos ao meu redor morreram e tudo ficou em silêncio.

Eu disse: — Olá.

A floresta prendeu a respiração.

Um grande lobo se movia na clareira.

KM

Ele era branco e tinha pontos pretos respingados no peito e nas costas. Ele tinha um andar equilibrado, régio, cada passo que ele dava era deliberado. Ele estava maior de quando eu o vira. Meus olhos queimaram. Minha garganta se fechou. Essa dor no meu coração ficou maior.

Não era que eu estivesse sonhando.

Não era que eu estivesse acordado.

Era que eu estava morto ou quase lá.

Thomas Bennett estava na minha frente, no nível do meu rosto.

Eu sufoquei, — me desculpe.

O lobo bufou e se inclinou para frente, o pescoço no meu ombro, a cabeça enrolada nas minhas costas, me puxando para perto.

Eu caí contra ele, empurrando meu rosto contra o peito dele.



Kardia Mou | Wolfsong

Ele cheirava a floresta. Pinheiro e carvalho. Uma brisa de verão e um vento de inverno. Eu nunca cheirei isso antes, não desse jeito. Não tão forte assim.

Ele me deixou ficar contra ele, esperando que eu parasse de tremer. Ele estava quente. Eu estava seguro.

Eventualmente, eu me acalmei.

Eu me afastei, o lado da cabeça dele arrastando contra o meu ouvido.

Ele sentou-se na minha frente, cauda ao longo do chão.

Ele esperou.

Eu olhei para as minhas mãos. O que eu poderia dizer a ele? O que eu poderia dizer para ele saber o quanto eu estava triste? Como eu deveria ter feito mais para manter sua matilha junta? Como eu pensei que tinha feito o meu melhor. Como eu só queria mantê-los todos seguros. Como eu fiz o que achei certo. Como eu estava com raiva que um monstro poderia vir e tirar tudo de mim, e que poderia me roubar das pessoas que eu mais amava. Que seu filho era a única pessoa com quem eu queria estar.

E quando eu mais precisei dele, ele esteve lá por mim.

Como meu amigo.

Como meu companheiro de matilha.

Como meu Alfa.

Como meu pai.

Eu olhei para ele.

Se um lobo pudesse sorrir, então eu pensei que seria como ele fez naquele momento.

Eu disse: — Eu tenho uma escolha, não é?

Ele levantou a cabeça para mim.

Eu disse: — Para ir com você.

Ele olhou para trás, em direção à floresta. Havia movimento lá agora. Nas árvores ao nosso redor eu podia ouvir os sons de outros lobos. Latidos animados. Cantigas. Uivos. Havia dezenas deles. Talvez centenas.

KM

Eles me ligaram. Eles cantaram, *estamos aqui, estamos prontos quando você estiver, filho e irmão e nós o amamos, estamos prontos e podemos esperar o tempo que você precisar.*

Thomas se virou para mim.

Eu disse: — Ou eu poderia voltar.

Ele bufou novamente.

Eu disse: — Meu pai me disse que eu receberia merda. Antes dele partir. Você sabia disso?

Ele choramingou baixo em sua garganta.

— Ele me disse aquilo. Ele disse que eu era apenas um idiota, que eu receberia merda a minha vida toda. Mas ele estava errado.

Os lobos da floresta uivavam.

— Ele estava errado, — eu disse. — Porque Joe me encontrou. E me trouxe para você. Você me deu um propósito. Você me deu uma casa. Uma matilha. Uma família.

Os olhos do lobo estavam molhados e brilhantes.

— Você é meu pai, — eu disse, embora minha voz quebrassem. — Em tudo menos no sangue.

E eu senti isso então. O vínculo. O fio estava esticado entre nós, mesmo na morte. Não era tão forte como antes, e provavelmente nunca seria enquanto eu ainda vivesse, mas estava lá.

E havia um sussurro ao longo dele.

A mais quieta das vozes.

Que dizia: *Cuide deles para mim, meu filho.*

Thomas Bennett se inclinou para frente e pressionou o nariz na minha testa.

E eu disse: — *Oh.*



EU abri meus olhos.

Eu estava em um quarto escuro.

Havia calor ao meu redor.

Eu me sentia seguro e aquecido.

E mais. Porque não *era* mais.

Havia *batidas* suaves sobrepostas no quarto.

Alguns estavam mais tempo um com o outro.

Outros não estavam.

Mas eles eram todos lentos e doces.

Levei um momento para descobrir o que eram.

Batimentos cardíacos.

Eu podia ouvir corações batendo.

Selecionei um por um.

Havia dez no quarto comigo.

Deveria ter havido onze.

Deveria ter havido *onze*.

Deveria ter havido-

— Silêncio, — uma voz sussurrou perto do meu ouvido. Uma
mão fria chegou à minha testa aquecida e escovou meu cabelo da
minha testa. — Você vai acordar os outros.

— Eu não estava nem falando, — eu murmurei fracamente.

— Eu sei, — disse Elizabeth. — Mas você não precisa. Não
mais.

Eu sabia o que ela queria dizer. Por que ela quis dizer isso. E
não me pareceu possível.

E eu sabia o batimento cardíaco que estava faltando.

— Joe? — Eu perguntei.

— Feche os olhos, — ela disse perto do meu ar. — Porque as
coisas são diferentes agora e você deve encontrar um jeito de se
apegar à sua humanidade. Feche seus olhos, Ox. E ouça.

Eu fiz.

Eu ouvi muitas coisas.

Eu me senti ainda mais.

Havia os batimentos da minha matilha, ao meu redor no chão do quarto da casa no final da rua. Travesseiros e cobertores foram colocados em torno de nós, e todos se enrolaram uns contra os outros, alcançando e tocando de alguma forma, os lobos enrolados em torno dos humanos. Eu estava no centro deles. Elizabeth estava em algum lugar perto da minha cabeça. Havia um espaço vazio à minha direita.

Eu ouvia suas respirações.

Os pequenos suspiros que eles faziam durante o sono.

Eu os cheirei também. Suor e sujeira e sangue, mas embaixo disso senti a floresta e as árvores, a luz do sol filtrada através de um dossel de folhas, e aquele cheiro logo antes de uma tempestade, com ozônio puro.

Mas havia outro cheiro. Um cheiro mais básico, incorporado em cada um deles.

Eu reconheci como meu próprio.

Todos cheiravam como eu.

Como o seu Alfa.

Não era só o meu, no entanto.

Porque incrustado com o meu próprio perfume, havia o perfume pesado de outro.

E este aqui, oh, *este* afundou suas garras em mim na base do meu pescoço e na base da minha coluna e *arrancou*.

Eu rosnei mais animal que humano.

A matilha se mexeu ao meu redor, mas não despertou. Ouvi seus batimentos cardíacos elevarem-se levemente com o som que subiu da minha garganta.

Eu deixei isso me puxar mais.

Havia a casa no final da rua.

Havia o cheiro de matilha que havia afundado na madeira.

Havia vozes, ecos do passado, pessoas se reunindo em um domingo porque era tradição.

Havia o cheiro de outro Alfa, mas não incomodava.

Era construído com o resto da casa.

Cada tábuia. Cada parede. Cada telha.

Ele estava aqui conosco.

E ele sempre estaria.

Mais.

Havia o terreno ao redor da casa no final da rua.

Um pequeno tornado exigindo que seus pais lhe falassem sobre bastões de doces e pinhas. De coisas épicas e incríveis.

Havia outra casa.

Uma casa velha.

Uma casa uma vez entristecida pela covardia de um pai.

Uma casa toda refeita pelo amor dos lobos.

O sangue no chão, escondido da vista, mas enterrado nos ossos.

Ela riu aqui.

Ela havia colocado bolhas de sabão aqui.

Ela se sentou em uma mesa e me disse que tudo ficaria bem,
ela me mostrou que nós dois *ficaríamos bem*.

Havia uma linha, uma conexão entre essas duas casas, um fio
mais forte do que eu já vi que os unia. Eles não foram
separados. Eles eram um. Eles tinham sido assim por muito tempo.

Além disso, eu tive que ir mais longe.

Ele puxou.

Eu *empurrei*.

Através da grama. Através das árvores.

Eu ouvi cada pássaro.

Eu ouvi cada cervo.

Eu ouvi os gambás escondidos no mato.

Os ratos no subsolo.

Os esquilos subindo uma árvore.

Havia uma cidade nas montanhas.

Havia pessoas que viviam nesta cidade.

Eu não poderia senti-los, não como se eu pudesse sentir a
matilha.

Mas eu estava *ciente* deles.

Como se eu estivesse do lado de fora, mal olhando para
dentro.

Havia uma sensação deles.

Minha matilha eram os faróis brilhantes no escuro.

As pessoas de Green Creek eram estrelas difusas nas bordas do espaço.

Mas eles estavam *lá*.

Eu empurrei.

Ele *puxou*.

A matilha se mexeu ao meu redor, batimentos cardíacos sincronizando um a um, humanos e lobos.

Elizabeth suspirou.

Havia uma clareira no meio da floresta.

Tinha gosto de relâmpago e magia.

De garra e presa.

E no meio dessa clareira estava um homem que fora um menino.

Um garoto que eu amava.

Então um monstro veio para a cidade com um assassinato em sua mente e abriu um buraco em nossas cabeças e corações.

O menino perseguiu o monstro com vingança em seus olhos vermelhos de sangue.

O monstro tinha ido embora agora.

E assim foi o menino. Porque um homem tomou o seu lugar.

E foi aí que me *puxou*, foi para lá que o *empurrei*, porque havia um estremecimento sob a minha pele, o movimento de um animal querendo explodir de dentro de mim.

As pessoas de Green Creek eram estrelas difusas.

A matilha à minha volta eram luzes no escuro.
Este menino, este *homem* era o sol, brilhante e meu.
O animal em mim rugiu para ser libertado.
Elizabeth Bennett sussurrou: — *Vá*.
Eu fui.



EU estava fora da porta e na grama quando isso aconteceu.

Senti uma grande dor no meu corpo, uma dor que eu nunca tinha experimentado antes. Meus músculos travaram quando eu saí da varanda e caí sobre minhas mãos e joelhos. Eu não conseguia encontrar uma maneira de respirar. Tudo estava muito alto. Os batimentos cardíacos A floresta. O verde. Eles estavam todos *gritando*, eles estavam gritando *OxOxOx* e eu abri minha boca para gritar de volta, mas o som que saiu foi baixo e gutural, um grunhido que nenhum humano poderia ter feito.

Meus ossos começaram a rachar e quebrar, os pedaços se rearranjando. O ar começou a brotar ao longo da minha pele, e era *negro* como a parte mais profunda da noite, e eu não conseguia parar, eu não podia lutar contra isso.

Garras saíram de debaixo das minhas unhas, o esforço tremendo.

Houve um breve momento, um momento *humano*, quando percebi o que estava acontecendo, que não deveria ter sido possível, que eu tinha *morrido* com a mão de Richard dentro de mim, minhas entranhas *saindo de dentro* de mim. Eu acreditava em magia. Eu acreditava no impossível. Eu acreditava em lobisomens e no chamado da lua.

Eu quase não acreditei que isso estava acontecendo.

É um sonho, é um sonho, é um-

Não era um sonho, porque a dor era extraordinária. Tinha que ser, com o jeito que tudo dentro de mim estava quebrando e mudando. Eu gritei de novo, minha voz ainda menos humana do que seria antes. Saiu truncado, e havia o pensamento de *que eu estou girando, oh meu deus eu estou morrendo*.

A dor desapareceu.

Eu era eu era eu era eu era eu era eu era eu era EU *SOU*

Um lobo

Cores existem

Negros e brancos

Azul e azul eu vejo como o azul é

Na lua está na lua

É verde

Tudo é verde

Existem *outros*

Aqui eu posso sentir os *outros*



Kardia Mou | Wolfsong

É matilha é casa é meu é nosso é nosso é *nosso*
Eles estão aqui
Em casa matilha casa eles estão ali de pé e assistindo
Eu sou
Um Alfa
Eu sou seu

Alfa

Olhos

Meu

Olhos

Sou seu

Alfa

Sim eles são meus

Todos eles

Oh meu deus a mulher humana jovem disse

Sabia disso por que ela era minha

Minha

Ambas as matilhas - por causa dele - por causa dele - por
causa dele

Ele se transformou a mãe lobo disse que *ele se transformou*
porque ele sente chamando

Putá merda Alfa um dos homens humanos disse *ele é um*
lobo foda

Sim



Kardia Mou | Wolfsong

Eu sou um lobo eu sou Alfa sou um lobo
uhhh outro homem humano disse *por que ele está rosnando para nós assim?*

Você não pode sentir nos laços? o bruxo disse rindo bruxo
meu bruxo *ele está sendo um filho da puta presunçoso, lembra quando você o chamava de grande homem?*

Sim porque eu sou

Alfa

Eu sou grande

E forte

Eu cuido da minha matilha e eles são meus eles são

Meus para proteger porque eu sou

Alfa

Oh Jesus! O último homem humano disse ele vai ser insuportável depois disso

Eu mostrei meus dentes

Eles não têm medo de rir porque não têm medo

Bom eu não quero que eles tenham

Medo de mim porque eles são *meus*

E eu sou deles deles deles, mas

Mas

Onde está o meu

Onde está o meu

Onde está o meu meu meu



Kardia Mou | Wolfsong

Canto para ele

Eu preciso cantar

Uma música alta para que ele possa me ouvir nas árvores

Eu canto

As árvores eles *tremem* com isso com a minha música elas
estremecem e agitam minha música

As árvores são minhas

A grama é minha

Tudo isso é meu

Meu território

Me responda

Canta casa canta para mim canta

Canção Canção Canção Canção Canção Canção Canção Canção
o Canção *Canção*

Na clareira

Eu ouço eu ouço é para mim e está me chamando ele está me
chamando porque ele é

Meu

Matilha

Meu

Companheiro

Meu

Alfa

Eu canto para ele eu canto de volta para ele eu canto para ele
ouvir que eu estou indo companheiro eu sou

Eu corro

Em direção a música que ele canta para mim

Eu corro

Em direção ao coração que bate por mim

Eu corro

Porque ele me chama

Por que ele está me cantando em casa

Através das árvores

Música

Minha musica é

Eu canto

Eu estou indo

Por favor, não deixe

Por favor, espere por mim

Por favor, me ame

Eu sou lobo

Eu sou alfa

Eu sou seu

Você é meu

ir ir ir ir

Eu vejo você

Você me vê

Você está bravo

Você está assustado

Você está com raiva de mim

Você cheira triste

Você cheira como eu, mas triste, por favor, não fique triste
por que você está triste eu estou aqui com

Você e você não têm que estar triste

Menino lobo homem Alfa

Por favor

Ox ele disse Ox Ox

Por que você não olha para mim?

Por que você não me vê eu estou aqui com você eu sou

Sua pele tem gosto de sal

Chorando

Você está chorando

Não chore

Você não pode ficar triste

Eu não gosto quando você está triste

Ele disse que: *eu pensei*

Ele disse: *a mão dele*

Ele disse: *que estava em você Ox*

Ele disse: *seu bastardo*

Ele gritou: *como você poderia*

Ele gritou: *como você poderia me deixar*



Kardia Mou | Wolfsong

Ele está com raiva de mim
Por favor, não fique com raiva
Eu estou aqui eu sou lobo Alfa matilha companheiro
E eu posso sentir isso
Está me arranhando
Meu lobo
Quer morder
E matar
Estou tão bravo agora
Você está com raiva
Estou *com raiva*
Você não pode me impedir
Você não pode parar isso
Isto é
Eu sou lobo
Eu sou
Alfa
Ele disse que: *não não Ox não me desculpe*
Ele disse que: *não é assim que isso deveria ser*
Ele disse que: *eu estou aqui*

Eu estou aqui com você e por você Ox porque você sempre fez o mesmo comigo - Você é bastão de doces e pinhas você é épico e maravilhoso e incrível, você é a única razão pela qual eu pude atravessar os anos em que parti - Eu cortei - Eu tentei te tirar da

minha mente, mas quando estava escuro eu pensava em você, vinha casa na minha mente, para estar com você sendo feliz e estando em casa - Porque Ox você é meu lar sem você eu não sou nada, não sou ninguém, você é meu amor, minha vida, minha matilha, meu companheiro, então eu preciso que você se concentre, eu preciso que você ouça o meu coração e a minha voz, a minha respiração, eu sou seu Alfa e eu não posso fazer isso sem você, então volta, volta, porra, volta para mim Ox

Suas palavras

Suas respirações

Sua voz e palavras

Seu coração

E eu

E ele

Eu sou

EU SOU OX EU SOU OX EU SOU

Mudando e

— Puta merda, — eu engasguei quando caí de joelhos. Havia uma mão nas minhas costas, os dedos quentes contra a minha pele, enquanto eu lutava contra o meu estômago revoltado. O mundo estava alto demais ao meu redor, como se eu pudesse fazer cada coisa num raio de dezesseis quilômetros. Eu fui assaltado pelos cheiros da floresta.

A mudança tentou avançar novamente, minhas garras cavando na terra. Minhas gengivas coçavam e eu queria *forçar*, queria que viesse.

Ele disse: — Ox.

Eu rosnei para ele.

O Alfa disse: — Ox.

Tudo parou.

Ele se ajoelhou na minha frente.

Ele pegou meu rosto em suas mãos e inclinou minha cabeça até que eu pudesse ver seus olhos.

Eles eram vermelhos, um fogo vermelho ardente, e eles me *chamavam*, mesmo agora, mesmo através da tempestade na minha cabeça, o lobo arranhando apenas por baixo da superfície.

Ele disse: — Ouça-me.

Ele disse: — Você está aqui.

Ele disse: — Comigo.

Ele disse: — E eu nunca vou deixar você.

Eu disse: — Eu não acredito em você.

— Você confia em mim?

Sim. Sim. Sim. Eu fiz uma careta enquanto meus músculos apertavam. — Eu não posso-

— Ox, — ele disse bruscamente. — *Você confia em mim?*

— Sim, — eu disse. — Sim. *Sim.*

— Então eu preciso que você confie em mim agora, — disse ele. — Eu sou o seu Alfa. Mas você também é o meu. Ox, eu te mordi para te salvar. Você se transformou. Você não é mais humano. Você é um lobo Ox. Como eu. E Carter e Kelly. Mamãe. Mark. Você é um lobo, ok?

— Meus olhos, — eu consegui dizer. — Que cor são os meus olhos? — Porque eu não poderia deixar de pensar que eles eram violetas, que eu não tinha mais uma matilha, porque eu nunca fiz parte da matilha para começar. Joe era o alfa. Ele voltaria para casa e ele estaria no comando e eles não teriam lugar para mim, não precisariam...

— Vermelho, — ele disse baixinho. — Seus olhos estão vermelhos.

— Foda-se, — eu respirei e tudo se encaixou.

Eu nunca pensei em controle.

Antes.

Eu nunca pensei sobre o quanto isso era parte de realmente *ser* um lobo. Thomas e os outros sempre pareciam tão no controle.

A única vez em que vi algo próximo a uma falta de controle foi a noite em que Joe mudara.

Anos. Fazia anos desde aquela noite.

Então eu não tinha pensado muito sobre isso.

Agora era tudo em que eu conseguia pensar.



Kardia Mou | Wolfsong

Eu estava deitado na clareira com a cabeça no colo de Joe, a mão no meu cabelo, nós dois despreocupados com a minha nudez. A grama estava fria contra a minha pele aquecida. Eu estava ouvindo seu batimento cardíaco, respirando por três batidas, deixando sair por cinco.

O lobo em mim ainda rosnava suas patas levantadas, mas estava se acalmando sob o toque do Alfa.

Nós não falamos por muito tempo.

Eu não sabia o que ele estava pensando. Eu não entendia o cheiro vindo dele. Eram brilhantes, esses cheiros. Cinética. Eles queimavam meu nariz. Mas embaixo estava Joe. Era fumaça e terra e chuva. Eram os cheiros que eu sempre associara a ele, intensificados milhares de vezes. Eu queria me enterrar neles, rolar neles até que o cheiro dele me cobrisse.

Mas o silêncio terminou. Tinha que terminar. Havia muito a dizer.

Ele disse: — Osmond está morto.

Eu grunhi, tendo percebido isso.

— Gordo o matou. Os outros na nossa matilha cuidaram do resto dos Ômegas. Os humanos que foram levados chegaram na oficina a salvo. Nós os encontramos amontoados na parte de trás da oficina debaixo de um dos elevadores. Gordo... Fez algo para eles. Alterou suas memórias. Eles não foram feridos por isso. Eles apenas... Não se lembrarão. Dos Ômegas. Nós. Você. Nada

disso. Eles vão se curar. Eles pensaram que estavam em um acidente de carro. Foi estranho, na verdade.

Conveniente. Talvez seja muito conveniente. Eu não sabia o quão longe a magia de Gordo corria ou o que ele tinha que fazer nos anos desde que ele não tinha ido embora, mas haveria tempo. Mais tarde. Agora eu só precisava ouvir Joe. Estar perto dele.

Eu tentei encontrar palavras, qualquer uma delas, para dizer alguma coisa. Mas tudo o que saiu foi um som de sons, mais lobo que homem. A mão de Joe se acalmou brevemente no meu cabelo, mas depois retomei as unhas afiadas, arranhando meu couro cabeludo.

Ele disse: — Eu deveria saber que algo estava errado.

Sua voz era uniforme. Cuidadosamente contido.

— Eu deveria saber, — ele disse novamente.

Eu queria perguntar como ele descobriu, mas-

Ele ouviu mesmo assim. De alguma forma. — Você descobriu os laços. De todos. Eu chamei você. Seu telefone foi para o correio de voz. Eu liguei para Gordo. Ele não respondeu. Eu fui à oficina. Os outros me seguiram porque *sabiam* Ox. Eles *sabiam* que algo estava errado.

Um leve estalo no tom. Raiva transbordou, tingida com algo que tinha gosto de dor. Ou tristeza. Eu não sabia se havia diferença entre os dois.

Eu pressionei meu rosto em seu colo, tentando ficar calmo.



Kardia Mou | Wolfsong

— Gordo sabia, — ele disse. — Ele seguiu você. Disse que algo não estava bem. E ele apenas... Sabia. Eu não. Mas ele sim. Ele-

Minhas mãos eram garras.

— Você é um homem tolo, — ele sussurrou. — Seu homem estúpido e tolo.

Eu lamentei por ele, implorando para ele não me afastar. Agora não. Nunca.

— Como você pode pensar que isso ficaria bem? — Ele sufocou. — Como você poderia pensar...? Não consegui chegar até você a tempo. Eu não podia - e então ele estava *lá*, o monstro dos meus sonhos, ele estava *lá*, e a mão dele estava *dentro de você* -

Ele parou quando começou a tremer.

Eu passei meus braços ao redor de sua cintura, pressionando meu rosto em sua barriga.

— Eu não pude detê-lo a tempo, — disse Joe. Seu batimento cardíaco disparou. Ele agarrou meu cabelo. Ele estava falando através de presas. — Eu não pude alcançá-lo a tempo. Eu tive que assistir você - quando ele... Fez o que ele fez. E tudo o que posso lembrar, tudo o que me lembro de *pensar* é como isso era um sonho. Que tudo foi um sonho. Mas não foi porque você me disse uma vez que você não pode realmente sentir dor em seus sonhos, que essa é a diferença entre sonhar e estar acordado. Ox. Eu não estava sonhando porque eu *senti* isso. Tudo. Ele rasgou você e ele rasgou em mim e então sua cabeça se foi e você estava *sangrando*.

Ele se debruçou sobre mim, como se estivesse tentando me proteger de tudo ao seu redor.

Sua respiração estava entrecortada no meu ouvido.

Ele disse: — Merda Ox, basta! Como ousa morrer na minha frente?

Foi então que encontrei minha voz.

Porque eu precisava falar.

E porque ele precisava me ouvir.

Eu deveria ter dito *que sinto muito*.

Ou *tudo ficará bem agora*.

Ou *o monstro está morto e eu estou aqui e nunca vou te deixar*.

Eu não disse isso, no entanto. Qualquer coisa.

Quando eu falei, minhas palavras foram abafadas contra ele.

Minha voz era mais profunda do que nunca, como se eu estivesse preso em algum lugar entre o homem e o lobo.

Eu disse: — Eu faria de novo. Se isso significasse mantê-lo seguro.

Ele inalou bruscamente.

E foi a verdade. Eu ficaria feliz em desistir da minha vida se isso significasse que Joe viveria outro dia. Ou qualquer um deles na nossa matilha. Porque é isso que um Alfa fez. Thomas me ensinou isso. Um Alfa colocou sua matilha acima de tudo. Era trabalho de

um Alfa manter sua matilha inteira. Mantê-los seguros. Mantê-los vivos.

Richard Collins poderia ter tentado ir atrás deles, mesmo depois de ele ter me dado sua palavra.

Mas esse era um risco que eu tinha que correr.

Porque isso significava que eles estariam seguros.

Eu me virei, deitado de costas para olhá-lo.

Ele olhou para mim.

Uma única lágrima caiu, pousando na minha testa.

— Eu te odeio, — ele sussurrou.

Eu balancei a cabeça, porque sabia o que ele sabia. — Você faria o mesmo. ora mim. E por isso, eu também te odeio.

Ele riu molhado. — Seu maldito.

O grito foi áspero quando ele se inclinou para me beijar. Suas costas estavam curvadas ao máximo que ele podia, e eu levantei a cabeça ligeiramente para encontrá-lo. Foi apenas um roçar, uma escovada de seus lábios contra os meus. Mas parecia mais do que qualquer outra vez que tivesse chegado antes. Havia despejo nele, e saudade e mágoa, tanto maldição, mas também havia verde. Tanta verde passou por isso porque estávamos *aqui*. Nós dois estávamos aqui e nem mesmo um monstro poderia nos separar.



ELE passou seus dedos sobre a pele do meu estômago, onde as garras de Richard tinham me destruído. Não havia nenhuma marca a pele completamente curada. Não havia dor. Foi como se acontecesse com outra pessoa.

Eu me perguntei se todas as minhas cicatrizes tinham desaparecido, as marcas que compunham o mapa da minha vida. Se elas foram curadas também. A linha fina na parte de trás do meu pescoço onde eu passei por uma cerca de arame farpado quando eu tinha seis anos. O pequeno furinho de catapora na minha bochecha quando eu tinha nove anos. A marca no meu antebraço direito de quando meu pai estava bêbado e tinha pensado que seria engraçado atirar um tijolo em mim para pegar. Aquele me deu seis pontos e um pedido de desculpas.

Eu não consegui olhar. Eu não sabia como me sentiria ao vê-los desaparecerem.

Eu era mais *eu* mesmo agora. O lobo foi empurrado para trás. Eu pensei que era porque Joe estava perto. Eu poderia sentir todos os outros, mais do que eu já senti antes. Dois dias atrás, eles estavam lá, mas as bordas estavam embaçadas. Agora, eles eram todos cristalinos. Eles estavam esperando por nós. Nós chegaríamos lá. Em breve.

Joe disse: — Eu o transformei porque não podia deixar você ir. — Foi a primeira vez que ele falou em quase uma hora.

Suspirei. — Eu sei.

— Você está bravo?

— Não. Eu não estou com raiva de ser um lobo.

— Mas você está com raiva.

— Não.

— Ox.

— Na verdade não. Eu não sei. Eu não posso dizer qual é a minha raiva e qual é a sua. É como... Está passando por mim é...

— Circuito de feedback, — disse ele.

— Eu não sei o que é isso.

— É um circuito. Um círculo. Entre você e eu. Tudo o que sinto é tudo o que você sente.

Eu balancei a cabeça lentamente. — Será sempre assim? Esma-

— Esmagador?

— Sim.

— Não, não vai ser, — disse ele. — Você está recém transformado. Tudo é intensificado. Depois de pegar o jeito, você pode controlá-lo melhor.

Achei que parecia certo, mas isso não me ajudou agora. — Então estamos ambos com raiva, então.

Ele bufou, as mãos pressionando mais forte novamente no meu estômago. — Não. Sou só eu agora. Eu estou irritado.

— Por minha causa.

— Porra, certo, eu estou.

— Oh-

— Por quê?

Eu não me fiz de bobo. Eu não acho que seria capaz de mais. — Porque se houvesse uma chance de ele não te machucar, então eu tinha que tentar. Por você. Os humanos. Eu não podia... Não podia deixá-los, Joe. Eu simplesmente não consegui.

— Você deveria ter me contado.

— Meio que faz toda a coisa heróica discutível se eu contar a todos sobre isso.

KM

A respiração que ele soltou então era mais um soluço do que qualquer outra coisa, mas nós esperamos até que ele estivesse bem novamente.

— Você não pode fazer isso de novo, — ele disse finalmente.

— Se isso significar-

— Ox. Nada de segredos.

Eu olhei para ele. — É porque você pode me ler agora assim?

Ele bufou. — Eu sempre conseguia ler você, Ox. Nós somos...

Eu apenas podia. Você é o Ox.

— Você é o Joe.

— Certo, — ele disse.

Eu olhei para as estrelas. — Eles sabem?

— Quem.

— Alfa Hughes. Os outros. De volta para o leste.

— Não. Eu disse a Robbie para esperar.

— Até?

— Você.

— Por quê?

— Somos uma equipe Ox. Não posso fazer isso sem você. E você não deveria ter que fazer isso sem mim. Não mais.

— Eu posso, — eu admiti. — Fazer isso sem você. Eu simplesmente não quero mais.

Ele riu, e foi um bom som para ouvir. — Bom.

— Joe?

— Sim?

— Como eu pareço?

— Você se parece com você.

— Como um lobo.

— Você se parece com você, — ele repetiu. — Eu teria te conhecido em qualquer lugar. E eu vou.

O céu estava começando a clarear.

Os pássaros estavam começando a cantar.

Fiquei impressionado com *tudo* isso.

Ele disse: — Você é grande Ox. Maior do que eu já vi antes. Maior do que eu. Então meu pai. Mas faz sentido, sabe? Porque é assim que você sempre foi para mim. Maior que qualquer outra coisa. No dia em que te vi, sabia que as coisas nunca seriam as mesmas. Você é todo abrangente. Você supera todo o resto. Quando te vejo, Ox, *tudo* que vejo é você.

Ele disse: — Seus olhos são vermelhos, como os meus. Mas seu lobo é preto Ox. Preto como o ônix. Todo preto. É uma variação única. Sua cauda é longa e suas patas são grandes. Seus dentes são afiados. Mas ainda posso te ver no lobo. Eu posso ver você lá, nos olhos. Eu conheço você Ox. Eu te conheceria em qualquer lugar.

Ele disse: — Você não mudou por causa da lua, mas porque você precisava. Porque seu lobo sabia que tinha que me encontrar. Então eu poderia provar a você que eu poderia trazer você de volta. Era uma vez um menino solitário, um menino quebrado que não sabia se poderia mudar, e levou uma pessoa para lhe mostrar como. E agora eu fiz isso por você, porque *é isso que fazemos um pelo outro*. Isso é o que é matilha. Isso é o que tudo isso significa.

Ele disse: — Você é meu, Ox

Ele disse: — Eu sou seu.

Ele disse: — E eu não posso esperar para mostrar-lhe como eu sou feito para você tanto quanto você foi feito para mim.

Eu ergui a mão e segurei seu rosto. Ele se inclinou em meu toque. Nunca houve alguém como ele antes. Daquele menino na estrada, para o adolescente de olhos vermelhos, para o homem endurecido que estava diante de mim na casa no final da rua e disse as *mesmas palavras* que ele me disse todos aqueles anos antes. Nunca houve alguém como você. E ele era *meu*.

Eu o puxei para mim.

O beijo foi quente e úmido. Os lábios sobre os meus, minhas mãos segurando-o perto, e eu pensei que mesmo que o monstro tivesse chegado ao fim, isso era apenas o início. Eu não poderia deixá-lo ir. Não mais. De novo não. Nós não estávamos consertados. Havia uma chance que nós nunca estaríamos. Meu pai me disse uma vez que as pessoas me dariam merda toda a minha vida. O monstro disse a Joe que sua família não o queria mais. Nós teríamos que viver com isso, aquelas coisas que foram sussurradas em nossos ouvidos. Talvez nunca nos libertemos dessas sombras. Não completamente.

Mas nós ainda brigávamos como o inferno.

E talvez isso seja tudo o que importava.



O SOL havia começado a subir quando o resto de nossa matilha nos encontrou: lobos e humanos. Eu podia ouvi-los vindo através das árvores no momento em que eles pisaram na floresta. Eu os senti acordarem pouco antes disso.

Eu sabia quando eles chegaram até nós, que Rico, Tanner e Chris provavelmente gritariam com a minha nudez, acusando-me de tentar usar minha posição como Alfa para fazer um harém. Eles seriam todo vento e fanfarronice, mas eu veria o alívio em seus olhos quando eles não encontrassem nenhuma ferida aberta em mim.

Gordo reviraria os olhos para eles antes de me entregar um par de moletons. Ele se inclinaria e sussurraria em meu ouvido que eu não tinha permissão para assustá-lo daquele jeito novamente, e eu tinha certeza, como uma merda de aposta, que teríamos palavras mais tarde sobre minhas ações. Ele seguraria a parte de trás do meu pescoço e ele pressionaria nossas testas juntas e nós iríamos *respirar*.

Jessie ficaria um pouco insegura, talvez um pouco chorosa enquanto me observava. Ela seria a primeira a gritar, a me dizer o quão estúpidas as escolhas que fiz foram e quem diabos eu acho que eu era, eu tenho um maldito *desejo de morte*?

Robbie seria um lobo, e ele se esfregaria em mim, tentando sentir o cheiro dele em mim, odiando o cheiro de sangue que ainda se agarrava a minha pele. Ele me diria depois que cheirava a morte, que *eu* cheirava a morte, e ele não conseguia lidar com isso. Ele não podia me perder. Eu era seu *Alfa*, porra, e eu precisava cuidar melhor de mim mesmo, porque ele não sabia o que faria com ele se eu fosse embora.

Carter e Kelly também seriam lobos, e eles iriam zanzar e empinar ao redor de Joe e eu, se esfregando e balançando em nós enquanto se pressionavam, tentando agir indiferentes, mas seus olhos estariam um pouco largos demais, os gemidos em suas gargantas. Um pouco em pânico para enganar ninguém. Eventualmente, eles entrariam em colapso em ambos os



Kardia Mou | Wolfsong

lados de nós, enrolando-se em seus Alfas e fechando os olhos, finalmente respirando firmemente.

Elizabeth e Mark trariam a retaguarda, ambos em forma humana. Iriam observar os outros sobre nós, Mark com o sorriso secreto no rosto, Elizabeth fechando os olhos e deixando os sons da matilha matilha matilha passar sobre ela. Eles se juntariam a nós depois que os outros comesçassem a se acalmar, Elizabeth ao lado de seus filhos e Mark sentado ao lado de Gordo, ambos evitando os olhares um do outro, mas suas mãos na grama um ao lado do outro, com os dedos se tocando. E haveria um senso de *certo*, de estar *com pleno*, finalmente, finalmente, *finalmente*.

Nós tínhamos vivido.

Nós tínhamos amado.

Nós perdemos. Oh deus, nós perdemos.

Mas estaríamos aqui agora. Juntos. E talvez isso não tenha acabado. Talvez ainda houvesse outras coisas por vir. Robert Livingstone. Alfa Hughes. Todos os monstros ainda estão no mundo.

Tudo bem. Tudo bem.

Porque éramos a maldita matilha Bennett.

E nossa música sempre seria ouvida.

Epílogo

Ele disse: — Você está pronto?

Ele se elevou acima de mim, um olhar de tamanha reverência em seu rosto.

Minha pele estava suada, e aquecida. Eu me sentia corado e superaquecido.

Eu quase não consegui encontrar as palavras, mas consegui dizer: — Sim. Sim, Joe.

Ele se inclinou para me beijar enquanto ele pressionava lentamente. Engoli em seco enquanto ele me fodia, e ele engoliu, a língua contra a minha. Meu pau estava preso entre nós, arrastando contra seu estômago.

Ele afundou o máximo que pôde, seus quadris pressionados contra a minha bunda, minhas pernas por cima dos ombros. Nós respiramos um ao outro, olhos abertos, narizes roçando juntos.

Ele disse: — Oh *foda-se*, — contra mim enquanto seus quadris afundavam.

E ele esperou, se segurando no lugar, como se não pudesse se mexer, como se não *quisesse* se mexer.

Eu disse: — Tudo bem, Joe. Por favor. Tudo bem e eu preciso - oh deus, eu *preciso* -

Ele disse: — Sim, Ox. Eu vou te dar o que você precisa. Eu vou te foder, ok? Só me deixe te foder e...

E ele se afastou, depois empurrou de volta. A cama rangeu abaixo de nós e ele fez isso de novo e de novo, e nós dois estávamos rosnando um para o outro, minhas garras cavando em suas costas, e nem me importava se elas perfurassem carne.

Ele rolou seus quadris em mim quando se sentou, empurrando minhas pernas contra o meu peito até que eu estava quase dobrado ao meio, só para que ele pudesse olhar para baixo e ver o seu pau em mim. Ele diminuiu a velocidade, os olhos arregalados enquanto me observava em baixo dele. Nós estivemos nisso por horas, e eu estava muito cansado para fazer isso por muito mais tempo. Apesar de toda a sua inexperiência, ele aprendia rápido, fazendo coisas para mim que faziam meus olhos revirarem em minha cabeça e minha boca se afrouxar.

Mas isso não era sobre foder ou apenas gozar.

Isso foi sobre mais.

Muito mais.

Eu podia senti-lo construindo na base da minha coluna. Eu não tentei parar o turno enquanto ele rolava através de mim.

Joe era o mesmo acima de mim, meio deslocado e gemendo enquanto eu me apertava ao redor dele.

Ele disse: — Ox está quase na hora.

Eu disse: — Sim, ok, sim. Por favor, sim.

Porque nós estávamos construindo isso. Este momento.
Desde o dia em que ele me entregou uma caixa que continha um lobo de pedra e se prometeu a mim.
Eu rosnei: — *Faça isso.*
Seus olhos brilharam vermelhos.
Suas presas desceram.
Eu me movi entre nós, inclinando a cabeça para trás, expondo minha garganta.
Ele sussurrou meu nome, disse meu nome, gritou meu nome quando ele entrou em mim.
E então ele mordeu. Bem no espaço entre o meu pescoço e ombro.
Havia dor, brilhante e vítrea.
Então desapareceu, substituído por algo diferente.
Alguma coisa muito maior.
Meus olhos se abriram quando eu ofeguei.
Porque era *mais do* que eu pensava que poderia ser.
Era *tudo*.
Seus dentes escorregaram da minha pele.
Eu podia sentir o sangue escorrendo.
Ele estava ofegante quando se afastou com os lábios vermelhos como os seus olhos.
Ele disse: — Oh meu deus.
Ele disse: — Ox.



Kardia Mou | Wolfsong

Ele disse: — Ox você pode sentir isso? Isto é, não posso acreditar em nós, depois de todo esse tempo nós...

Ele disse: — Ox.

Ele disse: — Companheiro.

O lobo rosnou: — *Meu.*

FIM

K9K